



CENTAUR

JÚLIO VERNE
A Ilha Misteriosa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Júlio Verne

A ILHA MISTERIOSA

Título original: *L'Île Mystérieuse* (1874)

Tradução: Henrique de Macedo (1843-1910)

2013 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

PRIMEIRA PARTE — OS NÁUFRAGOS DO AR

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

SEGUNDA PARTE — O ABANDONADO

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 16](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[CAPÍTULO 20](#)

TERCEIRA PARTE — O SEGREDO DA ILHA

[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 16](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[CAPÍTULO 20](#)

NOTAS

PRIMEIRA PARTE — OS NÁUFRAGOS DO AR

Capítulo 1

- Subimos?
- Não, pelo contrário! Estamos a descer!
- Pior do que isso, senhor Cyrus! Estamos a cair!
- Por Deus! Lancem lastro!
- O último saco foi despejado!
- O balão está a subir?
- Não!
- Ouço como que o marulhar das vagas!
- O mar está por baixo da barquinha!
- Não deve estar a quinhentos pés de nós!

Então uma voz poderosa rasgou o ar e ouviram-se estas palavras:

— Para fora tudo o que pesa!... tudo! E que a graça de Deus nos acompanhe!

Foram estas as palavras que se ouviram, por cima desse vasto deserto de água do Pacífico, cerca das quatro horas da tarde, no dia 23 de março de 1865.

Certamente ninguém esqueceu o terrível golpe de vento nordeste que se desencadeou no meio do equinócio desse ano, e durante o qual o termómetro baixou para setecentos e dez milímetros. Foi um furacão que durou sem intermitência desde o dia 18 até ao dia 26 de março. As devastações que produziu foram imensas na América, na Europa, na Ásia, numa zona de mil e oitocentas milhas, que se desenhava obliquamente no equador, desde o paralelo trigésimo quinto norte até ao paralelo quadragésimo sul! Cidades destruídas,

florestas arrancadas, margens devastadas por montanhas de água que se precipitavam como macaréus, navios atirados para a costa, que as estatísticas feitas pelo Gabinete Veritas orçaram por centenas, territórios inteiros nivelados por trombas de água que esmagavam tudo à sua passagem, vários milhares de pessoas esmagadas por aluimentos de terras ou engolidas pelo mar: foram estes os testemunhos do furor, das destruições deixadas por esse formidável furacão. Ultrapassou em desolação os que devastaram Havana e Guadalupe, um a 25 de outubro de 1810, o outro a 26 de julho de 1825.

Ora, no preciso momento em que tantas catástrofes sucediam na terra e no mar, um drama não menos terrível desenrolava-se nos ares agitados.

Com efeito, um balão, levado como uma bola no cimo de uma tromba, e apanhado no movimento giratório da coluna de ar, percorria o espaço com uma velocidade de noventa milhas¹ por hora, girando sobre si mesmo, como se tivesse sido apanhado por qualquer turbilhão aéreo.

Por baixo do apêndice inferior do balão oscilava uma barquinha que continha cinco passageiros, mal visíveis no meio desses espessos vapores, misturados com água pulverizada, que se arrastavam à superfície do oceano.

Donde vinha aquele aeróstato, verdadeiro brinquedo da temível tempestade? De que ponto do Mundo tinha ele partido? Não tinha evidentemente podido partir durante a tempestade. Ora, o furacão durava já há cinco dias e os seus primeiros sintomas tinham-se manifestado a 18. Podia-se portanto pensar que o balão vinha de

muito longe, pois não devia ter percorrido menos de duas mil milhas em vinte e quatro horas.

Em todo o caso, os passageiros não tinham podido ter à sua disposição nenhum meio de calcular o caminho percorrido desde a sua partida, pois faltava-lhes qualquer ponto de referência. Devia mesmo dar-se o facto curioso de que, arrastados no meio das violências da tempestade eles não as sentissem. Deslocavam-se, rolavam sobre si mesmos sem sentirem essa rotação, nem a sua deslocação em sentido horizontal. Os seus olhos não podiam trespassar o espesso nevoeiro que se amontoava sob a barquinha. Em redor deles tudo era bruma. A opacidade das nuvens era tal que nem saberiam dizer se era dia ou noite. Nenhum reflexo de luz, nenhum ruído de terras habitadas, nenhum bramir do oceano conseguia chegar até eles no meio daquela imensidão obscura, enquanto eles se mantiveram a grandes altitudes. Só a descida rápida lhes tinha dado a noção dos perigos que corriam ao de cima das ondas.

Entretanto, o balão, aliviado dos objetos pesados, voltara a subir para as camadas superiores da atmosfera, para uma altura de quatro mil e quinhentos pés. Os passageiros, depois de terem visto que se encontravam sobre o mar, e achando os perigos menos temíveis lá em cima do que em baixo, não tinham hesitado em lançar pela borda fora mesmo os objetos mais úteis, e procuravam não perder mais nada do fluido, dessa alma do seu aparelho, que os mantinha por cima do abismo.

A noite passou-se no meio de inquietações que teriam sido mortais para almas menos enérgicas. Depois o dia voltou a aparecer e com ele o furacão pareceu mostrar tendência para se moderar.

Desde o início desse dia de 24 de março, houve alguns sintomas de apaziguamento. De madrugada, as nuvens, mais leves, tinham subido para as alturas do céu. Em poucas horas a tromba marítima quebrou-se e o vento passou do estado de furacão para o de «muito fresco», quer dizer, que a velocidade de translação das camadas atmosféricas diminuiu para metade. Era ainda aquilo a que os marinheiros chamam uma «brisa de três rizes», mas a melhoria da perturbação atmosférica não deixou de ser considerável.

Por volta das onze horas, as camadas inferiores da atmosfera estavam sensivelmente mais limpas. A atmosfera tinha essa limpidez húmida que se vê, que se sente até, após a passagem de grandes meteoros. Não se afigurava que o furacão tivesse ido para mais longe, para ocidente. Parecia morto. Talvez se tivesse esgotado em nuvens carregadas de eletricidade após a rutura da tromba, como sucede muitas vezes aos tufões no oceano Índico.

Contudo, por volta dessa hora, puderam observar de novo que o balão baixava lentamente, por um movimento contínuo nas camadas inferiores do ar. Parecia mesmo que se ia esvaziando a pouco e pouco e se distendia, passando da forma esférica para a forma ovoide.

Por volta do meio-dia o aeróstato só planava a uma altura de dois mil pés acima do mar. Tinha uma capacidade de cinquenta mil pés cúbicos², e, graças a isso, pudera manter-se durante muito tempo no ar, quer por ter atingido grandes altitudes, quer por se ter deslocado segundo uma direção horizontal.

Nesse momento os passageiros lançaram pela borda fora os últimos objetos pesados existentes ainda na barquinha, os poucos víveres que tinham conservado, tudo, até os mais pequenos

utensílios que tinham nos bolsos, e um deles, tendo-se içado para o anel onde se reuniam as cordas da rede, procurou ligar solidamente o apêndice inferior do aeróstato.

Era evidente que os passageiros não podiam manter mais o balão nas zonas elevadas e que o gás lhes faltava!

Estavam perdidos!

Com efeito, não era um continente, nem sequer uma ilha que se estendia por baixo deles. No horizonte não se vislumbrava o mais pequeno ponto onde pudessem pousar.

Era o mar imenso, cujas ondas se erguiam ainda com incomparável violência! Era o oceano sem limites visíveis, mesmo para eles, que o dominavam de cima e cujos olhares se estendiam sobre um raio de quarenta milhas! Era essa planície líquida, fustigada sem mercê pelo furacão, que lhes devia parecer uma cavalgada de vagas desencadeadas, sobre as quais tivessem deitado uma vasta rede de cristas brancas! Nem um rochedo à vista, nem um navio!

Era preciso portanto, a todo o custo, deter o movimento de descida, para impedir que o aeróstato viesse a ser engolido pelas ondas. E era evidentemente para evitar isso que os viajantes trabalhavam. Mas apesar dos seus esforços o balão continuava a baixar ao mesmo tempo que se deslocava com uma velocidade extrema, segundo a direção do vento, isto é, do nordeste para sudoeste.

Situação terrível a daqueles infelizes! Já não eram evidentemente senhores do aeróstato. As suas tentativas não conseguiam ter êxito. O invólucro do balão esvaziava-se a pouco e pouco do fluido sem que fosse possível retê-lo. A descida acelerava-se visivelmente, e, à

uma hora da tarde, a barquinha só estava suspensa a pouco mais de seiscentos pés acima do oceano.

É que, com efeito, era impossível impedir a fuga do gás, que se escapava livremente por um rasgão do aparelho.

Aliviando a barquinha de todos os objetos que continha, os passageiros lograram prolongar, durante algumas horas, a sua suspensão no ar. Mas a inevitável catástrofe só podia ser retardada, e, se nenhuma terra surgisse antes da noite, passageiros, barquinha e balão teriam definitivamente desaparecido nas ondas.

A única manobra que havia ainda a fazer foi feita nesse momento. Os passageiros do aeróstato eram evidentemente pessoas enérgicas, e que sabiam olhar a morte de frente. Não se lhes ouviu um único murmúrio sair dos lábios. Estavam decididos a lutar até ao último momento, a fazerem tudo para retardar a queda. A barquinha era apenas uma caixa de vime, imprópria para flutuar, e não havia possibilidade alguma de a manter à superfície do mar se ela caísse.

Às duas horas, o aeróstato estava apenas a quatrocentos pés acima das ondas.

Nesse momento uma voz masculina — a voz de um homem cujo coração era inacessível ao medo — fez-se ouvir. A essa voz responderam vozes não menos enérgicas.

— Já foi tudo lançado fora?

— Não, há ainda dez mil francos de ouro!

Um pesado saco foi cair no mar.

— O balão está a subir?

— Um pouco, mas não tardará a descer!

— Que se poderá ainda deitar fora?

— Nada!

— Sim. A barquinha!

— Agarremo-nos à rede e lancemos a barquinha ao mar.

Era, com efeito, o único e último meio de aliviar o aeróstato. As cordas que ligavam a barquinha ao círculo foram cortadas, e o aeróstato, após a queda, subiu dois mil pés.

Os cinco passageiros tinham-se içado para a rede, acima do círculo, e agarravam-se às malhas da mesma, olhando o abismo.

Sabe-se de que sensibilidade estática são dotados os aeróstatos. Basta lançar o objeto mais leve fora para provocar uma deslocação no sentido vertical. O aparelho, flutuando no ar, comportou-se como uma balança de um rigor matemático. Compreende-se portanto que se for liberto de um peso importante, a sua deslocação deverá ser importante e brusca. Foi o que sucedeu nessa ocasião.

No entanto, depois de se ter equilibrado um instante nas zonas superiores da atmosfera, o aeróstato começou a descer de novo. O gás escapava-se pelo rasgão, e era impossível repará-lo.

Os passageiros já tinham feito tudo o que era possível fazer. Daí em diante nenhum meio humano os podia salvar. Só podiam contar com a ajuda de Deus.

Às quatro horas, o balão encontrava-se apenas a quinhentos pés da superfície das águas.

Um latido sonoro fez-se ouvir. Um cão acompanhava os passageiros e mantinha-se junto do dono, também agarrado à rede.

— *Top* viu qualquer coisa! — exclamou um dos passageiros.

Depois, logo a seguir, uma voz forte fez-se ouvir:

— Terra! Terra!

O balão, que o vento não cessava de arrastar para sudoeste, tinha, desde a madrugada, percorrido uma distância considerável,

que se cifrava em centenas de milhas, e uma terra bastante alta acabava, com efeito, de surgir nessa direção.

Contudo, essa terra encontrava-se ainda a umas trinta milhas de distância. Era preciso pelo menos uma boa hora para lá chegar, e mesmo assim com a condição de não haver qualquer desvio! Uma hora! O balão não ficaria antes disso esvaziado de todo o seu fluido?

Era essa a terrível questão! Os passageiros viam distintamente esse ponto sólido, que era preciso alcançar a todo o custo. Ignoravam o que era, ilha ou continente, pois não sabiam sequer para que parte do Mundo o furacão os havia arrastado! Mas essa terra, quer fosse habitada ou não, quer fosse hospitaleira ou não, era preciso alcançá-la!

Ora, às quatro horas, era visível que o balão não poderia aguentar-se mais tempo. Rasava à superfície do mar. Já a crista de enormes vagas tinha por vezes molhado a parte inferior da rede, tornando-a ainda mais pesada, e o aeróstato apenas se soerguia como um pássaro com chumbo numa asa.

Meia hora mais tarde a terra encontrava-se apenas a meia milha, mas o balão, esgotado, mole, amarrotado, formando grandes pregas, só tinha gás na sua parte superior. Os passageiros presos à rede ainda pesavam de mais para ele, e em breve, semimergulhados no mar, eram açoitados pelas vagas furiosas. O invólucro do balão dobrou-se então e o vento, batendo nele, empurrou-o como a um navio. Talvez chegasse assim à costa!

Encontrava-se a pouca distância de terra quando quatro gritos terríveis, saídos de quatro peitos ao mesmo tempo, se ouviram. O aparelho, que parecia não voltar a erguer-se, acabava de dar um salto inesperado, depois de ter sido atingido por uma vaga enorme.

Como se tivesse subitamente perdido uma parte do seu peso, o balão subiu a uma altura de mil e quinhentos pés, e ali encontrou uma espécie de remoinho de vento que, em vez de o levar diretamente para a costa o fez seguir numa direção paralela. Por fim, dois minutos mais tarde, aproximou-se obliquamente e caiu na areia da praia, ficando fora do alcance das vagas.

Os passageiros, ajudando-se uns aos outros, conseguiram soltar-se das malhas da rede. O balão, sem o peso deles, foi apanhado pelo vento e, como um pássaro ferido que reencontra um momento de vida, desapareceu no espaço.

A barquinha transportara cinco passageiros e um cão e o balão só atirara para a margem quatro.

O passageiro que faltava havia evidentemente sido levado pelo mar e fora isso que permitira ao balão subir uma última vez e depois, alguns instantes mais tarde, atingir terra.

Mal os quatro náufragos — podemos dar-lhes esse nome — tinham pisado o solo, todos, pensando no ausente, gritaram:

— Ele tenta talvez chegar aqui a nado! Salvemo-lo! Salvemo-lo!

Capítulo 2

Não eram nem aeronautas de profissão nem amadores de expedições aéreas os que o furacão acabava de lançar para a costa. Eram prisioneiros de guerra, que a audácia tinha levado a fugir em circunstâncias extraordinárias. Cem vezes eles teriam podido perecer! Cem vezes o balão rasgado poderia tê-los lançado no abismo! Mas o céu reservava-os para um estranho destino, e, a 24 de março, depois de terem fugido de Richmond, sitiada pelas tropas do general Grant, encontravam-se a sete mil milhas da capital do estado da Virgínia, principal praça-forte dos separatistas durante a terrível Guerra da Secessão. A navegação aérea durara cinco dias.

Vejamos em que curiosas circunstâncias se deu a evasão dos prisioneiros — evasão que conduziria ao desenlace que já conhecemos.

Nesse mesmo ano, no mês de fevereiro de 1865, num desses ataques que o general Grant tentou, mas inutilmente, para se apoderar de Richmond, vários dos seus oficiais caíram nas mãos dos inimigos e foram internados na cidade. Um dos mais distintos oficiais a quem isso aconteceu pertencia ao estado-maior federal e chamava-se Cyrus Smith.

Cyrus Smith, originário de Massachusetts, era engenheiro, um sábio de grande categoria, ao qual o Governo da União havia confiado, durante a guerra, a direção dos caminhos de ferro, cujo papel estratégico foi tão considerável. Verdadeiro americano do Norte, magro, ossudo, esguio, tinha cerca de quarenta e cinco anos de idade e os cabelos cortados curtos, assim como o bigode,

começavam já a tornar-se grisalhos. Possuía uma dessas belas cabeças numismáticas que parecem feitas para serem cunhadas em medalhas, os olhos brilhantes, a boca séria, a fisionomia de um sábio da escola militante. Além disso, não tinha apenas o espírito engenhoso, mas também a habilidade manual. Era um desses engenheiros que começara por manejar o martelo e a picareta, como esses generais que gostam de começar por simples soldados. Os seus músculos eram sólidos. Verdadeiro homem de ação ao mesmo tempo que homem de pensamento, agia, sem esforço, sob a influência de uma larga expansão vital, tendo essa persistência vivaz que desafia toda a pouca sorte. Muito instruído, muito prático, «muito desembaraçado», para utilizar uma expressão da linguagem militar, era um temperamento soberbo, pois, permanecendo senhor de si quaisquer que fossem as circunstâncias, mantinha no mais alto grau as três condições cujo conjunto determina a energia humana: atividade de espírito e de corpo, impetuosidade dos desejos, força de vontade. A sua divisa poderia ter sido a de Guilherme de Orange, no século XVII: «Não tenho necessidade de esperar para empreender, nem de ter êxito para perseverar.»

Ao mesmo tempo, Cyrus Smith era a coragem personificada. Estivera em todas as batalhas durante essa Guerra da Secessão. Depois de ter começado com Ulisses Grant nos voluntários de Ilinóis, tinha-se batido em Paducah, em Belmont, em Pittsburg-Landing, no cerco de Corinth, em Port-Gibson, no rio Negro, em Chattanooga, em Wildemess, no Potomac, por toda a parte e valentemente, como soldado digno do general que costumava dizer: «Eu nunca conto os meus mortos!» E, cem vezes, Cyrus Smith devia encontrar-se no número daqueles que o terrível Grant não contava, mas nesses

combates, em que ele não se poupava, a sorte protegeu-o sempre, até ao momento em que foi ferido e feito prisioneiro no campo de batalha de Richmond.

Ao mesmo tempo que Cyrus Smith, e no mesmo dia, uma outra personagem importante caía em poder dos sulistas. Tratava-se do honrado Gédéon Spilett, repórter do *New-York Herald*, que fora encarregado de seguir as peripécias da guerra no meio dos exércitos do Norte.

Gédéon Spilett era da classe desses espantosos cronistas ingleses ou americanos, dos Stanley e outros, que não recuam diante de nada para obter uma informação exata e para a enviarem ao seu jornal no mais breve prazo possível. Os jornais da União como o *New-York Herald* são verdadeiras potências e os seus delegados são representantes com quem se conta. Gédéon Spilett colocava-se na primeira fila desses delegados.

Homem de grande mérito, enérgico, pronto e preparado para tudo, cheio de ideias, tinha corrido todo o Mundo. Soldado e artista, ardente nos conselhos, resoluto na ação, não o detinham nem trabalhos nem fadigas nem perigos quando se tratava de tudo saber, primeiro para ele e em seguida para o seu jornal; verdadeiro herói da curiosidade, da informação, do inédito, do desconhecido, do impossível, era um desses intrépidos observadores que escrevem debaixo de fogo, «fazem as crónicas» em pleno combate e para os quais todos os perigos são bem acolhidos.

Também ele havia estado em todas as batalhas na primeira fila, de revólver numa mão, canhenho na outra, e a metralha não lhe fizera tremer o lápis. Não fatigava os fios telegráficos com telegramas incessantes, como aqueles que falam quando nada têm a

dizer, mas cada uma das suas notas, curtas, nítidas, claras, esclarecia um ponto importante. De resto, o humor não lhe faltava. Foi ele quem, depois do caso do rio Negro, querendo a todo o custo conservar o seu lugar ao guiché do telégrafo, para anunciar ao seu jornal o desfecho da batalha, telegrafou durante duas horas os primeiros capítulos da Bíblia. Isso custou dois mil dólares ao *New-York Herald*, mas o seu jornal foi o primeiro a ser informado.

Gédéon Spilett era de alta estatura. Tinha quando muito quarenta anos. Cabelos louros-arruivados emolduravam-lhe o rosto. O seu olhar era calmo, vivo e dotado de uma grande mobilidade. Era o olhar de um homem habituado a aperceber-se rapidamente de todos os pormenores do horizonte. Solidamente constituído, tinha-se temperado em todos os climas, como uma barra de aço na água fria.

Há dez anos que Gédéon Spilett era repórter titular do *New-York Herald*, que ele enriquecia com as suas crónicas e com os seus desenhos, pois manejava tão bem o lápis como a caneta. Quando foi aprisionado fazia a descrição e o esboço da batalha. As últimas palavras escritas no seu bloco foram estas: «Um sulista aponta para mim e...» E Gédéon Spilett não foi atingido, pois, segundo o seu invariável costume, saiu do caso sem um arranhão.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, que não se conheciam, a não ser de reputação, tinham sido ambos transportados para Richmond. O engenheiro curou-se rapidamente do seu ferimento e foi durante a sua convalescença que travou conhecimento com o repórter. Os dois homens gostaram um do outro e aprenderam a apreciar-se. Em breve a sua vida comum passou a ter apenas um objetivo: fugir, juntarem-se ao exército de Grant e voltarem a combater nas suas fileiras pela unidade federal.

Os dois americanos estavam portanto decididos a aproveitar qualquer ocasião, mas apesar de andarem à vontade na cidade, Richmond estava tão severamente guardada que uma evasão devia ser considerada impossível.

Entretanto, Cyrus Smith teve a surpresa de ver chegar um seu criado que lhe era dedicado até à morte. Esse valente homem era um negro nascido nas propriedades do engenheiro, filho de escravos, mas que, desde há muito tempo, Cyrus Smith, abolicionista pela razão e pelo coração, havia libertado. O escravo, tornado livre, não quisera deixar o seu senhor. Era capaz de dar a vida por ele. Era um homem de trinta anos, ágil, vigoroso, hábil, inteligente, meigo e calmo, por vezes ingénuo, sempre sorridente, serviçal e bom. Chamava-se Nabucodonosor, mas só dava pelo nome familiar e abreviado de Nab.

Quando soube que o seu amo havia sido feito prisioneiro, deixou Massachusetts sem hesitar, chegou diante de Richmond, e, à força de astúcia e de habilidade, depois de ter arriscado vinte vezes a vida, conseguiu entrar na cidade sitiada. O prazer de Cyrus Smith ao ver o seu fiel criado e a alegria de Nab em encontrar o seu amo não se podem descrever.

No entanto, se Nab havia conseguido penetrar em Richmond era muito mais difícil sair de lá, pois os prisioneiros federais eram vigiados de muito perto. Era preciso uma ocasião extraordinária para poder tentar uma evasão com alguma possibilidade de êxito, e essa ocasião não só não se apresentava como era praticamente impossível fazê-la nascer.

Entretanto, Grant continuava as suas enérgicas operações. A vitória de Petersburgo tinha-lhe sido duramente disputada. As suas

forças, reunidas às de Butler, não haviam obtido ainda qualquer resultado diante de Richmond, e nada fazia prever que a libertação dos prisioneiros estivesse próxima. O repórter, ao qual o fastidioso cativo não fornecia um único pormenor interessante a anotar, já não aguentava mais. Tinha apenas uma ideia: sair de Richmond a todo o custo. Tentou mesmo várias vezes a aventura e foi detido por obstáculos intransponíveis.

O cerco continuava e se os prisioneiros tinham pressa de fugir para se juntarem ao exército de Grant, alguns sitiados não tinham menos pressa em fugir para se juntarem aos exércitos separatistas e, entre eles, um certo Jonathan Forster, sulista ferrenho.

Com efeito, se os prisioneiros federais não podiam deixar a cidade, os confederados também não podiam fazê-lo, pois o exército do Norte atacava-os. O governador de Richmond já não conseguia comunicar há tempos com o general Lee, não obstante ter o maior interesse em lhe dar a conhecer a situação da cidade, a fim de apressar a marcha do exército de socorro. Esse Jonathan Forster teve então a ideia de se servir de um balão para atravessar as linhas inimigas e chegar assim ao campo dos separatistas.

O governador autorizou a tentativa. Foi construído um aeróstato e posto à disposição de Jonathan Forster, que cinco dos seus companheiros deviam acompanhar. Estavam munidos de armas para o caso de terem de se defender durante a aterragem, e de víveres, para a eventualidade de a sua viagem aérea se prolongar.

A partida do balão estava fixada para o dia 18 de março. Devia efetuar-se durante a noite e, com um vento do noroeste de força mediana, os aeronautas contavam chegar dentro de poucas horas ao quartel-general de Lee.

Todavia, esse vento do noroeste não foi uma simples brisa. A partir do dia 18 pôde ver-se que se transformava em furacão. Em breve a tempestade se tornou tão forte que a partida de Forster teve de ser adiada, pois seria loucura arriscar o aeróstato e aqueles que ele levava no meio dos elementos desencadeados.

O balão, pronto para partir à primeira acalmia do vento, encontrava-se na grande praça de Richmond, e a impaciência por o verem partir aumentava quando observavam que o estado do tempo não se modificava.

Os dias 18 e 19 de março passaram-se sem que qualquer mudança se produzisse. Tinham mesmo grande dificuldade em conservar o balão preso ao solo, que as rajadas de vento deitavam por terra.

A noite do dia 19 para 20 passou-se, mas, de manhã, o furacão aumentou de impetuosidade. A partida era impossível.

Nesse dia, o engenheiro Cyrus Smith foi abordado numa das ruas de Richmond por um homem que ele não conhecia. Era um marinheiro chamado Pencroff, um homem entre os trinta e cinco e os quarenta anos, de constituição vigorosa, muito bronzeado, com uns olhos vivos e que piscavam incessantemente, mas com uma boa expressão. Esse Pencroff era um americano do Norte, que percorrera todos os mares do Globo, e ao qual, no que diz respeito a aventuras, tinha acontecido tudo o que de mais extraordinário podia suceder a um ser com dois pés e sem penas. Inútil será dizer que se tratava de uma natureza empreendedora, pronto para tudo e que nada podia espantar. Pencroff, no começo desse ano, tinha-se dirigido a Richmond, em negócios, acompanhado por um jovem de quinze anos, Harbert Brown, de Nova Jérсия, filho do seu comandante, um

órfão de quem ele gostava como se fosse seu próprio filho. Não tendo podido deixar a cidade antes de se ter iniciado o cerco, encontrou-se, com grande contrariedade sua, ali bloqueado pelo que também ele daí em diante teve só uma ideia: fugir por todos os meios possíveis. Conhecia a reputação do engenheiro Cyrus Smith. Sabia com que impaciência aquele homem determinado roía o seu freio. Nesse dia, não hesitou mais em abordá-lo e disse-lhe sem qualquer preparação:

— Senhor Smith, não está farto de Richmond?

O engenheiro olhou fixamente para o homem que lhe falara assim e que acrescentou em voz baixa:

— Senhor Smith, quer fugir?

— Quando e como? — retorquiu vivamente o engenheiro, e pode dizer-se que essa resposta lhe escapou, pois ainda não observara o desconhecido que lhe dirigira a palavra.

Contudo, depois de ter atentado, com o seu olhar penetrante, no rosto leal do marinheiro, não pôde duvidar que tinha na sua frente um homem honesto.

— Quem é o senhor? — perguntou com voz breve.

Pencroff deu-se a conhecer.

— Bem — respondeu Cyrus Smith. — E como pensa levar a cabo a fuga que me propõe?

— Nesse indolente balão que deixam ali sem nada fazer e que me dá a ideia de estar propositadamente à nossa espera!...

O marinheiro não havia tido necessidade de acabar a frase. O engenheiro compreendera imediatamente. Pegou no braço de Pencroff e arrastou-o para sua casa.

Ali, o marinheiro desenvolveu o seu projeto, na verdade muito simples. Para o executar apenas arriscavam a vida. O furacão estava no auge da sua violência, é certo, mas um engenheiro hábil e audacioso como Cyrus Smith saberia conduzir um aeróstato. Se ele próprio soubesse manobrá-lo, não teria hesitado em partir — com Harbert, é claro. Já passara por muitas situações perigosas, e não era aquela que o iria deter!

Cyrus Smith não dizia uma palavra enquanto ouvia o marinheiro, mas os seus olhos brilhavam. A ocasião surgira e ele não era homem para a deixar escapar. O projeto era apenas muito perigoso e portanto podia ser posto em execução. De noite, apesar da vigilância, podiam chegar junto do balão, deslizar para dentro da sua barquinha e em seguida cortar as cordas que o prendiam! Certamente que se arriscavam a ser mortos, mas, por outro lado, podiam ter êxito na fuga no meio dessa tempestade... De resto, sem a tempestade o balão já teria partido e a ocasião tão procurada não se apresentaria nesse momento!

— Não estou sozinho! — disse por fim Cyrus Smith.

— Quantas pessoas quer levar? — perguntou o marinheiro.

— Duas: o meu amigo Spilett e o meu criado Nab.

— Então são três — respondeu Pencroff —, e com Harbert e eu somos cinco. Ora, o balão devia levar seis...

— Chega. Nós partiremos então! — disse Cyrus Smith.

Aquele «nós» incluía o repórter, mas o engenheiro sabia bem que ele não era homem para recuar e quando o projeto lhe foi apresentado, Spilett aprovou-o sem reservas. Admirou-se foi de uma ideia tão simples lhe não ter surgido. Quanto a Nab, estava sempre pronto a seguir o patrão para onde quer que fosse.

— Então até logo à noite — disse Pencroff. — Andaremos a vaguear por aí, como curiosos!

— Até logo à noite, às dez horas — respondeu Cyrus Smith. — E permita o céu que a tempestade não amaine antes da nossa partida!

Pencroff despediu-se do engenheiro e voltou ao seu alojamento, onde tinha ficado o jovem Harbert Brown. Esse corajoso rapaz conhecia o plano do marinheiro e esperava ansiosamente o resultado da sua entrevista com o engenheiro. Como se vê, eram cinco homens decididos que iam assim lançar-se na tormenta, em pleno furacão!

Não! O furacão não se acalmou, e nem Jonathan Forster nem os seus companheiros podiam pensar em enfrentá-lo naquela frágil barquinha! O dia foi terrível. O engenheiro só receava uma coisa. Era que o aeróstato, preso ao solo e lançado por terra pelo vento, se rasgasse em mil pedaços. Durante várias horas, vagueou pela praça quase deserta vigiando o aparelho. Pencroff fazia o mesmo por seu lado, com as mãos nos bolsos, e bocejando de vez em quando como um homem que não soubesse como passar o tempo, mas receando também que o balão se rasgasse ou que as cordas se partissem e ele desaparecesse no espaço.

A noite chegou. Estava muito escura. Espessas brumas passavam rente ao solo, como nuvens. Caía uma chuva misturada com neve. O tempo estava frio. Uma espécie de nevoeiro pairava sobre Richmond. Parecia que a violenta tempestade impunha tréguas entre os sitiados e os sitiados, e que o canhão quisera calar-se diante das formidáveis detonações do furacão. As ruas da cidade estavam desertas. Nem sequer achavam necessário, com aquele tempo horrível, guardar a praça no meio da qual se debatia o balão. Tudo

favorecia a partida dos prisioneiros, evidentemente; mas essa viagem, no meio das rajadas desenfreadas!...

«Má maré!», pensava Pencroff, agarrando o chapéu, que o vento lhe queria arrancar da cabeça. «Mas havemos de conseguir o que queremos!»

Às nove horas e meia, Cyrus Smith e os seus companheiros deslizavam por vários lados, pela praça, que os candeeiros de gás, apagados pelo vento, deixavam numa profunda obscuridade. Não se via sequer o enorme aeróstato, quase inteiramente achatado contra o solo. Independentemente dos sacos de lastro que mantinham as cordas da rede, a barquinha estava presa por um forte cabo que passava por uma argola, cravada no solo.

Os cinco prisioneiros encontraram-se perto da barquinha. Não tinham sido vistos; aliás, a obscuridade era tal que não se viam uns aos outros.

Sem pronunciar uma palavra, Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Nab e Harbert tomaram lugar na barquinha, enquanto Pencroff, por ordem do engenheiro, tirava sucessivamente os sacos de lastro. Foi obra de poucos minutos e logo a seguir o marinheiro foi juntar-se aos seus companheiros.

O aeróstato só estava então preso pelo duplo cabo e Cyrus Smith tinha apenas de dar ordem de partida.

Nesse momento, um cão saltou para dentro da barquinha. Era o cão do engenheiro, que, tendo partido a sua corrente, fora atrás do dono. Cyrus Smith, receando um excesso de peso, queria mandar embora o animal.

— Bah! Mais um! — disse Pencroff, aliviando mais dois sacos de lastro.

Em seguida, soltou o duplo cabo e o balão partiu numa direção oblíqua e desapareceu, depois de a barquinha ter batido em duas chaminés, que atirou abaixo na fúria da partida.

O furacão atingira então uma violência assustadora. Durante a noite o engenheiro não pôde pensar em descer, e quando chegou o dia a vista da terra era interceptada pelas brumas. Só cinco dias depois, uma aberta lhes deixou ver o mar imenso por baixo do aeróstato, que o vento arrastava com uma velocidade temível!

Sabemos como, desses cinco homens, partidos a 20 de março, quatro tinham sido lançados, no dia 24 de março, para uma costa deserta, a mais de seis milhas do seu país!³

E o que faltava, aquele em socorro do qual os quatro sobreviventes do balão corriam, era o seu chefe natural, era o engenheiro Cyrus Smith!

Capítulo 3

O engenheiro, através das malhas da rede, que tinham cedido, fora levado pelo mar. O seu cão havia também desaparecido. O fiel animal precipitara-se em socorro do seu dono.

— Para a frente! — exclamou o repórter.

E os quatro — Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff e Nab —, esquecendo esgotamento e fadigas, começaram as suas pesquisas.

O pobre Nab chorava de raiva e de desespero, pensando que perdera tudo o que mais amava no mundo.

Não tinham decorrido dois minutos entre o momento em que Cyrus Smith havia desaparecido e o instante em que os seus companheiros tinham posto pé em terra. Estes podiam portanto acalantar a esperança de chegar a tempo de o salvar.

— Procuremos! Procuremos! — gritou Nab.

— Sim, Nab — respondeu Gédéon Spilett. — Havemos de o encontrar!

— Vivo?

— Vivo!

— Ele sabe nadar? — perguntou Pencroff.

— Sim — respondeu Nab —; de resto, está lá *Top!*

O marinheiro, ouvindo o bramir do mar, abanou a cabeça.

Fora no norte da costa, a cerca de meia milha do local onde os naufragos acabavam de chegar, que o engenheiro tinha desaparecido. Se conseguira atingir o ponto mais próximo do litoral, era então a aproximadamente meia milha que esse ponto devia estar situado.

Eram então perto de seis horas. O nevoeiro subia do mar e tornava a noite muito escura. Os náufragos caminhavam para norte da costa leste dessa terra para onde o acaso os havia lançado — terra ignorada cuja situação geográfica eles desconheciam totalmente. Pisavam um solo arenoso, misturado com pedras, que parecia desprovido de qualquer vegetação. O solo, muito desigual, muito áspero, estava em certos sítios crivado de pequenos atoleiros, que tornavam a marcha muito difícil. Desses buracos escapavam-se a cada instante pássaros de voo pesado, fugindo em todas as direções, que a obscuridade impedia de ver. Outros, mais ágeis, passavam em bandos, como nuvens. O marinheiro julgava reconhecer gaivotas e guinchos cujos gritos agudos se sobrepunham ao bramir do mar.

De tempos a tempos, os náufragos paravam, chamavam com grandes gritos e escutavam se algum apelo chegava dos lados do oceano. Deviam pensar, com efeito, que se estivessem nas proximidades do local onde o engenheiro pudesse ter atingido a costa, os latidos de *Top* chegariam até eles. Mas não se ouvia nada além da ressaca do mar e do rugir do vento. Então o pequeno grupo recomeçava a sua marcha, e revistava as mais pequenas anfractuosidades do litoral.

Após uma caminhada de vinte minutos, os quatro náufragos foram subitamente detidos por um sítio onde as ondas vinham bater com grande violência. O terreno sólido faltava. Encontravam-se na extremidade de uma ponta aguda, sobre a qual o mar vinha quebrar-se com furor.

— É um promontório — disse o marinheiro. — É preciso voltarmos atrás e seguirmos do lado direito para atingirmos terra

firme.

— Mas se ele está ali? — perguntou Nab, apontando para o oceano, onde enormes vagas esbranquiçadas se distinguiam no meio da escuridão.

— Pois bem, chamemo-lo!

E todos, unindo as suas vozes, lançaram um apelo vigoroso, mas não obtiveram qualquer resposta. Esperaram uma acalmia e recomeçaram. Nada ainda.

Os náufragos voltaram então, seguindo o lado oposto do promontório num solo também arenoso e cheio de pedras. Todavia, Pencroff observou que o litoral era mais escarpado, que o terreno subia e supôs que devia ir ter, por uma rampa bastante inclinada, a uma costa alta, cujo maciço se perfilava vagamente na sombra. Os pássaros eram menos numerosos desse lado da margem. O mar também se mostrava menos violento, menos ruidoso e era mesmo notável como a agitação das vagas diminuía consideravelmente. Mal se ouvia o barulho da ressaca. Sem dúvida aquele lado do promontório formava uma enseada semicircular, que a sua aguda extremidade protegia contra as ondulações do largo.

No entanto, seguindo essa direção, caminhava-se para sul, e isso era ir para o lado oposto do local onde Cyrus Smith teria podido chegar. Após um percurso de uma milha e meia, o litoral não apresentava nenhuma curva que permitisse voltar para norte. Era no entanto necessário que esse promontório, cuja extremidade tinham dobrado, estivesse ligado a terra firme. Os náufragos, apesar de terem as forças esgotadas, continuavam a caminhar corajosamente, esperando encontrar a cada instante alguma viragem brusca que os pusesse na primitiva direção.

Qual não foi pois o seu desapontamento quando, depois de terem percorrido duas milhas aproximadamente, eles se viram mais uma vez detidos pelo mar numa ponta bastante elevada, feita de rochas escorregadias.

— Estamos num ilhéu! — disse Pencroff —, e percorremo-lo de uma extremidade à outra!

A observação do marinheiro era justa. Os naufragos tinham sido lançados não para um continente, nem sequer para uma ilha, mas para um ilhéu que não media mais de duas milhas de comprimento, e cuja largura era evidentemente pouco considerável.

Estaria esse ilhéu árido, semeado de pedras, sem vegetação, refúgio desolado de alguns pássaros marítimos, ligado a um arquipélago mais importante? Não podiam afirmá-lo. Os passageiros do balão, ao verem terra através da bruma não podiam reconhecer bem a sua importância. No entanto, Pencroff, com os seus olhos de marinheiro habituados a perscrutar a escuridão, julgava distinguir nesse momento, a oeste, massas confusas que anunciavam uma costa elevada.

Contudo, nessa altura, com aquela escuridão, não se podia determinar a que sistema, simples ou complexo, pertencia o ilhéu. Também não podiam sair dele, visto que o mar o rodeava. Era portanto necessário guardar para o dia seguinte a procura do engenheiro, que não tinha infelizmente assinalado a sua presença com qualquer grito.

— O silêncio de Cyrus não prova nada — disse o repórter. — Pode estar desmaiado, ferido, sem poder responder momentaneamente, mas não devemos desesperar.

O repórter teve então a ideia de acender uma fogueira que pudesse ser um sinal para o engenheiro. Mas em vão procuraram alguns arbustos secos: apenas havia pedras e areia.

Compreende-se qual seria a dor de Nab e dos seus companheiros, que se tinham dedicado a esse intrépido Cyrus Smith. Era evidente que nesse momento eram impotentes para o socorrer. Forçoso se tomava esperar que fosse dia. Ou o engenheiro conseguira salvar-se sozinho e se encontrava em qualquer ponto da costa, ou estava perdido para sempre!

Foram horas longas e difíceis as que se passaram. O frio era intenso. Os naufragos sofreram cruelmente, mas mal se aperceberam disso. Não pensaram sequer em ter um momento de repouso. Esqueceram-se de si por causa do companheiro, sempre à espera, iam e vinham sobre o árido ilhéu, voltando incessantemente à sua extremidade norte, onde deviam estar mais perto do local da catástrofe. Eles ouviam, gritavam, procuravam surpreender qualquer apelo distante, pois uma certa calma reinava então na atmosfera, e os ruídos do mar começavam a diminuir com a ondulação.

Um dos gritos de Nab pareceu mesmo, num certo momento, ser reproduzido pelo eco. Harbert fez notar isso a Pencroff, acrescentando:

— Isso provaria que existe para oeste uma costa bastante próxima.

O marinheiro fez um sinal afirmativo. De resto os seus olhos não podiam enganá-lo. Se ele tinha entrevisto uma terra é porque essa terra se encontrava ali.

Todavia, esse eco longínquo foi a única resposta provocada pelos gritos de Nab, e a imensidão, em todo o lado leste do ilhéu,

permaneceu silenciosa.

Entretanto, o céu aclarava a pouco e pouco. Por volta da meia-noite algumas estrelas brilharam e se o engenheiro estivesse ali, perto dos seus companheiros, teria podido observar que aquelas estrelas já não eram as do hemisfério boreal. Com efeito, a Estrela Polar não aparecia nesse novo horizonte, as constelações do zénite não eram as que costumava observar no lado norte do Novo Mundo, e o Cruzeiro do Sul resplandecia então no pólo austral do Mundo.

A noite passou-se. Por volta das cinco horas da manhã, no dia 25 de março, o céu começou a colorir-se ligeiramente.

O horizonte estava ainda escuro, mas, com a primeira claridade do dia, uma bruma opaca levantou-se do lado do mar, de modo que o raio visual não podia estender-se a mais de uma vintena de passos. O nevoeiro rolava em grandes volutas, que se deslocavam lentamente.

Era um contratempo. Os náufragos não podiam distinguir nada à volta deles. Enquanto os olhares de Nab e do repórter se projetavam sobre o oceano, o marinheiro e Harbert procuravam ver a costa do lado oeste. Mas nem um pedacinho de terra era visível.

— Não importa — disse Pencroff. — Se não vejo a costa, sinto-a... ela está ali... tão certo como nós não estarmos já em Richmond!

Felizmente, o nevoeiro não devia tardar a erguer-se. Era apenas uma névoa do bom tempo. Um bom sol aquecia as camadas superiores e esse calor filtrava-se até à superfície do ilhéu.

Com efeito, por volta das seis horas e meia, três quartos de hora após o nascer do sol, a bruma tornava-se mais transparente. Tornava-se mais densa em cima, mas dissipava-se em baixo. Em breve, todo o ilhéu apareceu como se tivesse descido de uma

nuvem; depois o mar mostrou-se segundo um plano circular, infinito a leste, mas limitado a oeste por uma costa elevada e abrupta.

Sim, a terra estava ali. Ali estava a salvação, provisoriamente assegurada, pelo menos. Entre o ilhéu e a costa, separados por um canal da largura de meia milha, corria ruidosamente uma corrente extremamente rápida.

Um dos náufragos, consultando apenas o seu coração, precipitou-se imediatamente para a corrente, sem querer saber da opinião dos seus companheiros, sem dizer sequer uma única palavra. Era Nab. Tinha pressa de chegar à costa e de a subir para o lado norte. Ninguém pudera retê-lo. Pencroff chamou-o, mas em vão. O repórter dispunha-se a seguir Nab.

Pencroff, indo ter com ele, perguntou-lhe:

— Quer atravessar este canal?

— Sim — respondeu Gédéon Spilett.

— Pois bem, espere — disse o marinheiro. — Nab bastará para levar socorro ao seu amo. Se nos metêssemos nesse canal arriscávamo-nos a ser arrastados para o largo pela corrente, que é de uma violência extrema. Ora, se não me engano, é uma corrente de jusante. Veja, a maré baixa na areia. Esperemos com paciência e com a maré baixa é possível que encontremos um sítio por onde possamos passar a vau...

— Tem razão — respondeu o repórter. — Devemos separar-nos o menos possível...

Entretanto, Nab lutava vigorosamente contra a corrente. Atravessava-a seguindo uma direção oblíqua. Viam-se as suas negras espáduas emergir a cada braçada. Era desviado pela corrente com extrema rapidez, mas ia-se dirigindo para a costa. Essa meia

milha que separava o ilhéu da costa levou meia hora a atravessar, e Nab só conseguiu chegar à costa a vários milhares de pés de distância do ponto fronteiro ao local donde havia partido.

Nab pôs-se de pé junto de uma alta muralha de granito e sacudiu-se vigorosamente; depois, correndo, desapareceu atrás de uns rochedos, que se projetavam no mar, pouco mais ou menos à altura da extremidade setentrional do ilhéu.

Os companheiros de Nab tinham seguido angustiadamente a sua audaciosa tentativa, e, quando ele ficou fora do alcance da vista deles, dirigiram os seus olhares para a terra onde ele ia procurar refúgio, enquanto comiam alguns moluscos que havia na areia. Era uma magra refeição, mas melhor que nada.

A costa oposta formava uma vasta baía, terminada, a sul, por uma ponta muito aguda, desprovida de qualquer vegetação e de aspeto selvagem. Essa extremidade vinha ligar-se ao litoral por meio de um terreno bastante caprichoso, e erguia-se, arqueada, até altas rochas graníticas. Para o norte, pelo contrário, a baía, alargando, formava uma rocha mais arredondada, que corria do sudoeste para o nordeste e terminava num cabo estreito. Entre esses dois pontos extremos, sobre o qual se apoiava o arco da baía, a distância podia ser de oito milhas. A meia milha da margem, o ilhéu ocupava uma estreita faixa de mar e assemelhava-se a um gigantesco cetáceo. A sua maior largura não ultrapassava um quarto de milha.

Diante do ilhéu, o litoral compunha-se, em primeiro plano, de um areal, semeado de rochas escuras, que, nesse momento, reaparecia, a pouco e pouco, à medida que a maré descia. Em segundo plano, destacava-se uma espécie de cortina granítica, talhada a pique, coroada por uma caprichosa aresta de uma altura de pelo menos

trezentos pés. Perfilava-se também por um comprimento de quinze milhas e terminava bruscamente à direita por um pedaço de rocha recortada que parecia talhada pela mão do homem. À esquerda, pelo contrário, por cima do promontório, essa espécie de falésia irregular, constituída por aglomerados de rochas e destroços geológicos, erguia as suas formas prismáticas para descer depois, suavemente, até se confundir com os rochedos da extremidade meridional.

Na parte superior da costa não havia uma única árvore.

Era uma tábua lisa como a que domina Cape Town, no cabo da Boa Esperança, mas com proporções mais reduzidas. Pelo menos assim parecia, vista do ilhéu. Todavia, a vegetação não faltava do lado direito, atrás da rocha recortada. Distinguia-se facilmente a massa confusa das grandes árvores, cuja aglomeração se prolongava para além dos limites do olhar. Essa verdura alegrava a vista, entristecida pelas linhas rudes da parede de granito.

Por fim, em último plano e por cima do planalto, na direção do noroeste e a uma distância de sete milhas pelo menos, resplandecia um cume branco, que era atingido pelos raios solares. Era um capacete de neve que toucava algum monte afastado.

Não podiam portanto saber se aquela terra formava uma ilha ou se pertencia a um continente. Mas, à vista desses rochedos convulsionados que se amontoavam à esquerda, um geólogo não teria hesitado em lhes atribuir uma origem vulcânica, pois que eram incontestavelmente resultado de um trabalho plutónico.

Gédéon Spilett, Pencroff e Harbert observavam atentamente aquela terra, na qual iam talvez viver muitos anos, na qual poderiam até vir a morrer, se não se encontrasse na rota dos navios!

— Então — perguntou Harbert —, que dizes, Pencroff?

— Então — respondeu o marinheiro —: há bom e mau, como em toda a parte. Veremos. Mas cá está a vazante a fazer-se sentir. Dentro de três horas, tentaremos passar e uma vez ali iremos procurar o senhor Smith!

Pencroff não se havia enganado nas suas previsões. Três horas mais tarde, na maré baixa, a maior parte das areias que formavam o leito do canal estavam a descoberto. Só restava entre o ilhéu e a costa um estreito canal que sem dúvida seria fácil transpor.

Com efeito, por volta das dez horas, Gédéon Spilett e os seus dois companheiros tiraram as roupas e fizeram com elas um embrulho, que puseram à cabeça. Aventuraram-se então no canal, cuja profundidade não ultrapassava cinco pés. Harbert, para quem a água teria sido alta de mais, nadava como um peixe e desembaraçou-se maravilhosamente. Os três chegaram sem dificuldade à margem oposta. Ali, depois de o sol os ter secado rapidamente, voltaram a vestir as roupas que tinham resguardado do contacto com a água, e reuniram conselho.

Capítulo 4

Antes de mais, o repórter disse ao marinheiro para o esperar nesse mesmo local, onde ele voltaria a juntar-se-lhe, e, sem perder um instante, voltou a subir o litoral, na direção que havia seguido, algumas horas antes, o negro Nab. Depois desapareceu rapidamente atrás de um ângulo da costa, tão ansioso estava por saber notícias do engenheiro.

Harbert quisera acompanhá-lo.

— Fica, meu rapaz — tinha-lhe dito o marinheiro. — Precisamos de preparar um acampamento e ver se é possível trincar qualquer coisa mais sólida do que moluscos. Os nossos amigos terão necessidade de se alimentar quando regressarem. Cada um deve ter a sua tarefa.

— Estou pronto, Pencroff — respondeu Harbert.

— Bom! — exclamou o marinheiro. — Tudo se há de arranjar. Procedamos com método. Estamos fatigados, temos frio, temos fome. Trata-se portanto de encontrar abrigo, fogo e alimentos. A floresta tem madeira, os ninhos têm ovos: resta encontrar uma casa.

— Pois bem — respondeu Harbert —; procurarei uma gruta entre as rochas e encontrarei certamente algum buraco em que possamos abrigar-nos!

— É isso mesmo — replicou Pencroff. — A caminho, meu rapaz!

E ei-los caminhando ambos junto da enorme muralha, no areal que a maré vazante havia deixado a descoberto. Mas em vez de subirem para norte, desceram para o sul. Pencroff havia observado, a algumas centenas de passos acima do local onde tinham

desembarcado, que a costa oferecia uma estreita passagem, que, segundo ele pensava, devia servir de desembocadura a um rio ou ribeiro. Ora, por um lado, era importante instalarem-se na vizinhança de um curso de água potável, e por outro, não era impossível que a corrente tivesse arrastado Cyrus Smith até ali.

A alta muralha, como dissemos, erguia-se a uma altura de trezentos pés, o bloco era maciço e, mesmo na base, mal era atingido pelo mar, mas não apresentava nenhuma fenda ou gruta que pudesse servir de habitação provisória. Tratava-se de uma parede a pique, de um granito muito duro, que as ondas nunca tinham roído. No seu cimo esvoaçava grande quantidade de pássaros aquáticos, e especialmente diversas espécies da ordem dos palmípedes, de bico comprido e pontiagudo — pássaros muito barulhentos, pouco assustados pela presença do homem, que, sem dúvida pela primeira vez, perturbava assim a sua solidão. Entre esses palmípedes Pencroff reconheceu vários estercorários e também pequenas gaivotas vorazes que se aninhavam nas anfractuosidades do granito. Um tiro disparado no meio desse formigar de pássaros teria abatido grande número deles, mas para disparar um tiro de espingarda era necessário ter uma e nem Pencroff nem Harbert a tinham. De resto, aqueles pássaros não são agradáveis para comer e até mesmo os seus ovos têm um gosto detestável.

Entretanto, Harbert, que se dirigira um pouco mais para a esquerda, reparou nalguns rochedos atapetados de algas, que a maré alta devia cobrir algumas horas mais tarde. Nesses rochedos, no meio do sargaço escorregadio, viam-se muitos moluscos que não

podiam ser desperdiçados por gente esfomeada. Harbert chamou portanto Pencroff que não tardou a aproximar-se.

— Oh!, são mexilhões! — exclamou o marinheiro. — Já temos com que substituir os ovos que nos faltavam!

— Não são mexilhões! — replicou o jovem Harbert, que examinava atentamente os moluscos agarrados às rochas —, são litófilos.

— E isso come-se? — perguntou Pencroff.

— Perfeitamente.

— Então comamos litófilos.

O marinheiro podia confiar em Harbert. O jovem era muito forte em ciências naturais e tivera sempre uma verdadeira paixão por essa ciência. O pai tinha-o impelido para esse caminho, fazendo-o estudar com os melhores professores de Boston, que tinham grande afeto por aquele rapaz, inteligente e trabalhador. Desse modo os seus instintos de naturalista seriam depois utilizados mais de uma vez, e, desde o princípio, ele não se enganou.

Aqueles litófilos eram conchas oblongas, agarradas aos rochedos em cachos e muito aderentes. Pertenciam à espécie de moluscos perfuradores, que cavam buracos na pedra mais dura, e as suas conchas arredondavam-se nas extremidades, o que não sucede com os moluscos vulgares.

Pencroff e Harbert fizeram uma boa provisão desses moluscos, que se entreabriram ao sol. Comeram-nos como se fossem ostras e acharam-lhes um forte sabor apimentado, o que fez com que não lamentassem a falta da pimenta ou de qualquer outro condimento.

A fome dos dois amigos ficou portanto momentaneamente apaziguada, mas não a sede, que aumentou ainda mais depois de

terem comido os moluscos naturalmente condimentados. Tratava-se agora de descobrirem água doce, e não era provável que ela faltasse numa região tão caprichosamente acidentada. Pencroff e Harbert, depois de terem tomado a precaução de fazerem uma ampla provisão de litófilos, com os quais encheram os bolsos e os lenços, voltaram para a terra alta.

Duzentos passos adiante, chegaram à passagem pela qual, segundo o pressentimento de Pencroff, devia correr um pequeno rio. Nesse sítio a muralha parecia ter sido dividida por algum violento acidente plutónico. Na sua base, abria-se uma pequena enseada, cujo fundo formava um ângulo bastante agudo. O curso de água media ali cem pés de largura, e as suas duas margens, dos dois lados, tinham apenas uns vinte pés. O rio corria entre as duas muralhas de granito, que tendiam a baixar para montante da embocadura; depois infletia bruscamente e desaparecia sob um talude a uma meia milha.

— Aqui, água! Lá em baixo, madeira! — gritou Pencroff. — Pois bem, Harbert, falta-nos apenas a casa!

A água do rio era límpida. O marinheiro reconheceu que naquela altura da maré, isto é, na baixa-mar, quando as vagas ali não chegavam, a água era doce. Estabelecido esse importante ponto, Harbert procurou qualquer cavidade que pudesse servir-lhes de abrigo, mas em vão. Por todos os lados a muralha era lisa, plana e a pique.

No entanto, na embocadura do próprio curso de água, por cima do terreno onde a água do mar não chegava, os rochedos tinham formado não uma gruta mas um amontoado de rochas, como se

encontram tantas vezes nas regiões graníticas, e que têm o nome de «chaminés».

Pencroff e Harbert embrenharam-se em profundidade nos rochedos, passando pelos corredores arenosos, aos quais a luz não deixava de iluminar, pois esta passava pelos interstícios das rochas, que pareciam equilibrar-se milagrosamente umas sobre as outras. Mas com a claridade entrava também o vento — uma verdadeira corrente de ar — e, com o vento, o frio intenso do exterior. No entanto, o marinheiro pensou que obstruindo certas passagens desses corredores, com uma mistura de areia e pedras, se poderiam tornar as chaminés habitáveis. O seu plano geométrico representava o sinal &, que significa abreviadamente *et coetera*. Ora, isolando o anel superior do sinal, pelo qual entrava o vento do sul e do oeste, conseguir-se-ia sem dúvida utilizar a parte inferior.

— Eis o que temos a fazer — disse Pencroff. — E se voltarmos a ver o senhor Smith, ele saberá tirar partido deste labirinto.

— Voltaremos a vê-lo, Pencroff — disse Harbert —; e quando ele voltar terá de encontrar aqui um refúgio mais ou menos suportável. E sê-lo-á se conseguirmos acender uma lareira no corredor da esquerda e conservar uma abertura para a saída do fumo.

— Poderemos fazê-lo, meu rapaz — respondeu o marinheiro. — E estas «Chaminés» — foi o nome que Pencroff conservou àquela provisória habitação — fazem-nos um grande arranjo. Vamos primeiro fazer uma provisão de combustível. Acho que a madeira não será inútil para tapar estes buracos por onde o Diabo toca a sua trombeta!

Harbert e Pencroff deixaram as Chaminés, e, voltando a esquina, começaram a subir a margem esquerda do rio. A corrente era

bastante rápida e arrastava alguma madeira. A maré, a encher — que nesse momento já se fazia sentir —, devia empurrá-la com força até a uma distância bastante considerável. O marinheiro pensou portanto que poderiam utilizar o fluxo e refluxo da maré para transportar os objetos pesados.

Depois de terem caminhado durante um quarto de hora, o marinheiro e o jovem chegaram ao cotovelo brusco que o rio fazia quando voltava para a esquerda. A partir desse ponto, o seu curso prosseguia através de uma floresta de árvores magníficas. As árvores conservavam a verdura, apesar da estação adiantada, pois pertenciam à família das coníferas que se propagam em todas as regiões do Globo, desde os climas setentrionais até às regiões tropicais. O jovem naturalista reconheceu especialmente os *déodars*, árvores muito numerosas na zona do Himalaia e que têm um cheiro muito agradável! Entre essas belas árvores cresciam pinheiros cuja copa opaca se abria largamente. No meio das ervas altas, Pencroff sentia os seus pés esmagarem ramos secos, que crepitavam como fogo de artifício.

— Bem, meu rapaz — disse, voltando-se para Harbert. — Apesar de ignorar o nome destas árvores, sei pelo menos colocá-las na categoria de «madeira para queimar», e, de momento, é a única que nos convém!

— Começemos a fornecer-nos! — exclamou Harbert, pondo mãos à obra.

A colheita foi fácil. Nem sequer era necessário tirar ramos às árvores, pois no chão havia enorme quantidade de madeira seca. Mas se o combustível não faltava, os meios de transporte deixavam muito a desejar. Aquela madeira, muito seca, devia arder

rapidamente. Daí a necessidade de levarem para as Chaminés uma quantidade considerável, e a que os dois homens poderiam transportar não bastaria. Foi isso que Harbert observou.

— Pois é, meu rapaz — respondeu o marinheiro. — Temos de arranjar maneira de transportar esta madeira. Há sempre um meio de fazer tudo! Se tivéssemos um carro ou um barco seria demasiado fácil.

— Mas nós temos o rio! — disse Harbert.

— É verdade! — exclamou Pencroff. — O rio será para nós um oportuno caminho que anda, e os comboios de madeira não foram inventados sem motivo.

— No entanto — notou Harbert —, o nosso caminho segue agora em direção contrária à dele, visto que a maré sobe!

— Teremos de esperar que ela desça para se encarregar de transportar a nossa madeira para as Chaminés. Entretanto preparemos o nosso comboio.

O marinheiro, seguido de Harbert, dirigiu-se para o ângulo que a orla da floresta formava com o rio. Ambos transportavam, em proporção com as suas forças, um carregamento de madeira atado em feixes. Na margem encontrava-se também uma grande quantidade de madeira seca, no meio das ervas, onde provavelmente nunca chegara o pé de qualquer homem. Pencroff começou imediatamente a preparar o seu comboio.

Numa espécie de redemoinho produzido por uma extremidade da margem, que cortava o ímpeto da corrente, o marinheiro e o jovem colocaram bocados de madeira bastante grossos que eles tinham ligado com lianas secas. Formaram assim uma espécie de jangada, sobre a qual empilharam cuidadosamente toda a madeira apanhada,

isto é, o que uns vinte homens poderiam transportar. Uma hora mais tarde, o trabalho estava terminado e o comboio, preso à margem, teria de esperar que a maré começasse a baixar.

Tinham na sua frente algumas horas de espera e, de comum acordo, Pencroff e Harbert resolveram explorar o planalto superior, a fim de examinarem a região de um ponto mais alto.

Precisamente a uns duzentos passos para além do ângulo formado pelo rio, a muralha, que terminava nesse ponto por rochas desmoronadas, ia morrer numa encosta suave na orla da floresta. Era como que uma escada natural. Harbert e o marinheiro começaram portanto a sua ascensão. Graças ao vigor das suas pernas alcançaram o cimo da encosta em poucos instantes e foram colocar-se no vértice do ângulo que ela fazia com a embocadura do rio.

Quando chegaram, o seu primeiro olhar foi para esse oceano que eles tinham atravessado em tão terríveis condições! Observaram comovidamente todo o lado norte da costa, onde a catástrofe se dera. Ali havia desaparecido Cyrus Smith. Procuraram com o olhar se alguns restos do balão, aos quais uma pessoa pudesse agarrar-se, flutuariam ainda. Nada. O mar era apenas um vasto deserto de água. Quanto à costa, era deserta também. Nem o repórter, nem Nab se viam. Mas era possível que nesse momento estivessem ambos a tal distância que não se vissem.

— Algo me diz — exclamou Harbert — que um homem tão enérgico como o engenheiro Cyrus Smith não pode ter-se deixado afogar como um qualquer. Deve ter alcançado algum ponto da margem. Não é, Pencroff?

O marinheiro abanou tristemente a cabeça. Não esperava voltar a ver Cyrus Smith, mas, querendo deixar algumas esperanças a Harbert, disse:

— Sem dúvida, sem dúvida. O nosso engenheiro é homem para se sair de apuros em circunstâncias em que qualquer outro sucumbiria!...

Entretanto, observava a costa com extrema atenção. Sob o seu olhar desenrolava-se o areal, limitado à direita pela embocadura, pelas linhas dos rochedos. Essas rochas, ainda submersas, assemelhavam-se a grupos de anfíbios deitados no meio das ondas. Para além do grupo de recifes, o mar cintilava sob os raios do sol. Para sul, uma ponta aguda fechava o horizonte, e não se podia reconhecer se a terra se prolongava nessa direção ou se se orientava para sudeste ou sudoeste, o que faria dessa costa uma espécie de península muito alongada. Na extremidade setentrional da baía, o litoral desenhava-se até uma grande distância, seis ou sete milhas. Desde as suas primeiras rampas até umas duas milhas da costa, estendiam-se vastas extensões arborizadas, donde sobressaíam grandes manchas verdes, devido às árvores de folhagem persistente. Depois, desde a orla da floresta até à própria costa, verdejava um largo planalto salpicado de árvores caprichosamente distribuídas. Para a esquerda, via-se por momentos o fulgor das águas do pequeno rio, através de algumas clareiras, e parecia que os seus sinuosos meandros o levavam até aos contrafortes da montanha, entre os quais devia nascer. No ponto onde o marinheiro deixara o seu comboio de madeira, o rio corria entre duas altas muralhas de granito; mas se, na margem esquerda, a parede da muralha era lisa e abrupta, na margem direita, pelo

contrário, ela descia suavemente, os maciços iam-se transformando em rochedos isolados, os rochedos em pedras enormes e estas em pedras mais pequenas até ao extremo da ponta.

— Estaremos numa ilha? — murmurou o marinheiro.

— Em todo o caso parece ser muito vasta! — respondeu o jovem marinheiro.

— Uma ilha, por mais vasta que seja, será sempre uma ilha! — disse Pencroff.

Contudo, essa importante questão não poderia ainda ser resolvida. Era preciso deferir a solução para outro momento. Quanto à terra em si, ilha ou continente, parecia fértil, agradável nos seus aspetos, variada nos seus produtos.

— É uma felicidade — observou Pencroff. — E no meio da nossa infelicidade temos de dar graças à Providência.

— Deus seja louvado! — respondeu Harbert, cujo coração piedoso estava cheio de reconhecimento ao Autor de todas as coisas.

Durante muito tempo, Pencroff e Harbert examinaram essa região para onde o seu destino os havia lançado, mas era difícil imaginar, após tão sumária inspeção, o que lhes reservava o futuro.

Em seguida, regressaram, caminhando ao longo do cume meridional do planalto granítico, desenhado por um longo festão de rochas caprichosas, com as formas mais bizarras. Ali viviam algumas centenas de pássaros, que tinham os seus ninhos nas anfractuosidades da pedra. Harbert, saltando sobre os rochedos, fez levantar voo a um bando dessas aves.

— Ah! — exclamou ele. — Estes pássaros não são gaivotas nem guinchos!

— Que pássaros são então? Dir-se-ia que são pombos! — disse Pencroff.

— Com efeito! Mas são pombos selvagens ou pombos dos rochedos! — respondeu Harbert. — Reconheço-os pela dupla faixa negra das asas, pela rabadilha branca e pela plumagem azul-acinzentada. Ora, se os pombos dos rochedos são bons para comer, os seus ovos devem ser excelentes e por poucos que eles tenham nos ninhos...

— Não lhes daremos tempo para crescer a não ser em forma de omelete — respondeu alegremente o marinheiro.

— Mas onde é que podes fazer uma omelete? — perguntou Harbert. — No teu chapéu?

— Bem! — replicou o marinheiro. — Não sou suficientemente feiticeiro para isso. Temos que nos limitar a comer ovos quentes, meu rapaz, e eu encarrego-me de fazer desaparecer os mais duros!

Pencroff e o jovem examinaram com atenção as anfractuosidades do granito e descobriram, com efeito, ovos em certas cavidades! Recolheram algumas dúzias deles e meteram-nas dentro do lenço do marinheiro. Em seguida, como se aproximava a altura de a maré estar cheia, Harbert e Pencroff começaram a descer para junto do rio.

Quando chegaram ao cotovelo do rio, passava uma hora do meio-dia. A corrente começava a baixar. Era preciso aproveitar o refluxo para levar o carregamento de madeira até à embocadura. Pencroff não tinha a intenção de deixar o comboio ir sozinho, mas também não pensava embarcar nele para o dirigir. Mas um marinheiro nunca se sente embaraçado quando se trata de cabos ou de cordas, e Pencroff entrançou rapidamente uma corda de algumas

braças de comprimento, com lianas secas. Esse cabo vegetal foi amarrado à parte de trás da jangada, e o marinheiro prendeu-o na mão, enquanto Harbert, empurrando-a com uma longa vara, a mantinha na corrente.

O processo resultou em cheio. A enorme carga de madeira, que o marinheiro segurava caminhando pela margem, seguia a corrente. A margem era muito alcantilada e não havia o perigo de a jangada ficar presa nela. Assim, duas horas depois, a madeira chegava à embocadura do rio, a poucos passos das Chaminés.

Capítulo 5

O primeiro cuidado de Pencroff, logo que a madeira foi descarregada, foi o de tornar as Chaminés habitáveis, obstruindo os corredores através dos quais passava a corrente de ar. Areia, pedras, ramos entrelaçados e terra molhada taparam hermeticamente as galerias do & abertas aos ventos do sul, e isolaram o seu anel superior. Uma única abertura, estreita e sinuosa, que dava para a parte lateral, foi preparada para levar o fumo para fora e provocar a tiragem da lareira. As Chaminés ficaram assim divididas em três ou quatro quartos, se se pode dar esse nome a sombrios covis que mal teriam contentado uma fera. Mas pelo menos era um abrigo onde se podiam resguardar do frio e estar de pé, pelo menos no quarto principal, que ocupava o centro. Uma areia fina cobria o solo, e, pensando bem, podiam instalar-se ali, enquanto não encontravam melhor abrigo.

Enquanto trabalhavam, Harbert e Pencroff conversavam:

— Talvez — dizia Harbert — os nossos companheiros tenham encontrado uma instalação melhor do que a nossa.

— É possível — replicou o marinheiro —, mas na dúvida não deixemos de preparar esta. Mais vale ter uma corda a mais no violino do que não ter corda nenhuma!

— Ah! — repetia Harbert —, se eles trouxerem o senhor Smith só teremos de agradecer ao Céu.

— Sim — disse Pencroff. — Era um homem... um verdadeiro homem!

— Era... — disse Harbert. — Então desesperas de o voltares a ver?

— Deus me livre! — replicou o marinheiro.

O trabalho de beneficiação foi rapidamente executado e Pencroff declarou-se muito satisfeito com ele.

— Agora — disse ele —, os nossos amigos podem voltar. Encontrarão um abrigo razoável.

Faltava acender a lareira e preparar a refeição. Tarefa simples e fácil, na verdade. Grandes pedras chatas foram colocadas ao fundo do primeiro corredor da esquerda, junto da estreita abertura que ali havia sido deixada. O calor que não fosse levado para fora com o fumo chegaria perfeitamente para manter o ambiente aquecido. A provisão de madeira foi armazenada num dos quartos e o marinheiro colocou sobre as pedras da lareira algumas achas, juntamente com pedacinhos de madeira mais pequenos.

Estava o marinheiro ocupado nesse trabalho quando Harbert lhe perguntou se tinha fósforos.

— Certamente que tenho — retorquiu Pencroff —, e acrescentaria felizmente, pois sem fósforos e sem acendalhas ficaríamos muito embaraçados!

— Poderíamos fazer lume como os selvagens — respondeu Harbert —, esfregando dois pedacinhos de madeira seca um contra o outro!

— Experimenta, meu rapaz, e veremos se consegues alguma coisa além de dores nos braços!

— No entanto, é um processo muito simples e muito usado nas ilhas do Pacífico.

— Não digo que não — replicou Pencroff —; mas temos de acreditar que os selvagens conhecem a maneira de o fazer, ou que utilizam uma madeira especial, pois, por mais de uma vez, tentei conseguir fogo por esse processo e nunca fui capaz! Confesso que prefiro os fósforos. Mas onde estão os meus fósforos?

Pencroff procurou no casaco os fósforos, que nunca o largavam, pois era um fumador inveterado. Não os encontrou. Procurou depois nos bolsos das calças e, com grande espanto seu, não encontrou a caixa em questão.

— Que estupidez, e mais que estupidez! A caixa deve ter-me caído do bolso sem eu dar por isso e perdi-a! E tu, Harbert, não tens fósforos, nem isqueiro, nem nada que sirva para fazer lume?

— Não, Pencroff.

O marinheiro saiu, seguido do rapaz, esfregando a testa com ar preocupado.

Na areia, junto dos rochedos e na margem do rio, ambos procuraram com grande cuidado mas inutilmente. A caixa era de cobre e não teria escapado aos seus olhares.

— Pencroff, não terás deitado a caixa fora, na barquinha? — perguntou Harbert.

— Nem pensar nisso — respondeu o marinheiro —; mas quando se é sacudido como nós o fomos, um objeto tão pequeno pode ter desaparecido. Também não tenho o meu cachimbo! Onde se terá metido o diabo da caixa?

— A maré está a baixar e podemos ir procurar na areia molhada, no sítio onde pusemos pé em terra.

Era pouco provável que encontrassem essa caixa, que as ondas deviam ter arrastado para o meio das pedras, na maré alta, mas era

bom ter em conta essa circunstância. Harbert e Pencroff dirigiram-se rapidamente para o ponto onde tinham chegado na véspera, a cerca de duzentos passos das Chaminés.

Ali, no meio das pedrinhas, na concavidade dos rochedos, foram feitas pesquisas minuciosas. Resultado nulo. Se a caixa tinha caído no local, o mar devia tê-la levado. À medida que o mar se ia retirando o marinheiro procurava nos interstícios das rochas, mas sem nada encontrar. Era uma perda grave nas circunstâncias e, de momento, irreparável.

Pencroff não escondeu o seu vivo desapontamento. Tinha a testa profundamente enrugada. Não pronunciava uma única palavra. Harbert queria consolá-lo observando que os fósforos deviam estar molhados e que por isso não serviriam para nada.

— Não, meu rapaz — respondeu o marinheiro. — Estavam numa caixa de cobre, que fechava bem! E agora, que vamos fazer?

— Arranjaremos certamente maneira de acender a lareira. O senhor Spilett e o senhor Smith devem ter fósforos.

— Sim — retorquiu Pencroff. — É possível, mas entretanto estamos sem lume e os nossos companheiros encontrarão uma triste refeição à sua espera!

— Mas — exclamou vivamente Harbert — não é possível que eles não tenham fósforos nem isca!

— Duvido que tenham! — exclamou o marinheiro, abanando a cabeça. — Nab e o senhor Smith não fumam e o senhor Spilett preferia perder os fósforos a perder o seu canhenho!

Harbert não respondeu. A perda dos fósforos era de facto lamentável. No entanto, o rapaz achava que podiam tentar fazer lume de outra maneira. Pencroff, mais experiente, apesar de não ser

homem para se deixar embarçar nem com muito nem com pouco, pensava de maneira diferente. Em todo o caso, só havia um partido a tomar: esperar o regresso de Nab e do repórter. Mas tinham de renunciar à refeição de ovos quentes que tinham querido preparar, e o regime de carne crua não lhes parecia nem para eles nem para os outros uma perspectiva agradável.

Antes de voltarem às Chaminés, o marinheiro e Harbert, para o caso de o lume lhes vir a faltar definitivamente, fizeram nova colheita de litófilos e retomaram silenciosamente o caminho de casa.

Pencroff, com os olhos fixos no chão, continuava a procurar a sua caixa. Subiu mesmo a margem esquerda do rio desde a sua embocadura até ao ângulo onde o comboio da madeira havia sido preso. Voltou ao planalto superior, percorreu-o em todos os sentidos, procurou entre as ervas altas da orla da floresta — tudo em vão.

Eram cinco horas da tarde quando ele e Harbert regressaram às Chaminés. Inútil será dizer que os corredores foram revistados até nos seus recantos mais sombrios e que tiveram de renunciar decididamente a procurar mais.

Por volta das seis horas, no momento em que o sol desaparecia atrás das terras altas do oeste, Harbert, que andava para trás e para diante no areal, assinalou o regresso de Nab e de Gédéon Spilett.

Voltavam sós! O rapaz sentiu um inexprimível aperto no coração. O marinheiro não se enganara nos seus pressentimentos. O engenheiro Cyrus Smith não havia sido encontrado!

Ao chegar, o repórter sentou-se numa pedra, sem pronunciar uma única palavra. Esgotado pela fadiga, morto de fome, nem sequer podia falar.

Quanto a Nab, os seus olhos, vermelhos, mostravam como tinha chorado e novas lágrimas que não pôde conter mostravam claramente que havia perdido a esperança!

O repórter fez então a narrativa das pesquisas feitas para encontrar Cyrus Smith. Nab e ele tinham percorrido a costa numa distância de mais de oito milhas, e, por consequência, muito para além do ponto onde se tinha efetuado a penúltima queda do balão, queda que fora seguida pelo desaparecimento do engenheiro e do cão *Top*. O areal estava deserto. Nem um sinal, nem uma marca. Não havia uma pedra que mostrasse ter sido voltada recentemente, nem um indício na areia, nem a marca de um pé humano em toda aquela parte do litoral. O mar estava tão deserto como a margem, e fora lá, a poucas centenas de pés da costa, que o engenheiro ficara sepultado.

Nesse momento, Nab levantou-se e com uma voz que mostrava bem como os sentimentos de esperança eram fortes nele, exclamou:

— Não! Não! Ele não está morto! Não pode ser! Eu, ou qualquer outro está bem. Mas ele, ele é homem capaz de resistir a tudo!... — Depois as forças abandonaram-no e murmurou: — Não posso mais!

Harbert correu para ele.

— Nab — disse o rapaz —, havemos de o encontrar! Deus há de fazer com que o encontremos! Mas entretanto é preciso comer qualquer coisa. Coma, peço-lhe!

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras o jovem Harbert oferecia ao negro alguns moluscos, alimento magro e insuficiente!

Nab não comia nada há muitas horas, mas recusou. Sem o patrão, ele não podia ou não queria viver!

Quanto a Gédéon Spilett, devorou os moluscos; depois, deitou-se na areia ao pé de uma rocha. Estava extenuado mas calmo.

Então Harbert aproximou-se dele e segurando-lhe a mão disse:

— Senhor, nós descobrimos um abrigo onde estará melhor que aqui. A noite está a chegar. Venha descansar. Amanhã veremos...

O repórter levantou-se e, guiado pelo jovem, dirigiu-se para as Chaminés.

Nesse momento, Pencroff aproximou-se dele, e, com o ar mais natural, perguntou-lhe se, por acaso, não teria um fósforo.

O repórter parou, procurou nos bolsos e, não encontrando nada, disse:

— Eu tinha, mas devo ter deitado tudo...

O marinheiro chamou então Nab, fez a mesma pergunta e obteve a mesma resposta.

— Maldição! — exclamou então o marinheiro, que não pôde conter a palavra.

O repórter ouviu-o e, dirigindo-se a Pencroff:

— Não há nem um fósforo?

— Nem um e por consequência não há lume!

— Ah! — exclamou Nab —, se o meu amo aqui estivesse arranjava maneira de fazer lume!

Os quatro náufragos ficaram imóveis olhando-se com uma certa inquietação. Foi Harbert quem primeiro quebrou o silêncio, dizendo:

— Senhor Spilett, o senhor é fumador e tem sempre fósforos consigo! Talvez não tenha procurado bem. Procure melhor! Um só fósforo nos bastava!

O repórter revistou de novo os bolsos das calças, do colete, do casaco, e por fim, com grande alegria de Pencroff e sua enorme

surpresa, sentiu um pedacinho de madeira metido no forro do colete. Os seus dedos tinham sentido o fósforo através do tecido, mas não conseguiam tirá-lo. Como devia ser um fósforo e um só, tratava-se de não o estragar.

— Quer deixar-me tentar? — perguntou o rapaz.

E muito habilmente, sem o partir, conseguiu tirar o pedacinho de madeira, esse miserável fósforo perdido que para aqueles infelizes tinha tanta importância. Estava intacto.

— Um fósforo! — exclamou Pencroff. — Ah! É como se tivéssemos um carregamento completo!

Pegou no fósforo e, seguido pelos companheiros, dirigiu-se para as Chaminés.

Aquele pedacinho de madeira, que nos países habitados se gasta com tanta indiferença, e cujo valor é nulo, tinha ali um valor extraordinário e teriam de se servir dele com extrema precaução. O marinheiro assegurou-se de que o fósforo estava bem seco. Depois disse:

— Era preciso papel!

— Aqui está — retorquiu Gédéon Spilett, que, após uma certa hesitação, rasgou uma folha da sua agenda.

Pencroff pegou no bocado de papel que o repórter lhe estendia e agachou-se diante da madeira preparada. Colocou então sobre a lenha ervas secas e folhas, de modo que o ar pudesse circular facilmente e inflamar a madeira seca.

Então, Pencroff dobrou o papel em forma de cometa, como fazem os fumadores de cachimbo quando há muito vento, e introduziu-o entre as folhas. Pegou depois numa pedra pequena e ligeiramente áspera, limpou-a com cuidado, e, com o coração a

bater com força, esfregou suavemente o fósforo nela, contendo a respiração.

A primeira tentativa não produziu qualquer resultado, pois Pencroff, receando estragar o fósforo, não o esfregara com força suficiente.

— Não! — murmurou —; não consigo, sinto a mão tremer... Vou estragar o fósforo... Não posso... não quero...

E, erguendo-se, encarregou Harbert de o substituir.

Certamente nunca o jovem se sentira tão impressionado em toda a sua vida. O coração batia-lhe com força. Prometeu, ao ir roubar o fogo ao céu, não devia estar tão comovido! No entanto, não hesitou e esfregou rapidamente o fósforo na pedra. Ouviu-se então um ligeiro ruído e uma chama azulada jorrou, acompanhada por um fumozinho acre. Harbert inclinou então suavemente o fósforo, de modo a alimentar a chama, depois meteu-a na cometa de papel. O papel pegou fogo em poucos segundos e as folhas secas incendiaram-se também.

Alguns instantes mais tarde a madeira seca estalava, e uma chama alegre, ativada pelo sopro do marinheiro, surgia no meio da obscuridade.

— Finalmente! — exclamou Pencroff, pondo-se de pé. — Nunca me senti tão emocionado em toda a minha vida!

É certo que o fogo a arder na lareira fazia bem. O fumo saía facilmente pela estreita abertura e a chaminé fazia bem a tiragem. Um suave calor não tardou a espalhar-se.

Quanto ao lume tinham de ter cuidado em não o deixar apagar e conservar sempre algumas brasas debaixo das cinzas. Mas era apenas um caso de cuidado e atenção, porque madeira não faltava,

e as provisões podiam sempre ser renovadas quando fosse necessário.

Pencroff pensou logo em utilizar a lareira para preparar um prato mais alimentício que os litófilos. Harbert trouxe duas dúzias de ovos. O repórter, encostado a um canto, observava aqueles preparativos sem nada dizer. Um triplo pensamento o atormentava. Viveria ainda Cyrus? Se vivia, onde poderia estar? Se sobrevivera à queda, como explicar que não tivesse conseguido maneira de dar a conhecer a sua existência? Quanto a Nab, vagueava pelo areal. Não era mais do que um corpo sem alma.

Pencroff, que conhecia cinquenta e duas maneiras de cozinhar os ovos, não tinha naquele momento por onde escolher. Teve de se contentar em meter os ovos nas cinzas quentes e de os deixar cozer lentamente.

Poucos minutos depois, os ovos estavam prontos e o marinheiro convidou o repórter a tomar parte na ceia. Foi aquela a primeira refeição dos náufragos naquela costa desconhecida. Aqueles ovos quentes eram excelentes, e, como o ovo contém todos os elementos indispensáveis à alimentação do homem, aqueles infelizes sentiram-se muito bem e reconfortados.

Ah! Se não faltasse um deles àquela refeição! Se os cinco prisioneiros fugidos de Richmond se encontrassem todos ali, sob as rochas amontoadas, diante do fogo crepitante e claro, na areia seca, talvez tivessem apenas de dar graças ao Céu! Mas o mais engenhoso, o mais sábio também, aquele que era o seu chefe incontestado, Cyrus Smith, faltava, infelizmente, e o seu corpo nem sequer pudera repousar numa sepultura!

Assim se passou esse dia 25 de março. A noite chegara. Ouvia-se lá fora o vento soprar e a ressaca monótona bater na costa. As pedras, empurradas e arrastadas pelas ondas, faziam um ruído ensurdecedor.

O repórter retirara-se para o fundo de um corredor escuro, após ter anotado resumidamente os incidentes desse dia: o primeiro aparecimento daquela terra nova, o desaparecimento do engenheiro, a exploração da costa, o incidente com os fósforos, etc.; e, esgotado pela fadiga, conseguiu encontrar repouso no sono.

Harbert adormeceu rapidamente. Quanto ao marinheiro, dormindo com um sono leve, passou a noite perto da fogueira, com a qual não poupou combustível.

Só um dos náufragos não repousou nas Chaminés. Foi o inconsolável, o desesperado Nab, que, durante a noite inteira, e apesar do que lhe disseram os seus companheiros para o levarem a repousar, vagueou pelo areal, chamando pelo seu amo!

Capítulo 6

O inventário dos objetos que restavam aos náufragos do ar, lançados para uma costa que parecia ser desabitada, será rapidamente feito.

Não tinham nada, a não ser a roupa que vestiam no momento da catástrofe. É preciso no entanto mencionar uma agenda e um relógio que Gédéon Spilett tinha conservado por descuido, mas nem uma arma, um utensílio, nem sequer um canivete: os passageiros do aeróstato tinham lançado tudo pela borda fora para o tornar mais leve.

Os heróis imaginários de Daniel Defoe ou de Wyss, assim como os Selkirk e os Raynal, naufragados em Juan-Fernandez ou no arquipélago das Auckland, nunca se encontraram de tal modo desprovidos de tudo. Ou conseguiam tirar recursos abundantes do seu navio naufragado — em cereais, em animais, em utensílios — ou então algum destroço de naufrágio chegava à costa e lhes permitia fazer face às primeiras necessidades da vida. Não se encontravam absolutamente desarmados perante a natureza. Mas ali, nem um só instrumento, nem um utensílio. Do nada era preciso chegar a tudo!

Se ainda Cyrus Smith se encontrasse entre eles, se o engenheiro pudesse pôr a sua ciência prática, o seu espírito inventivo ao serviço dessa situação, talvez nem toda a esperança estivesse perdida! Mas infelizmente não deviam ter esperança em voltar a ver Cyrus Smith. Os náufragos não podiam esperar nada senão deles próprios e dessa Providência que nunca abandona aqueles que têm uma fé sincera.

Primeiramente, porém, teriam de, até mesmo antes de se instalarem na costa, procurar saber a que continente ela pertencia, se era habitada, ou se aquele litoral era apenas a margem de uma ilha deserta.

Era uma questão importante a resolver e no mais breve prazo. Da sua solução saíam as medidas a tomar. Todavia, segundo a opinião de Pencroff, pareceu conveniente esperar alguns dias antes de iniciarem uma exploração. Era preciso, com efeito, preparar víveres e procurar uma alimentação mais fortificante que a dos ovos e moluscos. Os exploradores, expostos a longas fadigas, sem um abrigo para repousar a cabeça, deviam, antes de tudo, procurar refazer as suas forças.

As Chaminés ofereciam um retiro suficiente, pelo menos provisoriamente. O lume estava aceso e seria possível conservar as brasas. De momento os moluscos e os ovos não faltavam nos rochedos e no areal. Arranjariam maneira de matar alguns desses pombos que voavam às centenas por cima do planalto, quer fosse com paus ou à pedrada. Talvez as árvores da floresta vizinha tivessem frutos comestíveis. Enfim, tinham água doce. Foi portanto combinado que, durante alguns dias, ficariam nas Chaminés, para se prepararem para uma exploração quer no litoral, quer no interior do país.

Este projeto convinha especialmente a Nab. Obstinado nas ideias como nos pressentimentos, não tinha pressa em abandonar aquela parte do litoral, teatro da catástrofe. Não acreditava, não queria acreditar na perda de Cyrus Smith. Não, não lhe parecia possível que tal homem pudesse ter acabado daquele modo vulgar, levado por uma onda, afogado a algumas centenas de passos da margem!

Enquanto as ondas não atirassem o corpo para a praia, enquanto ele não visse com os seus olhos, tocasse com as suas mãos, o cadáver do seu amo, não acreditaria na sua morte! E essa ideia enraizava-se cada vez mais no seu coração obstinado. Ilusão talvez. Ilusão respeitável no entanto, que o marinheiro não queria destruir! Para ele não havia qualquer esperança, e o engenheiro morreria realmente no mar, mas com Nab não se podia falar nisso. Era como o cão que não consegue abandonar o lugar onde caiu o seu dono, e a sua dor era tal que provavelmente não lhe sobreviveria.

Na manhã do dia 26 de março, de madrugada ainda, Nab tinha retomado o caminho para o norte, ao longo da costa, indo para o local onde certamente o mar se fechara sobre o corpo do infeliz Smith.

O almoço desse dia foi composto de ovos de pombo e de litófilos. Harbert encontrara sal nas concavidades dos rochedos, devido à evaporação das águas, e essa substância mineral vinha mesmo a propósito.

Terminada a refeição, Pencroff perguntou ao repórter se queria acompanhá-los à floresta, onde ele e Harbert iam tentar caçar! Mas, pensando bem, era necessário ficar ali alguém para vigiar o lume, e para o caso, pouco provável, de Nab precisar de auxílio. O repórter resolveu então ficar.

— Vamos caçar, Harbert — disse o marinheiro. — Arranjaremos munições pelo caminho e fabricaremos a nossa espingarda na floresta.

Porém, antes de partir, Harbert observou que visto faltarem as acendalhas, talvez fosse prudente substituí-las por qualquer outra substância.

— Mas qual? — perguntou Pencroff.

— Pano queimado — respondeu o rapaz. — Pode, em caso de necessidade, servir de acendalha.

O marinheiro achou a ideia muito sensata. No entanto, tinha o inconveniente de sacrificar um bocado do seu lenço. Mas como valia de facto a pena, o grande lenço de quadrados de Pencroff foi em parte reduzido ao estado de trapo queimado. Essa matéria inflamável foi colocada no quarto central, ao fundo de uma pequena cavidade da rocha, ao abrigo do vento e da humidade.

Eram então nove horas da manhã. O tempo ameaçava piorar e a brisa soprava de sudeste. Harbert e Pencroff voltaram ao canto das Chaminés, não sem terem lançado um olhar para trás, para o fumo que se torcia na extremidade da rocha; depois subiram a margem esquerda do rio.

Chegados à floresta, Pencroff partiu na primeira árvore dois ramos sólidos, que transformou em moccas e cuja extremidade Harbert afiou sobre uma rocha. Ah! Quanto não dariam para ter uma faca! Depois os dois caçadores avançaram pelas ervas altas, seguindo a margem. A partir do cotovelo formado pelo rio quando voltava para sudoeste, o caudal diminuía a pouco e pouco e as suas margens formavam um leito muito fundo, coberto pelo duplo arco das árvores. Pencroff, para não se perder, resolveu seguir o curso de água, que o levaria sempre ao seu ponto de partida. Mas a margem não deixava de apresentar alguns obstáculos, como por exemplo árvores cujos troncos flexíveis se curvavam até ao nível da corrente, ou lianas e picos que era necessário partir com pancadas dos paus. Muitas vezes Harbert deslizava entre o mato com a leveza de um

gato, e desaparecia da vista de Pencroff. Mas este chamava-o logo e pedia-lhe para não se afastar.

No entanto, o marinheiro observava com atenção aquilo que o rodeava. Na margem esquerda o solo era plano e subia sensivelmente para o interior. Algumas vezes húmido, tomava em certos sítios um aspeto pantanoso. Sentia-se ali toda uma rede subjacente de fios de água que, por qualquer fenda interior, deviam correr para o rio. Algumas vezes também, um riacho corria através do matagal, que se atravessava sem dificuldade. A margem oposta parecia ser mais acidentada, e o vale, cujo talvegue era ocupado pelo rio, desenhava-se ali muito nitidamente. A colina, coberta de árvores dispostas em andares, formava um cortinado que tapava a vista. Nessa margem direita a marcha seria muito difícil, pois os declives desciam bruscamente e as árvores, curvadas para a água, só se mantinham pela força das suas raízes.

Inútil acrescentar que essa floresta, tanto como a costa já percorrida, estava virgem de qualquer presença humana. Pencroff observou ali sinais de quadrúpedes, pegadas recentes de animais cuja espécie ele não conseguia reconhecer. Certamente — e foi essa também a opinião de Harbert —, algumas dessas pegadas tinham sido ali deixadas por animais formidáveis com os quais teriam sem dúvida de contar; mas em parte nenhuma se via a marca de um machado numa árvore, nem restos de uma fogueira apagada, nem a marca de um pé. Talvez se devessem felicitar por isso, pois ali, em pleno Pacífico, a presença do homem seria talvez mais de temer do que de desejar.

Harbert e Pencroff, conversando pouco, pois as dificuldades do caminho eram grandes, avançavam muito lentamente, e, após uma

hora de marcha, tinham apenas percorrido uma milha. Até então a caçada não fora frutuosa. No entanto alguns pássaros cantavam e esvoaçavam entre a ramaria e mostravam-se muito fugidios, como se o homem lhes inspirasse instintivamente um justo receio. Entre outras aves, Harbert assinalou, numa parte pantanosa da floresta, um pássaro de bico agudo e alongado, que se assemelhava anatomicamente a um maçarico. Distinguia-se todavia dele pela plumagem bastante abundante e com um brilho metálico.

— Deve ser um jacamar — disse Harbert, tentando aproximar-se de modo a que o animal ficasse ao seu alcance.

— Seria uma boa ocasião para provar um jacamar, se esse animal estivesse na disposição de se deixar assar — respondeu Pencroff.

Nesse momento, uma pedra, habilmente lançada pelo rapaz, atingiu a ave junto da asa; mas a pancada não foi suficiente, pois o jacamar fugiu a toda a velocidade e desapareceu num instante.

— Desajeitado que eu sou! — exclamou Harbert.

— Não, meu rapaz! — respondeu o marinheiro. — A pedrada foi bem atirada e muitos teriam falhado. Vá, não te aborreças. Outro dia o apanharás!

A exploração continuou. À medida que os caçadores avançavam, as árvores iam-se tomando mais espaçadas e magníficas, mas nenhuma delas produzia frutos comestíveis. Pencroff procurou em vão algumas dessas preciosas palmeiras que tantas utilizações têm e cuja presença foi assinalada até ao paralelo 40° do hemisfério boreal e apenas até ao paralelo 35° do hemisfério austral. Mas aquela floresta compunha-se apenas de coníferas, como as *déodars*, já reconhecidas por Harbert, *douglas* semelhantes às que crescem na

costa noroeste da América e pinheiros admiráveis, medindo cento e cinquenta pés de altura.

Nesse momento, um bando de aves pequenas e com uma bela plumagem, de cauda comprida e cintilante, espalharam-se pelos ramos, deixando cair as suas penas, pouco presas, que cobriram o solo de uma fina penugem. Harbert apanhou algumas dessas penas e depois de as ter examinado, disse:

— São «curucus».

— Eu preferia uma galinha-do-mato ou um galo — respondeu Pencroff. — Mas enfim, são bons para comer?

— São bons para comer e a carne deles é até muito delicada — replicou Harbert. — De resto, se não me engano, é fácil aproximarmo-nos deles e matá-los com um pau.

O marinheiro e o rapaz, deslizando por entre as árvores, chegaram junto de uma, cujos ramos mais baixos se encontravam cheios desses pequenos pássaros. As aves esperavam a passagem dos insetos de que se alimentavam. Viam-se as suas patas emplumadas apertar fortemente os rebentos onde se apoiavam.

Os caçadores levantaram-se então, e, manobrando os seus paus como se fossem foices, arrasaram filas inteiras desses pássaros, que não pensavam em fugir e se deixavam estupidamente abater. Uma centena juncava o solo quando os outros se decidiram a fugir.

— Bem — disse Pencroff —, aqui está uma caça ao alcance de caçadores como nós! Poderíamos apanhá-los à mão!

O marinheiro enfiou os passarinhos numa vara flexível como se fossem cotovias, e a exploração continuou. Puderam observar que o curso de água se encurvava ligeiramente, de maneira a formar um desvio para sul, mas essa volta provavelmente não se prolongava,

pois o rio devia nascer na montanha e alimentar-se das neves fundidas que atapetavam as encostas do cone central.

O principal objetivo daquela expedição era, como sabemos, tentar arranjar a maior quantidade de caça. Não se podia dizer que até ali o objetivo tivesse sido atingido. Por isso o marinheiro prosseguiu apressadamente as suas pesquisas, resmungando quando qualquer animal, que ele nem tinha tempo de reconhecer, se escapulia entre as ervas altas. Se ao menos tivesse ali o cão *Top!* Mas *Top* seguira o dono e provavelmente morrera com ele!

Por volta das três horas da tarde, novos bandos de pássaros foram vistos através dos ramos das árvores cujas bagas aromáticas eles bicavam, entre outras os zimbros. De súbito, um verdadeiro toque de trompeta ecoou na floresta. Essas estranhas e sonoras fanfarras eram produzidas por esses galináceos a que nos Estados Unidos se dá o nome de «tetráz». Em breve viram alguns casais, de pelagem variada, entre o tom fulvo e o castanho, e com a cauda castanha. Harbert reconheceu os machos pelas asas pontiagudas e também pelas penas levantadas no pescoço. Pencroff achou indispensável apoderar-se de um desses galináceos, do tamanho de uma galinha, cuja carne é tão boa como a da ganga. Mas era difícil, pois elas não deixavam que se aproximassem. Após várias tentativas infrutíferas, que apenas tiveram como resultado assustar as aves, o marinheiro disse ao rapaz:

— Decididamente, visto que não conseguimos apanhá-las em voo, vamos apanhá-las à linha.

— Como carpas? — perguntou Harbert, muito surpreendido pela proposta.

— Como carpas — respondeu com toda a seriedade o marinheiro.

Pencroff descobrira entre a erva meia dúzia de ninhos de tetrazes, tendo cada um deles dois ou três ovos. Teve o maior cuidado em não tocar nesses ninhos, onde os seus proprietários não deixariam de voltar. Foi em redor deles que ele imaginou estender as suas linhas — não linhas de coser, mas verdadeiras linhas de pesca. Levou Harbert até uma certa distância dos ninhos e ali preparou as suas linhas com o cuidado que utilizaria um discípulo de Isaac Walton⁴. Harbert seguia esse trabalho com um interesse fácil de compreender, embora duvidando do seu êxito. As linhas foram feitas de finas lianas amarradas umas às outras, as quais atingiam um comprimento de quinze a vinte pés. Grossos espinhos muito fortes, de pontas curvas, fornecidos por um arbusto de acácias-anãs, foram ligados às extremidades, como se fossem anzóis. Quanto à isca, serviram-se de grandes vermes vermelhos que por ali havia.

Feito isto, Pencroff passou entre as ervas altas, escondeu-se habilmente e foi colocar as suas linhas armadas de anzóis perto dos ninhos dos tetrazes; depois, voltou para a outra extremidade e escondeu-se com Harbert atrás de uma grande árvore. Ambos esperaram então pacientemente. Harbert, deve-se dizê-lo, não esperava grande resultado da manobra do inventivo Pencroff.

Passou-se uma longa meia hora, mas, como o marinheiro havia previsto, vários casais de tetrazes voltaram para os seus ninhos. Saltitavam, bicavam o solo, sem pressentirem a presença dos caçadores, que de resto tinham tido o cuidado de se colocarem contra o vento.

O jovem sentia-se nesse momento vivamente interessado. Continha a respiração, e Pencroff, com os olhos franzidos, a boca aberta, os lábios para a frente como se fosse provar um pedaço de tetraz, mal respirava.

Entretanto, os galináceos passeavam entre os anzóis, sem lhes prestarem atenção. Pencroff deu então leves sacudidelas que agitavam os vermes que serviam de isca, como se estes ainda estivessem vivos.

Certamente que, nesse momento, o marinheiro sentia uma emoção muito mais forte do que a do pescador à linha que não pode ver aproximar-se a sua presa através das águas.

As sacudidelas despertaram a atenção dos galináceos e os anzóis foram atacados à bicada. Três tetrazes, vorazes sem dúvida, engoliram ao mesmo tempo a isca e o anzol. De repente, com um puxão seco, Pencroff «ferrou» o seu engenho e um bater de asas indicou-lhe que as aves estavam presas.

— Viva! — exclamou, precipitando-se para a caça, de que se apoderou num instante.

Harbert bateu palmas. Era a primeira vez que via apanhar pássaros à linha, mas o marinheiro, muito modesto, afirmou-lhe que era apenas uma experiência e que de resto não tinha sequer o mérito da invenção.

— Em todo o caso — acrescentou —, na situação em que nos encontramos, devemos experimentar muitos outros métodos!

Os tetrazes foram amarrados pelas patas e Pencroff, satisfeito por não regressar de mãos vazias, e vendo que o dia começava a declinar julgou conveniente regressarem a casa.

A direção a seguir era indicada pelo rio, cujo curso tinham agora de descer, e, por volta das seis horas, bastante fatigados com a excursão, Harbert e Pencroff voltavam às Chaminés.

Capítulo 7

Gédéon Spilett, imóvel, com os braços cruzados, encontrava-se então no areal, observando o mar cujo horizonte se confundia a leste com uma grande nuvem negra que subia rapidamente para o zénite. O vento já estava forte e refrescava com o declínio do dia. Todo o céu tinha mau aspeto e os primeiros sintomas de temporal manifestavam-se visivelmente.

Harbert entrou nas Chaminés e Pencroff dirigiu-se para o repórter. Aquele, muito absorto, não o vira chegar.

— Vamos ter uma má noite, senhor Spilett! — disse o marinheiro.
— Chuva e vento para fazerem a alegria das procelárias⁵.

O repórter, voltando-se então, viu Pencroff e as suas primeiras palavras foram estas:

— A que distância da costa, segundo a sua opinião, terá o nosso companheiro sido arrastado para o mar?

O marinheiro não esperava aquela pergunta. Refletiu um instante e respondeu:

- A uma distância de dois cabos, quando muito.
- Mas o que é um cabo? — perguntou Gédéon Spilett.
- Cerca de cento e vinte braças, ou seiscentos pés.
- Assim — disse o repórter —, Cyrus Smith teria desaparecido a uma distância de mil e duzentos pés da margem?
- Cerca disso.
- E o cão dele também?
- Também.

— O que me espanta — replicou o repórter —, admitindo que o nosso companheiro tenha perecido, é que *Top* morresse também, e que nem o corpo dele nem o do dono tenham sido lançados para a praia!

— Não é de admirar com um mar tão forte — respondeu o marinheiro. — De resto, pode ser que as correntes os tenham arrastado para mais longe, na costa.

— Então a sua opinião é de que o nosso companheiro pereceu nas ondas? — perguntou mais uma vez o repórter.

— É a minha opinião.

— A minha opinião — replicou Gédéon Spilett —, apesar de confiar na sua experiência, é que o duplo facto do desaparecimento de Cyrus Smith e do cão, vivos ou mortos, tem qualquer coisa de inexplicável e de inverosímil.

— Gostaria de pensar assim, senhor Spilett — respondeu Pencroff. — Infelizmente, estou convencido de que ambos morreram!

Dizendo isto, o marinheiro voltou para as Chaminés. Um bom fogo crepitava na lareira. Harbert acabara de para lá deitar um feixe de madeira seca e as chamas projetavam a sua claridade no sombrio corredor.

Pencroff ocupou-se imediatamente na preparação do jantar. Pareceu-lhe conveniente introduzir na ementa um prato mais resistente, pois todos tinham necessidade de reparar as suas forças. Os «curucus» foram reservados para o dia seguinte, mas depenaram dois tetrazes, e daí a pouco, espetadas numa vara, as duas aves alouravam diante do fogo crepitante.

Às sete horas da noite, Nab ainda não regressara. Essa prolongada ausência só podia inquietar Pencroff a respeito do negro. Devia recear ou que lhe tivesse sucedido qualquer acidente nessa terra desconhecida ou que o infeliz sucumbisse ao desespero. Mas Harbert tirou dessa ausência consequências muito diferentes. Para ele, se Nab não voltava era porque uma nova circunstância o levava a prolongar as suas pesquisas. Ora, sendo assim, isso só poderia redundar em vantagem para Cyrus Smith. Por que razão Nab não voltaria, se uma esperança qualquer não o prendesse? Talvez tivesse achado algum indício, uma pegada, uma marca qualquer, um destroço que o tivesse levado a uma nova pista. Talvez nesse momento Nab se encontrasse até junto do seu amo...

Assim raciocinava o jovem. Os seus companheiros deixavam-no falar, mas só o repórter o aprovava com gestos. Mas, para Pencroff, o que era provável é que Nab, levando mais longe que na véspera as suas pesquisas, não tivesse tido ainda tempo de regressar.

No entanto, Harbert, muito agitado por vagos pressentimentos, manifestou várias vezes a intenção de ir ao encontro de Nab. Mas Pencroff fez-lhe compreender que seria uma cansaça inútil, pois no meio da escuridão e com aquele tempo deplorável não poderia encontrar rastos de Nab, e que valia mais esperar. Se no dia seguinte Nab não tivesse aparecido, Pencroff não hesitaria em juntar-se a Harbert para ir procurar o negro.

Gédéon Spilett aprovou a resolução do marinheiro a respeito de ser preferível não se separarem, e Harbert teve de renunciar ao seu projeto; mas duas grandes lágrimas rolaram dos seus olhos.

O repórter não pôde deixar de abraçar o generoso rapaz.

O mau tempo tinha-se desencadeado em absoluto. Um vento do sudeste varria a costa com uma violência incrível. Ouviam o mar, que na ocasião estava na vazante, rugir contra os rochedos, ao largo do litoral. A chuva, pulverizada pelo furacão, formava como que uma cortina de nevoeiro líquido. Dir-se-iam vapores destroçados que se arrastassem sobre a costa. Os seixos entrechocavam-se violentamente com estrépito medonho.

A areia, levantada pelo vento, misturava-se com a chuva e tomava o ataque dos elementos insustentável. Havia no ar tanta poeira mineral como poeira aquática. Entre a embocadura do rio e a muralha viam-se grandes redemoinhos e as camadas de ar que se escapavam desse furacão não encontravam outra saída senão o estreito vale ao fundo do qual ficava o rio, entrando aí com irresistível violência. Desse modo, o fumo da lareira era empurrado para dentro das Chaminés, tornando o interior e os seus corredores inabitáveis.

Por isso, logo que os galináceos ficaram prontos, Pencroff deixou apagar o lume, ficando apenas as brasas a arder sob as cinzas da lareira.

Às oito horas, Nab não regressara ainda; mas agora podiam admitir que aquela terrível tempestade o impedia de voltar e o obrigara a abrigar-se em qualquer cavidade para esperar pelo fim da tormenta, ou pelo menos que fosse dia. Quanto a tentar ir ao encontro dele naquelas condições, era impossível.

A caça era o único prato da ceia. Os náufragos comeram com vontade aquela carne excelente. Pencroff e Harbert, aos quais a longa caminhada abria o apetite, devoraram-na.

Em seguida, cada um se retirou para o canto em que dormira na noite anterior e Harbert não tardou a adormecer perto de Pencroff, que se estendeu junto da lareira.

Lá fora, com a noite que avançava, a tempestade tomava proporções formidáveis. Era um temporal comparável àquele que trouxera os prisioneiros de Richmond até àquela terra do Pacífico. Tempestades frequentes durante o equinócio, fecundas em catástrofes, terríveis sobretudo naqueles largos espaços que não opõem nenhum obstáculo ao seu furor! Compreende-se que uma costa tão exposta a leste, isto é, diretamente ao furacão, fosse assolada com uma violência de que nenhuma descrição pode dar uma pálida ideia.

Felizmente que o amontoado de rochedos que formavam as Chaminés era sólido. Eram enormes bocados de granito, dos quais alguns, insuficientemente equilibrados, pareciam tremer na sua base. Pencroff sentia isso e sob as suas mãos, apoiadas às paredes, corriam rápidos estremecimentos. Mas dizia a si próprio, e com razão, que não havia nada a temer e que o improvisado refúgio não se desmoronaria. No entanto, ouvia o ruído de pedras que se soltavam do alto do planalto e que caíam sobre o areal. Algumas chegavam mesmo a rolar sobre a parte superior das Chaminés, ou desfaziam-se em pedaços quando eram projetadas perpendicularmente. Por duas vezes o marinheiro se ergueu e foi de rastos até à abertura do corredor para observar o que se passava lá fora. Mas esses desmoronamentos pouco consideráveis não constituíam qualquer perigo, e ele voltava para o seu lugar junto da lareira, onde as brasas ardiam sob a cinza.

Apesar dos furores do furacão, do ruído da tempestade, do trovão e da tormenta, Harbert dormia profundamente. O sono acabou até por se apoderar de Pencroff, a quem a vida de marinheiro habituara a todas as intempéries.

Só Gédéon Spilett se mantinha acordado pela inquietação. Censurava-se por não ter acompanhado Nab. O negro nunca perdera a esperança. Os pressentimentos que tinham atingido Harbert não o abandonavam. O seu pensamento estava concentrado em Nab. Por que não teria ele regressado? E, sem dormir, agitava-se na sua cama de areia, dando apenas uma vaga atenção à fúria dos elementos. Às vezes os seus olhos, pesados de fadiga, fechavam-se por uns momentos, mas logo um rápido pensamento fazia com que se abrissem quase logo a seguir.

Entretanto a noite avançava e podiam ser umas duas horas da manhã quando Pencroff, então profundamente adormecido, foi vigorosamente sacudido.

— O que é? — exclamou ao acordar e recuperando imediatamente a lucidez com a prontidão peculiar dos homens do mar.

O repórter estava inclinado sobre ele e dizia-lhe:

— Ouça, Pencroff, ouça!

O marinheiro prestou atenção e não distinguiu nenhum ruído além do das rajadas de vento.

— É o vento — disse.

— Não — respondeu Gédéon Spilett, pondo-se à escuta. — Julguei ouvir...

— O quê?

— Os latidos de um cão!

— Um cão! — exclamou Pencroff que se ergueu de um salto.

— Sim... latidos...

— Isso não é possível! — respondeu o marinheiro. — E de resto, como é que no meio da tempestade...

— Ouça... Ouça... — disse o repórter.

Pencroff escutou mais atentamente e julgou, com efeito, num momento de acalmia, ouvir latidos afastados.

— Então? — disse o repórter, apertando a mão do marinheiro.

— Sim... sim! — respondeu Pencroff.

— É *Top*! — exclamou Harbert, que acordara nesse momento, e os três correram para a abertura das Chaminés.

Tiveram enorme dificuldade em sair. O vento empurrava-os. Mas por fim conseguiram sair, só se conseguindo manter de pé encostados às rochas. Olharam, já que não podiam falar.

A escuridão era total. O mar, a terra, o céu, confundiam-se na mesma intensidade das trevas. Parecia não existir um átomo de claridade espalhado na atmosfera.

Durante alguns minutos o repórter e os seus dois companheiros permaneceram assim, como que esmagados pela tempestade, molhados pela chuva, cegos pela areia. Depois voltaram a ouvir os latidos durante uns momentos em que a tormenta amainou, e pareceu-lhes que estavam bastante longe.

Só podia ser *Top* a ladrar assim! Mas estaria só ou acompanhado? Era provável que estivesse só, pois se Nab estivesse com ele dirigir-se-ia sem tardar para as Chaminés.

O marinheiro apertou a mão do repórter, que não podia ouvi-lo, de uma maneira que queria dizer: «Esperem!» e entrou no corredor.

Momentos depois saía com um pau a arder, cuja luz se projetava nas trevas, e soltava assobios estridentes.

A esse sinal, que quase parecia ser esperado, responderam latidos mais próximos e em breve um cão se precipitou no corredor. Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett entraram atrás dele. Um feixe de lenha seca foi lançado sobre os carvões. Uma chama viva iluminou o corredor.

— É *Top!* — exclamou Harbert.

Era *Top*, com efeito, um magnífico anglo-normando, que tinha dessas duas raças cruzadas a velocidade de pernas e a finura do olfato, as duas qualidades por excelência de um cão de raça.

Era o cão do engenheiro Cyrus Smith.

Mas estava só. Nem Nab nem o seu dono o acompanhavam!

No entanto, como é que o seu instinto o tinha podido conduzir até às Chaminés, que ele não conhecia? Isso parecia inexplicável, sobretudo no meio daquela noite escura, e com uma tal tempestade! Mas, pormenor mais inexplicável ainda, *Top* não estava nem fatigado, nem esgotado, nem sequer sujo de lama ou de areia!...

Harbert tinha-o atraído contra si e comprimia-lhe a cabeça entre as suas mãos.

— Se o cão se encontrou, o dono há de encontrar-se também! — disse o repórter. — Vamos. *Top* guiar-nos-á!

Pencroff não pôs objeções. Sentia bem que a chegada de *Top* começava a desmentir as suas conjeturas.

— A caminho! — disse.

Pencroff cobriu cuidadosamente os carvões da lareira. Pôs alguns bocados de madeira debaixo das cinzas, de maneira a encontrar fogo quando voltasse. Depois, precedido pelo cão, que parecia

chamá-lo com pequenos latidos, e seguido do repórter e do jovem, saiu para fora, depois de ter levado consigo os restos da ceia.

A tempestade estava então em toda a sua violência e talvez mesmo no auge da intensidade. A lua nova não deixava filtrar a mínima claridade através das nuvens. Seguir um caminho retilíneo tornava-se difícil. O melhor era entregarem-se ao instinto de *Top*. Foi o que fizeram. O repórter e o jovem Harbert caminhavam atrás do cão, e o marinheiro fechava a marcha. Nenhuma troca de palavras seria possível. A chuva não caía muito abundantemente, pois era pulverizada pelo vento, mas a tempestade era terrível.

No entanto, uma circunstância feliz favoreceu os três companheiros. Com efeito o vento era de sudeste e por consequência batia-lhes nas costas e empurrava-os de maneira que não lhes dificultava a marcha. Eles iam por vezes mais depressa do que queriam, e precipitavam os seus passos para não serem atirados ao chão, mas a imensa esperança que os animava dava-lhes forças e sentiam que pela primeira vez não procuravam ao acaso. Não tinham dúvidas de que o fiel Nab teria encontrado o amo, e depois enviado *Top* a avisá-los. Mas estaria o engenheiro vivo ou Nab teria ficado junto dele apenas para prestar as últimas honras ao cadáver do infeliz Smith?

Depois de terem passado pelo pedaço da rocha que dividia a terra alta, Harbert, o repórter e Pencroff pararam para tomar fôlego. A esquina do rochedo abrigava-os contra o vento e eles respiraram após essa marcha de um quarto de hora, que mais havia sido uma corrida.

Nesse momento, eles podiam ouvir-se e responder, e quando o jovem Harbert pronunciou o nome de Cyrus Smith *Top* ladrou como

se quisesse dizer que o dono estava salvo.

— Salvo, não é verdade? — repetia Harbert. — Salvo, *Top*?

E o cão ladrava como para responder.

A marcha recomeçou. Eram cerca de duas horas e meia da manhã. O mar começava a subir, e, empurrada pelo vento, essa maré, que era uma maré de sizígia, podia tornar-se muito forte. As grandes vagas trovejavam contra a orla dos rochedos e assaltavam-nos com tal violência que provavelmente deviam passar por cima do ilhéu, nessa altura absolutamente invisível. Esse longo dique já não cobria a costa, que se encontrava diretamente exposta aos choques do largo.

Logo que o marinheiro e os seus companheiros se afastaram do abrigo daquele bocado da muralha rochosa, o vento começou a fustigá-los de novo com extremo furor. Curvados, com as costas voltadas para as rajadas de vento, caminhavam muito depressa, seguindo *Top*, que não hesitava a respeito da direção a seguir. Subiam para norte, tendo à sua direita uma interminável crista de vagas que se iam lançar sobre a costa com um ruído ensurdecido, e à sua esquerda uma região que no meio da escuridão não podiam ver. Mas sentiam que devia ser relativamente plana, pois o furacão passava nessa ocasião por cima deles sem fazer ricochete, o que não se dava quando açoitava a muralha de granito.

Às quatro horas da manhã podiam calcular que havia sido percorrida uma distância de cinco milhas. As nuvens tinham-se tornado ligeiramente menos densas e já não se arrastavam pelo solo. A rajada, menos húmida, propagava-se em correntes de ar muito fortes, mais secas e mais frias. Insuficientemente protegidos pelo vestuário, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett deviam sofrer

cruelmente, mas nem uma queixa saía dos lábios deles. Estavam decididos a seguir *Top* até onde o inteligente animal quisesse conduzi-los.

Por volta das cinco horas, o dia começou a nascer. Primeiro no zénite, onde os vapores eram menos espessos, uns tons acinzentados começaram a recortar a extremidade das nuvens, em breve, sob uma faixa opaca, um rasto luminoso desenhou nitidamente o horizonte marítimo. A crista das ondas começou a ser salpicada de claridades fulvas e a espuma voltava a ser branca. Ao mesmo tempo, para a esquerda, as partes acidentadas do litoral começavam a esbater-se confusamente, num tom cinzento sobre o negro.

Às seis horas da manhã, o dia tinha nascido. As nuvens corriam com extrema rapidez numa zona relativamente alta. O marinheiro e os seus companheiros estavam então a cerca de seis milhas das Chaminés. Seguiam um areal muito plano ladeado de rochedos, cujos cumes emergiam da água, pois a maré estava cheia. Para a esquerda, a região era acidentada com dunas eriçadas por cardos, que lhes davam o aspeto selvagem de uma região arenosa. O litoral era pouco recortado e apenas oferecia ao oceano a barreira de uma cadeia bastante irregular de montículos. Aqui e ali, uma ou duas árvores esbracejavam, inclinadas para oeste, com os ramos projetados para essa direção. Muito para trás, no sudoeste, arredondava-se a orla da última floresta.

Nessa altura, *Top* deu inequívocos sinais de agitação. Ia à frente, voltava para junto do marinheiro como para lhe dizer que apressasse o passo. O cão tinha então deixado o areal, e, levado pelo seu

admirável instinto, sem mostrar uma só hesitação, entrara decididamente por entre as dunas.

Seguiram-no. A região parecia ser absolutamente deserta. Nem um único ser vivo a animava.

A entrada das dunas, muito larga, compunha-se de montículos, e até mesmo de colinas caprichosamente distribuídas. Era como uma pequena Suíça de areia e só um instinto prodigioso se poderia ali orientar.

Cinco minutos depois de terem deixado o areal, o repórter e os seus companheiros chegavam a uma espécie de escavação aberta numa alta duna. Ali, *Top* parou e soltou um latido muito claro. *Spilett*, *Harbert* e *Pencroff* penetraram nessa gruta.

Nab encontrava-se lá dentro ajoelhado perto de um corpo estendido sobre uma cama de ervas...

Esse corpo era o do engenheiro *Cyrus Smith*.

Capítulo 8

Nab não se mexeu. O marinheiro disse apenas uma palavra:

— Vivo?

Nab não respondeu. Gédéon Spilett e Pencroff tornaram-se pálidos. Harbert juntou as mãos e ficou imóvel. Mas era evidente que o pobre negro, esmagado pela dor, não vira os seus companheiros nem ouvira as suas palavras.

O repórter ajoelhou junto do corpo sem movimento, e pôs o ouvido no peito do engenheiro, cujas roupas entreabriu. Um minuto — um século! — passou-se, enquanto ele procurava surpreender qualquer pulsação do coração.

Nab endireitara-se um pouco e olhava sem ver. O desespero não podia alterar mais um rosto humano. Nab estava irreconhecível, esgotado pela fadiga, quebrado pela dor. Ele julgava o seu patrão morto.

Gédéon Spilett, após um atento e demorado exame, soergueu-se e disse:

— Está vivo!

Pencroff pôs-se também de joelhos ao lado do repórter; os seus ouvidos captaram também as fracas pulsações do coração do engenheiro e sentiu no seu rosto o leve sopro que saía da boca deste.

Harbert, a uma palavra do repórter, correu para fora para ir buscar água. A cem passos dali encontrou um riacho de água límpida, evidentemente muito engrossado pela chuva da véspera, e que filtrava a sua água através da areia. Mas não tinha nada para

transportar a água, não havia nem uma concha nessas dunas! O rapaz teve de se contentar em molhar o lenço no riacho e voltou a correr para a gruta.

Felizmente, o lenço molhado foi suficiente para Gédéon Spilett, que apenas queria humedecer os lábios do engenheiro. Essas moléculas de água fresca produziram um efeito quase imediato. Um suspiro escapou-se do peito de Cyrus Smith, e pareceu mesmo que ele queria pronunciar algumas palavras.

— Salvá-lo-emos! — disse o repórter.

Nab recuperou a esperança ao ouvir estas palavras. Despiu o amo, para ver se o corpo não apresentaria qualquer ferimento, mas nem a cabeça, nem o dorso, nem os membros apresentavam contusões, nem sequer arranhadelas, o que era surpreendente, pois o corpo de Cyrus Smith devia ter rebolado pelo meio das rochas; até as próprias mãos estavam intactas, e era difícil de explicar por que razão o engenheiro não ficara com marcas do esforço que fizera para passar a linha dos rochedos.

Contudo, a explicação dessa circunstância só surgiria mais tarde. Quando Cyrus Smith pudesse falar ele diria o que se havia passado. De momento tratava-se de o chamar à vida, e era provável que algumas fricções o reanimassem. Foi o que fizeram, esfregando-o com a blusa do marinheiro. O engenheiro, aquecido por essa rude massagem, mexeu ligeiramente os braços e a sua respiração tomou-se mais regular. Morria de esgotamento e certamente que sem a chegada do repórter e dos seus companheiros teria perecido.

— Julgou que o seu patrão estava morto? — perguntou o marinheiro a Nab.

— Sim, julguei, e se *Top* os não tivesse encontrado, se não tivessem vindo, eu teria enterrado o meu amo e teria morrido junto dele!

Vê-se como a vida de Cyrus Smith estivera por um fio.

Nab contou então o que se passara. Na véspera, depois de ter saído das Chaminés de madrugada, subira a costa na direção do noroeste e chegara à parte do litoral que já visitara.

Ali, sem nenhuma esperança, ele procurara entre os rochedos, na areia, os mais leves indícios que pudessem guiá-lo. Examinara sobretudo a parte do areal que não ficava coberta pelo mar, pois, na sua orla, o fluxo e refluxo deviam ter apagado qualquer indício. Nab não esperava voltar a encontrar o seu amo vivo. O que ele assim procurava era um cadáver, um cadáver que ele queria enterrar com as suas próprias mãos.

Nab procurara durante muito tempo. Os seus esforços foram infrutíferos. Parecia que essa costa deserta nunca fora frequentada por um ser humano. As conchas, aquelas que o mar não podia atingir, e que se encontravam ali aos milhares, estavam intactas. Não havia uma única concha esmagada. Num espaço de duzentas a trezentas jardas⁶, não existia nenhum sinal de passagem, nem recente nem remoto.

Nab resolvera então subir algumas milhas da costa. Podia ser que as correntes tivessem arrastado o corpo para qualquer ponto mais afastado. Quando um cadáver flutua a pequena distância de uma margem plana, é muito raro que as ondas não o atirem para lá mais cedo ou mais tarde. Nab sabia isso e queria voltar a ver o seu amo pela última vez.

— Percorri a costa durante mais duas milhas — contou Nab — e passei em revista toda a linha dos recifes na maré baixa e todo o areal na maré alta, e desesperava já de encontrar fosse o que fosse, quando ontem, por volta das cinco horas da tarde, vi na areia pegadas.

— Pegadas? — exclamou Pencroff.

— Sim — respondeu Nab.

— E essas pegadas começavam junto dos recifes? — perguntou por sua vez o repórter.

— Não, apenas no areal; as outras devem ter sido apagadas pelas águas.

— Continua, Nab — disse Gédéon Spilett.

— Quando vi essas pegadas fiquei como louco. Viam-se bem e dirigiam-se para as dunas. Segui-as durante um quarto de milha, correndo, mas tendo o cuidado de as não apagar. Cinco minutos depois, quando já anoitecia, ouvi ladrar um cão. Era *Top*, e ele conduziu-me para aqui, para junto do meu amo!

Nab terminou a sua narrativa contando a sua dor ao ver o corpo inanimado. Tentara detetar nele alguns restos de vida! Agora que o encontrara morto, queria-o vivo! Todos os seus esforços tinham sido vãos! Tinha apenas de prestar as últimas homenagens àquele a quem tanto amava!

Nab pensara então nos seus companheiros. Estes queriam, sem dúvida, ver peia última vez o infeliz! *Top* encontrava-se ali. Não poderia confiar na sagacidade do animal? Nab pronunciara então várias vezes o nome do repórter, pois era dos companheiros do engenheiro quem ele conhecia melhor. Depois indicou-lhe o sul da costa, e o cão correu para a direcção que lhe foi indicada.

Já sabemos como, guiado por um instinto que se pode considerar quase como sobrenatural, pois o animal nunca tinha ido às Chaminés, ele ali fora ter.

Os companheiros de Nab ouviram esta narração com enorme atenção. Havia para eles qualquer coisa de inexplicável no facto de Cyrus Smith, depois dos esforços que fizera para escapar às ondas, atravessando os recifes, não ter nem sequer uma arranhadura. E o que ainda se explicava menos era que o engenheiro tivesse podido atingir, a mais de uma milha da costa, aquela gruta perdida no meio das dunas.

— Assim, Nab — disse o repórter —, não foste tu que trouxeste o teu amo até aqui?

— Não, não fui eu — respondeu Nab.

— É evidente que o senhor Smith veio sozinho — disse Pencroff.

— É evidente, com efeito — replicou Gédéon Spilett —; mas não é crível!

Só poderiam ouvir a explicação desse facto da boca do engenheiro. Para isso era preciso esperar que ele se encontrasse em condições de falar. Felizmente, o engenheiro parecia estar a voltar a si. As mensagens restabeleceram a circulação. Cyrus Smith mexeu de novo os braços e depois a cabeça, enquanto algumas palavras incompreensíveis lhe saíam dos lábios.

Nab, inclinado sobre ele, chamava-o, mas o engenheiro parecia não o ouvir e conservava os olhos fechados. A vida só se revelava nele por meio dos movimentos que fazia. Os sentidos ainda não estavam despertos.

Pencroff lamentou não ter lume, nem maneira de o arranjar, pois infelizmente esqueceram-se de levar o bocado de lenço queimado, que

teria facilmente incendiado, friccionando-o entre duas pedras. Quanto aos bolsos do engenheiro, estavam completamente vazios, exceto o do colete, que continha o seu relógio. Era preciso portanto transportar Cyrus Smith para as Chaminés o mais depressa possível. Foi essa a opinião de todos.

Entretanto, os cuidados prodigalizados ao engenheiro fizeram-no voltar a si mais depressa do que esperavam. A água com que lhe humedeciam os lábios reanimava-o a pouco e pouco. Pencroff teve a ideia de juntar a essa água um pouco de suco da carne do tetraz que tinha levado. Harbert, que tinha corrido até à praia, voltara com duas grandes conchas de bivalves. O marinheiro compôs então uma mistura que introduziu entre os lábios do engenheiro, que pareceu engolir avidamente o alimento.

Os seus olhos abriram-se então. Nab e o repórter estavam inclinados para ele.

— Meu amo! Meu amo! — exclamou Nab.

O engenheiro ouviu-o. Reconheceu Nab e Spilett e depois os dois outros companheiros, Harbert e o marinheiro, e apertou ligeiramente as mãos deles.

Algumas palavras escaparam-se de novo dos seus lábios — palavras que já antes pronunciara, sem dúvida, e que indicavam que pensamentos atormentavam o seu espírito. Dessa vez as palavras foram compreendidas.

— Ilha ou continente? — murmurou.

— Ah! — exclamou Pencroff, que não pôde conter essa exclamação. — Com todos os diabos, não queremos saber disso, queremos é que o senhor viva. Mais tarde se verá.

O engenheiro fez um leve sinal afirmativo e pareceu voltar a adormecer.

Respeitaram o seu sono e o repórter tomou imediatamente as disposições necessárias para o transporte do engenheiro nas melhores condições. Nab, Harbert e Pencroff saíram da gruta e dirigiram-se para uma alta duna coroada por algumas árvores raquíticas. E no caminho, o marinheiro não pôde deixar de repetir:

— «Ilha ou continente?» Pensar nisso numa altura em que mal respirava! Que homem!

Chegados ao alto da duna, Pencroff e os seus dois companheiros, sem outros instrumentos que não fossem as suas mãos, tiraram os ramos principais a uma árvore bastante enfezada, uma espécie de pinheiro marítimo curvado pelo vento; depois, com esses ramos, fizeram uma padiola, que, uma vez coberta de folhas e de ervas, permitia transportar o engenheiro.

Isto levou uns quarenta minutos e eram dez horas quando o marinheiro, Nab e Harbert voltaram para junto de Cyrus Smith, assistido por Gédéon Spilett.

O engenheiro despertava agora do seu sono, ou melhor, da sonolência em que a fraqueza o fazia mergulhar. A cor voltava-lhe às faces, que até aí haviam tido a cor da morte. Soergueu-se um pouco, olhou à sua volta e pareceu perguntar onde estava.

— Pode ouvir-me sem se fatigar, senhor Cyrus? — perguntou o repórter.

— Sim — respondeu o engenheiro.

— A minha opinião é que o senhor Cyrus ainda o ouvirá melhor se comer um pouco desta gordura de tetraz — disse Pencroff. — Creia que é mesmo tetraz, senhor engenheiro — acrescentou, ao

mesmo tempo que lhe apresentava pedaços da gordura das aves, acompanhados por bocados da própria carne.

Cyrus Smith mastigou os bocados do tetraz que lhe deram e o que restou foi dividido pelos seus companheiros, que por estarem cheios de fome acharam o almoço muito fraco.

— Bom — continuou o marinheiro —, as vitualhas esperam-nos nas Chaminés, pois é bom que saiba, senhor Cyrus, que temos lá em baixo, no sul, uma casa com quartos, camas e lareira, e, na dispensa, algumas dúzias de pássaros a que o nosso Harbert chama «curucus». A sua maca está pronta e quando se sentir com forças para a viagem transportá-lo-emos.

— Obrigado, meu amigo — disse o engenheiro —; mais uma ou duas horas e poderemos partir... E agora, fale, Spilett.

O repórter fez então a narração do que se tinha passado e contou os acontecimentos que Cyrus Smith devia ignorar: a última queda do balão, a aterragem nessa terra desconhecida, que parecia deserta, quer fosse ilha ou continente, a descoberta das Chaminés, as pesquisas feitas para encontrar o engenheiro, a dedicação de Nab, o que se devia à inteligência do fiel *Top*, etc.

— Mas — perguntou Cyrus Smith, com uma voz ainda enfraquecida —, não me apanharam no areal e não me trouxeram para aqui?

— Não.

— A que distância fica esta gruta dos recifes?

— A cerca de meia milha — respondeu Pencroff —, e se o senhor está admirado, nós não estamos menos surpreendidos por o vermos aqui!

— Com efeito — respondeu o engenheiro, que se animava a pouco e pouco e tomava interesse por esses pormenores —; com efeito, é curioso!

— Mas — continuou o marinheiro —, pode dizer-nos o que se passou desde a altura em que foi arrastado pelo mar?

Cyrus Smith tentou recordar-se. Sabia pouca coisa. Lembrava-se de a onda o ter arrancado do aeróstato. Mergulhara então até uma certa profundidade e ao voltar à superfície sentira um ser vivo perto dele. Era *Top*, que se precipitara em seu socorro. Ao erguer os olhos já não vira o balão, pois sem o seu peso e o do cão, o balão partira como uma flecha. Viu-se sozinho no meio do oceano, entre as vagas alterosas, a cerca de meia milha de distância da costa. Tentou lutar contra as ondas, nadando com vigor. *Top* agarrava-o pelas roupas. Mas foi apanhado por uma corrente e arrastado para norte, e após meia hora de esforços perdeu as forças, arrastando *Top* consigo para o abismo. Desde esse momento até à altura em que acordara e se vira rodeado pelos amigos, não se recordava de nada.

— No entanto — observou Pencroff —, foi necessário que o senhor tivesse tido forças para caminhar até aqui, visto que Nab encontrou sinais dos seus pés!

— Sim... de facto — respondeu o engenheiro, refletindo. — Mas vocês encontraram mais alguns vestígios humanos nesta costa?

— Não vi qualquer sinal — respondeu o repórter. — De resto, se por acaso qualquer salvador se encontrasse ali, por que razão o abandonaria depois de o ter arrancado às ondas?

— Tem razão, meu caro Spilett. Diz-me, Nab, não terias sido tu que... terias tido talvez um momento de ausência... durante o qual...

Não, é absurdo... Existirão ainda algumas dessas pegadas? — perguntou Cyrus Smith.

— Sim, meu amo — respondeu Nab. — À entrada, do outro lado desta duna, num local abrigado do vento e da chuva. As outras foram apagadas pela tempestade.

— Pencroff — voltou Smith —, quer pegar nos meus sapatos para ver se eles se adaptam em absoluto às minhas pegadas?

O marinheiro fez o que o engenheiro lhe pedia. Harbert e ele, guiados por Nab, foram ao local onde se encontravam as pegadas, enquanto Cyrus Smith dizia ao repórter:

— Passaram-se coisas inexplicáveis!

— Inexplicáveis, com efeito! — respondeu Gédéon Spilett.

— Mas não insistamos nelas por agora, meu caro Spilett. Voltaremos a falar nisso mais tarde.

Um instante depois, o marinheiro, Nab e Harbert voltavam.

Não havia dúvida possível. Os sapatos do engenheiro correspondiam exatamente às pegadas. Fora portanto Cyrus Smith quem as deixara na areia.

— Fui eu que tive a falha de memória que atribuía a Nab! — reconheceu o engenheiro. — Devo ter caminhado como um sonâmbulo, sem ter consciência de nada, e *Top*, com o seu instinto, deve ter-me conduzido para aqui, depois de me ter salvo das ondas... Vem, *Top*, vem aqui, meu cão!

O magnífico animal deu um salto para junto do dono, ladrando, e as carícias não lhe foram regateadas.

Não havia realmente outra explicação a dar aos factos que tinham levado à salvação de Cyrus Smith, e *Top* ficou com todas as honras do caso.

Por volta do meio-dia, Pencroff perguntou a Cyrus Smith se o podiam transportar e este, por única resposta, e com um esforço que bem revelava a sua vontade enérgica, ergueu-se. Mas teve de se apoiar no marinheiro, pois caso contrário teria caído.

— Bom! Bom! — disse Pencroff. — A maca do senhor engenheiro!

A maca foi trazida. Os ramos transversais tinham sido cobertos por musgos e ervas compridas. Estenderam Cyrus Smith na maca improvisada e dirigiram-se para a costa. Pencroff pegava num dos lados e Nab no outro.

Tinham de percorrer oito milhas, mas como não podiam ir depressa e tinham talvez de parar frequentemente, deviam contar com seis horas pelo menos até chegarem às Chaminés.

O vento continuava a ser forte, mas felizmente não chovia. Deitado, mas com a cabeça apoiada no braço, o engenheiro ia observando a costa, sobretudo do lado oposto ao mar. Não falava, mas olhava, e certamente o desenho da região, com os seus acidentes de terreno, as suas florestas, as suas produções diversas, ia ficando gravado no seu espírito. No entanto, após duas horas de marcha, a fadiga venceu-o e ele adormeceu.

Às cinco horas e meia, o pequeno grupo chegava à muralha e, pouco depois, estavam diante das Chaminés.

Todos pararam, e a maca foi colocada na areia. Cyrus Smith dormia perfeitamente e não acordou.

Pencroff ficou extremamente surpreendido e pôde então verificar que a tempestade da véspera modificara o aspeto do local. Desmoronamentos bastante importantes tinham-se dado. Grandes blocos de rocha jaziam sobre a areia e um espesso tapete de ervas

marinhas, algas e sargaços cobria toda a margem. Era evidente que o mar, passando por cima do ilhéu, chegara junto da enorme muralha de granito.

Diante da abertura das Chaminés, o solo, que formara uma ravina profunda, sofrera o violento assalto das vagas.

Pencroff teve como que um pressentimento, que lhe atravessou o espírito. Precipitou-se para o corredor.

Saiu quase logo a seguir e ficou imóvel, olhando os seus companheiros...

O fogo estava apagado. As cinzas, encharcadas, eram apenas lama. O trapo queimado, que devia servir de acendalha, desaparecera. O mar entrara até ao fundo dos corredores e destruíra tudo no interior das Chaminés!

Capítulo 9

Em poucas palavras, Gédéon Spilett, Harbert e Nab foram postos ao corrente da situação. Este acidente, que podia ter consequências muito graves — pelo menos Pencroff assim o achava —, produziu efeitos diversos nos companheiros do honesto marinheiro.

Nab, todo entregue à alegria de ter encontrado o seu amo, nem ouviu, ou pelo menos não quis preocupar-se com o que dizia Pencroff.

Harbert pareceu partilhar de certo modo as apreensões do marinheiro.

Quanto ao repórter, às palavras de Pencroff respondeu simplesmente:

— Por minha fé, Pencroff, tanto me faz!

— Mas repito-lhe que não temos lume!

— Pff!

— Nem nenhum meio de o acender.

— Não importa.

— No entanto, senhor Spilett...

— Cyrus não está aqui? — respondeu o repórter. — Não está vivo, o nosso engenheiro? Ele arranjará maneira de fazer lume!

— E com quê?

— Com coisa nenhuma!

Que poderia responder Pencroff? Não respondeu nada, porque no fundo partilhava a confiança que os seus companheiros tinham em Cyrus Smith. O engenheiro era para eles um microcosmo, um composto de toda a ciência e de toda a inteligência humana! Tanto

valia encontrar-se com Cyrus numa ilha deserta, como sem Cyrus na mais industriosa cidade da União. Com ele nada podia faltar. Com ele não podiam desesperar. Se fossem dizer àqueles homens que uma erupção vulcânica ia destruir aquela terra, que aquela terra ia desaparecer nos abismos do Pacífico, eles teriam respondido imperturbavelmente: «Cyrus está aqui! Falem com Cyrus!»

Entretanto, o engenheiro encontrava-se novamente prostrado devido ao percurso e nesse momento não podiam apelar para o seu engenho. A ceia devia necessariamente ser pouco abundante. Com efeito, toda a carne de tetraz fora consumida e não havia qualquer meio de cozinhar fosse o que fosse. De resto, as pequenas aves que se encontravam de reserva tinham desaparecido. Era preciso portanto precaverem-se.

Antes de mais transportaram Cyrus Smith para o corredor central. Ali conseguiram arranjar-lhe uma cama de algas e de sargaços que se encontravam relativamente secos. O sono profundo que se apoderara dele serviria para restabelecer profundamente as suas forças, melhor sem dúvida do que o faria uma alimentação abundante.

Entretanto, a noite caíra. A temperatura, modificada por uma viragem do vento para nordeste, refrescou seriamente. Ora, como o mar tinha destruído as proteções feitas por Pencroff em certas partes do corredor, estabeleceram-se correntes de ar que tornavam as Chaminés pouco habitáveis. O engenheiro ter-se-ia portanto encontrado em muito más condições se os seus companheiros não tivessem despido os seus casacos para o cobrir.

A ceia, nessa noite, compôs-se apenas dos inevitáveis litófilos, de que Harbert e Nab fizeram uma boa colheita nos rochedos. No

entanto, a esses moluscos, o jovem juntou uma certa quantidade de algas comestíveis, apanhadas nas rochas altas que o mar só devia molhar na época das marés vivas. Essas algas, pertencentes à família das fucáceas, eram uma espécie de sargaços que, quando secos, forneciam uma matéria gelatinosa bastante rica em elementos nutritivos. O repórter e os seus companheiros, depois de terem absorvido uma quantidade considerável de litófilos, chuparam esses sargaços, aos quais acharam um gosto muito suportável. Deve dizer-se que, nas margens asiáticas, elas entram numa notável proporção na alimentação dos indígenas.

— Não importa — disse o marinheiro—; é chegada a altura de o senhor Cyrus nos ajudar.

Entretanto, o frio tornou-se muito intenso, e, por desgraça, não tinham nenhum meio de o combater.

O marinheiro, verdadeiramente vexado, tentou por todos os meios arranjar lume. Nab ajudou-o nessa operação. Tinha encontrado alguns musgos secos e, pegando em duas pedras esfregou-as uma na outra até conseguir que fizessem faísca. Mas o musgo, não sendo suficientemente inflamável, não pegou fogo, e, de resto, não sendo essas faíscas de sílex incandescente, não tinham a consistência das que saem do pedaço de aço do isqueiro vulgar. A operação não teve portanto êxito.

Apesar de não ter qualquer confiança nesse processo, Pencroff tentou em seguida esfregar dois pedaços de madeira seca um contra o outro, como fazem os selvagens. Certamente que se o movimento que ele e Nab fizeram provocasse calor, segundo as novas teorias, bastaria para fazer ferver uma caldeira de um barco a vapor! Mas o

resultado foi nulo. Os bocados de madeira aqueceram muito menos do que aqueles que os esfregavam.

Depois de uma hora de trabalho, Pencroff transpirava abundantemente e atirou fora os dois pedaços de madeira, zangado.

— Quando conseguirem fazer-me crer que os selvagens acendem lume desta maneira — disse ele —, fará calor mesmo no inverno! Era mais fácil acender os meus braços esfregando-os um contra o outro!

O marinheiro não tinha razão em negar o processo. Sabe-se que os selvagens conseguem inflamar a madeira por meio de um rápido movimento rotativo. Mas nem toda a madeira é apropriada para essa operação e depois há «o golpe», segundo a expressão consagrada, e é provável que Pencroff não o conseguisse.

O mau humor de Pencroff não foi de longa duração. Os dois bocados de madeira que ele atirara fora foram apanhados por Harbert, que se pôs a esfregá-los com toda a força. O robusto marinheiro não pôde conter uma gargalhada, ao ver os esforços do adolescente para lograr fazer o que ele não conseguira.

— Esfrega, meu rapaz, esfrega! — disse.

— Esfrego — respondeu Harbert, rindo —, mas não tenho outra pretensão que não seja aquecer-me em vez de estar para aqui a tremer, e em breve terei tanto calor como tu, Pencroff!

Foi o que sucedeu. E nessa noite tiveram de renunciar a ter lume. Gédéon Spilett repetia pela vigésima vez que Cyrus Smith não ficaria embaraçado por tão pouco. E, enquanto esperava, estendeu-se, num dos corredores, sobre a areia. Harbert, Nab e Pencroff imitaram-no, enquanto *Top* dormia aos pés do dono.

No dia seguinte, 28 de março, quando o engenheiro acordou, por volta das oito horas da manhã, viu os companheiros junto de si, espreitando o seu sono, e, como na véspera, as suas primeiras palavras foram:

— Ilha ou continente?

Como se vê, era a sua ideia fixa.

— Bem — respondeu Pencroff —, não sabemos, senhor Smith!

— Ainda não sabem?...

— Mas temos de saber quando o senhor nos guiar por este território.

— Creio estar em estado de tentar levantar-me — respondeu o engenheiro, que, sem esforços demasiados, se ergueu e se manteve de pé.

— Que bom! — exclamou o marinheiro.

— Eu estava a morrer sobretudo de esgotamento — respondeu Cyrus Smith. — Um pouco de alimento, meus amigos, e ele não aparecerá mais. Têm lume, não é verdade?

Esta pergunta não obteve uma resposta imediata. Mas alguns instantes depois Pencroff disse:

— Infelizmente não temos lume, senhor Smith; ou, melhor, já não temos!

E o marinheiro fez a narrativa do que se tinha passado na véspera. Distraiu o engenheiro contando-lhe a história do fósforo único, e depois a vã tentativa de arranjar fogo à maneira dos selvagens.

— Vamos ver — disse o engenheiro —; e se não encontrarmos nenhuma substância análoga às acendalhas...

— Então? — perguntou o marinheiro.

— Nessa altura faremos fósforos.

— Quimicamente?

— Quimicamente!

— Não é mais difícil do que isto — disse o repórter, dando uma palmada no ombro do marinheiro.

Este não achava a coisa muito simples, mas não protestou. Todos saíram. O tempo tinha voltado a estar bom. Um sol vivo erguia-se sobre o mar e salpicava de reflexos dourados as rugosidades prismáticas da enorme muralha.

Depois de ter lançado um rápido olhar à sua volta, o engenheiro sentou-se sobre um rochedo. Harbert ofereceu-lhe alguns mariscos e sargaços, dizendo:

— É tudo quanto temos, senhor Cyrus.

— Obrigado, meu rapaz — respondeu Cyrus Smith. — Isso bastará, pelo menos por agora.

E comeu com apetite aquele fraco alimento, que regou com um pouco de água fresca, que foram buscar ao rio numa grande concha.

Os seus companheiros olhavam-no sem falar. Depois, tendo-se saciado o melhor que pôde, Cyrus Smith cruzou os braços e disse:

— Então, meus amigos, não sabem ainda se a sorte nos atirou para um continente ou uma ilha?

— Não, senhor Cyrus — respondeu o rapaz.

— Sabê-lo-emos amanhã — replicou o engenheiro. — Até lá, nada há a fazer.

— Sim, há! — replicou Pencroff.

— O quê?

— Lume — respondeu o marinheiro, que também tinha a sua ideia fixa.

— Arranjaremos lume, Pencroff—respondeu Cyrus Smith. — Enquanto me transportavam, ontem, não vi uma montanha, para oeste, que domina esta região?

— Sim — respondeu Gédéon Spilett. — Uma montanha que deve ser bastante elevada...

— Bem — retorquiu o engenheiro —; amanhã subiremos ao seu cume e veremos se esta terra é uma ilha ou continente. Até lá, repito, nada a fazer.

— Sim, tem de se arranjar lume — repetiu o obstinado marinheiro.

— Mas é claro que o arranjam — disse o repórter. — Um pouco de paciência, Pencroff.

O marinheiro olhou para Spilett com um ar que parecia querer dizer: «Se só o tivermos a si para arranjar lume tão depressa não se come um assado!» Mas calou-se.

Entretanto, Cyrus Smith não respondera. Parecia muito pouco preocupado com essa questão do lume. Durante alguns instantes ficou absorvido nas suas reflexões. Depois, retomando a palavra:

— Meus amigos — disse —, a nossa situação talvez seja deplorável, mas em todo o caso é muito simples. Ou nos encontramos num continente, e então, à custa de fadigas mais ou menos grandes, atingiremos algum ponto habitado, ou nos encontramos numa ilha. Neste último caso, das duas coisas, uma: se a ilha é habitada, nós temos de nos desembaraçar com a ajuda dos seus habitantes; se é deserta, trataremos de nos desembaraçar sozinhos.

— Realmente nada mais simples — replicou Pencroff.

— Mas quer seja continente ou ilha, para onde pensa, Cyrus, que o furacão nos tenha atirado? — inquiriu Spilett.

— Não posso sabê-lo ao certo — disse Cyrus Smith —, mas calculo que estejamos em terras do Pacífico. Com efeito, quando deixámos Richmond, o vento soprava do nordeste, e a sua própria violência prova que a direção não mudou. Se essa direção se manteve do nordeste para sudoeste, atravessámos os estados da Carolina do Norte, da Carolina do Sul, da Geórgia, o golfo do México, o próprio México na sua parte mais estreita e depois uma porção do oceano Pacífico. Não calculo em menos de seis a sete mil milhas a distância percorrida pelo balão, e, por pouco que o vento tenha variado, deve ter-nos trazido quer para o arquipélago de Mendana, quer para as Pomotu, e se tinha uma velocidade maior do que a que eu calculo, podemos estar em terras da Nova Zelândia. Se esta última hipótese se tiver dado o nosso repatriamento será fácil. Ingleses ou maoris, encontraremos sempre com quem falar. Se, pelo contrário, esta costa pertence a qualquer ilha deserta, talvez nos possamos aperceber disso do alto da montanha que domina a região, e pensaremos então em instalar-nos, como se nunca mais pudéssemos daqui sair!

— Nunca! — exclamou o repórter. — Disse nunca, meu caro Cyrus?

— Mais vale pensarmos logo no pior — respondeu o engenheiro —, e ter-se depois a surpresa do melhor.

— Bem dito! — replicou Pencroff. — E façamos votos para que esta ilha, se de facto o é, não fique fora da rota dos navios! Isso seria verdadeiramente uma infelicidade!

— Não sabemos com que contar sem primeiramente termos feito a subida dessa montanha — respondeu o engenheiro.

— Mas amanhã, senhor Cyrus — disse Harbert —, já estará em condições de suportar as fadigas de tal subida?

— Assim o espero — respondeu o engenheiro. — Mas com a condição de mestre Pencroff e tu se mostrarem caçadores hábeis e inteligentes.

— Senhor Cyrus — retorquiu o marinheiro —, visto que fala de caça, se, no regresso, eu estivesse tão certo de a poder assar como estou certo de a trazer...

— Traga sempre, Pencroff — respondeu Cyrus Smith.

Ficou portanto combinado que o engenheiro e o repórter passariam o dia nas Chaminés, para examinarem o litoral e o planalto superior. Entretanto, Nab, Harbert e o marinheiro voltariam à floresta para renovar as suas provisões de lenha e fariam mão baixa sobre todo e qualquer animal de penas ou de pelo que passasse ao seu alcance. Partiram portanto, cerca das dez horas da manhã; Harbert confiante, Nab alegre, enquanto Pencroff murmurava para consigo: «Se quando voltar encontrar lume em casa foi porque o próprio raio o foi acender!»

Subiram os três ao longo da margem e, uma vez chegados ao cotovelo formado pelo rio, o marinheiro parou e disse aos seus companheiros:

— Começamos por ser caçadores ou carvoeiros?

— Caçadores. *Top* já anda à procura de caça.

— Então cacemos. Em seguida, voltaremos aqui para fazer as nossas provisões de madeira.

Isto dito, Harbert, Nab e Pencroff, depois de terem arrancado três paus ao tronco de um jovem pinheiro, seguiram *Top*, que saltava sobre as ervas altas.

Dessa vez, os caçadores, em vez de seguirem ao longo do rio, embrenharam-se mais diretamente no coração da floresta. Continuavam a ser as mesmas árvores, pertencentes na sua maioria à família dos pinheiros. Em certos sítios menos arborizados, os pinheiros, isolados em grupos, apresentavam dimensões consideráveis e pareciam indicar, pelo seu desenvolvimento, que essa região se encontrava mais elevada em latitude do que o engenheiro supunha. Algumas clareiras, cheias de cepos roídos pelo tempo, estavam cobertas de madeira seca, e formavam assim inesgotáveis reservas de combustível. Depois, passada a clareira, o mato voltava a ser cerrado e tornava-se quase impenetrável.

Guiar-se no meio desses maciços de árvores, sem ter nenhum caminho aberto, era coisa difícil. Assim, o marinheiro, de tempos a tempos, assinalava o seu caminho, quebrando alguns ramos que deviam torná-lo facilmente reconhecível. Mas talvez tivessem feito mal em não subir o curso de água, como ele e Harbert fizeram durante a sua primeira excursão, pois até ali não tinham encontrado caça alguma. *Top*, correndo sob os ramos baixos, só dava o alerta para os pássaros que não podia atingir. Até os «curucus» estavam completamente invisíveis, e era provável que o marinheiro se visse forçado a voltar a essa parte pantanosa da floresta, na qual ele fizera, com tanta sorte, a caça aos tetrazes.

— Eh! Pencroff — disse Nab, um pouco sarcástico —; se foi esta a caça que prometeste levar ao meu amo, não será preciso grande lume para a fazer assar!

— Paciência, Nab — replicou Pencroff. — Quando regressarmos não será a caça que faltará!

— Não tem então confiança no senhor Smith?

— Claro que tenho.

— Mas não acredita que ele há de arranjar lume?

— Acreditarei quando vir a lenha a arder na lareira.

— Arderá, visto que o meu patrão o disse!

— Veremos!

— Entretanto, o sol não tinha ainda atingido o seu ponto mais alto no horizonte. A exploração continuou, portanto, e foi utilmente assinalada pela descoberta que Harbert fez de uma árvore cujos frutos eram comestíveis. Era o pinheiro manso, que produzia um pinhão excelente, muito apreciado nas regiões temperadas da América e da Europa. Esses pinhões encontravam-se num perfeito estado de maturação, e Harbert fez notar isso aos seus companheiros, que se regalaram com eles.

— Vamos lá — disse Pencroff —, algas a fazerem de pão, moluscos crus a servirem de carne e pinhões como sobremesa: eis o jantar de pessoas que não têm um único fósforo no bolso!

— Não devemos queixar-nos — respondeu Harbert.

— Eu não me queixo, meu rapaz — disse Pencroff. — Digo apenas que a carne é um pouco economizada de mais neste género de refeições!

— *Top* viu qualquer coisa! — exclamou Nab, que correu para uma moita no meio da qual o cão desaparecera, ladrando. Ao ladrar de *Top* misturavam-se grunhidos estranhos.

O marinheiro e Harbert seguiram Nab. Se havia ali caça não era a altura de discutir como poderiam cozinhá-la, mas sim como

poderiam deitar-lhe a mão.

Logo que entraram no matagal, os caçadores viram *Top* a agarrar um animal por uma orelha. Era uma espécie de porco com cerca de dois pés e meio de comprimento, de um tom castanho-escuro, menos carregado no ventre, tendo uma pele dura e pouco espessa, e cujos dedos, nessa altura fortemente apoiados no solo, eram reunidos por membranas.

Harbert julgou reconhecer nesse animal um cabiai, isto é, um exemplar dos maiores da raça dos roedores.

Entretanto, o cabiai não se debatia contra o cão. Rolava estupidamente os seus olhos, que brilhavam no fundo de uma espessa camada de gordura. Era talvez a primeira vez que via homens.

Entretanto, Nab, segurando o pau que lhe servia de arma, ia bater no roedor, quando este, arrancando-se aos dentes de *Top*, que ficou apenas com um pedaço da orelha dele, soltou um vigoroso grunhido e precipitou-se sobre Harbert, atirando-o quase ao chão, e desapareceu através dos bosques.

— Ah! O patife! — exclamou Pencroff.

Imediatamente correram os três atrás de *Top* e no momento em que iam juntar-se a ele o animal desaparecia sob as águas de um vasto charco, ao qual davam sombra grandes pinheiros seculares.

Nab, Harbert e Pencroff tinham parado, imóveis. *Top* deitara-se à água, mas o cabiai, escondido no fundo do charco, não aparecia.

— Esperemos — disse o rapaz —, pois em breve ele virá respirar à superfície.

— Não se afogará? — perguntou Nab.

— Não, visto que é um palmípede, quase um anfíbio. Mas esperemos que ele apareça!

Top ficara no charco. Pencroff e os dois companheiros foram ocupar cada qual um canto da margem para cortar a retirada ao cabiai, que o cão procurava, nadando à superfície.

Harbert não se enganava. Alguns minutos depois, o animal vinha para cima. De um salto *Top* agarrou-o e impediu-o de mergulhar de novo. Momentos depois, arrastado para a margem pelo cão, o animal era morto com uma pancada dada por Nab.

— Hurra! — gritou Pencroff, que gostava muito de utilizar esse grito de triunfo. — Falta só uma boa fogueira e este animal será roído até aos ossos!

Pencroff pôs o cabiai às costas e, vendo pela altura do sol que deviam ser aproximadamente duas horas, deu o sinal de regresso.

O instinto de *Top* não foi inútil para os caçadores, que, graças ao inteligente animal, puderam voltar pelo caminho que já tinham percorrido. Meia hora depois chegavam ao cotovelo do rio.

Como fizera pela primeira vez, Pencroff formou rapidamente um comboio de madeira, apesar de que, se faltasse o lume, aquela tarefa seria inútil. Depois, seguindo ao longo do curso de água, voltaram para as Chaminés.

Todavia, ainda o marinheiro não dera cinquenta passos quando parou, soltando um formidável hurra. Depois, estendendo a mão para a esquina da falésia, exclamou:

— Harbert! Nab! Vejam!

Uma coluna de fumo subia por entre as rochas na tranquilidade do ar!

Capítulo 10

Alguns instantes depois, os três caçadores encontravam-se perante um fogo crepitante. Cyrus Smith e o repórter encontravam-se lá. Pencroff olhava-os sem dizer uma palavra, com o seu cabiai na mão.

— Pois bem, meu valente, aqui está a lareira acesa — disse-lhe o repórter. — Uma bela lareira que assará perfeitamente esse belo animal com o qual daqui a pouco nos regalaremos!

— Mas quem a acendeu? — perguntou Pencroff.

— O sol!

A resposta de Gédéon Spilett era verdadeira. Fora o sol que fornecera aquele calor que tanto maravilhava Pencroff. O marinheiro estava tão espantado que nem fazia perguntas ao engenheiro.

— Tinha então uma lente, senhor? — perguntou Harbert a Cyrus Smith.

— Não, meu filho — respondeu Cyrus Smith —, mas fiz uma.

E mostrou o que lhe servira de lente. Eram apenas dois vidros que ele tirara ao relógio de Spilett e ao seu. Depois de os ter enchido de água e de tornar as suas extremidades aderentes com um pouco de argila, tinha feito uma verdadeira lente, que, concentrando os raios solares sobre um musgo bem seco, tinha provocado a sua combustão.

O marinheiro observou o aparelho e depois olhou para o engenheiro sem pronunciar uma só palavra. No entanto, o seu olhar dizia muito! Se, para ele, Cyrus Smith não era um deus, era

certamente mais do que um homem. Por fim voltou-lhe o dom da palavra e disse:

— Anote isso, senhor Spilett; tome note na sua agenda.

— Já tomei — respondeu o repórter.

Em seguida, com a ajuda de Nab, o cabiai foi convenientemente limpo e daí a pouco assava no espeto sobre a chama clara e crepitante.

As Chaminés tinham voltado a tornar-se mais habitáveis, não só porque estavam aquecidos pela lareira, mas também porque os tabiques de pedra e areia tinham sido feitos de novo.

Como se vê, o engenheiro e o seu companheiro aproveitaram bem o seu dia. Cyrus Smith recuperara quase inteiramente as forças e experimentara-as subindo ao planalto superior. Daí, o seu olhar, habituado a medir as distâncias e as alturas, tinha-se fixado durante muito tempo sobre o cone cujo cimo ele queria atingir no dia seguinte. O monte, situado aproximadamente a umas seis milhas para noroeste, pareceu-lhe medir três mil e quinhentos pés acima do nível do mar. Por consequência, o olhar de um observador colocado no seu cume poderia percorrer o horizonte num raio de cinquenta milhas pelo menos. Era, portanto, provável que Cyrus Smith resolvesse facilmente essa questão de «continente ou ilha», à qual ele dava, com razão, prioridade sobre todas as outras.

Ceou-se convenientemente. A carne do cabiai foi declarada excelente. Os sargaços e os pinhões do pinheiro manso completaram a refeição, durante a qual o engenheiro falou pouco. Estava preocupado com os projetos para o dia seguinte.

Uma ou duas vezes Pencroff emitiu algumas ideias sobre o que conviria fazer, mas Cyrus Smith, que era evidentemente um espírito

metódico, contentou-se em abanar a cabeça.

— Amanhã — repetia —, saberemos com o que podemos contar, e então agiremos em consequência.

Terminada a refeição, novas braçadas de lenha foram deitadas na fogueira e os hóspedes das Chaminés, incluindo o fiel *Top*, adormeceram profundamente. Nenhum incidente perturbou essa noite tranquila e no dia seguinte — 29 de março —, frescos e bem-dispostos, eles levantaram-se, prontos para realizarem essa excursão que deveria fixar o seu destino.

Estava tudo pronto para a partida. Os restos do cabiai podiam alimentar durante mais vinte e quatro horas Cyrus Smith e os seus companheiros. De resto, esperavam abastecer-se no caminho. Como os vidros tinham voltado a ser colocados nos relógios do engenheiro e do repórter, Pencroff queimou um pedaço de tecido que devia servir de acendalha. Quanto ao sílex, não devia faltar em terrenos de origem plutónica.

Eram sete horas e meia da manhã quando os exploradores, armados de paus, deixaram as Chaminés. Seguindo o conselho de Pencroff, acharem bem seguir o caminho já percorrido através da floresta, em vez de procurarem outro. Era também o caminho mais direto para chegar à montanha. Voltaram, portanto, para sul e seguiram a margem esquerda do rio, que foi abandonada na altura em que corria para sudoeste. O atalho já aberto sob as árvores verdes foi encontrado, e, às nove horas, Cyrus Smith e os seus companheiros atingiram a orla ocidental da floresta.

O solo, até então pouco acidentado, pantanoso primeiro e arenoso em seguida, acusava uma ligeira inclinação, que subia do litoral para o interior da região. Alguns animais fugidios tinham sido

vistos de relance nos bosques. *Top* corria atrás deles, mas o dono chamava-o, pois não era altura para os perseguir. Mais tarde se veria. O engenheiro não era homem para se deixar distrair da sua ideia fixa. Não nos enganaríamos mesmo se disséssemos que ele não observava o território nem na sua configuração, nem nas suas produções naturais. O seu único objetivo era o monte que ele pretendia subir, e ia direito a ele.

Às dez horas, fez uma paragem de alguns minutos. Ao sair da floresta, o sistema orográfico da região surgiu diante dos seus olhos. O monte compunha-se de dois cones. O primeiro, truncado a uma altura de dois mil e quinhentos pés, era mantido por caprichosos contrafortes, que pareciam ramificar-se como as garras de uma imensa pata pousada sobre o solo. Entre esses contrafortes cruzavam-se outros tantos vales estreitos, cheios de árvores, cujos primeiros grupos chegavam até à altura do primeiro cone. Todavia, a vegetação parecia ser menos densa na parte da montanha exposta ao nordeste, e viam-se ali fendas bastante profundas, que deviam ter sido provocadas por lava em fusão.

Sobre o primeiro cone repousava um segundo, ligeiramente arredondado no cume, e que parecia segurar-se de lado. Dir-se-ia um vasto chapéu redondo caído para a orelha. Parecia formado por uma terra árida, perfurada em muitos sítios por rochas avermelhadas.

Era o alto desse segundo cone que convinha atingir, e a aresta dos contrafortes devia oferecer o melhor caminho para lá chegar.

— Estamos num terreno vulcânico — dissera Cyrus Smith, e os seus companheiros, seguindo-o, começaram a subir a pouco e pouco a encosta de um contraforte que, por uma linha sinuosa e por

consequência mais facilmente transponível, ia dar ao primeiro planalto.

As intumescências eram numerosas nesse solo, que as forças plutónicas tinham convulsionado. Aqui e ali, blocos irregulares, enormes destroços de basalto, pedra-pomes, obsidianas. Em grupos isolados, viam-se as coníferas, que algumas centenas de pés mais abaixo, no fundo de estreitos desfiladeiros, formavam espessos maciços, quase impenetráveis aos raios de sol.

Durante essa primeira parte da ascensão nas encostas inferiores, Harbert chamou a atenção dos companheiros para algumas pegadas, que denotavam a passagem de animais grandes, talvez ferozes.

— Talvez esses animais não nos cedam voluntariamente os seus domínios — disse Pencroff.

— Pois bem — respondeu o repórter, que já caçara o tigre nas índias e o leão em África —: havemos de nos desembaraçar. Por isso, convém manter-nos em guarda!

Entretanto, iam subindo a pouco e pouco. O caminho, dificultado pelas voltas e pelos obstáculos que não podiam ser transpostos diretamente, era comprido. Algumas vezes encontravam-se de repente à beira de profundas fendas, que era necessário contornar. O facto de terem de retroceder para seguir qualquer caminho praticável, aumentava o tempo do percurso e o cansaço. Ao meio-dia, quando o pequeno grupo parou para almoçar junto de um pequeno grupo de pinheiros e de um regato que terminava em cascata, encontravam-se a meio caminho do primeiro planalto, que só seria provavelmente atingido ao cair da noite.

Desse ponto, o horizonte do mar desenvolvia-se mais largamente; mas, para a direita, o olhar, detido pelo promontório agudo do sudeste, não podia determinar se a costa se iria ligar por algum brusco desvio a algum bocado de terra que estivesse por detrás. À esquerda, a visão estendia-se para algumas milhas mais ao norte; todavia, a partir do noroeste, no ponto que ocupavam os exploradores, o horizonte era cortado pela aresta de um contraforte bizarramente recortado, que formava como que um poderoso enclave do cone central. Não se podia, portanto, saber ainda nada da questão que Cyrus Smith queria resolver.

À uma, recomeçaram a subida. Foi necessário seguirem para sudoeste e entrarem de novo no meio de um matagal muito denso. Ali, a coberto das árvores, esvoaçavam muitos casais de galináceos da família dos faisões. Eram tragopanas, enfeitados com uma papada carnuda que lhes pendia do pescoço e de duas pequenas antenas cilíndricas, situadas atrás dos olhos. Entre esses casais, do tamanho de galos, a fêmea era uniformemente castanha, enquanto o macho resplandecia com a sua plumagem vermelha, salpicada de pequenas manchas brancas. Gédéon Spilett, lançando uma pedra com mão hábil e vigorosa, matou uma dessas aves, que Pencroff, com o apetite desperto pelo ar livre, olhou com cobiça.

Depois de terem saído do matagal, os alpinistas subiram uma encosta muito inclinada e atingiram um andar superior, com poucas árvores, cujo solo tinha uma aparência vulcânica. Tratava-se então de voltar para leste, descrevendo ziguezagues que tornavam as encostas mais acessíveis, pois tinham-se tornado muito inclinadas, e cada um devia escolher com cuidado o local onde pousava o pé. Nab e Harbert iam à frente, Pencroff atrás; entre eles Cyrus e o repórter.

Os animais que frequentavam aquelas paragens — e os seus rastos não escasseavam — deviam necessariamente pertencer a essas raças de pé ágil e seguro, dos cabritos-monteses e das camurças. Viram alguns mas não foi esse o nome que lhes deu Pencroff, que, num certo momento exclamou:

— Carneiros!

Todos tinham parado a uns cinquenta passos de uma meia dúzia de animais de grande estatura, com fortes chifres curvados para trás e chatos nas extremidades, de pelo encaracolado e espesso, escondido por baixo de compridos pelos sedosos de cor fulva.

Não eram carneiros vulgares, mas uma espécie muito espalhada nas regiões temperadas, aos quais Harbert deu o nome de cabritos-monteses.

— Não têm carne para guisar e costeletas? — perguntou o marinheiro.

— Sim — respondeu Harbert.

— Então são carneiros! — disse Pencroff.

Os animais, imóveis entre os rochedos de basalto, olhavam-nos com um ar de espanto, como se estivessem a ver pela primeira vez bípedes humanos. Depois, com o instinto do temor desperto, saltaram e desapareceram entre as rochas.

— Adeus! — gritou Pencroff, num tom tão cómico que Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert e Nab não puderam deixar de rir.

A subida continuou. Frequentemente, podia observar-se, em certos declives, rastos de lava caprichosamente estriados. Pequenas solfataras cortavam por vezes a vereda seguida pelos alpinistas, e era necessário seguir ao longo das suas extremidades. Nalguns pontos, o enxofre tomara a forma de concreções cristalinas, no meio

dessas matérias que precedem geralmente a saída da lava, matéria vulcânica de grãos irregulares e fortemente queimados, cinzas esbranquiçadas feitas de uma infinidade de pequenos cristais feldspáticos.

Nas imediações do primeiro planalto, formado pela mutilação do cone inferior, as dificuldades da ascensão foram muito pronunciadas. Por volta das quatro horas, a zona das árvores fora ultrapassada. Restavam apenas, aqui e ali, alguns pinheiros descarnados e que pareciam esbracejar. Deviam ser resistentes para conseguirem sobreviver, a tal altitude, aos grandes ventos do largo. Felizmente para o engenheiro e seus companheiros, o tempo estava bom, a atmosfera tranquila, pois uma brisa violenta a uma altitude de três mil pés teria perturbado a exploração. A pureza do céu no seu zénite sentia-se através da transparência do ar. Uma calma perfeita reinava em redor deles. Já não viam o sol, então escondido pelo vasto biombo formado pelo cone superior, que encobria o horizonte do lado oeste, e cuja enorme sombra, estendendo-se pelo litoral, aumentava à medida que o astro radioso descia no seu curso diurno. Alguns vapores, mais brumas que nuvens, começavam a surgir a leste e coloriam-se de todas as cores espectrais sob a ação dos raios solares.

Apenas quinhentos pés separavam então os exploradores do planalto que eles queriam atingir, para instalarem um acampamento para a noite, mas esses quinhentos pés transformaram-se em mais de dois mil devido aos ziguezagues que foi preciso descrever. O solo faltava, por assim dizer, debaixo dos pés. As encostas apresentavam um ângulo tão aberto que deslizavam pelos sulcos de lava, quando as estrias, gastas pelo ar, não ofereciam um ponto de apoio

suficiente. Finalmente, ia anoitecendo a pouco e pouco, e era quase noite quando Cyrus Smith e os seus companheiros, muito fatigados por uma ascensão de sete horas, chegaram ao planalto do primeiro cone.

Tratava-se então de organizar o acampamento e de reparar as forças, ceando primeiro e dormindo em seguida. Esse segundo planalto da montanha elevava-se sobre uma base de rochas, no meio das quais era fácil encontrar um abrigo. O combustível não era abundante, no entanto podia obter-se fogo utilizando musgo e mato seco que se via em alguns sítios. Enquanto o marinheiro aprontava a sua lareira sobre as pedras que preparou para esse fim, Nab e Harbert ocuparam-se do fornecimento do combustível. O trapo queimado pegou facilmente fogo com a faísca produzida pelo sílex e com o vigoroso sopro de Nab daí a pouco ardia um fogo claro e crepitante, ao abrigo das rochas.

Esse fogo era destinado apenas a combater a temperatura um pouco fria da noite, e não foi utilizado para cozinhar o faisão, que Nab reservava para o dia seguinte. Os restos do cabiai e algumas dezenas de pinhões constituíram os elementos da refeição. Não eram ainda seis e meia e o jantar estava terminado.

Cyrus Smith teve então a ideia de explorar, na semiobscuridade, a larga plataforma circular que servia de suporte ao cone superior da montanha. Antes de descansar, queria saber se esse cone poderia ser contornado na sua base, no caso de os flancos, demasiado inclinados, serem inacessíveis. Essa questão não deixava de o preocupar, pois era possível que, do lado para onde o «chapéu» se inclinava, isto é, para norte, o planalto não fosse praticável. Ora, se o cume da montanha não pudesse ser atingido por um lado, e se, do

outro, não fosse possível contornar a base do cone, seria impossível examinar a parte ocidental da região, e o objetivo da ascensão teria falhado parcialmente.

Portanto, o engenheiro, sem se importar com o cansaço, deixou Pencroff e Nab organizarem o acampamento e Gédéon Spilett a anotar os acontecimentos do dia, e começou a seguir a orla circular do planalto, dirigindo-se para norte. Harbert acompanhava-o.

A noite estava tranquila e bela, a obscuridade era ainda pouco profunda. Cyrus Smith e o rapaz caminhavam perto um do outro, sem falarem. Em certos locais, o planalto abria-se largamente diante deles e conseguiam passar sem dificuldade. Noutros sítios, porém, obstruído pelos desmoronamentos, oferecia apenas uma estreita passagem, na qual não cabiam duas pessoas lado a lado. Sucedeu mesmo que após uma marcha de vinte minutos, Cyrus Smith e Harbert tiveram de parar. A partir desse ponto, o talude dos dois cones quase se juntava. Contorná-la sobre encostas inclinadas a perto de 70° tomava-se impraticável.

No entanto, se o engenheiro e o rapaz tiveram de renunciar a seguir uma direção circular, foi-lhes dada, pelo contrário, possibilidade de recomeçar diretamente a subida do cone.

Com efeito, diante deles abria-se uma profunda cratera do maciço. Era o aperto da cratera superior, o gargalo, se assim o quiserem, por onde saía a matéria eruptiva líquida na época em que o vulcão estava ainda em atividade. As lavas endurecidas, as escórias incrustadas formavam uma espécie de escada natural, de degraus largamente desenhados, que deviam facilitar o acesso ao cume da montanha.

Um olhar bastou a Cyrus Smith para reconhecer essa disposição, e sem hesitar, seguido do jovem, entrou na enorme fenda, no meio de uma obscuridade crescente.

Era ainda uma altura de mil pés que tinha de ser transposta. Seriam os declives interiores de cratera praticáveis? Iriam ver. O engenheiro continuaria a sua marcha ascensional enquanto não fosse detido. Felizmente, os declives, muito sinuosos e compridos, formavam como que um parafuso no interior do vulcão e favoreciam a marcha em altura.

Quanto ao vulcão em si mesmo, não se podia duvidar de que estivesse completamente extinto. Nem o mais leve sinal de fumo saía das suas encostas. Nem uma chama se via nas suas cavidades mais profundas. Nem um rugido, nem um murmúrio, nem um estremeamento saía desse poço escuro, que talvez fosse até às entranhas mais profundas do Globo. A própria atmosfera dentro da caverna não estava saturada por qualquer vapor sulfuroso. Era mais do que um vulcão adormecido: estava completamente extinto.

A tentativa de Cyrus Smith devia ter êxito. A pouco e pouco, Harbert e ele, subindo pelas paredes internas, viram a cratera alargar-se por cima das suas cabeças. O raio dessa porção circular do céu, emoldurado pelas beiras do cone, aumentou consideravelmente. Por assim dizer, cada passo que Cyrus e Harbert davam fazia com que novas estrelas entrassem no seu campo visual. As magníficas constelações desse céu austral resplandeciam. No zénite, brilhavam com uma cintilação magnífica a Antares do Escorpião, e, mais adiante, essa do Centauro que se julga ser a estrela mais próxima do globo terrestre. Depois, à medida que a cratera alargava, apareceram Fomalhaut dos Peixes, o Triângulo

Austral, e, por fim, quase no pólo antártico do Mundo, o cintilante Cruzeiro do Sul, que substitui a Estrela Polar do hemisfério boreal.

Eram perto de oito horas, quando Cyrus Smith e Harbert chegaram ao cume superior do monte, ao cimo do cone.

A obscuridade era tão completa que não permitia ao olhar estender-se por mais de um raio de duas milhas. Achar-se-ia aquele território desconhecido rodeado pelo mar ou ligar-se-ia, no oeste, a algum continente do Pacífico? Não se podia ainda determinar uma coisa ou outra. Para oeste, uma faixa de nuvens, nitidamente desenhada no horizonte, aumentava as trevas, e o olhar não podia descortinar se o céu e a água ali se confundiam numa mesma linha circular.

Contudo, num determinado ponto desse horizonte, uma vaga claridade surgiu subitamente, descendo devagar, à medida que as nuvens subiam para o zénite.

Era o crescente da lua, já prestes a desaparecer. Mas a sua luz chegava para desenhar nitidamente a linha horizontal, então destacada das nuvens, e o engenheiro pôde ver a sua imagem trémula refletir-se por instantes sobre uma superfície líquida.

O engenheiro Cyrus Smith agarrou a mão do rapaz e, com voz grave, disse:

— É uma ilha!

Capítulo 11

Meia hora mais tarde, Cyrus e Harbert estavam de volta ao acampamento. O engenheiro limitara-se a dizer aos companheiros que a terra para onde o acaso os tinha atirado era uma ilha, e que, no dia seguinte, veriam o que havia a fazer. Depois, cada um se arranjou o melhor que pôde para dormir, e, naquela concavidade de basalto, a uma altitude de dois mil e quinhentos pés acima do mar, com uma noite agradável, os «insulares» gozaram de um repouso profundo.

No dia seguinte, 30 de março, após um almoço sumário, composto apenas pelo tragopana assado, o engenheiro quis voltar a subir ao cimo do cone, para observar com atenção a ilha onde ele e os seus companheiros se encontravam prisioneiros, talvez para toda a vida, se essa ilha estivesse situada a uma grande distância de qualquer terra, ou se não se encontrasse na rota dos navios que visitam os arquipélagos do oceano Pacífico. Dessa vez todos os companheiros o seguiram na sua nova exploração. Também eles queriam ver essa ilha à qual iam pedir que provesse a todas as suas necessidades.

Deviam ser sete horas da manhã, aproximadamente, quando Cyrus, Harbert, Pencroff, Gédéon Spilett e Nab deixaram o acampamento. Nenhum deles parecia inquieto com a situação que se lhes deparava. Tinham fé neles, sem dúvida, mas devemos observar que o ponto de apoio desse fé não era o mesmo em Cyrus Smith e nos seus companheiros. O engenheiro tinha confiança porque se sabia capaz de arrancar a essa natureza selvagem tudo o

que fosse necessário para a vida dos seus companheiros e para a sua, e estes nada temiam precisamente porque Cyrus Smith se encontrava com eles. Esta diferença era compreensível. Pencroff, sobretudo depois do incidente do lume, não se sentiria desesperado mesmo estando sobre um rochedo deserto se tivesse o engenheiro Cyrus Smith perto dele.

— Ora! — dizia ele. — Saímos de Richmond sem licença das autoridades! Seria o diabo se não conseguíssemos sair de um sítio onde certamente ninguém nos quererá reter!

Cyrus Smith seguiu o mesmo caminho da véspera. Contornaram o cone pelo planalto que formava o suporte, até à garganta da enorme fenda. O tempo estava magnífico. O sol subia num céu puro e cobria com os seus raios toda a encosta oriental da montanha.

A cratera foi atingida. Era tal como o engenheiro a tinha observado na obscuridade, isto é, um vasto funil que ia alargando até uma altura de mil pés acima do planalto. No fundo da fenda, largos e espessos sulcos de lava serpenteavam pelas encostas do monte e escalonavam assim a rota das matérias eruptivas até aos vales inferiores, que sulcavam o lado setentrional da ilha.

O interior da cratera, cuja inclinação não ultrapassava trinta e cinco a quarenta graus, não apresentava nem obstáculos nem dificuldades à ascensão. Observavam-se sinais de lava muito antigos, que provavelmente abriam para o cimo do cone, antes que essa fenda lateral lhes abrisse uma nova via.

Quanto à chaminé vulcânica que estabelecia a comunicação entre as camadas subterrâneas e a cratera, não se podia calcular a sua profundidade com o olhar, pois ela perdia-se na obscuridade.

Mas quanto à extinção completa do vulcão, não havia dúvidas a esse respeito.

Antes das oito horas, Cyrus Smith e os seus companheiros estavam reunidos no alto da cratera, numa intumescência cônica que existia no bordo setentrional.

— O mar! O mar por toda a parte! — exclamaram, como se os seus lábios não pudessem reter a palavra que fazia deles insulares.

O mar, com efeito, a imensa toalha de água circular em redor deles! Talvez subindo ao cimo do cone, Cyrus Smith tivesse tido a esperança de descobrir qualquer costa, qualquer ilha próxima, que não tivesse visto na obscuridade. Mas nada apareceu até aos limites do horizonte, isto é, num raio de mais de cinquenta milhas. Nenhuma terra à vista. Nem uma vela. Toda essa imensidade era desértica e a ilha ocupava o centro de uma circunferência que parecia ser infinita.

O engenheiro e os seus companheiros, mudos, imóveis, percorreram com o olhar, durante alguns minutos, todos os pontos do oceano, e oceano esse que foi pesquisado pelos seus olhos até aos mais extremos limites. Mas Pencroff, que possuía uma enorme potência de visão, não viu nada, e certamente que se uma terra surgisse no horizonte, mesmo que fosse apenas sob o aspeto de uma vaga silhueta, o marinheiro tê-la-ia indubitavelmente reconhecido, pois a natureza tinha colocado dois verdadeiros telescópios na sua arcada superciliar!

Do oceano, os seus olhares voltaram-se para a ilha, que eles dominavam inteiramente, e a primeira pergunta foi posta por Gédéon Spilett nestes termos:

— Qual poderá ser o tamanho desta ilha?

Verdadeiramente, não parecia considerável no meio daquele imenso oceano.

Cyrus Smith refletiu durante uns instantes; observou atentamente o perímetro da ilha, tendo em conta a altura em que se encontrava, depois disse:

— Meus amigos, creio não me enganar dando ao litoral da ilha um desenvolvimento de mais de cem milhas².

— E conseqüentemente a sua superfície...

— É difícil apreciá-la — respondeu o engenheiro —, pois a ilha é caprichosamente recortada.

Se Cyrus Smith não estava enganado na sua apreciação, a ilha teria, aproximadamente, a extensão de Malta ou Zante, no Mediterrâneo; mas era, simultaneamente, muito mais irregular e menos rica em cabos, promontórios, pontas, baías, enseadas ou angras. A sua forma, verdadeiramente estranha, surpreendia o olhar, e quando Gédéon Spilett, a conselho do engenheiro, desenhou os seus contornos, acharam que ela se assemelhava a algum animal fantástico, uma espécie de pterópode adormecido à superfície do Pacífico.

Era essa, com efeito, a configuração exata dessa ilha, que interessa dar a conhecer, e cujo mapa foi imediatamente traçado pelo repórter com uma grande precisão.

A parte leste do litoral, isto é, aquela onde os naufragos tinham chegado, era cortada em forma de meia lua e ficava junto de um vasta baía terminada a sudeste por um cabo agudo, que uma ponta escondera dos olhos de Pencroff aquando da sua primeira exploração. A nordeste, dois outros cabos formavam a baía, e entre

eles cavava-se um estreito golfo que se assemelhava ao maxilar entreaberto de algum formidável esqualo.

De nordeste para noroeste, a costa arredondava-se como o crânio achatado de uma fera, para se erguer logo a seguir numa espécie de corcova que se acentuava num desenho muito determinado dessa parte da ilha, cujo centro era ocupado pela montanha vulcânica.

Desse ponto, o litoral corria muito regularmente de norte para sul, cavado, em dois terços do seu perímetro, por uma estreita angra, a partir da qual acabava numa comprida cauda, semelhante ao apêndice caudal de um gigantesco lagarto.

Essa cauda formava uma pequena península, que se alongava por cerca de trinta milhas por mar, a contar do cabo sudeste da ilha, já mencionado, e arredondava-se descrevendo um ancoradouro desabrigado, largamente aberto, que desenhava o litoral inferior dessa terra tão estranhamente recortada.

Na sua menor largura, isto é, entre as Chaminés e a enseada observada na costa ocidental que lhe correspondia em latitude, a ilha media apenas dez milhas; mas no seu maior comprimento, do maxilar do nordeste à extremidade da cauda do sudoeste, não tinha menos de trinta milhas.

Quanto ao interior da ilha, o seu aspeto geral era este: muito arborizada no lado meridional, desde a montanha até ao litoral, e árida e arenosa no lado setentrional. Entre o vulcão e a costa leste, Cyrus Smith e os seus companheiros ficaram bastante surpreendidos por verem um lago, rodeado por árvores verdes, de cuja existência eles não desconfiavam. Visto daquela altura, o lago parecia estar ao nível do mar, mas o engenheiro, depois de refletir, explicou aos seus

companheiros que a altitude dessa pequena toalha de água devia ser de trezentos pés, pois o planalto que lhe servia de bacia era o prolongamento do da costa.

— É então um lago de água doce? — perguntou Pencroff.

— Necessariamente — respondeu o engenheiro —, pois deve ser alimentado pelas águas que correm da montanha.

— Vejo um pequeno rio que corre para o lago — disse Harbert apontando para um estreito riacho, cuja nascente se devia encontrar nos contrafortes do oeste.

— Com efeito — respondeu Cyrus Smith. — E visto que esse regato alimenta o lago, é provável que do lado do mar exista um escoadouro pelo qual sai o excesso da água. Veremos isso quando regressarmos.

Esse pequeno curso de água, bastante sinuoso, e o rio, que já conheciam, formavam o sistema hidrográfico da ilha, pelo menos tanto quanto os olhos dos observadores podiam ver. No entanto, era possível que, sob essas massas de árvores que faziam de dois terços da ilha uma imensa floresta, existissem outros rios. Era mesmo de supor tal coisa, tão fértil e rica em produtos da flora das zonas temperadas essa zona se mostrava. Quanto ao lado setentrional, nele não existiam quaisquer indícios de águas correntes; talvez águas estagnadas na parte pantanosa do nordeste, mas mais nada; em suma, dunas, areias, uma aridez muito pronunciada que contrastava vivamente com a opulência do solo na zona mais extensa.

O vulcão não ocupava a parte central da ilha. Erguia-se, pelo contrário, na região do noroeste e parecia marcar o limite das duas zonas. A sudoeste, ao sul e a sudeste, os primeiros socacos dos

contrafortes desapareciam sob massas de verdura. Ao norte, pelo contrário, podia-se seguir as suas ramificações, que iam morrer nas planícies de areia. Era também desse lado que, no tempo das erupções, as lavas tinham aberto passagem e um largo sulco formado por elas prolongava-se até ao estreito maxilar que formava o golfo a nordeste.

Cyrus Smith e os seus permaneceram assim uma hora no cimo da montanha. A ilha desdobrava-se sob os seus olhares como um plano em relevo com os seus tons diversos, verdes para as florestas, amarelos para as areias, azuis para as águas. Viam-na em todo o seu conjunto, e esse solo escondido sob a imensa verdura, o talvegue dos vales cheios de sombra, o interior das gargantas estreitas, cavadas junto do vulcão, eram os únicos que escapavam à sua observação.

Restava uma grave questão a resolver, e que devia influenciar singularmente o futuro dos náufragos: seria a ilha habitada?

Foi o repórter quem fez essa pergunta, à qual parecia que se podia já responder de forma negativa, pois não se via em parte nenhuma obra de mão humana. Nem um aglomerado, nem sequer uma cabana isolada, nem uma pescaria no litoral. Nenhum fumo subia no ar traindo a presença do homem. É verdade que uma distância de cerca de trinta milhas separava os observadores dos seus pontos extremos, isto é, dessa cauda que se projetava para sudoeste, e teria sido difícil, mesmo para os olhos de Pencroff, descobrir ali uma habitação. Também não podiam erguer o cortinado de verdura que ocultava três quartos da ilha, para ver se ele abrigava ou não alguma povoação. Mas, geralmente, os insulares, nesses estreitos espaços que emergem das ondas do Pacífico,

habitam de preferência a zona do litoral, e ali o litoral parecia absolutamente deserto.

Até uma exploração mais completa, podiam portanto admitir que a ilha era desabitada.

Porém, seria frequentada, pelo menos temporariamente, por indígenas das ilhas vizinhas? A essa questão era difícil responder. Não se via nenhuma terra num raio de cerca de cinquenta milhas. Mas cinquenta milhas são fáceis de transpor, quer pelos barcos malaios, quer pelas grandes pirogas polinésias. Tudo dependia portanto da situação da ilha, do seu isolamento no Pacífico, ou da sua proximidade dos arquipélagos. Sem instrumentos, conseguiria Cyrus Smith vir a saber a sua latitude e longitude? Seria difícil. Na dúvida, era portanto conveniente tomar certas precauções contra um possível aparecimento de indígenas vizinhos.

A exploração da ilha estava terminada, a sua configuração determinada, a sua extensão calculada, a sua hidrografia e orografia reconhecidas. A disposição das florestas e das planícies fora anotada, de uma maneira geral, no plano do repórter. Restava apenas voltar a descer as encostas da montanha e explorar o solo no triplo aspeto dos seus recursos minerais, vegetais e animais.

Contudo, antes de dar aos seus companheiros o sinal de partida, Cyrus Smith disse-lhes com a sua voz calma e grave:

— Aqui está, meus amigos, o estreito canto da Terra para o qual a mão do Todo-Poderoso nos lançou. É aqui que vamos viver, talvez durante muito tempo. Talvez, também, chegue até nós um socorro inesperado, se algum navio passar por acaso... Digo por acaso porque esta ilha é pouco importante; não tem sequer um porto abrigado para os navios e é de crer que fique fora da rota habitual

dos navios, isto é, demasiadamente ao sul para os barcos que demandam os arquipélagos do Pacífico, e muito ao norte para aqueles que se dirigem à Austrália dobrando o cabo Horn. Não quero esconder-lhes nada da situação...

— E tem razão, meu caro Cyrus — respondeu vivamente o repórter. — Está a falar com homens que têm confiança em si e sabe que pode contar com eles. Não é verdade, meus amigos?

— Obedecer-lhes-ei em tudo, senhor Cyrus — disse Harbert, que agarrou na mão do engenheiro.

— Meu amo para sempre e em todo o lado! — exclamou Nab.

— Quanto a mim — disse o marinheiro —, que eu perca o meu nome se fugir ao trabalho, e se o senhor quiser faremos desta ilha uma pequena América! Construiremos cidades, caminho de ferro, telégrafo, e um belo dia, quando ela estiver bem transformada, bem arranjada, bem civilizada, iremos oferecê-la ao Governo da União! Peço apenas uma coisa.

— Qual? — perguntou o repórter.

— É que deixemos de nos considerar como náufragos, mas sim como colonos que aportámos aqui para colonizar!

Cyrus Smith não pôde deixar de sorrir, e a moção do marinheiro foi aprovada. Depois, agradeceu aos seus companheiros e disse que contava com a energia deles e com a ajuda do Céu.

— Pois bem, a caminho para as Chaminés! — exclamou Pencroff.

— Um momento, meus amigos — respondeu o engenheiro. — Parece-me bom dar um nome a esta ilha, assim como aos cabos, aos promontórios e aos cursos de água que temos sob os nossos olhos.

— Muito bem — retorquiu o repórter. — Isso simplificará de futuro as instruções que possamos ter de dar ou seguir.

— Com efeito — disse o marinheiro —, já é alguma coisa poder dizer onde se vai ou donde se vem. Pelo menos, pensamos que estamos em qualquer sítio.

— As Chaminés, por exemplo — disse Harbert.

— Isso mesmo! — replicou Pencroff. — Esse nome tornou-se logo mais cómodo e surgiu-me espontaneamente. O nosso primeiro acampamento poderá ficar com o nome de Chaminés, senhor Cyrus?

— Com certeza, Pencroff, visto que você o batizou assim.

— Bem. Quanto aos outros será fácil — continuou o marinheiro, que estava muito animado. — Dêmos-lhes nomes como faziam os Robinson na história que Harbert uma vez me leu: a «baía Providência», «a ponta dos Cachalotes», «o cabo da Esperança Perdida»!...

— Ou então os nomes de senhor Smith — respondeu Harbert —, senhor Spilett, de Nab!...

— O meu nome! — exclamou Nab, mostrando os seus dentes, de uma brancura deslumbrante.

— Por que não? — replicou Pencroff. — O «porto Nab» ficaria muito bem. E o «cabo Gédéon»...

— Eu preferia nomes do nosso país — respondeu o repórter. — Isso lembrar-nos-ia a América.

— Sim, para os principais — disse então Cyrus Smith —, para os das baías e mares acho muito bem. Que dêmos a esta vasta baía o nome de baía da União, por exemplo; à da vasta enseada do sul, o de baía Washington; ao monte em que nos encontramos agora o nome de monte Franklin; ao lago que fica por baixo dos nossos

olhos o de lago Grant, meus amigos. Estes nomes recordar-nos-ão o nosso país e os grandes cidadãos que o honraram; mas quanto aos rios, golfos, cabos e promontórios que vemos do alto desta montanha, é preferível escolhermos nomes que estejam ligados à sua configuração especial. Assim se gravarão melhor no nosso espírito e serão ao mesmo tempo mais práticos. A forma da ilha é bastante estranha e não devemos sentir-nos embaraçados em escolhermos nomes que fiquem bem. Quanto aos rios que não conhecemos, às diversas partes da floresta que exploraremos mais tarde, às enseadas que venhamos a descobrir, batizá-las-emos à medida que se nos apresentem. Que pensam disto, meus amigos?

A proposta do engenheiro foi unanimemente admitida pelos seus companheiros. A ilha estava diante dos olhos deles como um mapa aberto, e bastava dar um nome a todos os seus ângulos salientes ou reentrantes, assim como aos seus relevos. Gédéon Spilett ia-os escrevendo à medida que eram escolhidos, e a nomenclatura da ilha foi assim definitivamente adotada.

O primeiro nome a ser inscrito foi o de baía da União, depois o da baía Washington e o do monte Franklin, segundo indicação do engenheiro.

— Agora — disse o repórter — à península que se projeta ao sudoeste da ilha, proponho que se dê o nome de península Serpentina, e o de promontório do Réptil (Reptile End) à cauda curva que a termina, pois é verdadeiramente uma cauda de réptil.

— Adotado — disse o engenheiro.

— Essa outra extremidade da ilha — disse Harbert —, esse golfo que se parece tão singularmente com um maxilar aberto, chamemos-lhe o golfo do Tubarão (Shark Gulf).

— Bem achado! — exclamou Pencroff. — E completaremos a imagem chamando cabo Mandíbula (Mandible Cape) às duas partes do maxilar.

— Mas há dois cabos — observou o repórter.

— Pois bem — retorquiu Pencroff —: teremos o cabo Mandíbula Norte e o cabo Mandíbula Sul.

— Estão inscritos — respondeu Gédéon Spilett.

— Falta dar um nome à ponta que fica no extremo sudeste da ilha — disse Pencroff.

— Na extremidade da baía da União? — perguntou Harbert.

— Cabo da Garra (Claw Cape) — exclamou imediatamente Nab, que também queria apadrinhar um pedaço qualquer do seu domínio.

E, na verdade, Nab arranjava um nome excelente, pois o cabo representava bem a poderosa garra de um animal fantástico, que aquela ilha tão estranhamente configurada representava.

Pencroff sentia-se encantado com a feição que as coisas levavam, e as imaginações, um pouco sobre-excitadas, continuaram a batizar os diversos locais da ilha:

Ao rio que fornecera água potável aos colonos, junto do qual o balão caíra, deram o nome de rio das Mercês — num verdadeiro agradecimento à Providência.

Ao ilhéu onde os naufragos tinham chegado primeiro, deram o nome de ilhéu da Salvação (Safety Island).

O planalto que coroava a alta muralha de granito, por cima das Chaminés, e donde o olhar podia abarcar toda a vasta baía, foi batizado com o nome de planalto da Grande Vista.

E por fim, a todo o maciço de bosques impenetráveis que cobriam a península de Serpentina, deram o nome de florestas do

Far West.

A nomenclatura das partes visíveis e conhecidas da ilha estava assim terminada, e, mais tarde, seria completada à medida que fossem feitas novas descobertas.

Quanto à orientação da ilha, o marinheiro determinara-a aproximadamente pela altura e a posição do sol, o que punha a leste a baía da União e todo o planalto da Grande Vista. Mas no dia seguinte, observando a hora exata do nascer e do pôr do sol e vendo a sua posição durante o tempo passado entre o sol-nascente e o sol-poente, contava fixar exatamente o norte da ilha, pois, devido à sua situação no hemisfério austral, o sol no momento preciso em que atingia o zénite passava ao norte, e não ao meio-dia, como, no seu movimento aparente, parece suceder nos locais situados no hemisfério boreal.

Estava, portanto, tudo terminado e os colonos iam descer o monte Franklin para regressarem às Chaminés, quando Pencroff exclamou:

— Realmente, somos uns cabeças no ar!

— Porquê? — perguntou Gédéon Spilett, que fechara a sua agenda e se levantara para partir.

— E a nossa ilha? Esquecemo-nos de a batizar!

Harbert ia propor que lhe dessem o nome do engenheiro e todos os seus companheiros o teriam aplaudido, quando Cyrus Smith disse simplesmente:

— Dêmos-lhe o nome de um grande cidadão, meus amigos; daquele que agora luta para manter a unidade da república americana! Chamemos-lhe a ilha Lincoln!

Três hurras responderam à proposta feita pelo engenheiro.

E nessa noite, antes de adormecer, os novos colonos falaram a respeito do seu longínquo país; dessa terrível guerra que o ensanguentava; não podiam duvidar que o Sul seria em breve vencido, e que a causa do Norte, a causa da justiça, triunfaria, graças a Grant, graças a Lincoln!

Ora, isto passava-se a 30 de março de 1865, e eles não sabiam que, dezasseis dias depois, Sexta-Feira Santa, um crime horroroso seria cometido em Washington: Abraão Lincoln cairia sob a bala de um fanático.

Capítulo 12

Os colonos da ilha Lincoln lançaram um último olhar em seu redor, deram a volta à cratera e, meia hora mais tarde, encontraram-se de novo na primeira plataforma, no seu acampamento da noite.

Pencroff pensou que eram horas de almoçar, e, a propósito disso, tratou-se de acertar o relógio de Cyrus Smith e o do repórter.

Sabe-se que o relógio de Gédéon Spilett não tinha apanhado água do mar, visto que o repórter caíra na areia, fora do alcance das ondas. Era um instrumento excelente, um verdadeiro cronómetro de bolso, ao qual o repórter nunca se esquecera de dar corda todos os dias.

Quanto ao relógio do engenheiro, tinha parado durante os dias em que o engenheiro estivera nas dunas.

O engenheiro deu-lhe corda, e, calculando aproximadamente pela altura do sol que deviam ser nove horas da manhã, pôs o relógio nessa hora.

Gédéon Spilett ia imitá-lo, quando o engenheiro, detendo-o, lhe disse:

— Não, meu caro Spilett. Espere. Manteve a hora de Richmond, não é verdade?

— Sim, Cyrus.

— Por consequência, o seu relógio está regulado pelo meridiano dessa cidade, meridiano que é pouco mais ou menos o de Washington?

— Sem dúvida.

— Pois bem. Mantenha-o assim. Contente-se em dar-lhe corda com exatidão, mas não toque nos ponteiros. Isso poderá ser-nos útil.

«Em quê?», pensou o marinheiro.

Comeram, e tão bem que a reserva de caça e de pinhões foi totalmente esgotada. Mas Pencroff não se sentiu inquieto. Reabastecer-se-iam no caminho. *Top*, cujo quinhão fora bastante reduzido, encarregar-se-ia de procurar qualquer nova caça entre o matagal. Além disso, o marinheiro pensava em pedir ao engenheiro que fabricasse pólvora e uma ou duas espingardas de caça, achando que isso não representaria qualquer dificuldade.

Ao deixarem o planalto, Cyrus Smith propôs aos seus companheiros que seguissem outro caminho para voltarem às Chaminés. Desejava conhecer o lago Grant, tão magnificamente emoldurado pelas árvores verdes. Seguiram portanto a crista de um contraforte, entre os quais nascia provavelmente o *creek* que o alimentava.

Em conversa, os colonos utilizavam já os nomes que tinham escolhido e isso facilitava extraordinariamente a sua troca de ideias. Harbert e Pencroff — um deles jovem e o outro ainda um pouco criança — estavam encantados, e enquanto caminhavam o marinheiro dizia:

— É impossível perdermo-nos, meu rapaz, visto que, quer sigamos o caminho do lago Grant, quer chegemos ao rio das Mercês através dos bosques do Far West, chegaremos sempre ao planalto da Grande Vista e, portanto, à baía da União!

Ficara combinado que, sem formarem um grupo compacto, os colonos não se afastariam muito uns dos outros. Era quase certo

que alguns animais perigosos habitavam as densas florestas da ilha, e era prudente acutelarem-se. De uma maneira geral, Nab, Pencroff e Harbert iam à frente, precedidos de *Top*, que farejava os mais pequenos recantos. O repórter e o engenheiro seguiam juntos. Gédéon Spilett sempre preparado para anotar qualquer incidente e o engenheiro, silencioso a maior parte do tempo, afastando-se do seu caminho apenas para apanhar uma coisa ou outra, fosse uma substância mineral ou vegetal, que metia no bolso sem fazer qualquer observação.

«Que diabo apanha ele assim?», murmurava Pencroff. «Eu bem olho, mas não vejo nada que valha a pena apanhar!»

Por volta das dez horas, o pequeno grupo descia as últimas rampas do monte Franklin. No solo viam-se apenas arbustos e raras árvores. Caminhavam sobre uma terra amarelada e calcinada, formando uma planície de cerca de uma milha, que precedia a orla do bosque. Grandes rochas de basalto que, segundo as experiências de Bischof, tinham precisado de trezentos e cinquenta milhões de anos para arrefecer, juncavam o solo da planície atormentada. No entanto, não se viam ali sinais de lava, que se espalhara principalmente pelas encostas setentrionais.

Cyrus Smith julgava poder atingir sem incidentes o curso do *creek*, que, segundo pensava, devia correr por entre as árvores, na orla da planície, quando viu voltar apressadamente Harbert, enquanto Nab e o marinheiro se escondiam entre as rochas.

— Que há, meu rapaz? — perguntou Gédéon Spilett.

— É fumo! — respondeu Harbert. — Vimos fumo a subir entre as rochas, a cem passos de nós.

— Homens neste sítio? — exclamou o repórter.

— Evitemos mostrar-nos antes de sabermos o que se passa — respondeu Cyrus Smith. — Receio tanto os indígenas, se os há nesta ilha, que não os desejo. Onde está *Top*?

— *Top* foi para diante.

— E não ladrou?

— Não.

— É estranho. Entretanto, vamos tentar chamá-lo.

Em poucos instantes, o engenheiro, Gédéon Spilett e Harbert tinham voltado para junto dos seus dois companheiros, e, como eles, esconderam-se atrás dos rochedos de basalto.

Dali via-se muito bem o fumo que subia no ar, fumo esse cuja cor amarelada se notava nitidamente.

Top, chamado por um ligeiro assobio do dono, voltou para trás, e este, fazendo sinal aos companheiros para o esperarem, deslizou por entre as rochas.

Os colonos, imóveis, esperavam com certa ansiedade o resultado das averiguações, quando uma chamada de Cyrus Smith os fez correr. Quando chegaram junto do engenheiro, sentiram o cheiro desagradável que impregnava a atmosfera.

Esse cheiro, facilmente reconhecível, bastara ao engenheiro para adivinhar donde provinha aquele fumo, que pouco antes os inquietara, e com razão.

— Este fogo, ou, melhor, este fumo, vem da natureza. Trata-se de uma nascente sulfurosa, que permitirá tratar eficazmente as nossas laringites.

— Bom! — exclamou Pencroff. — Que pena eu não estar constipado!

Os colonos dirigiram-se então para o local donde vinha o fumo. Ali viram uma nascente sulfurosa sódica, que corria abundantemente entre as rochas e cujas águas tinham um cheiro intenso a ácido sulfídrico, depois de terem absorvido o oxigênio do ar.

Cyrus Smith, molhando lá a mão, achou as águas oleosas. Provou-as e reconheceu que o seu sabor era um pouco adocicado. Quanto à temperatura, calculou-a em 95° Fahrenheit (35° centígrados). E como Harbert lhe perguntasse em que é que ele baseava a sua avaliação, o engenheiro replicou:

— Muito simplesmente, meu rapaz, porque ao mergulhar a minha mão nessa água não tive qualquer sensação nem de frio nem de calor. Portanto, ela está aproximadamente à mesma temperatura que o corpo humano, que é de cerca de 95° Fahrenheit.

Depois, não oferecendo a fonte sulfurosa nenhuma utilidade imediata, os colonos dirigiram-se para a espessa orla da floresta, que se iniciava a algumas centenas de passos.

Ali, como tinham calculado, o regato passeava as suas águas claras e límpidas entre as altas margens de terra avermelhada, cuja cor demonstrava a presença de óxido de ferro. Essa cor fez com que dessem imediatamente o nome de «Creek Vermelho» ao pequeno curso de água.

Era apenas um largo riacho, profundo e claro, formado pelas águas da montanha, que, semirrio, semitorrente, aqui correndo tranquilamente sobre a areia, ali rugindo sobre os cimos dos rochedos, ou precipitando-se em cascata, corria para o lago por uma superfície de milha e meia e numa largura que variava de trinta a quarenta pés. As suas águas eram doces, o que fazia supor que as do lago o eram também. Circunstância feliz para o caso de se

encontrar nas suas margens um local onde ficassem mais bem instalados do que nas Chaminés.

Quanto às árvores que, algumas centenas de pés abaixo, davam sombra às águas do *creek*, pertenciam na sua maior parte às espécies que abundam na zona temperada da Austrália e da Tasmânia, e não à dessas coníferas que alegravam a zona já explorada da ilha, a algumas milhas do planalto da Grande Vista. Nessa época do ano, no começo do mês de abril, que representa nesse hemisfério o mês de outubro, isto é, o início do outono, a folhagem ainda lhes não faltava. Eram muito especialmente casuarinas e eucaliptos, dos quais alguns deviam fornecer na primavera seguinte um maná açucarado, muito semelhante ao maná do Oriente. Grupos de cedros australianos erguiam-se também nas clareiras, revestidas dessa relva alta a que chamam *tussac* na Nova Holanda; mas o coqueiro, tão abundante nos arquipélagos do Pacífico, parecia faltar na ilha, cuja latitude era sem dúvida demasiado baixa.

— Que pena! — disse Harbert. — Uma árvore tão útil e que dá tão bons frutos!

Quanto aos pássaros, pululavam entre os ramos um pouco magros dos eucaliptos e das casuarinas. Cacatuas pretas, brancas e cinzentas, papagaios e periquitos, de plumagem colorida, «reis» de um verde deslumbrante e coroados de vermelho, zorras azuis, *blue-mountains*, pareciam só se deixar ver através de um prisma, e esvoaçavam no meio de uma gritaria ensurdecadora.

De súbito, um estranho concerto de vozes discordantes ouviu-se no meio de um matagal. Os colonos ouviram sucessivamente o canto de pássaros, o grito dos quadrúpedes e uma espécie de

balbuciar que poderia sair dos lábios de um indígena. Nab e Harbert tinham corrido para o matagal, esquecendo os princípios da mais elementar prudência. Felizmente não se encontrava ali nem uma fera temível, nem indígena perigoso, mas simplesmente uma meia dúzia desses pássaros trocistas e cantores que reconheceram como sendo «faisões da montanha». Algumas pauladas dadas com habilidade terminaram com a cena de imitação e forneceram uma caça excelente para o jantar dessa noite.

Harbert viu também pombos magníficos, de asas bronzeadas, uns com uma enorme crista, outros com penas verdes como os seus congêneres de Port-Macquarie; mas foi impossível alcançá-los, assim como aos corvos e gralhas, que fugiam em bandos. Uma espingarda de chumbo miúdo teria feito uma hecatombe entre essas aves, mas os caçadores ainda estavam reduzidos a pedras e a paus e esses recursos primitivos não deixavam de ser insuficientes.

A sua insuficiência foi demonstrada mais claramente ainda quando um grupo de quadrúpedes, saltitando, dando por vezes saltos de trinta pés como verdadeiros mamíferos voadores, fugiu entre o matagal, tão depressa e a tal altura que se diria que eram esquilos passando de árvore para árvore.

— Cangurus! — exclamou Harbert.

— E isso come-se? — replicou Pencroff.

— Estufado — disse o repórter —, vale tanto como a melhor carne de caça!...

Ainda Gédéon Spilett não acabara de dizer esta excitante frase e já o marinheiro, seguido por Harbert e Nab, corria atrás dos cangurus. Cyrus Smith chamou-os, mas em vão. Mas iria ser também em vão que os três perseguiriam aqueles animais cheios de

elasticidade, que saltavam como bolas. Após cinco minutos de corrida, os caçadores estavam sem fôlego e os animais tinham desaparecido por entre o denso mato. *Top* também não tivera mais sorte.

— Senhor Cyrus — perguntou Pencroff —, não seria possível fabricar uma espingarda?

— Talvez — respondeu o engenheiro —; mas começaremos primeiro por fabricar arcos e flechas, e não duvido que se habituem a manejá-los tão habilmente como os caçadores australianos.

— Flechas e arcos! — exclamou Pencroff com uma careta desdenhosa. — Isso é bom para crianças!

— Não se faça orgulhoso, amigo Pencroff — respondeu o repórter. — Os arcos e as flechas chegaram, durante séculos, para ensanguentar o Mundo. A pólvora é recente, e a guerra é velha como a raça humana, infelizmente!

— Isso é verdade, senhor Spilett — respondeu o marinheiro. — Eu falo sempre depressa de mais. Têm de me desculpar!

Entretanto, Harbert, voltou ao assunto dos cangurus, dizendo:

— De resto, nós perseguimos a espécie mais difícil de apanhar. Eram gigantes de longo pelo cinzento; mas se não me engano existem cangurus pretos e vermelhos; cangurus dos rochedos, cangurus-ratos que são mais fáceis de apanhar. Existe uma dúzia de espécies...

— Harbert — replicou sentenciosamente o marinheiro —, para mim, existe apenas uma espécie de canguru: o «canguru no espeto», e é precisamente aquela que nos fará falta esta noite!

Não puderam deixar de rir quando ouviram a nova classificação de mestre Pencroff. O bravo marinheiro não escondeu o seu

desgosto por ser obrigado a comer ao jantar apenas os faisões-cantores, mas a sorte iria mostrar-se mais uma vez complacente para com ele.

Com efeito, *Top*, que sentia que o seu interesse também estava em jogo, procurava por toda a parte com o apetite aguçado por uma fome devoradora. Era até provável que se qualquer peça de caça lhe caísse nos dentes, não restasse nada para os caçadores, e que *Top* estivesse a caçar por sua conta; mas Nab vigiava-o e fazia bem.

Por volta das três horas da tarde, o cão desapareceu por entre o mato e em breve uns grunhidos surdos mostravam que ele tinha apanhado qualquer animal.

Nab correu, e, efetivamente, viu *Top* devorando com avidez um quadrúpede, que dez segundos mais tarde seria impossível reconhecer no estômago do cão. Felizmente, o *Top* descobrira uma ninhada e matara três animais. Dois deles jaziam no solo, estrangulados.

Nab reapareceu portanto triunfalmente, trazendo em cada uma das mãos um desses animais roedores — pois eram dessa espécie —, cujo tamanho ultrapassava o de uma lebre. A sua pelagem amarela tinha manchas esverdeadas e as caudas só existiam no estado rudimentar.

Cidadãos da União não podiam hesitar em dar a esses roedores o nome que lhes convinha. Eram *maras*, uma espécie de agutis, um pouco maiores que os seus congéneres dos países tropicais, verdadeiros coelhos da América, de orelhas compridas, com maxilares de cinco molares de cada lado, o que precisamente os distingue dos agutis.

— Hurra! — gritou Pencroff. — Chegou o assado! E agora podemos voltar para casa!

A marcha, por momentos interrompida, recomeçou. O Creek Vermelho continuava a correr as suas águas límpidas sob a abóbada das casuarinas e das gigantescas árvores de goma. Soberbas liliáceas chegavam a atingir uma altura de vinte pés. Outras espécies arborescentes, desconhecidas do jovem naturalista, inclinavam-se sobre o rio, que se ouvia murmurar no seu berço de verdura.

Entretanto, o curso de água ia alargando consideravelmente e Cyrus Smith era levado a crer que em breve atingiria a sua embocadura. Com efeito, ao saírem de um espesso maciço de belas árvores, ela apareceu de repente.

Os exploradores tinham chegado à costa ocidental do lago Grant. O local valia a pena ser visto. Essa extensão de água, de uma circunferência de sete milhas e com uma superfície de duzentos e cinquenta acres⁹, repousava junto de uma margem de árvores variadas. Para leste, através de uma cortina de verdura pitorescamente erguida em certos sítios, surgia um deslumbrante horizonte de mar. Ao norte, o lago descrevia uma curva ligeiramente côncava, que contrastava com o desenho agudo da sua ponta inferior. Numerosos pássaros aquáticos frequentavam as margens desse pequeno Ontário, cujas «mil ilhas» do seu homónimo americano eram representadas por um rochedo que aparecia à superfície, a algumas centenas de pés da margem meridional. Ali, viviam em comum vários casais de martins-pescadores, empoleirados em qualquer pedra, graves, imóveis, espreitando os peixes que passavam, depois lançando-se, mergulhando e soltando um grito agudo, reaparecendo depois com a presa no bico. Mais

longe, nas margens e no ilhéu, pavoneavam-se patos selvagens, pelicanos, galinhas-de-água, bicos-vermelhos, *filédons* com uma língua em forma de pincel, e uma ou duas dessas aves esplêndidas cuja cauda abre graciosamente' como uma lira.

Quanto às águas do lago, eram doces, límpidas, um pouco escuras, e por certa agitação, pelos círculos concêntricos que se entrecruzavam à sua superfície, não se podia duvidar que fossem muito ricas em peixe.

— É realmente belo, este lago! — exclamou Gédéon Spilett. — Poder-se-ia viver nas suas margens!

— E aqui viveremos! — respondeu Cyrus Smith.

Os colonos, querendo então chegar pelo caminho mais curto às Chaminés, desceram até ao ângulo formado ao sul pela junção das margens do lago.

Com bastante trabalho conseguiram abrir caminho através dos arbustos e do matagal, que nenhuma mão de homem havia afastado, e dirigiram-se assim para o litoral, de modo a chegarem ao norte do planalto da Grande Vista. Percorreram duas milhas nessa direção, e em seguida, depois da última cortina de árvores, surgiu o planalto, atapetado por uma erva espessa, e, para além, o mar infinito.

Para regressar às Chaminés, bastava atravessar obliquamente o planalto pelo espaço de uma milha e voltar a descer até ao cotovelo formado pela primeira curva do rio das Mercês. Mas o engenheiro desejava conhecer como e por onde se escoava o excesso das águas do lago, e a exploração foi prolongada, entre as árvores, durante uma milha e meia para norte. Era provável, com efeito, que existisse um escoadouro em qualquer parte, e seria sem dúvida através de

uma fenda no granito. O lago não era, em resumo, senão uma imensa bacia, que se enchera a pouco e pouco devido às águas do rio, e o seu escoamento tinha de se fazer para o mar por qualquer queda de água. Se assim fosse, o engenheiro pensava que era possível utilizar essa queda e aproveitar a sua força, atualmente sem proveito para ninguém. Continuaram, portanto, a seguir as margens do lago Grant, subindo o planalto; mas depois de terem percorrido mais uma milha nessa direção, Cyrus Smith não conseguira ainda descobrir o escoadouro, que no entanto devia existir.

Eram então quatro horas e meia. Os preparativos para o jantar exigiam que os colonos voltassem para casa. O pequeno grupo retrocedeu portanto e, pela margem esquerda do rio das Mercês, Cyrus Smith e os seus companheiros chegaram às Chaminés.

Ali, uma vez reanimado o fogo, Nab e Pencroff, aos quais competiam naturalmente as funções de cozinheiros, um como criado e o outro como marinheiro, prepararam rapidamente as espetadas de agutis, às quais fizeram largamente honras.

Terminada a refeição, no momento em que cada um se ia entregar ao sono, Cyrus Smith tirou do bolso amostras de minerais de espécies diferentes, e limitou-se a dizer:

— Meus amigos: isto é minério de ferro, isto é pirite, isto é argila, isto cal e isto carvão. Eis o que nos dá a Natureza, e esta é a sua parte no trabalho comum! Amanhã falaremos sobre a nossa!

Capítulo 13

— Então, senhor Cyrus, por onde vamos começar? — perguntou no dia seguinte Pencroff ao engenheiro.

— Pelo princípio — respondeu Cyrus Smith.

E, com efeito, era realmente pelo princípio que os colonos precisavam de começar. Não possuíam sequer as ferramentas necessárias para fazer utensílios, e também não se encontravam nas condições da Natureza, que «tendo tempo economiza esforço». O tempo faltava-lhes, visto que precisavam de fazer face imediatamente às suas necessidades, e se, aproveitando a experiência adquirida, não tinham nada que inventar, eram pelo menos obrigados a fabricar tudo. O ferro deles, e logo o aço, estavam ainda no estado mineral, as olarias no estado de argila, a roupa e os fatos no estado de matérias têxteis.

É preciso dizer, de resto, que esses colonos eram «homens» na bela e poderosa aceção da palavra. O engenheiro Smith não poderia ser secundado por companheiros mais inteligentes nem mais dedicados e zelosos: interrogara-os e conhecia as suas aptidões.

Gédéon Spilett, repórter de grande talento, que aprendera de tudo para poder falar de tudo, poderia contribuir largamente para a colonização da ilha. Não recuaria diante de qualquer tarefa, e, caçador apaixonado, faria profissão daquilo que, até ali, fora para ele apenas um prazer.

Harbert, um corajoso rapaz, notavelmente instruído nas ciências naturais, iria fornecer um contributo precioso para a causa comum.

Nab era a dedicação personificada. Hábil, inteligente, infatigável, robusto, com uma saúde de ferro, percebia um pouco do trabalho de ferreiro e só poderia ser útil à colônia.

Quanto a Pencroff fora marinheiro em todos os oceanos, carpinteiro nos estaleiros de Brooklin, ajudante de alfaiate nos estabelecimentos do Estado, jardineiro, agricultor durante as férias, etc., e, como os homens do mar, prontos para tudo, ele sabia fazer tudo.

Seria verdadeiramente difícil reunir cinco homens mais aptos para lutar contra a sorte, mais certos de triunfar.

«Pelo princípio», dissera Cyrus Smith. Ora, o começo de que falava o engenheiro era a construção de um aparelho que pudesse servir para transformar as substâncias naturais. Sabe-se o papel desempenhado pelo calor nessas transformações. Ora, o combustível, madeira ou carvão, era imediatamente utilizável. Tratava-se, portanto, de construir um forno para o utilizar.

— Para que servirá esse forno? — perguntou Pencroff.

— Para fabricar as louças de que temos necessidade — respondeu Cyrus Smith.

— E como construiremos o forno?

— Com tijolos.

— E os tijolos?

— Com argila. A caminho, meus amigos. Para evitar os transportes, instalaremos o nosso *atelier* no local da produção. Nab levará provisões e não faltará lume para cozer os alimentos.

— Efetivamente — respondeu o repórter. — Mas se os alimentos vierem a escassear por falta de instrumentos de caça?

— Ah! Se ao menos tivéssemos uma faca! — exclamou o marinheiro.

— E então? — perguntou Cyrus Smith.

— Então eu arranjaria rapidamente um arco e flechas e a caça não faltaria.

— Sim, uma faca, um instrumento cortante — disse o engenheiro, como se falasse para si mesmo.

Nesse momento o seu olhar caiu sobre *Top*, que ia e vinha de um lado para o outro na margem.

Subitamente, o olhar de Cyrus Smith animou-se.

— *Top*, aqui! — disse.

O cão correu ao chamamento do dono. Este agarrou o pescoço do animal e tirando-lhe a coleira que ele usava partiu-a ao meio, dizendo:

— Aqui estão duas facas, Pencroff!

Responderam-lhe dois hurras do marinheiro. A coleira de *Top* era feita de uma delgada lâmina de aço temperado. Bastava portanto afiá-las numa pedra de argila arenosa, de maneira a pôr ao vivo o ângulo da lâmina e tirar depois a rebarba numa pedra de argila mais fina. Ora, esse género de pedra arenosa encontrava-se abundantemente no areal e duas horas depois, os utensílios da colónia compunham-se de duas lâminas bem afiadas, a que foi fácil adaptar dois sólidos cabos.

A conquista destes primeiros utensílios foi saudada como um triunfo. Conquista preciosa, com efeito, e que vinha a propósito.

Partiram. A intenção de Cyrus Smith era de voltar à margem ocidental do lago, onde na véspera observara a terra arenosa, de que possuía uma amostra. Meteram portanto pela margem do rio

das Mercês, atravessaram o planalto da Grande Vista, e, após uma marcha de cinco milhas quando muito, chegaram a uma clareira situada a duzentos passos do lago Grant.

De caminho, Harbert descobrira uma árvore cujos ramos eram utilizados pelos índios da América Meridional para fabricarem os seus arcos. Era a *crejimba*, da família das palmeiras, que não tem frutos comestíveis. Alguns ramos compridos e direitos foram cortados, tiraram-lhes as folhas, adelgaçaram-nos, deixando-os mais fortes no meio e mais delgados nas extremidades. Faltava apenas encontrar uma planta apropriada para formar a corda do arco. Foi uma espécie pertencente à família das malváceas, um *Hibiscus heterophyllus*, que tem fibras de uma rijeza notável, que se podem comparar a tendões de animais, que a forneceu. Pencroff obteve assim arcos de uma grande força, aos quais apenas faltavam as flechas. Estas eram fáceis de fazer com ramos direitos e rígidos, sem nodosidades, mas a ponta que devia armá-los, isto é, uma substância própria para substituir o ferro, não devia encontrar-se facilmente. Mas Pencroff pensou que tendo ele fornecido o trabalho, o acaso faria o resto.

Os colonos chegaram entretanto ao terreno visitado na véspera. Compunha-se dessa argila figulina que serve para o fabrico de tijolos e de telhas e que era por consequência apropriada para a operação que queriam realizar. Bastava desengordurar o figulino com areia, moldar os tijolos e cozê-los ao calor de um fogo de lenha.

Vulgarmente, os tijolos são feitos em formas, mas o engenheiro contentou-se em fabricá-los à mão. Todo esse dia e o seguinte foram empregados nesse trabalho. A argila, misturada com água e amassada depois com os pés e os punhos dos manipuladores, foi dividida em bocados de tamanho igual. Um operário exercitado pode

confeccionar, sem máquina, até dez mil tijolos em doze horas; mas nesses dois dias de trabalho, os cinco trabalhadores da ilha Lincoln não fabricaram mais de três mil, que foram arrumados uns ao lado dos outros, até ao momento em que estivessem secos, para depois serem cozidos, isto é, daí a três ou quatro dias.

Foi no dia 2 de abril que Cyrus Smith se ocupou em fixar a orientação da ilha.

Na véspera, anotara exatamente a hora à qual o sol desaparecera no horizonte, tendo em conta a refração. Nessa manhã anotou, não menos exatamente, a hora a que ele reapareceu. Entre esse pôr do sol e o nascer do sol, tinham decorrido doze horas menos vinte e quatro minutos. Portanto, seis horas e doze minutos depois de nascer, o sol, nesse dia, passaria exatamente no meridiano, e o ponto do céu que ocuparia nesse momento seria o norte¹⁰.

À hora apropriada, Cyrus marcou esse ponto e, pondo duas árvores a formarem ângulo com o sol, obteve assim um meridiano invariável para as suas operações ulteriores.

Durante os dois dias que precederam a cozedura dos tijolos, ocuparam-se do fornecimento de combustível. A volta da clareira cortaram-se ramos e foram apanhados todos os bocados de madeira seca caídos no solo. Isso não se fez sem que tivessem caçado um pouco nos arredores, tanto mais que Pencroff possuía agora algumas dezenas de flechas armadas de pontas muito afiadas. *Top* é que fornecera essas pontas, apanhando um porco-espinho, bastante medíocre como caça, mas de um incontestável valor graças aos espinhos que o cobriam. Esses picos foram solidamente ajustados à extremidade das flechas, cuja direção foi assegurada por uma

plumagem de penas de cacatua. O repórter e Harbert depressa se transformaram em hábeis archeiros. Desse modo, a caça com pelo e com penas abundava nas Chaminés. Cabiais, pombos, agutis, galinhas-do-mato, etc. A maior parte desses animais foi caçada na parte da floresta situada na margem esquerda do rio das Mercês, à qual deram o nome de bosque do Jacamar, em recordação do pássaro que Harbert e Pencroff tinham perseguido aquando da sua primeira exploração.

Esta caça foi comida fresca, mas os cabiais foram conservados como presuntos, fumando-os com o fumo da madeira verde, depois de os terem temperado com folhas perfumadas. No entanto, essa alimentação, embora muito forte, começava a cansar, pois eram assados atrás de assados, e os convivas sentir-se-iam felizes se pudessem ouvir uma panela a ferver ao lume; mas era preciso que essa panela fosse primeiro fabricada e, antes disso, que fosse feito o forno.

Durante as excursões, que tiveram lugar num raio muito limitado em redor da fábrica de tijolos, os caçadores puderam observar, pelos rastos, a passagem recente de animais de grande tamanho, armados de garras poderosas, cuja espécie eles não conseguiram reconhecer. Cyrus Smith recomendou-lhes extrema prudência, pois era provável que na floresta existissem feras perigosas.

E fez bem. Gédéon Spilett e Harbert viram um dia um animal que se assemelhava a um jaguar. Felizmente a fera não os atacou, pois caso contrário eles não poderiam ter escapado sem graves ferimentos. Mas logo que tivessem uma arma a sério, isto é, uma dessas espingardas que Pencroff reclamava, Gédéon Spilett prometia

mover uma guerra encarniçada a esses animais ferozes e acabar com eles.

As Chaminés, durante esses dias, não foram arranjadas mais confortavelmente porque o engenheiro tencionava descobrir ou construir, se necessário fosse, uma habitação mais confortável. Contentaram-se em estender sobre a areia dos corredores ramos frescos de musgo e de folhas, camas um pouco primitivas, mas nas quais os cinco trabalhadores, exaustos de cansaço, dormiam profundamente.

Fizeram também um apanhado dos dias decorridos na ilha Lincoln, desde que ali tinham chegado, mantendo depois uma contagem regular. No dia 5 de abril, que era quarta-feira, havia doze dias que o vento lançara os náufragos para o litoral da ilha.

No dia 6 de abril, de madrugada, o engenheiro e os seus amigos encontravam-se reunidos na clareira, no local onde iam proceder à cozedura dos tijolos. É claro que essa operação se iria realizar ao ar livre e não nos fornos, ou, melhor, a aglomeração dos tijolos seria apenas um enorme forno que se cozeria a si próprio. O combustível, feito de feixes bem arranjados, foi colocado no solo e rodeado de várias filas de tijolos secos, que em breve formavam um grande cubo, no exterior do qual foram preparados respiradouros. Esse trabalho durou todo o dia e só ao anoitecer pegaram fogo aos feixes.

Nessa noite ninguém se deitou e todos ficaram de vela para que o fogo não se apagasse. A operação durou quarenta e oito horas e teve êxito total. Foi preciso depois deixar arrefecer a massa fumegante, e, entretanto, Nab e Pencroff, guiados por Cyrus Smith, transportaram, numa padiola feita de troncos entrelaçados, várias

cargas de carbonato de cal, pedras muito vulgares, que se encontravam em abundância ao norte do lago. Essas pedras, desfeitas pelo calor, deram uma cal viva, muito gordurosa, tão pura como se tivesse sido produzida pela calcinação do giz ou do mármore. Misturada com areia, cujo efeito é o de atenuar a redução da massa depois de solidificada, essa cal forneceu um cimento excelente.

Desses diversos trabalhos resultou que no dia 9 de abril o engenheiro tinha à sua disposição uma certa quantidade de cal e alguns milhares de tijolos.

Começaram então, sem perder um instante, a construir um forno, que devia servir para a cozedura das diversas peças de louça indispensáveis para os usos domésticos. Conseguiram construir esse forno sem grandes dificuldades. Cinco dias mais tarde o forno foi carregado com a hulha descoberta pelo engenheiro, na embocadura do Creek Vermelho e os primeiros fumos começaram a sair da chaminé, que media uns vinte pés de altura. A clareira estava transformada em fábrica e Pencroff não estava longe de acreditar que daquele forno iam sair todos os produtos da indústria moderna.

Entretanto, o que os colonos fabricaram primeiro foi uma louça de barro, muito apropriada para a cozedura dos alimentos. A matéria-prima era a argila do solo, à qual Cyrus Smith acrescentou um pouco de cal e quartzo. Na realidade, essa massa constituía a verdadeira «terra de cachimbo», com a qual fizeram panelas, chávenas moldadas sobre pedras de formas convenientes, pratos, grandes jarros e alguidares para a água, etc. A forma desses objetos era desajeitada, defeituosa; mas depois de terem sido cozidos a uma alta temperatura, a cozinha das Chaminés ficou fornecida com certo

número de utensílios tão preciosos como se o mais belo caulino tivesse entrado na sua composição.

Deve mencionar-se aqui que Pencroff, desejoso de saber se essa argila, assim preparada, justificava o seu nome de «terra de cachimbo», fabricou alguns cachimbos bastante grosseiros, que achou encantadores, mas aos quais infelizmente o tabaco faltava! E isso, deve dizer-se, representava uma grande privação para Pencroff.

«Mas o tabaco virá, como todas as outras coisas!», pensava ele nos seus transportes de confiança absoluta.

Estes trabalhos duraram até ao dia 15 de abril, e compreende-se que o tempo foi conscienciosamente empregado. Os colonos, tomados oleiros, não fizeram senão objetos de olaria. Quando conviesse a Cyrus Smith transformá-los em ferreiros, seriam ferreiros. Mas no dia seguinte, domingo, e Domingo de Páscoa, todos resolveram descansar, para santificar esse dia pelo repouso. Aqueles americanos eram homens religiosos, observadores escrupulosos dos preceitos da Bíblia, e a situação que lhes era imposta não podia deixar de desenvolver os seus sentimentos de confiança para com o Autor de todas as coisas.

Na noite do dia 15 de abril, voltaram definitivamente às Chaminés. O regresso foi assinalado por um acontecimento feliz: a descoberta que o engenheiro fez de uma substância própria para substituir as acendalhas. Sabe-se que essa substância esponjosa e aveludada é proveniente de um certo cogumelo do género políporo. Convenientemente preparada, toma-se extremamente inflamável, sobretudo quando é previamente saturada de pólvora de canhão ou fervida numa solução de nitrato ou cloreto de potassa. Mas, até então, não tinham encontrado nenhum desses políporos, nem

sequer nenhum dos cogumelos comestíveis que podem substituí-los. Nesse dia, o engenheiro reconheceu uma certa planta pertencente ao género da artemísia, que conta entre as suas principais espécies o absinto, a erva-cidreira, o estragão, etc.; arrancou vários tufos e, mostrando-as ao marinheiro, disse:

— Olhe, Pencroff; aqui está uma coisa que lhe dará prazer.

Pencroff olhou atentamente a planta, revestida de pelos aveludados.

— O que é isso, senhor Cyrus? — perguntou Pencroff. — Deus do Céu! É tabaco?

— Não — respondeu Cyrus Smith. — É artemísia, a artemísia chinesa dos sábios, e para nós serão acendalhas.

Com efeito, a artemísia, convenientemente seca, forneceu uma substância muito inflamável, sobretudo quando mais tarde o engenheiro a impregnou desse nitrato de potassa de que a ilha possuía várias camadas, e que não é senão salitre.

Nessa noite, todos os colonos, reunidos na «sala» maior, jantaram convenientemente. Nab preparava uma panela de aguti, um presunto de cabiai aromatizado, ao qual juntaram tubérculos cozidos do *Caladium macrorhizum*, uma espécie de planta herbácea da família das araliáceas, e que, nas zonas tropicais, têm forma arborescente. Esses rizomas tinham um gosto excelente e eram muito nutritivos, semelhantes à substância que na Inglaterra se conhece pelo nome de «sagu de Portland», e podiam, em certa medida, substituir o pão que faltava ainda aos colonos da ilha Lincoln.

Terminada a refeição, antes de irem dormir, Cyrus Smith e os seus companheiros foram tomar ar para o areal. Eram oito horas da

noite. Esta anunciava-se magnífica. A lua, que estivera cheia cinco dias antes, não tinha ainda surgido no horizonte, mas este brilhava já com os cambiantes prateados aos quais se pode dar o nome de aurora lunar. No zénite austral, as constelações circumpolares resplandeciam, e, entre todas, o Cruzeiro do Sul, que uns dias antes o engenheiro saudara do alto do monte Franklin.

Cyrus Smith observou durante certo tempo essa esplêndida constelação, que tem no seu cimo e na sua base duas estrelas de primeira grandeza, no lado esquerdo uma estrela de segunda e do lado direito outra de terceira grandeza.

Depois, tendo refletido, disse:

— Harbert, hoje não é o dia 15 de abril?

— Sim, senhor Cyrus — respondeu o jovem.

— Pois bem, se não me engano, amanhã será um dos quatro dias do ano em que o tempo verdadeiro se confunde com o tempo médio, o que quer dizer, meu filho, que amanhã, durante alguns segundos, o sol passará no meridiano exatamente ao meio-dia dos relógios. Portanto, se o tempo estiver bom, creio que poderei calcular a longitude da ilha com uma aproximação de alguns graus.

— Sem instrumentos, sem sextante? — perguntou Gédéon Spilett.

— Sim — replicou o engenheiro. — Além disso, visto que a noite está clara, vou tentar obter hoje mesmo a nossa latitude, calculando a altura do Cruzeiro do Sul, isto é, do pólo austral, acima do horizonte. Devem compreender, meus amigos, que antes de realizarmos sérios trabalhos de instalação, não basta ter estabelecido que esta terra é uma ilha; é preciso, tanto quanto possível, reconhecer a que distância ela está situada, quer do

continente americano, quer do continente australiano, quer dos principais arquipélagos do Pacífico.

— Com efeito — disse o repórter. — Em vez de construir uma casa, podemos ter interesse em construir um barco, se por acaso estivermos apenas a umas cinquenta milhas de uma costa habitada.

— Por essa razão — continuou Cyrus Smith —, vou tentar, esta noite, obter a latitude da ilha Lincoln, e amanhã, ao meio-dia, tentarei calcular a sua longitude.

Se o engenheiro tivesse um sextante, aparelho que permite medir com precisão a distância angular dos objetos por reflexão, a operação não ofereceria qualquer dificuldade. Nessa noite, pela altura do pólo, no dia seguinte pela passagem do sol no meridiano, ele obteria as coordenadas da ilha. Mas, faltando o aparelho, era preciso passar sem ele.

Cyrus Smith entrou nas Chaminés. A luz da lareira, talhou duas pequenas réguas chatas que juntou uma à outra pelas extremidades, de modo a formar uma espécie de compasso cujas pernas pudessem afastar-se ou aproximar-se. O ponto de ligação estava preso por um forte espinho de acácia fornecido pela lenha da lareira.

Uma vez terminada a confecção desse instrumento, o engenheiro voltou ao areal; mas como era necessário que ele calculasse a altura do pólo acima de um horizonte nitidamente desenhado, isto é, um horizonte de mar, e o cabo Garra lhe escondia o horizonte do sul, teve de ir procurar uma estação mais conveniente. A melhor seria evidentemente o litoral exposto diretamente ao sul, mas para lá chegar era preciso atravessar o rio das Mercês, nessa altura profundo, e isso representava uma dificuldade.

Cyrus Smith resolveu por consequência ir fazer a sua observação no planalto da Grande Vista, tendo em conta a sua altura acima do nível do mar — altura que ele tencionava calcular no dia seguinte por meio de um simples processo de geometria elementar.

Os colonos deslocaram-se portanto para o planalto, subindo a margem esquerda do rio das Mercês, e foram colocar-se na orla que se orientava para noroeste e sudoeste, isto é, nessa linha de rochas caprichosamente recortadas que orlavam o rio.

Essa parte do planalto dominava de uns cinquenta pés a margem direita, que descia, numa dupla encosta, até à extremidade do cabo Garra e até ao lado meridional da ilha. Nenhum obstáculo detinha portanto o olhar, que abarcava o horizonte numa semicircunferência, desde o cabo até ao promontório do Réptil. Para sul, esse horizonte, iluminado por baixo pelas primeiras claridades da lua, destacava-se vivamente no céu e podia ser observado com uma certa precisão.

Nesse momento, o Cruzeiro do Sul apresentava-se ao observador numa posição inversa, marcando a estrela Alfa a sua base, que está mais perto do pólo austral.

Esta constelação não está tão perto do pólo antártico como a Estrela Polar do pólo ártico. A estrela Alfa fica a cerca de 27° , mas Cyrus Smith sabia-o e devia levar essa distância em conta no seu cálculo. Teve também o cuidado de a observar no momento em que passava no meridiano inferior, o que devia tornar a sua observação mais fácil.

O engenheiro dirigiu, portanto, uma perna do seu compasso de madeira para o horizonte marítimo e a outra para Alfa, como teria feito com os óculos de um círculo repetidor, e a abertura das duas pernas deu-lhe a distância angular que separava Alfa do horizonte. A

fim de fixar o ângulo obtido de uma forma imutável, ele espetou, com espinhos, as duas tábuas do seu aparelho sobre uma terceira colocada transversalmente, de modo que o seu afastamento fosse solidamente mantido.

Feito isto, restava-lhe apenas calcular o ângulo obtido, levando a observação ao nível do mar, de modo a ter em conta a depressão do horizonte, o que tomava necessário medir a altura do planalto. O valor desse ângulo daria ainda a altura da Alfa, e conseqüentemente a do pólo acima do horizonte, isto é, a latitude da ilha, visto que a latitude de um ponto do Globo é sempre igual à altura do pólo acima do horizonte desse ponto.

Estes cálculos foram deixados para o dia seguinte, e, às dez horas, todos dormiam profundamente.

Capítulo 14

No dia seguinte, Domingo de Páscoa, os colonos saíram das Chaminés ao nascer do dia e procederam à lavagem da sua roupa branca e à limpeza dos fatos. O engenheiro pensava fabricar sabão logo que encontrasse as matérias-primas necessárias à saponificação, soda ou potassa, gordura ou óleo. A tão importante questão da renovação do guarda-roupa também seria devidamente tratada na altura conveniente. Em todo o caso, os fatos durariam bem mais seis meses, pois eram fortes e poderiam resistir às fadigas dos trabalhos a efetuar. Mas tudo dependeria da situação da ilha em relação às terras habitadas. Era o que seria determinado nesse mesmo dia se o tempo o permitisse.

Ora, o sol, erguendo-se num horizonte límpido, anunciava um dia magnífico, um desses belos dias de outono que são como os últimos adeuses da estação quente.

Tratava-se, portanto, de completar os elementos das observações da véspera, medindo a altura do planalto da Grande Vista acima do nível do mar.

— Não precisa de um instrumento análogo àquele de que se serviu ontem? — perguntou Harbert ao engenheiro.

— Não, meu filho — respondeu Cyrus Smith. — Vamos proceder de maneira diferente e quase tão precisa como a de ontem.

Harbert, que gostava de se instruir em tudo, seguiu o engenheiro, que se afastou da muralha de granito, descendo até à orla do areal. Entretanto, Pencroff, Nab e o repórter ocupavam-se de diversos trabalhos.

Cyrus Smith munira-se de uma espécie de vara direita, com o comprimento de uma dúzia de pés, que ele medira com a maior exatidão possível comparando-a com a sua própria estatura, cuja altura ele conhecia. Harbert levava um fio de prumo que lhe entregara Cyrus Smith, isto é, uma simples pedra fixa na extremidade de uma fibra flexível.

Chegado a uns vinte pés do areal, e a cerca de quinhentos pés da muralha de granito, que se erguia perpendicularmente, Cyrus Smith enterrou dois pés da vara na areia, e, calçando-a cuidadosamente, conseguiu, por meio de um fio de prumo, erguê-la perpendicularmente ao plano do horizonte.

Feito isto, recuou a distância necessária para que, estando ele deitado sobre a areia, o raio visual que partia da sua vista atingisse simultaneamente a extremidade da vara e a crista da muralha. Depois marcou cuidadosamente esse ponto com uma estaca.

Em seguida, dirigindo-se a Harbert, disse:

— Conheces os primeiros princípios da geometria?

— Um pouco, senhor Cyrus — respondeu Harbert, que não queria adiantar-se muito.

— E lembras-te bem de quais são as propriedades de dois triângulos semelhantes?

— Sim — respondeu Harbert. — Os seus lados homólogos são proporcionais.

— Pois bem, meu filho, acabo de construir dois triângulos semelhantes, ambos retângulos: o primeiro, o mais pequeno, tem por lados a vara perpendicular, a distância que separa a estaca da base da vara, e o meu raio visual por hipotenusa; o segundo tem por lados a muralha perpendicular, cuja altura se trata de medir, a

distância que separa a vara da base da muralha, e o meu raio visual forma também a sua hipotenusa, que sucede ser o prolongamento da do primeiro triângulo.

— Ah! senhor Cyrus, compreendi! — exclamou Harbert. — Assim como a distância da estaca à vara é proporcional à distância da vara à base da muralha, do mesmo modo a altura da vara é proporcional à altura dessa muralha.

— É isso mesmo, Harbert — respondeu o engenheiro. — E quando tivermos medido as duas primeiras distâncias, conhecendo a altura da vara, teremos apenas um cálculo de proporções a fazer, o que nos dará a altura da muralha e nos evitará o trabalho de a medir diretamente.

As duas distâncias horizontais foram encontradas por meio da própria vara, cujo comprimento acima da areia era exatamente de dez pés.

A primeira distância era de quinze pés entre a estaca e o ponto em que a vara estava enterrada na areia.

A segunda distância, entre a estaca e a base da muralha, era de quinhentos pés.

Terminadas estas medidas, Cyrus Smith e o jovem Harbert voltaram às Chaminés.

Ali, o engenheiro pegou numa pedra chata que trouxera das excursões precedentes, uma espécie de xisto, sobre o qual era fácil escrever com uma concha partida. E traçou a proporção seguinte:

$$15 : 500 = 10 : x$$

$$500 \times 10 = 5000$$

$$5000 : 15 = 333,333$$

Ficou então estabelecido que a muralha de granito media trezentos e trinta e três pés de altura¹¹.

Cyrus Smith pegou então de novo no instrumento que fabricara na véspera e cujas duas pranchas, pelo seu afastamento, lhe davam a distância angular da estrela Alfa no horizonte. Mediu exatamente a abertura desse ângulo numa circunferência que dividiu em trezentas e sessenta partes iguais. Ora, esse ângulo era de 10° . Deste modo, a distância angular total entre o pólo e o horizonte, acrescentada dos 27° que separam Alfa do pólo antártico, e reduzida ao nível do mar a altura do planalto no qual fora feita a observação, era de 37° . Cyrus Smith concluiu, portanto, que a ilha Lincoln estava localizada a 37° de latitude austral, ou tendo em conta, devido à imperfeição das operações, um desvio de 5° , que devia estar situada entre o paralelo 35° e o 40° .

Restava obter a longitude, para completar as coordenadas da ilha. Era o que o engenheiro tentaria determinar nesse mesmo dia, ao meio-dia, isto é, no momento em que o sol passasse no meridiano.

Foi decidido que esse domingo seria empregado num passeio, ou, melhor, numa exploração a essa parte da ilha situada entre o norte do lago e o golfo do Tubarão, e, se o tempo o permitisse, levariam esse reconhecimento até ao lado oposto do cabo Mandíbula Sul. Almoçariam nas dunas e só voltariam à noite.

Às oito e meia da manhã, o pequeno grupo seguia a orla do canal. Do outro lado, no ilhéu da Salvação, numerosos pássaros passeavam com ar circunspecto. Eram aves mergulhadoras, da espécie dos cotetes, reconhecíveis pelo seu grito desagradável, que

faz lembrar o zurro do burro. Pencroff só os considerava do ponto de vista comestível e soube com satisfação que a carne deles, apesar de escura, é muito comestível.

Podiam também ver arrastar-se pela praia grandes anfíbios, focas sem dúvida, que pareciam ter escolhido a ilha como refúgio. Não era possível examinar aqueles animais sob o ponto de vista alimentar, pois a sua carne oleosa é detestável; no entanto, Cyrus Smith observou-os com atenção, e, sem dar a conhecer a sua ideia, anunciou aos companheiros que muito em breve fariam uma visita ao ilhéu.

A margem por onde os colonos seguiam estava salpicada de inúmeras conchas, das quais algumas fariam as delícias de um amador de malacologia. Mas o que lhes devia ser mais útil era uma vasta ostreira, descoberta na maré baixa, que Nab assinalou entre os rochedos, a cerca de quatro milhas das Chaminés.

— Nab não terá perdido o seu dia — exclamou Pencroff, observando o banco de ostras, que se estendia pelo mar dentro.

— É uma feliz descoberta, com efeito — disse o repórter. — E se, como se diz, cada ostra produzir por ano cinquenta a sessenta mil ovos, teremos aqui uma reserva inesgotável.

— No entanto, creio que a ostra não é muito alimentícia — disse Harbert.

— De facto, não é — apoiou Cyrus Smith. — A ostra contém muito pouca matéria azotada e um homem que se alimentasse exclusivamente de ostras precisaria de quinze a dezasseis dúzias por dia.

— Bom — exclamou Pencroff —, podemos comer dúzias e dúzias antes de o banco se esgotar. E se começássemos por ir buscar

algumas para o nosso almoço?

E sem esperar resposta à sua proposta, pois sabia bem que ela seria aprovada, o marinheiro e Nab apanharam uma certa porção desses moluscos. Meteram-nos numa espécie de rede feita de fibras de certos arbustos, que Nab confeccionara, e que continha a refeição; depois continuaram a subir a costa entre as dunas e o mar.

De tempos a tempos, Cyrus consultava o seu relógio, a fim de se preparar a tempo para a observação solar, que devia ser feita ao meio-dia em ponto.

Todo aquele lado da ilha era muito árido, até à ponta que terminava na baía da União e que recebera o nome de cabo Mandíbula Sul. Via-se apenas areia e conchas, misturadas com detritos de lava. Alguns pássaros marítimos frequentavam essa costa desolada; gaivotas, albatrozes, assim como pássaros selvagens, que excitaram a cobiça de Pencroff. Ele bem tentou abatê-los com flechas, mas sem resultado, pois as aves não pousavam e era preciso atingi-las em pleno voo. O que levou o marinheiro a dizer ao engenheiro:

— Veja, senhor Cyrus, enquanto não tivermos uma ou duas espingardas de caça, o nosso material deixará muito a desejar!

— Sem dúvida, Pencroff — respondeu o repórter. — Arranje ferro para os canos, aço para as fecharias, salitre, carvão e enxofre para a pólvora, mercúrio e ácido de azoto para o fulminato, e por fim chumbo para as balas, e Cyrus fará espingardas de primeira categoria.

— Oh! — respondeu o engenheiro —; todas essas substâncias se encontrarão certamente na ilha, mas uma arma de fogo é um

instrumento delicado que requer ferramentas de grande precisão. Enfim, mais tarde veremos.

— Por que razão tivemos nós de deitar pela borda fora todas as armas que o balão transportava, os nossos utensílios, e até os nossos canivetes!

— Mas se não os tivéssemos deitado fora, Pencroff — replicou Harbert —, seríamos nós que teríamos ido para o fundo do mar!

— É verdade o que tu dizes, meu rapaz! — respondeu o marinheiro. Depois, passando para outra ideia. — Só penso em qual deve ter sido o espanto de Jonathan Forster e dos seus companheiros, quando, no dia seguinte de manhã, descobriram que o balão tinha desaparecido!

— A última das minhas preocupações é saber o que eles possam ter pensado! — disse o repórter.

— E fui eu quem teve essa ideia! — disse Pencroff, com ar satisfeito.

— Uma bela ideia, Pencroff — replicou Gédéon Spilett, rindo —, e que nos trouxe para onde estamos!

— Prefiro estar aqui a ser prisioneiro dos sulistas! — retorquiu o marinheiro —; sobretudo, desde que o senhor Cyrus teve a bondade de se juntar a nós!

— E eu também, na verdade! — replicou o repórter. — De resto, que nos falta? Nada!

— A não ser... tudo! — respondeu Pencroff, que desatou a rir, fazendo tremer os seus largos ombros. — Mas qualquer dia havemos de arranjar maneira de nos irmos embora!

— E mais depressa do que pensam, meus amigos — disse então o engenheiro —, se a ilha Lincoln estiver apenas a uma distância

mediana de um arquipélago habitado ou de um continente. Antes de uma hora poderemos sabê-lo. Não tenho um mapa do Pacífico, mas a minha memória conservou uma recordação muito exata da sua parte meridional. A latitude que ontem obtive situa a ilha Lincoln do outro lado da Nova Zelândia, a oeste, e da costa do Chile a leste. Mas entre essas duas terras há uma distância de pelo menos seis mil milhas. Resta portanto determinar que ponto a ilha ocupa nesse largo espaço de mar, e é o que a longitude nos dará daqui a pouco com uma aproximação suficiente, espero.

— Não é — perguntou Harbert — o arquipélago das Pomotu que se encontra mais perto de nós em latitude?

— Sim — respondeu o engenheiro —, mas a distância que nos separa dele é pelo menos de mil e duzentas milhas.

— E por ali? — disse Nab, que seguia a conversa com o maior interesse e cuja mão apontava para sul.

— Por ali, nada — respondeu Pencroff.

— Nada, com efeito — acrescentou o engenheiro.

— Então, Cyrus — perguntou o repórter —, se a ilha Lincoln se encontra apenas a duzentas ou trezentas milhas da Nova Zelândia ou do Chile?...

— Então — respondeu o engenheiro —, em vez de construirmos uma casa construímos um barco e o mestre Pencroff encarrega-se de o comandar.

— Com certeza, senhor Cyrus — replicou o marinheiro. — Estou pronto para passar a comandante... logo que arranjem maneira de fazer um barco que aguente o mar!

— Construí-lo-emos, se for necessário! — respondeu Cyrus Smith.

Enquanto assim conversavam esses homens, que verdadeiramente nada receavam, aproximava-se a hora em que a observação deveria ter lugar. Como se arranjaría Cyrus Smith para se certificar da passagem do sol no meridiano da ilha sem qualquer instrumento? Era isso que Harbert não podia adivinhar.

Os observadores encontravam-se então a uma distância de seis milhas das Chaminés, perto dessa parte das dunas onde o engenheiro fora encontrado depois do seu enigmático salvamento. Pararam nesse local e prepararam tudo para o almoço, pois eram onze e meia. Harbert foi buscar água doce ao riozinho que corria ali perto, e trouxe-a numa bilha que Nab lhe entregara.

Durante estes preparativos, Cyrus Smith dispôs tudo para a sua observação astronómica. Escolheu no areal um lugar plano, que o mar ao retirar-se havia nivelado perfeitamente. Essa camada de areia, muito fina, estava lisa como um espelho, sem que um grão se sobrepusesse a outro. Inclinando a sua vara para o lado oposto ao do sol, Cyrus Smith tornava a sombra mais alongada, e, por consequência, as suas modificações seriam mais fáceis de verificar. Com efeito, quanto maior for o ponteiro do relógio, mais facilmente se pode seguir a sua deslocação. A sombra da vara não era mais do que um ponteiro de um relógio.

Quando pensou que era chegado o momento, Cyrus Smith ajoelhou na areia, e, por meio de pedacinhos de madeira que ia pondo no chão, começou a apontar as diminuições sucessivas da sombra da vara. Os seus companheiros, inclinados sobre ele, seguiam a operação com um interesse extremo.

O repórter segurava o seu cronómetro na mão, pronto a tomar nota da hora que ele marcaria, quando a sombra estivesse mais

curta. Além disso, como Cyrus Smith fazia os seus cálculos no dia 16 de abril, dia no qual o tempo verdadeiro e o tempo médio se confundem, a hora indicada por Gédéon Spilett seria a hora verdadeira em Washington, o que simplificava o cálculo.

Entretanto, o sol avançava lentamente, a sombra da vara ia diminuindo, e quando Cyrus Smith achou que ela começava a aumentar, perguntou:

— Que horas são?

— Cinco horas e um minuto — respondeu imediatamente Gédéon Spilett.

Bastava agora pôr os algarismos na operação. Nada mais fácil. Como se sabe, existiam cerca de cinco horas de diferença entre o meridiano de Washington e o da ilha Lincoln, isto é, era meio-dia na ilha Lincoln e eram cinco horas da tarde em Washington. Ora, o sol, no seu movimento aparente em redor da Terra, percorre um grau em quatro minutos, ou seja, quinze graus por hora. Quinze graus multiplicados por cinco horas, dava setenta e cinco graus.

Portanto, visto que Washington está por $77^{\circ} 3' 11''$, ou, melhor, 77° contados do meridiano de Greenwich — que os Americanos, assim como os Ingleses, tomam por ponto de partida das longitudes —, deduzia-se que a ilha estava situada a mais de setenta e cinco graus a oeste do meridiano de Greenwich, isto é, a cento e cinquenta e dois graus de longitude oeste.

Cyrus Smith anunciou esse resultado aos seus companheiros, e tendo em conta os erros de observação, como fizera quanto à latitude, julgou poder afirmar que a ilha Lincoln estava entre os paralelos 35° e 37° , e entre os meridianos 150° e 155° a oeste do meridiano de Greenwich.

O possível erro que atribuía à observação era de cinco graus nos dois sentidos, o que, contando sessenta milhas por grau, podia dar um erro de trezentas milhas em latitude ou em longitude, em relação a uma observação exata.

Contudo, esse erro não devia influir em qualquer resolução que se viesse a tomar. Era evidente que a ilha Lincoln se encontrava a tal distância de qualquer terra ou arquipélago que não se podiam arriscar a atravessar essa extensão numa simples e frágil canoa.

Com efeito, a sua situação avaliava-se numa distância de pelo menos mil e duzentas milhas das ilhas de Taiti e do arquipélago das Pomotu; a mais de mil e oitocentas milhas da Nova Zelândia e a mais de quatro mil e quinhentas milhas da costa americana!

E por mais que Cyrus Smith consultasse as suas recordações, não se lembrava de modo nenhum de qualquer ilha que ocupasse, nessa parte do Pacífico, a situação da ilha Lincoln.

Capítulo 15

No dia seguinte, 17 de abril, as primeiras palavras do marinheiro foram para Gédéon Spilett.

— Então, senhor — perguntou ele —, que seremos nós hoje?

— O que agradar a Cyrus — respondeu o repórter.

Ora de fabricantes de tijolos e de olaria que eles tinham sido até então, os companheiros do engenheiro iam passar a ser metalúrgicos.

Na véspera, depois do almoço, a exploração tinha ido até ao cabo Mandíbula, distante das Chaminés umas sete milhas. Ali acabava a longa série das dunas, e o solo tomava uma aparência vulcânica. Já não se viam as altas muralhas graníticas como no planalto da Grande Vista, mas uma moldura estranha e caprichosa, formada por matérias vulcânicas, enquadrava o estreito golfo entre os dois cabos. Chegados a essa ponta, os colonos voltaram para trás e, ao cair da noite, chegaram às Chaminés, mas não adormeceram sem que a questão de terem de deixar ou não a ilha Lincoln tivesse sido resolvida.

Era uma distância considerável, as mil e duzentas milhas que separavam a ilha do arquipélago das Pomotu. Um barquinho não chegaria para a transpor, sobretudo porque se aproximava a estação má. Pencroff declarara-o formalmente. Ora, construir uma embarcação simples, mesmo tendo os utensílios necessários para isso, não era tarefa fácil. Como os colonos não tinham nada, precisavam de começar por fabricar martelos, machados, serras, enxós, plainas, puas, etc., o que exigiria certo tempo. Foi, portanto,

decidido que passariam o inverno na ilha Lincoln e que procurariam uma habitação mais confortável do que as Chaminés para passar essa estação.

Antes de mais, era necessário utilizar o minério de ferro, pois o engenheiro vira que ele existia ali na zona noroeste da ilha, e transformar esse minério quer em ferro, quer em aço.

O solo não encerra geralmente os metais num estado puro. Na sua maioria encontram-se combinados com o oxigénio ou com o enxofre. Precisamente as duas amostras trazidas pelo engenheiro eram, uma de ferro magnético, não carbonatado, e a outra de piritite, ou sulfureto de ferro. Era portanto a primeira, o óxido de ferro, que era necessário desembaraçar do oxigénio, para ficar no estado de pureza. Essa redução faz-se submetendo o mineral em presença do carvão a uma alta temperatura, ou por meio do fácil e rápido «método catalão», que tem a vantagem de transformar diretamente o minério em ferro numa única operação, ou pelo método dos altos-fornos, que funde primeiro o minério e depois o transforma em ferro, tirando-lhe três a quatro por cento do carvão que está ligado ao ferro.

Ora, de que tinha necessidade Cyrus Smith? De ferro e não de minério fundido, por isso devia procurar o mais rápido método de transformação. De resto, o minério que ele apanhara era já de si muito puro e muito rico. Era esse mineral oxidulado, que, encontrando-se em massas confusas de um cinzento-escuro, dá um pó negro, cristaliza em octaedros regulares, fornece os magnetes naturais, e serve para fabricar na Europa esses ferros de primeira qualidade, tão abundantes na Noruega e na Suécia. Perto desses jazigos de minério, encontravam-se outros de carvão de pedra já

explorados pelos colonos. Havia portanto grande facilidade no tratamento do minério, visto que os elementos do fabrico se encontravam perto. É exatamente isso que faz a prodigiosa riqueza das explorações do Reino Unido, onde a hulha que serve para fabricar o metal se extrai do mesmo solo e ao mesmo tempo que ele.

— Então, senhor Cyrus — perguntou Pencroff —, vamos trabalhar o minério de ferro?

— Sim, meu amigo — respondeu o engenheiro —, e, para começar, o que não lhe deve desagradar, faremos uma caçada às focas no ilhéu.

— Uma caçada às focas! — exclamou o marinheiro, voltando-se para Gédéon Spilett. — São então necessárias focas para fabricar ferro?

— Visto que Cyrus o diz! — retorquiu o repórter.

Mas o engenheiro afastara-se já e Pencroff preparou-se para a caça às focas sem ter obtido qualquer explicação.

Daí a pouco, Cyrus Smith, Harbert, Gédéon Spilett, Nab e o marinheiro estavam reunidos no areal, num ponto onde o canal permitia passagem a vau durante a maré baixa. Nessa altura a maré estava o mais baixa possível e os caçadores puderam atravessar o canal com água pelos joelhos.

Cyrus Smith punha pela primeira vez os pés no ilhéu, e os seus companheiros faziam-no pela segunda vez, visto que fora para ali que o balão os atirara.

Quando lá chegaram, algumas centenas de pinguins olharam-nos com os seus olhos cândidos. Os colonos, armados de paus, poderiam matá-los facilmente, mas não pensaram sequer em fazer

uma chacina duplamente inútil, pois não lhes interessava assustar os anfíbios, que se encontravam a pouca distância dali. Respeitaram assim os pinguins, cujas asas, reduzidas ao estado de cotos, se achatavam, em forma de barbatanas, guarnecidas de penas de aparência escamosa.

Os colonos avançaram prudentemente para a ponta norte, caminhando sobre um solo crivado de pequenos charcos, que formavam outros tantos ninhos de pássaros aquáticos. Para a extremidade do ilhéu viam-se grandes pontos negros que nadavam à tona da água. Dir-se-ia recifes em movimento.

Eram as focas que os colonos queriam capturar. Era necessário deixá-las chegar a terra, pois, com a sua bacia estreita, o seu pelo raso e cerrado, o seu formato fusiforme, essas focas, excelentes nadadoras, são muito difíceis de apanhar no mar, ao passo que no solo, os seus pés curtos e espalmados só lhes permitem um movimento de rastejo pouco rápido.

Pencroff conhecia os hábitos desses anfíbios e aconselhou a esperarem que eles se encontrassem estendidos na areia, expondo-se aos raios do sol, que não tardariam a fazê-los mergulhar num sono profundo. Manobriariam então de maneira a cortar-lhes a retirada e a atingi-los nos focinhos.

Os caçadores esconderam-se então atrás das rochas do litoral e esperaram em silêncio.

Passou-se uma hora sem que as focas fossem deitar-se na areia. Eram umas seis. Pencroff e Harbert adiantaram-se então, a fim de contornarem a ponta do ilhéu, de maneira a cortar a retirada às focas. Entretanto, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Nab, rastejando pelas rochas, deslizavam para a futura cena do combate.

De repente, o vulto alto do marinheiro ergueu-se, ao mesmo tempo que soltava um grito. O engenheiro e os seus dois companheiros correram apressadamente para se colocarem entre o mar e as focas. Dois desses animais, vigorosamente atacados à paulada, ficaram estendidos no chão, mortos, mas os outros conseguiram chegar ao mar e afastar-se.

— As focas pedidas, senhor Cyrus! — disse o marinheiro, dirigindo-se para o engenheiro.

— Muito bem — respondeu Cyrus Smith. — Faremos delas foles para a forja!

— Foles para a forja! — exclamou Pencroff. — Muito bem, são o que se chama focas com sorte!

Era, com efeito, uma máquina sopradora, necessária para o tratamento do minério, que o engenheiro contava fabricar com a pele daqueles anfíbios. Eram de estatura mediana, pois o seu comprimento não ultrapassava os seis pés, e, pela cabeça, assemelhavam-se a cães.

Como era inútil carregarem com um peso tão considerável como era o dos dois animais, Nab e Pencroff resolveram esfolá-los ali mesmo, enquanto Cyrus Smith e o repórter acabavam a exploração do ilhéu.

O marinheiro e Nab saíram-se bem da sua tarefa, e, três horas depois, Cyrus Smith tinha à sua disposição duas peles de foca que ele tencionava utilizar como estavam, sem as curtir.

Os colonos tiveram de esperar que a maré descesse, e, atravessando o canal, voltaram às Chaminés.

Não foi fácil o trabalho de esticar as peles sobre bocados de madeira de modo a mantê-las afastadas, e de cosê-las depois com

fibras, de maneira que elas conservassem o ar no seu interior, sem demasiadas fugas. Cyrus Smith tinha apenas à sua disposição duas lâminas de aço provenientes da coleira de *Top*, e, no entanto foi tão hábil, os seus companheiros ajudaram-no com tanta inteligência que três dias depois os utensílios da pequena colónia eram acrescentados de um fole, destinado a injetar ar no meio do minério quando ele estivesse a ser tratado com o calor — condição indispensável para o êxito da operação.

Foi no dia 20 de abril, logo de manhã, que começou o «período metalúrgico», como lhe chamou o repórter nas suas notas. O engenheiro estava decidido, como sabemos, a trabalhar no local onde se encontravam os jazigos de hulha e de minério. Ora, segundo as suas observações, esses jazigos estavam situados junto dos contrafortes a nordeste do monte Franklin, isto é, a uma distância de seis milhas. Não se podia, portanto, pensar em regressar todos os dias às Chaminés, e foi combinado que a pequena colónia acamparia numa cabana feita de troncos, de forma que a operação prosseguisse de dia e de noite.

Uma vez estabelecido este projeto, partiram na manhã seguinte. Nab e Pencroff arrastavam sobre uma grade o fole e uma quantidade de provisões vegetais e animais, que de resto iriam sendo renovadas durante o caminho.

A rota seguida foi a dos bosques do Jacamar, que atravessaram obliquamente de sudeste para noroeste, e na sua parte mais densa. Foi necessário abrir caminho, que iria ser, daí em diante, a artéria mais direta entre o planalto da Grande Vista e o monte Franklin. As árvores, pertencentes às espécies já conhecidas, eram magníficas. Harbert assinalou algumas que ainda não tinham visto ali, como por

exemplo os dragoeiros, aos quais Pencroff chamava «alhos-porros pretensiosos», pois, apesar do seu tamanho, pertenciam à mesma família das liliáceas, como a cebola, o cebolinho, o alho e os espargos. Esses dragoeiros podiam fornecer raízes lenhosas, excelentes quando cozidas, e que, submetidas a uma certa fermentação, dão um licor muito agradável. Os colonos fizeram uma boa provisão delas.

O caminho através do bosque foi demorado. Durou o dia inteiro, mas permitiu que a fauna e a flora fossem observadas. *Top*, mais especialmente encarregado da fauna, corria através do mato, fazendo levantar do chão toda a espécie de caça. Harbert e Gédéon Spilett mataram dois cangurus com as suas flechas, e ainda um animal que se assemelhava muito a um ouriço-cacheiro ou a um tamanduá: ao primeiro porque se enrolava sobre si mesmo e ficava coberto de picos; ao segundo porque tinha unhas de escavador, um focinho comprido e frágil que terminava numa espécie de bico de ave, e uma língua extensível, guarnecida de pequenos espinhos que serviam para prender os insetos.

— E quando estiver na panela — observou com toda a naturalidade Pencroff —, a que é que se assemelhará?

— A um excelente bocado de carne de vaca — respondeu Harbert.

— Não lhe pedimos mais do que isso — retorquiu o marinheiro.

Durante essa excursão surpreenderam alguns javalis, que não tentaram atacar o pequeno grupo, e não parecia que tivessem de recear quaisquer feras temíveis, quando, no meio de um espesso matagal, o repórter julgou ver, a alguns passos dele, entre os primeiros ramos de uma árvore, um animal que tomou por um urso,

e que começou a desenhar tranquilamente. Felizmente para Gédéon Spilett, o animal em questão não pertencia à temível família dos plantígrados. Era apenas um *kula*, mais conhecido pelo nome de «preguiça», que tinha a estatura de um cão grande, o pelo eriçado e de uma cor suja, as patas armadas de grandes garras, o que lhe permitia subir às árvores e alimentar-se de folhas. Feita a verificação da identidade desse animal, que não deixou as suas ocupações, Gédéon Spilett apagou a legenda de «urso» que tinha escrito por baixo do desenho, escreveu *kula* no seu lugar e retomaram o caminho.

Às cinco horas da tarde, Cyrus Smith deu o sinal de parar. Encontravam-se fora da floresta, junto desses poderosos contrafortes que rodeavam o monte Franklin por leste. A algumas centenas de passos corria o Creek Vermelho, e, por consequência, a água potável não se encontrava longe.

O acampamento foi imediatamente organizado. Em menos de uma hora, na orla da floresta, uma cabana, feita de ramos entrelaçados com lianas e terra, oferecia um retiro suficiente. Deixaram para o dia seguinte as pesquisas geológicas. A ceia foi preparada, um bom fogo ardia diante da cabana, o espeto girava, e às oito horas, enquanto um dos colonos velava para manter o fogo, para o caso de algum animal selvagem rondar pelos arredores, os outros dormiam a sono solto.

No dia seguinte, 21 de abril, Cyrus Smith, acompanhado de Harbert, foi procurar esses terrenos de formação antiga nos quais já tinha encontrado uma amostra de minério. Encontrou o jazigo à flor da terra, quase junto da nascente do *creek*, na base lateral, junto dos contrafortes do nordeste. Esse minério, muito rico em ferro,

encerrado na sua ganga fusível, convinha perfeitamente ao modo de transformação que o engenheiro tencionava utilizar, isto é, o método catalão mais simplificado, como é utilizado na Córsega.

Com efeito, o método catalão propriamente dito exige a construção de fornos e de cadinhos, nos quais o minério e o carvão, colocados em camadas alternadas, se transformam e se reduzem. Mas Cyrus Smith pretendia economizar essas construções e desejava formar com o minério e o carvão uma massa cúbica para o centro da qual dirigiria o sopro do seu fole. Era o processo utilizado sem dúvida por Tubal-Cain e os primeiros metalúrgicos do mundo habitado. Ora, aquilo que tivera êxito com os primeiros filhos de Adão, o que dava ainda bons resultados nos países ricos em minério e em combustível, não podia deixar de ter êxito nas circunstâncias em que se encontravam os colonos da ilha Lincoln.

A hulha foi recolhida, assim como o minério, sem dificuldade e à superfície do solo. O minério foi previamente partido em pequenos bocados, e tiraram-lhe as impurezas que o manchavam. Depois carvão e minério foram dispostos em montes e por camadas sucessivas — como fazem os carvoeiros à madeira que querem carbonizar. Desse modo, sob a influência do ar projetado pelo fole, o carvão devia transformar-se em ácido carbónico, encarregado de reduzir o óxido de ferro, isto é, libertar o oxigénio.

Assim procedeu o engenheiro. O fole feito das duas peles de foca, munido na sua extremidade de um tubo de terra batida que havia sido previamente fabricado no forno da olaria, foi colocado perto do monte de minério. Movido por um mecanismo cujos órgãos consistiam num caixilho, em cordas de fibra e contrapesos, lançava na massa uma provisão de ar que, elevando a temperatura,

concorria também para a transformação química que deveria produzir o ferro puro.

A operação foi difícil. Foi necessária toda a paciência, todo o engenho dos colonos para a realizar; mas por fim deu os seus frutos e o resultado definitivo foi uma excrescência de ferro, reduzido ao estado esponjoso, que foi preciso bater e soldar, isto é, forjar, para retirar a ganga liquefeita. É claro que faltava o martelo a estes ferreiros improvisados; mas, afinal de contas, eles estavam nas mesmas condições em que se encontrara o primeiro metalúrgico, e fizeram o que aquele devia ter feito.

O primeiro quisto ferroso, com um cabo de madeira, serviu de martelo para forjar o segundo sobre uma bigorna de granito, e conseguiram obter um metal grosseiro, mas utilizável.

Por fim, depois de muitos esforços, muitas fadigas, no dia 25 de Abril encontravam-se forjadas várias barras de ferro, que se iam transformando em utensílios, como pinças, tenazes, pés, picaretas, etc., e que Nab e Pencroff declaravam ser verdadeiras joias.

No entanto, não seria no estado de ferro puro que esse metal poderia prestar grandes serviços, mas sim após a sua transformação em aço. O aço é uma combinação de ferro e de carvão, que se tira, quer da fundição extraíndo a esta o excesso de carvão, quer do ferro, acrescentando a este o carvão que lhe falta. O primeiro, obtido pela descarbonação do ferro fundido, dá o aço natural ou pudlado; o segundo, produzido pela carbonação do ferro puro, dá o aço temperado.

Era, portanto, este último que Cyrus Smith procurava fabricar de preferência, visto que possuía o ferro no estado puro. Conseguiu

fazê-lo aquecendo o metal, com carvão em pó, num cadinho feito de terra batida.

Depois, esse aço, maleável a quente e a frio, foi trabalhado a martelo. Nab e Pencroff, habilmente dirigidos, fizeram lâminas para machados, as quais, aquecidas ao rubro e mergulhadas bruscamente na água fria, adquiriram uma excelente têmpera.

Outros instrumentos, fabricados de um modo grosseiro, foram surgindo: lâminas de plainas, de machados, tiras de ferro que foram depois transformadas em serras, tesouras de carpinteiro, puas, pás, picaretas, martelos, pregos, etc.

Finalmente, no dia 5 de maio, o primeiro período metalúrgico estava acabado, e os ferreiros regressaram às Chaminés, e novos trabalhos iam em breve autorizá-los a terem outras qualificações.

Capítulo 16

Estava-se a 6 de maio, dia que corresponde 6 de novembro nas regiões do hemisfério boreal. O céu tornara-se brumoso desde há alguns dias e era necessário tomar algumas disposições tendo em vista os meses de inverno. Todavia, a temperatura ainda não descera sensivelmente, e um termómetro centígrado, transportado para a ilha Lincoln, teria ainda marcado uma média de dez a doze graus acima de zero. Essa média não era de surpreender, visto que a ilha Lincoln, situada muito provavelmente entre os paralelos trigésimo quinto e quadragésimo, devia estar submetida, no hemisfério sul, às mesmas condições climáticas que a Sicília ou a Grécia no hemisfério norte. Mas, assim como a Grécia ou a Sicília experimentavam frios violentos, que produziam neve e gelo, do mesmo modo a ilha Lincoln sofreria sem dúvida, no período mais acentuado do inverno, certas baixas de temperatura contra as quais era necessário prevenirem-se.

Em todo o caso, se o frio ainda não ameaçava, a estação das chuvas estava próxima, e nessa ilha isolada, exposta a todas as intempéries do largo, em pleno oceano Pacífico, o mau tempo devia ser frequente, e provavelmente terrível.

A questão de uma habitação mais confortável do que as Chaminés devia portanto ser seriamente meditada e prontamente decidida.

Pencroff, naturalmente, tinha uma certa predileção pelo retiro que havia descoberto; mas compreendia bem que era necessário arranjar outro. Já as Chaminés tinham sido visitadas pelo mar, nas

circunstâncias que já conhecemos, e não podiam expor-se de novo a semelhante incidente.

— De resto — acrescentou Cyrus Smith, que nesse dia conversava a respeito dessas coisas com os seus companheiros —, temos algumas precauções a tomar.

— Porquê? — perguntou o repórter —; a ilha não é habitada.

— É provável que não seja — replicou Cyrus Smith —, apesar de ainda não a termos explorado totalmente; mas se não existem aqui seres humanos, podem haver animais perigosos. Convém, portanto, que nos ponhamos ao abrigo de uma eventual agressão, e a não obrigar nenhum de nós a passar a noite a vigiar a fogueira para ela não se apagar. Além disso, meus amigos, é preciso prever tudo. Encontramo-nos num local do Pacífico muitas vezes frequentado pelos piratas malaios...

— O quê! — exclamou Harbert. — A uma distância tão grande de qualquer terra habitada?

— Sim, meu filho — respondeu o engenheiro. — Esses piratas são marinheiros ousados, assim como temíveis malfeitores, e nós devemos tomar as nossas medidas de precaução.

— Pois bem — respondeu Pencroff. — Iremos entrincheirar-nos contra esses selvagens de duas ou de quatro patas. Mas, senhor Cyrus, não seria bom explorar a ilha em todas as direções antes de empreender qualquer coisa?

— Isso seria bom — acrescentou Gédéon Spilett. — Quem sabe se não encontraremos na costa oposta uma dessas cavernas que procurámos inutilmente aqui?

— Isso é verdade — respondeu o engenheiro —; mas esquecem, meus amigos, que é conveniente instalarmo-nos perto de um curso

de água, e que, do alto do monte Franklin, não vimos, para oeste, nem rio nem ribeira. Aqui, pelo contrário, estamos colocados entre o rio das Mercês e o lago Grant, vantagem considerável que é preciso não esquecer. E, além disso, essa costa, orientada para leste, não está exposta como a outra aos ventos alísios, que neste hemisfério sopram de noroeste.

— Então, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro —, podemos construir uma casa nas margens do lago. Agora nem os tijolos nem os utensílios nos faltam. Depois de termos sido fabricantes de tijolos, oleiros, fundidores, ferreiros, saberemos bem ser pedreiros, que diabo!

— Sim, meu amigo, mas antes de tomarmos uma decisão é preciso procurar. Uma habitação preparada pela natureza poupava-nos muito trabalho, e oferecer-nos-ia sem dúvida um retiro ainda mais seguro, pois seria tão bem defendida contra os inimigos do interior como do exterior.

— Com efeito, Cyrus — respondeu o repórter —; mas já examinámos todo este maciço granítico da costa, e não encontramos um buraco, nem sequer uma fenda!

— Não, nem uma — acrescentou Pencroff. — Ah, se tivéssemos podido cavar uma habitação nesse muro, a uma certa altura, de maneira a que ficasse fora do alcance de tudo, é que seria conveniente! Estou a ver daqui, sobre a fachada que dá para o mar, cinco ou seis quartos...

— Com janelas para os iluminar! — exclamou Harbert, rindo.

— E uma escada para subir para lá! — acrescentou Nab.

— Vocês riem — disse o marinheiro. — Mas por que não havia de ser assim? Que há de impossível naquilo que eu proponho? Não

temos pás e picaretas? O senhor Cyrus não saberá fabricar pólvora para fazer saltar a rocha? Não é verdade, senhor Cyrus, que fará pólvora no dia em que precisarmos dela?

Cyrus Smith havia escutado as palavras entusiásticas de Pencroff, desenvolvendo os seus projetos um pouco fantasistas. Atacar essa massa de granito, mesmo com minas, era um trabalho hercúleo e era pena que a natureza não tivesse feito o mais difícil. Mas o engenheiro só respondeu ao marinheiro propondo examinar mais atentamente a muralha, desde a embocadura do rio até ao ângulo que a terminava, a norte.

Saíram portanto e a exploração foi feita, numa extensão de cerca de duas milhas, com um cuidado extremo. Mas em nenhum sítio a parede, unida e direita, mostrava qualquer cavidade.

Os ninhos dos pombos dos rochedos que esvoaçavam no seu cimo eram apenas, na realidade, buracos superficiais na orla irregularmente recortada do granito.

Era uma circunstância difícil, e, quanto a atacar esse maciço, quer com picareta, quer com pólvora, para lá fazer uma escavação suficiente, nem pensar. O acaso fizera com que, nessa parte do litoral, Pencroff tivesse descoberto o único abrigo provisoriamente habitável, isto é, essas Chaminés, que deviam ser abandonadas.

Terminada a exploração, os colonos encontraram-se então no ângulo norte da muralha, onde ela terminava nessas encostas alongadas que iam morrer no areal. Desde esse local até ao seu limite extremo, a oeste, formava apenas uma espécie de talude, espessa aglomeração de pedras, de terra e de areia, ligadas por plantas, arbustos e ervas, tendo uma inclinação de apenas quarenta e cinco graus. Aqui e ali, o granito ainda surgia, e saía em pontas

aguçadas dessa espécie de falésia. Nas encostas viam-se renques de árvores, e um espesso tapete de relva cobria-as. Mas o esforço vegetal não ia mais longe, e uma longa planície de areia, que começava junto do talude, estendia-se pelo litoral.

Cyrus Smith pensou, não sem razão, que devia ser desse lado que o excedente das águas do rio caía em forma de cascata. Na verdade, era efetivamente inevitável que o excesso de água fornecido pelo Creek Vermelho se perdesse num ponto qualquer. Ora, esse ponto não fora ainda encontrado em nenhum sítio das margens já exploradas, isto é, desde a embocadura do rio, a oeste, até ao planalto da Grande Vista.

O engenheiro propôs, portanto, aos seus companheiros transpor o talude que estavam a ver na altura, regressando depois às Chaminés pelos cumes, explorando assim as margens setentrionais e orientais do lago.

A proposta foi aceite e, em poucos minutos, Harbert e Nab chegaram ao planalto superior. Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff seguiram-nos mais devagar.

A duzentos pés, através da folhagem, o belo lençol de água resplandecia sob os raios solares. A paisagem, nesse local era encantadora. As árvores, de tons amarelados, agrupavam-se maravilhosamente para regalo dos olhos. Alguns velhos troncos enormes, abatidos pela idade, destacavam-se, com a sua casca escura, sobre o tapete verdejante que cobria o solo. Ali cacarejava todo um mundo de catatuas barulhentas, coloridas, que saltavam de ramo em ramo. Dir-se-ia que a luz só ali chegava como que decomposta, através dessa ramaria singular.

Os colonos, em vez de se dirigirem diretamente para a margem norte do lago, contornaram a orla do planalto, de modo a irem ter à embocadura do *creek* na margem esquerda. Era uma volta de milha e meia, quando muito. O passeio era fácil, pois as árvores, largamente espaçadas, deixavam entre si uma passagem livre. Sentia-se bem que, nesse limite, terminava a zona fértil, e a vegetação mostrava-se menos vigorosa que em toda a parte compreendida entre os cursos do *creek* e do rio das Mercês.

Cyrus Smith e os seus companheiros caminhavam com uma certa circunspeção nesse solo novo para eles. Arcos, flechas, paus com extremidades de ferro eram as suas únicas armas. No entanto, nenhuma fera apareceu, e era provável que esses animais frequentassem de preferência as espessas florestas do sul; mas os colonos tiveram a desagradável surpresa de ver *Top* parar diante de uma serpente de grande tamanho, que media catorze a quinze pés de comprimento. Nab matou-a com uma paulada. Cyrus Smith examinou o réptil e declarou que não era venenoso, pois pertencia a uma espécie de serpentes-diamantes de que os indígenas da Nova Gales do Sul se alimentam. Mas era possível que existissem outras cuja mordedura fosse mortal, como as víboras-surdas, de cauda bifurcada, que se erguiam debaixo dos pés, ou as serpentes aladas, munidas de uma espécie de orelhas que lhes permitiam deslocar-se com extrema rapidez. *Top*, passado o primeiro momento de surpresa, dava caça aos répteis com uma ousadia que fazia temer por ele. O dono chamava-o constantemente.

A embocadura do Creek Vermelho, no local onde se lançava no lago, foi em breve atingida. Os exploradores reconheceram na margem oposta o ponto que já tinham visitado ao descerem o

monte Franklin. Cyrus Smith verificou que o volume de águas do *creek* era bastante considerável; era, portanto, necessário que num sítio qualquer a natureza oferecesse um escoadouro para o excesso das águas do lago. Era esse escoadouro que se tratava de descobrir, porque, sem dúvida, ele formaria uma queda de água cuja força seria possível aproveitar.

Os colonos, caminhando à vontade, mas sem se afastarem demasiadamente uns dos outros, começaram portanto a contornar a margem do lago, que era muito escarpada. As águas pareciam ter muito peixe e Pencroff prometia a si mesmo arranjar umas canas de pesca para o explorar.

Quando chegaram à extremidade do lado nordeste pensaram que a descarga das águas se faria ali, porque a ponta do lago quase aflorava a orla do planalto. Mas isso não sucedia e os colonos continuaram a explorar a margem, que, após uma ligeira curva, voltava a descer paralelamente ao litoral. Desse lado, a margem era menos arborizada, mas alguns grupos de árvores, aqui e ali, davam maior pitoresco à paisagem. O lago Grant surgia então em toda a sua extensão, e nenhum sopro enrugava a superfície das suas águas. *Top*, batendo os arbustos, fazia bandos de pássaros diversos levantar voo, que Gédéon Spilett e Harbert saudaram com as suas flechas. Uma dessas aves foi habilmente atingida pelo jovem e caiu no meio das ervas pantanosas. *Top* precipitou-se para lá e trouxe um belo pássaro nadador, cor de ardósia, com bico curto, o osso frontal muito desenvolvido, dedos alargados por uma orla ornamentada e asas com uma lista branca. Era um «galeirão», do tamanho de uma perdiz grande, pertencente a esse grupo dos macrodáctilos que forma a transição entre a ordem das aves pernaltas e a dos

palmípedes. Triste caça, e com um gosto que devia deixar muito a desejar. Mas *Top* devia certamente mostrar-se menos exigente que os seus donos, e ficou combinado que o pássaro serviria para a ceia dele.

Os colonos seguiam então a margem oriental do lago e não deviam tardar a chegar à parte que já conheciam. O engenheiro estava muito surpreendido por não ver nenhum indício do escoamento do excesso das águas. O repórter e o marinheiro conversavam com ele, e Cyrus Smith não lhes escondia o seu espanto.

Nesse momento, *Top*, que até então estivera muito calmo, deu sinais de agitação. O inteligente animal ia e vinha pela margem, até que parou subitamente olhando as águas, com uma pata erguida como se esperasse alguma caça invisível; depois ladrava com furor, à espreita, por assim dizer, e calava-se logo a seguir.

Nem Cyrus Smith nem os companheiros prestaram de início qualquer atenção à agitação de *Top*, mas os latidos tornaram-se em breve tão frequentes que o engenheiro começou a preocupar-se com eles.

— O que há, *Top*? — perguntou.

O cão deu vários saltos em direção ao dono, mostrando grande inquietação, e correu de novo para a margem. Depois, de repente, precipitou-se no lago.

— Aqui, *Top*! — gritou Cyrus Smith, que não queria que o animal se aventurasse naquelas águas suspeitas.

— Que é que se passa? — perguntou Pencroff, examinando a superfície do lago.

— Terá *Top* sentido algum anfíbio? — indagou Harbert.

— Um jacaré, se calhar! — exclamou o repórter.

— Não creio — respondeu Cyrus Smith. — Os jacarés só se encontram em regiões de latitudes menos elevadas.

Entretanto, *Top* voltara para a margem ao ouvir a chamada do dono, mas não conseguia estar sossegado: saltava no meio das ervas altas, e, guiado pelo instinto, parecia seguir qualquer ser invisível que teria entrado nas águas do lago, junto das margens. No entanto, as águas estavam calmas e nem a mais leve ondulação perturbava a sua superfície. Os colonos pararam várias vezes na margem e observaram com atenção. Não viram nada. Havia ali qualquer mistério. O engenheiro estava muito intrigado.

— Continuemos até ao fim a nossa exploração — disse.

Meia hora depois, tinham chegado todos ao ângulo sudeste do lago e encontravam-se no planalto da Grande Vista. Nesse ponto, o exame das margens do lago devia ser considerado como terminado e, no entanto, o engenheiro não conseguira descobrir como e por onde se dava a descarga das águas.

— No entanto — repetia ele —, esse escoadouro existe, e visto que não é exterior, deve ser cavado no interior do maciço granítico da costa!

— Mas que importância dá a isso, meu caro Cyrus? — perguntou Gédéon Spilett.

— Uma importância bastante grande — replicou o engenheiro —, pois se o escoamento se faz através do maciço, é possível que se encontre ali qualquer cavidade, que será talvez fácil tornar habitável depois de desviar as águas.

— Mas não é possível, senhor Cyrus — perguntou Harbert —, que as águas se escoem pelo próprio fundo do lago e que vão ter ao

mar por uma saída subterrânea?

— Pode ser que isso suceda, com efeito — respondeu o engenheiro —; e se assim for seremos obrigados a construir a nossa casa, visto que a natureza não teve os primeiros trabalhos com a construção.

Os colonos preparavam-se, portanto, para atravessarem o planalto para regressarem às Chaminés, porque eram cinco horas da tarde, quando *Top* deu novos sinais de agitação. Ladrava com raiva, e, antes que o dono pudesse retê-lo, precipitou-se pela segunda vez no lago.

Todos correram para a margem. O cão estava já a mais de vinte pés de distância e o dono chamava-o ansiosamente quando uma enorme cabeça emergiu da superfície das águas, que não pareciam ser muito profundas nesse sítio.

Harbert reconheceu imediatamente a que espécie de anfíbio pertencia aquela cabeça cônica com grandes olhos, e com um bigode de longos pelos sedosos.

— Um lamantim! — exclamou.

Não se tratava de um lamantim, mas de um exemplar dessa espécie, compreendida na ordem dos cetáceos, que tem o nome de dugongo, pois as suas narinas eram abertas na parte superior do focinho.

O enorme animal precipitara-se sobre o cão, que em vão queria evitá-lo, voltando para a margem. O dono nada podia fazer para o salvar e mesmo antes de Pencroff e Spilett se lembrarem de erguer os arcos, *Top*, apanhado pelo dugongo, desaparecia debaixo de água.

Nab, com o seu pau ferrado na mão, queria lançar-se ao lago em socorro do animal, mas o engenheiro impediu-o, retendo-o e dizendo:

— Não, Nab.

No entanto, travava-se uma luta debaixo de água, luta inexplicável, pois, naquelas condições, *Top* não podia evidentemente resistir. Mas a luta devia ser terrível a julgar pela agitação das águas, e só podia terminar com a morte do cão! Mas de repente, no meio de um círculo de espuma, viram reaparecer *Top*. Atirado ao ar por uma força desconhecida, ele ergueu-se a uns dez pés acima da superfície do lago, voltou a cair nas águas agitadas e nadou rapidamente para a margem sem ferimentos graves, miraculosamente salvo.

Cyrus Smith e os seus companheiros olhavam sem perceber. A circunstância mais inexplicável ainda era haver a impressão de que a luta continuava debaixo de água. Sem dúvida que o dugongo, atacado por algum poderoso animal, se batia por sua própria conta, depois de ter largado o cão.

Todavia, a luta não durou muito tempo. As águas tingiram-se de sangue, e o corpo do dugongo, emergindo de uma toalha de água escarlate que alastrava rapidamente, foi ter a um pequeno areal existente no ângulo sul do lago.

Os colonos correram para lá. O dugongo estava morto. Era um animal enorme, com quinze pés de comprimento, que devia pesar de três a quatro mil libras. No pescoço via-se um ferimento que parecia ter sido feito com uma lâmina cortante.

Qual seria o anfíbio que teria podido destruir assim o formidável dugongo? Ninguém poderia dizê-lo, e, bastante preocupados com o

incidente, Cyrus Smith e os seus companheiros regressaram às Chaminés.

Capítulo 17

No dia seguinte, 7 de maio, Cyrus Smith e Gédéon Spilett, deixando Nab a preparar o almoço, treparam até ao planalto da Grande Vista, enquanto Harbert e Pencroff subiam o rio a fim de renovar a provisão de madeira.

O engenheiro e o repórter chegaram em breve ao pequeno areal, situado na ponta sul do lago, onde o anfíbio ficara. Bandos de pássaros tinham-se abatido sobre aquela massa de carne e foi preciso afastá-los à pedrada, pois Cyrus Smith desejava conservar a gordura do dugongo para as necessidades da colónia. Quanto à carne do animal, não podia deixar de fornecer um excelente alimento, visto que em certas regiões da Malásia ela era especialmente reservada para a mesa dos príncipes indígenas. Mas isso era com Nab.

Nesse momento, Cyrus Smith preocupava-se com outros pensamentos. O incidente da véspera não se apagara do seu espírito e não deixara de o preocupar. Teria querido penetrar o mistério do combate submarino, e saber que congénere de mastodontes ou outros monstros marinhos fizera ao dugongo tão estranho ferimento.

Estava ali, nas margens do lago, olhando, observando, mas nada aparecia sob as águas tranquilas, que brilhavam com os primeiros raios do sol.

Junto do areal onde se encontrava o corpo do dugongo, as águas eram pouco profundas; mas a partir desse ponto, o fundo do lago descia a pouco e pouco e era provável que ao centro a sua

profundidade fosse considerável. O lago podia ser considerado como uma vasta concavidade, cheia pelas águas do Creek Vermelho.

— Então, Cyrus — disse o repórter —, parece que as águas não oferecem nada de suspeito!

— Não, meu caro Spilett, e não consigo explicar o que se passou ontem!

— Confesso — retorquiu Gédéon Spilett — que o ferimento feito a esse anfíbio é pelo menos estranho, e não percebo como é que *Top* foi atirado daquele modo para fora da água. Dir-se-ia que um braço poderoso o lançou e, que esse mesmo braço, armado de um punhal, matou o dugongo!

— Sim — retorquiu o engenheiro, que se tornara pensativo. — Há qualquer coisa que eu não posso compreender. Mas também não se compreende como é que eu fui salvo e transportado para as dunas. Não é verdade? Pressinto que existe qualquer mistério que sem dúvida viremos a descobrir um dia. Observemos mas não insistamos diante dos nossos companheiros a respeito desses singulares incidentes. Guardemos as nossas observações para nós e continuemos os nossos trabalhos.

Como se sabe, o engenheiro não pudera ainda descobrir por onde se fazia o escoamento das águas do lago, mas como não se via nenhum indício de ele transbordar, era preciso necessariamente que existisse em qualquer parte um escoadouro. Ora, precisamente, Cyrus Smith ficou muito surpreendido por distinguir uma corrente muito pronunciada que se fazia sentir naquele sítio. Deitou à água pedacinhos de madeira e viu que eles se dirigiam para o ângulo sul. Seguiu essa corrente, caminhando pela margem, e chegou à extremidade meridional do lago.

Ali dava-se uma espécie de depressão das águas, como se bruscamente se perdessem numa fenda do solo.

Cyrus Smith pôs-se à escuta, pondo o ouvido ao nível do lago, e ouviu distintamente o ruído de uma queda de água subterrânea.

— É aqui — disse, erguendo-se. — É aqui que se dá a descarga das águas, que por uma conduta cavada no maciço de granito vão sem dúvida ter ao mar, passando por algumas cavidades que nós saberemos utilizar em nosso proveito! hei de sabê-lo!

O engenheiro cortou um comprido ramo, tirou-lhe as folhas e metendo-o na água no ângulo formado pelas duas margens reconheceu que havia um grande buraco aberto apenas a um pé da superfície das águas. Esse buraco era o orifício do escoadouro em vão procurado até então, e a força da corrente era tal que o ramo foi arrancado das mãos do engenheiro e desapareceu.

— Agora não restam dúvidas — repetiu Cyrus Smith. — Está ali o orifício do escoadouro e esse orifício vou pô-lo a descoberto.

— Como? — quis saber Gédéon Spilett.

— Baixando três pés o nível das águas do lago.

— E como fazer baixar as águas?

— Abrindo outra saída maior do que esta.

— Em que local, Cyrus?

— Na parte da margem que fica mais perto da costa.

— Mas é uma margem de granito! — observou o repórter.

— Pois bem — respondeu Cyrus —: farei saltar esse granito, e as águas, saindo, baixarão de maneira a deixar esse orifício a descoberto...

— E formarão uma queda, caindo sobre o areal! — acrescentou o repórter.

— Uma queda de água que nós utilizaremos! — replicou Cyrus.
— Venha! Venha!

O engenheiro arrastou o seu companheiro, cuja confiança em Cyrus Smith era tal que não duvidou que o projeto viesse a ter êxito. E no entanto, como abrir essa margem de granito; de que modo, sem pólvora e com instrumentos imperfeitos, desagregar a rocha? Não seria um trabalho superior às suas forças aquele a que o engenheiro se ia entregar?

Quando Cyrus Smith e o repórter chegaram às Chaminés, encontraram Harbert e Pencroff ocupados em descarregar o seu comboio de madeiras.

— Os lenhadores estão a acabar, senhor Cyrus — disse o marinheiro, rindo —, e quando tiver necessidade de pedreiros...

— De pedreiros não, mas de químicos — respondeu o engenheiro.

— Sim — acrescentou o repórter. — Vamos fazer saltar a ilha...

— Saltar a ilha! — exclamou Pencroff.

— Em parte, pelo menos! — replicou Gédéon Spilett.

— Ouçam, meus amigos... — disse o engenheiro.

E deu-lhes a conhecer o resultado das suas observações. Segundo a sua opinião, uma cavidade mais ou menos considerável devia existir na massa de granito que ficava por baixo do planalto da Grande Vista, e ele pretendia chegar até lá. Para isso era preciso antes de mais pôr a descoberto a abertura por onde se precipitavam as águas, e, por consequência, baixar o seu nível arranjando-lhes uma saída maior. Daí a necessidade de fabricarem uma substância explosiva que pudesse provocar um forte rombo noutra ponto da

margem. Era o que ia tentar Cyrus Smith por meio dos minerais que a natureza punha à sua disposição.

Inútil é dizer com que entusiasmo todos, e mais especialmente Pencroff, acolheram este projeto. Utilizar os grandes meios, esventrar o granito, fazer uma cascata, eram coisas que agradavam ao marinheiro! E seria tão capaz de ser químico como pedreiro ou sapateiro, visto que o engenheiro precisava de químicos. Seria tudo o que quisessem, «até mesmo professor de dança e de boas maneiras», disse ele a Nab, se isso viesse a ser necessário.

Nab e Pencroff foram antes de mais encarregados de extrair a gordura ao dugongo e de conservar a sua carne, que era destinada à alimentação. Partiram imediatamente sem sequer pedir mais explicações. A confiança que tinham no engenheiro era absoluta.

Alguns instantes depois, Cyrus Smith, Harbert e Gédéon Spilett, arrastando atrás de si a padiola e subindo o rio, dirigiam-se para o jazigo de hulha onde abundavam essas pirites xistosas que se encontravam, com efeito, nos terrenos de transição mais recentes, e de que Cyrus Smith tinha encontrado uma amostra.

Todo esse dia foi utilizado em transportar uma certa quantidade dessas pirites para as Chaminés. A noite, tinham já várias toneladas.

No dia seguinte, 8 de maio, o engenheiro iniciou as suas manipulações. Essas pirites xistosas eram compostas principalmente de carvão, de sílica, de albumina e de sulfureto de ferro — este em excesso —, e tratava-se de isolar o sulfureto de ferro e de o transformar em sulfato o mais rapidamente possível. Obtido o sulfato, extrairiam dele o ácido sulfúrico.

Era, com efeito, o fim a atingir. O ácido sulfúrico é um dos agentes mais utilizados e a importância industrial de uma nação

pode medir-se pelo consumo que dele é feito. Esse ácido seria mais tarde de uma utilidade extrema para os colonos fabricarem velas, para curtirem as peles dos animais, etc., mas naquele momento o engenheiro reservava-o para outro fim.

Cyrus Smith escolheu, por detrás das Chaminés, um lugar onde o solo fosse rigorosamente plano. Sobre esse solo colocou uma quantidade de ramos e de madeira cortada, sobre os quais se colocaram bocados de xistos de pirite, arqueados uns contra os outros; o conjunto foi finalmente coberto por uma delgada camada de pirites, previamente reduzidas ao tamanho de uma noz.

Feito isto, pegaram fogo à madeira, cujo calor se comunicou aos xistos, que se inflamaram, visto que continham carvão e enxofre. Então as novas camadas de pirites foram dispostas de modo a formarem uma enorme pilha, que foi exteriormente atapetada com terra e ervas, depois de terem sido feitos alguns buracos para arejar, como se se tratasse de carbonizar um monte de madeira para fazer carvão.

Depois deixaram que a transformação se realizasse, e não eram necessários menos de doze dias para que o sulfureto de ferro se transformasse em sulfato de ferro, e a alumina em sulfato de alumina, duas substâncias igualmente solúveis, pois as outras, como a sílica, o carvão residual e as cinzas, não o eram.

Enquanto se realizava esse trabalho químico, Cyrus Smith procedeu a outras operações, que foram feitas, mais do que com zelo, com encarniçamento.

Nab e Pencroff tinham tirado a gordura do dugongo, que fora guardada em grandes vasos. Tratava-se de isolar um dos elementos dessa gordura, a glicerina, saponificando-a. Ora, para obter esse

resultado, bastava tratá-la por meio de soda ou de cal. Com efeito, qualquer dessas substâncias, depois de ter atacado a gordura, formaria sabão isolando a glicerina, e era essa glicerina que o engenheiro queria precisamente obter. Como se sabe, a cal não lhe faltava; no entanto, o tratamento feito com a cal só daria sabões calcários, insolúveis e por consequência inúteis, ao passo que o tratamento feito pela soda forneceria, pelo contrário, um sabão solúvel, que seria utilizado nas limpezas domésticas. Ora, como homem prático, Cyrus Smith procurava obter soda. Seria difícil? Não, pois as plantas marinhas abundavam na margem, salicórnias e todas essas fucáceas que formam os sargaços. Apanharam, portanto, uma grande quantidade destas plantas, puseram-nas a secar, depois queimaram-nas em fossas ao ar livre. A combustão dessas plantas foi mantida durante vários dias de modo a que o calor se elevasse ao ponto de fundir as cinzas, e o resultado da incineração foi uma massa compacta, acinzentada, que é conhecida pelo nome de «soda natural».

Obtido este resultado, o engenheiro tratou a gordura por meio da soda, o que deu, por um lado, um sabão solúvel, e por outro, essa substância neutra que é a glicerina.

No entanto, não era tudo. Era ainda necessário a Cyrus Smith, tendo em vista a sua preparação futura, uma outra substância: o azotato de potassa, que é mais conhecido pelo nome de sal de nitro ou salitre.

Cyrus Smith teria podido fabricar essa substância tratando o carbonato de potassa, que se extrai facilmente das cinzas dos vegetais, por meio do ácido azótico. Mas este produto faltava-lhe e era precisamente esse ácido que ele queria obter, afinal de contas.

Havia, portanto, ali um certo círculo vicioso, do qual ele não poderia sair. Mas felizmente, dessa vez, a natureza ia fornecer-lhe o salitre, tendo ele apenas o trabalho de o apanhar. Harbert descobriu um jazigo de salitre no norte da ilha, junto do monte Franklin, e restava apenas purificar esse sal.

Esses diferentes trabalhos duraram oito dias. Foram, portanto, terminados antes de se ter realizado a transformação do sulfureto em sulfato de ferro. Durante os dias seguintes, os colonos tiveram tempo de fabricar algumas peças de olaria em argila plástica e de construir um forno de tijolos com uma disposição especial que devia servir para a destilação do sulfato de ferro, quando este fosse obtido. Tudo isso ficou terminado no dia 18 de maio, pouco mais ou menos no momento em que estava pronta a destilação química. Gédéon Spilett, Harbert, Nab e Pencroff, habilmente guiados pelo engenheiro, tinham-se tornado os mais hábeis operários do mundo. A necessidade é, de resto, de todos os mestres do mundo, aquela que se ouve mais e que ensina melhor.

Quando o monte de pirites ficou completamente desfeito pelo fogo, o resultado da operação, que consistia em sulfato de ferro, sulfato de alumina, sílica, resíduos de carvão e cinzas, foi colocado numa bacia cheia de água. Agitaram essa mistura, deixaram-na repousar, depois coaram-na e obtiveram um líquido claro, contendo em dissolução sulfato de ferro e sulfato de alumina, permanecendo as outras matérias em estado sólido, visto serem insolúveis. Por fim, tendo-se esse líquido vaporizado em parte, ficaram no fundo cristais de sulfato de ferro, e o líquido não vaporizado, que continha o sulfato de alumina, foi abandonado.

Cyrus Smith tinha, portanto, à sua disposição uma quantidade bastante grande desses cristais de sulfato de ferro dos quais era necessário extrair o ácido sulfúrico.

Na prática industrial, as instalações destinadas ao fabrico do ácido sulfúrico são dispendiosas. São necessárias, com efeito, oficinas consideráveis, utensílios especiais, aparelhagem de platina, câmaras de chumbo, que o ácido não pode atacar, e nas quais se opera a transformação. O engenheiro não tinha essas instalações à sua disposição, mas sabia que na Boémia se fabrica o ácido sulfúrico por meios mais simples, que têm até a vantagem de lhe darem um grau de concentração superior. É assim que se faz o ácido conhecido pelo nome de «ácido de Nordhausen».

Para obter o ácido sulfúrico, Cyrus Smith tinha apenas uma operação a fazer: calcinar num vaso fechado os cristais de sulfato de ferro, de modo que o ácido sulfúrico se destilasse em vapores, os quais produziram em seguida o ácido por condensação.

Foi para esta manipulação que foram necessárias as olarias refractárias, nas quais foram colocados os cristais, e o forno, cujo calor deveria destilar o ácido sulfúrico. A operação foi perfeitamente realizada, e no dia 20 de maio, doze dias depois de ter começado, o engenheiro tinha em seu poder o agente que mais tarde tencionava utilizar de modos diferentes. Ora, por que queria ele ter esse agente? Muito simplesmente para produzir o ácido azótico, e isso foi fácil, visto que o salitre, atacado pelo ácido sulfúrico, deu-lhe precisamente esse ácido por destilação.

Mas em que iria ele afinal utilizar esse ácido? Era o que os seus companheiros ignoravam ainda, pois Cyrus ainda não dissera a última palavra a respeito do seu trabalho.

No entanto, o engenheiro atingia o seu objetivo, e uma última operação deu-lhe a substância que exigira tantas manipulações. Depois de ter obtido o ácido azótico, ele pô-lo em presença da glicerina, que fora previamente concentrada pela evaporação em banho-maria, e obteve, mesmo sem empregar a mistura refrigerante, uma boa quantidade de um líquido oleoso e amarelado.

Essa última operação tinha-a ele feito sozinho, longe das Chaminés, pois havia o risco de uma explosão, e quando levou um frasco desse líquido aos seus amigos, contentou-se em dizer-lhes:

— Aqui está a nitroglicerina!

Era, com efeito, esse terrível produto, cuja potência explosiva talvez decuple a da pólvora vulgar, e que tem causado tantos acidentes! No entanto, desde que descobriram maneira de a transformar em dinamite, isto é, de a misturar com uma substância sólida — argila ou açúcar, suficientemente porosa para a reter —, o poderoso líquido tem podido ser utilizado com maior segurança. Mas a dinamite ainda não era conhecida na época em que os colonos se encontravam na ilha Lincoln.

— E é esse líquido que vai fazer saltar os nossos rochedos? — perguntou Pencroff com ar bastante incrédulo.

— Sim, meu amigo — replicou o engenheiro. — E esta nitroglicerina produzirá tanto mais efeito quanto é certo ser o granito duríssimo e oferecer por isso maior resistência ao rebentamento.

— E quando veremos nós isso, senhor Cyrus?

— Amanhã, depois de termos cavado um buraco de mina — respondeu o engenheiro.

No dia seguinte — 21 de maio — de madrugada, os mineiros dirigiram-se a uma ponta formada pela margem do lago Grant,

apenas a quinhentos passos da costa. Nesse sítio, o planalto estava abaixo das águas, que só eram retidas pela sua moldura de granito. Era evidente que se essa moldura fosse quebrada as águas escapariam por ali e formariam um riacho que depois de ter corrido pela superfície inclinada do planalto, se iria precipitar no areal. Em consequência disso, haveria um abaixamento geral do nível das águas do lago e o orifício do escoadouro ficaria a descoberto — o que era o objetivo final.

Era, portanto, essa moldura granítica que se tratava de quebrar. Sob a direção do engenheiro, Pencroff, armado de uma picareta que ele manejava hábil e vigorosamente, atacou o revestimento exterior do granito. O buraco que se tratava de alargar nascia numa aresta horizontal da margem e devia penetrar obliquamente de modo a encontrar um nível sensivelmente inferior ao das águas do lago. Dessa maneira, a força explosiva, afastando as rochas, permitiria às águas espalharem-se largamente para fora e, em consequência, baixarem suficientemente.

O trabalho foi demorado, porque o engenheiro, querendo produzir um efeito formidável, não tencionava utilizar menos de dez litros de nitroglicerina na operação. Mas Pencroff, de tempos a tempos substituído por Nab, trabalhou tão bem que por volta das quatro horas da tarde o buraco estava feito.

Faltava a questão de inflamar a substância explosiva. Vulgarmente, a nitroglicerina inflama-se por meio de escorvas de fulminato, que, ao rebentarem, determinam a explosão. E, com efeito, necessário um choque para provocar a explosão, e, se fosse apenas acesa, essa substância arderia sem rebentar.

Cyrus Smith teria certamente podido fabricar uma escorva. A falta de fulminato, poderia obter com facilidade uma substância análoga ao algodão-pólvora, visto que tinha à sua disposição ácido azótico. Essa substância, comprimida num cartucho, e introduzida na nitroglicerina, rebentaria por meio de uma mecha, provocando a explosão.

Contudo, Cyrus Smith sabia que a nitroglicerina tem a propriedade de detonar através de choque. Resolveu, portanto, utilizar essa propriedade, pronto a empregar outro meio se aquele não resultasse.

Com efeito, o choque de um martelo sobre algumas gotas de nitroglicerina espalhadas na superfície de uma pedra dura bastaria para provocar a explosão. Mas o operador não poderia dar as pancadas com o martelo sem ser vítima da explosão. Cyrus Smith imaginou, portanto, a maneira de suspender por cima do buraco da mina, preso a uma fibra vegetal, um bloco de ferro que pesasse várias libras. Outra fibra comprida, previamente envolta em enxofre, estaria amarrada à primeira por uma das suas extremidades, ao passo que a outra ponta ficaria estendida no solo até uma distância de vários pés do buraco da mina. Pegando fogo a essa segunda fibra, ela arderia até ter atingido a primeira. Esta, incendiando-se por sua vez, partir-se-ia, e o bloco de ferro cairia sobre as gotas de nitroglicerina.

Este aparelho foi portanto instalado; em seguida, o engenheiro, depois de ter afastado todos os seus companheiros, encheu o buraco da mina de maneira a que a nitroglicerina chegasse à abertura, e deitou algumas gotas sobre a superfície da rocha que se encontrava por baixo do peso de ferro já preparado.

Feito isto, Cyrus Smith pegou na extremidade da fibra envolta em enxofre e lançou-lhe fogo. Depois saiu dali e foi juntar-se aos seus companheiros, que se encontravam nas Chaminés.

A fibra devia arder durante vinte e cinco minutos, e, com efeito, vinte e cinco minutos depois ouviu-se uma violenta explosão. Os colonos tiveram a impressão de que toda a ilha tremeu sobre a sua base. Grande quantidade de pedras foram atiradas para o ar como se fossem expelidas de um vulcão em erupção. A sacudidela produzida pela deslocação do ar foi tal que os rochedos das Chaminés oscilaram. Os colonos, apesar de se encontrarem a mais de duas milhas da mina, foram atirados ao chão.

Ergueram-se, subiram ao planalto e correram para o local onde a margem devia ter sido esventrada pela explosão...

Um triplo hurra se escapou então dos seus peitos! A moldura granítica estava largamente fendida! Um rápido curso de água fugia por ali, e corria através do planalto, precipitando-se depois de uma altura de trezentos pés sobre o areal!

Capítulo 18

O projeto de Cyrus Smith resultara em cheio; mas, conforme era seu hábito, sem mostrar qualquer satisfação, com os lábios apertados e o olhar fixo, permanecia imóvel. Harbert estava entusiasmado; Nab saltava de alegria; Pencroff abanava a cabeça e murmurava estas palavras:

— O nosso engenheiro faz milagres!

Com efeito, a nitroglicerina agira poderosamente. A abertura feita no lago era tão importante que o volume das águas que se escapavam então por aquele escoadouro, era pelo menos o triplo do que passava antes pelo antigo. Daí devia resultar que, pouco tempo depois da operação, o nível do lago baixaria pelo menos dois pés.

Os colonos voltaram às Chaminés para lá irem buscar picaretas, paus ferrados, cordas feitas de fibras e um fuzil de pederneira e acendalhas; em seguida, regressaram ao planalto. *Top* seguia-os.

Durante o caminho, o marinheiro não pôde deixar de dizer ao engenheiro:

— Sabe, senhor Cyrus, que com o belo licor que fabricou é capaz de fazer saltar a ilha inteira?

— Sem dúvida nenhuma. Ilha, continente, e a Terra inteira até — replicou Cyrus Smith. — É uma questão de quantidade.

— Não poderia então utilizar esta nitroglicerina para carregar armas de fogo? — perguntou o marinheiro.

— Não, Pencroff, porque é uma substância explosiva de mais. Mas seria mais fácil fabricar algodão-pólvora ou mesmo pólvora

vulgar, visto que temos ácido azótico, salitre, enxofre e carvão. Infelizmente não temos as armas.

— Oh!, senhor Cyrus — retorquiu o marinheiro —, com um pouco de boa vontade!...

Decididamente, Pencroff riscara a palavra «impossível» do vocabulário da ilha Lincoln.

Chegados ao planalto da Grande Vista, os colonos dirigiram-se imediatamente para a ponta do lago, perto da qual se abria o orifício do antigo escoadouro, que devia encontrar-se agora a descoberto. O escoadouro devia ter-se tornado praticável, visto que as águas já não se precipitavam nele, e seria sem dúvida fácil ver como era por dentro.

Em poucos instantes os colonos atingiram o ângulo inferior do lago, e bastou-lhes um olhar para verificar que o resultado era satisfatório.

Com efeito, na parede granítica do lago, agora acima do nível das águas, surgia o orifício tão procurado. Um estreito parapeito, deixado a descoberto pela retirada das águas, permitia que se chegasse junto dele. O orifício media aproximadamente vinte pés de largura, mas não tinha mais de dois pés de altura. Era como uma valeta à beira de um passeio. Os colonos não poderiam portanto passar facilmente por ali, mas Nab e Pencroff pegaram nas picaretas e menos de uma hora depois tinham-lhe dado altura suficiente.

O engenheiro aproximou-se então e observou que as paredes do escoadouro, na sua parte superior, não tinham uma inclinação de mais de trinta a trinta e cinco graus. Eram portanto praticáveis e desde que o declive não aumentasse, seria fácil descer até ao nível do mar. Se existisse então, o que era bastante provável, alguma

vasta cavidade no interior do maciço granítico, talvez se arranjasse maneira de a utilizar.

— Então, senhor Cyrus, o que é que nos detém? — perguntou o marinheiro, impaciente por se internar pelo estreito corredor. — Bem vê que *Top* nos precedeu!

— Está bem — respondeu o engenheiro —, mas precisamos de luz. Nab, corta alguns ramos resinosos.

Nab e Harbert correram para as margens do lago, cobertas por pinheiros e outras árvores verdes, e em breve estavam de regresso com ramos que dispuseram em forma de tochas. Essas tochas foram acesas com o fuzil de pederneira, e, com Cyrus Smith à frente, os colonos entraram no escuro túnel que as águas do lago enchiam outrora.

Contrariamente ao que se poderia supor, o diâmetro desse túnel ia alargando de maneira que os exploradores, quase a seguir, puderam começar a caminhar sem se curvarem. As paredes de granito, cobertas pelas águas há um tempo infinito, eram escorregadias, e era preciso terem cuidado com as quedas. Assim, os colonos tinham-se ligado uns aos outros com cordas, como fazem os alpinistas nas montanhas. Felizmente, algumas saliências de granito, formando verdadeiros degraus, tornavam a descida menos perigosa. Gotas de água, ainda suspensas das rochas, iluminavam-se com a luz das tochas, e julgar-se-ia que as paredes estavam cobertas de estalactites. O engenheiro observou o granito preto. Não viu nele nem um risco, nem uma falha. Era compacto e cerrado. Aquele túnel datava portanto da origem da ilha. Não tinham sido as águas a cavá-lo a pouco e pouco. Plutão, e não Neptuno, tinha-o forjado com as suas próprias mãos, e podia-se distinguir nas

muralhas sinais de um trabalho eruptivo que a lavagem das águas não apagara totalmente.

Os colonos iam descendo muito lentamente. Não deixavam de sentir uma certa emoção ao aventurarem-se assim nas profundezas daquele maciço, que era visitado pela primeira vez por seres humanos. Não falavam, mas refletiam, e mais de um pensou que algum polvo gigantesco ou qualquer outro cefalópode poderia ocupar as cavidades interiores, que se encontravam em comunicação com o mar. Era preciso, portanto, agirem com certa prudência.

De resto, *Top* ia à frente do pequeno grupo, e podiam confiar na sagacidade do cão, que não deixaria de dar o alarme se houvesse razão para isso.

Depois de terem descido uma centena de pés, seguindo um caminho sinuoso, Cyrus Smith, que ia à frente, parou e os seus companheiros juntaram-se a ele. O sítio onde pararam era abobadado, formando uma caverna de dimensões medíocres.

Gotas de água caíam da sua abóbada, mas não eram provenientes de qualquer repasse através do maciço. Eram simplesmente restos da água que durante tanto tempo passara por ali, e o ar, ligeiramente húmido, não tinha emanções mefíticas.

— Então, meu caro Cyrus? — exclamou Gédéon Spilett. — Aqui está um retiro bem ignorado, bem escondido nas profundezas, mas inabitável!

— Porquê inabitável? — perguntou o marinheiro.

— Porque é demasiado pequeno e escuro.

— Não poderíamos torná-lo maior, alargá-lo, fazer aberturas para entrar a claridade e o ar? — perguntou o marinheiro, que já não

duvidava de nada.

— Continuemos — declarou Cyrus Smith —; continuemos a nossa exploração e talvez, mais adiante, a natureza nos dê qualquer outra coisa que nos poupe esse trabalho.

— Estamos ainda a um terço da altura — observou Harbert.

— Sim, a cerca de um terço — respondeu Cyrus Smith —, pois descemos uma centena de pés desde o orifício e não é impossível que cem metros mais abaixo...

— Onde está *Top*?... — perguntou Nab, interrompendo o patrão.

Procuraram-no pela caverna. O cão não se encontrava ali.

— Provavelmente continuou o seu caminho — disse Pencroff.

— Vamos ter com ele — respondeu Cyrus Smith.

A descida prosseguiu. O engenheiro observava com cuidado os desvios que a passagem oferecia e apesar de tantas voltas ele via bem que a sua direção geral ia dar ao mar.

Os colonos tinham descido mais uns cinquenta pés, seguindo a perpendicular, quando a sua atenção foi despertada por sons distantes que vinham do fundo do maciço. Pararam a ouvir. Esses sons, chegados até eles através do corredor, como a voz através de um tubo acústico, ouviam-se nitidamente.

— É *Top* que ladra! — exclamou Harbert.

— Sim — respondeu Pencroff —, e o nosso valente cão ladra com furor!

— Temos os nossos paus ferrados — disse Cyrus Smith. — Com cuidado e para a frente!

— Isto está a tornar-se cada vez mais interessante — murmurou Gédéon Spilett ao ouvido do marinheiro, que fez um sinal afirmativo.

Cyrus Smith e os seus companheiros apressaram-se a ir em socorro do cão. Os latidos de *Top* tornavam-se cada vez mais perceptíveis. Sentia-se na voz do animal uma estranha raiva. Estaria em luta com qualquer animal cuja retirada ele tivesse cortado? Pode dizer-se que, sem pensarem no perigo a que se expunham, os nossos colonos se sentiam arrastados por irresistível curiosidade. Já não desciam o corredor, deixavam-se por assim dizer deslizar pelo solo, e poucos minutos depois, sessenta pés mais abaixo, estavam junto de *Top*.

O corredor desembocava numa vasta e magnífica caverna. Ali, *Top*, ladrando com furor, andava de um lado para o outro. Nab e Pencroff, brandindo as suas tochas, lançaram grandes clarões luminosos sobre as asperezas do granito, e, ao mesmo tempo, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Harbert, com os seus paus ferrados erguidos, estavam preparados para todas as eventualidades.

A enorme caverna estava vazia. Os colonos percorreram-na em todos os sentidos. Não havia ali nem um único animal, nem um ser vivo qualquer! E, no entanto, *Top* continuava a ladrar. Nem as carícias nem as ameaças conseguiram fazê-lo calar.

— Deve haver em qualquer lado uma saída por onde as águas do lago iam ter ao mar — disse o engenheiro.

— Com efeito — respondeu Pencroff —, e devemos ter cuidado para não cairmos em qualquer buraco.

— Vai, *Top*, vai! — disse Cyrus Smith.

O cão, excitado pelas palavras do dono, correu para a extremidade da caverna, e ali, os seus latidos redobram.

Seguiram-no, e, à luz das tochas, viram o orifício de um verdadeiro poço que se abria no granito. Era de facto por ali que se

fazia a descida das águas para o mar. Não se tratava de um corredor oblíquo e praticável, mas sim de um verdadeiro poço perpendicular, no qual seria impossível aventurarem-se.

As tochas foram inclinadas por cima do buraco. Não viram nada. Cyrus Smith tirou um ramo aceso da sua tocha e lançou-o para o abismo. A resina inflamada, cuja claridade aumentou ainda com a rapidez da queda, iluminou o interior do poço, mas nada puderam ver de especial. Depois a chama apagou-se com um ligeiro frémito, indicando que atingira a água, isto é, o nível do mar.

O engenheiro, calculando o tempo da queda, pôde avaliar a profundidade do poço, que devia ser de aproximadamente noventa pés.

O solo da caverna estava, portanto, noventa pés acima do nível do mar.

— Eis a nossa casa! — exclamou Cyrus Smith.

— Mas a caverna estava ocupada por um ser qualquer! — disse Gédéon Spilett, cuja curiosidade não estava satisfeita.

— Pois bem, esse ser, anfíbio ou não, fugiu por essa saída — respondeu o engenheiro — e cedeu-nos a casa.

— Não importa — acrescentou o marinheiro. — Gostaria de ter sido *Top* há um quarto de hora, pois certamente não foi sem razão que ele ladrou!

Cyrus Smith olhou o cão e um dos seus companheiros, que se encontrava perto dele, ouviu-o murmurar:

— Sim, creio bem que *Top* sabe mais do que nós a respeito de muitas coisas!

No entanto, os desejos dos colonos encontravam-se em grande parte realizados. O acaso, ajudado pela maravilhosa perspicácia do

engenheiro, servira-os. Eles tinham ali, à sua disposição, uma vasta caverna, cuja capacidade não podiam ainda avaliar à luz insuficiente das tochas, mas que seria com certeza fácil dividir em quartos, por meio de paredes de tijolo e transformar numa casa, ou pelo menos num espaçoso apartamento. As águas tinham-na abandonado e não podiam voltar. O caminho estava livre.

Restavam duas dificuldades: em primeiro lugar, a possibilidade de iluminar aquela caverna cavada no interior de um bloco de granito, e, em segundo, a necessidade de tornar mais fácil o seu acesso. A iluminação não poderia de maneira nenhuma ser feita de cima, dada a enorme espessura do granito, mas talvez a parede anterior, voltada para o mar, pudesse ser perfurada. Cyrus Smith, que durante a descida apreciara bastante aproximadamente a obliquidade, e por consequência o comprimento do escoadouro, era levado a crer que a parte anterior da muralha devia ser pouco espessa. Se a iluminação pudesse ser obtida desse modo, e o acesso também, seria tão fácil abrir janelas como uma porta e arranjar uma escada exterior.

Cyrus Smith pôs os companheiros a par das suas deduções.

— Então, senhor Cyrus, mãos à obra! — respondeu Pencroff. — Tenho a minha picareta e só quero saber onde é preciso bater!

— Aqui — replicou o engenheiro, indicando ao vigoroso marinheiro uma reentrância da muralha, que devia tornar menor a sua espessura.

Pencroff atacou o granito e durante meia hora, à luz das tochas, ele fez voar estilhaços à sua volta. A rocha cintilava com as pancadas da picareta. Nab revezou-o e Gédéon Spilett seguiu-se a Nab.

Esse trabalho durava já há duas horas e a muralha ainda não cedera às pancadas da picareta, quando, com uma pancada dada por Gédéon Spilett, a muralha cedeu e a ferramenta, passando através da parede, foi cair lá fora.

— Hurra! Hurra! — gritou Pencroff.

Ali, a espessura da muralha não era superior a três pés. Cyrus Smith foi espreitar pela abertura, que ficava noventa pés acima do solo. Diante dele estendia-se a orla da margem, o ilhéu, e para além, o imenso mar.

Assim, por esse buraco bastante largo, pois a rocha fragmentara-se notavelmente, a luz entrava a jorros e produzia um efeito mágico ao inundar aquela esplêndida caverna! Do lado esquerdo, não media mais de trinta pés de altura e de largura, por um comprimento de cem pés; do lado direito, pelo contrário, era enorme, e a sua abóbada arredondava-se a mais de oitenta pés de altura. Nalguns sítios, pilares de granito, dispostos irregularmente, pareciam autênticos pilares da nave de uma catedral. Apoiada numa espécie de pé-direito lateral, aqui baixando-se em arcos, ali erguendo-se em nervuras ogivais, perdendo-se em traves escuras cujo rendilhado se apercebia na semiobscuridade, enfeitada com saliências suspensas, aquela abóbada oferecia uma pitoresca mistura de tudo o que as arquiteturas bizantinas, romana e gótica produziram, pela mão do homem. E ali, no entanto, tratava-se apenas de uma obra da natureza! Só ela cavara aquele feérico Alhambra num maciço de granito!

Os colonos estavam mudos de admiração. Onde julgavam ir encontrar apenas uma estreita cavidade, descobriam uma espécie de

palácio maravilhoso, e Nab tirara o seu chapéu, como se tivesse sido transportado para um templo!

Depois, passado o primeiro espanto, gritos de admiração saíram de todas as bocas. Os hurras retiniam e iam perder-se de eco em eco no fundo das naves sombrias.

— Ah! meus amigos! — exclamou Cyrus Smith —; quando tivermos iluminado largamente o interior deste maciço, quando tivermos arranjado os nossos quartos, os nossos escritórios, as nossas despensas, do lado esquerdo, ficaremos ainda com esta esplêndida caverna, da qual faremos a nossa sala de estudo e o nosso museu!

— E chamar-lhe-emos? — perguntou Harbert.

— Granite-House¹² — respondeu Cyrus Smith, nome que os seus companheiros saudaram com os seus hurras.

Nesse momento as tochas estavam quase completamente gastas, e como, para regressar, era preciso voltar ao alto do planalto subindo o corredor, foi decidido que guardariam para o dia seguinte os trabalhos relativos ao arranjo da nova casa.

Antes de partir, Cyrus Smith foi inclinar-se ainda uma vez por cima do poço sombrio, que mergulhava perpendicularmente até ao nível do mar. Escutou portanto com atenção. Nenhum barulho se ouvia, nem sequer o das águas, cujas ondulações deviam agitar aquelas profundezas. Um tronco de resina a arder foi lançado para o fundo. As paredes iluminaram-se por instantes, mas também não viram nada de suspeito. Se qualquer monstro marinho fora inopinadamente surpreendido pela retirada das águas, voltara depois para o largo pelo corredor subterrâneo que se prolongava pelo areal

e que era percorrido pelo escoamento das águas, antes de uma nova saída lhe ter sido oferecida.

Entretanto, o engenheiro, imóvel, de ouvido à escuta, com o olhar mergulhado no abismo, não pronunciava uma só palavra.

O marinheiro aproximou-se dele, e, tocando-lhe no braço, disse:

— Senhor Smith?

— Que quer, meu amigo? — respondeu o engenheiro, como se tivesse regressado do país dos sonhos.

— As tochas vão em breve apagar-se.

— A caminho! — respondeu Cyrus Smith.

O pequeno grupo deixou a caverna e começou a sua ascensão através do escuro escoadouro. *Top* fechava a marcha e deixava ainda ouvir estranhos ruidos. A subida foi bastante difícil. Os colonos detiveram-se alguns instantes na gruta superior, que formava como que uma espécie de patamar, a meia altura dessa longa escadaria de granito. Depois recomeçaram a subir.

Em breve um ar mais fresco se fez sentir. As gotinhas de água, secas pela evaporação, já não cintilavam nas paredes rochosas. A claridade fuliginosa das tochas empalidecia. A tocha de Nab apagou-se, e, para não se aventurarem no meio da profunda escuridão, era preciso apressarem-se.

Foi o que fizeram e, um pouco antes das quatro horas, no momento em que a tocha do marinheiro se apagava por sua vez, Cyrus Smith e os companheiros desembocavam no orifício do escoadouro.

Capítulo 19

No dia seguinte, 22 de maio, começaram os trabalhos destinados à apropriação especial da nova casa. Os colonos tinham o desejo de trocar o mais depressa possível o insuficiente abrigo que tinham nas Chaminés por aquela vasta moradia mais sã, cavada em plena rocha, ao abrigo das águas do mar e do céu. No entanto, as Chaminés não deviam ser abandonadas e o engenheiro projetava fazer nelas uma oficina para os trabalhos mais difíceis.

O primeiro cuidado de Cyrus Smith foi o de reconhecer sobre que ponto determinado se encontrava a fachada de Granite-House. Dirigiu-se para o areal que ficava junto da enorme muralha, e, como a picareta que escapara das mãos do repórter devia ter caído verticalmente, bastava encontrar essa picareta para saber o local exato em que a muralha de granito fora perfurada.

A picareta foi facilmente encontrada, e, com efeito, abria-se um buraco em linha perpendicular acima do ponto em que ela caíra sobre a areia, a cerca de oitenta pés acima do areal. Alguns pombos entravam e saíam já por essa abertura. Parecia realmente que fora para eles que se descobrira a Granite-House!

A intenção do engenheiro era dividir o lado direito de Granite-House em vários quartos, precedidos por um corredor de entrada, e iluminá-los por meio de cinco janelas e de uma porta abertas na fachada. Pencroff admitia as janelas, mas não compreendia a utilidade da porta, visto que o antigo escoadouro oferecia uma escada natural, pela qual seria fácil o acesso a Granite-House.

— Meu amigo — respondeu-lhe Cyrus Smith —, se nos é fácil ter acesso a Granite-House por meio do escoadouro, também o será para outros que não nós. Conto, por isso, obstruir a entrada do orifício, tapá-lo hermeticamente, e dissimular a entrada provocando, por meio de uma barragem, uma subida das águas do lago.

— E como entraremos nós? — perguntou o marinheiro.

— Por uma escada exterior — respondeu Cyrus Smith. — Uma escada de corda, que, uma vez retirada, torne inacessível o nosso retiro.

— Mas porquê tantas precauções? — perguntou Pencroff. — Até aqui, os animais não nos pareceram muito temíveis. Quanto a ser habitada pelos indígenas, a nossa ilha não o é!

— Tem bem a certeza disso, Pencroff? — perguntou o engenheiro, olhando para o marinheiro.

— Só poderemos ter a certeza absoluta — replicou Pencroff — quando tivermos explorado toda a ilha, evidentemente.

— É verdade — disse Cyrus Smith —, pois conhecemos apenas uma pequena parte dela. Mas de qualquer modo se não tivermos inimigos no interior, eles poderão vir de fora, pois estas paragens do Pacífico são más. Devemos, portanto, tomar todas as precauções contra qualquer eventualidade.

Cyrus Smith falava sensatamente e, sem fazer mais nenhuma objeção, Pencroff preparou-se para executar as suas ordens.

A fachada de Granite-House ia, portanto, ser iluminada por cinco janelas e uma porta, servindo aquilo que constituía o «apartamento propriamente dito», e a luz entraria também por uma quantidade de claraboias que permitiriam que a claridade entrasse profusamente nessa maravilhosa nave que iria servir de salão. Essa fachada,

situada a uma altura de oitenta pés acima do solo, estava voltada para leste e o sol-nascente saudava-a com os seus primeiros raios. Encontrava-se na parte da frontaria compreendida entre a saliência que formava ângulo com a embocadura do rio das Mercês, e uma linha perpendicularmente traçada acima do amontoado de rochas que formavam as Chaminés. Assim os ventos maus, isto é os do nordeste, só a atingiam de lado, pois estava protegida pela própria orientação de saliência. De resto, enquanto esperava que os caixilhos das janelas estivessem feitos, o engenheiro tinha a intenção de tapar as aberturas com fortes taipais, que não deixassem passar nem a chuva, nem o vento, e que em caso de necessidade ele poderia dissimular.

O primeiro trabalho consistia portanto em fazer essas aberturas. Abri-las com picaretas seria um trabalho lento e difícil e nós sabemos que o engenheiro era um homem de grandes meios. Tinha ainda uma certa quantidade de nitroglicerina à sua disposição e utilizou-a utilmente. O efeito da substância explosiva foi convenientemente localizado e, sob a sua ação, o granito saltou nos sítios escolhidos pelo engenheiro. Depois a pá e a picareta terminaram o desenho ogival das cinco janelas, das claraboias e da porta, e daí a poucos dias Granite-House estava largamente iluminada pela luz do levante, que penetrava até às suas mais recônditas profundezas.

Seguindo o plano de Cyrus Smith, o apartamento devia ser dividido em cinco compartimentos voltados para o mar: à direita, uma entrada com uma porta à qual iria dar a escada, depois a cozinha, da largura de trinta pés, uma casa de jantar, com quarenta pés, um quarto-dormitório da mesma largura, e finalmente um

quarto de hóspedes, reclamado por Pencroff, e que ficava junto da sala grande.

Esses quartos e salas que formavam o apartamento de Granite-House não deviam ocupar toda a profundidade da cavidade. Haveria além disso um comprido corredor que daria para uma grande sala de arrumações, onde se guardariam os utensílios, as provisões e as reservas. Todos os produtos da ilha, tanto os da flora como os da fauna, ficariam ali em excelentes condições de conservação e completamente ao abrigo da humidade. Espaço não faltava e cada objeto podia ser metodicamente disposto. Além disso, os colonos tinham ainda à sua disposição a pequena gruta situada acima da grande caverna, e que seria como que o sótão da nova casa.

Aprovado esse plano, faltava apenas pô-lo em execução.

Os mineiros voltaram a ser fabricantes de tijolos; depois os tijolos foram transportados para junto de Granite-House.

Até então Cyrus Smith e os seus companheiros só tinham tido acesso à caverna pelo antigo escoadouro. Esse modo de comunicação obrigava-os primeiro a subir ao planalto da Grande Vista contornando a margem do rio e percorrendo duzentos pés de corredores, voltando depois a fazer o mesmo percurso quando queriam regressar ao planalto. Daí haver uma perda de tempo e uma canseira consideráveis. Cyrus Smith resolveu, portanto, proceder sem demora ao fabrico de uma sólida escada de corda que uma vez içada tornaria Granite-House absolutamente inacessível.

Essa escada foi feita com extremo cuidado, e as partes laterais, formadas pelas fibras de *curry-jonc* e entrançadas por meio de um sarilho, tinham a solidez de um cabo grosso. Quanto aos degraus, foi uma espécie de cedro vermelho, de ramos leves e resistentes, que

os forneceu, e o aparelho foi trabalhado pela mão de mestre de Pencroff.

Outras cordas foram também fabricadas com fibras vegetais, e uma espécie de elevador grosseiro foi instalado na porta. Desse modo os tijolos puderam ser facilmente transportados até ao nível de Granite-House. O transporte dos materiais encontrava-se assim muito simplificado, e o arranjo interior propriamente dito começou logo a seguir. A cal não faltava, e alguns milhares de tijolos estavam ali, prontos a ser utilizados. Ergueram facilmente os tabiques, muito rudimentares de resto, e, num curto espaço de tempo, o apartamento foi dividido em quartos e em armazém, como ficara combinado.

Esses diversos trabalhos faziam-se rapidamente, sob a direção do engenheiro, que manejava ele próprio o martelo e a trolha.

Nenhum trabalho era estranho a Cyrus Smith, que dava assim o exemplo aos seus zelosos e inteligentes companheiros. Trabalhavam com confiança, alegremente até, pois Pencroff tinha sempre pronta a palavra que fazia rir, quer sendo carpinteiro, cordoeiro, ou pedreiro, e comunicando o seu bom humor a todo aquele pequeno mundo. A sua fé no engenheiro era absoluta. Nada poderia perturbá-la. Julgava-o capaz de tudo fazer com êxito. A questão do vestuário e dos sapatos — questão grave, certamente —, a da iluminação durante as noites de inverno, a valorização das zonas férteis da ilha, a transformação da flora selvagem numa flora civilizada, tudo lhe parecia fácil com a ajuda de Cyrus Smith e tudo se fazia na devida altura. Sonhava com rios desviados, facilitando o transporte das riquezas do solo, a exploração de pedreiras e de minas, máquinas próprias para todos os usos industriais, e até com

o caminho de ferro, sim com o caminho de ferro!, cuja rede cobriria certamente um dia a ilha Lincoln.

O engenheiro deixava Pencroff falar. Não contradizia nenhum dos exageros do bom Pencroff Sabia como a confiança é comunicativa, sorria mesmo ao ouvi-lo falar, e nada dizia das inquietações com que encarava o futuro. Com efeito, nessa parte do Pacífico, fora da rota dos navios, podiam recear nunca mais serem socorridos. Era portanto consigo mesmos, só com eles próprios, que os colonos deviam contar, pois a distância da ilha Lincoln a qualquer outra terra era tal que partir num pequeno barco, de construção necessariamente medíocre, seria uma grave e perigosa empresa.

No entanto, como dizia o marinheiro, eles estavam muito para além dos Robinson de outrora, para os quais tudo o que conseguiam era por milagre.

Com efeito, eles «sabiam», e o homem que «sabe» tem êxito onde outros vegetariam e inevitavelmente pereceriam.

Harbert distinguiu-se durante esses trabalhos. Era inteligente e ativo, compreendia depressa, executava bem, e Cyrus Smith dedicava-se cada vez mais a essa criança. Harbert também sentia pelo engenheiro uma forte e respeitosa amizade. Pencroff via bem a estreita simpatia que se estabelecia entre eles, mas não se sentia ciumento.

Nab era Nab. Era aquilo que seria sempre, a coragem, a dedicação, a abnegação personificadas. Tinha pelo patrão a mesma confiança que Pencroff, mas manifestava-a menos ruidosamente. Quando o marinheiro se entusiasmava, Nab tinha sempre o ar de responder: «Mas nada mais natural.» Pencroff e ele eram muito amigos e depressa começaram a tratar-se por tu.

Quanto a Gédéon Spilett, também tomava parte no trabalho comum, e não era o mais desajeitado — o que causava uma certa admiração ao marinheiro. Um jornalista hábil, não apenas em tudo compreender, mas também em tudo executar!

A escada foi definitivamente instalada no dia 28 de maio. Tinha cem degraus para poder dar acesso àquela altura perpendicular de oitenta pés. Felizmente que Cyrus Smith a pudera dividir em duas partes, aproveitando uma inclinação da muralha que fazia saliência a uns quarenta pés acima do solo. Essa saliência, cuidadosamente nivelada pela picareta, formou uma espécie de patamar ao qual foi fixada a primeira escada, diminuindo assim sensivelmente a oscilação. Essa escada podia ser levantada por meio de uma corda até ao nível de Granite-House. Quanto à segunda escada, ficou presa à entrada da porta e à saliência. Desse modo, a subida tornou-se bastante mais fácil. De resto, Cyrus Smith contava instalar mais tarde um elevador hidráulico que evitaria a fadiga e a perda de tempo aos habitantes de Granite-House.

Os colonos habituaram-se rapidamente a servir-se dessa escada. Eram hábeis e ágeis, e Pencroff, na sua qualidade de marinheiro, habituado a trepar aos mastros, pôde dar-lhes lições. Mas foi necessário que as desse também ao cão. O pobre *Top*, com as suas quatro patas, não estava apto para aquele exercício. Mas Pencroff era um professor tão hábil e persistente que o pobre *Top* acabou por subir convenientemente as escadas, como o fazem correntemente os seus semelhantes nos circos. Se o marinheiro se sentiu orgulhoso do seu aluno é coisa que não se pode dizer, mas no entanto, e por mais de uma vez, Pencroff o transportou às costas, coisa de que *Top* não se queixou.

Devemos observar que durante estes trabalhos, que foram no entanto ativamente conduzidos, dada a aproximação da estação fria, a questão alimentar não fora desprezada. Todos os dias, o repórter e Harbert, que se tinham tornado decididamente os fornecedores da colônia, empregavam algumas horas a caçar. Exploravam apenas os bosques do Jacamar, à esquerda do rio, pois, por falta de uma ponte ou de um barco, o rio das Mercês ainda não fora atravessado. Todas essas imensas florestas, que eles batizaram com o nome de florestas do Far West, não tinham ainda sido exploradas. Reservavam essa importante excursão para os primeiros dias bonitos da primavera seguinte. Mas os bosques do Jacamar tinham caça suficiente; ali abundavam javalis e cangurus, e os paus ferrados, as flechas e os arcos dos caçadores faziam maravilhas. Além disso, Harbert descobrira, no ângulo sudoeste do lago, uma tapada natural, espécie de pradaria levemente húmida, coberta por salgueiros e árvores aromáticas que perfumavam o ar, como o tomilho, o serpol, a segurelha, todas elas da família das labiadas, que os coelhos apreciam tanto.

Devido a uma observação do repórter dizendo que visto a mesa ser fornecida por aprendizes¹³, era de espantar que os coelhos não aparecessem nela, os dois caçadores exploraram atentamente essa tapada. Encontrava-se ali grande abundância de plantas úteis, e um naturalista teria ocasião de estudar muitas espécies do reino vegetal. Harbert apanhou assim muitos arbustos de betónica, de erva-cidreira, de alecrim, etc., que possuíam qualidades terapêuticas variadas; umas eram peitorais, outras febrífugas, outras eram antiespasmódicas ou antirreumáticas. E quando, mais tarde,

Pencroff perguntou para que servia toda essa colheita de ervas, o jovem respondeu:

— Servem para nos tratar quando estivermos doentes.

— Por que havemos de estar doentes se não existe nenhum médico na ilha? — perguntou com toda a seriedade Pencroff.

A isso não havia nada a replicar, mas o jovem não deixou de fazer a sua colheita, que foi muito bem recebida em Granite-House. Além disso, ele reunira também uma quantidade notável de umas plantas que são conhecidas na América Setentrional pelo nome de «chá de Oswego» e produzem uma bebida excelente.

Nesse dia, finalmente, os dois caçadores chegaram ao verdadeiro local da tapada. O solo estava perfurado como um passador.

— São tocas! — exclamou Harbert.

— Sim — respondeu o repórter. — Bem as vejo, mas estarão habitadas?

— A questão é essa.

A questão não tardou a ser resolvida. Quase imediatamente, centenas de animaizinhos, semelhantes a coelhos, fugiram em todas as direções e com uma tal rapidez que nem mesmo *Top* conseguiria ganhar-lhes em velocidade. Caçadores e cão bem correram, mas não conseguiram apanhar esses roedores, que lhes escaparam facilmente. Mas o repórter estava resolvido a não deixar o local sem ter capturado pelo menos meia dúzia desses quadrúpedes. Queria primeiro encher a despensa, para mais tarde então tentar domesticar alguns. Com alguns laços colocados à entrada das tocas, a operação não poderia deixar de ter êxito. Mas nesse momento não havia qualquer laço, nem com que o fabricar. Era preciso portanto

resignarem-se a ir observar cada toca, revistá-la com um pau e fazer, à custa de paciência, o que não podiam fazer de outro modo.

Finalmente, após uma hora de pesquisas pacientes, foram apanhados quatro coelhos. Eram muito semelhantes aos seus congêneres da Europa, e que são vulgarmente conhecidos pelo nome de «coelhos da América».

O produto da caçada foi levado para Granite-House e fez parte da refeição dessa noite. Os habitantes da tapada não eram para desprezar, pois eram deliciosos. Esse passou a ser um precioso recurso para a colônia, que parecia dever ser inesgotável.

No dia 31 de maio, as divisórias da casa estavam terminadas. Faltava apenas mobilar os quartos, o que seria trabalho para os longos dias de inverno. Na primeira sala, que servia de cozinha, foi instalada uma chaminé. O cano destinado a conduzir o fumo para o exterior deu certo trabalho aos improvisados fabricantes de fogões. Pareceu mais simples a Cyrus Smith fabricar esse cano em barro de tijolo, visto que não se podia pensar em fazê-lo sair para o planalto superior. Fizeram então um buraco por cima da janela da cozinha e foi por esse buraco que o tubo, inclinado obliquamente, como o de um fogão metálico, foi dar. Sem dúvida que com os grandes ventos do leste, atingindo diretamente a fachada, a chaminé deitaria fumo, mas esses ventos eram raros e, de resto, mestre Nab, o cozinheiro, não era assim tão exigente.

Quando esses arranjos interiores terminaram, o engenheiro ocupou-se em obstruir o orifício do antigo escoadouro do lago, de modo a impedir todo o acesso por essa via. Grandes blocos de rocha foram rolados para cima dessa abertura e fortemente cobertos com cimento. Cyrus Smith não realizou ainda nessa altura o seu projeto

de cobrir esse orifício com as águas do lago, elevando-as ao seu primeiro nível por meio de uma barragem. Contentou-se em dissimular a obstrução com ervas, arbustos e matagal, plantados nas fendas das rochas e que na primavera seguinte deviam desenvolver-se com exuberância.

No entanto, utilizou o escoadouro para levar até à nova casa um fio das águas doces do lago. Um pequeno corte, feito abaixo do seu nível, produziu esse resultado, e esse desvio de uma fonte pura e inesgotável deu um rendimento de vinte e cinco a trinta galões¹⁴ por dia. A água não deveria nunca faltar em Granite-House.

Por fim, tudo ficou terminado, e era tempo, pois a estação má começava. Fortes taipais permitiam fechar as janelas da fachada, enquanto esperavam que o engenheiro tivesse tempo para fabricar vidros.

Gédéon Spilett tinha disposto artisticamente, nas saliências da rocha, em redor das janelas, plantas de espécies variadas, assim como compridas ervas trepadeiras, e, desse modo, as aberturas eram emolduradas por uma verdura pitoresca, de efeito encantador.

Os habitantes da sólida, sã e segura habitação não podiam deixar de se sentir encantados com a sua obra. As janelas permitiam que o seu olhar se espraiasse por um horizonte sem limites, que os dois cabos Mandíbula fechavam a norte e o cabo Garra a sul. Toda a baía da União se desenrolava magnificamente diante deles. Sim, os corajosos colonos tinham razão para estarem satisfeitos, e Pencroff não regateava elogios ao que ele chamava humoristicamente «o seu apartamento no quinto andar, por cima da sobreloja».

Capítulo 20

A estação de inverno começou verdadeiramente com o mês de junho, que corresponde ao mês de dezembro do hemisfério boreal. Começou com chuvadas e rajadas de vento que se sucederam ininterruptamente. Os hóspedes de Granite-House puderam então apreciar as vantagens de uma casa que as intempéries não poderiam atingir. O abrigo das Chaminés seria na verdade insuficiente para a proteção dos rigores de tal invernia, e era de recear que as grandes marés, impelidas pelos ventos do largo, lá entrassem. Cyrus Smith tomou algumas precauções, prevendo essa eventualidade, para resguardar a forja e os fornos que ali estavam instalados.

Durante todo esse mês de junho o tempo foi utilizado em trabalhos diversos, que não excluía nem a pesca nem a caça, e assim as reservas foram sempre largamente mantidas. Logo que tivesse vagar, Pencroff tencionava instalar armadilhas, das quais esperava tirar grande proveito. Fabricara aros de fibras lenhosas e não havia nenhum dia que a tapada não fornecesse o seu contingente de roedores. Nab empregava quase todo o seu tempo a preparar as carnes para fumar e salgar, o que lhes proporcionava excelentes conservas.

A questão do vestuário foi então seriamente discutida. Os colonos só possuíam a roupa que vestiam quando o balão os atirara para a ilha. Os seus fatos eram quentes e sólidos e eles tinham com eles um cuidado extremo, assim como com a roupa branca, sempre mantida em perfeito estado de limpeza, mas tudo isso precisaria de

ser substituído. Além disso, se o inverno fosse rigoroso, os colonos teriam frio.

No que a isso dizia respeito, o engenho de Cyrus Smith não providenciara. Fora preciso olhar ao mais urgente, arranjar a casa, garantir a alimentação, e o frio poderia surpreendê-los antes que a questão do vestuário tivesse sido resolvida. Era preciso, portanto, resignarem-se a passar esse primeiro inverno sem se queixarem demasiadamente. Chegada a estação calmosa, fariam uma boa caçada aos carneiros cuja presença havia sido assinalada na altura da exploração ao monte Franklin, e uma vez recolhida a lã, o engenheiro saberia fabricar tecidos quentes e sólidos... Como? Ele pensaria nisso.

— Pois bem: o que temos a fazer é aquecer as pernas em Granite-House! — disse Pencroff. — O combustível abunda e não há razão para o pouparmos.

— De resto — respondeu Gédéon Spilett —, a ilha Lincoln não está situada numa latitude muito elevada, e é provável que os Invernos não sejam muito rigorosos. Não nos disse, Cyrus, que este paralelo corresponde ao da Espanha no outro hemisfério?

— Sem dúvida — respondeu o engenheiro —, mas em Espanha há certos Invernos muito frios! Neve e gelo, nada falta, e a ilha Lincoln pode ser também rigorosamente posta à prova. No entanto, trata-se de uma ilha, e, como tal, espero que a temperatura seja mais moderada.

— E porquê, senhor Cyrus? — perguntou Harbert.

— Porque o mar, meu filho, pode ser considerado como um imenso reservatório, no qual se armazenam os calores do verão. Quando surge o inverno, ele restitui esses calores, o que garante às

regiões vizinhas dos oceanos uma temperatura moderada, menos elevada no verão, mas menos baixa no inverno.

— Veremos — respondeu Pencroff. — Não quero preocupar-me com o frio que fará ou não fará. O que é verdade é que os dias já são muito curtos e as noites compridas. Se tratássemos da questão da iluminação?

— Nada mais fácil — replicou Cyrus Smith.

— De tratar? — perguntou o marinheiro.

— De resolver.

— E quando começaremos nós?

— Amanhã, organizando uma caçada às focas.

— Para fabricarmos velas?

— Sim.

Tal era, com efeito, o projeto do engenheiro; projeto realizável, visto que tinham cal e ácido sulfúrico, e que os anfíbios do ilhéu forneceria a gordura necessária para o fabrico de velas.

Era o dia 4 de junho, domingo de Pentecostes, e todos se mostraram de acordo em celebrar essa festa. Todos os trabalhos pararam e as preces elevaram-se ao Céu. Mas essas preces eram agora ações de graça. Os colonos da ilha Lincoln já não eram os miseráveis náufragos lançados para o ilhéu. Eles não pediam, agradeciam.

No dia seguinte, 5 de junho, com um tempo muito incerto, partiram para o ilhéu. Era preciso aproveitar ainda a maré baixa para atravessarem o canal a vau, e a propósito disso combinaram que iriam construir, o melhor que pudessem, uma embarcação que facilitasse as comunicações e permitisse subir o rio das Mercês, por

altura da exploração ao sudoeste da ilha, que estava prevista para os primeiros dias bons.

As focas eram numerosas, e os caçadores, armados com os seus paus ferrados, mataram facilmente meia dúzia delas. Nab e Pencroff esfolaram-nas e só levaram para Granite-House a gordura e as peles, que iriam servir para o fabrico de sólidos sapatos.

O resultado dessa caçada foi este: cerca de trezentas libras de gordura que iriam ser utilizadas no fabrico de velas.

A operação foi extremamente simples, e, se não deu produtos perfeitos, eram pelo menos utilizáveis. Cyrus Smith tinha à sua disposição o ácido sulfúrico. Aquecendo esse ácido com os corpos gordos neutros — a gordura das focas —, poderia isolar a glicerina; em seguida, poderia isolar também facilmente o óleo, a margarina e a estearina, utilizando água a ferver. Mas preferiu simplificar a operação, saponificando a gordura por meio da cal. Desse modo obteve um sabão calcário, fácil de decompor com o ácido sulfúrico, que levou a cal ao estado de sulfato e libertou os ácidos gordos.

Desses três ácidos, o do óleo, o da margarina e o da estearina, o primeiro, sendo líquido, foi afastado pela pressão. Quanto aos outros dois, formavam a própria substância que iria servir para a moldagem das velas.

A operação não durou mais de vinte e quatro horas. As mechas, após várias experiências, foram fabricadas de fibras vegetais, e, mergulhadas na substância liquefeita, formavam verdadeiras velas de estearina, moldadas à mão, às quais não faltava nem o branqueamento nem o polimento. Sem dúvida não tinham a vantagem das mechas impregnadas de ácido bórico, que se vitrificam à medida que se vai fazendo a sua combustão, e que se

consomem inteiramente; mas tendo Cyrus Smith fabricado um belo par de candelabros, essas velas foram grandemente apreciadas durante os serões de Granite-House.

Durante todo esse mês o trabalho não faltou no interior de Granite-House. Os carpinteiros meteram mãos à obra. Foram aperfeiçoados os utensílios rudimentares e acrescentados com outros.

Entre outros objetos, foram fabricadas tesouras, e os colonos puderam por fim cortar os cabelos, e já que não podiam fazer a barba, podiam ao menos cortá-la segundo a sua fantasia. Harbert não tinha barba e Nab também não, mas os seus companheiros estavam barbudos de maneira a justificar o fabrico das ditas tesouras.

O conseguir produzir uma serra manual, do género daquelas a que dão o nome de serrotes de mão, custou trabalhos infinitos, mas por fim obtiveram um instrumento que, vigorosamente manejado, conseguia separar as fibras lenhosas da madeira. Fizeram então mesas, cadeiras e armários que mobilaram os principais quartos, e camas cujos colchões eram feitos de zosteras. A cozinha, com as suas tábuas preparadas para arrumar os utensílios de terracota, o seu fogão de tijolos, a pedra onde se lavava a louça, tinha muito bom aspeto, e Nab trabalhava ali gravemente, como se estivesse num laboratório de química.

Porém, os carpinteiros tiveram depois de se dedicar a outras obras. Com efeito, o novo escoadouro feito pela explosão tornava necessária a construção de duas pontes, uma no planalto da Grande Vista, e a outra no próprio areal. Agora, com efeito, o planalto e o areal estavam cortados por um rápido curso de água que era

necessário atravessar quando se queria atingir o norte da ilha. Para evitar, os colonos eram obrigados a fazer um desvio considerável e voltarem a subir para oeste para além da nascente do Creek Vermelho. O mais simples era portanto construir, no planalto e no areal, dois pontões com um comprimento de vinte a trinta pés, formados por algumas árvores cortadas a machado. Foi trabalho de poucos dias. Feitas as pontes, Pencroff e Nab aproveitaram para fazer uma visita ao banco de ostras que fora descoberto ao largo das dunas. Arrastaram atrás deles uma espécie de carrinho grosseiro que substituíra a antiga prancha, demasiadamente incômoda, e trouxeram alguns milhares de ostras, cuja aclimação se fez rapidamente no meio dos rochedos, que formavam verdadeiros parques naturais na embocadura do rio das Mercês. Esses moluscos eram de qualidade excelente, e os colonos passaram a consumi-los quase diariamente.

Como se vê, a ilha Lincoln, se bem que os seus habitantes não a tivessem ainda explorado inteiramente, fornecia-lhes quase tudo aquilo de que eles precisavam. Era provável que se fosse explorada em todos os seus recantos, na parte arborizada que se estendia desde o rio das Mercês até ao promontório do Réptil, ela oferecesse novos tesouros.

Uma única privação custava ainda aos colonos da ilha Lincoln. A alimentação azotada não lhes faltava, nem os produtos vegetais que deviam temperar o seu uso; as raízes lenhosas dos dragoeiros, sujeitas à fermentação, davam-lhes uma bebida acidulada, uma espécie de cerveja, muito preferível à água pura; tinham chegado até a produzir açúcar, sem canas nem beterraba, recolhendo o licor destilado pelo *Acer sacchanirum*, uma espécie de ácer da família das

aceríneas, que prospera em todas as zonas médias e que a ilha possuía em grande quantidade; faziam um chá muito agradável empregando ervas trazidas da tapada; e finalmente tinham abundância de sal, o único dos produtos minerais que entra na alimentação... mas não tinham pão.

Talvez os colonos viessem a poder substituir esse alimento por outro equivalente, feito com farinha de sagueiro ou fécula da árvore-do-pão, e era possível, com efeito, que as florestas do sul da ilha tivessem essas preciosas árvores, mas até então os colonos não as tinham encontrado.

No entanto, nessa circunstância, a Providência viria diretamente em auxílio dos colonos, numa proporção infinitesimal, na verdade, mas Cyrus Smith, com toda a sua inteligência e engenho, nunca poderia produzir aquilo que, por puro acaso, Harbert descobriu um dia no forro do seu casaco que ele tentava coser.

Nesse dia — chovia torrencialmente —, os colonos encontravam-se reunidos na grande sala de Granite-House, quando de repente o rapaz exclamou:

— Veja, senhor Cyrus. Um grão de trigo!

E mostrou aos seus companheiros um grão, um único grão, que, saindo pelo bolso rasgado, se fora meter no forro do casaco.

A presença daquele grão explicava-se pelo hábito que Harbert tinha, em Richmond, de dar de comer a uns pombos que Pencroff lhe oferecera.

— Um grão de trigo? — indagou vivamente o engenheiro.

— Sim, senhor Cyrus, mas só um, apenas um!

— Ó meu rapaz! — exclamou Pencroff, sorrindo —; estamos muito adiantados! Que é que poderemos fazer com um único grão

de trigo?

— Faremos pão — respondeu Cyrus Smith.

— Pão, e até bolos e tortas! — retorquiu o marinheiro em tom chocarreiro. — O pão fornecido por este grão não nos há de engasgar, com certeza!

Harbert preparava-se para deitar o grão fora, mas Cyrus pegou nele, examinou-o, reconheceu que se encontrava em bom estado e, olhando o marinheiro bem de frente, perguntou-lhe:

— Pencroff, sabe quantas espigas pode produzir um grão?

— Calculo que uma! — respondeu o marinheiro, surpreendido com a pergunta.

— Dez, Pencroff. E sabe quantos grãos tem uma espiga?

— Não.

— Uma média de oitenta — disse Cyrus Smith. — Portanto, se plantarmos este grão, na primeira colheita teremos oitocentos grãos, os quais produzirão na segunda seiscentos e quarenta mil, na terceira quinhentos e doze milhões, na quarta mais de quatrocentos milhares de milhões de grãos. É esta a proporção.

Os companheiros de Cyrus Smith ouviam-no sem responder. Aqueles Algarismos espantavam-nos. No entanto eram exatos.

— Sim, meus amigos — continuou o engenheiro. — São estas as progressões aritméticas da fecunda natureza. E o que é essa multiplicação do grão de trigo, cuja espiga tem oitocentos grãos apenas, comparada com os pés de dormideira que têm trinta e dois mil grãos, e esses pés de tabaco que produzem trezentos e sessenta mil? Em poucos anos, sem as numerosas causas de destruição que lhe impedem a fertilidade, essas plantas invadiriam toda a Terra.

Contudo, o engenheiro não terminara ainda o seu pequeno interrogatório.

— E agora, Pencroff — continuou —, sabe quantos alqueires representam quatrocentos mil milhões de grãos?

— Não — respondeu o marinheiro —, mas o que sei é que não passo de um animal!

— Pois bem, seriam mais de três milhões, a cento e trinta mil por alqueire, Pencroff.

— Três milhões! — exclamou Pencroff.

— Três milhões.

— Dentro de quatro anos?

— Dentro de quatro anos! — respondeu Cyrus Smith —, e até dentro de dois anos, se, como espero, pudermos obter duas colheitas anuais, nesta latitude.

A isto, segundo o seu costume, Pencroff respondeu apenas com um formidável hurra.

— A tua descoberta, Harbert — prosseguiu o engenheiro —, foi de uma importância extrema para nós. Tudo, meus amigos, tudo pode servir-nos nas condições em que nos encontramos. Peço-lhes que o não esqueçam.

— Não, senhor Cyrus, não o esqueceremos — respondeu Pencroff. — E se eu chegar a encontrar um desses grãos de tabaco, que se multiplicam por trezentos e sessenta mil, garanto-lhe que não o deito fora! E agora sabem o que nos resta fazer?

— Resta-nos plantar este grão — respondeu Harbert.

— Sim — replicou Gédéon Spilett —, e com todos os cuidados que lhe são devidos, pois ele tem em si as nossas futuras colheitas.

— Desde que cresça! — exclamou o marinheiro.

— Crescerá — respondeu Cyrus Smith.

Estava-se a 20 de junho. O momento era, portanto, propício para semear o único e precioso grão de trigo. Pensaram primeiro em plantá-lo num vaso, mas após mais madura reflexão resolveram confiar resolutamente na mãe natureza e semeá-lo logo na terra. Foi o que fizeram nesse mesmo dia e é inútil acrescentar que foram tomadas todas as precauções para que a operação tivesse êxito.

O tempo melhorara ligeiramente e os colonos resolveram trepar às alturas de Granite-House. No planalto, escolheram um lugar bem abrigado do vento e onde o sol do meio-dia incidisse com todo o seu calor. O sítio foi limpo com cuidado, sachado para tirar da terra todos os insetos ou vermes, e em seguida puseram-lhe uma camada de boa terra misturada com um pouco de cal; rodearam-na com uma paliçada e depois o grão foi enterrado na terra húmida.

Não parecia que os colonos colocavam a primeira pedra de um edifício? Aquilo fez lembrar a Pencroff o dia em que ele acendera o seu único fósforo, e todos os cuidados que ele empregou nessa operação. Mas desta vez a coisa era mais grave. Com efeito, os náufragos poderiam sempre arranjar lume, com um processo ou outro, mas nenhuma força do mundo lhes permitia voltar a fazer aquele grão de trigo, se por infelicidade ele se estragasse!

Capítulo 21

Desde esse momento, não se passou um só dia sem que Pencroff deixasse de ir visitar aquilo a que ele chamava seriamente o «seu campo de trigo». E infelizes dos insetos que lá se aventurassem! Não podiam esperar qualquer misericórdia.

Nos fins de junho, depois de chuvas intermináveis, o tempo arrefeceu bruscamente, e no dia 29, um termómetro Fahrenheit teria decididamente anunciado apenas 20° acima de zero (6,67° abaixo da temperatura do gelo).

No dia seguinte, 30 de junho, dia que corresponde ao dia 31 de dezembro do ano boreal, era uma sexta-feira. Nab observou que o ano acabava com um dia mau; mas Pencroff respondeu-lhe que, naturalmente, o outro ano começaria com um dia bom — o que era melhor.

Em todo o caso, esse dia começou com um frio muito intenso. Blocos de gelo amontoavam-se na embocadura do rio das Mercês e o lago também não tardou a ficar completamente gelado.

Por várias vezes tiveram de renovar as suas provisões de combustível. Pencroff não esperara que o rio gelasse para conduzir enormes comboios de madeira para o seu destino. A corrente era um motor infatigável e foi utilizada no transporte da lenha até que o frio a gelou. Ao combustível tão generosamente fornecido pela floresta, acrescentaram também várias carradas de hulha, que foi preciso ir buscar junto dos contrafortes do monte Franklin. O poderoso calor do carvão de terra foi muito apreciado com o

abaixamento de temperatura, que no dia 4 de julho era de 8° Fahrenheit (treze graus centígrados abaixo de zero). Uma segunda chaminé fora instalada na casa de jantar, e era ali que trabalhavam em comum.

Durante esse período de frio, Cyrus Smith teve ocasião de se regozijar por ter deixado correr para Granite-House um fiozinho das águas do lago Grant. Captada abaixo da superfície gelada e conduzida em seguida pelo antigo escoadouro, a água mantinha-se no estado líquido e chegava a um reservatório interior que fora arranjado num canto da arrecadação, saindo o excedente pelo poço e indo ter ao mar.

Nessa época, num dia em que o tempo estava extremamente seco, os colonos, o mais bem abafados possível, decidiram consagrar umas horas à exploração da zona da ilha compreendida entre o sudeste do rio das Mercês e o cabo Garra. Era um vasto terreno pantanoso, e podia ser que fizessem também uma boa caçada, pois as aves aquáticas deviam abundar ali.

Tinham de contar com umas oito ou nove milhas para a ida e outras tantas para o regresso, e por consequência o dia seria bem preenchido. Como se tratava também da exploração de uma zona desconhecida da ilha, toda a colónia tomou parte no passeio. Por isso, no dia 5 de julho, às seis horas da manhã, mal o dia tinha nascido, Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Nab e Pencroff, armados de paus ferrados, de aros para armadilhas, de arcos e de flechas, além de provisões suficientes, deixaram Granite-House, precedidos por *Top*, que corria alegremente à frente deles.

Tomaram o caminho mais curto, que era atravessar o rio sobre os blocos de gelo que o atravancavam.

— Mas — observou sensatamente o repórter — isto não pode substituir uma ponte verdadeira!

Desse modo, a construção de uma ponte «verdadeira», ficou na lista dos próximos trabalhos a serem realizados.

Era a primeira vez que os colonos iam para o lado direito do rio das Mercês, e se aventuravam no meio dessas grandes e soberbas coníferas, então cobertas de neve.

Não tinham ainda percorrido meia milha quando da espessura do mato viram sair uma família de quadrúpedes, que ali viviam e que os latidos de *Top* desalojaram.

— Ah!, parecem raposas! — gritou Harbert, quando viu os animais fugirem a toda a velocidade.

Eram raposas, com efeito, mas raposas muito grandes, que soltavam uma espécie de latidos, com os quais o próprio *Top* pareceu ficar muito admirado, pois parou e deu a esses velozes animais tempo de desaparecerem.

O cão tinha realmente o direito de estar surpreendido, pois não conhecia as ciências naturais. Mas pelos seus latidos, essas raposas, com uma pelagem de um ruivo-acinzentado, com caudas pretas terminadas por uma ponta branca, mostraram a sua origem. Harbert reconheceu-as imediatamente como sendo animais que se encontram em todas as paragens americanas atravessadas pelos paralelos 30 e 40, assim como no Chile. Harbert lamentou que *Top* não conseguisse apoderar-se de um desses carnívoros.

— Aquilo come-se? — perguntou Pencroff, que nunca conseguiu considerar os representantes da fauna da ilha senão sob um ponto de vista muito especial.

— Não — replicou Harbert —, mas os zoólogos não sabem ainda se a pupila dessas raposas é noturna ou diurna, e se não convirá catalogá-las no género cão propriamente dito.

Cyrus Smith não pôde deixar de sorrir ao ouvir as explicações do rapaz, que comprovavam a seriedade do seu espírito. Quanto ao marinheiro, desde que aquelas raposas não pertencessem ao género comestível, não lhe interessavam. Todavia, observou que quando instalassem uma capoeira em Granite-House teriam de tomar precauções contra as visitas desses ladrões de quatro patas, o que ninguém contestou.

Depois de terem contornado a ponta dos Destroços, os colonos encontraram uma comprida praia banhada pelo vasto mar. Eram oito horas da manhã. O céu estava muito puro, como costuma suceder após frios muito prolongados; mas, aquecidos pela caminhada, Cyrus Smith e os seus companheiros não sentiam muito vivamente as picadas do frio. De resto, não havia vento, circunstância que torna muito mais suportáveis as baixas temperaturas. Um sol brilhante, mas sem ação calorífica, saía então do oceano e o seu enorme disco oscilava no horizonte. O mar formava um lençol tranquilo e azul como o de um golfo mediterrânico, quando o céu está puro. O cabo Garra, recortado em forma de iatagã, destacava-se nitidamente a umas quatro milhas para sudeste. À esquerda, a orla do charco era bruscamente interrompida por uma ponta que os raios solares desenhavam então com traços de fogo. Na verdade, nessa parte da baía da União, sem qualquer abrigo, nem sequer um banco de areia, os navios, fustigados pelo vento leste, não encontrariam abrigo algum. Sentia-se ali a tranquilidade do mar, cujas águas não eram perturbadas por nenhum fundo alto, pela sua

cor uniforme, que não era manchada por qualquer tom amarelado e pela ausência de recifes. Aquela costa, banhada pelo oceano, tinha o silêncio dos abismos profundos. Para oeste, viam-se, a uma distância de umas quatro milhas, as primeiras filas de árvores das florestas do Far West. Os colonos tinham a impressão de se encontrarem numa ilha das regiões antárticas, invadida pelos glaciares. Foi nesse local que pararam para almoçar. Acenderam uma fogueira com arbustos e sargaços secos e Nab preparou o almoço de carne fria, acompanhado por algumas chávenas de chá de Oswego.

Enquanto comiam, os colonos iam observando bem a paisagem que os rodeava. Essa parte da ilha Lincoln era realmente estéril e contrastava com toda a região ocidental. O repórter disse então que se o acaso os tivesse lançado para aquela parte da ilha, eles teriam ficado com uma ideia deplorável do seu futuro domínio.

— Creio mesmo que não poderíamos sequer tê-la atingido — respondeu o engenheiro —, pois o mar é profundo e não nos oferecia um rochedo para nele nos refugiarmos. Diante de Granite-House há pelo menos bancos de areia, um ilhéu, e tudo isso multiplicava as nossas possibilidades de salvação. Aqui, existe apenas o abismo!

— É bastante estranho — observou Gédéon Spilett — que esta ilha, relativamente pequena, apresente um solo tão variado. Esta diversidade de aspetos só pertence evidentemente aos continentes de uma certa extensão. Dir-se-ia na verdade que a parte ocidental da ilha Lincoln, tão rica e tão fértil, é banhada pelas águas quentes do golfo do México, e que as suas margens do norte e do sudeste se estendem por uma espécie de mar Ártico.

— Tem razão, meu caro Spilett — respondeu Cyrus Smith —; também já fiz essa observação. Esta ilha, tanto na sua forma como na sua natureza, acho-a estranha. Dir-se-ia um resumo de todos os aspetos apresentados por um continente e não ficaria surpreendido se soubesse que outrora foi um continente.

— O quê! Um continente no meio do Pacífico? — exclamou Pencroff.

— Por que não? — replicou Cyrus Smith. — Por que motivo a Austrália, a Nova Irlanda, tudo aquilo a que os geólogos ingleses chamam a Austrália, reunidas aos arquipélagos do Pacífico, não teriam outrora formado uma sexta parte do Mundo, tão importante como a Europa ou a Ásia, como a África e as duas Américas? O meu espírito não se recusa a admitir que todas as ilhas deste vasto oceano sejam apenas pontos altos de um continente hoje submerso, mas que dominava as águas nas épocas ante-históricas.

— Como outrora a Atlântida — respondeu Harbert.

— Sim, meu filho, se é que ela existiu.

— E a ilha Lincoln faria parte desse continente? — perguntou Pencroff.

— É provável — respondeu Cyrus Smith —, e isso explicaria a diversidade de produções que nela existe.

— E o número considerável de animais que ainda nela habitam — acrescentou Harbert.

— É verdade — disse Cyrus Smith —, e estás a dar-me mais um argumento para apoiar a minha tese. É certo, pelo que vimos, que os animais são numerosos nesta ilha, e, o que é ainda mais estranho, que as espécies são muito variadas. Tem de haver uma razão para isso e por mim acho que a ilha Lincoln pode ter feito

outrora parte de um vasto continente que a pouco e pouco se afundou nas águas do Pacífico.

— Então, um belo dia — retorquiu Pencroff, que não parecia muito convencido —, o que resta desse antigo continente poderá desaparecer também no mar, e não haverá mais nada entre a América e a Ásia?

— Sim — respondeu Cyrus Smith. — Haverá novos continentes que milhares de milhões de milhares de milhões de animalejos trabalham para construir neste momento.

— E quais são esses pedreiros? — perguntou Pencroff.

— Os infusórios do coral — retorquiu Cyrus Smith. — Foram eles que fabricaram, com um trabalho contínuo, a ilha Clermont-Tonnerre, os atóis e outras numerosas ilhas que se encontram no oceano Pacífico. São necessários quarenta e sete milhões desses infusórios para se obter o peso de um grão¹⁵, e portanto, com os sais marinhos que eles absorvem, com os elementos sólidos da água que eles assimilam, esses animalejos produzem o calcário, e esse calcário forma enormes subestruturas submarinas, cuja dureza e solidez igualam a do granito. Outrora, nos primeiros tempos da Criação, a natureza, utilizando o fogo, produziu as terras por elevação; mas agora encarrega animais microscópicos de substituírem esse agente, cuja potência dinâmica, no interior do Globo, diminuiu sem dúvida, o que é provado pelo grande número de vulcões atualmente extintos à superfície da Terra. E creio que os séculos se hão de suceder aos séculos e os infusórios aos infusórios até que este Pacífico possa um dia transformar-se num vasto continente, que novas gerações habitarão e civilizarão por sua vez.

— Isso demorará muito! — disse Pencroff.

— A natureza tem o tempo a seu favor — respondeu o engenheiro.

— Mas para quê novos continentes? — perguntou Harbert. — Parece-me que a extensão atual das regiões habitáveis é suficiente para a humanidade. Ora, a natureza não faz nada que seja inútil.

— Nada de inútil, com efeito — continuou o engenheiro —; mas pode explicar-se, julgo eu, pela necessidade futura de novos continentes, precisamente nesta zona tropical ocupada pelas ilhas de coral. E essa explicação, que me parece plausível, é a seguinte...

— Estamos a ouvi-lo, senhor Cyrus — respondeu Harbert.

— Aqui está a minha ideia: os sábios admitem geralmente que um dia o nosso Globo acabará, ou, melhor, que a vida animal e vegetal deixará de ser possível nele devido ao arrefecimento intenso que sofrerá. Não estão de acordo apenas sobre a causa desse arrefecimento. Uns pensam que será proveniente do abaixamento de temperatura do sol depois de milhões de anos; e outros, que será da gradual extinção dos fogos que existem no interior do nosso Globo, que têm sobre ele uma influência mais pronunciada do que geralmente se supõe. Eu opto por esta última hipótese, baseando-me no facto de a lua ser verdadeiramente um astro arrefecido, que já não é habitável, apesar de o sol continuar a lançar sobre a sua superfície a mesma quantidade de calor. Ora, se a lua arrefeceu, foi porque esses fogos interiores, aos quais, como todos os astros do mundo estelar, ela deveu a sua origem, se apagaram completamente. Enfim, seja qual for a causa, o nosso Globo arrefecerá um dia, mas esse arrefecimento há de dar-se a pouco e pouco. Que sucederá então? As zonas temperadas, numa época mais ou menos afastada, deixarão de ser habitáveis, como sucede

hoje com as zonas polares. Portanto, as populações humanas, assim como os agregados de animais, afluirão às latitudes mais diretamente submetidas à influência solar. Uma imensa emigração terá lugar na Europa. A Ásia Central e a América do Norte serão a pouco e pouco abandonadas, tal como a Australásia ou as zonas mais baixas da América do Sul. A vegetação seguirá a emigração humana. A flora recuará para o equador, assim como a fauna. As zonas centrais da América Meridional e da África tornar-se-ão os continentes habitados por excelência. Os Lapões e os Samoiedas encontrarão as condições climatéricas do mar polar nas margens do Mediterrâneo. Quem nos diz que nessa época as regiões equatoriais não serão demasiado pequenas para conter e alimentar a população terrestre? Por que razão a previdente natureza, para dar refúgio a toda a emigração vegetal e animal, não há de lançar, desde já, no equador, as bases de um continente novo, encarregando os infusórios de o construir? Pensei muitas vezes em todas estas coisas, meus amigos, e creio seriamente que o aspeto do nosso Globo será um dia completamente transformado, e que, depois de surgirem os novos continentes, os mares cobrirão os antigos, e que, nos séculos futuros, os Colombos irão descobrir as ilhas do Chimborazo, ou do Himalaia ou do monte Branco, restos de uma América, de uma Ásia e de uma Europa submersas. Mais tarde, esses novos continentes tornar-se-ão por sua vez inabitáveis; o seu calor apagar-se-á como o calor de um corpo que a alma abandona, e a vida desaparecerá do Globo, se não definitiva, pelo menos momentaneamente. Talvez então o nosso esferoide descanse, recompondo-se na morte para ressurgir um dia em condições superiores! Mas tudo isto, meus amigos, pertence ao segredo do Autor de todas as coisas, e, a

propósito do trabalho dos infusórios, deixei-me arrastar um pouco longe de mais e pus-me a querer perscrutar os segredos do futuro.

— Meu caro Cyrus — respondeu Gédéon Spilett —, essas teorias são para mim profecias, e hão de realizar-se um dia.

— É o segredo de Deus — disse o engenheiro.

— Tudo isso está muito bem — disse Pencroff, que ouvira com toda a atenção. — Mas diga-me, senhor Cyrus: a nossa ilha Lincoln foi construída pelos infusórios?

— Não — respondeu Cyrus Smith. — Ela é puramente de origem vulcânica.

— Então desaparecerá um dia?

— É provável.

— Espero que não estejamos aqui nessa altura.

— Não, tranquilize-se, Pencroff, que já cá não estaremos, pois não desejamos morrer aqui e havemos de arranjar maneira de partir.

— Entretanto — retorquiu Gédéon Spilett —, instalemo-nos como para a eternidade. Nunca se deve fazer nada por metade.

A conversa terminou aqui. O almoço terminara. A exploração recomeçou e os colonos chegaram ao local onde começava a região pantanosa.

Era um charco, cuja extensão, até à costa arredondada que terminava a ilha a sudeste, podia medir vinte milhas quadradas. O solo era formado por um lodo argilo-silicoso, misturado com numerosos restos de vegetais. Juncos, espadanas, e aqui e ali tufos de ervas, cobriam-no. Algumas partes do charco, geladas, cintilavam sob os raios solares. Nem as chuvas, nem nenhum rio, aumentado por uma súbita cheia, teriam podido formar essas reservas de água. Devia naturalmente concluir-se que esse pântano era alimentado

pelas infiltrações do solo, e assim sucedia com efeito. Era mesmo de recear que o ar ali se carregasse, durante os calores, desses miasmas causadores das febres palustres.

Acima das ervas aquáticas, à superfície das águas estagnadas, esvoaçava um mundo de pássaros. Caçadores de profissão ou não, ninguém poderia perder um tiro nessas condições. Patos selvagens, narcejas, galinholas, cercetas, viviam ali aos bandos, e essas aves pouco assustadiças deixavam que se aproximassem facilmente delas.

Um tiro de espingarda de chumbo teria certamente atingido algumas dúzias desses pássaros, tão juntos se encontravam. Os caçadores tiveram, no entanto, de se contentar em alvejá-los com as suas flechas. O resultado foi menor, mas a flecha silenciosa teve a vantagem de não assustar as aves, que a detonação de uma arma de fogo teria afastado para todos os cantos do charco. Os caçadores contentaram-se, portanto, com uma dúzia de patos, de corpo branco e cor de canela, cabeça verde, asas pretas, brancas e ruças, com bico achatado, que Harbert reconheceu como sendo patos-reais. *Top* concorreu admiravelmente para a captura desses patos-reais, cujo nome foi dado a essa zona pantanosa da ilha. Os colonos tinham, portanto, ali uma abundante caça aquática. Chegada a altura, tratar-se-ia apenas de a explorar convenientemente e era provável que várias espécies desses pássaros pudessem ser, se não domesticadas, pelo menos aclimatadas nos arredores do lago, o que as poria mais diretamente ao alcance dos consumidores.

Por volta das cinco horas da tarde, Cyrus Smith e os seus companheiros retomaram o caminho de casa, atravessando o charco

dos Patos-Reais (Tadorn's Fens), e voltaram a atravessar o rio das Mercês sobre a ponte formada pelos blocos de gelo.

Às oito horas da noite, todos tinham regressado a Granite-House.

Capítulo 22

Os frios intensos duraram até 15 de agosto, sem ultrapassar contudo esse máximo de graus Fahrenheit observado até então. Quando a atmosfera estava calma, essa baixa temperatura suportava-se facilmente; mas quando o vento soprava, era duro para gente insuficientemente vestida. Pencroff lamentava que a ilha Lincoln não desse abrigo a algumas famílias de ursos, de preferência a essas raposas e focas cujas peles deixavam muito a desejar.

— Os ursos — dizia ele — andam habitualmente bem vestidos, e eu só queria pedir-lhes, para o inverno, os quentes capotes que eles trazem no corpo.

— Mas — respondia Nab, rindo — talvez esses ursos não consentissem em dá-los. Afinal de contas, não é animal que se possa comparar a um São Martinho!

— Obrigá-los-íamos a isso, Nab, obrigá-los-íamos! — replicava Pencroff num tom autoritário.

Contudo, esses formidáveis carnívoros não existiam na ilha, ou pelo menos não se tinham ainda mostrado.

Todavia, Harbert, Pencroff e o repórter ocuparam-se em instalar armadilhas no planalto da Grande Vista e junto da floresta. Segundo a opinião do marinheiro, qualquer animal, fosse qual fosse, seria uma boa presa, e roedores e carnívoros apanhados desse modo seriam bem recebidos em Granite-House.

Essas armadilhas eram, de resto, extremamente simples: fossas cavadas no solo, tendo por cima um chão falso feito de troncos e de ervas, e no fundo da cova uma isca cujo cheiro pudesse atrair o

animal. Deve dizer-se que essas armadilhas não foram cavadas ao acaso, mas sim em certos locais onde as marcas deixadas pelos animais mostravam a passagem frequente de quadrúpedes. Todos os dias as armadilhas eram visitadas, e por três vezes, durante os primeiros dias, foram encontradas dessas raposas que os colonos tinham visto na margem direita do rio das Mercês.

— Apenas há raposas nesta região! — exclamou Pencroff da terceira vez que retiraram um desses animais de uma das armadilhas. — Animais que não servem para nada!

— Discordo — replicou Gédéon Spilett. — Elas servem para alguma coisa.

— Para quê?

— Para atrair outros animais!

O repórter tinha razão, e as armadilhas passaram a conter os corpos mortos dessas raposas.

O marinheiro fabricara também uns laços corredios utilizando fibras de *curry-jonc*, e esses laços deram mais resultado que as outras armadilhas. Era raro o dia em que qualquer animal da tapada não se deixasse apanhar por um deles. Eram sempre coelhos, mas Nab sabia variar os molhos e os convivas não pensavam em queixar-se.

No entanto, uma ou duas vezes, na segunda semana de agosto, as armadilhas deram aos caçadores animais mais úteis que as raposas. Foram alguns desses javalis observados a norte do lago. Pencroff não teve necessidade de perguntar se esse animal era comestível dada a sua semelhança com o porco da América e da Europa.

— Mas não são porcos, previno-te — disse Harbert.

— Meu rapaz — respondeu o marinheiro, inclinando-se sobre a armadilha e pegando no animal pelo pequeno apêndice que lhe servia de cauda —, deixa-me crer que se trata de porcos!

— E porquê?

— Porque isso me agrada!

— Gostas então muito de porco, Pencroff?

— Gosto muito de porco — replicou Pencroff —, sobretudo por causa dos seus pés, e se tivesse oito em vez de quatro, gostaria duas vezes mais.

Quanto aos animais em questão, eram pecaris, pertencentes a um dos quatro géneros da família dos suínos, reconhecíveis pela sua cor escura e pela ausência dos compridos caninos que ornaram a boca dos seus congéneres. Esses pecaris vivem em grupo e era provável que abundassem nas zonas arborizadas da ilha. Em todo o caso, eram comestíveis dos pés à cabeça e Pencroff não lhes pedia mais do que isso.

Por volta do dia 15 de agosto, o estado atmosférico modificou-se subitamente devido a uma viragem do vento para noroeste. A temperatura subiu alguns graus e os vapores acumulados no ar não tardaram em transformar-se em neve. Toda a ilha se cobriu de uma camada branca e se mostrou aos habitantes sob um novo aspeto. Essa neve caiu abundantemente durante vários dias, e a sua espessura em breve atingia dois pés.

O vento refrescou em breve com extrema violência, e do alto de Granite-House ouvia-se o mar bramir contra os rochedos. Em certos ângulos formavam-se rápidos redemoinhos de ar, e a neve, girando em altas colunas, assemelhava-se a essas trombas líquidas que giram sobre a sua base e que os navios atacam a tiros de canhão.

No entanto, o furacão, vindo de noroeste, apanhava a ilha de lado, e a situação de Granite-House preservava-a de um ataque direto. Mas no meio dessa tempestade, tão terrível como se se estivesse a dar em qualquer região polar, nem Cyrus Smith nem os seus companheiros, puderam, apesar da sua vontade, aventurar-se no exterior, e ficaram fechados em casa durante cinco dias, de 20 a 25 de agosto. Ouviam a tempestade rugir nos bosques do Jacamar. Muitas árvores estariam com certeza arrancadas, mas Pencroff consolava-se dizendo que não teria o trabalho de as abater.

— O vento faz o nosso trabalho — dizia ele. — Deixemo-lo trabalhar.

E de resto não havia nenhum modo de o impedir.

Como os hóspedes de Granite-House devem ter agradecido ao Céu por lhes ter proporcionado aquela sólida e abrigada morada! Cyrus Smith tinha a sua parte legítima nos agradecimentos, mas, enfim, era a natureza que havia cavado aquela vasta habitação, e ele apenas a descobrira. Ali, estavam todos em segurança e a tempestade não podia atingi-los. Se tivessem construído no planalto da Grande Vista uma casa de tijolo e de madeira, não teria certamente resistido ao furor daquele furacão. Quanto às Chaminés, bastava ouvir o ruído da rebentação das ondas para pensar que elas deviam estar completamente inabitáveis, pois o mar, passando por cima do ilhéu, devia bater-lhes raivosamente. Mas ali, em Granite-House, no meio do maciço, contra o qual nada podiam a água, nem o vento, nada havia a temer.

Durante esses poucos dias de sequestro, os colonos não ficaram inativos. A madeira, cortada em tábuas, não faltava na arrecadação, e pouco a pouco completou-se o mobiliário, em mesas e em

cadeiras, sólidas certamente, pois o material não foi poupado. Esses móveis, um pouco pesados, justificavam mal o seu nome, que faz da mobilidade uma condição essencial, mas eram o orgulho de Nab e de Pencroff, que não os teriam trocado pelos móveis de Boule.

Depois os carpinteiros transformaram-se em cesteiros e não se saíram mal nesse novo trabalho. Tinham descoberto, na ponta que o lago projetava para norte, muitos vimes, entre os quais se viam vimes vermelhos. Antes da estação das chuvas, Pencroff e Harbert colheram uma boa porção desses úteis arbustos, e os seus ramos, bem preparados, estavam prontos a ser utilizados eficazmente. As primeiras tentativas resultaram toscas, mas graças à habilidade e inteligência dos operários, consultando-se, recordando os modelos que tinham visto, rivalizando entre si, cestos de vários tamanhos e feitios foram sendo feitos, aumentando assim o material da colónia. O armazém foi fornecido com esses cestos e Nab guardou em alguns as suas provisões de rizomas, de pinhões e de raízes de dragueiro.

Durante a última semana do mês de agosto, o tempo modificou-se mais uma vez. A temperatura desceu um pouco e a tempestade acalmou. Os colonos saíram. Havia certamente dois pés de altura de neve no areal, mas na superfície dessa neve endurecida podia-se caminhar sem demasiada dificuldade. Cyrus Smith e os seus companheiros subiram ao planalto da Grande Vista.

Que diferença! Aqueles bosques, que eles tinham deixado verdejantes, sobretudo na parte vizinha em que dominavam as coníferas, desapareciam então sob uma cor uniforme. Tudo era branco, desde o cimo do monte Franklin até ao litoral: as florestas, a planície, o lago, o rio, as areias. A água do rio das Mercês corria sob uma abóbada de gelo, que, a cada fluxo e refluxo, se quebrava

ruidosamente. Numerosos pássaros esvoaçavam sobre a superfície sólida do lago: patos e galinhas, gansos e mergulhões, que ali havia aos milhares. As rochas donde se lançava a cascata, na orla do planalto, encontravam-se cobertas de gelo. Dir-se-ia que a água saía de uma monstruosa garganta enfeitada com toda a fantasia de um artista da Renascença. Quanto a apreciarem os estragos feitos na floresta pelo furacão, não era ainda possível fazê-lo e era necessário que se dissipasse a imensa camada branca.

Gédéon Spilett, Pencroff e Harbert, foram visitar então as suas armadilhas. Não foi fácil encontrá-las sob a neve que as cobria. Tiveram mesmo de tomar precauções para não se deixarem cair em alguma delas, o que seria simultaneamente perigoso e humilhante. Mas conseguiram evitar esse contratempo e encontraram as armadilhas perfeitamente intactas. Nenhum animal lá havia caído, apesar de se verem nas proximidades inúmeras marcas de garras, nitidamente assinaladas na neve. Harbert não hesitou em afirmar que qualquer carnívoro do género dos felinos passara por ali, o que justificava a opinião do engenheiro sobre a presença de feras perigosas na ilha Lincoln. Sem dúvida que essas feras habitavam vulgarmente as espessas florestas do Far West, mas, impelidas pela fome, tinham-se aventurado até ao planalto da Grande Vista. Ter-lhes-ia talvez chegado o cheiro dos hóspedes de Granite-House?

— Mas afinal que felinos são? — perguntou Pencroff.

— São tigres — respondeu Harbert.

— Julguei que esses animais só se encontrassem nos países quentes.

— No Novo Continente — respondeu o rapaz —, existem desde o México até aos pampas de Buenos Aires. Ora, como a ilha Lincoln se

encontra mais ou menos na mesma latitude que as províncias de La Plata, não é de espantar que haja aqui tigres.

— Bem; temos de ter cuidado — replicou Pencroff.

Entretanto, a neve acabou por desaparecer sob a influência da temperatura que subiu. A chuva voltou a cair, e graças à sua ação dissolvente a camada branca desapareceu. Apesar do mau tempo, os colonos renovaram todas as suas reservas, raízes de drageiro, pinhões, licor de ácer, rizomas, quanto ao género vegetal; coelhos da tapada, agutis e cangurus, quanto ao género animal. Para isso foram necessárias algumas excursões à floresta, e observaram então que uma certa quantidade de árvores tinham sido derrubadas pelo último furacão. O marinheiro e Nab levaram no seu carrinho, até ao jazigo de hulha, algumas toneladas de combustível. De passagem, viram que a chaminé do forno fora danificada pelo vento e que lhe faltavam uns bons seis pés pelo menos.

Ao mesmo tempo que o carvão, a provisão de madeira foi também renovada em Granite-House, e aproveitaram a corrente do rio das Mercês, que voltara a correr em liberdade, para transportar vários comboios de madeira. Podia ser que o período dos grandes frios não estivesse ainda terminado.

Foi também feita uma visita às Chaminés, e os colonos alegraram-se por não terem ficado ali durante a tempestade. O mar deixara ali sinais incontestados das suas devastações. Erguidas pelos ventos do largo, e saltando por cima do ilhéu, as ondas assaltaram violentamente os corredores, que dantes se encontravam com uma camada de areia, e as rochas estavam cobertas por sargaços. Enquanto Nab, Harbert e Pencroff caçavam ou renovavam as provisões de combustível, Cyrus Smith e Gédéon Spilett trabalhavam

na desobstrução das Chaminés, e acharam a forja e os fornos quase intactos, pois haviam sido protegidos pelas areias amontoadas ali.

Não foi inutilmente que as reservas de combustível foram renovadas. Os frios rigorosos não tinham acabado. Sabe-se que no hemisfério boreal o mês de fevereiro se caracteriza principalmente por grandes descidas de temperatura. Devia ser o mesmo no hemisfério austral, e o fim do mês de agosto, que é o fevereiro da América do Norte, não escapou a essa lei climática.

Por volta do dia 25, após novo período de neve e de chuva, o vento passou para sudeste e o frio tornou-se extremamente intenso. Segundo o cálculo do engenheiro, um termómetro Fahrenheit não deveria marcar mais de oito graus abaixo de zero (vinte e dois graus centígrados negativos) e essa intensidade do frio, tornada ainda mais insuportável por um vento forte, manteve-se durante vários dias. Os colonos tiveram de se abrigar de novo em Granite-House, e como foi necessário tapar hermeticamente todas as aberturas da fachada, deixando apenas o necessário para a renovação do ar, o consumo de velas foi considerável. Para as economizar, os colonos iluminavam-se muitas vezes apenas com a chama das lareiras, onde o combustível não era poupado. Várias vezes, uns ou outros desceram ao areal, para passearem no meio dos blocos de gelo que o fluxo e refluxo amontoava em cada maré, e era com dificuldade e dor que eles se agarravam à escada para entrarem em casa: os dedos enregelados queimavam-se sobre as fibras geladas.

No entanto, os colonos precisavam de ocupar as horas que eram obrigados a passar dentro de casa. Cyrus Smith lembrou-se então de um trabalho que se podia fazer em casa.

Sabemos que os colonos tinham à sua disposição a substância líquida que se tira do ácer, fazendo nessa árvore incisões profundas. Bastava-lhes, portanto, recolher esse licor em vasos, e podiam utilizá-lo em vários usos culinários, e deixando-o envelhecer teria tendência para branquear e tomar-se xaroposo.

Porém, um dia Cyrus Smith anunciou aos seus amigos que se iam tornar refinadores.

— Refinadores! — exclamou Pencroff. — Creio que é uma profissão um bocado quente, não?

— Muito quente! — respondeu o engenheiro.

— Então é boa para a estação! — retorquiu Pencroff.

Que a palavra «refinar» não desperte no espírito do leitor a recordação dessas fábricas complicadas, em utensílios e em operários. Não! Para cristalizar aquele licor, bastava coá-lo por meio de uma operação extremamente fácil. Colocado em grandes recipientes que eram postos ao lume, o licor era submetido a uma certa evaporação e em breve a espuma aparecia à superfície. Logo que essa espuma se tornava mais espessa, Nab mexia o líquido com uma espátula de madeira — o que devia acelerar a sua evaporação e evitar ao mesmo tempo que adquirisse um gosto empireumático.

Após algumas horas de ebulição sobre um bom lume, que fazia tão bem aos operários como à substância, esta transformava-se num xarope espesso. Esse xarope foi deitado em moldes de argila, previamente feitos no forno da cozinha, e aos quais tinham dado formas variadas. No dia seguinte, esse xarope, arrefecido, tomava-se consistente e era desenformado. Era açúcar, de cor um pouco turva, é certo, mas muito saboroso.

O frio continuou até meados de setembro, e os prisioneiros de Granite-House começaram a achar o seu cativeiro comprido de mais. Quase todos os dias tentavam algumas saídas, que não podiam prolongar-se. Trabalhavam então constantemente no arranjo da casa. Conversavam e iam trabalhando. Cyrus Smith explicava principalmente as aplicações práticas da ciência. Os colonos não tinham biblioteca à sua disposição, mas o engenheiro era um livro sempre aberto na página que cada um precisava, um livro que lhes resolvia todas as questões e que eles folheavam frequentemente. O tempo ia passando assim e aqueles corajosos homens não pareciam recear o futuro.

Entretanto, era chegada a altura de esse sequestro terminar. Todos tinham pressa de ver se não a época boa pelo menos o desaparecimento desse frio insuportável. Se ao menos se encontrassem vestidos de maneira a poderem enfrentá-lo, que explorações não teriam feito, quer às dunas, quer ao charco dos Patos-Reais! A caça devia deixar-se apanhar facilmente e a caçada seria certamente frutuosa. Mas Cyrus Smith achava que ninguém devia comprometer a saúde, pois todos os braços eram necessários, e o seu conselho foi seguido.

Contudo, deve-se dizê-lo, o mais impaciente com aquela prisão, depois de Pencroff, era *Top*. O fiel cão achava-se muito apertado em Granite-House. Ia e vinha de um quarto para outro e mostrava bem, à sua maneira, o aborrecimento de se ver ali preso.

Cyrus Smith observou muitas vezes que *Top*, quando se aproximava do poço que estava em comunicação com o mar e cujo orifício se abria ao fundo do armazém, rosnavava surdamente, andando em volta do poço e tentando por vezes erguer a tampa de

madeira com que o engenheiro o havia coberto. Ladrava então de uma maneira que indicava cólera e inquietação.

O engenheiro observou várias vezes esse procedimento. Que haveria naquele abismo que pudesse intrigar a tal ponto o inteligente animal? O poço ia dar ao mar, isso era certo, mas ramificar-se-ia em corredores por baixo da ilha? Estaria em comunicação com outras cavidades interiores? Algum monstro marinho viria de tempos a tempos respirar ao fundo desse poço? O engenheiro não sabia que pensar e não podia impedir-se de, por vezes, entrar em estranhas elucubrações. Habitado a ir longe no campo das realidades científicas, não perdoava a si próprio deixar-se arrastar para o campo do estranho e quase do sobrenatural; mas como explicar que *Top*, um cão inteligente, que nunca perdera o seu tempo a ladrar à lua, se obstinasse a sondar e a farejar esse abismo, se nada ali houvesse que despertasse a sua inquietação? A conduta de *Top* intrigava Cyrus Smith mais do que a ele mesmo parecia razoável.

Em todo o caso, o engenheiro apenas comunicou as suas impressões a Gédéon Spilett, achando inútil impressionar os seus companheiros com as suas reflexões involuntárias, suscitadas por aquilo que talvez não passasse de uma fantasia de *Top*.

Por fim, os frios cessaram. Houve ainda chuvas e rajadas de vento misturadas com neve, mas as intempéries não duraram. O gelo dissolvera-se, a neve fundira-se; o areal, o planalto, as margens do rio, as florestas e bosques eram outra vez praticáveis. O regresso da primavera encantou os hóspedes de Granite-House e em breve só lá passavam as horas destinadas ao repouso e ao sono.

Caçaram muito na segunda metade de setembro, o que levou Pencroff a reclamar com mais insistência as armas de fogo que ele afirmava terem sido prometidas por Smith. Este, sabendo bem que sem ferramentas próprias lhe seria quase impossível fabricar uma espingarda que pudesse prestar qualquer serviço, recuava e deixava a operação para outra ocasião. Observava, de resto, que Harbert e o repórter eram excelentes atiradores e que todo o gênero de caça — como coelhos, agutis, cabiais, cangurus, pombos, patos-selvagens, galinholas —, enfim, qualquer caça de pelo ou de pena caía sob as suas flechas, e que, por consequência, podiam esperar. Mas o obstinado marinheiro não achava assim, e ele não largaria o engenheiro enquanto não lhe satisfizesse o desejo. Gédéon Spilett também apoiava Pencroff.

— Se esta ilha, como parece, tem animais ferozes — dizia o repórter —, temos de pensar em combatê-los e exterminá-los. Pode chegar a altura em que esse seja o nosso primeiro dever.

Todavia, nessa época não era a questão das armas de fogo que preocupava Cyrus Smith, mas sim a questão do vestuário. A roupa usada pelos colonos tinha aguentado o inverno, mas não poderia resistir até ao seguinte. Peles de carnívoros ou lã de ruminantes era o que eles precisavam procurar, e visto que os carneiros não faltavam na ilha, seria bom formarem um rebanho, que seria criado para satisfazer as necessidades da colônia. Um recinto destinado aos animais domésticos, uma capoeira para as aves; numa palavra, uma espécie de quinta instalada em qualquer ponto da ilha, eram os dois projetos importantes que deviam ser executados durante a estação boa.

Tendo em vista essas futuras instalações, era urgente uma exploração à parte da ilha Lincoln ignorada por eles, isto é, as altas florestas que se estendiam do lado direito do rio das Mercês, desde a sua embocadura até à extremidade da península Serpentina, assim como por toda a costa ocidental. Mas era preciso um tempo seguro e teriam de esperar ainda um mês antes que essa exploração pudesse ser feita utilmente.

Esperavam portanto com uma certa impaciência, quando se deu um incidente que excitou ainda mais o desejo que os colonos sentiam de explorar toda a ilha.

Era o dia 24 de outubro. Nessa data Pencroff fora visitar as armadilhas, que mantinha sempre convenientemente preparadas. Numa delas encontrou três animais que deviam ser bem recebidos em casa. Era uma fêmea pecari com os seus dois filhotes.

Pencroff regressou a Granite-House encantado com a captura, e, como sempre, fazendo grande alarde da caçada.

— Hoje teremos uma boa refeição, senhor Cyrus! — exclamou. — E vós também comereis, senhor Spilett!

— Também quero comer — respondeu o repórter —, mas gostaria de saber o quê!

— Leitão!

— Ah, sim, Pencroff? Quem o ouvisse pensaria que trazia aí uma perdiz com trufas!

— Como? — gritou Pencroff. — Não me diga que não gosta de leitão?

— Gosto — respondeu Spilett, sem se mostrar muito entusiasmado —, e desde que não se abuse...

— Está bem, está bem, senhor jornalista — ripostou o marinheiro, que não gostava de ouvir depreciar a caça que apanhava. — Está a armar-se em difícil? Há sete meses, quando desembarcámos na ilha, ficaria muito Feliz se encontrasse tal caça!...

— É verdade — respondeu o repórter. — O homem nunca está contente. É sempre exigente.

— Enfim — disse Pencroff —, vejamos se Nab se esmera. Vejam! Estes dois porquinhos não devem ter sequer três meses. Ficarão tenros como codornizes! Vamos, Nab. Eu próprio irei vigiar o cozinhado.

E o marinheiro, seguido de Nab foi para a cozinha, e absorveu-se nos seus trabalhos culinários.

Deixaram-no fazer como queria e Nab e ele prepararam uma refeição magnífica, com os dois leitões, uma sopa de canguru, presunto fumado, pinhões e chá de Oswego — enfim, tudo o que havia de melhor; mas entre os pratos principais figuravam os dois saborosos peccaris estufados.

Às cinco horas foi servido o jantar na sala de Granite-House. A sopa de canguru fumegava sobre a mesa. Acharam-na excelente. A sopa sucederam-se os leitões, que Pencroff quis cortar e dos quais servia porções monstruosas a cada conviva.

Esses leitões estavam verdadeiramente deliciosos e Pencroff devorava a sua parte com grande entusiasmo, quando de repente um grito e uma praga lhe escaparam dos lábios.

— O que há? — perguntou Cyrus Smith.

— Há... há... que acabo de partir um dente! — respondeu o marinheiro.

— Ah, sim? Então os seus leitões têm pedras dentro? — indagou Gédéon Spilett.

— Parece que sim — respondeu Pencroff, tirando da boca o objeto causador do estrago.

Não era uma pedra... Era um grão de chumbo!

SEGUNDA PARTE — O ABANDONADO

Capítulo 1

Há sete meses, contados dia por dia, que os passageiros do balão tinham sido lançados sobre a ilha Lincoln. Desde essa época, por mais pesquisas que eles fizessem, nenhum ser humano surgira aos seus olhos. Nunca um fumo traíra a presença do homem na ilha. Nunca um trabalho manual comprovara a sua passagem, nem numa época antiga, nem recente. Não só parecia não estar habitada, como dava a impressão de nunca ter estado. E agora, eis que todas estas deduções desapareciam perante um simples grão de metal, encontrado no corpo de um inofensivo roedor!

Com efeito, aquele chumbo só podia ter saído de uma arma de fogo, e que outro animal, a não ser o homem, saberia manejá-la?

Quando Pencroff pousou o grão de chumbo em cima da mesa os companheiros olharam-no com profundo espanto. Todas as consequências daquele incidente, considerável apesar da aparente insignificância, tinham subitamente chegado ao espírito de todos. O aparecimento súbito de um ser sobrenatural não os teria impressionado tanto.

Cyrus Smith não hesitou em formular as hipóteses que aquele facto, tão surpreendente como inesperado, devia provocar. Pegou no grão de chumbo, voltou-o, fê-lo girar entre os dedos observou-o por todos os lados, apalpou-o entre o polegar e o indicador. Depois disse:

— Pode afirmar que esse peccari ferido pelo grão de chumbo tinha apenas três meses?

— Sim, não podia ter mais. Quando o encontrei na cova ele ainda estava a mamar na mãe.

— Então — disse o engenheiro — podemos afirmar que um tiro de espingarda foi disparado na ilha pelo menos há três meses.

— E que um grão de chumbo atingiu, embora não mortalmente, este animalzinho.

— Isso é indubitável — respondeu Cyrus Smith. — E vejamos quais as consequências que convém deduzir deste incidente: ou a ilha estava habitada antes da nossa chegada, ou alguém desembarcou nela há uns três meses. Esses homens teriam chegado voluntária ou involuntariamente, devido a um desembarque ou a um naufrágio? Este ponto só poderá ser elucidado mais tarde. Quanto ao que eles são, europeus ou malaios, amigos ou inimigos da nossa raça, nada podemos saber, como também não sabemos se habitam ainda a ilha ou se já a abandonaram. Mas essas questões interessam-nos demasiado diretamente para que possamos ficar na incerteza.

— Não! Cem vezes não! Mil vezes não! — exclamou o marinheiro erguendo-se da mesa. — Não existem outros homens na ilha Lincoln além de nós! Que diabo! A ilha não é muito grande e se fosse habitada já teríamos encontrado rastos dos seus habitantes!

— O contrário seria de facto espantoso — disse Harbert.

— Mas acho que seria ainda mais espantoso — replicou o repórter — ter este porquinho nascido com um grão de chumbo no corpo!

— A menos — disse com toda a seriedade Nab — que Pencroff tivesse...

— Quer dizer — retorquiu Pencroff — que eu tinha, sem dar por isso, um grão de chumbo na boca há cinco ou seis meses! Onde é que ele havia de estar escondido? — acrescentou o marinheiro, abrindo a boca e mostrando a magnífica fileira de trinta e dois dentes que a guarneciam. — Vê bem, Nab, e se encontrares um só dente furado nesta dentadura, dou-te licença para arrancares meia dúzia deles!

— A hipótese de Nab é inadmissível, com efeito — respondeu Cyrus Smith, que, apesar da gravidade dos seus pensamentos, não pôde conter um sorriso. — É certo que um tiro foi disparado na ilha, quando muito há três meses, mas estou convencido de que os seres que aqui estiveram devem ter vindo apenas de passagem e já aqui não se encontram, pois quando explorámos a ilha do alto do monte Franklin, se ela fosse habitada, ou nós teríamos avistado alguém, ou teríamos sido vistos. É muito provável que, apenas há algumas semanas, náufragos tenham sido atirados para a costa. Seja como for, devemos partir deste ponto.

— Penso que teremos de agir prudentemente — opinou o repórter.

— É a minha opinião também — replicou Cyrus Smith —, pois é infelizmente de recear que piratas malaios tenham desembarcado na ilha!

— Senhor Cyrus — perguntou o marinheiro —, não seria conveniente, antes de irmos à descoberta, construir um barco que nos permitisse quer subir o rio, quer, em caso de necessidade, contornar a ilha? Não podemos deixar-nos apanhar desprevenidamente.

— A sua ideia é boa, Pencroff — respondeu o engenheiro —; mas nós não podemos esperar. Seria necessário pelo menos um mês para construir um barco...

— Um verdadeiro barco, sim — respondeu o marinheiro —; mas não temos necessidade de uma embarcação destinada a aguentar o mar, e em cinco dias, quando muito, comprometo-me a fazer uma piroga suficiente para navegar no rio das Mercês.

— Em cinco dias fazer um barco! — exclamou Nab.

— Sim, Nab; um barco à moda dos índios.

— De madeira? — perguntou o negro, ainda pouco convencido.

— De madeira — respondeu Pencroff —; ou, melhor, em casca de árvore. Repito-lhe, senhor Cyrus, que dentro de cinco dias a piroga está terminada!

— Seja! Em cinco dias — respondeu o engenheiro.

— Mas até lá temos de ter todo o cuidado! — disse Harbert.

— Sim, meus amigos, todo o cuidado. Peço-lhes que limitem as vossas caçadas aos arredores de Granite-House.

O jantar acabou menos alegremente do que Pencroff esperara.

Assim, a ilha estava, ou tinha estado, habitada por outras pessoas além dos colonos. Desde o incidente do grão de chumbo, era um facto incontestável, e tal revelação só podia provocar vivas preocupações aos colonos.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, antes de irem descansar, falaram longamente destas coisas. Perguntavam a si mesmos se aquele incidente não teria qualquer relação com as inexplicáveis circunstâncias do salvamento do engenheiro e outras particularidades estranhas que por várias vezes os tinham

sobressaltado. Entretanto, Cyrus Smith, depois de ter discutido os prós e os contras da questão, acabou por dizer:

— Em suma, quer conhecer a minha opinião, meu caro Spilett?

— Certamente, Cyrus.

— Pois bem, ei-la: por mais minuciosamente que exploremos a ilha, não encontraremos nada!

Pencroff pôs mãos à obra logo no dia seguinte. Não se tratava de construir um barco com cavername, mas apenas um aparelho flutuante, de fundo chato, que seria excelente para a navegação do rio das Mercês, sobretudo próximo da nascente, onde a água apresentava pouca profundidade. Bocados de casca de árvore, cozidos uns aos outros, deviam chegar para formar a ligeira embarcação, e, no caso em que, devido a obstáculos naturais, a piroga tivesse de ser transportada, não seria nem pesada, nem de difícil de transporte. Pencroff tencionava unir as faixas de casca das árvores com rebites e garantir assim que a piroga ficaria completamente estanque.

Tratava-se, portanto, de escolher árvores cuja casca, leve e resistente, se prestasse para aquele trabalho. Ora, precisamente, o último furacão abatera uma quantidade de *douglas*, que convinham perfeitamente a esse género de construção. Alguns desses pinheiros jaziam por terra, e bastava tirar-lhes a casca, mas isso foi o mais difícil, dada a imperfeição dos utensílios que os colonos possuíam. Mas finalmente conseguiram o seu objetivo.

Enquanto o marinheiro, secundado pelo engenheiro, se ocupava assim, sem perder uma hora, Gédéon Spilett e Harbert não ficaram inativos. Eram agora eles os fornecedores da colónia. O repórter admirava o rapaz, que adquirira uma notável perícia no manejo do

arco ou do pau ferrado. Harbert mostrava uma grande ousadia e muito sangue-frio, a que se poderia justamente chamar «o raciocínio da bravura». Os dois caçadores, tendo em conta as recomendações de Cyrus Smith, não se afastavam senão num raio de duas milhas em redor de Granite-House, mas a floresta, mesmo na sua orla, fornecia-lhes caça suficiente em cabiais, cangurus, pecaris, etc. E se o rendimento da tapada era menor depois de passado o frio, ela continuava no entanto a dar o contingente habitual, que teria chegado para alimentar toda a colónia da ilha Lincoln.

Muitas vezes, durante essas caçadas, Harbert falava com Gédéon Spilett do incidente do grão de chumbo e das implicações que o engenheiro lhe encontrara, e um dia — estava-se a 26 de outubro — disse-lhe:

— Mas, senhor Spilett, não acha extraordinário que se alguns náufragos desembarcaram na ilha Lincoln não tenham ainda aparecido perto de Granite-House?

— É de facto espantoso, se eles ainda aqui estão — respondeu o repórter —, mas não admira nada se já tiverem partido!

— Pensa então que essa gente já deixou a ilha?

— É mais que provável, meu rapaz, pois se a sua estada aqui se tivesse prolongado, e sobretudo se ainda aqui estivessem, já teriam dado sinais da sua presença.

— Mas se puderam partir — fez notar o rapaz — é porque não eram náufragos.

— Não, ou, pelo menos, eram aquilo a que se chama náufragos provisórios. É possível, com efeito, que um golpe de vento os tenha lançado para a ilha, sem ter danificado a sua embarcação, e que depois de passada a tempestade tivessem voltado para o mar.

— É preciso que lhe diga — disse Harbert — que tenho reparado que o senhor Smith sempre tem mostrado recear mais do que desejar a presença de seres humanos na nossa ilha.

— Com efeito — replicou o repórter. — Ele pensa que apenas malaios poderão frequentar estes mares, e esses cavalheiros são geralmente uns patifes que é bom evitar.

— Não é impossível, senhor Spilett, que encontremos um dia ou outro sinais de ter havido aqui algum desembarque, pois não?

— Não digo que não, meu rapaz. Um acampamento abandonado, ou quaisquer vestígios de fogo podem dar-nos indicações, e é isso que procuraremos na nossa próxima exploração.

No dia em que os dois caçadores falavam assim, encontravam-se na parte da floresta que ficava perto do rio das Mercês, notável pelas árvores de grande beleza que continha. Ali se erguiam, a uma altura de quase duzentos pés, algumas dessas soberbas coníferas às quais os indígenas dão o nome de *kauris* na Nova Zelândia.

— Uma ideia, senhor Spilett — disse Harbert. — Se eu subisse ao cimo de uma destas árvores talvez pudesse observar a região numa maior extensão.

— A ideia é boa — replicou o repórter —, mas poderás tu trepar ao cimo de um destes gigantes?

— Vou tentar — respondeu Harbert.

O rapaz, ágil e hábil, trepou aos primeiros ramos, cuja disposição tornava bastante fácil a escalada do *kauri*, e, em poucos minutos, chegou ao seu cume, que emergia dessa imensa planície de verdura formada pelas ramagens arredondadas da floresta.

Desse ponto elevado, o olhar podia espriar-se sobre toda a zona meridional da ilha, desde o cabo Garra, a sudeste, até ao

promontório do Réptil, a sudoeste. A noroeste erguia-se o monte Franklin, que encobria grande parte do horizonte.

Harbert, do alto do seu observatório, podia precisamente observar toda essa parte ainda desconhecida da ilha, que havia podido dar, ou dava ainda, refúgio aos estranhos de cuja presença desconfiavam.

O rapaz observou tudo com extrema atenção. No mar, nada à vista. Não se distinguia uma vela, nem no horizonte nem nas proximidades da ilha. No entanto, como o maciço de árvores escondia o litoral, era possível que um barco, sobretudo sem mastros, se tivesse aproximado muito de terra, e por isso fosse invisível para Harbert.

No meio dos bosques do Far West também não se via nada. A floresta formava uma abóbada impenetrável com várias milhas quadradas, sem uma clareira sequer. Era até impossível seguir o curso do rio das Mercês e reconhecer o local da montanha onde ele nascia. Talvez outros *creeks* corressem para oeste, mas nada permitia afirmá-lo.

Contudo, se qualquer indício de acampamento escapava a Harbert, não poderia ele surpreender no ar algum fumo que comprovasse a presença de homens? A atmosfera estava pura, e o mínimo vapor destacar-se-ia nitidamente sobre o fundo do céu.

Durante um instante, Harbert julgou ver uma ligeira coluna de fumo subir para o ar, para oeste, mas uma observação mais atenta demonstrou-lhe que se enganava. Olhou com um cuidado extremo e a sua vista era excelente... Não, decididamente não havia ali nada.

Harbert voltou a descer o *kauri* e os dois caçadores voltaram a Granite-House. Ali, Cyrus Smith ouviu a narrativa do rapaz, abanou a

cabeça e não disse nada. Era bem evidente que não poderia pronunciar-se sobre essa questão senão depois de uma exploração completa à ilha.

Dois dias depois — 28 de outubro —, deu-se outro incidente, cuja explicação devia ainda deixar maior perplexidade.

Percorrendo o areal, a duas milhas de Granite-House, Harbert e Nab tiveram a sorte de encontrar um belo animal da ordem dos quelónios. Era uma enorme tartaruga cuja carapaça tinha admiráveis reflexos verdes.

Harbert foi o primeiro a ver o animal, que deslizava por entre as rochas para atingir o mar.

— Vem cá, Nab, vem cá! — gritou.

Nab correu para junto de Harbert.

— Que belo animal! — disse. — Mas como havemos de o apanhar?

— Nada mais fácil — respondeu Harbert —: vamos virar esta tartaruga de costas e assim ela não poderá fugir. Pega no teu pau ferrado e faz como eu.

O réptil, ao sentir o perigo, escondera a cabeça e as patas dentro da carapaça. Estava imóvel como uma rocha.

Harbert e Nab meteram então os paus debaixo do animal e, unindo os seus esforços, conseguiram, com grande dificuldade, voltá-la de costas. A tartaruga, que media uns três pés de comprimento, devia pesar pelo menos quatrocentas libras.

— Bom! — exclamou Nab —, isto vai alegrar o nosso amigo Pencroff!

Com efeito, o amigo Pencroff não podia deixar de se alegrar, pois a carne dessas tartarugas, que se alimentam de zósteres, é extremamente saborosa. Nesse momento, aquela mostrava apenas a sua pequena cabeça achatada, mas muito alargada posteriormente por grandes fossas temporais, ocultas sob uma abóbada óssea.

— E agora, que faremos da nossa caça? — perguntou Nab. — Não podemos arrastá-la até Granite-House!

— Deixemo-la aqui, visto que não pode fugir — respondeu Harbert —, e voltaremos cá com o nosso carrinho.

— Combinado.

No entanto, para maior precaução, Harbert teve o cuidado, que Nab considerou supérfluo, de rodear o animal com grandes pedras. Em seguida, os dois caçadores voltaram a Granite-House, seguindo ao longo do areal, que a maré baixa deixava largamente a descoberto. Harbert queria fazer surpresa a Pencroff e por isso não lhe disse nada a respeito da tartaruga que encontrara na areia; duas horas depois ele e Nab regressavam, com o carro, ao local, onde a tinham deixado. A soberba tartaruga, porém, já ali não se encontrava.

Nab e Harbert encararam-se espantados e depois olharam à sua volta. Era realmente nesse sítio que a tartaruga tinha ficado. O jovem encontrou até as pedras com que a rodeara, e por consequência ficou com a certeza de não se ter enganado.

— Então estes animais conseguem voltar-se! — exclamou Nab.

— Assim parece — respondeu Harbert, que não conseguia compreender nada e olhava para as pedras espalhadas na areia.

— Pencroff é que não vai ficar contente!

«E o senhor Smith vai ficar preocupado para explicar este desaparecimento!» pensou Harbert.

— Bem — disse Nab, que queria esconder o seu despeito —, não falaremos nisto.

— Pelo contrário, Nab. É preciso falar — replicou Harbert.

E ambos, pegando no carrinho que tinham levado inutilmente, voltaram a Granite-House.

Chegados ao local onde o engenheiro e Pencroff trabalhavam, Harbert contou o que se passara.

— Ah, os desajeitados! — exclamou o marinheiro. — Deixar fugir pelo menos cinquenta sopas!

— Mas, Pencroff, não temos culpa de a tartaruga ter fugido, pois deixámo-la voltada de costas!

— Então é porque não a voltaram bem — ripostou placidamente o intratável marinheiro.

— Não a voltámos bem! — exclamou Harbert.

E contou como rodeara a tartaruga com pedras.

— Foi então um milagre! — exclamou Pencroff.

— Eu julgava, senhor Cyrus — disse Harbert —, que as tartarugas, uma vez deitadas de costas, não podiam voltar-se, sobretudo sendo muito grandes.

— É verdade, meu filho — respondeu Cyrus Smith.

— Então como é que pode ter desaparecido?

— A que distância do mar deixaram essa tartaruga? — perguntou o engenheiro, que parara de trabalhar e refletia nesse incidente.

— A uns quinze pés do mar, quando muito — respondeu Harbert.

— E a maré estava baixa nesse momento?

— Sim, senhor Cyrus.

— Bem — respondeu o engenheiro. — O que a tartaruga não podia fazer na areia, era-lhe fácil executar no mar. Deve ter-se voltado quando foi apanhada pelas águas, e nesse caso voltou tranquilamente para o mar alto.

— Ah! Que desajeitados somos! — exclamou Nab.

— Foi precisamente o que eu tive a honra de lhes dizer há pouco! — retorquiu Pencroff.

Cyrus Smith dera esta explicação, que sem dúvida era admissível. Mas estaria ele próprio convencido da justeza da sua explicação? Ninguém ousaria afirmá-lo.

Capítulo 2

A 29 de outubro, a canoa estava inteiramente acabada. Pencroff mantivera a sua promessa e uma espécie de piroga, cuja quilha era feita com ramos flexíveis de *crejimbs*, fora construída em cinco dias. Um banco atrás, outro ao meio e um terceiro à frente, um rebordo para manter os toletos dos remos e um remo na popa para governar completavam a embarcação, que tinha doze pés de comprimento e que não chegava a pesar duzentas libras. Quanto à operação do lançamento, foi extremamente simples. A leve piroga foi levada para a areia, na orla do litoral, diante de Granite-House, e a maré, a subir, ergueu-a. Pencroff, que saltou imediatamente para dentro da piroga, começou a manobrá-la com o remo da popa e verificou que era muito conveniente para o uso que queriam fazer dela.

— Hurra! — gritou o marinheiro, que não se importava de festejar o seu próprio triunfo. — Com isto daríamos a volta...

— Ao Mundo? — perguntou Gédéon Spilett.

— Não. A ilha. Bastam algumas pedras para servirem de lastro, um mastro à frente e uma vela que o senhor Smith há de vir a fazer um dia, e iremos longe! Então, senhor Cyrus e senhor Spilett, e Harbert, e Nab, não querem vir experimentar o nosso barco? Cos diabos! É preciso ver se ele nos pode transportar aos cinco!

Era, com efeito, uma experiência a fazer. Pencroff levou a embarcação para junto da areia, por uma estreita passagem que as rochas deixavam entre si, e combinaram que nesse mesmo dia experimentariam a piroga, seguindo a margem até à primeira ponta onde acabam os rochedos do sul.

No momento de embarcar, Nab exclamou:

— Mas o teu barco deixa entrar muita água, Pencroff!

— Isso não é nada, Nab — respondeu o marinheiro. — A madeira tem que se tornar estanque! Dentro de dois dias a nossa piroga não terá mais água dentro do que a que há no estômago de um bêbedo. Embarquem!

Embarcaram todos e Pencroff levou o barco para o largo. O tempo estava magnífico, o mar calmo, como se as suas águas estivessem contidas nas estreitas margens de um lago, e a piroga navegava com tanta segurança como se subisse a tranquila corrente do rio das Mercês.

Harbert pegou num remo e Nab no outro, e Pencroff ficou na parte de trás da embarcação, para a dirigir por meio do remo de popa.

O marinheiro atravessou primeiro o canal e foi rasar a ponta sul da ilha. Não havia vagas, nem no canal, nem ao largo. Uma ligeira ondulação, que a piroga mal sentia, pois estava muito carregada, encrespava regularmente a superfície do mar. Afastaram-se cerca de meia milha da costa, de maneira a poderem ver toda a extensão do monte Franklin.

Depois, Pencroff, virando de bordo, voltou para a embocadura do rio. A piroga seguiu ao longo da margem que se arredondava até à ponta extrema, escondendo toda a planície pantanosa do charco dos Patos-Reais.

Essa ponta, cuja distância se encontrava acrescida pela curva da costa, estava a cerca de três milhas do rio das Mercês. Os colonos resolveram ir até à sua extremidade e não a ultrapassar senão para observarem rapidamente a costa até ao cabo Garra.

A embarcação seguiu ao longo do litoral, evitando os recifes, de que aquelas paragens estavam cheias, e que a maré alta começava a cobrir. A muralha descia desde a embocadura do rio até à ponta. Era um amontoado de granitos, caprichosamente distribuídos, muito diferentes dos que formavam o planalto da Grande Vista, e com um aspeto extremamente selvagem. Dir-se-ia que um enorme carregamento de rochas fora descarregado ali. Não se via a mínima vegetação sobre essa saliência aguda, que se prolongava por duas milhas para além da floresta, e essa ponta assemelhava-se bastante ao braço de um gigante que saísse de uma manga de verdura.

A canoa, impelida pelos dois remos, avançava sem dificuldade. Gédéon Spilett, com a agenda numa mão e o lápis na outra, desenhava a costa a traços largos. Nab, Pencroff e Harbert conversavam, à medida que iam examinando aquela parte do seu domínio, nova a seus olhos, e, à medida que a piroga descia para sul, os dois cabos Mandíbula pareciam deslocar-se e fechar mais estreitamente a baía da União.

Quanto a Cyrus Smith não falava, olhava, e, pela desconfiança que se lia no seu olhar, parecia que observava qualquer região estranha.

Entretanto, após três quartos de hora de navegação, a piroga chegara à extremidade da ponta, e Pencroff preparava-se para a dobrar, quando Harbert, levantando-se, apontou para uma mancha negra, exclamando:

— Que é que estou a ver lá em baixo no areal?

Todos os olhares incidiram sobre o ponto indicado.

— Com efeito — disse o repórter —, há ali qualquer coisa. Parece um destroço semienterrado na areia.

— Ah! — exclamou Pencroff. — Já vejo o que é!

— O quê? — perguntou Nab.

— São barris! Barris que podem estar cheios! — respondeu o marinheiro.

— Para a margem, Pencroff — disse Cyrus Smith.

Em poucas remadas, a piroga chegou a uma pequena enseada e os seus passageiros saltaram para terra.

Pencroff não se enganara. Estavam ali dois barris meio enterrados na areia, mas solidamente amarrados a uma grande caixa, que, apoiada neles, flutuara até ao momento de encalhar na areia.

— Houve então um naufrágio nestas paragens da ilha? — perguntou Harbert.

— Evidentemente — respondeu Gédéon Spilett.

— Mas que haverá nesta caixa? — perguntou Pencroff, com uma impaciência bem natural. — Que haverá nesta caixa? Está fechada e não temos nada para a abrir! Talvez com uma pedra...

E o marinheiro, erguendo uma pesada pedra, ia meter dentro um dos lados da caixa, quando o engenheiro, detendo-o, disse:

— Pencroff, pode moderar a sua impaciência apenas por uma hora?

— Mas, senhor Cyrus, pense bem! Talvez aqui dentro haja tudo aquilo que nos falta!

— Havemos de o saber, Pencroff — respondeu o engenheiro. — Mas creia, não deve partir essa caixa, que pode ser-nos útil. Vamos transportá-la para Granite-House, onde a abriremos mais facilmente e sem a danificar. Está preparada para a viagem, e visto ter flutuado até aqui, flutuará bem até à embocadura do rio.

— Tem razão, senhor Cyrus, e eu estava a proceder mal, mas uma pessoa nem sempre é capaz de se dominar!

O conselho do engenheiro era sensato. Com efeito, a piroga não teria podido conter os objetos que provavelmente estariam guardados naquela caixa, que devia ser pesada, visto que fora preciso fazê-la flutuar sobre dois barris vazios. O melhor, portanto, era rebocá-la até à margem de Granite-House.

Donde viria aquele destroço de naufrágio? Essa era uma questão importante. Cyrus Smith e os seus companheiros olhavam atentamente à sua volta, percorrendo a margem por um espaço de várias centenas de passos. Não viram mais nenhum destroço. O mar também foi observado. Harbert e Nab subiram a um rochedo elevado, mas o horizonte estava deserto. Nada à vista, nem um navio, nem sequer um barco à vela.

No entanto, não restavam dúvidas de que houvera um naufrágio. Talvez este incidente estivesse ligado com o do grão de chumbo? Talvez estranhos tivessem chegado a qualquer outro ponto da ilha? Talvez lá se encontrassem ainda? Mas a reflexão que naturalmente surgiu aos colonos foi que esses estranhos só poderiam ser piratas malaios, pois o destroço era evidentemente de proveniência americana ou europeia.

Todos voltaram para junto da caixa, que media cinco pés de comprimento por três de largura. Era de madeira de carvalho, estava cuidadosamente fechada e coberta por uma espessa pele fixada com pregos de cobre. Os dois grandes barris, hermeticamente fechados, mas que se percebia que estavam vazios conservavam-se amarrados à caixa por grossas cordas, com nós que Pencroff reconheceu serem «nós de marinheiro». Parecia encontrar-se em perfeito estado de

conservação, o que se explicava pelo facto de ter ido encalhar sobre a areia e não sobre os rochedos. Podia mesmo afirmar-se, observando-a bem, que a sua permanência no mar não fora prolongada, e assim a sua chegada à praia era recente. A água parecia não ter entrado dentro dela e assim os objetos que continha deviam estar intactos.

Parecia evidente que essa caixa fora lançada pela borda fora de um navio naufragado, que se dirigisse para a ilha, e que, com a esperança de que ela chegasse à costa, onde mais tarde a encontrariam, os passageiros tinham tomado a precaução de a amarrar aos barris para a fazer flutuar.

— Vamos rebocar esta caixa até Granite-House — disse o engenheiro —, e lá faremos o inventário daquilo que ela contiver. Depois, se descobrirmos na ilha alguns sobreviventes desse presumível naufrágio, entregá-la-emos àqueles a quem ela pertence. Se não encontrarmos ninguém...

— Ficaremos com ela para nós! — exclamou Pencroff. — Mas, por Deus, estou ansioso por saber o que lá tem dentro!

A maré começava já a atingir o destroço, que não tardaria a flutuar. Uma das cordas que a prendia aos barris foi parcialmente desenrolada e serviu de amarra para a prender à canoa. Depois, Pencroff e Nab cavaram a areia com os remos para facilitar o desencalhe da caixa. Pouco depois, a embarcação, rebocando a caixa, começou a dobrar a ponta, à qual foi dado o nome de ponta do Destroço (Flotson-point). O reboque era pesado e os barris mal chegavam para manter a caixa fora de água. Desse modo, o marinheiro receava a cada instante que se soltasse e fosse para o fundo. Mas felizmente os seus receios não se confirmaram e, hora e

meia depois da partida — fora necessário todo esse tempo para transpor uma distância de três milhas —, a piroga chegava à costa, diante de Granite-House.

Canoa e destroço foram então postos na areia e como a maré começava a baixar daí a pouco estavam a seco. Nab fora buscar ferramentas para abrir a caixa, de modo a evitar danificá-la, e procederam então ao seu inventário. Pencroff não procurava esconder a sua emoção.

O marinheiro começou por desligar a caixa dos dois barris, que, estando em muito bom estado, podiam ser utilizados. Depois as fechaduras foram forçadas com uma pinça e a tampa aberta.

Um segundo invólucro, em zinco, forrava o interior da caixa, que havia sido preparada para que os objetos que encerrava não fossem inutilizados pela humidade.

— Ah! — exclamou Pencroff —, e se forem conservas que aqui estiverem?

— Espero bem que não — respondeu o repórter.

— Se ao menos houvesse... — disse o marinheiro a meia voz.

— O quê? — perguntou Nab, que o ouvira.

— Nada!

A chapa de zinco foi cortada em toda a sua largura, depois afastada para os rebordos da caixa, e, a pouco e pouco, diversos objetos de natureza muito diferente foram tirados e colocados no solo. A cada novo objeto que aparecia, Pencroff soltava hurras, Harbert batia palmas, e Nab dançava... como um negro. Havia ali livros que enchiam Harbert de alegria e utensílios de cozinha que Nab beijou!

Os colonos ficaram de resto muito satisfeitos com tudo, pois a caixa continha utensílios, armas, instrumentos, vestuário, livros, e aqui está a sua exata discriminação, tal como foi anotada na agenda de Gédéon Spilett:

FERRAMENTAS:

3 facas com várias lâminas.

2 machados de lenhador.

2 machados de carpinteiro.

3 plainas.

2 enxós.

1 martelo de vidro.

6 escopros.

2 limas.

3 martelos.

3 verrumas.

2 puas.

10 sacos com pregos e parafusos.

3 serras de diversos tamanhos.

2 caixas de agulhas.

ARMAS:

2 espingardas de pederneira 2 espingardas de cápsula.

2 carabinas de fogo central.

5 alfanges.

4 sabres de abordagem.

2 barris de pólvora, devendo conter cada um vinte e cinco libras.

12 caixas de escorvas fulminantes.

INSTRUMENTOS:

1 sextante.

1 binóculo.

1 óculo de longo alcance.

1 caixa com compasso.

1 bússola de bolso.

1 termómetro de Fahrenheit.

1 barómetro aneroide.

1 caixa contendo um aparelho fotográfico, objetiva, chapas, produtos químicos, etc.

VESTUÁRIO:

2 dúzias de camisas de um tecido especial que se assemelhava à lã, mas cuja origem era evidentemente vegetal.

3 dúzias de meias do mesmo tecido.

UTENSÍLIOS:

1 chaleira de ferro.
6 caçarolas de cobre estanhado.
3 pratos de ferro.
10 talheres de alumínio.
2 cafeteiras.
1 pequeno fogão portátil.
6 facas de mesa.

LIVROS:

1 Bíblia contendo o Antigo e o Novo Testamento.
1 Atlas.
1 dicionário com os diversos idiomas polinésios.
1 dicionário das ciências naturais em seis volumes.
3 resmas de papel branco.
3 livros de registo com páginas brancas.

— É preciso confessar — disse o repórter depois de o inventário estar terminado — que o proprietário desta caixa era um homem prático! Utensílios, armas, instrumentos, roupas, livros, nada aqui falta! Dir-se-ia até que ele esperava naufragar e tinha preparado tudo para isso!

— Nada aqui falta, com efeito — murmurou Cyrus Smith com ar pensativo.

— E com certeza que o barco que transportava esta caixa, e o seu proprietário, não era o de um pirata malaio!

— A não ser — disse Pencroff — que esse proprietário tenha sido feito prisioneiro pelos piratas...

— Isso não é admissível — respondeu o repórter. — É mais provável que um navio americano ou europeu naufragasse nestas paragens, e que alguns passageiros, querendo salvar pelo menos o mais necessário, tivessem preparado esta caixa para a deitar ao mar.

— É a sua opinião, senhor Cyrus? — perguntou Harbert.

— Sim, meu filho — respondeu o engenheiro. — Isso pode ter-se passado assim. É possível que no momento, ou na previsão de um naufrágio, tenham reunido nesta caixa objetos de primeira necessidade, para os encontrarem em qualquer ponto da costa.

— Mesmo a máquina fotográfica?—observou o marinheiro com ar incrédulo.

— Quanto a esse aparelho — respondeu Cyrus Smith —, não compreendo muito bem a sua utilidade, e melhor seria para nós ou para quaisquer outros náufragos um sortido mais completo de vestuário ou munições mais abundantes!

— Mas não há nesses livros, nesses instrumentos, nesses utensílios, nenhuma marca, nenhuma direção, que possa dar-nos a conhecer a sua proveniência?

Era de ver. Cada objeto foi portanto atentamente examinado, principalmente os livros, os instrumentos, as armas. Nem as armas nem os instrumentos, contrariamente ao habitual, tinham a marca do fabricante; estavam, de resto, em perfeito estado e parecia nunca terem servido. O mesmo se passava com as ferramentas e os utensílios; estava tudo novo, o que provava, em suma, que não

tinham pegado nesses objetos ao acaso para os meter nessa caixa, mas que, pelo contrário, a sua escolha fora feita com cuidado e longamente meditada. Era também o que indicava esse segundo invólucro de metal que os preservara de humidade e que não teria podido ser soldado num momento de pressa.

Quanto aos dicionários de ciências naturais e de línguas polinésias, eram ambos em inglês, mas nenhum deles tinha o nome do editor, nem a data da publicação.

O mesmo sucedia com a Bíblia, impressa em língua inglesa, notável do ponto de vista tipográfico, e que parecia ter sido frequentemente folheada.

Quanto ao atlas, era uma obra magnífica, com mapas de todo o Mundo e vários planisférios feitos segundo a projeção de Mercator e cuja nomenclatura era em francês — mas que também não tinha data de publicação nem nome de editor.

Não havia portanto, em nenhum desses objetos, qualquer indício que pudesse indicar a sua proveniência, e nada, por consequência, que fizesse suspeitar a nacionalidade do navio, que certamente passara há pouco tempo por aquelas paragens. Mas viesse aquela caixa donde viesse, ela tornava ricos os colonos da ilha Lincoln. Até então, transformando os produtos da natureza, eles tinham criado tudo para si próprios, e graças à sua inteligência tinham-se saído bem. Mas parecia que a Providência parecia querer recompensá-los, enviando-lhes aqueles diferentes produtos da indústria humana. Os seus agradecimentos ergueram-se portanto para o Céu.

Todavia, um deles não estava totalmente satisfeito. Era Pencroff. Parece que a caixa não continha aquilo que ele esperava, e à medida que os objetos iam sendo retirados, os seus hurras diminuía de

intensidade, e, acabado o inventário, ouviram-no murmurar estas palavras:

— Tudo isto é muito bom, mas parece que não há nada para mim nesta caixa!

Isto levou Nab a dizer-lhe:

— Sim? Então que esperavas tu, amigo Pencroff?

— Meia libra de tabaco — respondeu com toda a seriedade Pencroff —, e nada faltaria para me sentir feliz!

Não puderam deixar de rir com a observação do marinheiro.

A verdade, porém, é que após a descoberta desse destroço ainda mais se impunha fazer uma exploração séria à ilha. Ficou portanto combinado que no dia seguinte, ao romper do dia, se poriam a caminho, subindo o rio das Mercês de modo a atingirem a costa ocidental. Se alguns náufragos tivessem desembarcado em qualquer ponto dessa costa, era de recear que se encontrassem sem recursos, e era necessário socorrê-los sem demora.

Durante esse dia, os diversos objetos foram transportados para Granite-House e colocados na sala grande.

Nesse dia — 29 de outubro — era domingo, e, antes de se deitar, Harbert pediu ao engenheiro se não queria ler-lhes alguma passagem do Evangelho.

— De boa vontade — respondeu Cyrus Smith.

Pegou no livro sagrado e ia abri-lo, quando Pencroff, detendo-o, lhe disse:

— Senhor Cyrus, sou supersticioso. Abra ao acaso e leia-me o primeiro versículo que cair sob os seus olhos. Veremos se se aplica à nossa situação.

Cyrus Smith sorriu ao ouvir a reflexão do marinheiro, e, cedendo ao seu desejo, abriu o Evangelho precisamente num sítio em que um marcador separava as páginas.

De súbito, o seu olhar deteve-se numa cruz vermelha, que, feita a lápis, se encontrava colocada diante do versículo 8 do capítulo VII do Evangelho de S. Mateus.

E leu o versículo, que dizia: «Todo o que pede, recebe; e o que busca, acha.»

Capítulo 3

No dia seguinte — 30 de outubro —, estava tudo pronto para a exploração projetada e que os últimos acontecimentos tornavam tão urgente. Com efeito, as coisas tinham mudado tanto que os colonos da ilha Lincoln se podiam imaginar a prestar socorro e não a pedi-lo.

Ficou, portanto, combinado que subiriam o rio das Mercês tão longe quanto a corrente o permitisse. Grande parte do caminho seria assim feito sem canseira, e os exploradores poderiam transportar as suas provisões e as suas armas até a um ponto avançado a oeste da ilha.

Haviam tido de pensar, com efeito, não só nos objetos que precisavam de levar para a excursão, como também naqueles que o acaso permitisse que levassem para Granite-House. Se houvera um naufrágio na costa, como tudo fazia prever, os destroços não faltariam e teriam de ser levados. Nessa previsão, o carrinho seria talvez mais útil do que a frágil piroga; mas esse carro, pesado e grosseiro, precisava de ser arrastado, o que tomava a sua utilização mais difícil, o que levou Pencroff a exprimir a sua pena por a caixa encontrada na véspera não conter, além da meia libra de tabaco, dois desses vigorosos cavalos de Nova Jérсия, que seriam muito úteis à colônia!

As provisões, já embarcadas por Nab, compunham-se de conservas de carne e de alguns galões de cerveja e licor fermentado, isto é, levavam alimentos para três dias — lapso de tempo que Cyrus Smith previa para a excursão. Contavam também,

se fosse preciso, abastecerem-se pelo caminho, e Nab não se esquecera de levar o pequeno fogão portátil.

Quanto às ferramentas, os colonos levaram os dois machados de lenhador, que serviriam para abrir caminho na espessa floresta, e, com respeito a instrumentos, levaram o óculo e a bússola de bolso.

Como armas, escolheram as duas espingardas de pederneira, que lhes seriam mais úteis naquela ilha do que espingardas de percussão, pois as primeiras empregavam o sílex, fácil de substituir, e as segundas precisavam de escorvas fulminantes, que um uso frequente esgotaria depressa. No entanto, levaram também uma dessas carabinas e alguns cartuchos. Quanto à pólvora, cujos barris tinham talvez umas cinquenta libras, era também preciso levar uma certa provisão dela, mas o engenheiro tencionava fabricar uma substância explosiva que permitisse poupá-la. As armas de fogo, acrescentaram os cinco alfanges com as suas bainhas de cabedal, e, assim armados, os colonos podiam atrever-se a entrar nessa vasta floresta com possibilidades de salvação.

Inútil será acrescentar que Pencroff, Harbert e Nab, se sentiam satisfeitiíssimos com as suas armas, apesar de Cyrus Smith lhes ter feito prometer que não as disparariam sem que houvesse necessidade.

Às seis horas da manhã, a piroga estava no mar. Todos embarcaram, incluindo *Top*, e dirigiram-se para a embocadura do rio das Mercês.

A maré começara a subir apenas há cerca de meia hora. Tinham portanto algumas horas de maré que lhes convinha aproveitar, pois, mais tarde, a vazante tornaria difícil a subida do rio. O fluxo já era forte, pois devia ser lua cheia três dias depois, e a piroga, que

bastava manter-se na corrente, deslizava rapidamente entre as duas altas margens, sem que fosse necessário aumentar a sua velocidade com a ajuda dos remos.

Em poucos minutos, os colonos chegaram ao cotovelo formado pelo rio das Mercês, precisamente no sítio onde, sete meses antes, Pencroff formara o seu primeiro comboio de madeira.

Logo depois desse ângulo bastante agudo, o rio, arredondando-se, seguia obliquamente para sudoeste, e o seu curso prosseguia à sombra das grandes coníferas permanentemente verdes.

O aspeto das margens do rio das Mercês era magnífico. Cyrus Smith e os seus companheiros não podiam deixar de admirar sem reservas esses belos efeitos obtidos tão facilmente pela natureza com a água e as árvores. À medida que avançavam, as árvores da floresta iam sendo diferentes. Na margem direita do rio viam-se magníficas ulmáceas, esses olmos preciosos, tão procurados pelos construtores, e que têm a propriedade de se conservarem muito tempo na água. Depois eram numerosos grupos pertencentes à mesma família, entre outros os lódãos-bastardos, cujo fruto produz um óleo muito útil. Mais adiante, Harbert reparou em alguns juncos ebenáceos, que apresentavam uma bela cor negra cortada por caprichosos veios.

De tempos a tempos, em certos locais, onde era fácil o desembarque, a canoa parava. Então, Gédéon Spilett,

Harbert e Pencroff, de espingardas na mão e precedidos de *Top*, batiam a margem. Sem falar na caça, eles poderiam encontrar alguma planta útil que não deviam desdenhar, e o jovem naturalista foi bem recompensado, pois descobriu uma espécie de espinafres selvagens, da família dos quenopódios, e numerosas espécies de

crucíferas pertencentes ao género da couve, que seria certamente possível «civilizar» pela transformação: eram o agrião, rábanos e rabanetes e finalmente pequenos caules lenhosos, ligeiramente aveludados, com um metro de altura, que davam uns grãos quase castanhos.

— Sabes — perguntou Harbert a Pencroff — que planta é esta?

— Tabaco! — respondeu Pencroff, que evidentemente não fazia ideia nenhuma do aspeto da sua planta predileta, que apenas vira no forninho do seu cachimbo.

— Não, Pencroff — replicou Harbert. — Não se trata de tabaco; é mostarda.

— Não quero saber da mostarda — retorquiu o marinheiro —; mas se alguma vez encontrares a planta do tabaco, meu rapaz, peço-te que a não desprezes.

— Havemos de a encontrar um dia! — disse Gédéon Spilett.

— Na verdade? — perguntou Pencroff. — Bem, se isso suceder não sei que mais possa faltar à nossa ilha!

Essas diversas plantas foram arrancadas do solo com todo o cuidado e transportadas para a piroga, onde se encontrava Cyrus Smith, sempre entregue às suas reflexões.

O repórter, Harbert e Pencroff desembarcaram assim várias vezes, tanto na margem direita do rio das Mercês, como na margem esquerda. Esta era menos abrupta, mas aquela era mais arborizada. O engenheiro reconheceu, ao consultar a sua bússola de bolso, que a direção do rio desde o primeiro cotovelo era sensivelmente sudoeste para nordeste, quase retilínea sobre um comprimento de cerca de três milhas. Mas era de supor que mais adiante essa direção se modificasse e que o rio subisse para noroeste, em direção

aos contrafortes do monte Franklin, que devia alimentá-lo com as suas águas.

Durante uma dessas excursões, Gédéon Spilett conseguiu apoderar-se de dois casais de galináceos vivos. Eram aves de bico comprido e fino, pescoço comprido, asas curtas e sem cauda. Harbert deu-lhes o nome de *tinamus* e foi resolvido que seriam os primeiros hóspedes da futura capoeira.

Até então as espingardas não tinham falado, e a primeira detonação que se ouviu na floresta do Far West foi causada pelo aparecimento de uma bela ave que se assemelhava anatomicamente ao martim-pescador.

— Reconheço-o! — exclamou Pencroff, e pode dizer-se que o tiro partiu contra a sua vontade.

— Reconhece o quê? — perguntou o repórter.

— O pássaro que nos fugiu aquando da nossa primeira excursão aqui e que deu o nome a esta parte da floresta.

— Um jacamar! — exclamou Harbert.

Era um jacamar, com efeito, belo pássaro cuja plumagem é revestida de um brilho metálico. Alguns grãos de chumbo lançaram-no por terra e *Top* apanhou-o e levou-o para a canoa, ao mesmo tempo que uma dúzia de zorras, aves do tamanho de pombos, todos pintalgados de verde, com uma parte das asas de tom carmesim e uma popa direita enfeitada com uma tira branca. Harbert teve a honra de disparar esse belo tiro, com o qual se sentia muito orgulhoso. As zorras eram melhor caça que o jacamar, cuja carne é um pouco dura, mas ninguém conseguiu convencer Pencroff de que não caçara a rainha das aves comestíveis.

Eram dez horas da manhã quando a piroga atingiu um segundo cotovelo do rio das Mercês, aproximadamente a cinco milhas da sua embocadura. Pararam aí para almoçar, e essa paragem à sombra de grandes e belas árvores prolongou-se durante uma boa meia hora.

O rio media ainda de sessenta a setenta pés de largura, e o seu leito tinha de cinco a dez pés de profundidade. O engenheiro observou que numerosos afluentes engrossavam o seu curso, mas eram pequenos riachos não navegáveis. Quanto à floresta, tanto aquela que tinha o nome de floresta do Jacamar, como a floresta do Far West, estendia-se a perder de vista. Em parte nenhuma, nem sob as árvores de grande porte, nem sob as das margens do rio, se detetava presença de homens. Os exploradores não puderam encontrar qualquer rasto suspeito e era evidente que nunca o machado do lenhador tocara naquelas árvores, que nunca a faca do pioneiro cortara aquelas lianas estendidas de um tronco a outro, no meio dos arbustos espessos e das ervas altas. Se alguns náufragos haviam de facto chegado à ilha mantinham-se ainda no litoral e não era ali que deviam procurar os sobreviventes do presumível naufrágio.

O engenheiro manifestava, portanto, uma certa pressa em atingir a costa ocidental da ilha Lincoln, que ficava a uma distância de aproximadamente cinco milhas. Voltaram portanto à canoa e, apesar de, pela sua atual direção, o rio das Mercês parecer correr, não para o litoral, mas sim para o monte Franklin, foi decidido que se serviriam da piroga, enquanto a água lhe permitisse flutuar. Poupavam-se canseiras e tempo, pois caso contrário seria preciso abrir caminho a golpes de machado no espesso matagal.

Contudo, em breve o fluxo faltava completamente, quer por a maré estar a baixar — e, com efeito, devia estar a baixar àquela hora —, quer por já não se fazer sentir a essa distância da embocadura do rio. Foi preciso portanto recorrerem aos remos.

Nab e Harbert sentaram-se no seu banco, Pencroff ao remo da popa, e a viagem prosseguiu.

Parecia que a floresta tinha tendência para se tornar menos densa dos lados do Far West. As árvores estavam menos juntas e por vezes encontravam-se isoladas. Mas, precisamente por estarem isoladas, aproveitavam melhor o ar puro que circulava em seu redor, e eram magníficas.

Que esplêndidos exemplares da flora dessa latitude! Na verdade, a presença delas bastaria a um botânico para dizer sem hesitação em que paralelo se encontrava a ilha Lincoln!

— Eucaliptos! — exclamara Harbert.

Eram, com efeito, essas árvores soberbas, os últimos gigantes dessa zona extratropical, congêneres dos eucaliptos da Austrália e da Nova Zelândia, ambas situadas na mesma latitude da ilha Lincoln. Algumas chegavam a ter uma altura de duzentos pés. O seu tronco media vinte pés de largura na base, e a sua casca, sulcada por veios de uma resina perfumada, chegava a ter cinco polegadas de espessura. Nada de mais maravilhoso, mas também de mais singular que esses enormes exemplares da família dos mirtos, cuja folhagem se apresentava à luz de perfil e deixava chegar ao solo os raios de sol!

Junto desses eucaliptos uma erva fresca atapetava o solo e do meio dos tufos de arbustos fugiam bandos de passarinhos que resplandeciam sob os raios luminosos como rubis alados.

— Que grandes árvores! — exclamou Nab. — Mas servem para alguma coisa?

— Pff! — fez Pencroff. — Deve haver gigantes vegetais como há gigantes humanos. Não servem senão para mostrar nas feiras!

— Creio que está enganado, Pencroff — respondeu Gédéon Spilett. — A madeira do eucalipto começa a ser muito apreciada pelos marceneiros.

— E eu acrescentarei — disse o jovem Harbert — que estes eucaliptos pertencem a uma família que inclui muitos membros úteis: a goiabeira, que dá saborosos frutos; o craveiro-da-índia, que produz o cravinho para uso culinário; a romãzeira, das belas e suculentas romãs; o *Eugenia cauliflora*, cujos frutos servem para o fabrico de um vinho razoável; o mirto *ugni*, que contém um excelente licor alcoólico; o mirto *caryophyllus*, cuja casca forma uma canela apreciada; o *Eugenia pimenta*, do qual se extrai a pimenta-da-jamaica; o mirto vulgar, cujas bagas podem substituir a pimenta; o *Eucaliptus robusta*, que produz uma espécie de maná excelente; o *Eucaliptus gunei*, cuja seiva se transforma em cerveja por meio da fermentação; e por fim todas essas árvores conhecidas pelo nome de «árvores de vida» ou «madeira de ferro», que pertencem à família dos mirtos, de que existem quarenta e seis géneros e mil e trezentas espécies!

Deixavam falar o rapaz, que recitava com muito entusiasmo a sua lição de botânica Cyrus Smith ouvia-o sorrindo e Pencroff com um sentimento de orgulho impossível de descrever.

— Bem, Harbert — respondeu Pencroff —, mas eu iria jurar que todos esses exemplares úteis que acabas de citar não são gigantes como estes!

— Com efeito, Pencroff.

— Isso vem então em apoio daquilo que eu disse — replicou —, a saber: que os gigantes não servem para nada!

— Engana-se, Pencroff — disse então o engenheiro. — Precisamente estes gigantescos eucaliptos que nos abrigam têm utilidade.

— E para que servem?

— Para tornar mais saudável o território onde vegetam. Sabe como lhes chamam na Austrália e na Nova Zelândia?

— Não, senhor Cyrus.

— Chamam-lhes as «árvores da febre».

— Por que fazem febre?

— Não. Porque a evitam!

— Bem, vou tomar nota disso — disse o repórter.

— Tome nota, meu caro Spilett — continuou o engenheiro —, pois parece provado que a presença dos eucaliptos basta para neutralizar os miasmas palustres. Experimentou-se esse preservativo natural em certas regiões do Sul da Europa e do Norte de África, cujo solo era insalubre, e o estado sanitário dos seus habitantes melhorou consideravelmente: deixou de haver febres intermitentes nas regiões cobertas por florestas dessas árvores. Esse facto já é considerado incontestável e é uma feliz circunstância para nós, colonos da ilha Lincoln.

— Ah! Que ilha abençoada! — exclamou Pencroff. — Já vos disse que não lhe falta nada... a não ser...

— Isso virá, Pencroff. há de encontrar-se — respondeu o engenheiro. — Mas continuemos a nossa viagem tão longe quanto a piroga nos possa levar!

A exploração prosseguiu portanto, durante pelo menos duas milhas, no meio de uma região coberta de eucaliptos, que dominavam todos os bosques dessa parte da ilha. O espaço coberto por eles estendia-se a perder de vista dos dois lados do rio das Mercês, cujo leito, bastante sinuoso, seguia ao longo de altas margens verdejantes. O leito do rio era muitas vezes obstruído por ervas altas e até rochedos, que tomavam a navegação difícil. A ação dos remos foi prejudicada e Pencroff passou a impelir o barco com uma vara. Sentia-se também que o fundo subia a pouco e pouco, e que não estava longe o momento em que, por falta de água, o barco teria de parar. O sol já declinava no horizonte e projetava sobre o solo as sombras desmedidas das árvores. Cyrus Smith, vendo que não poderiam atingir nesse dia a zona ocidental da ilha, resolveu acampar no próprio local em que, por falta de água, a navegação teria de ser interrompida. Calculava que deviam encontrar-se ainda a uma distância de cinco ou seis milhas da costa, e essa distância era demasiado grande para que tentassem transpô-la durante a noite, no meio desses bosques desconhecidos.

A embarcação foi, portanto, impelida sem demora através da floresta, que a pouco e pouco parecia tornar-se mais densa e mais habitada, pois se os olhos do marinheiro não o enganavam, julgou ver bandos de macacos que corriam no meio do mato. Algumas vezes mesmo dois ou três desses animais paravam a pouca distância dos colonos, olhando-os sem terror, como se, vendo homens pela primeira vez, não tivessem aprendido ainda a receá-los. Teria sido fácil abater esses quadrúpedes com tiros de espingarda, mas Cyrus Smith opôs-se a essa inútil chacina, que tentava um pouco o furioso Pencroff. De resto, seria imprudente, pois os macacos, vigorosos e

dotados de extrema agilidade, podiam ser temíveis, e mais valia não os provocar com uma agressão importuna.

A verdade é que o marinheiro considerava os macacos do ponto de vista puramente alimentar, e, com efeito, esses animais, que são unicamente herbívoros, formam uma caça excelente; mas visto que as provisões abundavam era inútil gastar munições sem necessidade.

Por volta das quatro horas, a navegação tornou-se muito difícil, pois o curso do rio estava obstruído por plantas aquáticas e rochas. As margens elevavam-se cada vez mais e o leito do rio corria entre os contrafortes do monte Franklin. A sua nascente não podia portanto estar afastada, visto que se alimentava com as águas das encostas meridionais da montanha.

— Antes de um quarto de hora — disse o marinheiro —, seremos forçados a parar, senhor Cyrus.

— Pararemos então, Pencroff, e organizaremos o acampamento para a noite.

— A que distância poderemos estar de Granite-House? — perguntou Harbert.

— Aproximadamente a sete milhas — respondeu o engenheiro —; mas tendo em conta os desvios do rio que nos trouxeram para o noroeste.

— Continuamos a ir para a frente? — perguntou o repórter.

— Sim — respondeu Cyrus Smith —, e tanto tempo quanto pudermos. Amanhã, ao romper do dia, abandonaremos a canoa e atravessaremos, em cerca de duas horas, segundo espero, a distância que nos separa da costa, tendo assim o dia quase inteiro para explorar o litoral.

— Para a frente! — respondeu Pencroff.

Todavia, em breve a piroga raspava pelo fundo pedregoso do rio, cuja largura não ultrapassava então vinte pés. Uma espessa abóbada de verdura arredondava-se por cima do rio e envolvia-o numa semiobscuridade. Ouvia-se também o ruído bastante acentuado de uma queda de água, que indicava, a uns cem passos a montante, a presença de uma barragem natural.

Com efeito, numa última curva do rio, apareceu uma cascata entre as árvores. A canoa tocou no fundo do rio, e alguns instantes depois estava amarrada a um tronco, perto da margem direita.

Eram cerca de cinco horas. Os últimos raios de sol deslizavam sob a espessa ramaria e chegavam obliquamente à pequena queda, cuja poeira húmida resplandecia com as cores do prisma. Para além, o leito do rio das Mercês desaparecia entre o matagal, onde se alimentava em qualquer fonte oculta. Os diversos riachos que afluíam ao seu percurso formavam mais abaixo uma verdadeira ribeira, mas ali não passava de um regato límpido e sem profundidade.

Acamparam nesse local, que era encantador. Os colonos desembarcaram e acenderam uma fogueira sob um grupo de grandes lódãos-bastardos, entre os ramos dos quais Cyrus Smith e os seus companheiros poderiam ter um abrigo durante a noite, se fosse preciso.

A ceia foi rapidamente devorada, pois todos tinham fome e depois pensou-se apenas em dormir. Mas como, ao cair do dia, tinham ouvido alguns rugidos suspeitos, a lareira foi alimentada durante a noite de modo a proteger os que dormiam com as suas chamas crepitantes. Nab e Pencroff velaram por turnos e não

poupavam o combustível. Talvez não se tivessem enganado quando julgaram ver sombras de animais que vagueavam em torno do acampamento, quer no meio do matagal, quer entre o arvoredor; mas a noite passou-se sem incidentes, e no dia seguinte, 31 de outubro, às cinco da manhã todos estavam a pé, prontos para prosseguir a sua excursão.

Capítulo 4

Foi às seis horas da manhã que os colonos, depois do pequeno-almoço, se puseram a caminho, com a intenção de alcançarem pelo caminho mais curto a costa ocidental da ilha. Em quanto tempo poderiam eles atingi-la? Cyrus Smith falara em duas horas, mas isso dependia evidentemente da natureza dos obstáculos que se lhes deparassem. Essa parte do Far West parecia cheia de bosques espessos, como se fosse um matagal cerrado, composto das árvores mais variadas. Era, portanto, provável que tivessem de abrir caminho através do emaranhado das ervas, das lianas e dos arbustos, caminhando de machados na mão — e com a espingarda também, sem dúvida, pois não se esqueciam dos rugidos das feras ouvidos durante a noite.

A posição exata do acampamento podia ser determinada pela situação do monte Franklin, e visto que o vulcão se erguia no norte, a uma distância de menos de três milhas, tratava-se apenas de seguir uma direção retilínea para sudoeste, para atingir a costa ocidental.

Partiram depois de terem deixado a canoa bem amarrada. Pencroff e Nab levavam provisões que deviam chegar para manter o pequeno grupo durante dois dias pelo menos. Não se podia agora pensar em caçar, e o engenheiro recomendou até aos seus companheiros que evitassem qualquer detonação intempestiva, para não assinalarem a sua presença nas proximidades do litoral.

Foram dadas as primeiras machadadas no mato, no meio de arbustos de lentiscos, um pouco acima da cascata, e, com a bússola

na mão, Cyrus Smith indicava o caminho a seguir.

A floresta compunha-se então de árvores que já tinham sido vistas na sua maioria nas cercanias do lago e do planalto da Grande Vista. Eram *douglas*, casuarinas, árvores da goma, eucaliptos, dragueiros, hibiscos, cedros e outras, geralmente de tamanho mediano, pois o seu grande número prejudicava o desenvolvimento. Os colonos não puderam portanto avançar depressa, pois tinham de abrir caminho para prosseguirem, caminho esse que, na ideia do engenheiro, devia vir a ser ligado, mais tarde, ao do Creek Vermelho.

Desde a sua partida que os colonos desciam as rampas baixas que constituíam o sistema orográfico da ilha, sobre um terreno muito seco, mas cuja luxuriante vegetação deixava pressentir quer a presença de uma rede hidrográfica no subsolo, quer as proximidades de qualquer pequeno rio. No entanto, Cyrus Smith não se lembrava de ter visto, aquando da sua expedição à cratera, qualquer outro curso de água além do rio das Mercês e do Creek Vermelho.

Durante as primeiras horas da excursão voltaram a encontrar bandos de macacos que pareciam extremamente assombrados ao verem os homens, cujo aspeto era novo para eles. Gédéon Spilett dizia prazenteiramente se aqueles ágeis e robustos quadrúmanos não os considerariam, a eles, irmãos degenerados! E francamente, simples peões, constantemente embaraçados pelas lianas e pelos arbustos, parando a cada passo, não podiam competir com aqueles ágeis animais, que saltavam de ramo em ramo, e que nada detinha no seu caminho. Os macacos eram numerosos, mas felizmente não mostravam quaisquer disposições hostis.

Viram também alguns javalis, agutis, cangurus e outros roedores, além de dois ou três *kulas*, sobre os quais Pencroff lançaria de boa vontade algumas cargas de chumbo.

— Mas — dizia ele — a caça ainda não abriu. Saltem portanto à vossa vontade, meus amigos, saltem e voem em paz. À volta então falaremos!

Às nove e meia da manhã, o caminho que conduzia diretamente a sudoeste ficou subitamente barrado por um curso de água desconhecido, com uma largura de trinta a quarenta pés, e cuja forte corrente, provocada pela inclinação do seu leito e quebrada por numerosas rochas, se precipitava com fragor. Esse *creek* era profundo e claro, mas não navegável.

— Temos o caminho cortado! — exclamou Nab.

— Não — disse Harbert —, é apenas um regato e poderemos atravessá-lo bem a nado.

— Para quê? — indagou Cyrus Smith. — É evidente que o *creek* corre para o mar. Fiquemos na margem esquerda, seguindo-a, e ficarei muito espantado se ele não nos levar diretamente até à costa. A caminho!

— Um instante — disse o repórter. — E o nome deste *creek*? Não deixemos a nossa geografia incompleta.

— É verdade — disse Pencroff.

— Dá-lhe tu um nome, meu filho — disse o engenheiro, dirigindo-se a Harbert.

— Não é melhor esperar até termos encontrado a sua embocadura? — observou Harbert.

— Seja — concordou Cyrus Smith. — Sigamo-lo então sem nos determos.

— Só mais um instante! — exclamou Pencroff.

— Que há? — perguntou o repórter.

— Se a caça é proibida, suponho que a pesca é permitida — disse o marinheiro.

— Não temos tempo a perder — respondeu o engenheiro.

— São só cinco minutos, para benefício do nosso almoço!

E Pencroff, deitando-se na margem, mergulhou os braços nas águas vivas e fez saltar algumas dúzias de belos caranguejos, que se achavam entre as rochas.

— Que bom! — exclamou Nab, indo em auxílio do marinheiro.

— Já estou farto de lhes dizer que, excetuando o tabaco, há de tudo nesta ilha! — murmurou Pencroff com um suspiro.

Não foram precisos cinco minutos para que uma farta pescaria se consumasse, pois os caranguejos abundavam no rio. Esses crustáceos, de exosqueleto com um tom azul-cobalto, e munidos de uma haste, foram suficientes para encher um saco. Em seguida, a caminhada prosseguiu.

Desde que seguiam ao longo da margem do novo rio, os colonos caminhavam mais facilmente e mais depressa. De resto, aquelas margens não tinham o menor sinal de presença humana. De tempos a tempos encontravam rastros deixados por animais de grande porte, que iam habitualmente dessedentar-se ao rio, mas nada mais, e não era ainda naquela parte do Far West que o pecari recebera o chumbo que custara um dente a Pencroff.

Entretanto, olhando a rápida corrente que corria para o mar, Cyrus Smith Foi levado a supor que ele e os seus companheiros estavam muito mais longe da costa ocidental do que pensavam. E, com efeito, a essa hora a maré subia no litoral e devia fazer

retroceder o curso do rio, se a sua embocadura não fosse apenas a algumas milhas. Ora, esse efeito não se produziu, e o fio de água seguia a encosta natural do leito do rio. O engenheiro ficou muito admirado e consultou frequentemente a sua bússola, para se assegurar de que qualquer curva do rio não o teria levado para o interior da floresta do Far West.

Entretanto, o *creek* alargava a pouco e pouco e as suas águas tomavam-se menos tumultuosas. As árvores da margem direita estavam tão juntas como as da margem esquerda, e era impossível ver-se para além delas; mas essas extensões arborizadas eram certamente desertas, pois *Top* não ladrava, e o inteligente animal não deixaria de assinalar a presença de qualquer estranho nas proximidades do curso de água.

Às dez e meia, com grande surpresa de Cyrus Smith, Harbert, que se tinha afastado um pouco, gritava:

— O mar!

E alguns instantes depois, os colonos, detidos na orla da floresta, viam a margem ocidental da ilha desenrolar-se perante os seus olhos.

Que contraste entre aquela costa e a outra para onde o acaso os havia lançado! Não havia muralha de granito, nenhum recife ao largo, nem sequer um areal. A floresta formava o litoral e as suas últimas árvores, batidas pelas ondas, debruçavam-se sobre o mar. Não era um litoral como o que costuma ser habitualmente feito pela natureza, quer estendendo vastos tapetes de areia, quer amontoando rochedos, e sim uma vasta orla florestal onde se encontravam as mais belas árvores. A margem era elevada, de maneira a dominar o nível das marés mais vivas, e o solo luxuriante,

apoiado numa base de granito, onde cresciam aquelas esplêndidas árvores, parecia tão solidamente implantado como aquele que suportava o peso das árvores que se amontoavam no interior da ilha.

Os colonos encontravam-se então na meia lua formada por uma pequena enseada onde não caberiam sequer dois ou três barcos de pesca, e que servia de embocadura ao novo rio; mas, disposição curiosa, as suas águas, em vez de se lançarem no mar por uma embocadura de inclinação suave, caíam de uma altura de mais de quarenta pés — o que explicava por que razão, na hora em que a maré subia, essa subida não se fizera sentir a montante do *creek*. Com efeito, as marés do Pacífico, mesmo na sua elevação máxima, não deviam atingir nunca o nível do rio, cujo leito formava como que um canal superior, e passariam sem dúvida ainda milhões de anos antes de essas águas roerem o granito e cavarem uma embocadura praticável. Assim, de comum acordo, deram a esse curso de água o nome de «rio da Queda de Água» (Falles-River).

Para além, em direção a norte, a orla formada pela floresta prolongava-se por um espaço de cerca de duas milhas; depois as árvores tornavam-se mais raras e para além delas desenhavam-se elevações pitorescas, seguindo uma linha quase reta, que corria de norte e sul. Pelo contrário, toda a zona do litoral compreendida entre o rio da Queda e o promontório do Réptil era formada apenas por massas arborizadas, com magníficas árvores, umas direitas, outras inclinadas, cujas raízes eram banhadas pelo mar. Ora, era para esse lado, isto é, em toda a península Serpentina, que a exploração devia ser continuada, pois essa parte do litoral oferecia refúgios que a

outra, árida e selvagem, teria evidentemente recusado a náufragos, fossem quem fossem.

O tempo estava bonito e claro, e do alto de uma penedia, onde Nab e Pencroff prepararam o almoço, o olhar podia estender-se para longe. O horizonte estava perfeitamente limpo e não se via uma vela no mar. Por todo o litoral, tão longe quanto a vista podia alcançar, não havia um barco, nem sequer qualquer destroço. Mas o engenheiro só ficaria tranquilo a esse respeito depois de ter explorado a costa até à península Serpentina.

O almoço foi despachado rapidamente, e, às onze horas, Cyrus Smith deu o sinal de partida. Em vez de percorrerem quer o alto de uma penedia, quer um areal, os colonos tiveram de seguir a coberto das árvores, ao longo do litoral.

A distância que separava a embocadura do rio da Queda do promontório do Réptil era de cerca de doze milhas. Em quatro horas, num areal por onde pudessem caminhar, e sem se apressarem, teriam percorrido essa distância; mas foi-lhes necessário o dobro desse tempo para atingirem o seu objetivo, pois as árvores a contornar, o mato a cortar, as lianas a partir, detinham-nos sem cessar, e tantas voltas prolongavam muito o caminho.

De resto, não havia nada que testemunhasse ter havido um naufrágio recente nessa costa. É verdade, como observou Gédéon Spilett, que o mar poderia ter levado tudo para o largo, e que não deviam concluir, por não encontrarem nada, que um navio não tivesse sido atirado para a costa nessa parte da ilha Lincoln.

O raciocínio do repórter estava certo, e, de resto, o incidente do grão de chumbo provava de maneira irrefutável que um tiro de espingarda fora disparado na ilha, no máximo há três meses.

Eram já cinco horas e a extremidade da península Serpentina estava ainda a duas milhas do local onde se encontravam os colonos. Era evidente que depois de terem atingido o promontório do Réptil, Cyrus Smith e os seus companheiros não teriam tempo de regressar antes do pôr do sol ao acampamento que fora instalado perto das nascentes do rio das Mercês. Daí a necessidade de passar a noite no próprio promontório. Mas as provisões não faltavam, felizmente, porque a caça de pelo não aparecia nessa orla florestal, que era, afinal, um litoral. As aves, pelo contrário, enchiam a floresta com o seu bater de asas. Papagaios, cacatuas, faisões, jacamares, pombos, elóris, tetrazes e muitos outros habitavam naquelas grandes árvores, e não havia uma só que não tivesse um ninho, nem um ninho onde não se ouvisse o pipilar de um pássaro!

Por volta das sete horas da tarde, os colonos, esgotados de fadiga, chegaram ao promontório do Réptil, uma espécie de voluta estranhamente recortada sobre o mar. Ali acabava a floresta ribeirinha e a península, e o litoral, em toda a parte sul, voltava a ter o aspeto habitual da costa, com os seus rochedos, os seus recifes e os seus areais. Era, portanto, possível que um navio naufragado tivesse sido atirado para essa parte da ilha, mas chegava a noite e foi preciso adiar o resto da expedição para o dia seguinte.

Pencroff e Harbert apressaram-se a procurar um lugar propício para estabelecerem um acampamento. As últimas árvores das florestas do Far West iam morrer nessa ponta, e, entre elas, o jovem Harbert reconheceu arbustos de bambu.

— Aqui está uma descoberta preciosa! — disse ele.

— Preciosa? — perguntou Pencroff.

— Sem dúvida — continuou Harbert. — A casca do bambu, cortada em ripas flexíveis, serve para fazer cestos e outros objetos; essa mesma casca, macerada e reduzida a pasta, serve para fabricar papel da China; os arbustos fornecem, conforme o seu comprimento, canas, tubos, condutas para a água; os bambus grandes formam um excelente material de construção, leves e sólidos, que nunca são atacados pelos insetos. Acrescentarei também que serrando os entre-nós dos bambus e conservando no fundo uma parte da divisória transversal que forma os nós, se obtêm vasos sólidos e cómodos que são muito usados pelos Chineses! Mas isto não te satisfaz, não é? No entanto...

— No entanto o quê?

— Dir-te-ei, se o ignoras, que na Índia se comem os bambus como se fossem espargos.

— Espargos de trinta pés de altura! — exclamou o marinheiro. — E são bons?

— Excelentes — replicou Harbert. — No entanto, não são bambus de trinta pés de altura que se comem, mas sim os jovens rebentos.

— Perfeito, meu rapaz, perfeito! — respondeu Pencroff.

— Posso acrescentar também que a medula dos rebentos novos, metida em vinagre, constitui um condimento muito apreciado.

— Cada vez melhor, Harbert.

— E por fim dir-te-ei que esses bambus destilam entre os seus nós um líquido açucarado, com o qual se pode fazer uma bebida excelente.

— É tudo?—perguntou o marinheiro.

— É tudo!

— E isso não se fuma, por acaso?

— Não, não se fuma, meu pobre Pencroff.

Harbert e o marinheiro não tiveram de procurar durante muito tempo um lugar apropriado para passarem a noite. Os rochedos da margem — muito separados, pois deviam ser violentamente batidos pelo mar, sob a influência dos ventos do sudoeste — apresentavam cavidades que deviam permitir-lhes dormir ao abrigo das intempéries. Mas no momento em que se dispunham a entrar numa dessas escavações, foram detidos por um rugido formidável.

— Para trás! — exclamou Pencroff. — Temos apenas chumbo miúdo nas nossas espingardas e animais que rugem assim preocupar-se-iam tanto com ele como com um grão de sal.

E o marinheiro, agarrando Harbert por um braço, levou-o para o abrigo das rochas, no momento em que um magnífico animal aparecia à entrada da caverna.

Era um jaguar, de corpulência mais ou menos igual à dos seus congêneres da Ásia, o que quer dizer que media mais de cinco pés desde a cabeça até ao início da cauda. A sua pelagem fulva tinha várias filas de manchas negras regularmente traçadas e contrastava com o pelo branco do ventre. Harbert reconheceu o feroz rival do tigre, bem mais temível que o puma, que é o rival do lobo!

O jaguar avançou e olhou à sua volta com o pelo eriçado e o olhar em fogo, como se não tivesse pressentido o homem pela primeira vez.

Nesse momento, o repórter aparecia nas altas rochas e Harbert, imaginando que ele não tinha visto o jaguar, ia correr para o avisar; mas Gédéon Spilett fez-lhe um sinal com a mão e continuou a caminhar. Não era o primeiro jaguar que ele caçava, e, avançando

até dez passos do animal, ficou imóvel, com a carabina preparada, sem que um dos músculos estremecesse.

O jaguar, encolhendo-se sobre si mesmo, lançou-se sobre o caçador como se tivesse sido impelido por uma mola, mas no momento preciso em que saltou uma bala atingiu-o entre os olhos, e ele caiu morto.

Harbert e Pencroff precipitaram-se para o jaguar. Nab e Cyrus vieram também e ficaram uns instantes a contemplar o animal, estendido no solo, cuja magnífica pele iria enfeitar a sala grande de Granite-House.

— Ah!, senhor Spilett, como o admiro e invejo! — exclamou Harbert, num acesso de entusiasmo bem natural.

— Tu terias feito o mesmo, meu rapaz — respondeu o repórter.

— Eu! Um tal sangue-frio!...

— Imagina, Harbert, que um jaguar é uma lebre, e tu dispararás o mais tranquilamente que possa ser.

— Aí está! — exclamou Pencroff. — Não é nada mais do que isso!

— E agora — disse Gédéon Spilett —, visto que o jaguar deixou o seu antro, não vejo razão para nós não o ocuparmos durante a noite.

— Podem vir outros! — disse Pencroff.

— Bastará acender uma fogueira à entrada da caverna — disse o repórter —, e eles não se atreverão a aproximar-se.

— Vamos então para a casa dos jaguares — disse o marinheiro, afastando o cadáver do animal.

Os colonos dirigiram-se para o antro abandonado, e ali, enquanto Nab esfolava o animal, os companheiros amontoaram na entrada

uma grande quantidade de madeira seca, que a floresta fornecia abundantemente.

Tendo visto os bambus, Cyrus Smith foi cortar uma certa quantidade deles, que misturou ao combustível da fogueira.

Feito isso, instalaram-se na gruta, cuja areia estava cheia de ossos; as armas foram carregadas para o caso de surgir uma agressão súbita; cearam e depois, antes de irem descansar, pegaram fogo à madeira empilhada junto da entrada da caverna.

Imediatamente uma verdadeira fuzilaria rebentou no ar!

Eram os bambus, atingidos pelas chamas, que detonavam como peças de fogo de artifício! Só aquele barulho seria suficiente para espantar as feras mais audaciosas!

Aquele processo de provocar detonações não foi inventado pelo engenheiro, pois, segundo Marco Polo, os Tártaros, há muitos séculos, utilizavam-no com êxito para afastarem dos seus acampamentos as temíveis feras da Ásia Central.

Capítulo 5

Cyrus Smith e os seus companheiros dormiram como marmotas inocentes na caverna que o jaguar tinha tão delicadamente deixado à sua disposição.

Ao nascer do sol, estavam todos na margem, na extremidade do promontório, e os seus olhares incidiam sobre o horizonte, que era visível em dois terços da sua circunferência. Mais uma vez o engenheiro pôde observar que nem uma vela, nem qualquer carcaça de um navio se via no mar, e com o seu óculo de longo alcance nada descobriu de suspeito.

No litoral também não havia nada, pelo menos na parte retilínea que formava a costa sul do promontório numa extensão de três milhas, pois, para além, uma chanfradura das terras dissimulava o resto da costa, e mesmo da extremidade da península Serpentina não se via o cabo Garra, escondido pelos rochedos altos.

Faltava portanto explorar a margem meridional da ilha. Tentariam iniciar imediatamente essa exploração, consagrando-lhe aquele dia 2 de novembro.

O projeto primitivo não era esse. Com efeito, quando a piroga foi abandonada nas nascentes do rio das Mercês, combinara-se que depois de terem observado a costa oeste voltariam a seguir por ela, e que regressariam a Granite-House pelo rio das Mercês. Cyrus Smith julgava então que a margem ocidental poderia oferecer refúgio quer a um barco naufragado, quer a um navio de curso na sua navegação regular; mas desde o momento em que esse litoral

não apresentava nenhum ancoradouro, era preciso procurar no sul da ilha aquilo que não tinham podido encontrar no oeste.

Foi Gédéon Spilett quem propôs que se continuasse a exploração, de modo que a questão do presumível naufrágio ficasse completamente resolvida, e perguntou a que distância podia o cabo Garra encontrar-se da extremidade da península.

— A certa de trinta milhas — respondeu o engenheiro —, se levarmos em conta as curvas da costa.

— Trinta milhas! — exclamou Gédéon Spilett. — Será um comprido dia de marcha. No entanto, penso que devemos voltar a Granite-House, seguindo a margem sul.

— Mas — observou Harbert — do cabo Garra a Granite-House, serão ainda pelo menos mais dez milhas.

— Púnhamos quarenta milhas ao todo — respondeu o repórter —, e não hesitemos em fazê-las. Pelo menos, observaremos esse litoral desconhecido, e não teremos de recomeçar essa exploração.

— Muito bem — disse Pencroff. — Mas a piroga?

— A piroga ficou sozinha junto das margens do rio durante um dia e pode bem ficar lá dois dias! Até agora não podemos dizer que haja ladrões na ilha!

— No entanto — disse o marinheiro —, quando me lembro da história da tartaruga, não tenho muita confiança.

— A tartaruga! A tartaruga! Não sabe muito bem que foi o mar que a voltou?

— Quem sabe? — murmurou o engenheiro.

— Mas... — disse Nab.

Nab tinha qualquer coisa a dizer, era evidente, pois abria a boca e nunca mais acabava a frase.

— Que queres tu dizer, Nab? — perguntou o engenheiro.

— Se voltarmos pela margem até ao cabo Garra — respondeu Nab — depois de termos dobrado esse cabo ficaremos impedidos de continuar...

— Pelo rio das Mercês! — concluiu Harbert. — E não teremos nem ponte, nem barco para o atravessar!

— Bem, senhor Cyrus — disse Pencroff —, com alguns troncos de árvores não será difícil fazer uma jangada para passar o rio.

— Não importa — replicou Spilett. — Será útil a construção de uma ponte, se quisermos ter um acesso fácil ao Far West.

— Uma ponte! Não é o senhor Cyrus engenheiro? — disse Pencroff. — Então há de arranjar-nos uma ponte quando tivermos necessidade dela! Quanto a passarmos esta noite para o outro lado do rio das Mercês, e isso sem molharmos um fio das nossas roupas, encarrego-me eu disso. Temos ainda um dia de víveres. Chega-nos. De resto, talvez a caça não seja tão escassa como até aqui. A caminho!

A proposta do repórter, vivamente apoiada pelo marinheiro, foi aceite, pois todos desejavam acabar com as dúvidas e voltando a casa pelo cabo Garra a exploração seria completa. Mas não tinham tempo a perder, pois uma etapa de quarenta milhas era comprida, e não podiam pensar em chegar a Granite-House antes da noite.

Às seis horas da manhã, o pequeno grupo pôs-se portanto em movimento. Prevendo maus encontros, animais de duas ou de quatro patas, as espingardas foram carregadas com balas e *Top*, que devia abrir a marcha, recebeu ordem de bater a orla da floresta.

A partir da extremidade do promontório que formava a cauda da península, a costa arredondava-se numa extensão de cinco milhas,

que foram rapidamente percorridas, sem que as mais minuciosas investigações tivessem permitido encontrar o menor sinal de qualquer desembarque, antigo ou recente, nem um destroço, nem um resto de acampamento, nem as cinzas de uma fogueira apagada, nem a mínima pegada!

Ao chegarem ao ângulo em que a curva acabava para continuar para nordeste formando a baía Washington, os colonos puderam abarcar com o olhar o litoral sul da ilha em toda a sua extensão. A vinte cinco milhas de distância, a costa terminava com o cabo Garra, que se esfumava, ao longe, na bruma matinal, e que um fenómeno de miragem fazia com que parecesse suspenso entre a terra e a água. A margem, entre o lugar ocupado pelos colonos e o fundo da imensa baía, compunha-se, primeiro, por um largo areal plano, orlado de árvores; em seguida, o litoral tornava-se muito irregular, projetando pontas agudas no mar, e por fim algumas rochas escuras acumulavam-se numa desordem pitoresca, para irem terminar no cabo Garra.

Era este o aspeto daquela parte da ilha, que os exploradores viam pela primeira vez, e que percorriam com o olhar, depois de terem parado por instantes.

— Um navio que entrasse por aqui — disse então Pencroff — estaria irremediavelmente perdido. Bancos de areia que se prolongam ao largo, e, mais longe, recifes! Más paragens!

— Mas pelo menos ficaria qualquer coisa desse navio — observou o repórter.

— Restariam bocados de madeira nos recifes e nada nas areias — respondeu o marinheiro.

— Porquê?

— Porque estas areias, mais perigosas ainda que os rochedos, engoliriam tudo o que lá caísse e bastariam alguns dias para que a quilha de um navio de várias toneladas desaparecesse completamente!

— Quer então dizer, Pencroff — perguntou o engenheiro —, que se um navio se tivesse perdido nestes bancos, não haveria nada de espantoso em não encontrarmos rastros dele?

— Nada, senhor Cyrus, com a ajuda do tempo ou da tempestade. No entanto, seria surpreendente, mesmo neste caso, que os destroços dos mastros não tivessem sido atirados para a margem, para a zona fora do alcance das águas.

— Continuemos portanto as nossas pesquisas — respondeu Cyrus Smith.

Cerca das treze horas, os colonos chegaram ao fundo da baía Washington, e, nesse momento, tinham transposto uma distância de vinte milhas.

Pararam para almoçar.

Naquele sítio, começava uma costa irregular, bizarramente recortada, coberta por uma longa linha de recifes que se sucediam aos bancos de areia, e que a maré, que descia nesse momento, não devia tardar a deixar a descoberto. Viam-se as ondas calmas quebrarem-se na crista dos rochedos e formar compridas franjas espumosas. Dali até ao cabo Garra o areal era pouco espaçoso e ficava apertado entre a orla dos recifes e a floresta.

A marcha ia portanto tornar-se mais difícil, pois inúmeros rochedos se amontoavam na margem. A muralha de granito aumentava também a pouco e pouco, e das árvores que a coroavam só se viam as copas verdejantes, que nenhuma brisa agitava.

Após meia hora de repouso, os colonos puseram-se de novo a caminho, e os seus olhos não deixaram de observar o mais insignificante ponto dos recifes e do areal. Pencroff e Nab aventuraram-se mesmo no meio dos recifes, sempre que algo lhes despertava a atenção. Mas não encontraram nada que se parecesse com um destroço de qualquer género. Verificaram no entanto que moluscos comestíveis abundavam nessa praia, mas só a poderiam explorar convenientemente quando fosse feita uma ligação entre as duas margens do rio das Mercês, e também quando os meios de transporte fossem aperfeiçoados.

Assim, nada que dissesse respeito a um presumível naufrágio aparecia no litoral, e no entanto um objeto de certa importância, como a quilha de um navio, por exemplo, podia ser vista então, ou os seus restos teriam podido chegar à margem, como sucedera com a caixa, encontrada a menos de vinte milhas dali. Mas não havia nada.

Por volta das três horas, Cyrus Smith e os seus companheiros chegaram a uma estreita enseada bem fechada, onde não ia dar qualquer curso de água. Formava uma verdadeira baía natural, invisível do largo, por onde se chegava por uma estreita passagem no meio dos rochedos.

Ao fundo dessa enseada, alguma violenta convulsão plutónica dilacerara a orla rochosa, e uma encosta suave dava acesso ao planalto superior, que podia estar situado a menos de dez milhas do cabo Garra, e, por consequência, a quatro milhas, em linha reta, do planalto da Grande Vista.

Gédéon Spilett propôs aos seus companheiros para pararem nesse sítio. A proposta foi aceite, pois a caminhada abria o apetite a

todos, e apesar de não serem horas de jantar ninguém se recusou a confortar o estômago com um pedaço de carne. Aquele *lunch* devia permitir que aguardassem pela ceia em Granite-House.

Alguns minutos depois, os colonos, sentados junto de um magnífico grupo de pinheiros marítimos, devoravam as provisões que Nab tirara do seu saco.

O local ficava de cinquenta a sessenta pés acima do nível do mar. O raio de visão era portanto muito extenso, e, passando para além das últimas rochas do cabo, ia perder-se na baía da União. Mas nem o ilhéu nem o planalto eram visíveis e não podiam vê-lo, pois o relevo do solo e a cortina formada pelas grandes árvores encobriam o horizonte do lado norte.

Inútil será acrescentar que, apesar da extensão do mar que os exploradores podiam observar e do óculo que o engenheiro empunhava, mesmo percorrendo ponto por ponto toda a linha circular em que o céu e a água se confundiam, nenhum navio se divisava.

Do mesmo modo, o óculo observou, em toda essa parte do litoral que restava explorar, com o mesmo cuidado tudo o que havia entre o areal e os recifes e nenhum destroço surgiu no campo visual do instrumento.

— Temos de nos consolar, pensando que ninguém virá disputar-nos a posse da ilha Lincoln! — disse então o repórter.

— Mas o grão de chumbo — lembrou Harbert. — Ele é certamente real, suponho!

— É com certeza! — exclamou Pencroff, pensando no seu dente partido.

— Então o que devemos pensar disso? — perguntou o repórter.

— Podemos concluir isto: é que há três meses, quando muito um navio, voluntariamente ou não, chegou...

— O quê! Você admite, Cyrus, que um navio possa ter desaparecido assim sem deixar rasto? — exclamou o repórter.

— Não, meu caro Spilett, mas note que se é certo que um ser humano pôs os pés nesta ilha, não parece menos certo que já a deixou.

— Então, se bem o compreendo, acha que perdemos uma ocasião talvez única de regressarmos à nossa pátria?

— Sim, receio que assim seja.

— Bem — disse Pencroff, que já sentia saudades de Granite-House —, visto que a ocasião se perdeu, vamo-nos embora!

No entanto, mal se tinham levantado, ouviram *Top* ladrar furiosamente e pouco depois viram-no sair do bosque trazendo na boca um bocado de tecido manchado de lama.

Nab tirou o farrapo da boca do cão. Era um bocado de tela forte.

Top continuava a ladrar e, pelas suas idas e vindas, parecia convidar o dono a segui-lo à floresta.

— Parece que há ali qualquer coisa que poderá explicar o meu grão de chumbo! — exclamou Pencroff.

— Um náufrago! — respondeu Harbert.

— Ferido, talvez — disse Nab.

— Ou morto! — respondeu o repórter.

Todos correram atrás do cão, correndo entre os grandes pinheiros que formavam a primeira cortina de árvores da floresta. Por prevenção, Cyrus Smith e os seus companheiros tinham preparado as armas.

Penetraram bastante profundamente no bosque, mas, com grande desapontamento, não viram nenhuma pegada. Arbustos e lianas estavam intactas e foi até necessário cortá-las com os machados, como tinham feito na mais profunda espessura da floresta. Era, portanto, difícil admitir que uma criatura humana tivesse passado por ali, e no entanto *Top* ia e vinha, não como quem procura ao acaso, mas como um ser dotado de vontade que segue uma ideia.

Após sete a oito minutos de marcha, *Top* parou.

Os colonos, chegados a uma espécie de clareira orlada de grandes árvores, olharam à sua volta e não viram nada, nem nos arbustos nem nos troncos das árvores.

— Que há, *Top*? — perguntou Cyrus Smith.

O animal ladrava com mais força, saltando junto de um pinheiro gigantesco.

De súbito, Pencroff gritou:

— Ah! bem! Ah! perfeito!

— O que foi? — perguntou o repórter.

— Andávamos à procura de qualquer destroço no mar e na terra.

— Sim, e então?

— Então, é no ar que ele se encontra!

E o marinheiro apontou uma espécie de enorme farrapo esbranquiçado, pendurado no cimo do pinheiro, e do qual *Top* apanhara um bocado, caído no chão.

— Mas aquilo não é um destroço! — observou Gédéon Spilett.

— Então do que se trata? — perguntou Pencroff.

— Como! É?...

— E o que resta do nosso balão, que ficou preso lá em cima, no alto desta árvore!

Pencroff não se enganava e soltou um magnífico hurra, acrescentando:

— Já temos excelente tecido! Temos pano para fazer camisas durante anos! Que é que diz de uma ilha onde o pano cresce nas árvores, senhor Spilett?

Era realmente uma felicidade para os colonos da ilha Lincoln que o aeróstato, depois de ter subido pela última vez no ar, fosse cair de novo na ilha, e também que eles tivessem tido a sorte de o encontrar. Poderiam guardar o invólucro assim, para, depois de reparado, fazerem uma tentativa de viagem aérea, ou utilizariam utilmente toda aquela porção de tecido de algodão de excelente qualidade, quando lhes tivessem tirado o verniz que a cobria. Como se pode calcular, a alegria de Pencroff foi unânime e largamente partilhada.

Contudo, era preciso pensarem em tirar o invólucro do balão do sítio onde estava, no alto da árvore, para o levarem para lugar seguro, e não era trabalho fácil. Nab, Harbert e o marinheiro treparam ao cimo da árvore e fizeram prodígios de habilidade para conseguirem soltá-lo das ramagens.

A operação durou perto de duas horas, e não só o invólucro, como também a válvula, as molas, a guarnição de cabedal, a rede, o círculo que a prendia e a âncora foram recuperados. O invólucro conservara-se em bom estado e só a parte inferior fora rasgada.

Era uma fortuna que lhes caíra do céu.

— De qualquer modo, senhor Cyrus — disse o marinheiro —, se um dia nos decidirmos a deixar a nossa ilha, não será de balão, não

é verdade? Estes aparelhos aéreos não vão para onde nós queremos, e já temos bem a experiência disso! Acreditem no que eu digo: podemos construir um bom barco de umas vinte toneladas e com este tecido faz-se uma boa vela de mezena e outra triangular. O resto servirá para nos vestirmos.

— Veremos, Pencroff — respondeu Cyrus Smith. — Veremos.

— Entretanto, precisamos de pôr tudo isto em segurança! — exclamou Nab.

Com efeito, não podiam pensar em transportar para Granite-House aquele carregamento de cordas, de cabos e de tecido, cujo peso era considerável, e, enquanto não arranjassem um veículo conveniente para transportar tudo aquilo, não convinha deixar mais tempo aquelas riquezas à mercê do primeiro furacão. Reunindo os seus esforços, os colonos conseguiram arrastar tudo aquilo para o areal, onde descobriram uma vasta cavidade rochosa, que nem o vento, nem a chuva, nem o mar podiam atingir, graças à sua situação.

— Precisávamos de um armário e temos esse armário — disse Pencroff —; mas como não se pode fechar à chave, será prudente dissimular a abertura. Não digo isto por causa dos ladrões de dois pés, mas em atenção aos que têm quatro patas!

Às seis horas da tarde estava tudo armazenado, e, depois de terem dado à pequena enseada o nome muito apropriado de «porto Balão», puseram-se a caminho do cabo Garra. Pencroff e o engenheiro falavam em vários projetos que convinha executar o mais depressa possível. Era preciso antes de tudo lançar uma ponte sobre o rio das Mercês, para estabelecer uma comunicação fácil com o sul da ilha; depois o carro viria buscar o aeróstato, pois a canoa

não chegaria para o transportar; em seguida construiriam uma chalupa munida de ponte, depois Pencroff aparelhá-la-ia com um mastro e poderiam fazer viagens à volta da ilha; depois, etc...

Entretanto, chegara a noite, e o céu começava a escurecer quando os colonos atingiram a ponta do Destroço, no local onde fora descoberta a preciosa caixa. Mas nesse sítio também não havia nada que indicasse que se tivesse dado qualquer naufrágio, e tiveram de aceitar as conclusões anteriormente formuladas por Cyrus Smith.

Da ponta do Destroço a Granite-House, faltavam ainda quatro milhas, que foram percorridas rapidamente; mas era mais de meia-noite, quando, depois de seguirem o litoral até à embocadura do rio das Mercês, os colonos chegaram ao primeiro cotovelo formado pelo rio.

Ali, o leito do rio tinha uma largura de vinte e quatro pés, que não era fácil de atravessar, mas Pencroff prometera suprir essa dificuldade e preparou-se para cumprir a sua promessa.

Os colonos estavam extenuados. A caminhada fora longa, e o incidente do balão não lhes permitira descansar as pernas e os braços. Tinham pressa de regressar a Granite-House para cear e dormir, e se a ponte estivesse construída num quarto de hora poderiam chegar a casa.

A noite estava escura. Pencroff, ajudado por Nab, começou os preparativos para a construção da prometida jangada. Armados com machados, escolheram duas árvores junto da margem, com as quais tencionavam fazer a jangada, e começaram a atacá-las pela base.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, sentados na margem, esperavam que chegasse o momento de ajudar os companheiros, enquanto Harbert ia e vinha, sem se afastar muito.

De repente, o rapaz, que havia subido o rio, voltou precipitadamente, e apontando para o rio, a montante:

— O que é que anda ali à deriva? — exclamou.

Pencroff interrompeu o seu trabalho e viu um objeto que se movia confusamente na sombra.

— Uma canoa! — disse.

Todos se aproximaram e viram, com grande surpresa, uma embarcação que seguia o fio de água.

— Ó do barco! — gritou o marinheiro por hábito profissional, e sem pensar que seria melhor manter-se em silêncio.

Não obteve resposta. A embarcação continuava à deriva, e estava apenas a uma dezena de passos, quando o marinheiro exclamou:

— Mas é a nossa piroga! Quebrou as amarras e seguiu a corrente! Devemos confessar que chega a propósito!

— A nossa piroga?...—murmurou o engenheiro.

Pencroff tinha razão. Era realmente a piroga, cuja amarra sem dúvida se tinha partido, e que voltava sozinha da nascente do rio! Era preciso apanhá-la de passagem antes que fosse arrastada, pela rápida corrente do rio, para além da sua embocadura, e foi o que Nab e Pencroff fizeram, servindo-se habilmente de uma comprida vara.

A piroga encostou à margem. O engenheiro, sendo o primeiro a embarcar, verificou que amarra havia sido realmente partida pela fricção sobre as rochas.

— Eis o que se pode chamar uma circunstância... — disse o repórter em voz baixa.

— ...estranha! — concluiu Cyrus Smith.

Estranha ou não, era de facto uma feliz circunstância! Harbert, o repórter, Nab e Pencroff embarcaram também. Não punham em dúvida que a amarra se tivesse partido, mas o que os surpreendeu era o facto de a piroga ter chegado no momento exato em que os colonos ali se encontravam, para terem possibilidade de a agarrar, quando, um quarto de hora mais tarde, ela se teria perdido no mar.

Se estivessem na época das fadas, esses incidentes poderiam dar-lhes o direito de pensar que a ilha era assombrada por um génio sobrenatural que punha o seu poder ao serviço dos náufragos!

Em poucas remadas, os colonos chegaram à embocadura do rio. A canoa foi puxada para a areia, junto das Chaminés, e todos se dirigiram para a escada de Granite-House.

Porém, nesse momento, *Top* ladrou encolerizado, e Nab, que procurava o primeiro degrau da escada, soltou um grito...

A escada não estava lá.

Capítulo 6

Cyrus Smith parara, sem pronunciar uma palavra. Os seus companheiros procuravam na obscuridade, assim como nas paredes da muralha, para o caso de o vento ter deslocado a escada, ou na hipótese de ela ter caído... Mas a escada desaparecera. Quanto a reconhecer se uma forte ventania a teria levado para o patamar, era impossível verificá-lo na escuridão da noite.

— Se é uma brincadeira — exclamou Pencroff —, é de mau gosto! Chegar a casa e não encontrar a escada para subir para o quarto, não é caso para fazer rir gente cansada!

Nab perdia-se em exclamações.

— Mas não houve vento! — observou Harbert.

— Começo a achar que se passam coisas extraordinárias na ilha Lincoln! — disse Pencroff.

— Extraordinárias? — respondeu Gédéon Spilett. — Não, Pencroff, nada de mais natural. Alguém veio na nossa ausência e tomou posse da casa, retirando a escada!

— Alguém? — exclamou o marinheiro. — Mas quem?...

— O caçador do grão de chumbo — respondeu o repórter. — Pode ser ele a explicação para isto.

— Pois bem, se há alguém lá em cima vou chamá-lo — exclamou Pencroff, que começava a ficar irritado. — E é bom que esse alguém me responda.

E com voz de trovão o marinheiro soltou um «olá» prolongado que os ecos repercutiram com força.

Os colonos ficaram de ouvido à escuta e pareceu-lhes ouvir um ruído qualquer que não conseguiram identificar. Mas nenhuma voz respondeu ao chamamento de Pencroff, que recomeçou inutilmente o seu vigoroso apelo.

As circunstâncias eram realmente de fazer espantar os homens mais indiferentes do mundo e os colonos não o eram. Na situação em que se encontravam, qualquer incidente tinha a sua gravidade e certamente, nos sete meses de permanência na ilha, nunca se dera nada com um caráter tão surpreendente.

Fosse como fosse, os colonos estavam junto de Granite-House, esquecendo as suas fadigas e sem saberem o que pensar, nem o que fazer, multiplicando as hipóteses, todas mais inadmissíveis umas do que as outras. Nab lamentava-se, muito desapontado por não poder voltar à sua cozinha, tanto mais que as provisões da viagem se tinham esgotado e que não havia maneira de as renovar naquele momento.

— Meus amigos — disse então Cyrus Smith —, temos apenas uma coisa a fazer: esperar que seja dia, e agir então segundo as circunstâncias. Mas enquanto esperamos vamos para as Chaminés. Ali estaremos abrigados, e se não podemos cear, podemos pelo menos dormir.

— Mas quem seria o desavergonhado que nos pregou esta partida? — exclamou mais uma vez Pencroff, que não se conformava com a aventura.

Quem quer que fosse o «desavergonhado», a única coisa a fazer era, como dissera o engenheiro, ir para as Chaminés e esperar que fosse dia. No entanto, foi dada ordem a *Top* de ficar ali, debaixo das janelas de Granite-House, e quando *Top* recebia uma ordem

cumpria-a sem fazer qualquer observação. O valente cão ficou portanto junto da muralha, enquanto o seu dono e os seus companheiros se refugiavam nas rochas.

Dizer que os colonos, apesar da fadiga, dormiram bem sobre a areia das Chaminés, seria faltar à verdade. Não só estavam muito ansiosos por conhecerem a importância desse novo incidente, quer fosse devido a um acaso cujas causas naturais lhes surgissem quando nascesse o dia, quer, pelo contrário, se tratasse da obra de um ser humano. Além disso, estavam mal deitados. De qualquer maneira, a casa deles estava ocupada e não podiam lá entrar.

Ora, Granite-House era mais do que a casa deles, era também o seu armazém. Ali se encontrava todo o material da colónia, como armas, instrumentos, utensílios, ferramentas, reservas de víveres, etc. Se tudo isso fosse roubado, os colonos tinham de recomeçar o seu armazenamento, recomeçar o fabrico de armas e de utensílios. Era uma circunstância muito grave! Assim, cedendo à inquietação, um ou outro saía de vez em quando e ia ver se *Top* continuava de guarda. Só Cyrus Smith esperava com a sua paciência habitual, se bem que a sua razão se exasperasse por se sentir em presença de um facto absolutamente inexplicável, e se indignava pensando que em redor dele se exercia um poder estranho a que ele não podia dar nome. Gédéon Spilett partilhava a sua opinião, e por várias vezes os dois falaram, mas a meia voz, nas inexplicáveis circunstâncias que desafiavam a sua perspicácia e experiência. Havia certamente um mistério naquela ilha, mas como poderiam desvendá-lo? Harbert não sabia que pensar e gostaria de interrogar Cyrus Smith. Quanto a Nab, acabara por pensar que o problema não lhe dizia respeito, mas sim ao seu patrão, e se não receasse melindrar os companheiros

teria dormido tão bem ali, na areia das Chaminés, como na sua cama de Granite-House!

Finalmente, Pencroff era o mais furioso de todos e a sua cólera não tinha limites.

— Isto tudo é uma farsa! — dizia ele. — Pois bem, como não gosto de farsas, pobre do farsante se vier a cair nas minhas mãos!

Logo que a primeira claridade do dia surgiu a leste, os colonos, convenientemente armados, dirigiram-se para a margem, no limiar dos recifes. Granite-House, diretamente atingida pelos raios do sol-nascente, não devia tardar a iluminar-se com a luz da aurora, e, com efeito, antes das cinco horas, as janelas, cujos taipais estavam corridos, surgiram através da cortina da folhagem.

Por outro lado estava tudo em ordem, mas os colonos não puderam deixar de soltar um grito quando viram aberta a porta, que eles tinham deixado cuidadosamente fechada.

Alguém entrara em Granite-House. Já não restavam dúvidas a esse respeito.

A escada superior, normalmente caída da porta ao patamar de granito, estava no seu lugar. Mas a escada inferior fora puxada para cima. Era mais que evidente que os intrusos tinham querido ficar ao abrigo de qualquer surpresa.

Quanto a reconhecerem de quem se tratava, não era possível fazê-lo ainda, pois ninguém se mostrara.

Pencroff chamou de novo.

Não obteve resposta.

— Os patifes! — exclamou o marinheiro. — Se calhar, dormem tranquilamente, como se estivessem em casa deles! Piratas, bandidos, corsários, filhos de John Buli!

Quando Pencroff, na sua qualidade de americano, tratava alguém por «filho de John Buli», é porque chegara aos últimos limites do insulto.

Nesse momento era dia claro e a fachada de Granite-House iluminava-se com todos os raios do sol. Mas, no interior, como no exterior, remava o silêncio e a calma.

Os colonos perguntavam a si próprios se a casa estaria ocupada ou não, e no entanto a posição da escada demonstrava-o claramente, sendo certo que os ocupantes, fossem quais fossem, não tinham podido fugir! Mas como podiam chegar até eles?

Harbert teve então a ideia de prender uma corda a uma flecha e atirar essa flecha de maneira a atingir um dos primeiros degraus da escada que pendia do limiar da porta. Poderiam então, por meio dessa corda, desenrolar a escada até ao solo e restabelecer as comunicações com Granite-House. Não havia evidentemente outra coisa a fazer, e, com uma certa habilidade, o plano podia resultar. Felizmente que os arcos e as flechas se encontravam nas Chaminés, onde havia também algumas braças de uma corda leve feita de fibras de hibisco. Pencroff desenrolou essa corda, prendendo uma das pontas a uma flecha bem forte. Em seguida, Harbert pôs a flecha no seu arco e visou cuidadosamente a extremidade pendente da escada.

Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Nab e Pencroff tinham-se afastado um pouco para trás de maneira a poderem observar o que se passava nas janelas de Granite-House. O repórter, de carabina preparada, apontava para a porta.

O arco esticou-se, a flecha silvou, arrastando a corda, e foi passar entre os dois últimos degraus.

A operação tivera êxito.

Imediatamente, Harbert puxou a ponta da corda; mas no momento em que ele dava um puxão para fazer cair a escada, um braço, passando rapidamente entre a parede e a porta, apanhou-a e puxou-a para o interior de Granite-House.

— Grande patife! — gritou Pencroff. — Se uma bala pode fazer a tua felicidade não terás de esperar muito por ela!

— Mas o que é? — perguntou Nab.

— Então não viste?

— Não.

— Mas é um macaco, um babuíno, um chimpanzé, um orangotango, um gorila, um saguim! A nossa casa foi invadida por macacos, que subiram pela escada durante a nossa ausência!

Nesse momento, como para dar razão a Pencroff, três ou quatro quadrúmanos apareceram nas janelas, fazendo contorções e caretas para saudarem os donos da casa.

— Eu bem sabia que se tratava de uma farsa! — gritou Pencroff. — Mas um dos farsantes, pelo menos, vai pagar pelos outros!

Pondo a arma ao ombro o marinheiro apontou para um dos macacos e fez fogo. Desapareceram todos, exceto um, que, mortalmente atingido, veio cair no areal.

Aquele macaco, de alta estatura, pertencia à primeira ordem dos quadrúmanos, não havia dúvida. Quer fosse um chimpanzé, um orangotango ou um gorila, enfileirava entre os antropomorfos, assim chamados devido à sua semelhança com a raça humana. De resto, Harbert declarou que era um orangotango, e sabemos que o rapaz sabia de zoologia.

— Magnífico animal! — exclamou Nab.

— Chama-lhe o que quiseres — replicou Pencroff. — Continuo é a não ver maneira de entrarmos em casa!

— Harbert é bom atirador — disse o repórter. — Tem aqui o seu arco. Que recomece a operação.

— Bom... estes macacos são maliciosos! — exclamou Pencroff. — Não aparecerão às janelas e nós não poderemos matá-los, e quando penso nos estragos que eles podem fazer no armazém, nos quartos...

— Paciência — respondeu Cyrus Smith. — Esses animais não poderão manter-nos em xeque durante muito tempo!

— Só terei a certeza disso quando eles estiverem em terra — respondeu o marinheiro. — E de resto não sabemos quantas dúzias desses patifes lá estarão em cima.

Pencroff tinha razão. E quanto a fazer nova tentativa de apanhar a escada com a flecha, como seria possível se a escada fora metida dentro de casa?

O caso era verdadeiramente arrelhiador. Pencroff estava furioso. A situação tinha um certo lado cómico, ao qual ele não achava graça nenhuma. Era evidente que os colonos acabariam por recuperar a casa, expulsando os intrusos. Mas quando, e como? Ninguém o poderia dizer.

Passaram-se duas horas, durante as quais a situação não se modificou. Os macacos evitavam mostrar-se, mas continuavam lá, pois de vez em quando via-se surgir uma pata, ou um focinho que eram logo saudados por descargas das espingardas.

— Escondamo-nos — disse então o engenheiro. — Talvez julguem que nos fomos embora e se deixem ver de novo. Harbert e

Spilett escondem-se atrás das rochas e fazem fogo logo que eles se deixem ver!

As ordens do engenheiro foram executadas, e, enquanto o repórter e o rapaz, os mais hábeis atiradores da colónia, se colocavam em boas posições, Nab, Pencroff e Cyrus Smith subiam ao planalto e entravam na floresta para matarem qualquer peça de caça, visto que as provisões se tinham acabado e a fome apertava.

Meia hora depois os caçadores voltaram com alguns pombos, que cozinharam o melhor possível. Nenhum macaco voltara a aparecer.

Gédéon Spilett e Harbert foram tomar parte no almoço enquanto *Top* vigiava debaixo das janelas. Em seguida, depois de terem comido, os dois voltaram para os seus postos.

Duas horas mais tarde a situação não se havia modificado. Os quadrúmanos não davam sinal de vida. Dir-se-ia que tinham desaparecido, mas era mais provável que, assustados pela detonação que causara a morte do companheiro, estivessem escondidos no fundo dos quartos, ou mesmo no armazém. E quando os colonos pensavam nas riquezas que esse armazém continha, a paciência, tão recomendada pelo engenheiro, transformava-se em furor, e francamente havia razão para tal irritação.

— Decididamente, isto é estúpido de mais — disse por fim o repórter. — Temos de arranjar maneira de acabar com isto!

— Temos de expulsar aqueles patifes! — exclamava Pencroff. — Podemos dominá-los, mesmo que sejam uns vinte, mas para isso é preciso combatê-los corpo a corpo. Ah! Se houvesse outra maneira de chegar junto deles?

— Há — respondeu o engenheiro, a quem acabara de ocorrer uma ideia.

— Há? — perguntou Pencroff. — E qual é?

— Podemos tentar entrar em Granite-House pelo antigo escoadouro do lago — respondeu o engenheiro.

— Com um milhão de diabos! — gritou Pencroff. — E eu que não me lembrei disso!

Era, com efeito, o único meio de penetrar em Granite-House para combater os macacos e expulsá-los. O orifício estava tapado com um muro de pedras cimentadas, que seria necessário sacrificar, mas não tinham outro remédio senão derrubá-lo. Felizmente, Cyrus Smith ainda não pusera em execução o seu plano de esconder o orifício sob as águas do lago, porque essa operação levaria um certo tempo.

Era já mais de meio-dia quando os colonos, bem armados e levando as suas picaretas e pás, deixaram as Chaminés e passaram em frente das janelas de Granite-House. Depois de terem dado ordem a *Top* para continuar ali, dispuseram-se a subir a margem esquerda do rio das Mercês, a fim de atingir o planalto da Grande Vista.

Todavia, ainda não tinham dado cinquenta passos nessa direção, quando ouviram *Top* ladrar furiosamente. Era como que um apelo desesperado do cão.

Todos pararam.

— Corramos! — disse Pencroff.

E todos desceram a margem correndo.

Viram então que a situação havia mudado.

Com efeito, os macacos, assustados por qualquer causa desconhecida, procuravam fugir. Dois ou três saltavam de uma janela para outra com uma agilidade de palhaços. Nem sequer procuravam voltar a colocar a escada para descerem por ela.

Apavorados, talvez tivessem esquecido aquela forma de fugir. Em breve, apareceram cinco ou seis, e os colonos dispararam sobre eles. Uns, feridos ou mortos, caíram para o interior da casa, soltando gritos agudos. Os outros, precipitados para fora, morreram da queda e alguns instantes depois podia-se calcular que não houvesse um único quadrúmano vivo em Granite-House.

— Hurra! — exclamou Pencroff. — Hurra! Hurra!

— Não solte tantos hurras! — disse o repórter.

— Porquê? — perguntou o marinheiro. — Eles estão todos mortos!

— De acordo, mas isso não faz com que possamos entrar em casa.

— Vamos ao escoadouro! — replicou Pencroff.

— Sem dúvida — disse o engenheiro. — No entanto, seria preferível...

Nesse momento, como em resposta à observação feita por Cyrus Smith, viram a escada deslizar sobre o limiar da porta e ser atirada para baixo.

— Com mil pipas! Esta é forte — disse Pencroff, olhando para o engenheiro.

— Demasiado forte! — respondeu Cyrus Smith, que foi o primeiro a correr para a escada.

— Tome cuidado, senhor Cyrus! — exclamou Pencroff —; se há lá dentro ainda algum desses saguins...

— Veremos! — respondeu o engenheiro sem se deter.

Todos os seus companheiros o seguiram, e, num minuto, tinham chegado à entrada da porta.

Procuraram por toda a parte. Não havia ninguém nos quartos, nem no armazém, que fora respeitado pelo bando dos macacos.

— E a escada? — exclamou o marinheiro. — Quem seria o *gentleman* que no-la enviou?

Porém, nesse momento ouviu-se um grito, e um grande macaco, que se escondera no corredor, entrou precipitadamente na sala, perseguido por Nab.

— Ah! o bandido! — exclamou Pencroff.

E de machado na mão preparava-se para rachar a cabeça do animal, quando Cyrus Smith o deteve e disse:

— Poupe-o, Pencroff.

— Quer que eu perdoe a este patife?

— Sim. Foi ele que nos atirou a escada!

E o engenheiro disse isto com uma voz tão singular que seria difícil saber se ele falava a sério ou não.

Entretanto, lançaram-se sobre o macaco, que, depois de se ter defendido corajosamente, foi deitado ao chão e amarrado.

— Uff! — exclamou Pencroff. — O que é que fazemos agora dele?

— Um criado! — respondeu Harbert.

E ao falar assim o rapaz não gracejava inteiramente, pois sabia que partido se podia tirar da inteligente raça dos quadrúmanos.

Os colonos aproximaram-se então do macaco e observaram-no à vontade. Pertencia a essa espécie dos antropomorfos cujo ângulo facial não é sensivelmente inferior ao dos Australianos e dos Hotentotes. Era um orangotango, e, como tal, não tinha nem a ferocidade do babuíno, nem a irreflexão do macaco, nem era porco como o saguim, nem possuía os maus instintos do cinocéfaló. É nessa família dos antropomorfos que se encontram tantos sinais que

indicam nesses animais uma inteligência quase humana. Empregados nas casas, eles podem servir à mesa, limpar os quartos, tratar das roupas, engraxar os sapatos, manejar habilmente o garfo e a faca, e até mesmo beber vinho... como o melhor criado de dois pés pode fazer. Sabe-se que Buffon tinha um desses macacos como criado, que o serviu muito tempo como criado fiel e zeloso.

O que naquele momento se encontrava amarrado na sala de Granite-House era alto, devia ter uns seis pés de altura, bem proporcionado, de peito largo, cabeça de tamanho médio, ângulo facial que devia atingir sessenta e cinco graus, crânio arredondado, nariz saliente, pele coberta por um pelo macio e brilhante — enfim, um tipo perfeito de antropomorfo. Os olhos, um pouco mais pequenos do que os dos humanos, brilhavam com uma vivacidade inteligente, os dentes brancos cintilavam sob o bigode e tinha uma pequena barba frisada de cor acastanhada.

— Um belo tipo! — disse Pencroff. — Se soubéssemos a língua dele, podíamos-lhe falar!

— Então — disse Nab —, é verdade, patrão, que vamos tomá-lo como criado?

— Sim, Nab — respondeu o engenheiro sorrindo. — Mas não fiques ciumento!

— Espero que venha a ser um excelente criado — disse Harbert. — Parece jovem e será fácil educá-lo. Não seremos obrigados, para o ensinar, a utilizar a força, nem a tirar-lhe os caninos, como alguns fazem em tais circunstâncias! Só poderá dedicar-se a patrões que o tratem bem.

— E nós seremos bons para ele — disse logo Pencroff, que já esquecera a sua cólera contra os «farsantes».

Depois, aproximando-se do orangotango, perguntou-lhe:

— Então, meu rapaz, como vai isso?

O macaco pareceu responder com um pequeno grunhido que não denotava muito mau humor.

— Queres então fazer parte da colónia? — perguntou o marinheiro. — Queres entrar ao serviço do senhor Cyrus Smith?

Novo grunhido aprovador do macaco.

— E contentas-te com a alimentação por único salário?

Terceiro grunhido afirmativo.

— A conversa dele é um pouco monótona! — observou Gédéon Spilett.

— Bem! — replicou Pencroff —, os melhores criados são os que falam menos. E além disso não recebe salário. Estás a ouvir, meu rapaz? Para começar não te damos salário, mas damos-te depois o dobro, se estivermos contentes contigo!

Foi assim que a colónia passou a ter um novo membro, que deveria prestar-lhe alguns serviços. Quanto ao nome que lhe dariam, o marinheiro pediu que em recordação de outro macaco que ele conhecera lhe chamassem *Júpiter*, e, por abreviatura, *Jup*.

E assim, sem mais cerimónia, mestre *Jup* ficou instalado em Granite-House.

Capítulo 7

Os colonos da ilha Lincoln tinham portanto reconquistado o seu antigo domicílio sem terem sido obrigados a entrar pelo escoadouro, o que lhes poupou grandes trabalhos. Fora uma sorte, realmente, que no momento em que eles se decidiram a fazê-lo, o bando de macacos tivesse sido tomado de terror, tão súbito como inexplicável, que os expulsara de Granite-House. Teriam os animais pressentido que iam ser atacados por outro lado? Era talvez a única maneira de interpretar a brusca retirada.

Durante as últimas horas desse dia, os cadáveres dos macacos foram transportados para os bosques, onde foram enterrados; depois os colonos começaram a reparar a desordem causada por esses animais — desordem e não estragos, pois se de facto desarrumaram o mobiliário dos quartos, não tinham contudo partido nada. Nab acendeu os seus fogões e as reservas da despensa forneceram uma refeição substancial, à qual fizeram as devidas honras.

Jup não foi esquecido, e comeu com apetite os pinhões e as raízes de rizomas que lhe deram com abundância. Pencroff desamarrara-lhe os braços, mas achou aconselhável deixar-lhe as pernas presas até ao momento em que pudesse contar com a sua resignação.

Depois, antes de se deitar, Cyrus Smith e os seus companheiros, sentados à volta da mesa, discutiram alguns projetos cuja execução era urgente.

O mais importante e com maior urgência era o de construir uma ponte sobre o rio das Mercês, para pôr o lado sul da ilha em comunicação com Granite-House, e depois a construção de um curral, destinado ao alojamento dos carneiros e de outros animais que pudessem capturar para lhes fornecerem lã.

Como se vê, esses dois projetos destinavam-se a resolver a questão do vestuário, que era então a mais séria. Com efeito, a ponte tornaria fácil o transporte do invólucro do balão, que seria utilizado em roupa branca, e o curral forneceria a colheita de lã, que daria roupa de inverno.

Cyrus Smith tencionava instalar esse curral junto da nascente do Creek Vermelho, pois ali os ruminantes teriam belas pastagens, que lhes proporcionariam uma alimentação fresca e abundante. Já a estrada entre o planalto da Grande Vista e a nascente estava parcialmente aberta, e com um carro mais bem arranjado que o primeiro, os transportes seriam mais fáceis, sobretudo se conseguissem capturar algum animal de tração.

Todavia, se não havia qualquer inconveniente em que o curral ficasse instalado longe de Granite-House, já não se passava o mesmo com a capoeira, para a qual Nab chamou a atenção dos colonos. Era preciso, com efeito, que as aves estivessem ao alcance do chefe de cozinha, e nenhum lugar lhes pareceu mais conveniente para isso que a parte das margens do lago que ficava junto do antigo escoadouro. Os pássaros aquáticos dar-se-iam tão bem ali como os outros, e o casal de tinamus apanhado na última excursão devia servir para uma primeira tentativa de domesticação.

No dia seguinte, 3 de novembro, iniciaram-se os novos trabalhos para a construção da ponte, e foram precisos todos os braços para

essa importante tarefa. Serras, machados, tesouras, martelos foram levados pelos colonos, que, transformados em carpinteiros, desceram ao areal.

Ali, Pencroff fez uma observação:

— E se, durante a nossa ausência, mestre *Jup* tivesse a fantasia de retirar a escada que ontem nos enviou tão delicadamente?

— É melhor prendê-lo pelos membros inferiores — respondeu Cyrus Smith.

Foi assim que fizeram, por meio de duas estacas, solidamente enterradas na areia. Em seguida, os colonos subiram a margem esquerda do rio das Mercês e em breve chegaram ao cotovelo formado pelo rio.

Pararam e examinaram mais uma vez o local, para ver se seria realmente apropriado para a ponte. Todos acharam que sim.

Com efeito, dali a porto Balão, descoberta feita na véspera na costa meridional, havia apenas uma distância de três milhas e meia, e, da ponte ao porto, seria fácil abrir uma estrada por onde pudesse passar um carro, o que tomaria fácil as comunicações entre Granite-House e o sul da ilha.

Cyrus Smith disse então aos seus companheiros que tinha um projeto muito fácil e muito simples, em que andava a pensar há bastante tempo. Era o de isolar completamente o planalto da Grande Vista, a fim de o pôr ao abrigo de qualquer ataque de quadrúpedes ou quadrúmanos. Desse modo, Granite-House, as Chaminés, a capoeira, e toda a parte superior do planalto, destinada às sementeiras, estariam protegidas contra as depredações dos animais.

Nada era mais fácil de executar que esse projeto, e eis como o engenheiro tencionava pô-lo em prática.

O planalto já estava protegido por três lados por cursos de água, quer naturais, quer artificiais:

A noroeste, pela margem do lago Grant, desde o ângulo que ficava junto do orifício do antigo escoadouro até ao corte feito na margem leste do lago para a saída das águas;

A norte, desde esse corte até ao mar, pelo novo curso de água que corria pelo planalto e pelo areal, a montante e a jusante da cascata, bastando, com efeito, cavar o leito desse *creek* para tomar a passagem impraticável aos animais;

Em toda a orla de leste, pelo próprio mar, desde a embocadura do dito *creek* até à embocadura do rio das Mercês;

A sul, por fim, desde essa embocadura até ao cotovelo do rio das Mercês, onde devia ser instalada a ponte.

Restava portanto a parte oeste do planalto, compreendida entre o cotovelo do rio e o ângulo sul do lago, numa distância inferior a uma milha, aberta a tudo. Mas nada mais fácil do que cavar uma fossa, larga e profunda, que seria cheia pelas águas do lago e cujo excedente se lançaria no rio das Mercês, por meio de uma segunda cascata. O nível do lago baixaria um pouco, sem dúvida, depois desse novo alargamento das suas águas, mas Cyrus Smith verificara que o fluxo do Creek Vermelho era suficiente para permitir a execução do seu projeto.

— Assim — acrescentou o engenheiro —, o planalto da Grande Vista será uma verdadeira ilha, rodeada que fica de água por todos os lados, e só comunicará com o resto do nosso domínio por meio da ponte que vamos agora instalar sobre o rio e pelos dois pontões

que já instalámos a montante e a jusante da cascata, e finalmente por outros dois pontões a serem construídos, um sobre o fosso que lhes proponho cavarmos, e o outro sobre a margem esquerda do rio das Mercês. Ora, se esta ponte e pontões puderem ser levadiços, o planalto da Bela Vista ficará ao abrigo de qualquer surpresa.

Para melhor se fazer compreender pelos seus companheiros, Cyrus Smith desenhara um mapa do planalto e o seu projeto foi imediatamente percebido por todos. Todos o aprovaram e Pencroff, brandindo o seu grande machado, bradou:

— A ponte!

Era o trabalho mais urgente. Foram escolhidas árvores, abatidas, cortadas em vigas, tábuas e pranchões. Essa ponte, fixa na parte que se apoiava na margem direita do rio, devia ser móvel do lado oposto, de maneira a poder levantar-se por meio de um contrapeso, como certas pontes de diques.

Foi um trabalho considerável, e apesar de ser habilmente dirigido precisou de um certo tempo, pois o rio das Mercês tinha cerca de oitenta pés de largura. Era preciso portanto enterrar duas estacas no leito do rio, a fim de apoiarem o tabuleiro fixo da ponte, e colocar novas estacas sobre as que serviam de suporte ao tabuleiro, formando assim dois arcos e permitindo à ponte suportar grandes pesos.

Felizmente não faltavam nem as ferramentas para trabalhar a madeira, nem as ferragens para a consolidar, nem o engenho de um homem que percebia maravilhosamente desses trabalho, nem a dedicação e o trabalho de todos os seus companheiros, que nos sete meses passados na ilha tinham necessariamente adquirido uma grande habilidade manual. E é preciso dizê-lo, Gédéon Spilett,

apesar de ser repórter, não era desajeitado e rivalizava em perícia com o próprio Pencroff, «que nunca poderia esperar tanto de um simples jornalista»!

A construção da ponte sobre o rio das Mercês durou três semanas, que foram seriamente ocupadas. Almoçavam no próprio local do trabalho e como o tempo estava magnífico só voltavam a Granite-House à hora da ceia.

Durante esse tempo puderam verificar que mestre *Jup* se aclimatava facilmente e se familiarizava com os seus novos donos, que continuava a olhar com grande curiosidade. No entanto, por medida de precaução, Pencroff ainda não lhe dera completa liberdade de movimentos, querendo esperar, e com razão, que os limites do planalto da Grande Vista fossem intransponíveis, depois dos trabalhos projetados. *Top* e *Jup* davam-se bem e gostavam de brincar juntos, mas *Jup* fazia tudo com gravidade.

A 20 de novembro, a ponte foi terminada. A sua parte móvel, equilibrada por contrapesos, descia facilmente e bastava uma ligeira pressão para a erguer; entre a sua charneira e a última travessa sobre a qual ela se apoiava, quando se fechava, ficava um intervalo de vinte pés, que era suficiente largo para que os animais não pudessem atravessá-la.

Pensaram então em ir buscar o invólucro do balão, que os colonos tinham pressa de pôr em completa segurança, mas para o ir buscar era necessário conduzirem um carro até porto Balão, e, por consequência, precisavam de desbravar um caminho através dos espessos maciços do Far West. Isso exigia um certo tempo. Nab e Pencroff foram em reconhecimento até ao porto, e como verificaram que «o *stock* de tecido» não estava a ser danificado na sua gruta

escondida, foi resolvido que os trabalhos relativos ao planalto da Grande Vista prosseguiriam imediatamente.

— Isso — observou Pencroff — permite-nos instalar a nossa capoeira nas melhores condições, visto que não teremos a recear nem a visita das raposas, nem a agressão de outros animais.

— Sem contar que poderemos também transplantar para lá plantas selvagens...

— E preparar o nosso segundo campo de trigo! — exclamou o marinheiro com ar triunfante.

Com efeito, o primeiro campo de trigo, semeado com um só grão, prosperava admiravelmente, graças aos cuidados de Pencroff.

Produzira as dez espigas anunciadas pelo engenheiro, e, cada espiga tinha oitenta grãos, a colônia tinha agora oitocentos grãos — em seis meses —, o que prometia uma dupla colheita todos os anos.

Esses oitocentos grãos, menos uns cinquenta, que por prudência foram guardados, deviam ser semeados num novo campo, e com os mesmos cuidados que o grão único.

O campo foi preparado, depois rodeado por uma forte paliçada, alta e aguçada, que os quadrúpedes dificilmente poderiam transpor. Quanto aos pássaros, assustadores espantalhos e ruidosos cataventos, devidos à imaginação fantástica de Pencroff, bastariam para os afastar. Os setecentos e cinquenta grãos foram então colocados em pequenos sulcos regulares, e a natureza devia fazer o resto.

A 21 de novembro, Cyrus Smith começou a desenhar um projeto que devia fechar o planalto a oeste, desde o ângulo sul do lago Grant até ao cotovelo do rio das Mercês. Havia ali dois ou três pés de terra vegetal e por baixo granito. Foi preciso, por isso, fabricar de

novo nitroglicerina, que produziu o seu efeito habitual. Em menos de quinze dias foi aberto um fosso com a largura de doze pés e com a profundidade de seis. Feita nova abertura, pelo mesmo processo, na margem do lago, as águas encheram esse fosso, formando um novo curso de água, ao qual deram o nome de Creek Glicerina, que se tornou afluente do rio das Mercês. Como o engenheiro dissera, o nível das águas do lago baixou, mas de uma maneira quase impercetível. Finalmente, para completar a vedação, o leito do rio que corria no areal foi consideravelmente alargado, e as areias mantidas por meio de uma dupla paliçada.

Com a primeira quinzena de dezembro esses trabalhos foram definitivamente terminados, e o planalto da Grande Vista, isto é, uma espécie de pentágono irregular com um perímetro de aproximadamente quatro milhas, rodeado por uma cintura líquida, ficou totalmente ao abrigo de qualquer agressão.

Durante esse mês de dezembro, o calor foi muito forte. No entanto, os colonos não quiseram suspender a execução dos seus projetos, e como se tornava urgente organizarem a capoeira, procedeu-se a esse trabalho.

Inútil é dizer que depois de o planalto ter sido completamente isolado, mestre *Jup* foi posto em liberdade. Nunca deixava os donos, nem manifestava qualquer desejo de se evadir. Era um animal meigo e no entanto muito forte, e de uma agilidade surpreendente. Quando se tratava de subir a grande escada de Granite-House, ninguém podia rivalizar com ele. Já o empregavam em alguns trabalhos: arrastava cargas de madeira e transportava as pedras tiradas do Creek Glicerina.

— Ainda não é pedreiro, mas já é um «macaco»! — dizia Harbert, gracejando, fazendo alusão à alcunha de «macacos» que os pedreiros dão aos seus aprendizes. E se uma alcunha alguma vez foi bem justificada, foi essa.

A capoeira ocupava uma área de duzentas jardas quadradas, escolhida na margem sudeste do lago. Rodearam-na de uma paliçada e construíram diferentes abrigos para os animais que a iriam povoar. Cabanas feitas de ramos, com divisórias, estavam prontas para receber os seus locatários.

Os primeiros foram o casal de tinamus, que não tardaram a dar numerosas ninhadas. Tiveram por companheiros meia dúzia de patos, habituados a viver na margem do lago. Alguns pertenciam a essa espécie chinesa cujas asas se abrem em leque, que pelo brilho e beleza das suas penas rivalizam com os faisões dourados. Alguns dias depois, Harbert apoderou-se de um casal de galináceos de cauda arredondada, composta de compridas penas, magníficos aléctores, que não tardaram a estar domesticados. Quanto aos pelicanos, aos martim-pescadores, às galinhas-de-água, foram por si mesmo para a capoeira e todo esse pequeno mundo, depois de algumas disputas, piando, cacarejando e grasnando, acabou por se entender, e aumentou numa proporção tranquilizante para a futura alimentação da colónia.

Cyrus Smith, querendo também completar a sua obra, instalou um pombal num canto da capoeira. Alojaram ali uma dúzia desses pombos que frequentavam as altas rochas do planalto. Esses pássaros habituaram-se facilmente a voltar todas as noites para a sua nova casa, e mostraram mais propensão para se deixarem

domesticar do que o pombo-torcaz, seu congénere, que, de resto, só se reproduz no estado selvagem.

Chegara finalmente o momento de utilizarem, para a confeção de roupa branca, o invólucro do aeróstato, pois, quanto a guardá-lo sob essa forma e utilizá-lo para nova tentativa de viajar num balão de ar quente, em precárias condições, sobre o mar infinito, só se justificaria com pessoas que tivessem falta de tudo, e o espírito prático de Cyrus Smith nem queria pensar nisso.

Tratava-se portanto de levar o invólucro para Granite-House, e os colonos ocuparam-se em tornar o seu carro mais manejável e menos pesado. Mas se o veículo não faltava, o motor ainda não aparecera. Não existiria na ilha qualquer ruminante de espécie indígena que se assemelhasse ao cavalo, ao burro, ao boi ou à vaca? Essa era a questão.

— Na verdade — dizia Pencroff —, um animal de tração ser-nos-ia muito útil, enquanto o senhor Cyrus não puder arranjar-nos um carro a vapor, ou mesmo uma locomotiva, pois certamente ainda havemos de ter caminho de ferro na ilha, de Granite-House a porto Balão, com ramais no monte Franklin!

E o honesto marinheiro, falando assim, acreditava no que dizia. O que a imaginação pode fazer, quando a ela se junta a fé!

Contudo, para não exagerar, um simples quadrúpede teria servido muito bem a Pencroff, e como a Providência tinha um fraco por ele, não o fez esperar muito.

Um dia, o dia 23 de dezembro, ouviram Nab gritar e *Top* a ladrar raivosamente. Os colonos, ocupados nas Chaminés, correram imediatamente, receando algum incidente desagradável.

E que viram eles? Dois belos animais de grande estatura, que se tinham imprudentemente aventurado no planalto, cujos pontões não se encontravam fechados. Pareciam dois cavalos, ou pelo menos dois burros, macho e fêmea, de formas finas, pelagem cor de camurça, patas e caudas brancas e com riscas pretas na cabeça, no pescoço e no dorso. Avançavam tranquilamente, sem mostrar qualquer inquietação, e olhavam com vivacidade os homens, nos quais não podiam ainda reconhecer os donos.

— São *onaggas*! — exclamou Harbert —, quadrúpedes que estão entre a zebra e o burro!

— Fazem lembrar burros! — disse Nab.

— Mas têm formas mais graciosas e não têm as orelhas compridas como os burros!

— Burros ou cavalos — ripostou Pencroff —, são «motores», como diria o senhor Smith, e, como tais, bons para capturar!

O marinheiro, sem assustar os dois animais, deslizou entre as ervas até ao pontão do Creek Glicerina e, fazendo-o descer, cortou a passagem aos dois animais.

Seria bom apoderarem-se deles pela força e submetê-los a uma domesticação forçada? Não. Foi decidido deixá-los andar à volta durante uns dias pelo planalto, onde a relva era abundante, e imediatamente o engenheiro iniciou a construção de uma cavaleriça, na qual os *onaggas* deviam encontrar um bom refúgio para passar a noite.

Assim, o magnífico casal foi deixado inteiramente livre nos seus movimentos, e os colonos evitaram até assustá-los, aproximando-se deles. Várias vezes, no entanto, esses *onaggas* pareceram sentir necessidade de deixar o planalto, demasiado estreito para eles,

habituaados aos largos espaços e às florestas profundas. Viam-nos então seguir ao longo da cintura de água que lhes opunha uma barreira intransponível, e soltar alguns relinchos agudos, galopando depois através das ervas altas. Depois, acalmados, pareciam olhar durante horas inteiras esses bosques que lhes estavam vedados.

Entretanto, tinham sido confeccionados arreios e rédeas de fibras vegetais, e alguns dias após a captura dos *onaggas*, não só o carro estava pronto para ser atrelado, como havia já uma estrada aberta, ou, melhor, uma picada feita através da floresta do Far West até ao porto Balão. Em fins de dezembro, tentaram pela primeira vez selar os *onaggas*.

Pencroff já domesticara os dois animais o bastante para eles lhe irem comer às mãos, e eles deixavam-se aproximar sem dificuldade, mas uma vez atrelados ao carro empinaram-se de tal maneira que foi muito difícil contê-los. No entanto, não levaram muito tempo a habituar-se a esse novo serviço, pois o *onagga*, menos rebelde que a zebra, deixa-se atrelar muitas vezes nas montanhas da África Austral, e pôde até ser aclimatado na Europa, em zonas relativamente frias.

No dia destinado para irem buscar o balão, toda a colónia, exceto Pencroff, que caminhava à frente dos animais, subiu para o carro e tomou o caminho de porto Balão. É claro que foram muito sacudidos nesse caminho recentemente desbravado, mas o carro chegou sem incidentes e o invólucro do balão com todos os seus aprestos foi carregado e levado para Granite-House.

Às oito horas da noite, o carro, depois de ter passado a ponte sobre o rio das Mercês, descia a margem esquerda do rio e parava no areal. Os *onaggas* foram desatrelados, depois conduzidos para a

cavaliária, e Pencroff, antes de adormecer, soltou um suspiro de satisfação que ecoou ruidosamente por toda a Granite-House.

Capítulo 8

A primeira semana de janeiro foi consagrada ao fabrico da roupa branca destinada à colónia. As agulhas encontradas na caixa trabalharam entre os dedos vigorosos, senão delicados, e pode afirmar-se sem receio que o cosido o foi solidamente.

A linha não faltava, graças à ideia que Cyrus Smith teve de utilizar a que já servira para a costura do invólucro do aeróstato. Essas compridas tiras foram descosidas com uma paciência admirável por Gédéon Spilett e Harbert, pois Pencroff teve de renunciar a fazer esse trabalho, que o irritava a mais não poder. Porém, quando se tratou de coser, ninguém pôde rivalizar com ele. Ninguém ignora, com efeito, que os marinheiros têm uma notável aptidão para a profissão de costureiros.

O tecido do invólucro foi depois desengordurado por meio de soda e de potassa, obtidas pela incineração das plantas, de maneira que o algodão, sem o verniz, retomou a sua macieza e elasticidade naturais. Além disso, submetido à ação descolorante da atmosfera, adquiriu uma brancura perfeita.

Algumas dezenas de camisas e de meias — não tricotadas, é evidente, mas feitas de tecidos cosidos — foram assim preparadas. Que satisfação foi para os colonos poderem por fim vestir roupa branca — roupa muito rude sem dúvida, mas eles não se inquietavam muito com isso — e de voltarem a dormir entre lençóis, que fizeram das camas de Granite-House verdadeiras camas, finalmente.

Foi também nessa época que confeccionaram sapatos com pele de foca, que substituíram muito a propósito os sapatos trazidos da América. Pode afirmar-se que esses sapatos eram compridos e largos e nunca incomodaram os pés daqueles que os calçavam!

Com o início do ano de 1886, os calores tornaram-se persistentes, mas nos bosques a caça não diminuiu. Agutis, pecaris, cabiais, cangurus, caça com pelo e com penas pululava verdadeiramente nos bosques e Spilett e Harbert eram verdadeiramente bons caçadores para falharem um tiro.

Cyrus Smith recomendava-lhes sempre que poupassem as munições, e tomou medidas para substituir a pólvora e o chumbo que tinham sido encontrados na caixa e que ele queria reservar para o futuro. Sabia ele, com efeito, para onde o acaso o lançaria, a si e aos seus, no caso de deixarem o seu domínio? Era preciso portanto prever todas as necessidades que poderiam surgir e poupar as munições, substituindo-as por outras substâncias facilmente renováveis.

Para substituir o chumbo, de que Cyrus Smith não encontrara qualquer rasto na ilha, utilizou sem grande desvantagem o ferro granulado, que era fácil de fabricar. Como não tinham o peso dos grãos de chumbo, teve de fazer o granulado mais grosso, e cada carga continha menos, mas a habilidade dos caçadores supriu esse defeito. Quanto à pólvora, Cyrus Smith teria podido fazê-la, pois tinha à sua disposição salitre, enxofre e carvão; mas a sua preparação requer cuidados extremos, e, sem utensílios especiais, é difícil produzir pólvora de boa qualidade.

O engenheiro preferiu portanto fabricar piróxilo, isto é, fulminato de algodão, substância na qual o algodão não é indispensável, pois

só lá entra como celulose. Ora, a celulose não é mais do que o tecido elementar dos vegetais e encontra-se mais ou menos no estado puro não apenas no algodão, mas também nas fibras têxteis do cânhamo e do linho, no papel, na roupa velha, na medula do sabugueiro, etc. Ora, precisamente, os sabugueiros abundavam na ilha, perto da embocadura do Creek Vermelho, e os colonos costumavam utilizar as bagas para fazer uma espécie de café.

Assim, quanto à medula do sabugueiro, isto é, a celulose, bastava recolhê-la, e, quanto à outra substância necessária ao fabrico do piróxilo, era apenas o ácido azótico fumegante. Como Cyrus Smith tinha ácido sulfúrico à disposição, podia facilmente produzir o ácido azótico, atacando o salitre, que a natureza lhe fornecia.

Resolveu então fabricar e utilizar o piróxilo, reconhecendo no entanto nele graves inconvenientes, isto é, uma grande desigualdade de efeitos, uma excessiva inflamabilidade, visto que se inflama a cento e setenta graus em vez de duzentos e quarenta, e tem enfim uma deflagração demasiado instantânea, que pode estragar as armas de fogo. Por outro lado, as vantagens do piróxilo consistiam em não se alterar com a humidade, não sujar o cano das espingardas e de ter uma força propulsora quádrupla da pólvora vulgar.

Para fabricar piróxilo bastava mergulhar durante um quarto de hora a celulose no ácido azótico «fumegante» e depois lavá-la em muitas águas e deixá-la secar. Como se vê, nada mais simples.

Contudo, Cyrus Smith tinha apenas à sua disposição ácido azótico vulgar, e não ácido azótico hidratado, isto é, um ácido que exala vapores esbranquiçados em contacto com o ar húmido; porém,

substituindo este último pelo ácido azótico vulgar, misturado na proporção de três volumes para cinco volumes de ácido sulfúrico concentrado, o engenheiro devia obter o mesmo resultado, e obteve-o. Os caçadores da ilha teriam portanto à sua disposição uma substância perfeitamente preparada, e que, utilizada com cuidado, daria excelentes resultados.

Aproximadamente nessa época, os colonos desbravaram três acres¹⁶ do planalto da Grande Vista, e o resto foi conservado no estado de planícies para terem pastos para os *onaggas*. Foram feitas várias excursões à floresta do Jacamar e à do Far West, e trouxeram de lá uma verdadeira colheita de vegetais selvagens, como espinafres, chicória, agriões, que uma cultura inteligente iria em breve modificar, e que iam diversificar o regime de alimentação azotada à qual tinham estado submetidos os colonos da ilha Lincoln. Trouxeram também notáveis quantidades de carvão e de madeira. Cada excursão era, ao mesmo tempo, uma maneira de melhorar os caminhos, cujos leitos se iam alisando a pouco e pouco sob as largas rodas do carro.

A tapada continuava a fornecer o seu contingente de coelhos para os hóspedes de Granite-House. Como se encontrava situada ou pouco distante do ponto do Creek Glicerina, os seus habitantes não podiam entrar no planalto reservado, nem danificar, por consequência, as plantações recentemente feitas. Quanto à ostreira, colocada no meio dos rochedos da praia e sendo os seus produtos frequentemente renovados, dava diariamente excelentes moluscos. Além disso, a pesca, quer nas águas do lago, quer no rio das Mercês, não tardou a ser frutuosa, pois Pencroff instalara linhas de fundo, armadas de anzóis de ferro, aos quais se agarravam

frequentemente belas trutas e certos peixes extremamente saborosos, cujos dorsos prateados estavam salpicados de pequenas manchas amareladas. Desse modo, mestre Nab, encarregado dos cuidados culinários, podia variar agradavelmente a ementa de cada refeição. Só o pão faltava ainda na mesa dos colonos, e, como dissemos, era uma privação à qual eles eram verdadeiramente sensíveis.

Por essa época fizeram também caça às tartarugas marinhas, que frequentavam as praias do cabo Mandíbula. Nesse local, a praia estava cheia de pequenas elevações, que encerravam os ovos perfeitamente esféricos, de casca branca e dura, e cuja albumina tem a particularidade de não coagular, como a dos ovos das aves. Era o sol que se encarregava de os chocar, e o seu número era naturalmente muito considerável, visto que cada tartaruga pode pôr anualmente até duzentos e cinquenta ovos.

— Um verdadeiro campo de ovos — observou Gédéon Spilett —, e basta apenas colhê-los.

No entanto, os colonos não se contentaram com os produtos: deram caça aos produtores, o que lhes permitiu levarem para Granite-House uma dúzia desses quelónios, verdadeiramente preciosos do ponto de vista alimentar. A sopa de tartaruga, temperada com ervas aromáticas e acrescentada com algumas crucíferas, fez com que mestre Nab, seu preparador, fosse muitas vezes elogiado.

Deve também mencionar-se aqui uma feliz circunstância, que permitiu fazer novas reservas para o inverno.

Os salmões entraram aos cardumes no rio das Mercês e subiram o seu curso durante várias milhas. Era a época em que as fêmeas,

procurando um lugar conveniente para desovar, precediam os machos e faziam muito barulho nas águas doces do rio. Um milhar desses peixes, que chegavam a medir dois pés e meio de comprimento, entrou assim no rio, e bastou instalar algumas barragens para apanhar uma grande quantidade deles. Apanharam algumas centenas, que foram salgadas e postas de reserva para o inverno, pois o frio, gelando todos os rios, tornava a pesca impraticável.

Nessa época, o inteligente *Jup* foi elevado à categoria de criado de quarto. Tinham-lhe vestido uma jaqueta, umas calças curtas de tecido branco e um avental cujos bolsos faziam a sua felicidade, pois enfiava lá as mãos e não admitia que ninguém lá mexesse. O hábil orangotango fora admiravelmente amestrado por Nab e dir-se-ia que o negro e o macaco se compreendiam quando conversavam. *Jup* sentia de facto por Nab uma real simpatia, e Nab devolvia-lhe essa amizade. Se não precisavam dos serviços dele para transportar pedra, madeira, ou para trepar a qualquer árvore, *Jup* passava a maior parte do seu tempo na cozinha, procurando imitar Nab em tudo o que o via fazer. O professor mostrava, de resto, uma paciência extrema em ensinar o seu aluno, e este denotava grande interesse em aproveitar as lições do mestre.

Que se imagine a satisfação que *Jup* deu aos convivas de Granite-House quando, de guardanapo no braço, apareceu a servir à mesa. Hábil, atento, desempenhou-se do seu serviço com perfeição, mudando os pratos, trazendo as travessas, servindo as bebidas, e tudo isso com uma gravidade que divertiu imensamente os colonos, causando o entusiasmo de Pencroff.

— *Jup*, traz a sopa!

— *Jup*, um pouco de aguti!

— *Jup*, um prato!

— Bravo *Jup*! Valente *Jup*!

Só se ouvia isto, e *Jup*, sem nunca se desconcertar, atendia a tudo, velava por tudo, abanando a sua cabeça inteligente quando Pencroff, voltando à sua brincadeira do primeiro dia, lhe disse:

— Decididamente, *Jup*, temos de duplicar o teu salário!

Escusado será dizer que o orangotango estava completamente aclimatado a Granite-House, e que acompanhava muitas vezes os seus donos à floresta, sem nunca manifestar qualquer desejo de fugir. Era vê-lo caminhar com uma bengala que Pencroff lhe fizera, e que ele usava ao ombro, como uma espingarda. Se queriam apanhar algum fruto no alto de uma árvore, como ele trepava depressa lá acima! Se a roda do carro se atolava, com que vigor *Jup*, com uma só sacudidela, a fazia sair do atoleiro!

— Que rapagão! — exclamava muitas vezes Pencroff. — Se lhe desse para ser tão mau como é bom, seria difícil dominá-lo!

Foi por volta dos fins de janeiro que os colonos iniciaram os grandes trabalhos na parte central da ilha. Fora decidido que perto da nascente do Creek Vermelho, junto do monte Franklin, seria instalado um curral, destinado aos ruminantes, cuja presença seria incomodativa em Granite-House, e especialmente a desses cabritos-monteses que deviam fornecer a lã necessária para a roupa de inverno.

Todas as manhãs, a colónia, muitas vezes com todos os seus elementos e outras representada apenas por Cyrus Smith, Harbert e Pencroff, se dirigia à nascente do *creek*, e, com a ajuda dos *onaggas*, tal deslocação não passava de um simples passeio de cinco

milhas, sob uma abóbada de verdura, através da estrada recentemente traçada e que tinha o nome de «estrada do Curral».

Fora escolhida ali uma vasta extensão, abrigada pelo cume da montanha. Era uma planície, cheia de grupos de árvores, situada mesmo junto de um contraforte que a fechava por um lado. Um riozinho nascido nas suas encostas regava-a em diagonal e ia perder-se no Creek Vermelho. A erva era fresca e as árvores que cresciam aqui e ali permitiam que o ar circulasse livremente à sua superfície. Bastava portanto rodear a dita planície por uma paliçada circular, que iria apoiar-se dos dois lados no contraforte, bastante elevada para que os animais, mesmo os mais ágeis, não a pudessem transpor.

Esse recinto poderia conter, ao mesmo tempo que uma centena de animais de chifres, cabritos-monteses e cabras selvagens, com as crias que viessem a nascer mais tarde.

O perímetro do curral foi traçado pelo engenheiro, e tiveram de abater as árvores necessárias para a construção da paliçada; mas como a abertura da estrada fizera com que muitas árvores fossem sacrificadas, os seus troncos foram transportados para ali e forneceram uma centena de estacas, que foram solidamente implantadas no solo.

Na parte anterior da paliçada, foi feita uma abertura bastante larga, fechada por duas portas feitas de fortes tábuas, que deviam ser reforçadas por duas barras exteriores.

A construção desse curral não levava menos de três semanas, pois, além da paliçada, Cyrus Smith queria fazer vastos alpendres de tábuas, para que os animais tivessem onde se abrigar. De resto, as construções deviam ser feitas com extrema solidez, pois os cabritos-

monteses são animais robustos e as suas primeiras violências eram de recear. As estacas, pontiagudas nas extremidades superiores, endurecidas pelo fogo, tinham de ser presas por meio de travessas com cavilhas e, de espaços a espaços, escoras garantiam a solidez do conjunto.

Terminado o curral, tratava-se de fazer uma grande batida junto do monte Franklin, no meio das pastagens frequentadas pelos ruminantes. Esta operação foi feita no dia 7 de fevereiro, num belo dia de verão, e todos os colonos nela tomaram parte. Os dois *onaggas*, bem domesticados e montados por Gédéon Spilett e Harbert, prestaram grandes serviços nessa ocasião.

A manobra consistia apenas em apanhar os cabritos-monteses e as cabras, apertando a pouco e pouco o círculo em seu redor. Assim, Cyrus Smith, Nab, Pencroff e *Jup* colocaram-se em diversos pontos do bosque, enquanto os dois cavaleiros e *Top* galopavam num raio de meia milha em redor do curral.

Os cabritos-monteses eram numerosos nessa região da ilha. Esses belos animais, grandes como antílopes, com os cornos mais fortes do que os dos carneiros, com a lã acinzentada, de pelos compridos, assemelhavam-se a *argalis*.

Foi fatigante, esse dia de caça! Idas e vindas, correrias, gritos! De uma centena de cabritos-monteses que foram cercados, cerca de dois terços escaparam aos batedores, mas finalmente uns trinta destes animais e uma dezena de cabras selvagens foram empurradas para dentro do curral, cuja porta aberta parecia oferecer-lhes uma saída, podendo assim ser aprisionados.

O resultado final foi bastante satisfatório, e os colonos não se queixaram da caçada. A maior parte desses cabritos-monteses eram

fêmeas, das quais algumas não tardariam a ter crias. Era portanto certo que o rebanho aumentaria, e que não só a lã, mas também as peles, abundariam numa altura não muito distante.

Nessa noite, os caçadores voltaram extenuados a Granite-House. No entanto, no dia seguinte, não deixaram de ir visitar o curral. Os prisioneiros tinham tentado deitar abaixo a paliçada, mas, não o tendo conseguido, foram-se acalmando pouco a pouco.

Durante o mês de fevereiro não se passou qualquer acontecimento de importância. Os trabalhos diários prosseguiram com método, e, ao mesmo tempo que eram melhoradas as estradas do curral e do porto Balão, foi iniciada uma terceira, que, partindo do planalto fechado, se dirigia para a costa ocidental. A parte ainda desconhecida da ilha Lincoln continuava a ser a dos grandes bosques que cobriam a península Serpentina, onde se abrigavam as feras, que Gédéon Spilett pensava em expulsar dos seus domínios.

Antes que a estação fria começasse, foram prestados os maiores cuidados à cultura das plantas selvagens transplantadas da floresta para o planalto da Grande Vista. Harbert nunca voltava de uma excursão sem trazer quaisquer vegetais úteis. Um dia, eram exemplares da família das chicoriáceas, cujos grãos podiam fornecer, por meio de pressão, um óleo excelente; outras vezes era a vulgar azeda, cujas propriedades antiescorbúticas não eram de desprezar, depois alguns desses preciosos tubérculos que desde sempre se cultivaram na América Meridional, batatas das quais existem hoje mais de duzentas espécies. A horta, bem tratada, bem regada e bem defendida contra os pássaros, estava dividida em pequenos talhões, onde cresciam azedas, agriões, alfaces, uma certa variedade de batatas e outras crucíferas. A terra, naquele planalto, era

prodigiosamente fértil, e podiam esperar que as colheitas fossem abundantes.

As bebidas variadas também não faltavam, e, com a condição de não exigirem vinho, os mais exigentes não deviam queixar-se. Ao chá de Oswego e ao licor fermentado extraído das raízes do dragueiro, juntara Cyrus Smith uma verdadeira cerveja. Fabricara-a com os rebentos novos da *Abies nigra*, que, depois de fervida e fermentada, dava essa bebida agradável e especialmente higiênica a que os Anglo-Americanos chamam *spring-beer*, isto é, cerveja de pinheiro.

No fim do verão, a capoeira possuía um belo casal de abetardas, pertencentes à espécie das *hubaras*, caracterizada por uma espécie de mantelete de penas, uma dúzia de patos-trombeteiros, cuja mandíbula superior é prolongada dos dois lados por um apêndice membranoso, e galos magníficos, de crista negra, com monco, semelhantes aos galos de Moçambique, que se pavoneavam nas margens do lago.

Assim tudo ia progredindo, graças à atividade desses homens corajosos e inteligentes. A Providência fazia muito por eles, sem dúvida, mas, fiéis ao grande preceito, eles ajudavam-se a si próprios primeiro, e o Céu ajudava-os em seguida.

Depois dos quentes dias de verão, à noitinha, quando os trabalhos já tinham terminado, eles gostavam de se sentar na orla do planalto da Grande Vista, numa espécie de varanda coberta de plantas trepadeiras, que Nab plantara com as suas próprias mãos. Ali conversavam e se instruíam uns aos outros, faziam planos, e o contínuo bom humor do marinheiro alegrava constantemente esse pequeno mundo, no qual a mais perfeita harmonia reinara sempre.

Falavam do seu país, da querida e grande América. Como estaria a Guerra de Secessão? Não poderia ter-se prolongado! Certamente Richmond caíra rapidamente nas mãos do general Grant! A conquista da capital dos confederados devia ter sido o último ato dessa luta funesta! O Norte tinha com certeza triunfado e com ele a boa causa. Ah! Como um jornal seria bem recebido pelos exilados de Granite-House! Há onze meses que toda a comunicação entre eles e o resto da humanidade fora interrompida, e, daí a pouco, no dia 24 de março, seria o aniversário do dia em que o balão os lançara para aquela costa desconhecida! Eles eram então apenas náufragos, não sabendo sequer se poderiam disputar aos elementos a sua miserável vida! E agora, graças ao saber do seu chefe, graças à sua própria inteligência, eram verdadeiros colonos, com armas, ferramentas, utensílios, que tinham sabido transformar em seu proveito os animais, as plantas e os minerais da ilha, isto é, os três reinos da natureza!

Sim, conversavam muitas vezes a respeito de todas essas coisas e formavam muitos projetos de futuro!

Quanto a Cyrus Smith, silencioso a maior parte do tempo, preferia ouvir os companheiros. Por vezes sorria ao ouvir alguma reflexão de Harbert ou algum disparate de Pencroff, mas sempre e em toda a parte, pensava nesse estranho enigma, cujo segredo ainda não desvendara!

Capítulo 9

O tempo mudou muito durante a primeira semana de março. Fora lua cheia no princípio do mês e os calores continuavam a ser excessivos. Sentia-se que a atmosfera estava impregnada de eletricidade e era de recear um período mais ou menos longo de mau tempo.

Com efeito, no dia 2, o trovão fez-se ouvir com extrema violência. O vento soprava de leste e o granizo batia diretamente na fachada de Granite-House, fustigando-a como se fosse metralha. Foi preciso fechar hermeticamente porta e janelas, pois de outro modo ficaria tudo inundado no interior dos quartos.

Vendo cair a saraivada de granizo, cujas pedras chegavam a ter o tamanho de ovos de pomba, Pencroff tinha apenas uma ideia: era que o seu campo de trigo corria os mais sérios perigos.

Correu imediatamente para o local, onde as espigas já começavam a despontar com a sua cabecinha verde, e com um grande bocado de tecido conseguiu proteger a sua colheita. Foi lapidado em vez dela, mas não se queixou.

O mau tempo durou oito dias, durante os quais o trovão não deixou de rugir surdamente nas profundezas do céu. Entre duas borrascas continuavam a ouvi-lo ao longe, para além dos limites do horizonte, depois recomeçava, com novo furor. O céu era rasgado por relâmpagos e o raio atingiu várias árvores da ilha, entre as quais um enorme pinheiro que se erguia junto do lago, na orla da floresta. Também por duas ou três vezes o areal foi atingido pelo fluido elétrico, que fundiu a areia e a vitrificou. Ao observar o seu fulgor, o

engenheiro pensou que talvez fosse possível proteger as janelas com vidraças espessas e sólidas, que as resguardassem do vento, da chuva e do granizo.

Não tendo quaisquer trabalhos urgentes a executar fora de Granite-House, os colonos aproveitaram o mau tempo para trabalhar no interior de Granite-House, cujo arranjo se completava e se aperfeiçoava de dia para dia. O engenheiro instalou um torno para a confecção de alguns objetos de *toilette* ou de cozinha, e especialmente de botões, cuja falta se fazia sentir. Um armeiro tinha sido preparado para as espingardas, que eram cuidadosamente tratadas, e nem as prateleiras, nem os armários deixavam a desejar. Serravam, aplainavam, limavam, e durante todo esse período de mau tempo só se ouvia o ranger das ferramentas, que respondia aos rugidos do trovão.

Mestre *Jup* não fora esquecido e ocupava um quarto à parte, junto do armazém, uma espécie de cabina com o seu catre sempre com feno fresco, que lhe convinha perfeitamente.

— Com este bom *Jup*, nunca há recriminações — repetia muitas vezes Pencroff. — Nunca há respostas inconvenientes! Que criado, Nab!

— Meu aluno — respondia Nab —, e em breve meu igual!

— Teu superior! — respondia Pencroff rindo —; pois tu falas e ele não!

Não é preciso dizer que *Jup* estava agora ao corrente do serviço. Sacudia as roupas, fazia girar o espeto, varria os quartos, servia à mesa, arrumava a madeira e — pormenor que encantava Pencroff — nunca se deitava sem primeiro ir aconchegar a roupa da cama ao marinheiro.

Quanto à saúde dos membros da colônia, bípedes ou não, quadrúpedes ou quadrúmanos, não deixava nada a desejar. A vida ao ar livre, sobre aquele solo salubre, naquela zona temperada, trabalhando com a cabeça e com as mãos, não podiam crer que a doença os atingisse.

Todos se sentiam maravilhosamente bem, com efeito. Harbert crescera duas polegadas num ano. A sua figura formava-se e ele ia-se tornando mais másculo, prometendo vir a ser um homem perfeito, tanto física como moralmente. De resto, aproveitava todo o tempo que as suas ocupações manuais lhe deixavam livre para se instruir. Lia os livros encontrados na caixa, e, além das lições práticas que recebia todos os dias no trabalho, tinha no engenheiro, quanto às ciências, e no repórter, para as línguas, dois professores que gostavam de completar a sua educação.

A ideia do engenheiro era transmitir ao jovem Harbert tudo o que sabia, instruindo-o tanto pelo exemplo como pelas palavras, e Harbert aproveitava largamente as lições do seu professor.

«Se eu morrer», pensava Cyrus Smith, «ele é que me substituirá!»

A tempestade terminou no dia 9 de março, mas o céu continuou nublado durante todo esse último mês de verão. A atmosfera, violentamente perturbada e carregada de eletricidade, não voltou a recuperar a sua pureza anterior e houve quase invariavelmente chuvas e nevoeiros, a não ser em três ou quatro dias bonitos, que favoreceram todo o género de excursões.

Mais ou menos nessa época, o *onagga* fêmea deu à luz uma cria pertencente ao mesmo sexo da mãe, o que era uma maravilha. No curral também houve, nas mesmas circunstâncias, aumento dos

rebanhos, e muitos cordeiros baliavam nos telheiros, para grande alegria de Nab e de Harbert, que tinham os seus preferidos entre os recém-nascidos.

Tentaram também domesticar alguns peccaris, o que resultou plenamente. Foi construído um chiqueiro junto da capoeira e em breve se viram nele muitos filhotes em vias de se civilizarem, isto é, de engordarem graças aos cuidados de Nab. Mestre *Jup*, encarregado de lhes levar diariamente os alimentos, restos de comida, etc., desempenhava conscienciosamente a sua tarefa. Às vezes, divertia-se à custa dos pequenos hóspedes do chiqueiro e puxava-lhes pelas caudas, mas era por brincadeira e não por maldade, pois aquelas pequenas caudas torcidas divertiam-no e o seu instinto era como o de uma criança.

Num dia desse mês de março, Pencroff, conversando com o engenheiro, lembrou-lhe uma promessa que este ainda não tivera tempo de cumprir.

— Tinha-me falado de um aparelho que suprimiria as compridas escadas de Granite-House, senhor Cyrus — disse ele. — Não quer instalá-lo qualquer dia?

— Está a falar de um ascensor? — perguntou Cyrus Smith.

— Se quiser dar-lhe esse nome. O nome não interessa desde que nos leve sem fadiga para casa.

— Nada mais fácil, Pencroff, mas será realmente útil?

— Claro que é, senhor Cyrus. Depois de termos o necessário pensemos um pouco no conforto. Para as pessoas, será um luxo, se quiser, mas para as coisas é indispensável! Não é muito cómodo subir tantas escadas pesadamente carregado!

— Pois bem, Pencroff, vou tentar contentá-lo — respondeu Cyrus Smith.

— Mas não tem nenhuma máquina à sua disposição.

— Faremos uma.

— Uma máquina a vapor?

— Não. Uma máquina de água.

E, com efeito, para manobrar o seu aparelho, havia uma força natural à disposição do engenheiro, e que ele poderia utilizar sem grande dificuldade. Para isso bastava aumentar o caudal de água do pequeno desvio feito no lago e que fornecia água para o interior de Granite-House. O orifício arranjado entre as pedras e as ervas, na extremidade superior do escoadouro, foi portanto aumentado, o que produziu, ao fundo do corredor, uma forte queda de água, cujo excesso saía pelo poço interior. Abaixo dessa queda, o engenheiro instalou um cilindro com pás ligado ao exterior com uma roda, onde era enrolado um grosso cabo na extremidade do qual havia um cesto. Desse modo, por meio de uma comprida corda que caía até ao solo e permitia embraiar ou desembraiar o motor hidráulico, podia-se subir, dentro do cesto, até à porta de Granite-House.

Foi no dia 17 de março que, com satisfação de todos, o ascensor funcionou pela primeira vez. Daí em diante, fardos, madeira, carvão, provisões e os próprios colonos passaram a ser transportados por esse sistema tão simples, que substituiu a escada primitiva o que ninguém se lembrou de lamentar. *Top* mostrou-se especialmente encantado com esse melhoramento, pois não conseguia ter a agilidade de mestre *Jup* para subir as escadas, e a maior parte das vezes era às costas de Nab, ou de *Jup*, que ele subia a Granite-House.

Também nessa época, Cyrus Smith tentou fabricar vidro, e teve antes de mais de tornar o antigo forno de oleiro apropriado para o fabrico do vidro. O projeto apresentava à partida grandes dificuldades; mas após várias tentativas infrutíferas, o engenheiro acabou por conseguir montar uma oficina de vidraria, que Gédéon Spilett e Harbert, os ajudantes naturais do engenheiro, não deixaram durante vários dias.

Quanto às substâncias que entram no fabrico do vidro, são apenas a areia, giz e soda (carbonato ou sulfato). Ora, as margens forneciam a areia, a cal e o giz; as plantas marinhas davam a soda, as pirites o ácido sulfúrico e o solo fornecia a hulha para aquecer o forno à temperatura desejada. Cyrus Smith tinha, portanto, as condições necessárias para poder pôr em prática o seu intento.

A ferramenta mais difícil de arranjar foi a vara do vidreiro, tubo de ferro com o comprimento de cinco a seis pés, que serve para recolher numa das suas extremidades o material mantido em estado de fusão. Mas com uma tira de ferro, comprida e delgada, que foi enrolada como um cano de espingarda, Pencroff conseguiu fabricar essa vara, que em breve ficou em estado de funcionar.

No dia 28 de março, o forno foi bem aquecido. Cem partes de areia, trinta e cinco de giz, quarenta de sulfato de soda, misturadas com duas ou três partes de carvão em pó, compunham a substância, que foi colocada nos cadinhos de terracota. Quando a elevada temperatura do forno reduziu essa substância ao estado líquido, ou, melhor, pastoso, Cyrus Smith «colheu» com a vara uma certa quantidade dessa pasta; virou-a e tomou a virar sobre uma placa de metal previamente preparada de maneira a dar-lhe a forma

conveniente, por meio do sopro. Depois passou a vara a Harbert e disse-lhe para soprar.

— Como para fazer bolas de sabão? — perguntou o rapaz.

— Exatamente — respondeu o engenheiro.

E Harbert, enchendo as bochechas de ar, soprou tanto e tão bem para dentro da vara, tendo o cuidado de a fazer girar sem cessar, que o seu sopro dilatou a massa vítrea. Outras quantidades de substância em fusão foram acrescentadas à primeira, e daí resultou em breve uma bolha que media um pé de diâmetro. Então, Cyrus Smith tirou a vara, das mãos de Harbert e, imprimindo-lhe um movimento pendular, acabou por alongar a bolha maleável, de modo a dar-lhe uma forma cilindro-cônica.

A operação havia portanto dado um cilindro de vidro terminado por duas abóbadas hemisféricas, que foram facilmente separadas com um ferro cortante molhado em água fria; depois, pelo mesmo processo, esse cilindro foi rasgado ao comprido e, após ter sido tomado maleável por meio de uma segunda operação de aquecimento, essa massa foi estendida sobre uma chapa e achatada por meio de um rolo de madeira.

A primeira vidraça estava portanto fabricada, e bastava recommençar cinquenta vezes a operação para se obter cinquenta vidraças. Desse modo, as janelas de Granite-House estariam em breve guarnecidas de placas diáfanas, talvez não muito claras, mas suficientemente transparentes.

Quanto ao fabrico de garrafas e de copos, foi apenas uma brincadeira. Aceitavam-nos, de resto, tal como eles saíam da extremidade da vara. Pencroff pedira o «favor» de soprar e era um

prazer para ele, mas soprava com tanta força que os produtos tomavam as formas mais divertidas, causando a sua admiração.

Durante uma das excursões que foram feitas nessa época, foi descoberta uma nova árvore, que veio aumentar os produtos alimentares da colônia.

Cyrus Smith e Harbert, enquanto caçavam, aventuraram-se um dia na floresta do Far West, na margem do rio das Mercês, e como sempre, o rapaz fazia mil perguntas ao engenheiro, às quais este respondia com grande satisfação. Mas com a caça passa-se o mesmo que com qualquer outra ocupação. Quando não se faz com zelo, há muitas razões para não ter êxito. Ora, como Cyrus Smith não era caçador, e, por outro lado, Harbert falava de química e de física, os cangurus, os cabiais e os agutis passavam ao alcance dos seus tiros sem serem incomodados. O dia já ia adiantado e os dois caçadores arriscavam-se a ter feito uma excursão inútil, quando Harbert, parando, soltou um grito de alegria e exclamou:

— Vê esta árvore, senhor Cyrus?

E apontava para uma árvore, ou, melhor dizendo, para um arbusto, pois compunha-se de um simples caule, revestido de uma casca escamosa, com umas folhas riscadas por pequenos veios paralelos.

— Que árvore é essa que parece uma pequena palmeira? — perguntou Cyrus Smith.

— É uma *Cycas revoluta*, cuja fotografia está no nosso dicionário de ciências naturais!

— Mas não vejo qualquer fruto neste arbusto.

— Não, senhor Cyrus — respondeu Harbert —; mas o seu tronco contém uma farinha que a natureza nos oferece já moída.

— É então a árvore-do-pão?

— Sim; é a árvore-do-pão.

— É uma descoberta preciosa, meu filho, enquanto esperamos pela nossa colheita. Mãos à obra e o céu permita que não te tenhas enganado!

Harbert não se enganara. Partiu o caule de uma *cycas*, que era composto de um tecido glandular e encerrava uma certa quantidade de medula farinácea, atravessada por filamentos lenhosos, separados por anéis da mesma substância, dispostos concentricamente. A essa fécula misturava-se um suco de sabor desagradável, mas que seria fácil extrair por pressão. Essa substância celular formava uma espécie de farinha extremamente nutritiva e cuja exportação era outrora proibida pelas leis japonesas.

Cyrus Smith e Harbert, depois de terem estudado bem as zonas do Far West onde cresciam essas *cycas*, assinalaram alguns pontos e regressaram a Granite-House, onde deram a conhecer a sua descoberta.

No dia seguinte, os colonos foram recolher essa farinha e Pencroff, cada vez mais entusiasmado com a sua ilha, disse ao engenheiro:

— Senhor Cyrus, acha que há ilhas para náufragos?

— Que quer dizer com isso, Pencroff?

— Refiro-me a ilhas especialmente criadas para se poder naufragar e onde os pobres diabos consigam sempre viver bem!

— Pode ser — respondeu o engenheiro, sorrindo.

— Deve ser verdade, senhor Cyrus, e não é menos verdade que a ilha Lincoln é uma delas.

Voltaram a Granite-House com uma ampla colheita de caules de *cycas*. O engenheiro arranhou uma prensa para extrair a esses caules o suco mucilaginoso, de sabor desagradável, que estava misturado com a fécula, e obteve uma boa quantidade de farinha, que nas mãos de Nab se transformou em bolos e em pudins. Não era ainda o verdadeiro pão, mas lá chegariam.

Nessa época a *onagga* e as ovelhas forneciam diariamente leite para ser gasto em Granite-House. O carro, ou, melhor, uma espécie de carroça leve que o substituíra, fazia frequentemente visitas ao curral, e quando era Pencroff que lá ia levava *Jup* e deixava-o conduzir, o que ele fazia estalando o chicote, com a sua inteligência habitual.

Tudo prosperava portanto, tanto no curral como em Granite-House, e verdadeiramente os colonos, a não ser pelo facto de se encontrarem longe da sua pátria, não tinham de se queixar. Estavam tão habituados àquela vida, à ilha, que não deixariam sem tristeza o seu solo hospitaleiro!

E, no entanto, o amor pelo seu país pesa tanto no coração do homem que se algum navio aparecesse repentinamente à vista da ilha, os colonos ter-lhe-iam feito sinais, e teriam partido!... Entretanto iam vivendo uma existência feliz e receavam apenas que algum acontecimento imprevisto pudesse interrompê-la.

No entanto, quem se pode gabar de ter a sorte sempre por si e de estar ao abrigo de todos os reveses?

Fosse como fosse, a ilha Lincoln, que os colonos habitavam há mais de um ano, era muitas vezes objeto das suas conversas. Um dia, porém, foi feita uma observação que mais tarde viria a acarretar graves consequências.

Era o dia 1 de abril, domingo de Páscoa, que Cyrus Smith e os seus companheiros tinham santificado pelo repouso e com a oração. O dia estivera bonito, como poderia ser um dia de outubro no hemisfério boreal.

À tardinha, depois do jantar, reuniram-se todos os colonos na varanda, na orla do planalto da Grande Vista, e vieram a noite subir no horizonte. Algumas chávenas dessa infusão de grãos de sabugueiro, preparadas por Nab, substituíam o café. Falavam da ilha e da sua situação isolada no Pacífico, quando Gédéon Spilett perguntou:

— Meu caro Cyrus, desde que possui o sextante já verificou a posição da nossa ilha?

— Não — respondeu o engenheiro.

— Mas talvez seja bom fazê-lo, com esse instrumento que é mais perfeito do que aquele que utilizou.

— Para que serve isso? — perguntou Pencroff. — A ilha está bem onde está!

— Sem dúvida — replicou Gédéon Spilett —, mas pode ter havido uma imperfeição devido aos aparelhos improvisados, e visto que é fácil verificar a exatidão...

— Tem razão, meu caro Spilett — respondeu o engenheiro —, e já devia ter feito essa verificação mais cedo, se bem que, se cometi qualquer erro, não deve ter ultrapassado os cinco graus de latitude ou longitude.

— Quem sabe? — continuou o repórter. — Quem sabe se não estamos mais perto de uma terra habitada do que julgamos?

— Amanhã sabê-lo-emos — respondeu Cyrus Smith. — E se tantas ocupações me tivessem deixado um momento de descanso, já o saberíamos.

— Bem! — exclamou Pencroff. — O senhor Cyrus é bom observador de mais para se ter enganado, e se a ilha não saiu do seu lugar está realmente onde ele a situou!

— Veremos!

No dia seguinte, utilizando o sextante, o engenheiro fez as observações necessárias para verificar as coordenadas que já obtivera, e foi este o resultado das suas operações:

A sua primeira observação dera-lhe quanto à situação da ilha Lincoln:

Em longitude oeste: de 150 a 155°;

Em latitude sul: de 30 a 35°.

A segunda observação, deu exatamente:

Em longitude oeste: 150° 30';

Em latitude sul: 34° 57'.

Portanto, apesar da imperfeição dos aparelhos improvisados, Cyrus Smith trabalhara com tanta habilidade que o seu erro não ultrapassava cinco graus.

— Agora — disse Gédéon Spilett —, visto que temos também um atlas, vejamos, meu caro Cyrus, a posição que a ilha Lincoln ocupa exatamente no Pacífico.

Harbert foi procurar o atlas, que, como sabemos, fora editado em França e que tinha portanto os nomes em francês.

O mapa do Pacífico foi aberto, e o engenheiro, com o compasso na mão, preparou-se para determinar a situação.

De súbito, com o compasso parado na mão, Cyrus Smith exclamou:

— Mas existe já uma ilha nesta zona do Pacífico!

— Uma ilha! — exclamou Pencroff.

— A nossa, sem dúvida — respondeu Gédéon Spilett.

— Não — replicou o engenheiro. — Essa ilha está situada a 153° de longitude e 37° 11' de latitude, isto é, dois graus e meio mais a oeste e dois graus mais a sul que a ilha Lincoln.

— E que ilha é essa? — perguntou Harbert.

— A ilha Tabor.

— Uma ilha importante?

— Não; é um ilhéu perdido no Pacífico e que provavelmente nunca foi visitado!

— Pois bem — disse Pencroff —, nós o visitaremos.

— Nós?

— Sim, senhor Cyrus. Construiremos um barco com ponte e eu encarrego-me de o dirigir. A que distância estamos nós dessa ilha Tabor?

— Cento e cinquenta milhas a nordeste — respondeu Cyrus Smith.

— Cento e cinquenta milhas? O que é isso. Isso faz-se em quarenta e oito horas, com bom vento!

— Mas para que serve isso? — perguntou o repórter.

— Não sei. Temos de ver!

E ficou portanto resolvido que seria construída uma embarcação, de maneira a poder ir para o mar no mês de outubro seguinte, quando voltasse a estação boa.

Capítulo 10

Quando Pencroff metia um projeto na cabeça, não o abandonava até ele ser realizado. Ora, ele queria visitar a ilha Tabor, e como para isso era necessária uma embarcação de um tamanho já apreciável, seria preciso construí-la.

O plano foi feito pelo engenheiro segundo instruções de Pencroff.

O barco mediria trinta e cinco pés de quilha e nove pés de vau — o que fazia dele um barco veloz, se os seus fundos e as suas linhas de água ficassem bem, e não deveria deslocar mais de seis pés. Teria uma ponte a todo o seu comprimento e duas escotilhas, que dariam acesso a dois camarotes divididos por um tabique. Seria aparelhado com mastro de mezena, vela de bergantim, leme de recurso, árvore de guindaste, leme e velame muito manejável. A quilha seria construída de modo a que o forro interior do navio se juntasse nos bordos, em vez de se sobrepor a eles, e quanto ao cavername seria aplicado depois de ajustado o forro interior, montado sobre falsas cavernas.

Que madeira iria ser utilizada para a construção desse barco? O olmo ou o pinheiro que abundavam na ilha? Decidiram-se pelo pinheiro, madeira um pouco «estalada» segundo a expressão dos carpinteiros, mas fácil de trabalhar, e que suporta tão bem como o olmo a imersão na água.

Combinados estes pormenores, foi resolvido que, como o regresso do tempo bom só seria daí a seis meses, apenas Cyrus Smith e Pencroff trabalhariam no barco. Gédéon Spilett e Harbert

continuariam a caçar e Nab e *Jup*, seu aprendiz, manter-se-iam ocupados nos trabalhos domésticos.

Assim, escolhidas as árvores, foram deitadas abaixo, serradas em tábuas e preparadas. Oito dias depois, na reentrância existente entre as Chaminés e a muralha, estava preparado um estaleiro; e uma quilha, com trinta e cinco pés de comprimento, munida de um cadaste atrás e de uma roda da proa à frente, estendia-se sobre a areia.

Cyrus Smith não caminhava às cegas nesse novo trabalho. Tinha conhecimentos de construção marítima como de quase todas as coisas, e desenhara primeiro a sua embarcação. De resto, era bem secundado por Pencroff, que, tendo trabalhado durante alguns anos nos estaleiros de Brooklyn, tinha prática da profissão. Só depois de sérios cálculos e muitas reflexões é que as falsas cavernas foram colocadas na quilha.

Pencroff estava entusiasmado com o seu novo trabalho e não queria abandoná-lo nem um instante.

Uma única operação teve a honra de o arrancar, mas só por um dia, ao seu estaleiro de construção. Foi a segunda colheita de trigo, que se fez no dia 15 de abril. Era um êxito, como a primeira, e dera os grãos na proporção antecipadamente calculadas.

— Cinco alqueires! — anunciou Pencroff, depois de ter medido escrupulosamente as suas riquezas.

— Cinco alqueires — respondeu o engenheiro — a cento e trinta mil grãos por alqueire, são seiscentos e cinquenta mil grãos.

— Desta vez semearmos tudo — disse o marinheiro —, menos uma pequena reserva.

— Sim, Pencroff, e se a próxima colheita for boa, e der um rendimento proporcional, teremos quatro mil alqueires.

— E comeremos pão?

— Sim, comeremos pão.

— Mas será preciso um moinho.

— Faremos esse moinho.

O terceiro campo de trigo foi portanto incomparavelmente mais extenso que os dois primeiros, e a terra, preparada com cuidado extremo, recebeu a preciosa semente. Feito isso, Pencroff voltou aos seus trabalhos.

Entretanto, Gédéon Spilett e Harbert, caçando nos arredores, aventuraram-se profundamente nas zonas ainda inexploradas da floresta do Far West, com eis suas espingardas carregadas com balas, preparados para qualquer mau encontro. Era um emaranhado tão grande de arbustos e de árvores magníficas que não tinham espaço para avançar. A exploração dessas florestas era difícil e o repórter nunca se aventurava nelas sem levar a bússola de bolso, pois o sol mal conseguia atravessar a ramaria e havia manifesta dificuldade em se orientar. Claro que a caça se tornava mais rara nesses locais, onde não tinham grande liberdade de movimentos. No entanto, mataram três grandes *kulas* durante a última quinzena de abril. Eram herbívoros que os colonos já tinham visto uma vez ao norte do lago. As suas peles foram transportadas para Granite-House e com a ajuda do ácido sulfúrico foram curtidas de maneira a ser utilizáveis. Durante essas excursões foi também feita outra descoberta que se ficou a dever a Gédéon Spilett.

Era o dia 30 de abril. Os dois caçadores entraram a sudoeste da floresta do Far West e, de repente, o repórter, que precedia Harbert,

chegou a uma espécie de clareira, na qual as árvores, mais espaçadas, deixavam penetrar os raios de sol.

Gédéon Spilett ficou surpreendido com o cheiro que exalavam certas plantas de caules direitos, cilíndricas e com ramos, que produziam flores dispostas em pequenos cachos e que davam grãosinhos muito pequenos. O repórter apanhou alguns desses arbustos e voltou para junto de Harbert, ao qual perguntou:

— Sabes o que é isto, Harbert?

— Onde encontrou essa planta, senhor Spilett?

— Ali adiante, numa clareira, onde cresce abundantemente.

— Pois bem, digo-lhe é uma descoberta que lhe dará todo o direito ao reconhecimento de Pencroff.

— É tabaco?

— Sim, e se não é de primeira qualidade, não deixa por isso de ser tabaco.

— Ah! Esse bom Pencroff vai ficar satisfeito! Mas não vai fumar tudo, que diabo! Também me há de dar uma parte!

— Uma ideia, senhor Spilett — disse Harbert —: não dizemos nada a Pencroff, preparamos as folhas e um belo dia apresentamos-lhe um cachimbo bem cheio!

— Combinado, Harbert, e nesse dia o nosso digno companheiro nada mais desejará no mundo!

O repórter e o rapaz fizeram uma boa provisão da preciosa planta e voltaram a Granite-House, onde Cyrus Smith e Nab foram, em segredo, postos ao corrente do que se passava. O marinheiro não suspeitou de nada durante o tempo, bastante considerável, que levou a preparação da planta, cujas folhas tiveram de ser secas e submetidas a uma certa torrefação sobre pedras quentes. Foram

necessários para isso dois meses e todas essas manipulações puderam ser feitas às escondidas de Pencroff porque ele se encontrava entusiasmado com a construção do barco, e só voltava para Granite-House à noite.

No entanto, o seu trabalho predileto foi interrompido uma vez, no dia 1 de maio, por uma aventura de pesca, na qual tomaram parte todos os colonos.

Há alguns dias que tinham observado no mar, duas a três milhas ao largo, um enorme animal que nadava nas águas da ilha Lincoln. Era uma baleia enorme, que devia pertencer à espécie austral, chamada «baleia do Cabo»!

— Seria uma sorte apanhá-la! — exclamou o marinheiro. — Se tivéssemos uma boa embarcação e um arpão, eu diria: «Corramos atrás do animal, que vale a pena!»

— Gostaria de o ver manobrar o arpão, Pencroff — disse o repórter. — Deve ser curioso!

— Muito curioso e não deixa de ter algum perigo — disse o engenheiro —; mas como não temos meios de atacar o animal é inútil preocuparmo-nos com ele.

— Admiro-me de ver uma baleia nesta latitude relativamente elevada — disse o repórter.

— Porquê, senhor Spilett? — perguntou Harbert.

— Estamos precisamente na zona do Pacífico que os pescadores ingleses e americanos denominam o *whale-field* («campo de baleias»), e é aqui, entre a Nova Zelândia e a América do Sul, que as baleias do hemisfério austral se encontram em maior número.

— Nada mais verdadeiro — continuou Pencroff —; e o que me surpreende é não termos visto mais baleias. Mas como não podemos

aproximar-nos delas, não interessa.

E Pencroff voltou ao seu trabalho, soltando um suspiro de aborrecimento, pois em todo o marinheiro está oculto o pescador, e se o prazer da pesca está na razão direta do volume do animal, pode imaginar-se o que um arpoador de baleias sente em presença de uma baleia!

E se fosse apenas o mero prazer da pesca! Mas tal presa seria muito útil à colónia, pois o óleo, a gordura e as barbatanas da baleia podiam ter muitas utilizações!

Ora, sucedeu que a baleia assinalada parecia não querer abandonar as águas da ilha. Quer de Granite-House, onde Nab trabalhava, quer no planalto da Grande Vista, onde Gédéon Spilett e Harbert se encontravam, continuavam a ver a baleia. O cetáceo encontrava-se na baía da União e sulcava-a desde o cabo Mandíbula até ao cabo Garra, impelida pela poderosa barbatana caudal, que fazia com que a sua velocidade atingisse por vezes as doze milhas por hora. Algumas vezes a baleia aproximava-se tanto do ilhéu que a podiam ver completamente. Era realmente a baleia austral, completamente preta, e cuja cabeça é mais achatada do que a das baleias do norte.

Viam sair também, e elevar-se a uma grande altura, uma nuvem de vapor... ou de água — pois, por mais estranho que pareça, os naturalistas ainda não chegaram a acordo a esse respeito. É água, ou vapor que a baleia expele? Admite-se geralmente que seja vapor, e que em contacto com o ar se transforme em água.

No entanto, a presença desse mamífero preocupava os colonos. Sobretudo Pencroff, que se sentia distraído do seu trabalho. Começou a desejar caçar a baleia como uma criança deseja um

brinquedo. De noite sonhou em voz alta com a baleia e se o seu barco estivesse em condições de ir para o mar, ele não teria hesitado em perseguir o enorme animal.

Contudo, aquilo que os colonos não podiam fazer, fê-lo o acaso por eles, e no dia 3 de maio, os gritos de Nab, à janela da cozinha, anunciaram que a baleia estava parada nas costas da ilha.

Harbert e o repórter, que iam partir para a caça, abandonaram as suas espingardas, Pencroff largou o machado e Cyrus Smith e Nab juntaram-se aos seus companheiros, dirigindo-se todos rapidamente para o local onde se encontrava a baleia.

O enorme cetáceo estava encalhado no areal da ponta do Destroço, a três milhas de Granite-House. Era natural que o cetáceo não pudesse libertar-se facilmente. Em todo o caso, tinham de se apressar para lhe cortarem a retirada, se fosse necessário. Levaram as suas picaretas e paus ferrados, passaram a ponte do rio das Mercês, desceram a margem direita do rio, chegaram ao areal e menos de vinte minutos depois estavam junto do enorme animal, sobre o qual esvoaçavam inúmeros pássaros.

— Que monstro! — gritou Nab.

E a expressão era justa, pois tratava-se efetivamente de uma baleia austral, de oitenta pés de comprimento, um gigante da sua espécie, que não devia pesar menos de cento e cinquenta mil libras!

Entretanto, o monstro, ali encalhado, não se mexia e não procurava sair dali, debatendo-se para tentar flutuar enquanto a maré ainda estava cheia.

Os colonos descobriram depressa a explicação da sua imobilidade, quando, na maré baixa, puderam contornar a baleia:

estava morta. Tinha um arpão enterrado no flanco, do lado esquerdo.

— Então andaram a caçar baleias nestas paragens! — exclamou imediatamente o repórter.

— Porquê? — perguntou Pencroff.

— Porque está aqui este arpão...

— Isso não quer dizer nada, senhor Spilett — disse Pencroff. — As baleias fazem às vezes milhares de milhas com um arpão espetado no flanco, e esta pode ter sido atingida no norte do Atlântico, vindo morrer no Pacífico!

— No entanto... — murmurou o repórter, a quem a explicação do marinheiro não convencera.

— Isso é perfeitamente possível — disse Cyrus Smith —; mas examinemos este arpão. Talvez, segundo um costume muito conhecido, tenha gravado nele o nome do navio.

Pencroff arrancou então o arpão que o animal tinha espetado no flanco e leu esta inscrição:

Maria Stella
Vineyard

— Um navio de Vineyard! Um navio da minha terra! — exclamou ele. — O *Maria Stella*! Um belo barco, e que eu conheço bem! Ah, meus amigos, um barco de Vineyard! Um barco de Vineyard!

E o marinheiro, brandindo o arpão, repetia comovidamente o nome que ele tinha no coração, o nome da sua terra natal!

No entanto, como seria pouco provável que o *Maria Stella* fosse reclamar a baleia arpoada por ele, resolveram proceder ao

esquartejamento do animal antes que a sua decomposição começasse. As aves de rapina já há dias que esperavam aquela rica presa e foi preciso dispersá-las a tiro.

Essa baleia era uma fêmea, cujos mamilos forneceram uma grande quantidade de um leite, que, segundo a opinião do naturalista Dieffenbach, poderia passar por leite de vaca e, com efeito, não difere dele, nem pelo gosto, nem pela cor, nem pela densidade.

Pencroff estivera outrora num barco baleeiro e pôde dirigir metodicamente a operação de esquartejamento — operação bastante desagradável, que durou três dias, mas na qual nenhum dos colonos se recusou a tomar parte, nem sequer o repórter, que, no dizer do marinheiro, acabaria por dar «um bom naufrago».

O toucinho, cortado em tiras paralelas de dois pés e meio de espessura, depois dividido em bocados que poderiam pesar mil libras cada um, foi derretido em grandes vasos transportados para o próprio local onde se procedia ao esquartejamento — pois não queriam empestar as imediações do planalto da Grande Vista — e nessa fusão perdeu cerca de um terço do seu peso. Mas havia muito mais: só a língua da baleia rendeu seis mil libras de óleo, e o lábio inferior quatro mil. Depois, com essa gordura, que asseguraria durante muito tempo a provisão de estearina e de glicerina, havia ainda as barbas, que seriam certamente utilizadas, apesar de na ilha não usarem nem coletes nem guarda-chuvas. A parte superior da boca do cetáceo tinha cerca de oitocentas barbas córneas, muito elásticas, de contextura fibrosa, colocadas dos dois lados como dois grandes pentes, cujos dentes, do comprimento de seis pés, servem

para prender os milhares de animalejos, pequenos peixes e moluscos, de que a baleia se alimenta.

Terminada a operação com grande satisfação dos colonos, os restos do animal foram abandonados aos pássaros, que fariam desaparecer todos os vestígios da baleia, e os trabalhos diários foram retomados em Granite-House.

Todavia, antes de voltar para o estaleiro de construção, Cyrus Smith teve a ideia de fabricar um certo engenho que despertou a atenção de Harbert e dos seus companheiros. Pegou numa dúzia dessas barbas da baleia, cortou-as em seis partes iguais, aguçando-as nas extremidades.

— E para que servirá isso, senhor Cyrus? — perguntou Harbert quando a operação terminou.

— Para matar lobos, raposas e mesmo jaguares — respondeu o engenheiro.

— Agora?

— Não, no inverno, quando tivermos gelo à nossa disposição.

— Não compreendo... — respondeu Harbert.

— Vais compreender, meu filho — respondeu o engenheiro. — Este engenho não foi inventado por mim: é frequentemente utilizado pelos caçadores na América russa. Estas barbas que estão a ver, meus amigos, quando houver gelo, curvá-las-ei e regá-las-ei com água até que fiquem completamente envoltas numa camada de gelo que as mantenha curvas. Depois hei de espalhá-las pela neve, escondidas sob uma camada de gordura. Ora, que sucederá a um animal esfomeado que engula uma dessas iscas? O calor do seu estômago fará derreter o gelo e a barba, esticando-se, perfura-o com as suas extremidades aguçadas.

— Que engenhoso! — exclamou Pencroff.

— Será uma maneira de poupar pólvora e balas! — disse o repórter.

— É melhor que as armadilhas!— acrescentou Nab.

— Esperemos portanto pelo inverno!

— Sim, esperemos pelo inverno!

Entretanto, a construção do barco avançava e, no fim do mês, a bordagem estava meio colocada. Já se podia reconhecer que as suas formas seriam excelentes para aguentar o mar.

Pencroff trabalhava com um ardor inigualável e só a sua robusta natureza poderia resistir a tais canseiras; mas os seus companheiros preparavam-lhe em segredo uma recompensa para tantos trabalhos, e, na noite do dia 31 de maio, ele iria sentir uma das maiores alegrias da sua vida.

Nesse dia, no fim do jantar, no momento em que ia sair da mesa, Pencroff sentiu uma mão pousar no seu ombro.

Era a mão de Gédéon Spilett, que lhe disse:

— Um instante, mestre Pencroff! Não se vá assim! Esquece a sobremesa?

— Obrigado, senhor Spilett — respondeu o marinheiro —, vou voltar para o trabalho.

— Quer uma chávena de café, meu amigo?

— Não, não quero mais.

— Então um cachimbo?

Pencroff erguera-se subitamente e fizera-se pálido, quando vira que o repórter lhe oferecia um cachimbo cheio de tabaco, e Harbert uma brasa.

O marinheiro quis articular uma palavra sem conseguir fazê-lo; mas, agarrando o cachimbo, levou-o aos lábios, depois aplicando-lhe a brasa, aspirou de seguida cinco ou seis baforadas.

Uma nuvem azulada e perfumada formou-se e, das profundezas dessa nuvem, ouviu-se uma voz delirante que repetia:

— Tabaco! Tabaco verdadeiro!

— Sim, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —, e um excelente tabaco!

— Oh! Divina Providência! Autor sagrado de todas as coisas! — exclamou o marinheiro. — Já nada falta na nossa ilha!

E Pencroff fumava, fumava, fumava!

— Quem fez esta descoberta? — perguntou o marinheiro por fim. — Foste certamente tu, Harbert?

— Não, Pencroff, foi o senhor Spilett.

— Senhor Spilett! — exclamou o marinheiro apertando contra o peito o repórter, que jamais havia sofrido tamanho aperto.

— Uff! Pencroff! — respondeu Gédéon Spilett, retomando a respiração, por momentos comprometida. — Agradeça também a Harbert, que reconheceu a planta, a Cyrus, que a preparou, e a Nab, que teve grande dificuldade em guardar segredo!

— Pois bem, meus amigos, hei de pagar-lhes isto um dia! — respondeu o marinheiro. — Agora é para a vida e para a morte!

Capítulo 11

Entretanto, o inverno ia chegando, com o mês de junho, que é o dezembro das zonas boreais, e a grande ocupação foi a confecção de vestuário quente e sólido.

Os cabritos-monteses tinham sido despojados da sua lã, e essa preciosa matéria têxtil seria transformada em tecido.

Não é preciso dizer que, não possuindo Cyrus Smith à sua disposição nem cardadeiras, nem calandras, nem fieiras, nem retorcedeiras, nem *mule-jenny*, nem *self-acting* para fiar a lã, nem teares para a tecer, teve de proceder de uma maneira mais simples, de modo a prescindir da fiação e da tecelagem. E, com efeito, ele propunha-se simplesmente a utilizar a propriedade que têm os fios de lã, quando se comprimem em todos os sentidos, de se emaranharem e de constituírem, pelo seu simples entrecruzar, esse tecido a que se chama feltro. Esse feltro podia portanto obter-se pelo simples pisoamento, operação que se diminui a leveza do tecido aumenta nomeadamente as suas propriedades conservadores de calor. Ora, precisamente, a lã fornecida pelos cabritos-monteses era composta por pedaços muito curtos, e essa é uma boa condição para a preparação do feltro.

O engenheiro, ajudado pelos seus companheiros, incluindo Pencroff — que teve de abandonar uma vez mais o seu barco —, começou as operações preliminares, que tiveram como objetivo desembaraçar a lã dessa substância oleosa e gorda de que está impregnada e a que se chama a suarda. Esse desengorduramento fez-se em cubas cheias de água à temperatura de setenta graus, e

nas quais a lã se conservou durante vinte e quatro horas; em seguida, fez-se uma lavagem a fundo por meio de banhos de soda; depois de ser suficientemente seca pela pressão, a lã ficou em estado de ser comprimida, para produzir um tecido sólido, grosseiro sem dúvida, e que não teria valor algum num centro industrial da Europa ou da América, mas que iria ser extremamente apreciada nos «mercados da ilha Lincoln».

Compreende-se que esse género de tecido deve ter sido conhecido desde as épocas mais recuadas, e, com efeito, os primeiros tecidos de lã foram fabricados pelo processo que Cyrus Smith ia utilizar.

Onde a sua qualidade de engenheiro lhe serviu muito foi na construção da máquina destinada a comprimir a lã, pois soube aproveitar habilmente a força mecânica, inutilizada até então, que possuía a queda de água do areal, para acionar um pisão.

Nada mais rudimentar: um mecanismo dentado que levantava e deixava cair sucessivamente pilões verticais em tinas destinadas a receber a lã, dentro das quais caíam os pilões; por fora uma armação inclinada contendo e ligando todo o sistema: foi essa a máquina em questão, tal como tinha sido durante séculos, até ao momento em que se teve a ideia de substituir os pilões por cilindros compressores e de submeter a matéria-prima não a uma compressão, mas a uma verdadeira laminação.

A operação, bem dirigida por Cyrus Smith, teve um verdadeiro êxito. A lã, previamente impregnada de uma solução saporífera, destinada, por um lado, a facilitar o deslizamento, a compressão e o amolecimento, e, por outro a impedir a sua alteração pelo pisoamento, saiu do pisão sob a forma de uma espessa toalha de

feltro. As estrias e asperezas de que os pedaços de lã estavam naturalmente providos tinham-se emaranhado tão bem umas nas outras que formavam um tecido tão apropriado para fazer roupas como para coberturas. Não era evidentemente nem merino, nem musselina, nem caxemira da Escócia, nem *stoff*, nem *reps*, nem cetim da China, nem de Orleães, nem alpaca, nem pano, nem flanela. Era um «feltro lincolniano», e a ilha Lincoln tinha mais uma indústria.

Os colonos tiveram portanto, além de bom vestuário, espessos cobertores, e puderam ver sem receio aproximar-se o inverno de 1866-67.

Os grandes frios começaram a fazer-se sentir verdadeiramente por volta de 20 de junho, e, com grande pena, Pencroff teve de suspender a construção do barco, que, de resto, não podia deixar de estar terminado na primavera seguinte.

A ideia fixa do marinheiro era de fazer uma viagem de reconhecimento à ilha Tabor, se bem que Cyrus Smith não aprovasse essa viagem, motivada por simples curiosidade, pois era evidente que não se poderia encontrar qualquer socorro nesse rochedo deserto e semiárido. Uma viagem de cento e cinquenta milhas num barco relativamente pequeno, no meio de mares desconhecidos, não deixava de lhe causar uma certa apreensão. Se a embarcação, uma vez ao largo, ficasse na impossibilidade de atingir Tabor e não pudesse regressar à ilha Lincoln, que lhe sucederia no meio desse oceano tão fecundo em naufrágios?

Cyrus Smith conversava muitas vezes com Pencroff a respeito desse projeto, e encontrava no marinheiro uma obstinação bastante

estranha em realizar essa viagem, obstinação de que talvez este não se apercebesse.

— Porque, enfim — disse-lhe um dia o engenheiro —, tenho de lhe dizer, meu amigo, que depois de ter dito tão bem da ilha Lincoln, depois de ter tantas vezes manifestado o desgosto que sentiria se tivesse de a abandonar, é o senhor o primeiro a querer deixá-la.

— Deixá-la apenas por alguns dias — respondeu Pencroff. — Apenas por alguns dias, senhor Cyrus! O tempo necessário para ir e voltar e ver o que é aquele ilhéu!

— Mas não pode ser tão bom como a ilha Lincoln!

— Tenho antecipada certeza disso!

— Então porque aventurar-se?

— Para saber o que se passa na ilha Tabor!

— Mas não se passa nada! Não pode passar-se nada!

— Quem sabe?

— E se é apanhado pela tempestade?

— Isso não é de temer na estação calma — respondeu Pencroff.

— Mas, senhor Cyrus, como é necessário tudo prever, pedir-lhe-ei licença para só levar comigo Harbert nessa viagem.

— Pencroff — respondeu o engenheiro, pondo a mão no ombro do marinheiro —, se lhe sucedesse alguma desgraça a si e a essa criança que o acaso tornou nosso filho, acha que alguma vez nos consolaríamos?

— Senhor Cyrus — respondeu Pencroff com uma inquebrantável confiança —, nós não lhe daremos esse desgosto. De resto, voltaremos a falar dessa viagem quando chegar a altura de a fazer. Imagino que quando vir o nosso barco bem aparelhado, bem acastelado, quando tiver observado como se comporta no mar,

quando tivermos dado a volta à nossa ilha (pois havemos de o fazer juntos), calculo que não hesitará em deixar-me partir! Não lhe escondo que o seu barco será uma verdadeira obra-prima!

— Diga pelo menos «o nosso barco», Pencroff! — respondeu o engenheiro, momentaneamente desarmado.

A conversa acabou para recomeçar mais tarde, sem convencer nem o marinheiro nem o engenheiro.

As primeiras neves começaram a cair por volta do fim do mês de junho. O curral havia sido previamente bem fornecido e não precisava de visitas quotidianas, mas foi decidido que não se deixaria passar uma semana sem lá se dirigirem.

As armadilhas foram colocadas de novo e experimentaram-se os engenhos fabricados por Cyrus Smith. As barbas de baleia, curvas, aprisionadas num invólucro de gelo e cobertas por uma espessa camada de gordura, foram colocadas na orla da floresta, no local onde os animais costumavam geralmente passar para se dirigirem ao lago.

Com grande satisfação do engenheiro, esta renovada invenção dos pescadores das Aleutas teve pleno êxito. Uma dúzia de raposas, alguns javalis e até mesmo um jaguar se deixaram prender ali, e encontraram-se esses animais mortos, com o estômago perfurado pelas barbas esticadas.

Surgiu então uma tentativa que convém contar, pois foi a primeira experiência que os colonos fizeram para tentar comunicar com os seus semelhantes.

Gédéon Spilett tinha já pensado muitas vezes em deitar ao mar um bilhete dentro de uma garrafa, que talvez as ondas levassem a uma costa habitada, ou em enviar uma mensagem presa a um

pombo. Mas como poderiam seriamente esperar que um pombo ou uma garrafa pudessem atravessar a distância que separava a ilha de qualquer terra e que era de mil e duzentas milhas? Isso teria sido pura loucura.

Mas a 30 de junho foi feita a captura, não sem grandes dificuldades, de um albatroz, que um tiro de espingarda de Harbert tinha ferido ligeiramente numa pata. Era um magnífico pássaro da família dessas aves de largo voo, cujas asas, abertas, medem dez pés e que podem atravessar mares tão grandes como o Pacífico.

Harbert bem gostaria de conservar o soberbo pássaro, cujo ferimento sarou completamente, e que ele gostaria de domesticar, mas Gédéon Spilett fez-lhe compreender que não podiam perder aquela oportunidade de tentar contactar pelo correio com as terras do Pacífico, e Harbert teve de se render, pois se o albatroz tinha vindo de alguma região habitada não deixaria de voltar para lá logo que estivesse livre.

Talvez, no fundo, Gédéon Spilett, em quem o cronista reaparecia algumas vezes, não se importasse de lançar ao acaso um comovente artigo relatando as aventuras dos colonos da ilha Lincoln! Que triunfo para o repórter titular do *New-York Herald*, e para o número que incluísse essa crónica, se ela chegasse às mãos do seu diretor, o honrado John Benett!

Gédéon Spilett redigiu portanto uma notícia sucinta, que foi colocada num saco de tela com goma, com o pedido insistente para que quem a encontrasse a fizesse chegar aos escritórios do *New-York Herald*. Esse pequeno saco foi amarrado ao pescoço do albatroz, e não a uma das suas patas, pois essas aves têm o hábito de pousar na superfície do mar para descansar; depois, devolveu-se

a liberdade a esse rápido correio do ar, e foi com uma certa emoção que os colonos o viram desaparecer ao longe nas brumas do ocidente.

— Para onde irá ele assim? — perguntou Pencroff.

— Em direção à Nova Zelândia — respondeu Harbert.

— Boa viagem! — exclamou o marinheiro, que não esperava grande coisa daquele modo de correspondência.

Com a chegada do inverno, tinham recomeçado os trabalhos no interior de Granite-House, reparação de vestuário, confeções diversas, e entre outras as velas da embarcação, que foram cortadas no inesgotável invólucro do aeróstato...

Durante o mês de julho, os frios foram intensos, mas não foram poupados nem a madeira nem o carvão. Cyrus Smith havia instalado uma segunda chaminé na grande sala e era ali que se passavam os longos serões. Conversa enquanto se trabalhava, leitura quando as mãos estavam inativas e o tempo passava com proveito para todos.

Era um verdadeiro prazer para os colonos, quando, nessa sala bem iluminada por velas, bem aquecida pelo carvão, após um jantar reconfortante, o café de sabugueiro a fumegar nas chávenas, os cachimbos exalando o seu fumo perfumado, eles ouviam a tempestade rugir lá fora! Teriam experimentado um bem-estar completo se o bem-estar pudesse existir para quem está longe dos seus semelhantes e sem comunicação possível com eles! Conversavam sempre do seu país, dos amigos que tinham deixado, da grandeza da República americana, cuja influência só podia aumentar, e Cyrus Smith, que tinha estado muito ligado aos assuntos da União, interessava vivamente os seus auditores com as suas narrativas, os seus cálculos e os seus prognósticos.

Um dia, Gédéon Spilett foi levado a dizer-lhe:

— Mas enfim, meu caro Cyrus, todo esse movimento industrial e comercial, para o qual você prediz um progresso constante, não corre o risco de ser absolutamente detido mais cedo ou mais tarde?

— Detido? E porquê?

— Pela falta desse carvão, por exemplo, que se pode justamente chamar o mais precioso dos minerais!

— Sim, o mais precioso, com efeito — respondeu o engenheiro —, e parece que a natureza quis determinar que ele o era de facto, fazendo o diamante, que é unicamente carbono puro cristalizado.

— Não quer dizer, senhor Cyrus — replicou Pencroff —, que se passará a queimar diamantes em vez de carvão nas caldeiras?

— Não, meu amigo — respondeu Cyrus Smith.

— No entanto, insisto — tornou Gédéon Spilett. — Não nega certamente que um dia o carvão será inteiramente consumido?

— Oh! Os jazigos de hulha são ainda consideráveis, e os cem mil operários que deles tiram anualmente cem milhões de quintais métricos estão longe de os ter esgotado!

— Com a crescente proporção do consumo do carvão de pedra — respondeu Gédéon Spilett —, pode prever-se que esses cem mil operários serão em breve duzentos mil e que a extração será duplicada.

— Sem dúvida; mas depois dos jazigos da Europa, que novas máquinas permitirão em breve explorar mais a fundo, os jazigos de hulha da América e da Austrália fornecerão ainda durante muito tempo o carvão necessário para o consumo da indústria.

— Quanto tempo? — perguntou o repórter.

— Pelo menos duzentos e cinquenta ou trezentos anos.

— É tranquilizador para nós — respondeu Pencroff —, mas inquietante para a nossa descendência!

— hão de arranjar outra coisa — disse Harbert.

— Bem o podemos esperar — respondeu Gédéon Spilett —, pois sem carvão não andam as máquinas, e sem máquinas não há fábricas, nem caminho de ferro, nem barcos a vapor, nem nada daquilo que o progresso da vida moderna exige!

— Mas que arranjarão? — perguntou Pencroff. — É capaz de imaginar, senhor Cyrus?

— Mais ou menos, meu amigo.

— Então o que é que queimarão em vez do carvão?

— Água — respondeu Cyrus Smith.

— Água — exclamou Pencroff. — Água para aquecer os barcos a vapor e as locomotivas. Água para aquecer água!

— Sim, mas a água decomposta nos elementos que a constituem — replicou Cyrus Smith —; e decomposta sem dúvida pela eletricidade, que se terá tornado então uma força potente e manejável, pois todas as grandes descobertas, por uma lei inexplicável, parecem concordar e completar-se no mesmo momento. Sim, meus amigos. Creio que a água será um dia utilizada como combustível, que o hidrogénio e o oxigénio que a constituem, utilizados isolada ou simultaneamente, fornecerão uma fonte de calor e de luz inesgotáveis e de uma intensidade que a hulha não tem. Um dia, os paíóis dos *steamers* e os tênderes das locomotivas usarão, em vez de carvão, esses gases comprimidos, que proporcionarão uma enorme força calorífica. Portanto, não há nada a temer. Enquanto a Terra for habitada, fornecerá em vez de carvão, esses gases comprimidos, que proporcionarão uma enorme força

calorífera. Portanto, não há nada a temer. Enquanto a Terra for habitada, fornecerá o indispensável às necessidades dos seus habitantes, e nunca lhes faltarão nem a luz nem o calor, assim como não faltarão os produtos do reino vegetal, mineral ou animal. Assim, creio que quando os jazigos de hulha estiverem esgotados aquecer-se-á e ser-se-á aquecido com água. A água é o carvão do futuro.

— Gostaria de ver isso — disse o marinheiro.

— Levantaste-te cedo de mais, Pencroff — respondeu Nab, que só interveio na discussão com essas palavras.

Todavia, não foram as palavras de Nab que terminaram a conversa, mas os latidos de *Top*, que se ouviram de novo com essa entoação estranha que já preocupara o engenheiro. Ao mesmo tempo, *Top* tinha recomeçado a andar à volta do orifício do poço, que se abria na extremidade do corredor interior.

— Que é que *Top* tem para ladrar assim? — perguntou Pencroff.

— E *Jup* para resmungar desse modo? — acrescentou Harbert.

Com efeito, o orangotango, juntando-se ao cão, mostrava inequívocos sinais de agitação, e, pormenor singular, esses dois animais pareciam mais inquietos que irritados.

— É evidente — disse Gédéon Spilett — que esse poço se encontra em comunicação direta com o mar, e que de tempos a tempos qualquer animal marinho vem respirar lá no fundo.

— Sem dúvida — respondeu o marinheiro —, e não há outra explicação a dar... Vamos, silêncio, *Top* — acrescentou Pencroff, voltando-se para o cão —, e tu, *Jup*, vai para o teu quarto!

O macaco e o cão calaram-se. *Jup* voltou para o seu quarto e *Top* ficou na sala, continuando, porém, a fazer ouvir as surdas rosnadelas durante toda a noite.

Não se falou mais do incidente que, no entanto, ensombrou o rosto do engenheiro.

Durante o resto do mês de julho houve alternativas de frio e de chuva. A temperatura não baixou tanto como durante o inverno precedente, e a mínima não ultrapassou oito graus Fahrenheit (13,33 graus centígrados negativos). Mas se esse inverno se mostrou menos frio, foi em contrapartida mais perturbado pelas tempestades e pelas ventanias. Houve também violentos assaltos do mar, que comprometeram mais de uma vez as Chaminés. Era de crer que um maremoto, provocado por alguma agitação submarina, erguia essas ondas monstruosas e as precipitava sobre as muralhas de Granite-House.

Quando os colonos, debruçados às suas janelas, observavam essas enormes massas de água que se quebravam sob os seus olhos, não podiam deixar de admirar o magnífico espetáculo desse impotente furor do oceano. As ondas saltavam transformadas em espuma deslumbrante, a praia inteira desaparecia sob essa raivosa inundação e o maciço parecia emergir do próprio mar, cujos salpicos se erguiam a uma altura de mais de cem pés.

Durante essas tempestades, era difícil aventurarem-se pelos caminhos da ilha, mesmo perigoso, pois frequentemente caíam árvores, derrubadas pelo vento. No entanto, os colonos nunca deixaram passar mais de uma semana sem irem visitar o curral. Felizmente, esse recinto, abrigado pelo contraforte sudeste do monte Franklin, não sofria muito com a violência do furacão, que lhe poupou as árvores, os telheiros e a paliçada. Mas a capoeira, instalada na planura da Grande Vista, e, por consequência, diretamente exposta aos golpes do vento de leste, sofreu estragos

bastante consideráveis. O pombal foi destelhado duas vezes e a cancela também foi arrancada. Houve que se fazer arranjos de uma maneira mais sólida, pois, como viam claramente, a ilha Lincoln estava situada numa das piores paragens do Pacífico. Parecia verdadeiramente que formava o ponto central de vastos ciclones, que a fustigavam como o cordel faz com o pião. No entanto, ali era o pião que estava parado e o cordel que girava.

Durante a primeira semana do mês de agosto, as rajadas de vento foram-se apaziguando a pouco e pouco, e a atmosfera recuperou uma calma que parecia ter perdido para sempre. Com a acalmia, a temperatura baixou e o frio voltou a ser muito intenso, e o termómetro desceu para oito graus Fahrenheit abaixo de zero (vinte e dois graus centígrados negativos).

A 3 de agosto, levou-se a efeito uma excursão, projetada desde há alguns dias, ao sudeste da ilha, em direção ao charco dos Patos-Reais. Os caçadores eram tentados por toda a caça aquática, que ali procurava refúgio no inverno. Gansos selvagens, narcejas, patos-bravos, cercetas, mergulhões abundavam nas redondezas, e foi decidido que o dia seria consagrado a uma expedição contra essas aves.

Não só Gédéon Spilett e Harbert, mas também Pencroff e Nab tomaram parte na expedição. Apenas Cyrus Smith, pretextando qualquer trabalho, não se juntou a eles e ficou em Granite-House.

Os caçadores tomaram, portanto, o caminho do porto Balão para se dirigirem ao charco, depois de terem prometido regressar à noite. *Top e Jup* acompanhavam-nos. Logo que passaram a ponte do rio das Mercês, o engenheiro levantou-se com a intenção de pôr em execução um projeto para o qual desejava estar só.

Ora, esse projeto era o de explorar minuciosamente esse poço interior, cuja abertura se encontrava ao nível do corredor de Granite-House, e que comunicava com o mar, visto que outrora servia de passagem para as águas do lago.

Por que andaria tantas vezes *Top* à volta dessa abertura? Por que solitaria tão estranhos latidos, quando uma espécie de inquietação o levava para junto desse poço? Por que razão *Jup* se juntara a *Top* numa certa ansiedade comum? Teria esse poço outros ramais além da comunicação vertical com o mar? Ramificar-se-ia para outros lados da ilha? Era isso que Cyrus Smith queria saber, e, primeiro, ser ele só a saber. Tinha portanto resolvido tentar a exploração do poço durante a ausência dos seus companheiros e finalmente apresentara-se ocasião para o fazer.

Era fácil descer até ao fundo do poço empregando a escada de corda, que não voltara a servir desde a instalação do ascensor, e cujo comprimento era suficiente. Foi o que fez o engenheiro. Arrastou a escada até esse buraco, cujo diâmetro media cerca de seis pés, e deixou-a desenrolar-se, após ter amarrado solidamente a sua extremidade superior. Depois, tendo acendido uma lanterna, pegou num revólver e, prendendo uma faca à cintura, começou a descer os primeiros degraus.

Viu que em todos os lados a parede era lisa; mas algumas saliências da rocha surgiam de distância a distância, e um ser ágil podia, servindo-se dessas saliências, subir até à abertura do poço.

Foi uma observação feita pelo engenheiro; mas passeando com cuidado a sua lanterna sobre essas saliências, não encontrou qualquer marca, fenda alguma que pudesse fazer pensar que tivessem servido para uma escalada antiga ou recente.

Cyrus Smith desceu mais para o fundo, iluminando todos os pontos da parede do poço.

Não viu ali nada de suspeito.

Quando atingiu os últimos degraus, sentiu a superfície da água, que estava então perfeitamente calma. Nem ao seu nível, nem em nenhuma outra parte do poço se abria qualquer corredor lateral que pudesse ramificar-se no interior do maciço. A muralha, em que Cyrus Smith bateu com o cabo da faca, não soava a oco. Era um granito compacto, através do qual nenhum ser humano poderia abrir caminho. Para chegar ao fundo do poço e erguer-se em seguida até ao cimo era necessariamente preciso passar por aquele canal, sempre submerso, que o poria em comunicação com o mar, através do subsolo rochoso do areal, e isso só era possível a animais marinhos. Quanto à questão de saber onde conduzia aquele canal, a que ponto do litoral e a que profundidade sob as ondas, não se podia resolver.

Portanto, Cyrus Smith, tendo terminado a sua exploração, voltou a subir, retirou a escada, tapou a abertura do poço e voltou, muito pensativo, à grande sala de Granite-House, dizendo para consigo: «Não vi nada, e no entanto há qualquer coisa!»

Capítulo 12

Nessa mesma noite os caçadores regressaram, tendo feito boa caçada, e, literalmente carregados de caça, transportavam tudo o que podiam transportar quatro homens. *Top* tinha um colar de patos-bravos em volta do pescoço, e *Jup* cintos de narcejas em redor do corpo.

— Aqui está, senhor engenheiro — exclamou Nab —, em que empregámos o nosso tempo! Conservados, feitos em empadões, teremos aqui uma reserva agradável! Mas preciso que alguém me ajude. Conto contigo, Pencroff.

— Não, Nab — respondeu o marinheiro. — O arranjo do barco reclama-me e terá de passar sem mim.

— E o senhor Harbert?

— Eu, Nab, preciso de ir amanhã ao curral — respondeu o jovem.

— Será então o senhor Spilett quem me ajudará?

— Para te ser agradável, Nab — respondeu o repórter —; mas previno-te de que se me revelares as tuas receitas hei de publicá-las.

— Como lhe convier, senhor Spilett, como lhe convier!

E eis como no dia seguinte Gédéon Spilett, transformado em ajudante de Nab, foi instalado no seu laboratório culinário. Mas, antes disso, o engenheiro dera-lhe a conhecer os resultados da exploração que tinha feito na véspera, e, a esse respeito, o repórter partilhou a opinião de Cyrus Smith de que, apesar de ele não ter encontrado nada, havia ainda um segredo para descobrir!

Os frios continuaram durante mais uma semana ainda e os colonos só deixaram Granite-House para prestarem os seus cuidados à capoeira. A casa era perfumada pelos bons odores que saíam das sábias manipulações do repórter e de Nab; mas nem todo o produto da caçada no charco foi transformado em conservas, e como a caça, com aquele frio intenso, se conservava perfeitamente, gansos selvagens e outras aves foram comidas frescas e declaradas superiores a todos os outros animais aquáticos do mundo conhecido.

Durante essa semana, Pencroff, ajudado por Harbert, que manejava habilmente a agulha, trabalhou com tanto afinco que as velas da embarcação ficaram terminadas. O cordame de cânhamo não faltava graças ao invólucro do balão que havia sido encontrado. Os cabos e as cordas de rede eram excelentes e o marinheiro tirou bom partido de tudo. As velas foram orladas de fortes relingas e havia ainda com que fabricar as adriças, os cabos do guindaste, as escotas, etc. Quanto ao poleame, segundo os conselhos de Pencroff e com a ajuda do torno que havia instalado ali, Cyrus Smith fabricou as roldanas necessárias. Sucedeu portanto que a aparelhagem ficou completamente preparada antes de o barco estar terminado. Pencroff confeccionou até uma bandeira azul, vermelha e branca, cujas cores tinham sido fornecidas por certas plantas tintureiras, muito abundantes na ilha. Apenas, às trinta e sete estrelas que representam os trinta e sete estados da União, e que resplandecem nos pavilhões dos barcos americanos, o marinheiro acrescentara uma trigésima oitava, a estrela do «Estado de Lincoln», pois ele considerava a sua ilha como já ligada à grande República.

— E — dizia — está ligada a ela pelo coração, se não o está ainda de facto!

Enquanto esperavam o acabamento do barco, a bandeira foi arvorada na janela central de Grani te-house, e os colonos saudaram-na com três vivas.

Entretanto, chegava-se ao fim da estação fria, e parecia que aquele segundo inverno iria passar-se sem qualquer incidente grave, quando, na noite de 11 de agosto, o planalto da Grande Vista foi ameaçado por uma devastação completa.

Após um dia bem preenchido, os colonos dormiam profundamente, quando, cerca das quatro horas da manhã, foram subitamente acordados pelo ladrar de *Top*.

Dessa vez o cão não ladrava junto da entrada do poço, mas sim no limiar da porta, e atirava-se a ela como se quisesse deitá-la abaixo. *Jup*, por seu lado, soltava gritos agudos.

— Então, *Top*! — gritou Nab, que foi o primeiro a acordar.

Mas o cão continuava a ladrar com mais furor.

— Que é isto? — perguntou Cyrus Smith.

E todos, vestindo-se à pressa, se precipitaram para as janelas do quarto, que abriram.

Debaixo dos seus olhos estendia-se uma camada de neve que mal parecia branca nessa noite muito escura. Os colonos não viram nada, mas ouviram estranhos latidos na sombra. Era evidente que o areal havia sido invadido por um certo número de animais que não se conseguiam distinguir.

— O que é isto? — exclamou Pencroff.

— Lobos, jaguares ou macacos — replicou Nab.

— Isso é o diabo! Eles podem chegar ao alto do planalto! — disse o repórter.

— E a nossa capoeira — exclamou Harbert —, e as nossas plantações?

— Por onde terão passado? — perguntou Pencroff.

— Devem ter passado pelo pontão do areal — respondeu o engenheiro —, que um de nós se deve ter esquecido de fechar.

— Com efeito — disse Spilett —, lembro-me de o ter deixado aberto...

— Bela coisa, senhor Spilett — gritou o marinheiro.

— O que está feito está feito — respondeu Cyrus Smith. — Pensemos naquilo que é preciso fazer agora!

Estas as perguntas e as respostas que foram rapidamente trocadas entre Cyrus Smith e os companheiros. A verdade é que os animais tinham invadido o areal e passado o pontão e podiam, subindo a margem esquerda do rio das Mercês, chegar ao planalto da Grande Vista. Era preciso portanto ganhar-lhes em velocidade e combatê-los, se fosse preciso.

— Mas que animais são esses? — foi perguntado pela segunda vez no momento em que os latidos se ouviam com mais força.

Aquele ladrar fez estremecer Harbert, que se lembrou de os ter já ouvido durante a sua primeira visita às nascentes de Creek Vermelho.

— São raposas! — exclamou ele.

— Para a frente! — gritou o marinheiro.

E todos, armando-se de machados, de carabinas e de revólveres, correram para a cesta do elevador, pondo pouco depois os pés na areia.

As raposas são animais perigosos quando em grande número e irritadas pela fome. No entanto, os colonos não hesitaram em

lançar-se para o meio da alcateia, e os primeiros tiros de revólver, lançando rápidos relâmpagos no meio da escuridão, fizeram recuar os assaltantes.

O que interessava antes de tudo era impedir que os animais tivessem acesso ao planalto da Grande Vista, pois as plantações e a capoeira ficariam à sua mercê, e imensos danos, talvez irreparáveis, sobretudo no que dizia respeito ao campo de trigo, dar-se-iam inevitavelmente. Mas como a invasão do planalto só poderia fazer-se pela margem esquerda do rio das Mercês, bastava opor às raposas uma barreira intransponível nessa estreita porção da margem que ficava entre o rio e a muralha de granito.

Isto foi compreendido por todos e, por ordem de Cyrus Smith, dirigiram-se para o local designado, enquanto a alcateia das raposas corria para eles na sombra.

Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff e Nab colocaram-se portanto de maneira a formarem uma linha intransponível. *Top*, com os seus formidáveis maxilares abertos, precedia os colonos e era seguido de *Jup*, armado de uma moca nodosa que ele brandia como uma maça de armas.

A noite estava extremamente escura. Só à luz das descargas é que se viam os assaltantes, que deviam ser pelo menos uma centena, e cujos olhos brilhavam como brasas.

— É preciso que eles não passem! — exclamou Pencroff.

— Não passarão — respondeu o engenheiro.

Contudo, se não passaram não foi por não o terem tentado. As últimas filas empurravam as primeiras, e foi uma luta incessante a tiros de revólver e a golpes de machado. Muitos cadáveres de

raposas juncavam já o solo e a alcateia parecia não diminuir, dir-se-ia que era incessantemente renovada pelo pontão do areal.

Em breve os colonos tiveram de lutar corpo a corpo, e não passaram sem receber alguns ferimentos, felizmente ligeiros. Harbert tinha, com um tiro de revólver, desembaraçado Nab de uma raposa que se deixara cair sobre as suas costas, como se fosse um gato-tigre. *Top* batia-se com verdadeiro furor, saltando à garganta das raposas e estrangulando-as. *Jup*, armado com o seu pau, batia a torto e a direito, e era em vão que queriam pô-lo para trás. Dotado, sem dúvida, de uma visão que lhe permitia perscrutar a obscuridade, ele estava sempre no mais aceso do combate e soltava de tempos a tempos um assobio agudo, o que nele era sinal de forte satisfação. Num dado momento, avançou mesmo para tão longe que à claridade de um tiro de revólver se viu que estava rodeado por cinco ou seis enormes raposas, às quais fazia frente com notável sangue-frio.

Entretanto, a luta devia acabar com vantagem para os colonos, mas depois de terem resistido durante duas longas horas! Sem dúvida que os primeiros alvares da madrugada determinaram a retirada dos assaltantes, que fugiram para norte, passando pelo pontão, que Nab correu a levantar imediatamente.

Quando o dia iluminou suficientemente o campo de batalha, os colonos puderam contar uns cinquenta cadáveres espalhados sobre a areia.

— E *Jup!* — exclamou Pencroff. — Onde está *Jup?*

Jup desaparecera. O seu amigo Nab chamou-o, e, pela primeira vez, ele não respondeu ao apelo do amigo.

Todos se puseram à procura de *Jup*, tremendo ir encontrá-lo entre os mortos. Começaram a tirar dali os cadáveres que manchavam a neve com o seu sangue e *Jup* foi descoberto no meio de um verdadeiro montão de raposas, cujos maxilares partidos e espinhas quebradas testemunhavam bem como tinham sido castigados com a terrível moca do intrépido animal. O pobre *Jup* segurava ainda na mão um pedaço do seu bordão partido; mas, privado da sua arma, fora vencido pelo número e profundos ferimentos lhe dilaceravam o peito.

— Está vivo! — exclamou Nab, que se inclinava sobre ele.

— E nós salvá-lo-emos — respondeu o marinheiro. — Trataremos dele como se fosse um de nós!

Parece que *Jup* compreendeu, pois inclinou a cabeça sobre o ombro de Pencroff, como para lhe agradecer. O marinheiro também estava ferido, mas os seus ferimentos, como os dos seus companheiros, eram insignificantes, pois, graças às suas armas de fogo, eles tinham podido manter os assaltantes à distância. Portanto só o macaco estava gravemente ferido.

Jup, transportado por Nab e Pencroff, foi levado até ao elevador e dos seus lábios saía apenas um fraco gemido. Fizeram-no subir suavemente até Granite-House. Ali, foi instalado sobre uns cobertores e os seus ferimentos lavados cuidadosamente. Parecia que nenhum órgão essencial havia sido atingido, mas *Jup* encontrava-se muito enfraquecido pela perda de sangue e começou a ter febre alta.

Depois do penso, foram deitá-lo e impuseram-lhe uma dieta severa, «tal como a uma pessoa natural», disse Nab, que o fez beber algumas chávenas de uma tisana refrescante, cujos

ingredientes foram fornecidos pela farmácia vegetal de Granite-House.

Jup adormeceu com um sono agitado, mas a pouco e pouco a sua respiração tornou-se mais regular e deixaram-no descansar no meio do maior silêncio. De tempos a tempos, *Top*, caminhando, pode dizer-se, «nas pontas dos pés», ia visitar o seu amigo e parecia aprovar todos os cuidados que tinham com ele. Uma das mãos de *Jup* pendia para fora da cama e *Top* lambia-a com ar contrito.

Nessa mesma manhã procederam ao enterro das raposas, que foram arrastadas até à floresta do Far West e enterradas a grande profundidade.

Esse ataque, que poderia ter tido consequências tão graves, foi uma lição para os colonos, e daí em diante não se deitaram sem um deles ir verificar se todas as pontes estavam levantadas e que nenhuma invasão era possível.

Entretanto *Jup*, depois de ter suscitado sérios receios durante alguns dias, reagiu vigorosamente contra a doença. A sua forte constituição fez com que se restabelecesse. A febre diminuiu a pouco e pouco e Gédéon Spilett, que era um pouco médico, em breve o considerou livre de perigo. A 16 de agosto, *Jup* voltou a comer. Nab fazia-lhe bons pratos açucarados, que o doente comia com deleite, pois, se tinha um defeito, era certamente o da gula, e Nab nunca havia feito nada para lhe corrigir esse defeito.

— Que quer? — dizia a Gédéon Spilett, que muitas vezes o censurava por o amimar —; ele não tem outros prazeres além do de comer, esse pobre *Jup*, e eu sinto-me muito feliz por poder recompensar assim os seus serviços!

Dez dias depois de ter sido ferido, mestre *Jup* levantava-se. Os ferimentos estavam cicatrizados e via-se bem que não tardaria a recuperar o seu vigor e agilidade habituais. Como todos os convalescentes, apoderou-se então dele uma fome devoradora, e o repórter deixava-o comer à vontade, pois fiava-se nesse instinto que falta muitas vezes aos seres racionais e que devia preservar o orangotango de qualquer excesso. Nab estava encantado por ver voltar o apetite ao seu aluno.

— Come — dizia-lhe ele —, meu *Jup*. Não te prives das coisas boas! Verteste o teu sangue por nós, e o menos que posso fazer por ti é ajudar-te a recompores-te!

Finalmente, a 25 de agosto, ouviu-se a voz de Nab que chamava os seus companheiros.

— Senhor Cyrus, senhor Gédéon, senhor Harbert, Pencroff, venham! Venham!

Os colonos, reunidos na grande sala, levantaram-se ao ouvirem Nab, que se encontrava então no quarto reservado a *Jup*.

— Que há? — perguntou o repórter.

— Vejam! — respondeu Nab, soltando uma grande gargalhada.

E que viram? Mestre *Jup*, que fumava, tranquila e seriamente, acorado como um turco à porta de Granite-House!

— O meu cachimbo! — exclamou Pencroff. — Ele levou o meu cachimbo! Ah!, meu valente *Jup*, faço-te presente dele! Fuma, meu amigo, fuma!

E *Jup* lançava gravemente para o ar espessas baforadas de fumo, o que parecia dar-lhe grande prazer.

Cyrus Smith não se mostrou muito espantado com o incidente e citou vários casos de macacos domesticados para os quais o uso do

tabaco se tinha tornado familiar.

Assim, a partir desse dia, mestre *Jup* teve o seu cachimbo, o ex-cachimbo do marinheiro, que ficou no seu quarto, perto da provisão de tabaco. Enchia-o sozinho e acendia-o com uma brasa ardente, parecendo o mais feliz dos quadrúmanos. É de calcular que essa afinidade de gostos só serviu para apertar ainda mais os laços de amizade que uniam o digno macaco e o honesto marinheiro.

— É talvez um homem — dizia às vezes Pencroff a Nab. — Ficarias admirado se de repente ele começasse a falar?

— Eu não — respondia Nab. — O que me espanta é que ele não fale, porque realmente só lhe falta falar!

— Ficaria muito divertido — replicou Pencroff, se um dia ele me dissesse: «E se nós mudássemos de cachimbo, Pencroff?»

— Sim — respondeu Nab. — Que pena ele ser mudo de nascença!

Com o mês de setembro o inverno terminou completamente e os trabalhos foram recomeçados com ardor.

A construção do barco avançava rapidamente. Tinha já a amurada completa e começaram a arranjá-lo interiormente, de maneira a ligar todas as partes da quilha, com o cavername tornado mais flexível pela ação do vapor de água, que se prestou a todas as exigências da moldagem.

Como a madeira não faltava, Pencroff propôs ao engenheiro forrar interiormente a quilha com um conjunto de escoas estanque, o que asseguraria completamente a solidez da embarcação.

Cyrus Smith, não sabendo o que lhes reservava o futuro, aprovou a ideia do marinheiro de tornar a embarcação tão sólida quanto possível.

O conjunto de escoas e a ponte do barco foram acabados a 15 de setembro. Para calafetar as fendas, fizeram estopa com zósteras secas, que foi metido, à força das pancadas do macete, nas fendas da quilha, das escoas e da ponte; depois essas costuras foram cobertas por alcatrão a ferver, que os pinheiros da floresta forneceram abundantemente.

O arranjo da embarcação foi dos mais simples. Já lhe havia sido posto o lastro, composto por grandes bocados de granito, acondicionados sobre uma porção de cal, que devia pesar umas doze mil libras. Por cima desse lastro puseram um convés, onde foram arranjados dois quartos, ao longo dos quais se encontravam dois bancos, que serviam de arcas. O mastro devia ficar por cima do tabique que dividia os dois quartos, aos quais se tinha acesso por duas escotilhas, abertas para a ponte e munidas de uma cobertura.

Pencroff não teve qualquer dificuldade em encontrar uma árvore apropriada para o mastro. Escolheu um pinheiro novo, bem direito, sem nós, que só precisou de ser endireitado na base e arredondado na copa. As ferragens para o mastro foram toscas mas solidamente fabricadas na forja das Chaminés. Por fim, a verga, o mastro do guindaste, a retranca da mezena, remos, etc., tudo ficou terminado na primeira semana de outubro, e decidiu-se que se experimentaria o barco nas imediações da ilha para verem como ele se comportava no mar e até que ponto podiam confiar nele.

Durante todo esse tempo, os trabalhos necessários não tinham sido abandonados. O curral fora arranjado porque o rebanho de cabritos-monteses e de cabras tinha agora mais um certo número de crias, que teriam de ser alojadas e alimentadas. As visitas dos colonos também não faltaram ao viveiro das ostras, nem à tapada,

nem aos jazigos de ferro e de hulha, nem a alguns sítios até então inexplorados das florestas do Far West, onde a caça abundava.

Foram descobertas algumas plantas indígenas e, mesmo não tendo uma utilidade imediata, contribuíram para variar as reservas vegetais de Granite-House. Eram plantas de folhas carnudas, comestíveis, e outras com uns grãos que continham uma espécie de farinha.

A 10 de outubro, o barco foi lançado ao mar; Pencroff estava radiante. A operação teve um êxito total. A embarcação, toda aparelhada, e conduzida sobre toros de madeira até à margem, foi apanhada pela maré que subia e flutuou no meio dos aplausos de todos e principalmente de Pencroff, que não mostrou modéstia alguma nessa ocasião. De resto, a sua vaidade devia sobreviver ao acabamento do barco, visto que, depois de o haver construído, ele ia ser chamado a comandá-lo. O posto de capitão foi-lhe concedido por acordo de todos.

Para satisfazer o capitão Pencroff, foi preciso antes de tudo dar um nome à embarcação e, após várias propostas longamente discutidas, os sufrágios escolheram o nome de *Bonadventure*, que era o nome de batismo do honesto marinheiro.

Logo que o *Bonadventure* foi levado pela maré que subia, pôde ver-se que o barco se mantinha perfeitamente na água e que devia navegar convenientemente em todos os casos.

Por outro lado, a experiência ia ser feita nessa mesma tarde numa excursão ao largo da costa. O tempo estava bonito, a brisa fresca, o mar sossegado, sobretudo no litoral do sul, pois o vento soprava do noroeste desde há uma hora.

— Embarque! Embarque! — gritava o capitão Pencroff.

Contudo, era preciso almoçar antes de partir, e pareceu mesmo bom levar provisões para bordo, para o caso de a excursão se prolongar até à noite.

Cyrus Smith tinha pressa também de experimentar aquela embarcação, cujos planos ele havia feito, embora por vezes tivesse modificado algumas partes a conselho do marinheiro; mas não tinha no barco a confiança manifestada por Pencroff, e como este não voltara a falar na viagem à ilha Tabor, Cyrus Smith esperava até que tivesse renunciado a fazê-la. Efetivamente, atemorizava-o ver dois ou três dos seus companheiros aventurarem-se para longe naquela embarcação tão pequena, e que não tinha capacidade para mais de quinze toneladas.

Às dez horas e meia, toda a gente se encontrava a bordo, até *Jup* e *Top*. Nab e Harbert ergueram a âncora que mordida a areia perto da embocadura do rio das Mercês, a vela do bergantim foi içada e o pavilhão da ilha Lincoln flutuou na extremidade do mastro. O *Bonadventure*, dirigido por Pencroff, fez-se ao largo.

Para sair da baía da União, foi preciso primeiro terem o vento por detrás, e puderam verificar que a velocidade da embarcação, nessas circunstâncias, era satisfatória.

Depois de terem passado a extremidade da ponta do Destroço e do cabo Garra, Pencroff seguiu ao longo da costa meridional da ilha, e, depois de ter percorrido uma certa distância, observou que o *Bonadventure* podia navegar aproximadamente a cinco quartos do vento e que se segurava convenientemente contra a deriva. Virava muito bem de frente, tendo «golpe», como dizem os marinheiros, e chegando mesmo a ganhar na viragem.

Os passageiros do *Bonadventure* estavam verdadeiramente encantados. Tinham ali uma boa embarcação, que, caso fosse necessário lhes poderia prestar bons serviços, e com aquele bom tempo, com aquela bela brisa, o passeio foi encantador.

Pencroff dirigiu-se para o largo, a três ou quatro milhas da costa, através do porto Balão. A ilha deparou-se-lhes então em toda a sua extensão e sob um novo aspeto, com o panorama variado do seu litoral, desde o cabo Garra até ao promontório do Réptil, os primeiros planos de floresta onde as coníferas se destacavam ainda sobre a jovem folhagem das outras árvores, que mal começavam a reverdecer, e o monte Franklin, que dominava o conjunto e cujo cume permanecia branqueado pela neve.

— Como é belo! — exclamou Harbert.

— Sim, a nossa ilha é bela e boa — respondeu Pencroff. — Gosto dela como gostava da minha pobre mãe! Recebeu-nos, pobres e com falta de tudo, e que falta agora a estes cinco filhos que lhe caíram do céu?

— Nada! — respondeu Nab. — Nada, capitão!

E os dois homens soltaram três formidáveis vivas em honra da sua ilha!

Entretanto, Gédéon Spilett, apoiado ao mastro, desenhava o panorama que se erguia diante dos seus olhos.

Cyrus Smith olhava em silêncio,

— Então, senhor Cyrus — perguntou Pencroff —, que diz do nosso barco?

— Parece portar-se bem — respondeu o engenheiro.

— Bom! E acredita agora que ele pode fazer uma viagem de uma certa duração?

— Que viagem, Pencroff?

— A da ilha Tabor, por exemplo?

— Meu amigo — respondeu Cyrus Smith. — Creio que, em caso de necessidade, não seria de hesitar confiar-se no *Bonadventure*, mesmo para uma travessia mais longa; mas, como sabe, teria pena de o ver partir para a ilha Tabor, visto que nada o obriga a ir lá.

— Gosta-se sempre de conhecer os vizinhos — respondeu Pencroff, que se obstinava na sua ideia. — A ilha Tabor é nossa vizinha, e é a única! A delicadeza exige que vamos lá, pelo menos uma vez, fazer uma visita!

— Que diabo! — exclamou Spilett. — O nosso amigo Pencroff está a ser intransigente!

— Não sou nada intransigente — ripostou Pencroff, a quem a oposição do engenheiro vexava um pouco, mas que não queria causar-lhe qualquer aborrecimento.

— Pense, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —, que não pode ir sozinho à ilha Tabor.

— Basta-me um companheiro.

— Seja — respondeu o engenheiro. — Contudo, não deixa de existir o perigo de privar de dois colonos a população da ilha Lincoln, que conta cinco!

— Seis! — respondeu Pencroff. — Esquece *Jup*.

— Sete! — acrescentou Nab.— *Top* vale bem outro colono!

— Não há qualquer risco, senhor Cyrus — teimou Pencroff.

— É possível, Pencroff; mas repito-lhe que é expor-se sem necessidade!

O obstinado marinheiro não respondeu e deixou que a conversa acabasse, bem decidido contudo a recomeçá-la de novo, sem poder

imaginar que um incidente ia auxiliá-lo e transformar numa obra humanitária aquilo que era apenas um capricho, afinal de contas discutível.

Com efeito, depois de se ter mantido ao largo, o *Bonadventure* acabava de se aproximar da costa, dirigindo-se para porto Balão. Era importante verificar as passagens existentes entre os bancos de areia e os recifes, para as assinalar em caso de necessidade, visto que aquela pequena enseada serviria de porto de atracação do barco.

Não se estava a mais de meia milha da costa, e fora necessário bordejar para ir contra o vento. A velocidade do *Bonadventure* era então muito moderada, porque a brisa, em parte quebrada pela terra alta, mal fazia inchar as suas velas, e o mar, liso como um espelho, só se enrugava ao sopro dos pés de vento que passavam caprichosamente.

Harbert mantinha-se à frente para indicar o caminho a seguir, quando de repente exclamou:

— Orça, Pencroff, orça!

— Que há? — perguntou o marinheiro levantando-se. — Uma rocha?

— Não... espera — disse Harbert. — Não vejo bem... orça mais um pouco... bom... mais um pouco...

Dizendo isto, Harbert, inclinado sobre a amurada, mergulhou rapidamente a mão na água e ergueu-a, exclamando:

— Uma garrafa!

Tinha na mão uma garrafa fechada.

Cyrus Smith pegou na garrafa e sem dizer uma palavra tirou-lhe a rolha e extraiu de lá um papel húmido, no qual se liam estas

palavras: «Naufogado... ilha Tabor: 153° long. O. — 37° 11' lat. S.»

Capítulo 13

— Um naufrago! — exclamou Pencroff —, abandonado a umas cem milhas de nós na ilha Tabor! Ah, senhor Cyrus, agora já não vai com certeza opor-se à minha viagem a essa ilha!

— Não, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —; e vai partir o mais depressa possível.

— Amanhã?

— Sim, amanhã.

O engenheiro tinha na mão o papel que havia retirado da garrafa. Meditou durante alguns instantes e depois voltou a falar:

— Deste documento, meus amigos, da forma como está concebido, devemos concluir o seguinte: em primeiro lugar, que o homem que se encontra na ilha Tabor tem uns conhecimentos bastante avançados de náutica, visto que dá a longitude e a latitude da ilha, iguais às que ainda há pouco nós achámos. Em segundo lugar, sabemos que se trata de um inglês ou de um americano, pois o documento foi redigido em língua inglesa.

— Isso é perfeitamente lógico — respondeu Gédéon Spilett —, e a presença desse naufrago explica a presença da caixa nas margens da ilha. Houve um naufrágio, visto que há um naufrago. Quanto a este último, quem quer que seja, foi uma felicidade para ele que Pencroff tenha tido a ideia de construir esse barco e de o experimentar hoje mesmo, pois, mais um dia e essa garrafa poderia quebrar-se contra os recifes.

— Com efeito — disse Harbert —, foi uma sorte que o *Bonadventure* tenha passado aqui precisamente quando essa garrafa

ainda flutuava!

— E isso não lhe parece estranho? — perguntou Cyrus Smith a Pencroff.

— Parece-me uma bela coincidência, mais nada — respondeu o marinheiro. — Vê qualquer coisa de extraordinário nisso, senhor Cyrus? Essa garrafa tinha de ir para qualquer parte. Portanto, por que não vir para aqui a ir para outro lado?

— Talvez tenha razão, Pencroff — respondeu o engenheiro —, e no entanto...

— Mas — observou Harbert — nada prova que essa garrafa flutue há muito tempo no mar.

— Nada, com efeito — respondeu Gédéon Spilett —; e o documento parece ter sido recentemente escrito. Que pensa dele, Cyrus?

— Isso é difícil de verificar, e de resto havemos de o saber! — respondeu Cyrus Smith.

Durante esta conversa, Pencroff não havia ficado inativo. Tinha virado de bordo e o *Bonadventure*, com todas as velas ao vento, corria rapidamente para o cabo Garra. Todos pensavam nesse naufrago da ilha Tabor. Ainda iriam a tempo de o salvar? Grande acontecimento na vida dos colonos! Eles próprios eram naufragos, mas era de rezear que um outro não tivesse sido tão favorecido como eles, e o seu dever era correrem para o salvar do infortúnio.

O cabo Garra foi dobrado e o *Bonadventure* chegou por volta das quatro horas da tarde à embocadura do rio das Mercês.

Nessa mesma noite, tratou-se dos pormenores relativos à nova expedição. Pareceu conveniente que Pencroff e Harbert, que conheciam a manobra de uma embarcação, fossem os únicos a

empreender a viagem. Partindo no dia seguinte, 11 de outubro, poderiam chegar durante o dia 13, pois com o vento que soprava não seriam necessárias mais de quarenta e oito horas para fazer essa travessia de cento e cinquenta milhas. Um dia na ilha, três ou quatro dias para regressarem, e poder-se-ia contar portanto que a 17 estivessem de volta à ilha Lincoln. O tempo estava bom, o barómetro subia sem grandes alterações, o vento parecia estacionário — todas as probabilidades estavam, portanto, a favor desses bravos homens que um dever de humanidade ia levar para longe da ilha.

Tinha portanto ficado combinado que Cyrus Smith, Nab e Gédéon Spilett ficariam em Granite-House; mas houve uma reclamação, e Gédéon Spilett, que não esquecia a sua profissão de repórter do *New-York Herald*, declarou que preferia ir a nado do que perder semelhante ocasião, e foi admitido a tomar parte na viagem.

O serão foi empregado em transportar para bordo do *Bonadventure* alguns objetos para dormirem, utensílios, armas, munições, uma bússola e víveres para oito dias. Depois de esse carregamento estar devidamente acondicionado, os colonos subiram a Granite-House.

No dia seguinte, às cinco horas da manhã, foram feitas as despedidas, não sem uma certa emoção de um lado e do outro, e Pencroff, içando as velas, dirigiu-se para o cabo Garra, que devia dobrar para tomar seguidamente o caminho direto para sudoeste.

O *Bonadventure* encontrava-se já a um quarto de milha da costa, quando os seus passageiros viram nas alturas de Granite-House dois homens que lhes diziam adeus. Eram Cyrus Smith e Nab.

— Os nossos amigos! — exclamou Gédéon Spilett. — É a nossa primeira separação em quinze meses!...

Pencroff, o repórter e Harbert fizeram um último adeus e Granite-House desapareceu atrás das altas rochas do cabo.

Durante as primeiras horas do dia, o *Bonadventure* manteve-se constantemente à vista da costa meridional da ilha Lincoln, que em breve só se via sob a forma de um cesto de verdura, do qual emergia o monte Franklin. As elevações, diminuídas pela distância, davam-lhe um aspeto pouco convidativo para atrair os navios para as suas faixas costeiras.

O promontório do Réptil foi ultrapassado por volta da uma hora, mas a dez milhas ao largo. A essa distância já não era possível distinguir nada da costa ocidental, que se estendia até às encostas do monte Franklin, e, três horas depois, a ilha Lincoln tinha desaparecido no horizonte.

O *Bonadventure* portava-se perfeitamente. Subia facilmente a vaga e navegava rapidamente. Pencroff tinha içado a sua vela grande e navegava seguindo uma direção retilínea, orientada pela bússola.

De tempos a tempos, Harbert substituía-o ao leme e a mão do jovem era tão segura que o marinheiro não tinha uma única guinada a censurar-lhe.

Gédéon Spilett conversava com um e com outro e em caso de necessidade ajudava à manobra. O capitão Pencroff estava inteiramente satisfeito com a sua equipagem e falava em gratificá-la com «um quartilho de vinho por cada quarto»!

À noite, o crescente lunar, que só devia atingir o seu primeiro quarto a 16, desenhou-se no crepúsculo solar e extinguiu-se logo. A

noite estava escura, mas muito estrelada e anunciava-se um belo tempo para o dia seguinte.

Pencroff, por prudência, arriou a vela grande, não querendo ser surpreendido por qualquer excesso de vento. Era talvez demasiada precaução para uma noite tão calma, mas Pencroff era um marinheiro prudente e ninguém podia censurá-lo por isso.

O repórter dormiu uma parte da noite. Pencroff e Harbert revezaram-se de duas em duas horas ao leme. O marinheiro confiava em Harbert como em si próprio e a sua confiança era justificada pelo sangue-frio e a inteligência do jovem. Pencroff indicava-lhe a rota como um comandante faz ao seu timoneiro, e Harbert não deixava o *Bonadventure* desviar-se uma polegada.

A noite passou-se bem e o dia 12 de outubro decorreu nas mesmas condições. A direção sudoeste foi rigorosamente mantida durante todo esse dia e se o *Bonadventure* não sofresse a influência de qualquer corrente imprevista iria diretamente aportar à ilha.

Quanto a esse mar que a embarcação percorria então, encontrava-se absolutamente deserto. Por vezes, um grande pássaro, albatroz ou fragata, passava ao alcance de um tiro de espingarda e Gédéon Spilett pensava se não seria a um desses poderosos pássaros que teria confiado a sua última crônica dirigida ao *New-York Herald*. Esses pássaros eram os únicos seres que pareciam frequentar essa parte do oceano compreendida entre a ilha Tabor e a ilha Lincoln.

— E, no entanto — observou Harbert —, estamos na época em que as baleias se dirigem vulgarmente para a zona meridional do Pacífico. Na verdade, não creio que exista um mar mais abandonado do que este!

— Não é tão deserto como isso — respondeu Pencroff.

— Por que é que diz isso? — perguntou o repórter.

— Porque nós cá estamos! Toma o nosso barco por um destroço e as nossas pessoas por marsuínos?

E Pencroff ria com a sua graça.

À noite, segundo os cálculos, podia pensar-se que o *Bonadventure* tinha transporto uma distância de cento e vinte milhas desde a sua partida da ilha Lincoln, o que lhe dava uma velocidade de três milhas e um terço por hora. A brisa era fraca e tendia para diminuir. Todavia, podia esperar-se que no dia seguinte, ao nascer do dia, se os cálculos estivessem certos e se a direção fosse boa, estivessem à vista da ilha Tabor.

Assim, nem Gédéon Spilett nem Harbert nem Pencroff dormiram durante essa noite de 12 para 13 de outubro. Na expectativa do dia seguinte, não podiam evitar uma viva emoção. Havia tanta incerteza na empresa que tinham tentado! Estariam perto da ilha Tabor? A ilha seria ainda habitada por aquele náufrago que iam socorrer? Quem era esse homem? A presença dele não iria causar perturbações na pequena colónia, até então tão unida? Consentiria ele, de resto, em trocar a sua prisão por outra? Todas essas interrogações, que iriam sem dúvida ser resolvidas no dia seguinte, os mantinham despertos, e, à primeira claridade do dia, fixaram sucessivamente os seus olhares sobre todos os pontos do horizonte ocidental.

— Terra! — gritou Pencroff às seis horas da manhã.

E como era inadmissível que Pencroff se tivesse enganado, era evidente que a terra se encontrava ali.

Imagine-se a alegria da pequena tripulação do *Bonadventure!*

Dentro de poucas horas estariam no litoral da ilha!

A ilha Tabor, com uma costa baixa que mal emergia das ondas, não se encontrava afastada mais de quinze milhas. A rota do *Bonadventure*, que se encontrava um pouco para o sul da ilha, foi dirigida mais para baixo, e à medida que o sol subia a leste, iam-se destacando alguns cumes, aqui e ali.

— É apenas um ilhéu, muito menos importante que a ilha Lincoln — observou Harbert —, e provavelmente originado, como ela, por qualquer levantamento submarino.

Às onze horas da manhã, o *Bonadventure* encontrava-se apenas a duas milhas e Pencroff, procurando uma passagem para atracar, navegava com extrema prudência nessas águas desconhecidas.

Abarcavam então o ilhéu em todo o seu conjunto, do qual se destacavam algumas árvores de goma e outras grandes árvores, semelhantes às que cresciam na ilha Lincoln. Mas, coisa estranha, não se via o mais leve indício de fumo que indicasse que o ilhéu era habitado, não se via o menor sinal em qualquer ponto do litoral!

E no entanto o documento era formal: havia ali um naufrago e esse naufrago devia estar à espera!

Entretanto, o *Bonadventure* aventurava-se por passagens bastante caprichosas por entre os recifes e cujas mínimas sinuosidades eram observadas com a maior atenção. Tinha posto Harbert ao leme e, à frente da embarcação, examinava as águas, pronto para arriar a vela, cuja adriça segurava. Gédéon Spilett, com o óculo, percorria toda a margem sem nada encontrar.

Finalmente, mais ou menos ao meio-dia, o *Bonadventure* aproximou-se do areal. Foi lançada a âncora e a tripulação do barco saltou para terra.

Não restavam dúvidas de que se tratava de facto da ilha Tabor, pois nos mapas mais recentes não havia mais nenhuma ilha assinalada, naquela zona do Pacífico, entre a Nova Zelândia e a costa americana.

A embarcação foi solidamente amarrada para que o refluxo da maré não pudesse levá-la; em seguida, Pencroff e os seus dois companheiros, bem armados, subiram a margem, para atingir uma espécie de cone, de duzentos e cinquenta a trezentos pés, que se erguia a meia milha dali.

— Do alto dessa colina — disse Gédéon Spilett — podemos sem dúvida ficar com um conhecimento sumário da ilha, o que facilitará as nossas pesquisas.

— É fazer aqui — respondeu Harbert — o que o senhor Cyrus fez na ilha Lincoln, subindo o monte Franklin.

— Sim, é o mesmo — replicou o repórter. — E é a melhor maneira de proceder!

Conversando, os exploradores avançavam ao longo da orla de uma planície que terminava junto do próprio cone. Bandos de pombos dos rochedos e de andorinhas do mar, semelhantes às da ilha Lincoln, esvoaçavam na frente deles. Nos bosques que se viam ao longo da planície, à esquerda, ouviam o remexer dos arbustos e das ervas altas, que indicavam a existência de animais fugidios, mas nada, até então, sugeria que o ilhéu fosse habitado.

Chegados junto do monte, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett subiram-no em poucos instantes e os seus olhares percorreram os diversos pontos do horizonte.

Encontravam-se realmente num ilhéu, que não media mais de seis milhas, e cujo perímetro, pouco orlado de cabos e de

promontórios, pouco cavado de enseadas ou de baías, tinha uma forma oval alongada. À sua volta, o mar, completamente deserto, estendia-se até aos limites do céu. Não havia uma única terra, nem uma só vela à vista!

Aquele ilhéu, cuja superfície era completamente arborizada, não oferecia a diversidade de aspetos da ilha Lincoln, árida e selvagem num lado, mas fértil e rica noutros. Ali via-se uma enorme massa de verdura dominada por duas ou três elevações pouco altas. Obliquamente ao oval da ilha, corria um ribeiro que, através de uma larga planície, se ia lançar no mar, na costa ocidental, por uma estreita embocadura.

— O domínio é acanhado — disse Harbert.

— Sim — replicou Pencroff. — Teria sido demasiado pequeno para nós.

— Além disso — continuou o repórter —, parece desabitado.

— Com efeito — afirmou Harbert —, nada mostra a presença do homem.

— Desçamos — disse Pencroff — e procuremos.

O marinheiro e os seus dois companheiros voltaram à praia, ao local onde tinham deixado o *Bonadventure*. Haviam decidido dar a volta ao ilhéu a pé, antes de se aventurarem no interior, de modo que nenhum ponto pudesse escapar à sua investigação.

O areal era fácil de percorrer, pois era recortado apenas em alguns sítios por grossas rochas, que podiam facilmente contornar. Os exploradores desceram para sul, fazendo fugir bandos de pássaros aquáticos e focas, que se lançavam ao mar logo que os viam.

— Estes animais — observou o repórter — não veem homens pela primeira vez. Temem-nos, por isso conhecem-nos.

Uma hora após a partida, os três tinham chegado à extremidade sul do ilhéu, terminado por um cabo agudo, subiram para norte ao longo da costa ocidental, também formada por areia e rochas, orlada por densos bosques. Em parte alguma se viam sinais de habitação, em parte alguma se descobriam pegadas humanas em todo o perímetro do ilhéu, que, após quatro horas de marcha, havia sido completamente percorrido.

Era uma coisa extraordinária e os três amigos começavam a pensar que a ilha Tabor não era, ou já não era, habitada. Talvez o documento tivesse sido redigido há alguns meses ou até alguns anos, e nesse caso seria provável que o naufrago já houvesse sido recolhido por algum barco ou morrido de fome.

Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert, formulando hipóteses mais ou menos plausíveis, jantaram rapidamente a bordo do *Bonadventure* de modo a retomarem a sua excursão até à noite.

Foi o que fizeram às cinco horas da tarde, hora a que se internaram nos bosques.

Numerosos animais fugiram à sua aproximação, principalmente, poderia até dizer-se unicamente, cabras e porcos, que, como era fácil de ver, pertenciam às espécies europeias. Sem dúvida alguém os tinha desembarcado na ilha, onde eles se haviam multiplicado rapidamente. Harbert prometeu a si próprio levar consigo um ou dois casais vivos para a ilha Lincoln.

Não era de duvidar que, em determinada época, homens tivessem visitado a ilha Lincoln. E isso tornou-se ainda mais evidente quando, através da floresta, apareceram caminhos traçados, troncos

de árvore cortados com machado, e por toda a parte sinais de trabalho humano; mas essas árvores estavam ali caídas já há muitos anos, os golpes de machado estavam cobertos de musgo, e os caminhos traçados estavam cobertos de ervas, o que os tornavam difíceis de reconhecer.

— Mas — observou Gédéon Spilett — isto prova que não apenas homens desembarcaram aqui, como ainda que habitaram a ilha durante um certo tempo. Que homens seriam? Quantos restam?

— O documento — disse Harbert — fala apenas de um naufrago.

— Pois bem, se ele se encontrar ainda na ilha — replicou Pencroff —, nós com certeza que o encontraremos!

A exploração continuou. O marinheiro e os seus companheiros seguiram a vereda que cortava o ilhéu em diagonal e chegaram assim junto do riacho que se dirigia para o mar.

Se os animais de origem europeia e vários sinais da mão do homem provavam que a ilha era, ou fora, habitada, a existência de certas plantas não o demonstrava menos. Em certos lugares, no meio das clareiras, era visível que na terra tinham sido plantadas espécies hortícolas, provavelmente numa época bastante recuada.

Harbert ficou cheio de satisfação ao reconhecer batatas, chicória, cenouras, nabos e couves, cujas sementes poderiam ser plantadas na ilha Lincoln, enriquecendo assim o seu solo!

— Nab ficará encantado e nós também — disse Pencroff. — Se não encontrarmos o naufrago a nossa viagem não terá, pelo menos, sido inútil e Deus recompensar-nos-á assim!

— Sem dúvida — respondeu Gédéon Spilett. — Mas pelo estado em que se encontram estas plantações, é de recear que a ilha não seja habitada há muitos anos.

— Com efeito — retorquiu Harbert. — Fosse quem fosse que aqui vivesse, não iria certamente desprezar culturas tão importantes!

— Sim — murmurou Pencroff. — O naufrago deve ter partido. Deve ser isso...

— Quer dizer que o documento já deve ser antigo?

— Evidentemente.

— E que a garrafa só chegou à ilha Lincoln depois de ter flutuado durante muito tempo no mar?

— Por que não? — retrucou Pencroff. — Mas está a anoitecer e acho melhor interrompermos as nossas pesquisas.

— Voltemos para bordo e amanhã recomeçaremos — disse o repórter.

Era a decisão mais sensata, e ia ser seguida quando de repente Harbert exclamou, ao ver uma sombra entre as árvores:

— Uma casa!

Imediatamente todos se dirigiram para lá. À luz do crepúsculo, ainda conseguiram ver que era feita de tábuas cobertas por um tecido grosso e alcatroado.

A porta, entreaberta, foi empurrada por Pencroff, que entrou com passo rápido...

A casa estava vazia!

Capítulo 14

Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett tinham ficado silenciosos no meio da obscuridade.

Pencroff chamou com voz forte.

Não obteve resposta alguma.

O marinheiro acendeu então uma haste de arbusto e à sua fraca claridade observaram por momentos a pequena sala, que parecia completamente abandonada. Ao fundo do compartimento, via-se uma chaminé grosseira, com algumas cinzas frias, onde ainda se via uma braçada de lenha seca. Pencroff pegou-lhe fogo com o arbusto aceso que tinha na mão e em breve a madeira ardia, com uma chama viva e brilhante.

O marinheiro e os seus dois companheiros viram então uma cama em desordem, cujas cobertas, húmidas e amareladas, provavam que há muito não serviam; num canto da chaminé viam-se duas chaleiras cobertas de ferrugem e uma marmitta voltada; num armário encontravam-se algumas peças de vestuário de marinheiro e sobre a mesa um prato de estanho e uma Bíblia cheia de humidade. Arrumados a um canto, alguns utensílios: uma pá, uma picareta, duas espingardas de caça, das quais uma partida. Numa prateleira feita de uma tábuia via-se um barril de pólvora ainda intacto, um barril de chumbo e várias caixas com escorvas. Tudo coberto por uma densa camada de poeira que talvez se tivesse ali acumulado há anos.

— Não há ninguém aqui — disse o repórter.

— Ninguém! — repetiu Pencroff.

— Há muito que este quarto não é habitado — observou Harbert.

— Sim, há muito tempo! — respondeu o repórter.

— Senhor Spilett — disse então o marinheiro —; em vez de voltarmos para bordo, creio que é melhor passarmos aqui a noite.

— Tem razão, Pencroff, e talvez que se o dono da casa voltar não fique zangado por encontrar o lugar ocupado!

— Não voltará! — disse o marinheiro, abanando a cabeça.

— Acha que ele deixou a ilha? — perguntou o repórter.

— Creio que se a tivesse deixado teria levado consigo estes objetos, pois os naufragos dão grande valor aos objetos que são para eles os últimos destroços do naufrágio. Não! Não! — repetiu o marinheiro, com voz convencida —, ele não deixou a ilha. Se o tivesse feito levaria com ele estes objetos, que lhe poderiam ser necessários. Não, eu creio que ele se encontra aqui.

— Vivo?

— Vivo ou morto. Mas se morreu não se enterrou a si próprio, suponho eu — respondeu Pencroff —, e encontraremos pelo menos os seus restos!

Ficou portanto combinado que passariam ali a noite, sendo a provisão de madeira que se encontrava a um canto suficiente para manter a cabana aquecida. Com a porta fechada, Harbert, Pencroff e Gédéon Spilett ficaram a conversar e a pensar. Encontravam-se numa disposição de espírito que os predispunha para tudo, e ouviam com atenção todos os ruídos da noite. Se a porta se tivesse aberto subitamente e surgido um homem e se apresentasse a eles, não ficariam surpreendidos, apesar do abandono que aquela cabana revelava, e as suas mãos estavam prontas a apertar as mãos desse

homem, desse náufrago, desse amigo desconhecido que amigos esperavam!

Contudo, não se ouviu nenhum ruído, a porta ficou fechada e as horas foram-se passando.

Como essa noite pareceu longa ao marinheiro e aos seus dois companheiros! Só Harbert dormira durante duas horas, pois, na idade dele, o sono é uma necessidade. Todos eles tinham pressa de recomeçar a exploração da véspera e de revistar o ilhéu até aos seus recantos mais ocultos! As deduções de Pencroff eram absolutamente justas, pois era quase certo, dado o estado de abandono da cabana e de tudo o que nela se encontrava, que o proprietário de tudo aquilo tivesse morrido. Convinha, portanto, procurar os seus restos mortais e dar-lhes sepultura cristã.

O dia nasceu. Pencroff e os companheiros procederam imediatamente ao exame da habitação. Quem a construía dera-lhe uma boa situação, na encosta de uma pequena colina, abrigada por cinco ou seis grandes árvores de goma. Diante da fachada, o machado abrira uma pequena clareira, que permitia aos olhos espriarem-se pelo mar. Um pequeno relvado, rodeado por uma cerca que caía em ruínas, ia dar à margem, à esquerda da qual se abria a embocadura do pequeno rio.

A cabana era construída de tábuas, e facilmente se percebia que essas tábuas tinham pertencido à quilha ou à ponte de um navio. Era, portanto, provável que um navio tivesse sido atirado para ali e que pelo menos um membro da sua tripulação se havia salvo. Depois, com os destroços do navio e com os utensílios que tinha à sua disposição, construía aquela cabana.

Isso tomou-se ainda mais claro quando Gédéon Spilett, ao contornar a pequena habitação, viu numa tábua — provavelmente pertencente ao casco do navio afundado — estas letras já meio apagadas:

BR TAN A

— *Britannia!* — exclamou Pencroff, que o repórter chamara. — É um nome vulgar em navios, e não sei se este seria inglês ou americano.

— Pouco importa, Pencroff!

— Pouco importa, com efeito — respondeu o marinheiro. — E esse sobrevivente, se ainda vive, será salvo por nós, seja qual for a sua nacionalidade! Mas antes de voltarmos à nossa exploração, voltemos primeiro ao *Bonadventure!*

Uma certa inquietação se apoderara de Pencroff por causa do seu barco. Se a ilha fosse habitada e algum habitante se tivesse apoderado do... mas encolheu os ombros ao ocorrer-lhe essa inverosímil ideia.

No entanto, o marinheiro não se sentia contrariado por pensar que ia almoçar a bordo. O caminho, antecipadamente traçado, não era longo — apenas uma milha. Voltaram a pôr-se de novo em marcha, olhando para o matagal, por onde os porcos e as cabras fugiam às centenas.

Vinte minutos depois de terem saído da cabana, Pencroff e os seus companheiros voltaram a ver com satisfação a costa oriental da ilha, e o *Bonadventure*, preso pela sua âncora, que mordida profundamente a areia.

Pencroff não pôde conter um suspiro de satisfação. Afinal de contas, o barco era seu filho e os pais preocupam-se muitas vezes com os filhos mais do que seria razoável.

Subiram a bordo, almoçaram, de maneira a não terem necessidade de jantarem senão mais tarde. Depois, uma vez terminada a refeição, recomeçaram a exploração com os cuidados mais minuciosos.

Era realmente muito provável que o único habitante do ilhéu tivesse sucumbido. Assim era mais um morto que um vivo que eles procuravam! Mas as suas pesquisas foram vãs, e, durante metade do dia, eles pesquisaram inutilmente esses maciços de árvores que cobriam o ilhéu. Tinham de admitir que se o naufrago tinha morrido não restavam quaisquer rastos do seu cadáver e que alguma fera devorara os seus ossos.

— Partiremos amanhã ao nascer do dia — disse Pencroff aos seus companheiros, que por volta das duas da tarde se deitaram à sombra de umas árvores para descansarem um pouco.

— Creio que poderemos sem escrúpulos levar os utensílios e as espingardas que se encontram na cabana.

— Também acho — disse Gédéon Spilett. — Essas armas e utensílios terão utilidade em Granite-House. E creio que a reserva de pólvora e de chumbo é considerável.

— Sim — respondeu Pencroff —, e não podemos esquecer-nos de capturar um casal desses porcos, que fazem falta na ilha Lincoln.

— Também podemos levar sementes dos legumes que não temos na nossa ilha.

— Talvez fosse conveniente ficarmos mais um dia na ilha Tabor para levarmos tudo isso — disse o repórter.

— Não, senhor Spilett — retorquiu o marinheiro. — Eu pedia-lhe que partíssemos amanhã ao nascer do dia. Parece-me que o vento está com tendência para mudar para oeste, e, depois de beneficiarmos de bom vento para vir, devemos também aproveitar o bom tempo para regressar.

— Então não percamos tempo — disse Harbert, levantando-se.

— Não percamos tempo — repetiu Pencroff. — Tu, Harbert, apanhas essas sementes, que conheces melhor do que nós, enquanto eu e o senhor Spilett vamos tentar apanhar alguns desses porcos, mesmo sem a ajuda de *Top!*

Harbert enveredou portanto pelo caminho que conduzia à parte cultivada do ilhéu, ao passo que o marinheiro e o repórter se dirigiam diretamente para a floresta. Muitos exemplares de raça porcina fugiam diante deles, e esses animais, singularmente ágeis, não pareciam dispostos a deixar-se capturar. No entanto, após meia hora de perseguição, tinham os caçadores conseguido apoderar-se de um casal que se havia escondido num espesso matagal, quando, de súbito, se ouviram gritos a algumas centenas de passos para norte da ilha. A esses gritos misturavam-se uns rugidos roucos que nada tinham de humano.

Pencroff e Gédéon Spilett ergueram-se e os porcos aproveitaram a ocasião para fugir, no preciso momento em que o marinheiro preparava as cordas para os amarrar.

— É a voz de Harbert — disse o repórter.

— Corramos! — exclamou Pencroff.

E imediatamente o marinheiro e Gédéon Spilett correram a toda a força das suas pernas para o local donde partiam os gritos.

Fizeram bem em se apressar, pois, ao virarem o caminho, perto de uma clareira, viram o jovem Harbert, que tinha sido atirado ao chão por um ser selvagem, um gigantesco macaco sem dúvida, que lhe ia pregar uma má partida.

Lançarem-se sobre o monstro, deitarem-no ao chão e libertarem Harbert foi um instante para o marinheiro e o repórter. O marinheiro era de uma força hercúlea, o repórter muito robusto também, e, apesar da resistência do monstro, foi solidamente amarrado, de maneira a não poder fazer um único movimento.

— Magoaste-te, Harbert? — perguntou Gédéon Spilett.

— Não! Não!

— Se esse macaco te tivesse ferido! — exclamou Pencroff.

— Mas não é um macaco! — respondeu Harbert.

Ao ouvirem estas palavras, Pencroff e Gédéon Spilett olharam então o estranho ser que jazia por terra. Na realidade, não se tratava de um macaco! Era uma criatura humana, era um homem! Mas que homem! Um selvagem, em toda a acepção da palavra, e tanto mais assustador porquanto parecia ter caído no último grau do embrutecimento!

Cabeleira eriçada, barba hirsuta caindo-lhe até ao peito, corpo quase completamente nu, excetuando um pedaço de pano que o cingia em volta dos rins, olhos ferozes, mãos enormes e unhas desmesuradamente grandes e escuras, pés endurecidos como se fossem feitos de matéria córnea — tal era a miserável criatura a quem tinham no entanto de dar o nome de homem! Contudo, assistia-lhes todo o direito de duvidar se naquele corpo ainda existiria uma alma, ou se apenas sobrevivera nele o vulgar instinto do animal.

— Tem bem a certeza de que se trata de um homem? — perguntou Pencroff ao repórter.

— Infelizmente, não restam dúvidas a esse respeito — disse Gédéon Spilett.

— Deve ser então o náufrago? — disse Harbert.

— É, com certeza — respondeu Gédéon Spilett —, mas o infeliz nada tem de humano!

O repórter dizia a verdade. Era evidente que se o náufrago tinha alguma vez sido um ser civilizado, o isolamento fizera dele um selvagem e talvez um verdadeiro homem dos bosques. Sons roucos saíam da sua garganta, e os dentes tinham a agudeza dos dos carnívoros, feitos para dilacerarem carne crua. A memória devia tê-lo abandonado há muito e ele já não sabia servir-se nem dos utensílios nem das armas, já não sabia sequer disparar. Via-se que era rápido, ágil, mas que todas as qualidades físicas se tinham desenvolvido em detrimento das qualidades morais!

Gédéon Spilett falou-lhe. Ele não pareceu compreender, nem sequer ouvir... E no entanto, olhando-o bem nos olhos, o repórter julgou ver que nem toda a razão se tinha extinguido nele.

Entretanto, o prisioneiro não se debatia, e não tentava quebrar as amarras que o prendiam. Estaria aniquilado pela presença desses homens de quem havia sido semelhante? Encontraria nalgum recanto do cérebro alguma fugidia recordação que o levasse a tornar-se humano? Não se sabe se ele fugiria no caso de se ver livre, ou se se deixaria ficar com os que o tinham aprisionado. Não experimentaram soltá-lo, mas depois de o terem observado com extrema atenção o repórter disse:

— Quem quer que tenha sido, seja quem for, é nosso dever levá-lo para a ilha Lincoln!

— Sim! Sim! — respondeu Harbert —, e talvez nós consigamos, com certos cuidados, fazer despertar nele a luz da inteligência!

— A alma não morre — replicou o repórter. — Seria uma grande satisfação para nós arrancar esta criatura de Deus ao embrutecimento!

Pencroff abanava a cabeça com ar de dúvida.

— Devemos tentar fazê-lo — retorquiu o repórter. — É um dever de humanidade.

Era, com efeito, o seu dever de seres civilizados e cristãos. Todos os três o compreenderam, e sabiam bem que Cyrus Smith os aprovaria.

— Talvez ele caminhasse se lhe desamarrássemos os pés — disse Harbert.

— Experimentemos — respondeu Pencroff.

As cordas que prendiam os pés do prisioneiro foram então tiradas, mas os braços continuaram fortemente amarrados. Ele levantou-se e não pareceu mostrar qualquer desejo de fugir. Os seus olhos observavam os três homens que caminhavam junto dele, e nada denotava que se lembrasse de ter sido seu semelhante. Um silvo contínuo saía-lhe dos lábios, o seu aspeto era feroz, mas ele não tentava resistir.

A conselho do repórter, o infeliz foi levado para casa. Talvez ao ver os objetos que lhe pertenciam ele sentisse qualquer impressão! Talvez bastasse uma centelha para reanimar a sua razão obscurecida e reacender a sua alma extinta!

A cabana não ficava longe. Em poucos minutos chegaram lá, mas o prisioneiro não deu sinais de reconhecer nada; parecia ter perdido a consciência de tudo.

Que podiam os três companheiros pensar daquele grau de embrutecimento senão que fora o prolongado isolamento no ilhéu que o provocara? O repórter teve então a ideia de acender uma fogueira, pensando que talvez o fogo agisse sobre ele, e momentos depois um belo lume, crepitante e claro, ardia na chaminé.

Ao ver as chamas, o olhar do prisioneiro pareceu fixar-se nelas, mas pouco depois recuou e o seu olhar apagou-se de novo.

Evidentemente nada mais havia a fazer senão levá-lo para bordo do *Bonadventure*, pelo menos de momento, e foi o que fizeram, ficando o prisioneiro à guarda de Pencroff.

Harbert e Gédéon Spilett regressaram ao ilhéu para ali concluírem o que tinham planeado fazer, e algumas horas depois regressavam à margem e embarcavam levando consigo os utensílios e as armas, as sementes e os porcos, além de algumas peças de caça. Depois de tudo embarcado, o *Bonadventure* ficou pronto para levantar a âncora, logo que a maré da manhã seguinte se fizesse sentir.

O prisioneiro havia sido colocado na cabina da popa e mostrava-se calmo, silencioso, surdo e mudo ao mesmo tempo.

Pencroff ofereceu-lhe de comer, mas ele repeliu a carne cozida, que sem dúvida lhe não convinha já. E, com efeito, quando o marinheiro lhe mostrou um dos gansos que Harbert havia morto, ele lançou-se sobre a ave e devorou-a com uma avidez animalesca.

— Acham que ele voltará a portar-se como um ser humano? — perguntou Pencroff, abanando a cabeça.

— Talvez — respondeu o repórter. — Não é impossível que os nossos cuidados acabem por o fazer reagir, pois o isolamento é que fez dele o que hoje é, e daqui em diante não estará só.

— Certamente que há muito tempo que o pobre homem se encontra neste estado — disse Harbert.

— Talvez — respondeu Gédéon Spilett.

— Que idade terá ele? — perguntou o jovem.

— É difícil calcular — respondeu o repórter — pois é impossível ver as suas feições sob a espessa barba que lhe cobre a face, mas creio que não terá menos de cinquenta anos.

— Já observou, senhor Spilett, como os seus olhos estão profundamente metidos nas órbitas? — perguntou o rapaz.

— Sim, Harbert, mas creio que eles serão mais humanos quando estiverem em contacto connosco.

— Enfim, veremos — respondeu Pencroff. — Tenho curiosidade de conhecer a opinião do senhor Smith sobre o nosso selvagem. Viemos procurar uma criatura humana e levamos um monstro! Enfim, fizemos o que podemos!

Passou-se a noite e não se soube se o prisioneiro dormiu ou não. Era como uma dessas feras que nos primeiros momentos parecem calmas e que depois se enfurecem.

Ao nascer do dia — 15 de outubro —, a mudança de tempo prevista por Pencroff tinha-se dado. O vento soprava de noroeste e favorecia o regresso do *Bonadventure*, mas, ao mesmo tempo, refrescava e devia tornar a navegação mais difícil.

Às cinco horas da manhã, ergueram a âncora. Pencroff rizou a vela grande e tomou a direção este-nordeste, de modo a dirigir-se diretamente para a ilha Lincoln.

O primeiro dia da travessia não foi assinalado por qualquer acidente. O prisioneiro tinha-se mantido calmo na cabina da proa, e como havia sido marinheiro a agitação do mar produziu nele uma salutar reação. Voltar-lhe-ia à memória qualquer recordação da sua antiga profissão? Mantinha-se tranquilo, mais espantado do que abatido.

No dia seguinte — 16 de outubro —, o vento refrescou ainda mais e tomou uma direção mais a norte, numa direção menos favorável ao andamento do *Bonadventure*, que saltava agora sobre as ondas. Pencroff começou a sentir-se inquieto com o estado do mar, que batia violentamente na proa da embarcação. Certamente que se o vento não se modificasse, levariam muito mais tempo a chegar à ilha do que o despendido a chegar à ilha Tabor.

Com efeito, no dia 17 de manhã, havia quarenta e oito horas que o *Bonadventure* partira e nada indicava que se encontrasse nas paragens da ilha. Era impossível, de resto, para avaliar a rota percorrida, fazer cálculos, pois a direção e a velocidade eram muito irregulares.

Vinte e quatro horas depois ainda não havia terra à vista. O vento soprava forte e o mar estava furioso. Era preciso manobrar rapidamente as velas da embarcação, que as ondas cobriam, prender os rizes, e muitas vezes mudar as amarras. Sucedeu até que no dia 18 o *Bonadventure* foi inteiramente coberto por uma vaga, e se os seus passageiros não tomassem antecipadamente a precaução de se agarrarem à ponte, teriam sido levados pelo mar.

Nessa ocasião, Pencroff e os seus amigos, ocupados em se libertarem das cordas com que se tinham amarrado à ponte, receberam uma ajuda inesperada do prisioneiro, que se lançou pela

escotilha, como se o seu instinto de marinheiro tivesse ressurgido, e quebrou as bordas falsas com vigorosos golpes de alavanca, para fazer sair mais depressa a água que enchia o tombadilho; depois, quando o barco ficou livre da água, ele voltou para o camarote, sem dizer uma só palavra.

Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert, absolutamente estupefactos, deixavam-no agir.

No entanto, a situação era má, e o marinheiro sentia-se perdido naquele imenso mar, sem possibilidade de encontrar a sua rota!

A noite de 18 para 19 foi fria e escura. Contudo, por volta das onze horas, o vento acalmou, a ondulação diminuiu, e o *Bonadventure*, menos sacudido, adquiriu maior velocidade. De resto, aguentara maravilhosamente o mar.

Nem Pencroff, nem Gédéon Spilett, nem Harbert pensaram em ter sequer uma hora de sono. Vigiam com um cuidado extremo, pois a ilha Lincoln não podia estar longe e ao nascer do dia por certo descobririam a sua localização. Mas o vento mudou e tornara-se quase impossível corrigir a rota.

Pencroff, inquieto ao último grau, não desesperava no entanto, pois tinha a alma fortemente temperada e, sentado ao leme, procurava obstinadamente ver através da sombra espessa que o envolvia.

Por volta das duas horas da manhã, ergueu-se de repente.

— Uma luz! Uma luz! — exclamou.

Com efeito, uma viva claridade surgia na escuridão, umas vinte milhas para nordeste. A ilha Lincoln encontrava-se ali, e aquela fogueira, certamente acendida por Cyrus Smith, indicava-lhes o caminho.

Pencroff, que fazia rota mais a norte modificou a direção e fez rumo à fogueira que brilhava no horizonte, como uma estrela de primeira grandeza.

Capítulo 15

No dia seguinte — 20 de outubro —, às sete horas da manhã, após quatro dias de viagem, o *Bonadventure* chegava tranquilamente ao areal, na embocadura do rio das Mercês.

Cyrus Smith e Nab, muito inquietos com o mau tempo e com a prolongada ausência dos seus companheiros, tinham ido de madrugada para o planalto da Grande Vista, e viram finalmente a embarcação que tanto tardara a chegar!

— Deus seja louvado! Ei-los! — exclamou Cyrus Smith.

Quanto a Nab, a alegria fazia-o dançar, girando sobre si mesmo e batendo as mãos de contente, pantomima mais comovente do que o mais belo discurso!

A primeira ideia do engenheiro, ao contar as pessoas que via na ponte do *Bonadventure*, foi que Pencroff não conseguira encontrar o naufrago da ilha Tabor, ou que, pelo menos, esse infeliz se recusara a deixar a ilha, não querendo trocar uma prisão por outra.

Com efeito, Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert encontravam-se sozinhos na ponte do *Bonadventure*.

No momento em que a embarcação acostou, o engenheiro e Nab esperavam na margem, e antes de os passageiros terem saltado para a areia, Cyrus Smith disse-lhes:

— Temos estado muito inquietos com a vossa demora, meus amigos! Sucedeu-lhes alguma infelicidade?

— Não — respondeu Gédéon Spilett. — Tudo se passou maravilhosamente. Já lhe contamos tudo.

— No entanto — continuou o engenheiro —, as vossas pesquisas não deram resultado, visto que são apenas três, como à partida.

— Engana-se, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — Somos quatro!

— Encontraram o naufrago?

— Encontrámo-lo.

— E trouxeram-no?

— Sim.

— Vivo?

— Sim.

— Onde está? Quem é ele?

— É — respondeu o repórter — ou, melhor, era um homem! É tudo o que podemos dizer-lhe, Cyrus!

O engenheiro foi imediatamente posto ao corrente do que se tinha passado durante a viagem. Contaram-lhe em que condições as pesquisas tinham sido feitas, como a única habitação do ilhéu estava abandonada há muito, e como por fim tinham capturado um naufrago que parecia já não pertencer à espécie humana.

— E isso é de tal modo assim que não sabemos se fizemos bem em trazê-lo para aqui.

— Certamente que fizeram bem, Pencroff! — replicou vivamente o engenheiro.

— Mas este infeliz já não tem o seu juízo normal.

— Agora é possível que seja assim — respondeu Cyrus Smith —, mas há alguns meses era um homem como vocês e eu. Quem sabe o que sucederia a um de nós se tivesse permanecido muito tempo sozinho nesta ilha! Infeliz de quem está só, meus amigos e devemos

pensar que o isolamento pode destruir a razão, visto que encontraram esse infeliz em tal estado!

— Mas, senhor Cyrus — perguntou Harbert —, que é que o leva a crer que o embrutecimento desse infeliz seja apenas de há alguns meses?

— Porque o documento que nos enviou é recente e só o náufrago pôde tê-lo escrito.

— A não ser que tenha sido redigido por um companheiro deste homem que tivesse morrido depois — disse o repórter.

— Isso é completamente impossível, meu caro Spilett.

— Porquê? — perguntou o repórter.

— Porque nesse caso o documento falaria de dois náufragos e ele referia-se apenas a um.

Harbert contou então o que se passara durante a travessia e insistiu no facto curioso de ter parecido haver um ressurgimento passageiro no espírito do prisioneiro, quando, por instantes, se mostrara um marinheiro no auge da tormenta.

— Fazes bem, Harbert — disse o engenheiro —, em dar muita importância a esse facto. Esse infeliz não deve ser incurável e foi o desespero que o levou a tornar-se assim. Mas aqui ele voltará a encontrar os seus semelhantes, e visto que nele existe uma alma, nós a salvaremos!

O náufrago da ilha Tabor foi então retirado da cabina que ocupava a bordo do *Bonadventure*, e com grande piedade do engenheiro e o imenso espanto de Nab, tentou fugir logo que o puseram em terra.

Porém, Cyrus Smith aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no ombro num gesto cheio de autoridade, olhando-o ao mesmo tempo

com uma bondade infinita. Imediatamente, o infeliz pareceu sentir como que um domínio instantâneo, acalmou-se a pouco e pouco, os olhos baixaram, a cabeça inclinou-se e não ofereceu mais resistência.

— Pobre abandonado! — murmurou o engenheiro.

Cyrus Smith observava-o atentamente. A julgar pela aparência aquele ser miserável, nada tinha de humano, e no entanto Cyrus Smith, como o repórter já notara, surpreendeu no seu olhar um fugaz lampejo de inteligência.

Foi decidido que o abandonado, ou, melhor, o desconhecido — pois foi assim que ele passou a ser tratado —, ficaria num dos quartos de Granite-House, donde não poderia fugir. Deixou-se conduzir para lá sem dificuldade, e com a ajuda dos bons cuidados de todos poderia vir a ser um companheiro para os colonos da ilha Lincoln.

Cyrus Smith, durante o almoço, que Nab apressara — pois Harbert, Pencroff e o repórter estavam cheios de fome —, pediu que lhe contassem em pormenor todos os incidentes da viagem de exploração à ilha Tabor. Concordou com os seus amigos que o naufrago devia ser inglês ou americano, pois o nome de *Britannia* dava-lhe que pensar, e de resto, através daquela barba inculta, sob o matagal que lhe servia de cabeleira, o engenheiro julgara reconhecer os traços característicos dos Anglo-Saxões.

— Mas a verdade — disse o repórter dirigindo-se a Harbert — é que tu não nos disseste como tomaste conhecimento com esse selvagem, e nós só sabemos que ele te teria estrangulado se não tivéssemos tido a sorte de chegar a tempo de te socorrer.

— Também eu não sei bem como as coisas se passaram — replicou Harbert. — Parece-me que estava a apanhar as sementes, quando ouvi um ruído semelhante a uma avalanche que se despenhasse do alto de uma árvore. Só tive tempo de me voltar... O infeliz, que se encontrava sem dúvida em cima de uma árvore, caiu sobre mim em menos tempo do que eu levo a dizê-lo e se não fosse o senhor Spilett e Pencroff...

— Meu filho — respondeu Cyrus Smith —, correste um grande perigo, mas se não fosse isso talvez esse desconhecido tivesse fugido e não tivéssemos agora um companheiro mais.

— Espera então conseguir reabilitar esse homem? — perguntou o repórter.

— Sim — respondeu o engenheiro.

Terminado o almoço, Cyrus Smith e os seus companheiros saíram de Granite-House e voltaram ao areal. Dedicaram-se então ao descarregamento do *Bonadventure*, e o engenheiro observou com atenção as armas e os utensílios do náufrago e não descobriu nada que pudesse dar-lhe uma indicação segura sobre a sua identidade.

A captura dos porcos feita no ilhéu foi considerada muito proveitosa para a ilha Lincoln, e esses animais foram conduzidos para os estábulos, onde deveriam aclimatar-se facilmente.

Os dois barris que continham a pólvora e o chumbo, assim como os embrulhos com as escorvas, foram muito bem recebidos, e decidiu-se instalar um pequeno paiol, ou fora de Granite-House, ou na caverna superior, onde não havia a recear qualquer explosão. Todavia, a utilização do piróxilo devia continuar, pois essa substância dava excelentes resultados e não havia razão alguma para a substituir por pólvora vulgar.

Quando a embarcação acabou de ser descarregada, Pencroff disse:

— Senhor Cyrus, creio que seria bom pôr a nossa embarcação num lugar seguro.

— A embocadura do rio das Mercês não é então conveniente?

— Não, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — A maior parte do tempo fica encalhado na areia e isso pode danificá-lo. Trata-se na verdade de uma boa embarcação, que aguentou muito bem o mar durante a viagem.

— Não se poderia manter a navegar no próprio rio?

— Sem dúvida, senhor Cyrus; isso podia ser, mas como esta embocadura não é abrigada e com os ventos de leste o barco iria sofrer muito.

— Onde quer então deixá-lo, Pencroff?

— Em porto Balão — respondeu o marinheiro. — Essa pequena enseada, abrigada pelas rochas, parece-me o local ideal para o deixar. Além disso, temos uma vereda que vai lá dar diretamente!

— Faça isso, Pencroff, e conduza o seu *Bonadventure* de modo que lhe pareça; no entanto, preferia que ele ficasse sob a nossa vigilância mais imediata. Quando tivermos tempo havemos de lhe arranjar um pequeno porto.

— Famoso! — exclamou Pencroff. — Um porto com um farol e um molhe e uma doca seca! Ah, consigo tudo se torna verdadeiramente fácil!

— Sim, meu bom Pencroff, mas com a condição de ter a sua ajuda, pois o senhor vale bem por três em todas as nossas tarefas!

Harbert e o marinheiro voltaram a embarcar no *Bonadventure*, cuja âncora foi levantada, a vela erguida e o vento do largo conduziu

rapidamente até ao cabo Garra. Duas horas depois, repousava nas águas tranquilas de porto Balão.

Durante os primeiros dias que o desconhecido passou em Granite-House, algo na sua conduta teria feito pensar que a sua natureza selvagem se estava a modificar? Brilhariam no fundo desse espírito obscurecido uma claridade mais intensa? Estaria finalmente a alma a voltar ao corpo? Sim, certamente, e a tal ponto que o repórter e Cyrus Smith pensavam se a razão o teria alguma vez abandonado totalmente.

Primeiro, habituado à liberdade total e absoluta de que gozava na ilha Tabor, o desconhecido manifestara alguns surdos furores e chegaram a recear que ele se precipitasse no areal por uma das janelas de Granite-House. Mas, a pouco e pouco, acalmou-se e puderam deixá-lo em liberdade.

Tinham portanto esperanças e muitas. Esquecendo os seus instintos de carnívoro, o desconhecido começava a aceitar os alimentos cozinhados, e a carne cozida não lhe causava já a repulsa que havia manifestado a bordo do *Bonadventure*.

Cyrus Smith aproveitara um momento em que ele dormia para lhe cortar a barba e os longos cabelos, que formavam uma espécie de crina e lhe davam o aspeto de um selvagem. Graças a esses cuidados, o desconhecido retomou uma aparência humana e os seus olhos pareceram até suavizar-se. Certamente que quando a inteligência voltasse a brilhar nos seus olhos ele teria no rosto uma certa beleza. Estava agora vestido mais convenientemente, depois de o terem desembaraçado do pedaço de tecido que o cobria.

Todos os dias Cyrus Smith passava algumas horas em companhia do desconhecido. Ia trabalhar para junto dele em várias coisas para

ver se lhe despertava a atenção. Podia bastar um lampejo para iluminar aquela alma, uma recordação que iluminasse aquele cérebro para nele despertar a razão. Isso tinha sido observado durante a tempestade a bordo do *Bonadventure!*

O engenheiro falava em voz alta, de maneira a poder penetrar, ao mesmo tempo pelos órgãos do ouvido e da visão, até ao fundo dessa inteligência adormecida. Por vezes algum dos seus companheiros, e até todos, se iam juntar a ele, conversando sobre vários assuntos, sobretudo referentes às coisas do mar, que mais sensibilizariam um marinheiro. Por momentos, o desconhecido parecia prestar uma vaga atenção à sua conversa. Por vezes, a expressão do seu rosto era profundamente dolorosa, prova de que ele sofria interiormente e a sua fisionomia não podia enganar a esse ponto, e, apesar de não falar, parecia que a boca estava prestes a pronunciar algumas palavras.

Fosse como fosse, o pobre ser era calmo e triste! Mas seria a sua calma apenas aparente? Seria a tristeza uma consequência do sequestro? Nada se podia afirmar ainda. Vendo apenas uns certos objetos e num campo limitado, constantemente em contacto com os colonos, aos quais acabaria por se habituar, não tendo qualquer desejo a satisfazer, mais bem alimentado, mais bem vestido, era natural que a sua natureza física se modificasse lentamente. Mas teria entrado nele uma vida nova, ou, melhor, iria ele dedicar-se aos seus companheiros como um animal domesticado se dedica aos seus donos? Era uma questão importante, que Cyrus Smith tinha pressa de resolver, e no entanto não queria tratar o seu doente com brusquidão! Para ele, o desconhecido era apenas um doente! Viria alguma vez a ser um convalescente?

O engenheiro observava-o em todos os momentos! Espiava a sua alma, se assim se pode dizer. E estava preparado para a apanhar!

Os colonos seguiam com sincera emoção todas as fases dessa cura tentada por Cyrus Smith. Também o ajudavam nessa obra de caridade, e todos, excetuando talvez o incrédulo Pencroff, em breve partilhavam a sua esperança e a sua fé.

A calma do desconhecido era profunda, como dissemos, e ele mostrava por Cyrus Smith certa dedicação. Cyrus Smith resolveu portanto pô-lo à prova, transportando-o para outro local, num sítio onde pudesse olhar o oceano, que se habituara a ter sempre diante dos olhos.

— Mas — inquiriu Gédéon Spilett — podemos esperar que ele, vendo-se em liberdade, não tente escapar-se?

— É uma experiência a fazer — disse o engenheiro.

— Bom — disse Pencroff. — Quando o nosso hóspede vir o espaço na frente dele desaparece a toda a velocidade!

— Não creio — respondeu Cyrus Smith.

— Experimentemos — disse Gédéon Spilett.

— Sim, experimentemos — respondeu o engenheiro.

Estavam a 30 de outubro e por consequência há nove dias que o naufrago da ilha Tabor se encontrava prisioneiro em Granite-House. Estava calor e um belo sol aquecia a ilha com os seus raios.

Cyrus Smith e Pencroff foram ao quarto ocupado pelo desconhecido, que encontraram encostado à janela, olhando o céu.

— Venha, meu amigo — disse Cyrus Smith.

O desconhecido levantou-se imediatamente. O seu olhar fixou-se no engenheiro, que seguiu, enquanto Pencroff fechava a marcha, pouco confiante nos resultados da experiência.

Chegados à porta, Cyrus Smith e Pencroff fizeram-no entrar no elevador, enquanto Nab, Harbert e o repórter já os esperavam em baixo. O cesto desceu e daí a poucos momentos estavam todos reunidos no areal.

Os colonos afastaram-se um pouco do desconhecido, de modo a deixarem-no à vontade.

Aquele deu alguns passos para a beira-mar e o seu olhar brilhou com uma animação extrema. Olhou para as pequenas vagas que vinham morrer na areia.

— Isto é só o mar — disse Gédéon Spilett —, e pode ser que não lhe inspire o desejo de fugir.

— Sim — respondeu Cyrus Smith. — Vamos levá-lo à planície, à orla do planalto. Ali, a experiência será mais concludente.

— De resto, ele não poderá escapar-se — observou Nab — porque as pontes estão levantadas.

— Oh! — disse Pencroff. — Ele é mesmo homem para se embarçar com um riacho como o Creek Glicerina! Seria capaz de o atravessar, mesmo de um só salto!

— Veremos! — contentou-se em dizer Cyrus Smith, cujos olhos não deixavam de observar o seu doente.

Este foi conduzido para a embocadura do rio das Mercês, e todos, subindo a margem esquerda do rio, atingiram o planalto da Grande Vista.

Ao chegar ao local onde cresciam as primeiras árvores da floresta, cuja folhagem a brisa agitava ligeiramente, pareceu respirar com embriaguez o odor penetrante que embalsamava a atmosfera, e um longo suspiro se escapou do seu peito.

Os colonos estavam um pouco afastados, prontos a agarrá-lo se ele fizesse o menor gesto para fugir!

E, com efeito, o pobre homem esteve prestes a saltar o *creek* que o separava da floresta e as suas pernas distenderam-se um instante como uma mola... mas quase imediatamente dobrou-se sobre si mesmo, e uma grande lágrima rolou-lhe dos olhos!

— Ah! — exclamou Cyrus Smith —, eis-te de novo homem, visto que choras!

Capítulo 16

Sim! O infeliz tinha chorado! Alguma recordação, sem dúvida, e ele voltara a ser homem, segundo Cyrus Smith, através das lágrimas.

Os colonos deixaram-no durante algum tempo no planalto, e afastaram-se até um pouco, de maneira a que se sentisse livre, mas ele não pensou em aproveitar-se disso para fugir, e em breve Cyrus Smith regressava com o infeliz a Granite-House.

Dois dias depois desta cena, o desconhecido pareceu querer a pouco e pouco tomar parte na vida comum. Era evidente que ele ouvia, que compreendia, mas não era menos óbvio que se obstinava em não falar aos colonos, pois, uma noite, Pencroff, escutando à porta do quarto dele, ouviu-o murmurar estas estranhas palavras:

— Não! Aqui! Eu! Nunca!

No dia seguinte de manhã, contou o que ouvira aos seus companheiros.

— Há aí algum doloroso mistério — disse Cyrus Smith.

O desconhecido começara a servir-se dos utensílios de agricultura e trabalhava na horta. Quando se detinha no seu trabalho, o que sucedia frequentemente, ficava como que concentrado em si mesmo; mas, seguindo as recomendações do engenheiro, respeitavam a solidão que ele parecia querer conservar. Se um dos colonos se aproximava dele, recuava, e os soluços erguiam o seu peito, como se o sentisse demasiado cheio!

Seriam os remorsos que assim o acabrunhavam? Era de crer que sim, e Gédéon Spilett não pôde deixar de fazer esta observação:

— Se ele não fala é porque tem coisas muito graves a dizer, creio eu!

Era preciso ser paciente e esperar.

Alguns dias mais tarde — 3 de novembro — o desconhecido, que trabalhava no planalto, deixara cair a pá e parara de trabalhar. Cyrus Smith, que o observava à distância, viu mais uma vez que as lágrimas corriam dos seus olhos. Uma espécie de irresistível piedade levou-o até ele e tocou-lhe ligeiramente no braço.

— Meu amigo! — disse.

O olhar do desconhecido procurou evitá-lo, e como Cyrus Smith quisesse pegar-lhe na mão ele recuou vivamente.

— Meu amigo — repetiu Cyrus Smith, com voz mais firme. — Olhe para mim. Desejo que o faça!

O infeliz olhou o engenheiro e pareceu ficar sob a sua influência, como que magnetizado pelo seu olhar. Quis fugir, mas de repente deu-se na sua fisionomia uma transformação. Os seus olhos faiscaram. As palavras pareciam querer escapar-se dos seus lábios sem que ele pudesse contê-las!... Finalmente, cruzou os braços e depois, com voz surda, disse:

— Quem são?

— Somos náufragos como o senhor — respondeu o engenheiro profundamente emocionado. — Trouxemo-lo para aqui, para junto dos seus semelhantes!

— Meus semelhantes! Não os tenho!

— Está rodeado de amigos...

— Amigos... Eu! Amigos! — exclamou o desconhecido, escondendo a cara nas mãos. — Não... nunca... deixe-me! Deixe-me!

Depois, fugiu para o planalto, que dominava o mar, e permaneceu durante muito tempo imóvel.

Cyrus Smith voltou para junto dos companheiros e contou-lhes o que acabara de se passar.

— Sim, há um mistério na vida deste homem — disse Gédéon Spilett. — E parece-me que ele entrou na humanidade apenas pelo caminho dos remorsos.

— Não sei bem que género de homem nós trouxemos para aqui — disse Pencroff. Ele tem segredos...

— Que nós respeitaremos — disse vivamente o engenheiro. — Se cometeu qualquer falta já a expiou bem cruelmente, e a nossos olhos está absolvido.

Durante duas horas o desconhecido ficou imóvel na praia, evidentemente entregue a recordações que lhe traziam todo o seu passado — um passado funesto, sem dúvida —, e os colonos, sem o perderem de vista, não quiseram perturbar o seu isolamento.

No entanto, após as duas horas, pareceu tomar uma resolução e foi ter com Cyrus Smith. Os seus olhos estavam vermelhos das lágrimas que vertera, mas já não chorava. Toda a sua fisionomia exprimia uma profunda humildade. Parecia receoso, envergonhado, e os seus olhos estavam permanentemente baixos.

— O senhor e os seus companheiros são ingleses? — perguntou finalmente a Cyrus Smith.

— Não. Somos americanos — respondeu o engenheiro.

— Ah! — exclamou o desconhecido, e murmurou estas palavras:
— Prefiro isso!

— E o senhor, meu amigo? — perguntou o engenheiro.

— Inglês — respondeu precipitadamente.

E como se lhe tivesse custado dizer essas poucas palavras, afastou-se pelo areal, que percorreu desde a cascata até à embocadura do rio das Mercês num estado de grande agitação.

Depois, passando em dado momento perto de Harbert, perguntou com vos estrangulada:

— Em que mês estamos?

— Em dezembro — respondeu Harbert.

— De que ano?

— De 1886.

— Doze anos! Doze anos! — exclamou, afastando-se bruscamente.

Harbert contou aos colonos as perguntas e respostas que lhe fizera o desconhecido.

— O infeliz já não tinha a noção dos anos e dos meses — disse Gédéon Spilett.

— Sim — disse Harbert —, e já se encontrava no ilhéu há doze anos quando o encontramos!

— Doze anos! — respondeu Cyrus Smith. — Doze anos de isolamento, depois de uma existência talvez maldita, podem alterar a razão de um homem!

— Tenho a impressão —disse Pencroff— de que este homem não foi parar à ilha Tabor devido a um naufrágio, mas que ali foi abandonado depois de um crime.

— Deve ter razão, Pencroff — respondeu o repórter. — E se assim aconteceu, não é impossível que os que o abandonaram na ilha voltem a buscá-lo.

— E não o encontrarão — disse Harbert.

— Mas então — disse Pencroff —, seria melhor voltar lá e...

— Meus amigos — interrompeu Cyrus Smith. — Não tratemos deste assunto sem sabermos bem o que se passou. Creio que este infeliz sofreu muito e expiou duramente os seus crimes, sejam quais forem, e que a necessidade de se expandir o sufoca. Não o provoquemos de maneira a fazê-lo contar a sua história. Ele no-la contará sem dúvida quando chegar a altura e então saberemos como agir. Só ele poderá dizer-nos de resto se tem esperança de que o vão buscar. Creio que é mais provável que ele tenha sido condenado a morrer nesse ilhéu, sem voltar a ver os seus semelhantes.

— Mas há uma coisa que eu não consigo perceber — disse Pencroff.

— Qual?

— Se ele foi abandonado na ilha há doze anos, há muito que devia estar num estado de selvajaria semelhante ao que vimos!

— É provável — respondeu Cyrus Smith.

— Portanto, teria escrito há vários anos o documento que nós encontrámos na garrafa!

— Sem dúvida... No entanto, o documento parecia recentemente escrito!...

— De resto, como imaginar que a garrafa levaria tantos anos para chegar da ilha Tabor à ilha Lincoln? — perguntou o marinheiro.

— Isso não é absolutamente impossível — respondeu o repórter. — Não poderia estar há muito tempo nas imediações da ilha?

— Não — respondeu Pencroff —; pois ainda flutuava, e não podemos supor que depois de ter estado na água durante muito tempo ela permanecesse inteira. Seria inevitavelmente levada para cima dos rochedos e partir-se-ia!

— Com efeito! — respondeu Cyrus Smith, que ficou pensativo.

— Além disso — acrescentou o marinheiro —, se o documento tivesse sido metido na garrafa há muito tempo, ficaria inutilizado pela humidade. Ora, isso não sucedeu e encontrava-se até em perfeito estado de conservação.

A observação do marinheiro era muito justa e o facto era realmente incompreensível, pois o documento parecia ter sido recentemente escrito, quando os colonos o encontraram na garrafa. Além disso, indicava com precisão a longitude e a latitude da ilha, o que implicava uns conhecimentos de hidrografia que um simples marinheiro não poderia ter.

— Há aqui um mistério inexplicável — disse o engenheiro —; mas não forcemos o nosso companheiro a falar. Quando ele quiser fazê-lo, nós estaremos prontos a ouvi-lo!

Durante os dias que se seguiram, o desconhecido não pronunciou uma única palavra. Trabalhava sem perder um instante, sem um momento de repouso, mas sempre afastado. Às horas das refeições, não subia a Granite-House, apesar de o convidarem para isso, e limitava-se a comer alguns legumes crus. À hora de descansar também não subia para o seu quarto, deixando-se estar no areal, junto das árvores, ou, quando o tempo estava mau, refugiando-se em qualquer canto. Vivia como se não tivesse conhecido outro abrigo além das florestas da ilha Tabor, e a insistência para o levar a mudar de hábitos permanecia vã. Os colonos esperavam pacientemente. Mas chegou por fim o momento em que ele sentiu uma imperiosa necessidade de falar.

A 10 de novembro, por volta das oito horas da noite, no momento em que a obscuridade começava a adensar-se, o

desconhecido apresentou-se bruscamente diante dos colonos, reunidos na varanda. Os seus olhos brilhavam estranhamente e toda a sua fisionomia tinha o aspeto feroz dos maus dias.

Cyrus Smith e os seus companheiros ficaram como que aterrados ao verem que sob o domínio de uma terrível emoção o desconhecido batia os dentes como se tivesse febre. Que tinha ele então? A presença dos seus semelhantes era-lhe insuportável? Estava farto daquela existência num meio honesto? A nostalgia do embrutecimento apoderava-se novamente dele? Assim o pensaram quando o ouviram exprimir-se assim em frases incoerentes:

— Por que estou eu aqui?... Com que direito me arrastaram do meu ilhéu?... Pode haver laços entre os senhores e eu? Sabem quem eu sou?, o que fiz, e porque me encontrava no ilhéu... sozinho? Quem lhes diz que não fui abandonado lá? Condenado a lá morrer?... Conhecem o meu passado?... Sabem porventura se não teria roubado ou assassinado... se não sou um miserável, um ser maldito... bom para viver como um animal selvagem... longe de todos... digam... sabem isso?

Os colonos ouviam, sem o interromper, o miserável ao qual estas semiconfissões escapavam, por assim dizer, contra sua vontade. Cyrus Smith quis então acalmá-lo aproximando-se dele, mas o desconhecido recuou vivamente.

— Não! Não! — exclamou. — Apenas uma palavra... Sou livre?

— É livre — respondeu o engenheiro.

— Então, adeus! — exclamou, começando a correr como um louco.

Nab, Pencroff e Harbert correram imediatamente no seu encalço até à orla do bosque... mas voltaram sós.

— Temos de o deixar — disse Cyrus Smith.

— Nunca mais volta...—exclamou Pencroff.

— Voltará — replicou o engenheiro.

Depois disso passaram-se muitos dias; mas Cyrus Smith — seria uma espécie de pressentimento — persistia na ideia de que, mais cedo ou mais tarde, o infeliz voltaria.

— É a última revolta dessa natureza rude, tocada pelos remorsos, e que um novo isolamento assustaria.

Entretanto, os trabalhos de todos os géneros prosseguiam, tanto no planalto da Grande Vista como no curral, tencionando Cyrus Smith construir ali uma quinta. Escusado será dizer que as sementes recolhidas por Harbert foram cuidadosamente semeadas. O planalto formava então uma grande horta, bem desenhada, bem tratada, e que não dava descanso aos braços dos colonos. Havia sempre trabalho para todos. À medida que as plantas se multiplicavam, era preciso aumentar os talhões, que se transformavam em campos maiores, tirando o lugar aos prados. Mas havia muita forragem noutros locais da ilha, e os *onaggas* não estavam sujeitos a que os seus alimentos fossem racionados. Valia mais, de resto, transformar em horta o planalto da Grande Vista, defendido pela sua cintura de *creeks*, e deixar de fora os prados, que não tinham necessidade de ser protegidos contra as depredações dos quadrúpedes e dos quadrúmanos.

A 15 de novembro foi feita a terceira colheita. A superfície do campo de trigo aumentara constantemente desde que o primeiro grão de cereal fora semeado! A segunda colheita, de seiscentos mil grãos, produziu dessa vez quatro mil alqueires, ou seja, mais de quinhentos milhões de grãos! A colónia era rica em trigo, pois

bastava semear uma dezena de alqueires para que a colheita fosse garantida todos os anos, e todos, homens e animais, pudessem alimentar-se dela.

A colheita foi, portanto, feita e consagraram a última quinzena do mês de novembro aos trabalhos de panificação.

Com efeito, tinham o grão, mas não a farinha, e era necessário construir um moinho. Cyrus Smith poderia utilizar a segunda queda de água para acionar o moinho, pois a primeira estava já ocupada para movimentar os pilões do pisão, mas, após o assunto ter sido discutido, foi decidido que instalariam um simples moinho de vento nas alturas do planalto da Grande Vista. A construção de um não oferecia mais dificuldade que a do outro, pois estavam certos, por outro lado, que o vento não faltaria no planalto, exposto à brisa do largo.

— Sem contar — disse Pencroff — que o moinho de vento será mais alegre e fará bom efeito na paisagem!

Puseram portanto mãos à obra, escolhendo madeira para o corpo e para o mecanismo do moinho. Algumas grandes pedras de argila arenosa podiam facilmente transformar-se em mós, e, quanto às pás do moinho, o inesgotável invólucro do balão lhes forneceria o tecido necessário.

Cyrus Smith fez os planos e o local do moinho foi escolhido um pouco à direita da capoeira, perto da margem do lago. O corpo central devia descansar sobre um eixo mantido sobre grossas traves, de maneira a poder girar com o mecanismo que continha, conforme soprasse o vento.

Este trabalho realizou-se rapidamente. Nab e Pencroff tinham-se tornado hábeis carpinteiros e bastava-lhes seguir os planos do

engenheiro. Assim, uma espécie de guarita cilíndrica, um verdadeiro pimenteiro, encimado por um telhado pontiagudo, em breve se erguia no planalto. As quatro pás do moinho tinham sido solidamente implantadas no eixo por meio de dentes de ferro. Quanto às diversas partes do mecanismo interno, a caixa destinada a conter as duas mós, a mó fixa e a mó movediça, a moega do moinho — larga em cima, estreita em baixo, que permitiria aos grãos caírem sobre as mós —, o cubo destinado a regular a passagem do grão, cujo perpétuo tiquetaque fizera dar-lhe o nome de «tagarela», e finalmente a peneira para separar o farelo da farinha — tudo foi fabricado sem dificuldade, pois a construção de um moinho é muito simples. Foi apenas uma questão de tempo.

Toda a gente colaborara na edificação do moinho e no dia 1 de dezembro o trabalho estava terminado.

Como sempre, Pencroff estava encantado com a sua obra, e não duvidava de que o aparelho estivesse perfeito.

— Agora só nos falta um bom vento, e a nossa primeira colheita de trigo será lindamente moída.

— Um bom vento — disse o engenheiro —; mas não vento de mais, Pencroff.

— Ora! O nosso moinho girava ainda mais depressa!

— Não é necessário que ele gire depressa de mais — respondeu Cyrus Smith. — Sabe-se por experiência que um moinho produz maior quantidade de trabalho quando o número de voltas percorridas num minuto é sêxtuplo do número de pés percorridos pelo vento num segundo. Com uma brisa média, que dá oitenta pés por segundo, ele imprimirá dezasseis voltas às pás durante um minuto, e não é necessário mais.

— Justamente — exclamou Harbert —, sopra uma bela brisa de nordeste, que será bem boa para nós!

Não havia qualquer razão para retardar a inauguração do moinho, pois os colonos tinham pressa de provar o primeiro pão feito na ilha. Nesse dia de manhã, dois ou três alqueires de trigo foram moídos e na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, um magnífico pão, um pouco compacto talvez, apesar de ter sido feito com levedura de cerveja, encontrava-se sobre a mesa da casa de jantar de Granite-House. Todos o comeram com belo apetite e grande prazer, como é de resto compreensível.

Entretanto, o desconhecido não voltara a aparecer. Várias vezes, Gédéon Spilett e Harbert tinham percorrido a floresta nos arredores de Granite-House, sem encontrarem qualquer rasto dele. Inquietaram-se seriamente com aquele desaparecimento prolongado. Certamente que o antigo selvagem da ilha Tabor não se sentiria embaraçado com a vida nas florestas cheias de caça da ilha Lincoln, mas não seria de recear que a solidão reavivasse os seus hábitos de solidão e os seus instintos ferozes? Cyrus Smith, sem dúvida por qualquer pressentimento, teimava em pensar que o fugitivo regressaria.

— Sim, ele regressará — repetia com uma confiança que os seus companheiros não podiam partilhar. — Quando o infeliz se encontrava na ilha Tabor sabia que estava sozinho! Aqui sabe que os seus semelhantes o esperam! Visto que ele ousou falar da sua vida passada, esse pobre arrependido voltará para contar tudo o que se passou e desde esse dia não voltará a deixar-nos!

O futuro daria razão a Cyrus Smith.

A 3 de dezembro, Harbert deixara o planalto da Grande Vista para ir pescar na margem meridional do lago. Estava desarmado, pois até então nunca tivera nenhuma precaução a tomar, visto que os animais perigosos não apareciam naquela parte da ilha.

Entretanto, Pencroff e Nab trabalhavam na capoeira, enquanto Cyrus Smith e o repórter se encontravam nas Chaminés, a fabricar soda, pois a provisão de sabão havia-se esgotado.

De súbito ouviram-se gritos:

— Socorro! Socorro!

Cyrus Smith, e o repórter, muito afastados, não tinham ouvido esses gritos. Pencroff e Nab abandonaram a capoeira a toda a pressa e correram para o lago.

Antes deles, porém, já o desconhecido, de cuja presença ali ninguém desconfiava, saltava o Creek Glicerina, que separava o planalto da floresta, e corria para a margem oposta.

Harbert encontrava-se frente a frente com um formidável jaguar, semelhante ao que Gédéon Spilett matara no promontório do Réptil. Apanhado de surpresa, encontrava-se de pé, encostado a uma árvore, enquanto o animal se preparava para saltar sobre ele... Mas o desconhecido, apenas armado com uma faca, precipitou-se sobre a fera que se voltou contra o novo adversário.

A luta foi curta. O desconhecido era de facto de uma força e de uma agilidade prodigiosa. Tinha agarrado o jaguar pela garganta com uma mão forte como uma tenaz, enquanto as garras do animal lhe rasgavam a carne. Entretanto, com a faca que empunhava na outra mão perfurava o coração da fera.

O jaguar caiu. O desconhecido empurrou-o com um pé e ia fugir na altura em que chegaram os colonos, quando Harbert, agarrando-

se a ele, exclamou:

— Não, não. Não se vá embora!

Cyrus Smith dirigiu-se para o desconhecido, cujos sobrolhos se franziram quando o viu aproximar-se. O sangue corria do seu ombro, por baixo da camisa rasgada, mas ele não fazia caso.

— Meu amigo — disse Cyrus Smith. — Acabamos de contrair para consigo uma dívida de reconhecimento. Para salvar o nosso filho, arriscou a sua vida!

— A minha vida! — murmurou o desconhecido. — Que vale ela? Menos que nada!

— Está ferido?

— Pouco importa!

— Quer dar-me a sua mão?

E como Harbert procurava agarrar essa mão que acabara de o salvar, o desconhecido cruzou os braços, o peito inchou, o olhar velou-se e ele pareceu querer fugir; mas fazendo um violento esforço sobre si mesmo disse num tom brusco:

— Quem são e que pretendem fazer por mim?

Era a história dos colonos que ele pedia que lhe contassem. Talvez que depois de a ouvir ele se decidisse a contar também a sua história

Em poucas palavras, Cyrus Smith contou-lhe tudo o que se passara desde a sua partida de Richmond, como eles se tinham arranjado e de que recursos dispunham nesse momento.

O desconhecido ouvia-o com uma atenção extrema.

Depois, o engenheiro apresentou-os a todos: Gédéon Spilett, Pencroff, Harbert, Nab e a si mesmo, acrescentando que tinham sentido a maior alegria quando descobriram um novo companheiro.

Ao ouvir estas palavras, o desconhecido corou e baixou a cabeça e um sentimento de confusão estampou-se-lhe visivelmente no rosto.

— Agora que nos conhece — disse Cyrus Smith —, quer dar-nos a sua mão?

— Não — respondeu o desconhecido, com voz surda. — Não! Os senhores são honestos! E eu!...

Capítulo 17

Estas últimas palavras justificavam os pressentimentos dos colonos. Havia na vida daquele infeliz algum passado lastimável, talvez já expiado aos olhos dos homens, mas cuja consciência não se sentia ainda absolvida. Mas em todo o caso o culpado sentia remorsos, arrependia-se e não se sentia digno de apertar as mãos honestas que os colonos lhe estendiam! Todavia, após a cena do jaguar, não voltou para a floresta e depois desse dia não mais saiu do recinto de Granite-House.

Qual seria o mistério dessa existência? Viria o desconhecido a falar algum dia? Era o que o futuro lhes mostraria. Em todo o caso, ficou combinado que nunca lhe perguntariam o seu segredo e que viveriam com ele como se de nada desconfiassem.

Durante alguns dias, a vida em comum continuou como sempre tinha sido até então. Cyrus Smith e Gédéon Spilett trabalhavam juntos, sendo ora físicos, ora químicos. O repórter só deixava o engenheiro para ir caçar com Harbert, pois não era prudente deixar que o jovem percorresse a floresta sozinho, e era preciso protegê-lo. Quanto a Nab e a Pencroff, trabalhando ora no curral ora na capoeira, sem contar com o trabalho em Granite-House, não tinham descanso.

O desconhecido trabalhava afastado dos outros, e retomara a sua existência habitual, não assistindo às refeições, dormindo sob as árvores do planalto, não se juntando aos seus companheiros. Parecia verdadeiramente que a companhia daqueles que o tinham salvo lhe era insuportável.

— Mas então — observava Pencroff —, por que pediu ele o auxílio dos seus semelhantes? Por que lançou aquele documento ao mar?

— Ele nos dirá — respondia invariavelmente Cyrus Smith.

— Quando?

— Talvez mais cedo do que pensa, Pencroff.

E, com efeito, o dia das confissões estava perto.

A 10 de dezembro, uma semana após o seu regresso a Granite-House, Cyrus Smith viu o desconhecido aproximar-se dele, dizendo-lhe com voz calma e tom humilde:

— Senhor, queria fazer-lhe um pedido.

— Fale — respondeu o engenheiro —; mas antes disso deixe-me fazer-lhe uma...

Ao ouvir estas palavras o desconhecido corou e esteve prestes a retirar-se. Cyrus Smith compreendeu o que se passava na alma do culpado, que receava sem dúvida que o engenheiro o interrogasse sobre o seu passado!

Cyrus Smith agarrou-lhe a mão:

— Amigo — disse-lhe o engenheiro —, não apenas somos para si companheiros, como somos amigos. Queria dizer-lhe isto, e agora escuto-o.

— Senhor — disse ele por fim —, venho pedir-lhe que me fizesse um favor.

— Qual?

— Têm a quatro ou cinco milhas daqui, junto da montanha, um curral para os vossos animais domésticos. Esses animais precisam de ser tratados. Permite-me que vá viver lá junto deles?

Cyrus Smith olhou durante alguns instantes o infeliz com um sentimento de profunda comiseração. Depois, disse:

— Meu amigo, o curral tem instalações convenientes apenas para os animais...

— Isso já será bom de mais para mim, senhor.

— Meu amigo — retorquiu Cyrus Smith —, não o contrariaremos em nada. Se quer viver no curral, viva. Será sempre bem-vindo a Granite-House. Mas visto que prefere viver no curral, tomaremos as disposições necessárias para que lá possa viver convenientemente.

— Seja de que maneira for, ficarei sempre bem.

— Meu amigo — respondeu Cyrus Smith, que insistia em tratá-lo dessa maneira. — Deve deixar que nós decidamos a maneira de o instalar.

— Obrigado, senhor — respondeu o desconhecido, retirando-se.

O engenheiro contou imediatamente aos seus companheiros a proposta do desconhecido, e decidiram construir junto do curral uma casa de madeira que tornariam tão confortável quanto possível.

Nesse mesmo dia, os colonos dirigiram-se ao curral com as ferramentas necessárias e ainda não se tinha passado uma semana e já a casa estava pronta para receber o seu hóspede. Fora construída a uns vinte pés de distância dos estábulos, e dali seria fácil vigiar o rebanho de cabritos-monteses, que contava então já com mais de oitenta cabeças. Alguns móveis — uma cama, uma mesa, um armário, uma arca — foram feitos, sendo transportados para ali, assim como armas e ferramentas.

O desconhecido não quisera de resto ir ver a sua nova casa, e não quisera participar nos trabalhos, enquanto ele permanecia no planalto, terminando o que havia começado. E de facto, graças a

ele, todas as terras estavam lavradas e prontas para serem semeadas na altura propícia.

No dia 20 de dezembro, as instalações no curral estavam prontas. O engenheiro anunciou ao desconhecido que a casa estava preparada para o receber, e este respondeu que iria lá dormir nessa mesma noite.

Ao anoitecer, encontravam-se os colonos reunidos na sala grande de Granite-House. Eram umas oito horas e o desconhecido preparava-se para os deixar. Não querendo maçá-lo impondo-lhe a sua presença e provocando despedidas que talvez lhe custassem, os colonos tinham-se deixado ficar ali a conversar.

Estavam assim há alguns instantes quando ouviram bater à porta e logo imediatamente o desconhecido apareceu e sem qualquer preâmbulo disse:

— Senhores. Antes de os deixar, é bom que saibam a minha história. Ei-la!

Estas simples palavras não deixaram de impressionar vivamente Cyrus Smith e os seus companheiros.

O engenheiro levantou-se.

— Nós não lhe perguntámos nada, meu amigo. Tem todo o direito de se calar...

— O meu dever é falar.

— Então sente-se.

— Ficarei de pé.

— Estamos prontos a ouvi-lo! — respondeu Cyrus Smith.

O desconhecido encontrava-se num canto da sala, um pouco protegido pela penumbra. Estava de cabeça descoberta, com os braços cruzados sobre o peito, e foi nessa posição que, com voz

surda, falando como alguém que o faz contra a vontade, fez a narrativa seguinte, que os seus auditores não interromperam uma só vez:

— A 20 de dezembro de 1854, um barco de recreio, o *Duncan*, pertencente ao escocês Lord Glenarvan, ancorava no cabo Bernouilli, na costa ocidental da Austrália, por alturas do paralelo 37. A bordo desse barco encontravam-se Lord Glenarvan, sua mulher, um major do Exército inglês, um coreógrafo francês, uma rapariga e um rapaz. Estes últimos eram filhos do capitão Grant, cujo navio, o *Britannia*, desaparecera um ano antes. O *Duncan* era comandado por John Mangles e tinha uma tripulação de quinze homens.

«Eis a razão por que esse barco se encontrava nessa época nas costas da Austrália.

«Seis meses antes, havia sido encontrada no mar da Irlanda, pelo *Duncan*, uma garrafa que continha um documento escrito em inglês, alemão e francês. Esse documento dizia que existiam ainda três sobreviventes do naufrágio do *Britannia*, que eram o capitão Grant e dois homens da tripulação, e que eles tinham encontrado refúgio numa terra de que o documento indicava a latitude, mas cuja longitude, apagada pela água do mar, já não era legível.

«Essa latitude era de 37° 11' austral. Sendo a longitude desconhecida, se seguíssemos o paralelo 37 através dos continentes e mares, estaríamos certos de atingir a terra onde o capitão Grant e os seus homens tinham chegado.

«Como o Almirantado inglês hesitou em empreender essas pesquisas, Lord Glenarvan decidira tentar tudo para encontrar o capitão. Mary e Robert Grant tinham contactado com ele. O *Duncan* foi portanto equipado para uma viagem distante, na qual a família

do lorde e os dois filhos do capitão Grant quiseram tomar parte, e o *Duncan*, deixando Glásgua, dirigiu-se para o Atlântico, dobrou o estreito de Magalhães e subiu pelo Pacífico até à Patagónia, onde, seguindo uma primeira interpretação do documento, se podia supor que o capitão Grant estivesse, prisioneiro dos indígenas.

«O *Duncan* desembarcou os seus passageiros na costa ocidental da Patagónia e partiu, para os ir recolher na costa oriental, no cabo Corrientés.

«Lord Glenarvan atravessou a Patagónia, seguindo o paralelo 37, e, não tendo encontrado qualquer rasto do capitão Grant, voltou a embarcar, a 13 de novembro, para prosseguir as suas pesquisas através do oceano.

«Depois de ter visitado sem êxito as ilhas Tristão da Cunha e de Amesterdão, situadas no seu percurso, o *Duncan*, como já disse, chegou ao cabo Bernouilli, na costa australiana, a 20 de dezembro de 1854.

«A intenção de Lord Glenarvan era de atravessar a Austrália como atravessara a América, e desembarcou. A algumas milhas de distância da costa, ficava situada uma quinta pertencente a um irlandês, que ofereceu hospitalidade aos viajantes. Lord Glenarvan deu a conhecer a esse irlandês as razões que o haviam levado a essas paragens e perguntou-lhe se tinha conhecimento de um navio de três mastros, o *Britannia*, que desaparecera há menos de dois anos na costa oeste da Austrália.

«O irlandês nunca tinha ouvido falar de tal naufrágio, mas, com grande surpresa dos assistentes, um dos empregados do irlandês interveio e disse:

«— Milord, louve e agradeça a Deus. Se o capitão Grant se encontrar ainda vivo é na costa australiana que está.

«— Quem é o senhor? — perguntou Lord Glenarvan.

«— Um escocês como o senhor, Milord — respondeu esse homem. — Sou um dos companheiros do capitão Grant, um dos naufragos do *Britannia*.

«Esse homem chamava-se Ayrton. Era, com efeito, o contramestre do *Britannia*, como testemunhavam os seus papéis. Mas, separado do capitão Grant desde o momento em que o navio se partira contra os recifes, julgara até então que o comandante, bem como toda a tripulação, tinha perecido e que era ele o único sobrevivente do naufrágio.

«— No entanto — acrescentou ele —, não foi na costa ocidental, mas sim na costa oriental da Austrália que o *Britannia* se perdeu, e o capitão Grant ainda está vivo e, como o documento indica, está prisioneiro dos indígenas australianos, e é na outra costa que é preciso procurá-lo.

«Esse homem, ao falar, tinha uma voz franca e o olhar firme. Não se podia duvidar das suas palavras. O irlandês, que o tinha ao seu serviço há mais de um ano, respondia por ele. Lord Glenarvan acreditou na lealdade desse homem e, graças aos seus conselhos, resolveu atravessar a Austrália, seguindo o paralelo 37. Lord Glenarvan, sua mulher, os dois jovens, o major, o francês, o capitão Mangles e alguns marinheiros deviam formar o pequeno grupo, que seria chefiado por Ayrton, enquanto o *Duncan*, às ordens do imediato, Tom Austin, se dirigia a Melbourne, onde iria esperar as instruções de Lord Glenarvan.

«Partiram a 23 de dezembro de 1854.

«Devo dizer que esse Ayrton era um traidor. Com efeito, fora o contramestre do *Britannia*, mas depois de uma discussão com o seu comandante levava os marinheiros a revoltarem-se e a apoderar-se do navio, e o capitão Grant tinha-o desembarcado, em 8 de abril de 1852, na costa ocidental da Austrália; depois partira, abandonando-o, o que era justíssimo.

«Assim, esse miserável não sabia nada do naufrágio do *Britannia*. Acabava de tomar conhecimento dele pelo relato de Lord Glenarvan! Desde o seu abandono, tinha-se tomado, sob o nome de Ben Joyce, chefe de prisioneiros evadidos e se afirmava impudentemente que o naufrágio tivera lugar na costa leste, se levava Lord Glenarvan a lançar-se nessa direção, era porque esperava apoderar-se do *Duncan* e fazer dele um navio pirata do Pacífico.

Nesta altura da narrativa o desconhecido interrompeu-se durante um instante. A voz tremia-lhe, mas continuou nestes termos:

«A expedição partiu através da terra australiana. É claro que não teve êxito, pois Ayrton, ou Ben Joyce, como queiram chamar-lhe, dirigia-a, seguido do bando de condenados, que ele prevenira do que tencionava fazer.

«Entretanto, o *Duncan* seguira para Melbourne, a fim de ser reparado. Tratava-se portanto de decidir Lord Glenarvan a dar-lhe ordem de deixar Melbourne e de dirigir-se para a costa leste da Austrália, onde seria fácil ao traidor apoderar-se do barco. Depois de ter conduzido a expedição para muito perto dessa costa, no meio de vastas florestas, onde faltavam todos os recursos, Ayrton obteve uma carta que se encarregou de levar ao imediato do *Duncan*, carta essa que dava ordem para o barco se dirigir imediatamente à costa leste, à baía de Twofold, isto é, a alguns dias de viagem do local

onde a expedição se detivera. Ali é que Ayrton marcara encontro com os seus cúmplices.

«No momento em que essa carta lhe ia ser entregue, o traidor foi desmascarado e teve de fugir. Mas tal carta, que devia permitir-lhe apoderar-se do *Duncan*, precisava ele de a ter a todo o custo. Finalmente, Ayrton conseguiu apoderar-se da carta, e dois dias depois chegava a Melbourne.

«Até então, o criminoso tivera êxito em todos os seus odiosos projetos. Ia poder conduzir o *Duncan* à baía Twofold, onde seria fácil aos seus cúmplices apoderarem-se dele e matar a tripulação. Nessa altura, Ben Joyce tornar-se-ia senhor daqueles mares... Mas Deus iria detê-lo na consecução dos seus funestos intentos.

«Ao chegar a Melbourne, Ayrton entregou a carta ao imediato, Tom Austin, que tomou conhecimento dela e aparelhou imediatamente; mas imagine-se o desapontamento e a cólera de Ayrton, quando, no dia seguinte, soube que o imediato conduzia o navio não para a costa leste da Austrália, para a baía de Twofold, mas sim para a costa leste da Nova Zelândia. Quis opor-se a isso. Austin mostrou-lhe a carta. Com efeito, por um erro providencial do geógrafo francês que redigira a carta, a costa leste da Nova Zelândia é que tinha sido indicada como local de destino.

«Todos os planos de Ayrton caíam por terra! Quis revoltar-se. Foi fechado. Foi então levado para a costa da Nova Zelândia, não sabendo o que sucedera aos seus cúmplices, nem o que sucederia a Lorde Glenarvan.

«O *Duncan* continuou a cruzar os mares até ao dia 3 de março. Nesse dia, Ayrton ouviu detonações. Eram os canhões do *Duncan*

que faziam fogo e daí a pouco Lord Glenarvan e todos os seus estavam a bordo.

«Eis o que se havia passado:

«Após mil fadigas, mil perigos, Lord Glenarvan conseguira terminar a sua viagem e chegar à costa leste da Austrália, na baía de Twofold. Não encontrou o *Duncan*. Telegrafou para Melbourne. Responderam-lhe: "*Duncan* partiu a 18 do corrente para destino desconhecido."

«Lord Glenarvan só pensou que o seu navio tinha caído nas mãos de corsários e se transformara num navio pirata!

«No entanto, Lord Glenarvan não quis abandonar a partida. Era um homem intrépido e generoso. Embarcou num navio mercante e dirigiu-se à costa ocidental da Nova Zelândia, atravessou-a no paralelo 37, sem encontrar qualquer rasto do capitão Grant; mas na outra costa, para grande surpresa sua, e pela vontade do Céu, encontrou o *Duncan* comandado pelo imediato, que o esperava há cinco semanas!

«Estava-se a 3 de março de 1855. Lord Glenarvan encontrava-se portanto a bordo do *Duncan*, mas Ayrton também lá estava. Compareceu diante do lorde, que quis saber o que é que ele realmente conhecia a respeito do capitão Grant. Ayrton recusou-se a falar. Lord Glenarvan disse-lhe então que na primeira oportunidade o entregaria às autoridades inglesas. Ayrton ficou mudo.

«O *Duncan* voltou à rota do paralelo 37. Entretanto, Lady Glenarvan decidiu vencer a resistência do bandido. A sua persistência venceu, e Ayrton, em troca daquilo que pudesse dizer, propôs a Lord Glenarvan abandoná-lo numa das ilhas do Pacífico, em

vez de o entregar às autoridades inglesas. Lord Glenarvan, disposto a tudo para saber do paradeiro do capitão Grant, concordou.

«Ayrton contou então toda a sua vida e viu-se que ele não soubera mais nada do capitão Grant desde que ele o desembarcara na costa australiana.

«Entretanto, Lord Glenarvan manteve a palavra dada. O *Duncan* seguiu a sua rota e chegou à ilha Tabor. Era lá que Ayrton devia ser deixado e foi lá também que, por um verdadeiro milagre, encontraram o capitão Grant e os dois homens, precisamente no paralelo 37. O condenado ia portanto substituí-los no ilhéu deserto e, no momento em que ele deixava o navio, Lord Glenarvan pronunciou estas palavras:

«— Aqui, Ayrton, você ficará afastado de qualquer terra e sem comunicação possível sem os seus semelhantes. Não poderá fugir desta ilha. Ficaré só, sob o olhar de um Deus que lê no mais profundo dos corações, mas não estará nem perdido, nem ignorado, como esteve o capitão Grant. Por mais indigno que seja da lembrança dos homens, os homens recordar-se-ão de si. Eu sei onde você está, Ayrton, e sei onde o encontrar. Nunca o esquecerei!

«E o *Duncan* desapareceu pouco depois.

«Era o dia 18 de março de 1855.

«Ayrton encontrava-se sozinho, mas nem as munições, nem as armas, nem as ferramentas, nem os utensílios lhe faltavam, assim como não lhe faltavam os cereais. Tinha também a casa construída pelas mãos honestas do capitão Grant. Bastava-lhe viver e expiar no isolamento os crimes que cometera.

«Ele arrependeu-se de facto, teve vergonha dos seus crimes e sentiu-se muito infeliz! Pensava que se os homens fossem um dia

procurá-lo àquele ilhéu, era preciso que ele fosse digno de se encontrar entre eles! Como sofreu, o miserável! Como trabalhou para se resgatar pelo trabalho! Como rezou para se regenerar por meio da oração.

«Durante dois, três anos, foi assim; mas Ayrton, abatido pelo sofrimento, olhava constantemente o mar para ver se algum navio surgia no horizonte, se o seu tempo de expiação teria acabado, e sofria como nunca ninguém tinha sofrido! Ah!, como a solidão é dura para uma alma roída pelos remorsos!

«Mas sem dúvida o Céu não o considerava suficientemente castigado e o infeliz sentia o embrutecimento apoderar-se dele a pouco e pouco! Não pode dizer-lhes se foi após dois ou quatro anos de abandono, mas por fim transformou-se no selvagem que encontraram!

«Não tenho necessidade de lhes dizer, senhores, que Ayrton, Ben Joyce e eu somos apenas um!

Cyrus Smith e os seus companheiros tinham-se levantado no fim da narrativa. É difícil dizer até que ponto eles se sentiam emocionados! Tantas misérias, tanta dor e desespero que se exibiam diante deles!

— Ayrton — disse então Cyrus Smith —, você foi um grande criminoso, mas o Céu deve certamente achar que já expiou os seus crimes! Ele provou-o trazendo-o para junto dos seus semelhantes. Ayrton, você está perdoado. Quer agora ficar a viver entre nós?

Ayrton tinha recuado.

— Eis a minha mão! — disse o engenheiro.

Ayrton precipitou-se para aquela mão que se estendia para ele e grossas lágrimas correram-lhe pelas faces.

— Quer viver connosco?

— Deixe-me ficar ainda algum tempo sozinho na casa do curral, senhor Smith!

— Como queira, Ayrton — respondeu o engenheiro.

Ayrton ia retirar-se quando Cyrus Smith lhe dirigiu uma última pergunta:

— Mais uma palavra, meu amigo. Visto que o seu desejo é viver isolado, por que deitou ao mar o documento que nos pôs na sua pista?

— Um documento? — perguntou Ayrton, que parecia não saber de que é que o engenheiro falava.

— Sim. O documento que dava a situação exata da ilha Tabor!

Ayrton passou a mão pela testa. Depois, tendo refletido:

— Nunca lancei qualquer documento ao mar!

— Nunca? — exclamou Pencroff.

— Nunca!

E Ayrton, inclinando-se, dirigiu-se para a porta e partiu.

Capítulo 18

— Pobre homem! — murmurou Harbert, que depois de ter corrido para a porta, voltou, após Ayrton deslizar pelo elevador e desaparecer no meio da escuridão da noite.

— Ele voltará — disse Cyrus Smith.

— Que quer dizer isso que ouvimos há pouco? — exclamou Pencroff. — Então não foi Ayrton quem lançou aquela garrafa ao mar? Quem foi então?

Realmente a pergunta de Pencroff era pertinente.

— Foi ele — replicou Nab. — Mas o pobre homem estava já semilouco.

— Sim — disse Harbert. — Mas já não tinha consciência do que fazia.

— Só assim isso se pode explicar, meus amigos — respondeu vivamente Cyrus Smith. — Compreendo agora que Ayrton tenha podido indicar com precisão a situação geográfica da ilha Tabor, visto que os acontecimentos que precederam a sua chegada à ilha Tabor já a davam a conhecer.

— Isso prova — respondeu Cyrus Smith — que Ayrton só foi privado da inteligência há muito menos tempo do que ele julga.

— É preciso que seja assim — respondeu Pencroff. — Sem isso o caso seria inexplicável.

— Inexplicável, com efeito — respondeu o engenheiro, que parecia não querer prolongar aquela conversa.

— Mas terá Ayrton dito a verdade? — perguntou o marinheiro.

— Sim — respondeu o repórter. — A história que ele contou é verdadeira em todos os pontos. Lembro-me muito bem de que os jornais falaram da tentativa feita por Lord Glenarvan e o resultado que obteve.

— Ayrton disse a verdade — acrescentou Cyrus Smith. — Não duvide, Pencroff, pois submeteu-se a rude prova contando-nos tão terríveis acontecimentos. Uma pessoa que assim se acusa fala com certeza verdade.

No dia seguinte — 21 de dezembro —, os colonos desceram ao areal e quando chegaram ao planalto não encontraram Ayrton. Este chegara durante a noite à casa do curral e os colonos acharam que não deviam importuná-lo. O tempo faria sem dúvida mais do que qualquer encorajamento.

Harbert, Pencroff e Nab voltaram então às suas ocupações habituais. Nesse dia, os mesmos trabalhos reuniram Cyrus Smith, e o repórter na oficina das Chaminés.

— Sabe, meu caro Cyrus — disse Gédéon Spilett —, que a explicação que ontem deu a respeito da garrafa com o documento não me satisfaz nada! Como hei de admitir que esse infeliz tenha escrito o documento e não se recorde absolutamente de nada?

— Não deve ter sido ele quem o escreveu, meu caro Spilett.

— Então acha...

— Eu não acho nada... não sei nada! — respondeu Cyrus Smith, interrompendo o repórter. — Contento-me em alinhar este incidente ao lado daqueles que até hoje se têm revelado inexplicáveis!

— Na verdade, Cyrus — disse Gédéon Spilett —, essas coisas são incríveis! O seu salvamento, a caixa encaçada na areia, as

aventuras de *Top* e por fim a garrafa... Teremos algum dia a explicação destes mistérios?

— Sim! — respondeu vivamente o engenheiro. — Nem que eu tenha de revistar esta ilha até às suas mais profundas entranhas!

— Talvez o acaso nos dê a chave deste enigma!

— O acaso, Spilett! Não acredito no acaso, como não creio nos mistérios deste mundo. Há uma causa para tudo o que de inexplicável aqui se passa e hei de descobrir essa causa. Mas entretanto observemos e trabalhemos.

O mês de janeiro chegou. Era o ano de 1867 que começava. Os trabalhos de verão foram constantes. Durante os dias que se seguiram, Harbert e Gédéon Spilett, indo para os lados do curral, verificaram que Ayrton se instalara na casa preparada para ele. Ocupava-se do numeroso rebanho confiado aos seus cuidados e poupava aos seus companheiros o trabalho de irem ali de dois em dois ou de três em três dias. No entanto, para não deixarem Ayrton sozinho durante muito tempo, os colonos visitavam-no frequentemente.

Também não lhes era indiferente — dadas certas desconfianças partilhadas pelo repórter e pelo engenheiro — ver se aquela parte da ilha era vigiada, e Ayrton, se sucedesse algum incidente, não deixaria de ir contá-lo aos habitantes de Granite-House. Mas também podia dar-se o caso de o incidente ser súbito e pedir uma rápida intervenção dos colonos, tal como a passagem de um navio na costa ocidental, a possível chegada de piratas, etc.

Assim, Cyrus Smith decidiu pôr o curral em comunicação instantânea com Granite-House.

Foi no dia 10 de janeiro que ele falou do projeto aos seus companheiros.

— Que tenciona fazer, senhor Cyrus? — perguntou Pencroff. — Não me diga que quer instalar um telégrafo?

— Um telégrafo, precisamente — respondeu o engenheiro.

— Elétrico? — perguntou Harbert.

— Elétrico — replicou Cyrus Smith. — Temos todos os elementos necessários para confeccionar uma pilha; o primeiro trabalho será obter os fios de ferro, mas por meio de uma fieira creio que conseguiremos o nosso objetivo.

— Pois bem — disse Pencroff —: depois disto, já não desespero de virmos a ter aqui um caminho de ferro!

Puseram portanto mãos à obra, começando pelo mais difícil, isto é, pelo fabrico dos fios, pois se não conseguissem fabricá-los tornava-se inútil confeccionar a pilha e os outros acessórios.

O ferro da ilha Lincoln, como se sabe, era de excelente qualidade, e, por conseguinte, muito apropriado para o fabrico de arame. Cyrus Smith começou por fabricar uma fieira, isto é, uma placa de aço, que foi perfurada por buracos de diferentes calibres que dariam ao fio a espessura conveniente. Essa peça de aço, depois de ter sido temperada, «em toda a sua dureza», como se diz em metalurgia, foi presa a um pilar solidamente enterrado no solo, a poucos pés de distância da grande queda, cuja força motriz o engenheiro queria utilizar mais uma vez.

Com efeito, encontrava-se ali o pisão, que nessa altura não estava em funcionamento, mas cujo veio motor, movido com toda a velocidade, poderia servir para esticar o fio, enrolando-o.

A operação foi delicada e precisou de muitos cuidados. O ferro foi previamente preparado em barras compridas e delgadas, as quais, de extremidades adelgadas com uma lima, eram introduzidas no furo mais largo da fieira, esticadas pelo veio motor e então enroladas num comprimento de vinte e cinco a trinta pés, que era fácil depois desenrolar e meter num dos buracos de menor diâmetro. Finalmente, o engenheiro obteve fios de quarenta a cinquenta pés de comprimento, que não era difícil esticar e estender pela distância de cinco milhas que separava o curral do recinto de Granite-House.

Foram necessários poucos dias para terminar este trabalho, e logo que os fios ficaram esticados, Cyrus Smith deixou os seus companheiros fazerem o papel de puxadores e ocupou-se em fabricar a sua pilha.

Tratava-se, na ocorrência, de obter uma pilha de corrente contínua. Sabe-se que os elementos das pilhas modernas se compõem geralmente de carvão de retorta, de zinco e de cobre. O cobre faltava totalmente ao engenheiro, pois, apesar das suas pesquisas, não encontrara quaisquer vestígios na ilha Lincoln, pelo que era preciso passar sem ele. O carvão de retorta, isto é, o duro grafite que se encontra nas retortas das fábricas de gás, depois de a hulha ter sido desidrogenada, puderam produzi-lo, mas foi necessário instalar aparelhos especiais, sem dúvida um trabalho difícil. Quanto ao zinco, devemos lembrar-nos de que a caixa encontrada na ponta do Destroço estava forrada com esse metal, que não podia ser mais bem utilizado do que nessa circunstância.

Cyrus Smith, após maduras reflexões, resolveu portanto fabricar uma pilha muito simples, semelhante à que Becquerel imaginou em 1820, e na qual apenas era utilizado o zinco. Quanto às outras

substâncias, ácido azótico e potassa, tudo isso se encontrava à sua disposição.

Eis portanto como foi composta essa pilha, cujos efeitos deviam ser produzidos pela reação do ácido e da potassa um sobre o outro.

Um certo número de frascos de vidro foi fabricado e cheio de ácido azótico. O engenheiro tapou-os com uma rolha atravessada por um tubo de vidro fechado na sua extremidade inferior e destinado a mergulhar no ácido por meio de um tampão de argila preso por um trapo. Nesse tubo, pela extremidade superior, deitou então uma dissolução de potassa, que obtivera previamente pela incineração de diversas plantas, e, desse modo o ácido e a potassa puderam agir um sobre o outro através da argila.

Cyrus Smith pegou então em duas lâminas de zinco e mergulhou uma no ácido azótico e a outra na solução de potassa. Produziu-se imediatamente uma corrente, que ia da lâmina do frasco à do tubo; estando essas duas lâminas ligadas por um fio metálico, a lâmina do tubo tornou-se o pólo positivo e a do frasco o pólo negativo do aparelho. Cada frasco produzia portanto outras tantas correntes que, reunidas, deviam bastar para provocar todos os fenômenos próprios da telegrafia elétrica.

Foi este o engenhoso e simples aparelho construído por Cyrus Smith, aparelho esse que iria permitir-lhe estabelecer ligação telegráfica entre Granite-House e o curral.

A 6 de fevereiro, teve início a colocação dos postes, munidos de isoladores de vidro, e destinados a segurar o fio que devia seguir a estrada do curral. Alguns dias depois o fio estava esticado e pronto a produzir, com uma velocidade de cem mil quilômetros por segundo,

a corrente elétrica, que a terra se encarregaria de levar ao seu ponto de partida.

Tinham sido fabricadas duas pilhas, uma para Granite-House e outra para o curral, pois se o curral devia comunicar com Granite-House, podia ser necessário que esta comunicasse com o curral.

Quanto ao recetor e ao manipulador, foram construídos de forma muito simples. Nas duas estações, os fios enrolavam-se num eletroímã, isto é, num bocado de ferro macio rodeado por um fio. Logo que a comunicação era estabelecida entre os dois pólos, a corrente, partindo do pólo positivo, atravessava o fio, passava no eletroímã, que se magnetizava temporariamente, e voltava pelo solo ao pólo negativo. Uma vez a corrente interrompida, o eletroímã desmagnetizava-se imediatamente. Bastava portanto colocar uma placa de ferro macio diante do eletroímã para que este, atraído durante a passagem da corrente, voltasse a cair quando a corrente fosse interrompida. Obtendo esse movimento da placa, Cyrus Smith pôde facilmente ligar-lhe um ponteiro colocado num mostrador, que continha as letras do alfabeto, e comunicar desse modo de uma estação para outra.

Finalmente, a 12 de fevereiro, tudo ficou instalado. Nesse dia, Cyrus Smith lançou a corrente através do fio e perguntou se tudo corria bem no curral. Alguns instantes depois, recebeu uma resposta satisfatória de Ayrton.

Pencroff não cabia em si de contente, e todas as manhãs e todas as noites enviava um telegrama para o curral, telegrama esse que nunca ficava sem resposta.

Esse modo de comunicação apresentava duas vantagens muito reais: primeiro, porque permitia comprovar a presença de Ayrton no

curral; depois, porque ele não ficava num isolamento total. De resto, Cyrus Smith nunca deixava passar uma semana sem o ir ver, e Ayrton ia de tempos a tempos a Granite-House, onde era sempre bem recebido.

A estação boa passou-se assim no meio dos trabalhos habituais. Os recursos da colónia, particularmente em legumes e em cereais, cresciam de dia para dia, e as plantas trazidas da ilha Tabor tinham-se adaptado perfeitamente. O planalto da Grande Vista apresentava um aspeto deveras reconfortante. A quarta colheita de trigo havia sido admirável, e, como é de calcular, ninguém se deu ao trabalho de contar se na colheita se encontravam os quatrocentos mil milhões de grãos. Pencroff tivera a ideia de o fazer, mas tendo-lhe Cyrus Smith dito que, mesmo que ele conseguisse contar trezentos grãos por minuto, ou seja, nove mil por hora, ser-lhe-iam necessários cerca de cinco mil e quinhentos anos para terminar a sua tarefa, o valente marinheiro achou melhor renunciar a essa tarefa.

O tempo estava magnífico, a temperatura muito quente durante o dia, mas ao anoitecer a brisa do largo temperava o ardor da atmosfera e proporcionava noites frescas aos habitantes de Granite-House. No entanto, houve algumas tempestades que, se não foram de grande duração, caíam sobre a ilha Lincoln com uma violência espantosa. Durante algumas horas os relâmpagos rasgavam o céu e o rugir da trovoadas não deixava de se ouvir.

Nessa época a pequena colónia encontrava-se extraordinariamente próspera. Os hóspedes da capoeira pululavam e viviam do seu excedente, pois era necessário reduzir a sua população a um número menos elevado. Os porcos haviam tido crias e os cuidados com esses animais absorviam grande parte do tempo

de Nab e de Pencroff Os *onaggas*, que se transformaram em dois belos animais, eram frequentemente montados por Gédéon Spilett e Harbert que se tomara um excelente cavaleiro, sob a direção do repórter, e eram também atrelados ao carro, quer para transportar carvão e hulha, quer os diversos produtos minerais que o engenheiro utilizava.

Vários reconhecimentos foram realizados nessa época até às profundezas das florestas do Far West. Os exploradores podiam aventurar-se até lá sem temer os excessos de temperatura, pois os raios solares mal atravessavam a espessa ramagem que se emaranhava por cima das suas cabeças. Visitaram assim toda a margem esquerda do rio das Mercês, que orlava a estrada que ia do curral à embocadura do rio e à queda de água.

Contudo, durante essas excursões, os colonos tinham o cuidado de irem bem armados, pois encontravam frequentemente javalis, selvagens e ferozes, contra os quais era necessário lutar seriamente.

Durante essa estação foi também feita uma guerra terrível aos jaguares. Gédéon Spilett votava-lhes um ódio muito especial, e o seu aluno, Harbert, secundava-o bem. Armados como estavam não receavam o encontro com um desses animais. A ousadia de Harbert era soberba e o sangue-frio do repórter espantoso. Umas vinte magníficas peles desses animais ornamentavam já as paredes da sala grande de Granite-House e se isso continuasse a raça dos jaguares seria em breve extinta na ilha, que era o objetivo dos caçadores.

O engenheiro tomou algumas vezes parte nessas expedições, que foram feitas nas diversas partes da ilha, que observava com uma minuciosa atenção. Eram rastos diferentes dos deixados pelos

animais que interessavam ao engenheiro, mas nunca nada de suspeito apareceu aos seus olhos. Nem *Top*, nem *Jup*, que os acompanhavam, deixavam pressentir pela sua atitude que houvesse qualquer coisa de extraordinário, e, no entanto, mais de uma vez o cão ladrou junto do orifício do poço que o engenheiro explorara sem resultado.

Foi nessa época que Gédéon Spilett, ajudado por Harbert, tirou, com o aparelho fotográfico encontrado na caixa e que não utilizara até então, várias fotografias aos locais mais pitorescos da ilha.

O aparelho, munido de uma poderosa objetiva, era muito completo. Substâncias necessárias para reproduções necessárias, colódio para preparar a placa de vidro, nitrato de prata para a sensibilizar, hipossulfato de soda para fixar a imagem obtida, cloreto de amônio para banhar o papel destinado a dar a prova positiva, acetato de soda e cloreto de ouro para impregnar esta última — nada faltava. Os próprios papéis se encontravam também junto da caixa, todos cloretados, e antes de os colocar no *chassis* para as provas negativas, bastava mergulhá-las durante alguns minutos no nitrato de prata misturado com água.

O repórter e o seu ajudante tornaram-se, em pouco tempo, hábeis fotógrafos, e obtiveram belas fotos de paisagens, como o conjunto da ilha tirado do planalto da Grande Vista, com o monte Franklin no horizonte, a embocadura do rio das Mercês, tão pitorescamente emoldurada nas altas rochas, a clareira e o curral encostados ao sopé da montanha, toda a curiosa extensão do cabo Garra, da ponta do Destroço, etc.

Os fotógrafos também não se esqueceram de fotografar todos os habitantes da ilha, sem exceção.

— Isto povoa-se! — dizia Pencroff.

E o marinheiro mostrava-se encantado por ver a sua imagem, fielmente reproduzida, enfeitar as paredes de Granite-House, e parava muitas vezes diante dessa exposição como se estivesse diante das mais ricas montras da Broadway.

No entanto, devemos dizer que o melhor retrato foi incontestavelmente o de mestre *Jup*. Este posara com uma seriedade impossível de descrever e a sua imagem parecia real!

— Parece que vai fazer uma careta! — dizia Pencroff.

E se mestre *Jup* não estivesse contente era porque seria muito difícil de contentar; mas estava, e contemplava a sua imagem com um ar sentimental que deixava transparecer uma ligeira dose de faduidade.

Os grandes calores de verão terminaram com o mês de março. O tempo estava por vezes chuvoso, mas a atmosfera mantinha-se ainda quente. Esse mês de março, que corresponde ao mês de novembro das latitudes boreais, não foi tão bom como se poderia esperar. Talvez anunciasse um inverno precoce e rigoroso.

Uma manhã chegaram a pensar — era o dia 21 — que as primeiras neves tinham surgido. Com efeito, Harbert, tendo chegado muito cedo a uma das janelas de Granite-House, exclamou:

— Olhem! O ilhéu está coberto de neve!

— Neve nesta época! — exclamou o repórter, que se aproximara do jovem.

Os seus companheiros juntaram-se-lhes logo a seguir e todos puderam verificar que não só o ilhéu como todo o areal se encontravam cobertos por uma camada branca, uniformemente espalhada pelo solo.

— É realmente neve! — disse Pencroff.

— Ou é muito parecida com a neve! — observou Nab.

— Mas o termómetro marca cinquenta e oito graus (catorze graus centígrados acima de zero)! — observou Gédéon Spilett.

Cyrus Smith olhava o lençol branco sem se pronunciar, pois não sabia realmente como explicar aquele fenómeno, naquela época do ano e com tal temperatura.

— Com mil diabos! — exclamou Pencroff. — As nossas plantações vão ficar geladas!

E o marinheiro dispunha-se a descer quando foi precedido pelo ágil *Jup*, que se deixou escorregar até ao solo.

Porém, mal o orangotango tocara no solo e já a camada de neve se erguia e se espalhava em flocos tão numerosos que a luz do dia ficou velada durante alguns minutos.

— Pássaros! — exclamou Harbert.

Eram, com efeito, bandos de pássaros marítimos, com uma plumagem de deslumbrante brancura. Tinham descido às centenas de milhares sobre o ilhéu e a costa, e desapareceram ao longe, deixando os colonos espantados como se tivessem assistido a uma mudança súbita que fizesse suceder o verão ao inverno num cenário de maravilha. Infelizmente, a mudança foi tão súbita que nem o repórter, nem Harbert tiveram tempo de abater um desses pássaros, para saberem de que espécie se tratava.

Alguns dias depois, era o dia 26 de março e fazia dois anos que os náufragos do ar tinham sido atirados para a ilha Lincoln!

Capítulo 19

Já dois anos! E desde há dois anos que os colonos não tinham qualquer comunicação com os seus semelhantes! Estavam sem notícias do mundo civilizado, perdidos naquela ilha como se estivessem no mais insignificante asteroide do sistema solar!

Que se passaria no seu país? A imagem da pátria estava sempre presente aos seus olhos, essa pátria dilacerada pela guerra civil no momento em que eles a tinham deixado, e que a rebelião do Sul talvez ainda ensanguentasse! Era para eles uma grande dor, e falavam muitas vezes dessas coisas, sem nunca duvidar, no entanto, de que a causa do Norte triunfaria, para honra da Confederação americana.

Durante esses dois anos, nenhum navio passou perto da ilha, ou pelo menos nunca uma vela fora vista. Era evidente que a ilha Lincoln se encontrava afastada de todas as rotas marítimas, e até que era desconhecida — o que de resto os mapas provavam —, pois apesar de não ter um porto a sua aguada devia atrair os barcos desejosos de renovarem as suas provisões de água. Mas o mar que os rodeava estava sempre deserto, tão longe quanto o olhar podia alcançar, e os colonos só poderiam contar consigo mesmos para se repatriarem.

No entanto, existia uma possibilidade de salvação, e essa possibilidade foi precisamente discutida, na primeira semana de abril, pelos colonos, reunidos na sala grande de Granite-House.

Tinham estado a falar da América, do país natal, que tinham tão poucas esperanças de voltar a ver.

— Decididamente, teremos apenas um meio — disse Gédéon Spilett —, um só, de deixar a ilha Lincoln, e esse será o de construir um barco bastante grande para aguentar o mar durante algumas centenas de milhas. Parece-me que quem fez uma chalupa, pode bem fazer um navio!

— E se foi possível chegar à ilha Tabor também se poderá chegar às Pomotu — acrescentou Harbert.

— Não digo que não — respondeu Pencroff, que tinha sempre preponderância quando se tratava de questões marítimas. — Não digo que não seja possível, se bem que não seja a mesma coisa ir perto ou ir longe! Se a nossa chalupa fosse atingida por uma tempestade durante a nossa viagem à ilha Tabor, nós sabíamos que não estávamos longe de um porto, nem de um lado nem do outro, mas atravessar mil e duzentas milhas é diferente, e a terra mais próxima de nós fica pelo menos a essa distância!

— Atemorizá-lo-ia tentar a aventura, Pencroff? — perguntou o repórter.

— Eu tentarei tudo o que queiram, senhor Spilett — respondeu o marinheiro. — Sabe bem que eu não sou homem para recuar!

— Não podemos esquecer que temos agora mais um marinheiro entre nós — disse Nab.

— Quem? — perguntou Pencroff.

— Ayrton.

— É verdade — retorquiu Harbert.

— Se ele consentir em nos acompanhar — replicou Pencroff.

— Acha então que se o barco de Lord Glenarvan se apresentasse na ilha Tabor, enquanto ele lá vivia, Ayrton se recusaria a partir?

— Esquecem, meus amigos — disse então Cyrus Smith —, que Ayrton perdeu a razão durante os últimos tempos da sua estada na ilha. Mas a questão não é essa. Trata-se de saber se devemos contar, entre as nossas probabilidades de salvação, com o regresso do navio escocês. Lord Glenarvan prometeu a Ayrton ir buscá-lo à ilha Tabor, quando considerasse os seus crimes suficientemente castigados, e creio que ele voltará.

— Sim — disse o repórter. — Também penso que deve vir em breve, pois há doze anos que Ayrton foi abandonado!

— Estou inteiramente de acordo consigo a respeito do regresso do lorde, e mesmo do seu regresso breve — disse Pencroff. — Mas ele irá à ilha Tabor e não à ilha Lincoln.

— Isso é tanto mais certo — respondeu Harbert — quanto a ilha Lincoln nem sequer está assinalada no mapa.

— Desse modo devemos tomar as precauções necessárias para que a nossa presença e a de Ayrton aqui sejam assinaladas na ilha Tabor — disse o engenheiro.

— Evidentemente — replicou o repórter. — Nada mais fácil do que colocar, nessa cabana que foi a casa do capitão Grant e de Ayrton, uma informação dando a situação da nossa ilha, informação essa que Lord Glenarvan ou a sua tripulação não poderão deixar de ver.

— Foi pena não termos tomado essa precaução quando fomos à ilha Tabor — disse Pencroff.

— Como poderíamos tê-lo feito? — retrucou Harbert. — Não conhecíamos a história de Ayrton nesse momento; ignorávamos que deviam vir buscá-lo um dia, e quando tivemos conhecimento da

história já a estação estava muito avançada para podermos voltar à ilha Tabor.

— Sim — disse Cyrus Smith. — Era tarde de mais e temos de guardar essa viagem para a primavera próxima.

— Mas se o barco escocês viesse entretanto? — perguntou Pencroff.

— Não é provável — respondeu o engenheiro —, pois Lord Glenarvan não escolheria a estação de inverno para se aventurar nestes mares distantes. Ou ele já veio à ilha Tabor desde que Ayrton se encontra aqui connosco, isto é, há cinco meses, e já partiu, ou só virá mais tarde, e nos primeiros dias de outubro será altura de ir à ilha Tabor e de lá deixar uma informação.

— Devemos confessar — disse Nab — que seria uma infelicidade que o *Duncan* tivesse voltado a estes mares apenas há alguns meses!

— Espero que tal não tenha sucedido e que o Céu não nos tire o único meio de salvação que nos resta!

— Creio — replicou o repórter — que quando voltarmos à ilha Tabor saberemos com o que podemos contar, pois se os escoceses lá voltaram devem certamente ter deixado rastos da sua passagem.

— É evidente que sim — retorquiu o engenheiro. — Portanto, meus amigos, visto termos essa probabilidade de repatriamento, esperemos com paciência, e se essa possibilidade desaparecer veremos então o que devemos fazer.

— Em todos os casos — disse Pencroff —, é certo que se deixarmos a ilha Lincoln de uma maneira ou de outra, não será porque nos encontremos mal nela!

— Não, Pencroff — respondeu o engenheiro —; será porque estamos longe de tudo aquilo que um homem mais deve apreciar neste mundo: a sua família, os seus amigos, o seu país natal!

Como as coisas ficaram assim combinadas, não se falou mais em construir um barco suficientemente grande para se aventurar, quer até aos arquipélagos, no norte, quer até à Nova Zelândia, no oeste, pelo que só se ocuparam com os trabalhos habituais tendo em vista a permanência de um terceiro inverno em Granite-House.

Foi, no entanto, resolvido que a chalupa seria utilizada para fazerem uma viagem à volta da ilha antes de chegar o mau tempo. O reconhecimento completo da ilha ainda não estava terminado, e os colonos tinham apenas uma ideia imperfeita do litoral, a oeste e a norte, desde a embocadura do rio da Queda até aos cabos Mandíbula, assim como da estreita baía que se cavava entre os dois como um maxilar de tubarão.

O projeto dessa excursão foi levado para diante por Pencroff, e Cyrus Smith deu-lhe plena adesão, pois queria ver por si mesmo toda essa parte dos seus domínios.

O tempo estava então instável, mas o barómetro não oscilava por movimentos bruscos, e podiam contar com um tempo mais ou menos seguro. Precisamente durante a primeira semana de abril, após uma forte baixa barométrica, o recomeço da alta foi assinalado por um forte vento de oeste, que durou cinco a seis dias; depois, o ponteiro do instrumento tornou-se estacionário a uma altura de vinte e nove polegadas e nove décimos (759-45 mm) e as circunstâncias pareceram propícias à exploração.

O dia da partida foi fixado para 16 de abril, e o *Bonadventure*, ancorado em porto Balão, foi abastecido com provisões para uma

viagem que podia ter uma certa duração.

Cyrus Smith preveniu Ayrton da projetada expedição e propôs-lhe tomar parte nela, mas como Ayrton preferiu ficar em terra ficou combinado que ele iria para Granite-House durante esses dias e mestre *Jup* foi convidado para lhe fazer companhia, convite ao qual ele não fez qualquer objeção.

No dia 16 de abril, de manhã, todos os colonos, acompanhados de *Top*, tinham embarcado. O vento soprava do sudoeste com uma bela brisa, e o *Bonadventure* teve de bordejar ao deixar porto Balão, a fim de atingir o promontório do Réptil. Das noventa milhas que media o perímetro da ilha, a costa sul tinha umas vinte, desde o porto até ao promontório, daí a necessidade de percorrer essas vinte milhas perto da costa, pois o vento estava forte.

Foi necessário o dia inteiro para atingir o promontório, pois a embarcação, ao deixar o porto, só encontrou duas horas de vazante e teve, pelo contrário, seis horas de enchente, que foi difícil de percorrer. Havia já chegado a noite quando o cabo foi dobrado.

Pencroff propôs então ao engenheiro prosseguir o caminho a um andamento moderado, com dois rizes na vela. Mas Cyrus Smith preferiu ancorar a pouca distância da terra, para poder explorar essa parte da costa durante o dia. Ficou mesmo resolvido que visto tratar-se de uma exploração minuciosa ao litoral da ilha, não navegariam de noite, e que, ao anoitecer, lançariam âncora perto de terra, tanto quanto o tempo o permitisse.

Passaram portanto a noite ancorados junto do promontório, e como o vento tivesse desaparecido com o nevoeiro, o silêncio não foi perturbado. Os passageiros, com exceção do marinheiro, dormiram talvez um pouco menos bem a bordo do *Bonadventure* do que

teriam dormido nos seus quartos de Granite-House, mas mesmo assim dormiram.

No dia seguinte, 17 de abril, Pencroff aparelhou ao nascer do dia e seguiu, ao longo da costa ocidental, muito perto de terra.

Os colonos conheciam aquela costa arborizada, tão magnífica, visto que já a tinham percorrido a pé, mas mesmo assim não deixou de despertar a sua admiração. Navegavam ao longo da costa, tão perto quanto possível, moderando a sua velocidade, de modo a observarem tudo, tendo todo o cuidado em não chocar com alguns troncos de árvores que flutuavam aqui e ali. Várias vezes mesmo lançaram a âncora, e Gédéon Spilett fotografou aquele soberbo litoral.

Por volta do meio-dia, o *Bonadventure* voltou à embocadura do rio da Queda. Mais adiante, na margem direita, as árvores voltavam a aparecer, mas mais dispersas, e, três milhas mais adiante, apenas formavam alguns grupos isolados entre os contrafortes ocidentais do monte, cuja encosta árida se prolongava até ao litoral.

Que contraste entre o lado sul e o lado norte dessa costa! Tanto uma era acidentada e verdejante, quanto a outra era deserta e selvagem! Dir-se-ia uma dessas «costas de ferro», como se chamam em certos países, e a sua atormentada contextura parecia indicar que uma verdadeira cristalização se produzira bruscamente no basalto ainda fervente das épocas geológicas. Amontoado de um aspeto terrível, que teria assustado os colonos se o acaso os tivesse lançado para esse lado da ilha! Quando se encontravam no cume do monte Franklin, não tinham podido reconhecer o aspeto profundamente sinistro daquela margem, pois dominavam-no de uma altura muito grande; contudo, visto do mar, esse litoral

apresentava-se com um caráter estranho, cujo equivalente talvez não se encontrasse em qualquer outro recanto do Mundo.

O *Bonadventure* passou diante dessa costa à distância de cerca de meia milha. Foi fácil ver que se compunha de blocos de todas as dimensões, desde os vinte pés até aos trezentos pés de altura, e de todos os feitios, cilíndricos como torres, prismáticos como campanários, piramidais como obeliscos, cónicos como chaminés de fábrica. Um banco de gelo nos mares glaciares não seria mais caprichoso no seu sublime horror! Em certos sítios, pontes lançadas de um lado ao outro; ali, arcos dispostos como os de uma nave, cuja profundidade o olhar não poderia descobrir; em certos locais viam-se enormes escavações com abóbadas monumentais; noutros, uma verdadeira infinidade de agulhas, de flechas, como alguma catedral gótica jamais teve. Todos os caprichos da Natureza, mais variados ainda do que os da imaginação, desenhavam esse litoral grandioso, que se prolongava por um comprimento de oito a nove milhas.

Cyrus Smith observava tudo aquilo com um sentimento de surpresa que chegava à estupefação. Mas se eles se mantinham mudos, *Top* não se coibia de lançar latidos, que eram repetidos por mil ecos da muralha basáltica. O engenheiro observou mesmo que esses latidos tinham qualquer coisa de estranho, como os que o cão fazia ouvir junto do orifício do poço de Granite-House.

— Acostemos — disse.

E o *Bonadventure* aproximou-se tanto quanto possível dos rochedos do litoral. Talvez existisse ali qualquer gruta que conviesse explorar? Mas Cyrus Smith não viu nada, nem uma caverna, nem uma anfractuosidade que pudesse servir de abrigo a qualquer ser, pois as rochas ficavam mesmo dentro do mar. Em breve os latidos

de *Top* deixaram de se ouvir e a embarcação afastou-se para uma certa distância do litoral.

No lado noroeste da ilha, a margem voltou a ser plana e arenosa. Algumas raras árvores perfilavam-se acima de uma terra baixa e pantanosa, que os colonos já tinham visto de longe, e, por um violento contraste com a outra costa, tão deserta, a vida manifestava-se ali pela presença de milhares de pássaros aquáticos.

Ao anoitecer, o *Bonadventure* ancorou numa leve reentrância do litoral, ao norte da ilha, perto de terra, tão profundas eram as águas nesse sítio. A noite passou-se agradavelmente, pois a brisa desapareceu, por assim dizer, com as últimas claridades do dia, e só voltou a aparecer com os primeiros alvares da aurora.

Como era fácil acostar, nessa manhã, os caçadores titulares da colónia, isto é, Harbert e Gédéon Spilett, foram dar um passeio de duas horas e voltaram com várias enfiadas de patos e de narcejas. *Top* trabalhara maravilhosamente e nem uma peça de caça se perdera, graças ao seu zelo e à sua habilidade.

Às oito horas da manhã, o *Bonadventure* partia e navegava velozmente para o cabo Mandíbula Norte, pois tinha vento de popa e a brisa parecia querer refrescar.

— Não ficaria muito admirado — disse Pencroff — se se preparasse algum golpe de vento de oeste. Ontem o sol pôs-se num horizonte muito vermelho, e esta manhã vi «caudas de gato» que não pressagiam nada de bom.

Essas «caudas de gato» eram cirros afiados, que não se encontravam nunca a menos de cinco mil pés acima do nível do mar. Pareciam leves bocados de algodão em rama, cuja presença anuncia vulgarmente alguma perturbação nos elementos.

— Pois bem — disse Cyrus Smith —, icemos as velas para irmos procurar refúgio no golfo do Tubarão. Penso que o *Bonadventure* ficará em segurança aí.

— Perfeitamente — respondeu Pencroff —; de resto, a costa norte é formada apenas por dunas pouco interessantes de observar.

— Não me importo nada — disse o engenheiro — de passar não apenas a noite, mas ainda o dia de amanhã nessa baía, que merece ser explorada com cuidado.

— Creio que seremos obrigados a isso, quer queiramos ou não — respondeu Pencroff —, pois o horizonte começa a tomar-se ameaçador para oeste. Veja como escurece!

— Em todo o caso, temos bom vento para atingir o cabo Mandíbula — observou o repórter.

— Muito bom vento — retorquiu o marinheiro —; mas para entrar no golfo será preciso bordejar e eu gostaria de ver claro nessas paragens que não conheço!

— Paragens que devem estar semeadas de recifes — acrescentou Harbert —, a julgar pelo que vimos na costa sul do golfo do Tubarão.

— Pencroff — disse então Cyrus Smith —, faça o que melhor lhe parecer. Confiamos em si.

— Esteja tranquilo, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — Não me irei expor ao perigo sem necessidade! Preferia uma facada nas minhas obras vivas, do que a pancada de uma rocha no meu *Bonadventure!*

Aquilo a que Pencroff chamava «obras vivas» era a parte submersa da quilha da sua embarcação, à qual ele queria mais do que à própria pele!

— Que horas são? — perguntou o marinheiro.

— Dez horas — respondeu Gédéon Spilett.

— E que distância temos nós de percorrer até ao cabo, senhor Cyrus?

— Aproximadamente quinze milhas — respondeu o engenheiro.

— Devemos levar umas duas horas e meia — disse então o marinheiro —, e chegaremos junto do cabo entre o meio-dia e a uma hora. Infelizmente, a maré estará a descer nesse momento e receio portanto que seja difícil entrar no golfo, tendo vento e maré contra nós.

— E ainda por cima sendo hoje lua cheia — observou Harbert. — As marés de abril são muito fortes.

— Então, Pencroff — perguntou Cyrus Smith —; não pode ancorar na ponta do cabo?

— Ancorar perto de terra com mau tempo em perspetiva! — exclamou o marinheiro. — Está a pensar nisso, senhor Cyrus? Isso é querer ser atirado voluntariamente para a costa!

— Então que faremos?

— Tentarei manter-me ao largo até à mudança da maré, isto é, até às sete horas, e se for ainda um pouco claro tentarei entrar no golfo; caso contrário, ficaremos a andar de um lado para o outro durante toda a noite e entraremos no golfo ao nascer do dia.

— Como já lhe disse, Pencroff, confiamos em si — respondeu Cyrus Smith.

— Se ao menos houvesse um farol nesta costa! — exclamou Pencroff —, seria muito mais cómodo para os navegadores!

— Sim — respondeu Harbert —; e desta vez não teríamos nenhum engenheiro complacente para nos acender uma fogueira que nos guiasse até ao porto!

— A verdade é que nós ainda não lhe agradecemos, meu caro Cyrus — disse Gédéon Spilett —; mas, francamente, sem essa fogueira, nunca teríamos conseguido atingir...

— Uma fogueira?... — perguntou Cyrus Smith, muito espantado com as palavras do repórter.

— Queremos dizer, senhor Cyrus — respondeu Pencroff —, que nos sentimos muito embaraçados a bordo do *Bonadventure*, durante as últimas horas que precederam o nosso regresso, e que teríamos passado sérias dificuldades se o senhor não tivesse tido a feliz ideia de acender a fogueira, na noite de 19 para 20 de outubro, no planalto de Granite-House.

— Sim, sim!... Foi realmente uma feliz ideia que eu tive! — respondeu o engenheiro.

— E desta vez — acrescentou Pencroff —, a não ser que Ayrton o faça, não tínhamos mais ninguém que a acendesse!

— Não! Ninguém — respondeu Cyrus Smith.

E alguns instantes depois, o engenheiro, encontrando-se sozinho à popa da embarcação com o repórter, inclinava-se para ele e dizia-lhe:

— Se há alguma coisa certa neste mundo, Spilett, é que eu nunca acendi fogueira alguma na noite de 19 para 20 de outubro, nem no planalto de Granite-House nem em qualquer outro lado da ilha!

Capítulo 20

As coisas passaram-se como Pencroff previra, pois os seus pressentimentos não o podiam enganar. O vento refrescou, e de boa brisa passou para golpe de vento, isto é, com uma velocidade de quarenta a quarenta e cinco milhas por hora¹⁷, e um barco em pleno mar teria de estar com os rizes em baixo e com as velas de joanete arriadas. Ora, como eram cerca de seis horas quando o *Bonadventure* chegou junto do golfo, e nesse momento a vazante se fazia sentir, foi impossível lá entrar. Foi necessário portanto ficar ao largo, pois, mesmo que tivesse querido, Pencroff não poderia atingir a embocadura do rio das Mercês. Então, depois de ter instalado a vela da bujarrona no mastro grande, à guisa de vela de estai, Pencroff esperou, depois de virar a rota em direção a terra.

Felizmente, apesar de o vento ser forte, o mar, abrigado pela costa naquele local, não engrossou demasiado. Não eram portanto de recear as grandes vagas, perigosas para pequenas embarcações. O *Bonadventure* não teria certamente naufragado, pois estava bem cheio de lastro; mas se enormes massas de água caíssem a bordo poderiam danificá-lo. Pencroff, como bom marinheiro, preparou-se para todas as eventualidades. Tinha enorme confiança na sua embarcação, mas em todo o caso viu passar a noite com ansiedade.

Durante essa noite, Cyrus Smith e Gédéon Spilett não tiveram oportunidade para conversar, mas no entanto a frase dita ao ouvido do repórter pelo engenheiro merecia bem que voltassem a discutir a respeito dessa misteriosa influência que se fazia sentir sobre a ilha.

Gédéon Spilett não deixava de pensar nesse novo e inexplicável incidente, no aparecimento da fogueira na costa da ilha. Ele vira realmente essa fogueira! Os seus companheiros, Harbert e Pencroff, tinham-na visto também como ele. Essa fogueira servira-lhes para reconhecer a situação da ilha durante essa noite escura, e não podiam duvidar de que a mão do engenheiro a acendera, mas este vinha agora declarar formalmente que nunca fizera tal coisa! Gédéon Spilett prometeu a si mesmo voltar a tratar do assunto logo que o *Bonadventure* voltasse, e também desejava que Cyrus Smith levasse ao conhecimento dos seus amigos esses factos estranhos. Talvez decidissem então de comum acordo fazer uma exploração completa a toda a ilha Lincoln.

A verdade é que nessa noite nenhuma fogueira se acendeu naquelas costas ainda desconhecidas que formavam a entrada do golfo, e a pequena embarcação continuou ao largo durante toda a noite.

Quando os primeiros alvares da madrugada se desenharam no horizonte de leste, o vento, que acalmara ligeiramente, mudou de direção e permitiu a Pencroff entrar mais facilmente na estreita passagem do golfo. Por volta das sete horas da manhã, o *Bonadventure*, fazendo rota para o cabo Mandíbula Norte, entrava prudentemente na passagem e aventurava-se nessas águas, encerradas na sua estranha moldura vulcânica.

— Aqui está — disse Pencroff — um bocado de mar que daria um admirável porto e onde as esquadras poderiam evoluir à vontade.

— O que é curioso — observou Cyrus Smith — é que este golfo foi formado por duas vagas de lavas expelidas pelo vulcão, que se acumularam por erupções sucessivas. Daí resultou que este golfo é

completamente abrigado por todos os lados, e é de supor que mesmo com temporais estas águas sejam calmas como as de um lago.

— Sem dúvida — replicou o marinheiro —, visto que o vento, para lá entrar, tem apenas a estreita garganta entre os dois cabos, e além disso o cabo norte cobre o do sul, de maneira a tornar muito difícil a entrada das rajadas. Na verdade, o nosso *Bonadventure* poderia ficar aqui durante todo o ano sem sequer esticar a corda que prende as suas âncoras!

— É um porto um pouco grande de mais para ele! — observou o repórter.

— Sim, senhor Spilett — respondeu o marinheiro. — Concordo que é um porto um pouco grande de mais para o *Bonadventure*, mas se as esquadras da União tiverem necessidade de um abrigo seguro no Pacífico, creio que nunca encontrarão melhor que este porto natural!

— Estamos nas goelas do tubarão — observou então Nab, fazendo alusão à forma do golfo.

— Em plenas goelas, meu caro Nab — disse Harbert. — Mas não tem receio que elas se fechem sobre nós, não é verdade?

— Não, senhor Harbert — respondeu Nab —; e no entanto este golfo não me agrada. Tem uma fisionomia má!

— Bom! — exclamou Pencroff —, aqui está Nab a depreciar o meu golfo no momento em que eu penso em prestar com ele homenagem à América!

— Mas as águas serão pelo menos profundas? — perguntou o engenheiro. — Pois aquilo que chega para o nosso barco não chegaria para os nossos coraçados.

— Isso é fácil de verificar — respondeu Pencroff.

E o marinheiro atirou à água uma comprida corda que lhe servia de sonda, e à qual estava preso um bloco de ferro. Essa linha que media cerca de cinquenta braças, desenrolhou-se na totalidade sem que tocasse no fundo.

— Os nossos couraçados podem muito bem chegar até aqui que não encalharão — disse Pencroff.

— Com efeito, trata-se de um verdadeiro abismo — disse Cyrus Smith —; mas dada a origem plutónica da ilha, não é espantoso que o fundo do mar ofereça semelhantes depressões.

— Dir-se-ia — observou Harbert — que estas muralhas foram cortadas a pique, e creio mesmo que se Pencroff dispusesse de uma sonda cinco ou seis vezes mais comprida não encontraria fundo.

— Tudo isso está muito bem — disse então o repórter —, mas devo dizer a Pencroff que falta uma coisa muito importante ao seu porto!

— E que coisa é essa, senhor Spilett?

— Uma saída que dê acesso ao interior da ilha. Não vejo um único ponto onde se possa desembarcar!

Com efeito, as altas rochas de lava, muito escarpadas, não ofereciam um único local propício a um desembarque. Era uma cortina intransponível, que fazia lembrar, mas ainda com maior aridez, os fiordes da Noruega. O *Bonadventure*, passando junto das altas muralhas quase até lhes tocar, não encontrou sequer uma saliência que permitisse aos passageiros deixarem o barco.

Pencroff consolou-se dizendo que com a ajuda da dinamite poderiam esventrar aquela muralha, quando isso fosse necessário, e visto que, decididamente, não havia nada a fazer naquele golfo,

dirigiu a sua embarcação para a saída, que transpôs por volta das duas horas da tarde.

— Uf! — disse Nab, soltando um suspiro de satisfação.

Parecia que o bom negro não se sentia realmente à vontade naquele imenso maxilar!

Do cabo Mandíbula à embocadura do rio das Mercês, iam apenas umas oito milhas. Fizeram rumo a Granite-House, e o *Bonadventure*, com as velas enfunadas pelo vento, seguiu ao longo da costa a uma milha de distância. As enormes rochas de lava sucederam-se em breve as dunas caprichosas, entre as quais o engenheiro havia sido tão estranhamente encontrado, e que os pássaros aquáticos frequentavam às centenas.

Há três dias que os colonos tinham deixado a sua casa. Ayrton esperava-os no areal e mestre *Jup* aproximou-se deles soltando grunhidos de satisfação.

Estava feita a exploração total das costas da ilha e não tinha sido observado nada de suspeito. Se algum ser misterioso ali residia, só poderia encontrar-se nos bosques impenetráveis da península Serpentina, que os colonos não haviam ainda investigado.

Gédéon Spilett falou destas coisas com o engenheiro, e resolveram ambos que deviam alertar os companheiros para certos factos inexplicáveis que se tinham passado na ilha, sendo o último um dos maiores mistérios.

Cyrus Smith, voltando a falar do assunto da fogueira acesa na costa por mão desconhecida, não pôde deixar de dizer pela vigésima vez:

— Mas tem a certeza de ter visto bem? Não seria uma erupção parcial do vulcão, um meteoro qualquer?

— Não, Cyrus Smith — respondeu o repórter. — Era realmente uma fogueira acesa pela mão de um homem. De resto, interrogue Harbert e Pencroff. Eles viram como eu e confirmarão as minhas palavras.

Alguns dias mais tarde, a 25 de Abril, à noite, quando os colonos se encontravam reunidos no planalto da Grande Vista, Cyrus Smith tomou a palavra e disse:

— Meus amigos, creio dever chamar a vossa atenção sobre certos factos que se passaram na ilha, e a respeito dos quais gostaria que dessem a vossa opinião. Esses factos são por assim dizer sobrenaturais...

— Sobrenaturais! — exclamou o marinheiro soltando uma baforada de fumo. — Será que a nossa ilha é sobrenatural?

— Não, Pencroff, mas misteriosa certamente que o é — respondeu o engenheiro. — A não ser que possa explicar-nos, a Spilett e a mim, aquilo que até agora não conseguimos perceber.

— Fale, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro.

— Pois bem, poderá explicar como é que eu, depois de ter caído no mar, fui encontrado a um quarto de milha no interior da ilha, e isso sem que eu tenha consciência dessa deslocação?

— A menos que, tendo desmaiado... — disse Pencroff.

— Isso não é admissível — disse o engenheiro. — Mas adiante. Compreendeu como é que *Top* conseguiu descobrir o vosso retiro a cinco milhas da gruta onde eu estava deitado?

— O instinto do cão... — respondeu Harbert.

— Singular instinto! — observou o repórter —, visto que, apesar do vento e da chuva que faziam nessa noite, *Top* chegou às Chaminés seco e sem uma mancha de lama!

— E já pensaram como é que o nosso cão foi tão estranhamente atirado para fora das águas do lago, depois da sua luta com o dugongo?

— Não, confesso que não percebo muito bem, assim como não compreendo o ferimento do dugongo, que parecia feito com um instrumento cortante.

— Mas há mais, meus amigos — continuou Cyrus Smith. — Perceberam como é que o grão de chumbo foi parar ao corpo do pequeno pecari; como é que essa caixa encalhou, sem que se vissem sinais de naufrágio; como a garrafa com o documento apareceu tão a propósito, aquando da nossa primeira expedição marítima; como a nossa piroga, quebrando as amarras, desceu a corrente do rio das Mercês e foi ter connosco no preciso momento em que precisávamos dela; como, depois da invasão dos macacos, a escada nos foi tão misteriosamente enviada das alturas de Granite-House, e como, por fim, o documento que Ayrton afirma nunca ter escrito foi parar às nossas mãos?

Cyrus Smith acabava de enumerar, sem esquecer um só, os factos estranhos que se tinham dado na ilha. Harbert, Pencroff e Nab olharam-se, sem saber que responder, pois a sucessão desses incidentes, assim agrupados, pela primeira vez, não deixava de os surpreender ao mais alto grau.

— Por minha fé! — disse então Pencroff. — Tem razão, senhor Cyrus, é difícil explicar essas coisas!

— Pois bem, meus amigos — replicou o engenheiro —: um último facto se veio juntar a estes, e não é menos incompreensível do que os outros!

— Qual, senhor Cyrus? — perguntou vivamente Harbert.

— Quando voltaram da ilha Tabor, Pencroff, viu uma fogueira acesa na ilha Lincoln.

— Com certeza — respondeu o marinheiro.

— E tem a certeza de ter visto de facto essa fogueira?

— Como o estou a ver a si.

— Tu também, Harbert?

— Sim, senhor Cyrus! Essa fogueira brilhava como uma estrela de primeira grandeza!

— Não era uma estrela? — perguntou o engenheiro, insistindo.

— Não — respondeu Pencroff —, porque o céu estava coberto por grossas nuvens, e de qualquer modo uma estrela não poderia estar tão baixa no horizonte. Mas o senhor Spilett viu-a como nós e pode confirmar as nossas palavras!

— Acrescentarei — disse o repórter — que a sua luz era muito forte e irradiava como se proviesse de uma fonte eléctrica...

— Sim! Sim! Perfeitamente — disse Harbert —, e estava acesa sobre as alturas de Granite-House.

— Pois bem, meus amigos — replicou o engenheiro. — Assegurem-lhes que nessa noite de 19 para 20 de outubro, nem Nab, nem eu, acendemos qualquer fogueira na costa.

— Não acenderam? — exclamou Pencroff, no auge do espanto, e sem poder sequer terminar a sua frase.

— Nós não saímos de Granite-House e se alguma fogueira foi acesa não o foi por nós.

Pencroff, Nab e Harbert estavam espantados. Não havia ilusão possível: eles tinham visto realmente essa fogueira de 19 para 20 de outubro!

Sim! Tiveram de concordar que existia um mistério! Uma influência inexplicável, indesmentivelmente favorável aos colonos, mas muito irritante, fazia-se sentir na ilha. Havia evidentemente alguém escondido entre os seus mais profundos esconderijos. Era o que se tornava necessário saber a todo o custo!

Cyrus Smith lembrou também aos seus companheiros a singular atitude de *Top* e de *Jup*, quando andavam à roda do orifício do poço que punha Granite-House em comunicação direta com o mar, e disse-lhes que explorara esse poço sem nada encontrar de suspeito. Por fim, a conclusão dessa conversa foi a determinação de todos os colonos revistarem mais minuciosamente a ilha logo que o bom tempo voltasse.

Desde esse dia Pencroff pareceu preocupado. Essa ilha que ele considerava como propriedade pessoal não lhe parecia agora toda sua e tinha a impressão de a partilhar com outro senhor, ao qual, de boa ou má vontade, se encontrava subordinado. Nab e ele conversavam frequentemente a respeito dessas coisas inexplicáveis, e ambos, muito inclinados para o maravilhoso pela sua própria natureza, não estavam muito longe de crer que a ilha Lincoln estivesse subordinada a qualquer poder sobrenatural.

No entanto, o mau tempo chegara com os dias de maio — o novembro das zonas boreais. O inverno parecia ser rude e precoce. Desse modo, os trabalhos hibernais foram iniciados sem demora.

De resto, os colonos estavam bem preparados para enfrentar esse inverno, por mais duro que ele pudesse ser. O vestuário de feltro não faltava, e os cabritos-monteses, agora numerosos, tinham fornecido abundantemente a lã necessária para o fabrico desse tecido quente.

Escusado é dizer que Ayrton fora fornecido com esse confortável vestuário. Cyrus Smith ofereceu-lhe ir passar a estação fria a Granite-House, onde ficaria mais bem alojado do que no curral, e Ayrton prometeu fazê-lo logo que os seus trabalhos estivessem terminados, o que sucedeu em meados de abril. Depois dessa altura, Ayrton começou a partilhar a vida comum dos colonos, tornando-se útil em todas as ocasiões; mas, sempre triste e humilde, nunca tomava parte nas alegrias dos seus companheiros!

Durante a maior parte desse terceiro inverno que os colonos passaram na ilha Lincoln, permaneceram em Granite-House. Houve grandes tempestades e borrascas terríveis, que pareciam sacudir até às próprias rochas na sua base. Imensas vagas ameaçavam cobrir a ilha em toda a sua extensão e certamente que qualquer navio que ali ancorasse estaria irremediavelmente perdido. Por duas vezes, durante uma dessas tormentas, o rio das Mercês aumentou a tal ponto que chegaram a recear que a ponte e os pontões fossem levados, e foi necessário consolidar os do areal, que desapareciam sob a água, quando o mar fustigava o litoral.

É de pensar que tais temporais, comparáveis a trombas de água, à mistura com chuva e com neve, causaram grandes estragos no planalto da Grande Vista. O moinho e a capoeira sofreram especialmente. Os colonos tiveram de lá fazer reparações urgentes, pois se assim não fosse a existência das aves ficaria seriamente ameaçada.

Durante esses grandes temporais, alguns casais de jaguares e bandos de quadrúmanos aventuraram-se até à orla do planalto, e era de recear que os mais ágeis e mais audaciosos, levados pela fome, conseguissem atravessar o riacho, que, de resto, estando

gelado, lhes oferecia uma passagem fácil. Sem uma vigilância apertada, plantações e animais domésticos teriam sido então destruídos. Por vezes, foi necessário disparar alguns tiros para manter à distância os perigosos visitantes. Desse modo, o trabalho não faltou aos colonos, pois, sem contar com os cuidados no exterior, havia sempre mil trabalhos de arranjo em Granite-House.

Fizeram também algumas belas caçadas, que tiveram lugar no charco dos Patos-Reais. Gédéon Spilett e Harbert, ajudados por *Jup* e *Top*, não perderam um tiro no meio desses milhares de patos, de narcejas, de galinholas e de abibes. O acesso a esse território de caça era fácil, quer pela estrada de porto Balão, depois de terem passado a ponte do rio das Mercês, quer passando pelas rochas da ponta do Destroço, e os caçadores nunca se afastaram de Granite-House mais de duas ou três milhas.

Assim se passaram os quatro meses de inverno — junho, julho, agosto e setembro —, que foram realmente rigorosos. Mas a verdade é que em Granite-House não se sofriam muito as inclemências do tempo, e sucedia o mesmo com o curral, que, menos exposto que o planalto e coberto em grande parte pelo monte Franklin, recebia o vento já quebrado pelas florestas e pelas altas rochas do litoral. Os estragos ali foram portanto pouco importantes e as mãos ativas e hábeis de Ayrton bastaram para os remediar prontamente, quando, na segunda quinzena de outubro, ele foi passar alguns dias ao curral.

Durante esse inverno não se deu nenhum outro incidente inexplicável. Nada de estranho sucedeu, se bem que Nab e Pencroff procurassem constantemente os factos mais insignificantes que pudessem ligar a uma causa misteriosa. *Top* e *Jup* deixaram também

de rondar em volta da entrada do poço e não davam qualquer sinal de inquietação. Parecia portanto que a série de incidentes sobrenaturais fora interrompida, se bem que falassem frequentemente deles durante os serões em Granite-House e que estivesse decidido que a ilha seria revistada mesmo nos pontos mais difíceis de explorar. Mas um acontecimento da mais alta gravidade e cujas consequências poderiam ser funestas afastou momentaneamente dos seus projetos Cyrus Smith e os seus companheiros.

Estava-se no mês de outubro. A estação boa regressaria dentro em breve. Sob a ação dos raios solares, a natureza renovava-se e, no meio da folhagem persistente das coníferas que formavam a orla do bosque, via-se já a folhagem nova dos lódãos-bastardos, dos *banksias* e dos deodaras.

Devem estar lembrados que por várias vezes Gédéon Spilett e Harbert tinham tirado fotografias à ilha Lincoln.

Ora, a 17 desse mês de outubro, por volta das três horas da tarde, Harbert, seduzido pela pureza do céu, teve a ideia de reproduzir pela fotografia toda a baía da União que fazia face ao planalto da Grande Vista, desde o cabo Mandíbula até ao cabo Garra.

O horizonte estava admiravelmente desenhado, e o mar, ondulando sob uma brisa mole, apresentava a imobilidade das águas de um lago, salpicado, aqui e ali, por reflexos luminosos.

A objetiva fora colocada numa das janelas da grande sala de Granite-House, e por consequência dominava o areal e a baía. Harbert procedeu como habitualmente e, depois de tirada a

fotografia, preparou-se para a revelar com as substâncias que se encontravam numa pequena dependência de Granite-House.

Voltado para a claridade e observando-a de perto, Harbert reparou num pontinho quase impercetível que manchava o horizonte. Tentou fazê-lo desaparecer por meio de lavagens repetidas, mas não o conseguiu.

«É um defeito do vidro», pensou.

E teve então a curiosidade de observar esse defeito com uma forte lente que tirou de um dos óculos de longo alcance.

Contudo, mal olhou soltou um grito e quase deixou escapar a fotografia das mãos.

Correu imediatamente para o quarto de Cyrus Smith e entregou a fotografia e a lente ao engenheiro, apontando para a pequena mancha.

Cyrus Smith examinou esse ponto; depois, agarrando no óculo de longo alcance, precipitou-se para a janela.

O óculo de longo alcance, depois de ter percorrido lentamente o horizonte, deteve-se no ponto suspeito. Cyrus Smith, largando o óculo, pronunciou apenas esta palavra:

— Navio!

Com efeito, um navio encontrava-se à vista da ilha Lincoln!

TERCEIRA PARTE — O SEGREDO DA ILHA

Capítulo 1

Havia dois anos e meio que os viajantes do balão tinham sido atirados para a ilha Lincoln, e até então nenhuma comunicação havia sido estabelecida entre eles e os seus semelhantes. Uma vez o repórter tentara pôr-se em comunicação com o mundo habitado, confiando uma mensagem a um pássaro, mas era uma possibilidade com a qual não podiam contar seriamente. Só Ayrton, nas circunstâncias que já se conhecem, viera juntar-se aos membros da pequena colônia. Ora, nesse dia — 17 de outubro —, outros homens surgiam inopinadamente à vista da ilha, nesse mar sempre deserto!

Já não se podia duvidar! Um navio encontrava-se ali! Mas passaria ao largo ou deter-se-ia? Certamente, não decorreria muito tempo para que os colonos soubessem com que podiam contar.

Cyrus Smith e Harbert, depois de chamarem Gédéon Spilett, Pencroff e Nab para a grande sala de Granite-House, tinham-nos posto ao corrente do que se passava. Pencroff, agarrando no óculo de longo alcance, percorreu rapidamente o horizonte, e, detendo-se no ponto indicado, isto é, naquele que causara a mancha impercetível na fotografia, exclamou:

— Com mil diabos! É mesmo um navio! — E na sua voz não se notava grande satisfação.

— Vem para cá? — perguntou Gédéon Spilett.

— Por enquanto, é impossível afirmar seja o que for — respondeu Pencroff —, pois os seus mastros mal se veem acima da linha do horizonte. Não se vê nem um bocadinho do casco.

— Que poderemos fazer? — perguntou o jovem Harbert.

— Esperar — respondeu Cyrus Smith.

E durante muito tempo, os colonos permaneceram silenciosos, entregues a todos os pensamentos, a todas as emoções, a todos os temores e a todas as esperanças que neles fizera nascer aquele incidente, o mais grave que se dera desde a sua chegada à ilha Lincoln.

É facto que os colonos não se encontravam na situação desesperada de náufragos abandonados num ilhéu estéril, disputando uma miserável existência a uma natureza hostil, sentindo-se incessantemente devorados pelo desejo de reverem terras habitadas. Pencroff e Nab, sobretudo, que se julgavam ali felizes e ricos, não deixariam a sua ilha sem mágoa: já estavam habituados àquela nova vida, no meio daquele domínio que a sua inteligência e o seu trabalho tinham, por assim dizer, civilizado! Mas, enfim, esse navio representava, em todo o caso, notícias do continente e talvez um pedaço de pátria que vinha ao seu encontro! Trazia seres semelhantes a eles, e compreende-se que o coração dos colonos estremecesse ao vê-los!

De tempos a tempos, Pencroff pegava no óculo e dirigia-se para a janela. Daí examinava com extrema atenção o navio, que se encontrava a uma distância de vinte milhas para leste. Os colonos não tinham portanto nenhum meio de assinalar a sua presença. Uma bandeira não seria vista; uma detonação não seria ouvida e uma fogueira não seria visível.

No entanto, a verdade é que a ilha, dominada pelo monte Franklin, não poderia escapar aos olhares dos vigias do navio. Mas por que teria ido para ali aquele navio? Não seria um simples acaso que o levava para aquelas paragens do Pacífico, onde os mapas não

mencionavam nenhuma terra, a não ser a ilha Tabor, que estava também fora das rotas habitualmente seguidas pelos correios dos arquipélagos polinésios, da Nova Zelândia e da costa americana?

A essa pergunta, que cada um fazia a si próprio, foi dada subitamente uma resposta por Harbert.

— Não será o *Duncan*? — exclamou.

O *Duncan* era o barco de Lord Glenarvan, que havia abandonado Ayrton no ilhéu e que devia ir buscá-lo um dia. Ora, o ilhéu não se encontrava tão afastado da ilha Lincoln que um barco, fazendo rota para um, não pudesse passar pela outra. Apenas cento e cinquenta milhas os separavam em longitude e setenta e cinco em latitude.

— É necessário avisar Ayrton — disse Gédéon Spilett —, e dizer-lhe para vir aqui imediatamente. Só ele nos poderá dizer se se trata do *Duncan*.

Foi essa a opinião unânime, e o repórter, dirigindo-se ao aparelho telegráfico que punha em comunicação o curral com Granite-House, lançou este telegrama:

«Venha o mais rapidamente possível.»

Alguns instantes depois ouvia-se a campainha:

«Sigo para aí», respondia Ayrton.

Depois, os colonos continuaram a observar o navio.

— Se se tratar do *Duncan* — disse Harbert —, Ayrton reconhecê-lo-á facilmente, pois navegou a bordo dele durante certo tempo.

— Se Ayrton o reconhecer — acrescentou Pencroff —, será para ele uma grande emoção!

— Sim — respondeu Cyrus Smith —; mas agora Ayrton é digno de voltar a subir para bordo do *Duncan*, e permita o Céu que seja, com efeito, o barco de Lord Glenarvan, pois qualquer outro navio me

pareceria suspeito! Esses mares são mal frequentados e eu receio sempre a visita de piratas malaios à nossa ilha.

— Nós a defenderemos — disse Harbert.

— Sem dúvida, meu filho, mas é melhor não precisarmos de a defender.

— Uma simples observação — disse Gédéon Spilett —: a ilha Lincoln é desconhecida dos navegadores, visto que não se encontra assinalada mesmo nos mapas mais recentes. Não acha que isso seja um motivo suficiente para qualquer, ao descobri-la, se sentir desejoso de a visitar, e não de fugir dela?

— Isso é verdade — respondeu Pencroff.

— Também assim o creio — acrescentou o engenheiro. — Penso mesmo que é o dever de um capitão assinalar, e, por consequência, fazer um reconhecimento, em qualquer terra ou ilha ainda não assinalada, e creio que a ilha Lincoln se encontra nessa circunstância.

— Pois bem — disse então Pencroff —, admitamos que esse navio se aproxime, que lance a âncora a pouca distância da nossa ilha. Que faremos então?

Esta pergunta, feita bruscamente, começou por ficar sem resposta. Mas Cyrus Smith, depois de ter refletido, respondeu no tom calmo que lhe era habitual:

— O que faremos, meus amigos, o que devemos fazer é o seguinte: comunicaremos com o navio, partiremos a bordo dele e deixaremos a nossa ilha, depois de termos tomado posse dela em nome dos estados da União. Depois voltaremos aqui com todos os que quiserem seguir-nos, a fim de colonizar definitivamente a ilha e

dar à República americana uma estação útil nesta parte do oceano Pacífico!

— Hurra! — exclamou Pencroff. — E não será pequeno o presente que daremos ao nosso país! A colonização está quase terminada, estão batizados todos os locais da ilha, existe aqui um porto natural, uma aguada, estradas, uma linha telegráfica, um estaleiro. Basta apenas incluir a ilha Lincoln nos mapas.

— E se no-la tiram durante a nossa ausência? — observou Gédéon Spilett.

— Com mil diabos! — exclamou o marinheiro. — Prefiro ficar aqui sozinho para a guardar, e por minha fé que não ma roubarão como se tira o relógio a um papalvo!

Durante uma hora foi impossível dizer de maneira certa se o navio em questão se dirigia ou não para a ilha Lincoln. Estava mais perto, na verdade, mas qual o seu rumo? Era o que Pencroff não podia saber. Todavia, como o vento soprava de nordeste, era verosímil admitir que o navio navegava voltado para estibordo. De resto, a brisa era boa para o levar para a ilha, e, com esse mar calmo, não podia rezear aproximar-se, se bem que as sondagens não tivessem sido feitas no mapa.

Por volta das quatro horas — uma hora depois de ter sido chamado —, Ayrton chegou a Granite-House. Entrou na sala grande, dizendo:

— Às vossas ordens, senhores.

Cyrus Smith estendeu-lhe a mão como costumava fazer, e, conduzindo-o para junto da janela, disse:

— Ayrton, pedimos-lhe para vir aqui por um motivo grave. Está um barco à vista da ilha.

Ayrton empalideceu ligeiramente e os seus olhos perturbaram-se por instantes. Depois, inclinando-se para fora da janela, percorreu o horizonte, mas não viu nada.

— Pegue neste óculo de longo alcance — disse Gédéon Spilett —, e veja bem, Ayrton, pois é possível que seja o *Duncan* que tenha vindo de propósito para o repatriar.

— O *Duncan*! — murmurou Ayrton. — Já!

Esta última palavra escapou-se como que involuntariamente dos lábios de Ayrton, que deixou pender a cabeça nas mãos.

Doze anos de abandono não lhe pareciam então uma expiação suficiente? O culpado, arrependido, não se sentia ainda perdoado, quer aos seus próprios olhos, quer aos dos outros?

— Não! — disse ele —, não pode ser. Não pode ser o *Duncan*.

— Veja bem, Ayrton — disse então o engenheiro —, pois interessa-nos saber antecipadamente com o que contar.»

Ayrton pegou no óculo de longo alcance e olhou para a direção indicada. Durante alguns minutos, olhou o horizonte sem se mexer, sem pronunciar uma única palavra. Depois disse:

— Com efeito, é um navio, mas não creio que seja o *Duncan*.

— Por que não seria ele? — perguntou Gédéon Spilett.

— Porque o *Duncan* é um barco a vapor, e eu não vejo nenhum rasto de fumo, nem por cima, nem junto do barco.

— Talvez navegue apenas à vela — observou Pencroff. — O vento está bom para a rota que ele parece seguir, e deve ter interesse em poupar o seu carvão, estando assim tão longe de qualquer terra.

— É possível que tenha razão, senhor Pencroff — respondeu Ayrton —, e que esse navio tenha apagado as suas caldeiras.

Deixemo-lo aproximar da costa e depois saberemos com o que havemos de contar.

Dizendo isto, Ayrton foi sentar-se a um canto da sala grande e ali ficou, silencioso. Os colonos discutiram ainda a propósito do navio desconhecido, mas sem que Ayrton tomasse parte na discussão.

Todos se encontravam então numa disposição de espírito que não lhes permitia continuar os seus trabalhos. Gédéon Spilett e Pencroff estavam singularmente nervosos, indo, vindo, não podendo manter-se sossegados. Harbert sentia sobretudo curiosidade. Só Nab conservava a sua calma habitual. O país dele era aquele em que se encontrava o patrão. Quanto ao engenheiro, permaneceu absorvido nos seus pensamentos, e, no fundo, receava mais do que desejava a chegada do navio.

Entretanto, o barco aproximara-se um pouco mais da ilha. Com a ajuda do óculo de longo alcance, era possível reconhecer que se tratava de um navio de longo curso e não de um desses *praos* malaios, habitualmente utilizados pelos piratas do Pacífico. Era portanto permitido acreditar que as apreensões do engenheiro não se justificariam, e que a presença daquele barco nas águas da ilha Lincoln não constituía um perigo para ela. Após ter olhado o navio com uma atenção minuciosa, Pencroff julgou poder afirmar que a embarcação estava aparelhada como um brigue e que corria obliquamente em relação à costa, voltado para estibordo, navegando com as velas baixas. Isso tudo foi confirmado por Ayrton.

No entanto, a continuar com aquele andamento, o barco devia desaparecer rapidamente por detrás da ponta do cabo Garra, pois dirigia-se para sudoeste, e, para o observar, seria necessário atingir as alturas da baía de Washington, perto de porto Balão. Essa

contingência tornava a observação difícil, pois eram já cinco horas da tarde e o crepúsculo não tardaria a tornar quase impossível qualquer tentativa de vigilância.

— Que faremos quando chegar a noite? — perguntou Gédéon Spilett. — Acenderemos uma fogueira para assinalarmos a nossa presença nesta costa?

Era uma questão grave, e, apesar de alguns pressentimentos do engenheiro, ela foi resolvida afirmativamente. O navio podia desaparecer durante a noite, afastar-se para sempre e, uma vez desaparecido esse navio, voltaria a surgir algum outro nas águas da ilha Lincoln? Quem poderia prever o que o futuro reservava aos colonos?

— Penso — disse o repórter — que devemos dar a conhecer a esse navio, seja ele qual for, que a ilha é habitada. Desprezar esta oportunidade que nos é oferecida seria fazer com que mais tarde nos arrependêssemos seriamente!

Ficou portanto decidido que Nab e Pencroff se dirigiriam a porto Balão, e que acenderiam uma fogueira para chamar a atenção da tripulação do navio.

Porém, no momento em que Nab e o marinheiro se preparavam para sair de Granite-House, o navio mudou de rumo e virou francamente para a ilha dirigindo-se para a baía da União. Era um barco veloz e aproximou-se rapidamente.

Nab e Pencroff suspenderam então a sua partida, e o óculo foi entregue a Ayrton, para que ele pudesse reconhecer de maneira definitiva se se tratava do *Duncan*. O navio escocês também era um brigue. A questão era saber se uma chaminé se erguia entre os dois

mastros do navio observado, que se encontrava então apenas a uma distância de dez milhas.

O horizonte estava ainda muito claro. A verificação foi fácil e em breve Ayrton baixava o óculo, dizendo:

— Não se trata do *Duncan*! Não podia ser ele!

Pencroff observou mais uma vez a embarcação desconhecida através do óculo de longo alcance e reconheceu que o brigue, de trezentas a quatrocentas toneladas, maravilhosamente esguio, com um velame ousado, admiravelmente talhado para a navegação, devia ser um barco velocíssimo. Mas a que nação pertenceria era difícil de dizer.

— No entanto — acrescentou o marinheiro —, tem um pavilhão arvorado, mas não consigo distinguir as suas cores.

— Antes de meia hora estaremos informados a esse respeito — respondeu o repórter. — De resto, é bem evidente que o comandante desse navio tenciona atracar. Portanto, se não for hoje, amanhã, o mais tardar, teremos conhecimento disso.

— Não importa — replicou Pencroff. — No entanto, sempre é bom saber com quem se tem de tratar, e por causa disso gostaria bastante de ver as cores daquele pavilhão!

E enquanto assim falava, o marinheiro não largava o óculo.

O dia começava a agonizar, e, com ele, o vento do largo ia desaparecendo também. O pavilhão do brigue, menos estendido, enrolava-se nas adriças e tornava-se cada vez mais difícil de observar.

— Não se trata da bandeira americana — dizia de tempos a tempos Pencroff. — Nem da inglesa, pois o vermelho saltaria à vista facilmente. Nem são as cores francesas, nem alemãs, nem é o

pavilhão branco da Rússia, nem o amarelo da Espanha. Mas dir-se-ia que é de uma cor uniforme... Vejamos... nestes mares... que encontramos nós mais frequentemente?... O pavilhão chileno? Mas esse é tricolor. O brasileiro? É verde... Japonês? É preto e amarelo... ao passo que este...»

Nesse momento, a brisa estendeu o misterioso pavilhão. Ayrton, pegando no óculo que o marinheiro entretanto largara, aplicou-o à vista e com uma voz surda exclamou:

— O pavilhão negro!

Com efeito, uma flâmula escura flutuava no mastro do brigue, e os colonos passaram a ter todo o direito de o considerar como um navio suspeito!

O engenheiro teria portanto razão nos seus pressentimentos. Tratar-se-ia então de um barco de piratas que devia fazer concorrência aos piratas malaios que ainda hoje infestam essa zona do Pacífico? Que iria ele fazer à ilha Lincoln? Veria nela uma terra desconhecida e ignorada, apropriada para ser o esconderijo de preciosos carregamentos roubados? Ou iria procurar ali um ponto de refúgio para os meses de inverno? Estaria o honesto domínio dos colonos porventura destinado a tornar-se um retiro infame — uma espécie de capital da pirataria do Pacífico?

Todas estas questões surgiram de imediato no espírito dos colonos. Não restavam dúvidas sobre o significado a atribuir à cor daquele pavilhão! Era a mesma que devia usar o *Duncan* se os condenados tivessem conseguido realizar os seus intentos! Mas os colonos não perderam tempo a discutir essas coisas.

— Meus amigos — disse o engenheiro —, talvez esse navio queira apenas observar o litoral da ilha. Talvez nem a sua tripulação

desembarque. Contudo, seja como for, devemos fazer tudo para que não detetem a nossa presença aqui. O moinho, instalado no planalto da Grande Vista, é demasiadamente visível. Nab e Ayrton devem ir tirar-lhe as pás. Também devemos dissimular, com ramos espessos, as janelas de Granite-House. Apaguem todos os lumes! Que nada revele a presença do homem nesta ilha!

— E o nosso barco? — perguntou Harbert.

— Oh! — respondeu Pencroff. — O barco está abrigado em porto Balão e eu desafio esses piratas a encontrá-lo!

As ordens do engenheiro foram imediatamente cumpridas: Nab e Ayrton subiram ao planalto e procederam de modo a, dissimular qualquer indício das construções feitas ali pelos colonos. Enquanto eles se entregavam a essa tarefa, os companheiros correram à orla do bosque do Jacamar e trouxeram de lá uma grande quantidade de ramos e de lianas, que à distância deviam passar pelo emaranhado natural de árvores e plantas, ocultando assim as aberturas da muralha granítica. Ao mesmo tempo, as armas e as munições foram dispostas de maneira a poderem ser utilizadas imediatamente, no caso de uma agressão inopinada.

Tomadas todas estas precauções, Cyrus Smith voltou-se para os seus companheiros, e, com voz comovida, perguntou:

— Meus amigos. Se esses miseráveis quiserem apoderar-se da ilha Lincoln nós defendê-la-emos, não é verdade?

— Sim, Cyrus — respondeu o repórter. — E se for necessário morreremos por ela!

O engenheiro estendeu as mãos aos companheiros, que as apertaram com efusão.

Apenas Ayrton se deixara ficar no seu canto, não se juntando aos colonos. Talvez se sentisse ainda indigno!

Cyrus Smith compreendeu o que se passava na alma de Ayrton e disse:

— E você, que fará?

— O meu dever — respondeu Ayrton.

Depois foi postar-se à janela e olhou para fora através da folhagem.

Eram então sete horas e meia. O sol desaparecera há cerca de vinte minutos por detrás de Granite-House. Em consequência, o horizonte, a leste, escurecia a pouco e pouco. Entretanto, o brigue continuava a avançar para a baía da União. Não se encontrava a mais de oito milhas, e precisamente do lado oposto ao planalto da Grande Vista, pois após ter virado por alturas do cabo Garra, rumara para norte, sendo ajudado pela maré, que subia. Pode mesmo pensar-se que, àquela distância, já ele entrara na vasta baía, porquanto uma linha reta que ligasse o cabo Garra ao cabo Mandíbula ficaria-lhe-ia para oeste, na sua alheta de estibordo.

Iria o brigue entrar na baía? Era essa a primeira interrogação a fazer. Uma vez entrado na baía, ancoraria lá? Era a segunda. Contentar-se-ia apenas, depois de ter observado o litoral, em ir-se embora sem ter desembarcado a sua tripulação? Dentro de uma hora poderiam sabê-lo. Aos colonos apenas restava esperar.

Cyrus Smith tomara com profunda ansiedade conhecimento de que o navio arvorava o pavilhão negro. Não seria uma ameaça direta contra a obra que ele e os seus companheiros tinham feito até então? Já teriam os piratas — não se podia duvidar de que os tripulantes daquele navio o fossem — frequentado aquela ilha, visto

terem arvorado as suas cores ao aproximarem-se dela? Teriam já estado ali anteriormente, o que explicaria alguns incidentes inexplicáveis até então? Existiria nas zonas da ilha ainda não exploradas algum cúmplice pronto a entrar em contacto com eles?

A todas essas perguntas, que fazia a si mesmo em silêncio, Cyrus Smith não sabia que responder; mas sentia que a situação da colónia poderia estar seriamente comprometida com a chegada daquele barco.

Ele e os seus companheiros estavam preparados para resistir até ao fim. Seriam os piratas numerosos e mais bem armados do que os colonos? Era isso que seria importante saber, mas como chegar até eles?

Era noite. A lua nova desaparecera. Uma profunda obscuridade envolvia a ilha e o mar. As nuvens, pesadas, amontoadas no horizonte, não deixavam filtrar qualquer claridade. Com o crepúsculo, o vento caíra completamente. Nem uma folha se agitava nas árvores, nem uma onda murmurava sobre o areal. Do navio não se via nada, pois, estando completamente às escuras, nem sequer podiam saber em que situação se encontrava.

— Quem sabe? — disse então Pencroff —, pode ser que o maldito navio tenha partido e amanhã de manhã já não o vejamos.

Como que respondendo à observação do marinheiro, uma viva claridade brilhou ao longe e um tiro de canhão soou.

O navio continuava ali, e a bordo tinha peças de artilharia.

Entre o clarão do tiro e o ruído do disparo tinham decorrido seis segundos. O navio estava portanto a um quarto de milha da costa.

Ao mesmo tempo ouviram o ruído de correntes que corriam, rangendo, através dos escovéns.

O navio acabava de ancorar à vista de Granite-House!

Capítulo 2

Não restavam já quaisquer dúvidas sobre os intentos dos piratas. Eles tinham lançado a âncora a curta distância da ilha e era evidente que, no dia seguinte, com as lanchas, tentariam chegar à margem!

Cyrus Smith e os companheiros estavam preparados para agir, mas, por mais resolutos que fossem, não deviam esquecer a prudência. Talvez a presença deles pudesse ainda ser dissimulada, no caso de os piratas se contentarem em desembarcar no litoral, sem se dirigirem para o interior da ilha. Era possível que os piratas desejassem apenas abastecer-se de água na embocadura do rio das Mercês, e não era impossível que a ponte, que se encontrava a milha e meia da embocadura, e os arranjos das Chaminés escapassem aos olhares dos estranhos.

Sendo assim, qual a razão desse pavilhão arvorado? Para quê o tiro de canhão? Pura fanfarronada, sem dúvida; a não ser que se tratasse de uma tomada de posse! Cyrus Smith sabia agora que o navio estava formidavelmente armado. Ora, para responder ao canhão dos piratas, que possuíam os colonos da ilha Lincoln? Algumas espingardas apenas.

— Todavia — observou Cyrus Smith —, estamos aqui numa posição quase inexpugnável. O inimigo não poderá descobrir o orifício do escoadouro, agora que ele está oculto entre os caniços e as ervas, e, por consequência, é-lhe impossível penetrar em Granite-House.

— Mas as nossas plantações, a nossa capoeira, o nosso curral, tudo, enfim, tudo! — exclamou Pencroff, batendo o pé. — Eles

podem destruir, devastar tudo em poucas horas!

— Tudo, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —, e nós não poderemos fazer nada para os impedir.

— Serão eles numerosos? — disse o repórter. — Se se tratasse apenas de uma dúzia, poderíamos detê-los; mas quarenta, cinquenta, talvez mais!...

— Senhor Smith — disse então Ayrton, dirigindo-se ao engenheiro. — Poderei pedir-vos licença?

— Licença para quê?

— Para tentar subir ao navio e fazer um reconhecimento da tripulação.

— Mas, Ayrton... — respondeu, hesitando, o engenheiro. — Sujeita-se a cair nas mãos desses celerados...

— E por que não, senhor?

— Isso é mais do que o seu dever.

— Eu devo fazer mais do que o meu dever — respondeu Ayrton.

— Irá na piroga até ao barco? — perguntou Gédéon Spilett.

— Não, senhor — respondeu Ayrton. — Irei a nado. A piroga não passaria por onde um homem pode passar.

— Sabe que o brigue se encontra a mais de uma milha da costa? — disse Harbert.

— Sou bom nadador, senhor Harbert.

— Mas já lhe disse que arrisca a vida nessa tentativa — repetiu o engenheiro.

— E que valor tem ela? — retrucou Ayrton. — Senhor Cyrus, peço-lhes isto como um favor. Talvez seja uma maneira de me resgatar aos meus próprios olhos!

— Vá então, Ayrton — respondeu o engenheiro, que bem sentia que uma recusa entristeceria profundamente o antigo condenado, transformado agora num homem honesto.

— Acompanhá-lo-ei! — disse Pencroff.

— Desconfia de mim! — respondeu vivamente Ayrton. Depois, mais humildemente, acrescentou: — De acordo.

— Não, não — replicou imediatamente Cyrus Smith —; não, Ayrton. Pencroff não desconfia de si! Interpretou mal as suas palavras.

— Com efeito — respondeu o marinheiro —, proponho a Ayrton acompanhá-lo apenas até ao ilhéu. Pode dar-se o caso, se bem que seja pouco provável, que um desses marotos tenha desembarcado, e dois homens não serão de mais, nesse caso, para o impedir de dar o alerta. Esperarei Ayrton no ilhéu, e ele irá sozinho até ao navio, visto que assim o deseja!

Ficando as coisas assim combinadas, Ayrton fez os seus preparativos de partida. O seu projeto era audacioso, mas podia ter êxito graças à escuridão da noite. Uma vez chegado ao barco, Ayrton, agarrado quer aos cabos, quer às amarras, poderia observar pelas vigias e talvez saber o número dos tripulantes e as suas intenções.

Seguidos dos seus companheiros, Ayrton e Pencroff desceram à margem. Ayrton despiu-se e untou-se com gordura para sofrer menos com a temperatura da água, que era ainda fria. Podia ser obrigado, com efeito, a permanecer na água durante várias horas.

Pencroff e Nab tinham, entretanto, ido buscar a piroga, amarrada a algumas centenas de passos mais adiante, na margem do rio das Mercês, e, quando voltaram, já Ayrton estava pronto para partir.

Lançaram-lhe um cobertor sobre os ombros e os colonos apertaram-lhe a mão.

Ayrton entrou na piroga com Pencroff.

Eram dez e meia da noite, quando os dois desapareceram na escuridão. Os companheiros foram esperá-los nas Chaminés.

O canal foi facilmente atravessado e a piroga foi encostar à margem oposta do ilhéu. Isso foi feito com uma certa precaução, para o caso de os piratas se encontrarem por ali. Mas depois de observarem atentamente o local chegaram à conclusão de que o ilhéu se encontrava deserto. Portanto, Ayrton, seguido de Pencroff, atravessou-o com passos rápidos, assustando os pássaros ocultos nos buracos das rochas. Depois, sem hesitar, atirou-se à água e nadou silenciosamente na direção do navio, que algumas luzes, acesas há pouco, localizavam.

Quanto a Pencroff, sentou-se numa anfractuosidade da rocha e esperou o regresso do companheiro.

Ayrton, entretanto, nadava vigorosamente e deslizava através do lençol de água sem provocar o mais leve ruído. A sua cabeça mal se via à superfície, e os olhos estavam fixos na massa sombria do brigue, cujas luzes se refletiam no mar. Pensava apenas no dever que impusera a si próprio cumprir, desprezando o perigo que corria, não apenas a bordo do navio, mas ainda naquelas águas, frequentemente infestadas de tubarões. A corrente arrastava-o e ele afastava-se rapidamente da costa.

Meia hora depois, Ayrton, que não fora visto de bordo, chegava junto do navio e agarrava-se às correntes do gurupés, conseguindo depois içar-se até junto das escotilhas. Sentando-se numa das correntes, Ayrton agarrou-se bem e ficou de ouvido à escuta.

A bordo não dormiam. Pelo contrário, cantavam, riam. E as suas afirmações, acompanhadas por pragas, impressionaram especialmente Ayrton.

— Boa aquisição, o nosso brigue.

— Ele anda bem, o nosso *Speedy*¹⁸. Merece o nome.

— Toda a marinha de Norfolk pode persegui-lo que não o apanha!

— Hurra pelo seu comandante!

— Hurra por Bob Harvey!

O que Ayrton sentiu ao ouvir esse fragmento da conversa pode compreender-se melhor sabendo-se que esse Bob Harvey era um dos seus antigos companheiros da Austrália, um marinheiro audacioso, que dera continuidade aos seus projetos criminosos. Bob Harvey apoderara-se, perto da ilha Norfolk, daquele brigue carregado de armas e munições, de utensílios e ferramentas de todos os géneros, que levava rumo a uma das ilhas Sanduíche. Todo o seu bando fora para bordo e, tornados piratas depois de terem sido prisioneiros, esses miseráveis percorriam agora o Pacífico destruindo os navios, chacinando as tripulações, mais ferozes do que os próprios malaios.

Os piratas falavam em voz alta, contavam as suas proezas bebendo desmedidamente, e eis o que Ayrton conseguiu compreender:

A atual tripulação do *Speedy* compunha-se unicamente de prisioneiros ingleses evadidos de Norfolk.

Ora, vamos ver o que é Norfolk.

A 29° e 2' de latitude sul e 165° 42' de longitude leste, a leste da Austrália, encontra-se uma pequena ilha de seis léguas de diâmetro,

dominada pelo monte Pitt, a uma altura de mil e cem pés acima do nível do mar. É a ilha Norfolk, que se tornou a sede de um estabelecimento prisional onde se encontram os mais intratáveis condenados das penitenciárias inglesas. Encontram-se lá quinhentos reclusos, submetidos a uma disciplina de ferro, sujeitos a castigos terríveis, guardados por cento e cinquenta soldados e cento e cinquenta guardas, às ordens de um governador. Seria difícil encontrar outra concentração de celerados tão perversos. Algumas vezes, embora o facto seja extremamente raro — e não obstante a severa vigilância a que estão sujeitos —, muitos conseguem evadir-se, apoderam-se de navios que atacam de surpresa e percorrem então os arquipélagos polinésios.

Assim fizera Bob Harvey e o seu bando, e assim o quisera fazer outrora Ayrton. Bob Harvey conseguira apoderar-se do brigue *Speedy*, ancorado à vista da ilha Norfolk; a tripulação fora chacinada e, desde há um ano, esse navio, transformado em barco de piratas, percorria os mares do Pacífico sob o comando de Harvey, outrora capitão de longo curso, agora pirata dos mares, e que conhecia bem Ayrton!

Os condenados encontravam-se reunidos no tombadilho, na ré do navio, mas alguns, estendidos na ponte, conversavam em voz alta.

Continuando a ouvir a conversa, sempre no meio de gritos e de libações, Ayrton ficou a saber que só o acaso levara os piratas para as paragens da ilha Lincoln. Bob Harvey nunca ali pusera os pés, mas, como Cyrus Smith pressentira, encontrando no seu caminho aquela terra desconhecida, cuja situação nenhum mapa indicava,

formara o projeto de a visitar, e se ela lhe agradasse, transformá-la em porto de abrigo do brigue.

Quanto ao pavilhão negro arvorado no mastro do navio e ao tiro de canhão disparado, a exemplo do que os navios de guerra fazem quando apresentam as suas cores, fora pura fanfarronice dos piratas. Não se tratava de um sinal e não havia qualquer comunicação entre os piratas e a ilha Lincoln.

O domínio dos colonos estava portanto ameaçado por um perigo imenso. É claro que a ilha, com a sua aguada fácil, o seu porto, os seus recursos de todos os géneros, tão valorizados pelos colonos, as profundezas ocultas de Granite-House, não podiam deixar de convir aos condenados; nas mãos deles tornar-se-ia um excelente local de refúgio e, devido a ser desconhecida, garantir-lhes-ia, durante muito tempo talvez, a impunidade com segurança. É claro que a vida dos colonos não seria respeitada, e o primeiro cuidado de Bob Harvey e dos seus cúmplices seria matá-los sem piedade. Cyrus Smith e os seus não tinham sequer o recurso de fugir, de se esconderem na ilha, pois os condenados contavam residir ali e era provável que se alguns partissem em expedição, outros ficassem na ilha. Era portanto necessário combater, destruir até ao último esses miseráveis, indignos de piedade, e contra os quais todos os meios seriam bons.

Foi isso que Ayrton pensou, e sabia bem que Cyrus Smith partilharia da sua maneira de pensar.

Contudo, seriam a resistência e, em último lugar, a vitória possíveis? Isso dependia do armamento do brigue e do número de homens que o tripulavam.

Foi o que Ayrton resolveu reconhecer a todo o custo, e como, uma hora após a sua chegada, as vociferações começaram a acalmar-se, e bom número de homens tinham já mergulhado no sono da embriaguez, Ayrton não hesitou em aventurar-se na ponte do *Speedy*, que as luzes, apagadas, mergulhavam numa escuridão profunda.

Içou-se portanto para o brigue e chegou até ao tombadilho. Deslizando entre os condenados estendidos por todos os lados, deu a volta ao barco e reconheceu que este se encontrava armado com quatro canhões, que deviam lançar balas de oito a dez libras. Observou mesmo, tocando-lhes, que esses canhões se deviam carregar pela culatra. Eram portanto peças modernas, de fácil utilização e de efeitos terríveis.

Quanto aos homens estendidos na ponte, deviam ser cerca de dez, mas era de supor que outros, mais numerosos, dormissem no interior do brigue. E de resto, ouvindo-os, Ayrton julgou compreender que seriam uns cinquenta a bordo. Era de mais para os homens de Granite-House. Mas graças à dedicação de Ayrton, Cyrus Smith não seria surpreendido, conheceria a força dos seus adversários e tomaria as suas disposições em consequência.

Concluída a sua missão, apenas restava a Ayrton ir relatar aos seus companheiros as conclusões da empresa e preparava-se já para voltar para a proa do brigue, a fim de deixar-se deslizar para o mar.

No entanto, esse homem, que queria — como o dissera — fazer mais do que o seu dever, teve então um pensamento heroico: o de sacrificar a sua vida, salvando assim a ilha e os colonos. Cyrus Smith não podia evidentemente resistir a cinquenta bandidos bem armados, que poderiam sempre vencer os colonos, quer entrando à

força em Granite-House, quer dominando os sitiados pela fome. E pensou então nos seus salvadores, aqueles que tinham feito dele um homem honesto, aqueles a quem ele tudo devia, mortos sem piedade, o seu labor destruído e a ilha transformada em retiro de piratas! Teve então a ideia de fazer o navio ir pelos ares, e com ele todos aqueles que o tripulavam. Também ele, Ayrton, pereceria na explosão, mas cumpriria o seu dever.

Ayrton não hesitou. Alcançar o paiol da pólvora, que fica sempre situado na popa de um barco, devia ser coisa fácil. A pólvora não devia faltar num navio daqueles e bastaria uma faísca para a fazer explodir e o aniquilar num instante.

Ayrton deslizou pelo convés com precaução para não acordar os que dormiam com o sono profundo da embriaguez. Junto do mastro grande havia uma lanterna acesa e perto dele via-se uma armação com armas variadas.

Ayrton pegou num revólver e verificou se ele se encontrava armado. Não lhe era preciso mais para realizar a sua obra de destruição. Dirigiu-se portanto silenciosamente para a popa de modo a alcançar o sítio onde ficava o paiol.

Entretanto, no meio da escuridão, era difícil andar sem chocar com algum pirata que não estivesse bem adormecido. Daí as pancadas e as pragas. Ayrton foi, mais de uma vez, forçado a interromper a marcha. Mas chegou por fim à divisória que fechava o compartimento das traseiras e encontrou a porta que dava para o paiol.

Ayrton, obrigado a forçá-la, pôs mãos à obra. Era uma tarefa difícil de realizar sem ruído, pois tratava-se de quebrar um cadeado.

Mas com as mãos vigorosas de Ayrton, o cadeado saltou e a porta foi aberta...

Nesse momento porém uma mão pousou no ombro de Ayrton...

— Que fazes tu aqui? — perguntou com voz dura um homem de alta estatura, que iluminou bruscamente o rosto de Ayrton com a luz de uma lanterna.

Ayrton recuou. Num relance reconhecera o seu antigo cúmplice, Bob Harvey, mas este não poderia reconhecê-lo, pois certamente o julgava morto há muito tempo.

— Que fazes aqui? — repetiu Bob Harvey, agarrando Ayrton pelo cinto das calças.

Contudo, Ayrton, sem responder, repeliu violentamente o chefe dos condenados e procurou entrar no paiol. Um tiro de revólver no meio daqueles barris de pólvora e tudo estaria acabado!

— A mim rapazes! — gritou Bob Harvey.

Dois ou três piratas, acordados pelo grito do chefe, tinham-se erguido, e lançando-se sobre Ayrton tentaram dominá-lo. O vigoroso Ayrton tentou desembaraçar-se deles. Soaram dois tiros de revólver e dois homens caíram; mas uma facada que ele não conseguiu evitar feriu-o no ombro.

Ayrton compreendeu que não poderia executar o seu projeto. Bob Harvey fechara a porta do paiol e havia no convés um reboiço que indicava um alerta geral dos piratas. Era preciso que fugisse para combater ao lado de Cyrus Smith!

Mas seria ainda possível a fuga? Era duvidoso, se bem que Ayrton estivesse resolvido a tudo tentar para se juntar aos seus companheiros.

Restavam-lhe ainda quatro balas. Disparou duas vezes e de uma delas atingiu Bob Harvey, ao que julgou sem gravidade. Nesse momento, aproveitando um movimento geral de recuo, Ayrton saltou para trás e correu pelo convés. Ao passar junto da lanterna acesa partiu-a com um pontapé e reinou então uma escuridão total, que devia favorecer a sua fuga.

Dois ou três piratas, que acordaram nesse momento, desciam a escada. Mais um tiro e um deles caiu, enquanto os outros fugiam pelas escadas, sem compreenderem nada do que se passava. Ayrton saltou para o convés do brigue, e pouco depois de ter disparado um outro tiro na cara de um pirata que tentava agarrá-lo pelo pescoço lançava-se ao mar.

Mal emergiu do mergulho e já as balas caíam em redor dele como granizo.

Que emoções não sentiria Pencroff, abrigado numa rocha do ilhéu, e Cyrus Smith, Harbert, Nab e o repórter, ocultos nas Chaminés, quando ouviram aquelas detonações a bordo do brigue. Correram para o areal, com as suas espingardas ao ombro, prontos a repelir qualquer agressão.

Para eles não existia dúvida alguma: Ayrton, surpreendido pelos piratas, havia sido assassinado e talvez esses miseráveis quisessem aproveitar a noite para invadir a ilha!

Passou-se meia hora no meio de transes mortais. Todavia, as detonações tinham cessado, e nem Ayrton nem Pencroff apareciam. Estava portanto o ilhéu invadido? Não seria preciso ir em socorro de Ayrton e de Pencroff? Mas como? A maré, alta nesse momento, tornava o canal intransponível. A piroga não se encontrava ali! Que

se julgue da horrível inquietação que se apoderou de Cyrus Smith e dos seus companheiros!

Por fim, por volta da meia-noite e meia hora, uma piroga com dois homens chegou ao areal. Era Ayrton, ligeiramente ferido no ombro, e Pencroff, são e salvo, que os amigos receberam de braços abertos.

Imediatamente todos se foram refugiar nas Chaminés. Ali, Ayrton contou o que se passara e relatou o seu projeto de fazer saltar o brigue.

Todas as mãos se estenderam para Ayrton, que não escondeu como a situação era grave. Os piratas já sabiam que a ilha era habitada. Só desembarcariam em número e bem armados e não respeitariam nada. Se os colonos caíssem nas mãos deles não poderiam esperar qualquer piedade!

— Pois bem. Saberemos defender-nos! — disse o repórter.

— Voltemos para Granite-House e fiquemos de vigia — recomendou o engenheiro.

— Teremos alguma probabilidade de sair deste apuro, senhor Cyrus? — perguntou o marinheiro.

— Sim, Pencroff.

— Hum, seis contra cinquenta!

— Sim! Seis!... sem contar...

— Com quem? — perguntou Pencroff.

Cyrus não respondeu, mas apontou para o Céu com a mão.

Capítulo 3

A noite decorreu sem quaisquer incidentes. Os colonos continuavam ainda nas Chaminés. Os piratas, por seu lado, pareciam não ter feito qualquer tentativa para desembarcar. Depois de os últimos tiros terem sido disparados sobre Ayrton, nem um único ruído traíra a presença dos piratas na ilha. Em rigor, poder-se-ia julgar que tinham levantado âncora e ido para longe daquelas paragens.

Contudo, quando a aurora surgiu, os colonos puderam ver através das brumas matinais uma massa confusa. Era o *Speedy*.

— Meus amigos — disse então o engenheiro. — São estas as disposições que me parece conveniente tomar, antes que o nevoeiro desapareça. Ele esconde-nos dos olhares dos piratas, pelo que podemos agir sem despertar a sua atenção. O que interessa dar a entender aos piratas é que os habitantes da ilha são numerosos e portanto capazes de lhes resistir. Proponho-lhes portanto dividirmo-nos em três grupos, que serão colocados o primeiro nas Chaminés, o segundo na embocadura do rio das Mercês. Quanto ao terceiro, creio que será conveniente colocá-lo no ilhéu, onde poderá impedir ou atrasar, pelo menos, qualquer tentativa de desembarque. Temos quatro carabinas e duas espingardas. Cada um de nós estará portanto armado, e como estamos amplamente fornecidos de pólvora e de balas não pouparemos os nossos tiros. Não temos nada a recear das espingardas, nem mesmo dos canhões do brigue. Que poderiam eles contra estas rochas? E como não dispararemos de Granite-House, os piratas não terão a ideia de utilizar contra a nossa

casa os canhões que poderiam causar danos irreparáveis. O que é de recear é a eventualidade de combater corpo a corpo, pois os piratas são muito numerosos. Devemos portanto tentar opor-nos a qualquer desembarque, mas sem que fiquemos a descoberto. Portanto, não economizemos as munições. Disparemos frequentemente, mas disparemos para o alvo: cada um de nós tem oito ou dez inimigos para abater, e é necessário que não falhe!

Cyrus Smith tinha analisado nitidamente a situação, falando com voz calma, como se se tratasse de trabalhos a dirigir e não de uma batalha a travar. Os seus companheiros aprovaram essas disposições sem sequer pronunciar uma palavra. Para cada um deles tratava-se agora de ir ocupar o seu posto antes que o nevoeiro se dissipasse completamente.

Nab e Pencroff subiram imediatamente a Granite-House, trazendo de lá munições suficientes. Gédéon Spilett e Ayrton, ambos bons atiradores, ficaram armados com duas carabinas de precisão, com um alcance de perto de uma milha. As outras quatro espingardas foram repartidas entre Cyrus Smith, Nab, Pencroff e Harbert.

Eis como foram compostos os postos: Cyrus Smith e Harbert ficaram emboscados nas Chaminés, dominando assim o areal, junto de Granite-House, numa extensão bastante grande; Gédéon Spilett e Nab foram esconder-se no meio das rochas, na embocadura do rio das Mercês — cuja ponte e pontões foram levantados —, de modo a impedir qualquer passagem de barco e até qualquer desembarque na margem oposta; quanto a Ayrton e a Pencroff, puseram a piroga na água e dispuseram-se a atravessar o canal para ocupar separadamente dois postos no ilhéu. Desse modo, os tiros, partindo

de quatro pontos diferentes, fariam pensar aos condenados que a ilha era muito povoada e que seria defendida com todo o vigor.

Se porventura se efetuasse um desembarque sem que eles pudessem impedi-lo, Pencroff e Ayrton deviam dirigir-se para o litoral e defender a posição mais ameaçada.

Antes de irem ocupar os seus postos, os colonos apertaram mais uma vez as mãos. Pencroff conseguiu dominar-se o suficiente para esconder a sua emoção ao despedir-se de Harbert, o seu filho!... e separaram-se.

Alguns instantes depois, Cyrus Smith e Harbert, por um lado, o repórter e Nab por outro, tinham desaparecido atrás das rochas, e cinco minutos mais tarde Ayrton e Pencroff, depois de terem atravessado o canal, desembarcaram no ilhéu e escondiam-se nas anfractuosidades das rochas da praia oriental.

Nenhum deles podia ter sido visto, pois eles próprios mal distinguiam ainda o vulto do navio no meio da bruma matinal.

Eram seis horas e meia da manhã.

Em breve, o nevoeiro se dissipou nas camadas superiores e os mastros do navio surgiram dos vapores. Durante alguns instantes ainda, grossas volutas rolaram à superfície do mar; depois uma brisa ergueu-se, dissipando rapidamente essas brumas.

O *Speedy* apareceu então por inteiro, ancorado com as suas duas âncoras, voltado para norte e apresentando à ilha a sua amurada de bombordo. Como Cyrus Smith calculara, o navio não se encontrava a mais de uma milha e um quarto da margem.

O sinistro pavilhão negro flutuava no seu mastro.

O engenheiro, com o seu óculo, viu que os quatro canhões que compunham a artilharia de bordo se encontravam assestados para a

ilha. Estavam evidentemente preparados para fazer fogo ao primeiro sinal.

Entretanto, o *Speedy* permanecia mudo. Viam-se uns trinta piratas irem e virem no convés. Alguns encontravam-se no tombadilho; outros dois, colocados nas traves do mastro grande e munidos de óculos de longo alcance, observavam a ilha com extrema atenção.

Certamente, Bob Harvey e a sua tripulação não podiam ter-se apercebido senão muito ligeiramente do que se passara na noite anterior no brigue. O homem seminu que forçara a porta do paiol da pólvora e contra o qual eles tinham lutado, que descarregara o seu revólver seis vezes sobre eles, que matara um deles e ferira outros dois, esse homem teria escapado às suas balas? Pudera atingir a costa a nado? Onde vinha ele? Que fora fazer a bordo? O seu projeto seria realmente o de fazer saltar o brigue, como pensava Bob Harvey? Tudo isso deveria parecer muito confuso aos condenados. Mas do que não podiam mais duvidar era que aquela ilha era habitada e que havia talvez ali toda uma colónia pronta para se defender. E, no entanto, não aparecia ninguém nem no areal, nem nos montes. O litoral parecia estar absolutamente deserto. Em todo o caso, não se via o menor sinal de qualquer habitação. Teriam os habitantes fugido para o interior?

Eis o que devia perguntar a si mesmo o chefe dos piratas, e sem dúvida, como homem prudente, ele procuraria fazer um reconhecimento antes de deixar aventurar os seus homens na ilha.

Durante hora e meia nenhum indício de ataque nem de desembarque pôde ser visto a bordo do brigue. Era crível que Bob Harvey hesitasse. Os seus melhores óculos de longo alcance não lhe

tinham permitido ver um único dos colonos, entrincheirados nos rochedos. Não era sequer provável que a sua atenção fosse atraída pelo emaranhado de ramos verdes e de lianas que encobria as janelas de Granite-House. Com efeito, como poderia ele imaginar uma habitação cavada na rocha granítica, a tal altitude? Desde o cabo Garra até ao cabo Mandíbula, por todo o perímetro da baía da União, nada denunciava que a ilha estivesse ou pudesse estar ocupada.

Às oito horas, no entanto, os colonos observaram um certo movimento a bordo do navio. Os homens andavam junto das amuradas e uma embarcação foi posta no mar. Sete homens desceram para ela. Estavam armados de espingardas. Um deles pôs-se ao leme, quatro aos remos, e os outros dois, acorados à frente, prontos a disparar, examinavam a ilha. O seu objetivo era, sem dúvida, fazer um primeiro reconhecimento, mas não desembarcar, pois neste último caso iriam por certo em muito maior número.

Os piratas, amontoados junto das amuradas, tinham evidentemente podido ver que um ilhéu cobria a costa, da qual estavam separado por um canal com a largura de cerca de meia milha. Todavia, Cyrus Smith, observando a direção seguida pela lancha, teve sempre a certeza de que ela não procuraria entrar no canal, mas que ficaria junto do ilhéu, medida de segurança bem justificada, de resto.

Pencroff e Ayrton, escondidos um de cada lado das anfractuosidades da rocha, viram o barco dirigir-se diretamente para eles e esperaram que estivessem bem ao alcance das suas armas.

A embarcação avançava com extremas precauções. Os remos só mergulhavam na água com longos intervalos. Viam também que um

dos condenados que iam à frente levava uma sonda na mão e que procurava reconhecer o canal cavado pela corrente do rio das Mercês. Isso indicava que Bob Harvey tencionava aproximar o seu brigue de terra o mais possível. Uns trinta marinheiros, dispersos pelos mastros, não perdiam de vista a lancha onde se procurava colocar sobre as águas uma certa sinalização que lhes permitisse atracar sem perigo.

A pequena embarcação não estava a mais de quatrocentos metros do ilhéu quando parou. O homem do leme, de pé, procurava o melhor sítio para chegar a terra.

De repente, dois tiros soaram. Uma pequena coluna de fumo elevou-se acima dos rochedos do ilhéu. O homem do leme e o que empunhava a sonda caíram para trás. As balas de Pencroff e de Ayrton tinham-nos atingido no mesmo instante.

Quase imediatamente, uma detonação mais violenta se fez ouvir, um jato de vapor saiu dos flancos do brigue, e uma bala de canhão, atingindo as altas rochas que abrigavam Ayrton e Pencroff, fê-las voar em estilhaços, mas os dois atiradores não foram atingidos.

Todavia, em vez de voltarem para bordo, como se poderia esperar, a embarcação navegava ao longo da margem do ilhéu, de modo a contorná-lo pela ponta sul. Os piratas remavam vigorosamente a fim de ficarem fora do alcance das balas.

Avançaram assim até a uma distância de mil metros da parte do litoral que ia terminar na ponta do Destroço, e depois de a terem contornado numa linha semicircular, sempre protegidos pelos canhões do brigue, dirigiram-se para a embocadura do rio das Mercês.

A sua intenção, que se tornava evidente, era entrarem no canal e apanhar os colonos pelas costas, de modo a que estes, fosse qual fosse o seu número, ficassem entre dois fogos: o da embarcação e o do brigue, ficando assim numa posição desvantajosa.

Passou-se assim um quarto de hora, enquanto a canoa avançava nessa direção. Fez-se silêncio absoluto, calma completa.

Pencroff e Ayrton, apesar de compreenderem que se arriscavam a ser mortos, não haviam deixado o seu posto, talvez por não quererem ainda mostrar-se aos assaltantes e expor-se aos canhões do *Speedy*, ou por contarem com Nab e Gédéon Spilett, que se encontravam na embocadura do rio, e com Cyrus Smith e Harbert, emboscados nos rochedos das Chaminés.

Vinte minutos após os primeiros tiros, a embarcação encontrava-se a menos de quatrocentos metros da embocadura do rio. Como a maré começava a subir com a sua violência habitual, provocada pela estreiteza do canal, os condenados sentiram-se arrastados para o rio e só à força de remos se mantiveram no canal. Mas quando passavam a bom alcance da embocadura do rio das Mercês, foram saudados por duas balas, e dois dos seus tripulantes ficaram estendidos na embarcação. Nab e Spilett também não tinham falhado os seus tiros.

Imediatamente, o brigue disparou sobre o local donde tinham partido as balas, mas sem outro resultado que não fosse o de fazer saltar alguns pedaços de rocha.

Nesse momento a embarcação levava já só apenas três homens válidos. Arrastada pela corrente, a canoa corria pelo canal com a rapidez de uma flecha, passando diante de Cyrus Smith e de Harbert, que, não a considerando ao seu alcance, não dispararam;

depois contornando a extremidade norte do ilhéu com os dois remadores que lhe restavam, a embarcação dirigiu-se para o brigue.

Até ali os colonos não tinham razão para se queixarem. Os seus adversários é que estavam a perder. Contavam já quatro feridos graves, ou talvez mortos; eles, pelo contrário, sem qualquer ferimento, não tinham perdido uma bala. Se os piratas continuassem a atacá-los desse modo, enviando os seus homens a pouco e pouco, poderiam dizimá-los um a um.

Compreende-se como as disposições tomadas pelo engenheiro eram vantajosas. Os piratas podiam pensar que enfrentavam adversários numerosos e bem armados, que não conseguiriam vencer facilmente.

Passou-se meia hora antes que a embarcação, que teve de lutar contra a corrente do largo, conseguisse chegar ao *Speedy*. Ouviram-se gritos terríveis quando os feridos chegaram a bordo, e foram disparados três ou quatro tiros de canhão sem qualquer resultado.

Então, outros condenados, ébrios de cólera e talvez ainda das libações da véspera, saltaram para a embarcação. Deviam ser uns doze. Uma segunda embarcação foi também lançada ao mar, tomando lugar nela uns oito homens, e enquanto o primeiro se dirigia para o ilhéu para forçar a retirada dos colonos, o segundo manobrava de maneira a forçar a entrada no rio das Mercês.

A situação tornava-se de imediato muito perigosa para Pencroff e Ayrton, que compreenderam que deviam voltar para terra.

No entanto, esperaram ainda que a primeira embarcação estivesse ao alcance das suas balas, e dois tiros certos lançaram a desordem no meio da tripulação daquela.

Depois, abandonando o seu posto, após terem disparado uma dezena de tiros, atravessaram o ilhéu a toda a velocidade, lançaram-se para a piroga, atravessaram o canal no momento em que o segundo barco atingia a extremidade sul, e foram emboscar-se nas Chaminés.

Tinham acabado de se juntar a Cyrus Smith e a Harbert, quando o ilhéu foi invadido pelos piratas da primeira embarcação, que começaram a percorrê-lo em todas as direções.

Quase no mesmo instante, novas detonações se fizeram ouvir no posto situado no rio das Mercês, do qual a segunda embarcação se encontrava perto. Dos oito homens que seguiam nesse barco, dois foram mortalmente atingidos por Gédéon Spilett e Nab, e a própria embarcação, irresistivelmente atraída para os recifes, foi quebrar-se contra a embocadura do rio das Mercês. Mas os seis sobreviventes, erguendo as armas acima da cabeça para as preservar do contacto com a água, conseguiram ganhar pé na margem direita do rio. Depois, vendo-se demasiadamente expostos ao fogo, fugiram na direção da ponta do Destroço, para fora do alcance das balas.

Era esta a situação atual: no ilhéu, doze condenados, entre os quais vários feridos, sem dúvida, mas tendo ainda um barco à sua disposição: na ilha, seis desembarcados, mas que se encontravam na impossibilidade de atingir Granite-House, pois não podiam atravessar o rio, cujas pontes estavam levantadas.

— Isto vai! — dissera Pencroff, precipitando-se para as Chaminés. — Isto vai, senhor Cyrus! Que pensa o senhor ditos?

— Penso — respondeu o engenheiro — que o combate vai tomar uma nova forma, pois não podemos supor que os condenados sejam

tão estúpidos que queiram continuá-lo de uma forma tão desvantajosa para eles!

— Mas também não atravessarão o canal — disse o marinheiro. — As carabinas de Ayrton e do senhor Spilett lá estão para os impedir de o fazer. Sabe bem que têm um alcance de mais de mil metros de distância!

— Sem dúvida — respondeu Harbert —; mas que podem duas carabinas contra os canhões do brigue?

— Acho que o brigue não está ainda no canal, pois não! — respondeu Pencroff.

— E se conseguir lá chegar? — voltou Cyrus Smith.

— É impossível, pois arriscava-se a encalhar e a perder-se!

— É possível, é — respondeu então Ayrton. — Podem aproveitar a maré alta para entrar no canal, mesmo arriscando-se a ficarem encalhados na maré baixa. E nessa altura, debaixo do fogo dos seus canhões, não poderemos aguentar as nossas posições.

— Com mil diabos do Inferno! — exclamou Pencroff. — Parece, na verdade, que os patifes se preparam para levantar âncora.

— Talvez sejamos obrigados a refugiar-nos em Granite-House — observou Harbert.

— Esperemos! — respondeu Cyrus Smith.

— Mas Nab e o senhor Spilett?... —murmurou Pencroff.

— Saberão juntar-se a nós na altura oportuna. Prepare-se, Ayrton. A sua carabina e a de Spilett é que devem falar agora.

E era bem verdade o que o engenheiro afirmava! O *Speedy* começava a virar de bordo e preparava-se para se aproximar do ilhéu. A maré ainda subiria mais, e como a corrente estava fraca não

seria difícil manobrar. Mas quanto a entrar no canal, Pencroff, ao contrário de Ayrton, não acreditava que o tentassem.

Entretanto, os piratas que estavam no ilhéu haviam-se dirigido lentamente para a margem oposta e só o canal os separava da ilha. Armados apenas de espingardas, não podiam causar qualquer dano aos colonos, emboscados, quer nas Chaminés quer na embocadura do rio das Mercês; mas não sabendo que eles se encontravam munidos de carabinas de longo alcance, também não se julgavam em perigo. Era portanto a descoberto que percorriam a ilha e a orla da floresta.

Porém, a ilusão foi efémera: as carabinas de Ayrton e de Gédéon Spilett entraram em ação, ação desagradável para dois desses homens, pois caíram, atingidos.

Foi uma debandada geral. Os outros dez homens não tiveram sequer tempo de apanhar os seus companheiros, feridos ou mortos: correram a toda a velocidade para o outro lado do ilhéu, lançaram-se para a embarcação e afastaram-se a toda a força dos remos.

— Oito a menos! — exclamou então Pencroff. — Verdadeiramente, o senhor Spilett e Ayrton estão a trabalhar bem em conjunto!

— Senhores — respondeu Ayrton, voltando a carregar a sua carabina —, o caso está a tornar-se mais grave: o brigue apresta-se a manobrar!

— A âncora está a subir!... — exclamou Pencroff

— Sim. Ouço içá-la.

Com efeito, ouvia-se distintamente o ruído do linguete sobre o cabrestante, à medida que o brigue virava. O *Speedy* obedecia ao apelo da sua âncora, pois quando ela foi arrancada ao fundo,

começou a virar para terra. O vento soprava do largo. A grande vela triangular e o velacho foram içados e o navio começou a aproximar-se a pouco e pouco de terra.

Dos dois postos, do rio das Mercês e das Chaminés, viam-no manobrar sem darem sinal de vida, mas não sem uma certa emoção. Seria uma situação terrível, a dos colonos, quando estivessem expostos, a curta distância, ao fogo dos canhões do brigue, sem serem capazes de responder do mesmo modo. Como poderiam então impedir os piratas de desembarcar?

Cyrus Smith tinha plena consciência do perigo, e perguntava a si mesmo o que seria possível fazer. Dentro em breve seria obrigado a tomar uma decisão. Mas qual? Encerrar-se em Granite-House, deixar-se sitiado, aguentar o cerco durante semanas, mesmo meses, visto que os víveres abundavam? Muito bem. E depois? Os piratas não deixariam de ser senhores da ilha, devastando-a à sua vontade, e com o tempo acabariam por vencer os prisioneiros de Granite-House.

No entanto, restava ainda uma possibilidade: era que Bob Harvey não se atrevesse a entrar com o navio no canal e que se mantivesse fora do ilhéu. Meia milha o separava ainda da costa, e a essa distância os tiros de canhão podiam não ser muito prejudiciais.

— Nunca — repetia Pencroff —, nunca esse Bob Harvey, visto que é bom marinheiro, entrará no canal! Sabe bem que isso seria arriscar o brigue, por muito pouco mau que o mar estivesse! E que seria dele sem o seu navio?

Entretanto, o brigue aproximava-se do ilhéu, e puderam ver que ele tentava alcançar a extremidade inferior. A brisa era ligeira, e,

como a corrente perdera então muita da sua força, Bob Harvey era absolutamente senhor de manobrar como quisesse.

A rota seguida anteriormente pelas embarcações tinha-lhe permitido reconhecer o canal, e havia já penetrado profundamente nele. O seu projeto era muito compreensível: queria manter-se diante das Chaminés e daí responder com balas de canhão aos projecteis que até então tinham dizimado a sua tripulação.

Em breve o *Speedy* atingia a extremidade do ilhéu, contornando-o com facilidade. A bergantina foi então içada e o navio, enfrentando o vento, dirigiu-se para a embocadura do rio das Mercês.

— Os bandidos! — exclamou Pencroff. — Aí vêm eles!

Cyrus Smith, Pencroff, Ayrton e Harbert reuniram-se a Nab e a Gédéon Spilett, que acharam conveniente abandonar o posto do rio das Mercês, visto que nada podiam fazer contra o brigue, e tinham agido sensatamente ao fazê-lo. Havia mais vantagens em que os colonos estivessem reunidos no momento em que uma ação decisiva ia sem dúvida ter lugar. Gédéon Spilett e Nab tinham-se ocultado por detrás das rochas, mas não sem desafiarem uma chuva de balas que não os atingira.

— Spilett! Nab! — exclamara o engenheiro. — Não estão feridos?

— Não! — respondeu o repórter. — Algumas contusões apenas, por ricochete! Mas esse maldito brigue entrou no canal!

— Sim — respondeu Pencroff —, e dentro de dez minutos terá ancorado diante de Granite-House.

— Tem algum projeto, Cyrus? — perguntou o repórter.

— É preciso refugiar-nos em Granite-House enquanto é tempo — respondeu o engenheiro. — Os piratas não podem ver-nos.

— É também a minha opinião — respondeu Gédéon Spilett. — Mas uma vez fechados...

— Agiremos conforme as circunstâncias — respondeu Cyrus Smith.

— Então, a caminho e despachemo-nos! — disse o repórter.

— Não quer, senhor Cyrus, que eu e Ayrton fiquemos aqui? — perguntou o marinheiro.

— Para quê, Pencroff? — respondeu Cyrus Smith. — Não, não nos separemos.

Não havia um instante a perder. Os colonos deixaram as Chaminés. Um pequeno contorno da cortina granítica impedia que eles fossem vistos do brigue, mas duas ou três detonações e o estrondo das balas nas rochas mostraram-lhes que o brigue se encontrava a curta distância.

Correram para o ascensor e içaram-se até à porta de Granite-House, onde *Top* e *Jup* se encontravam fechados desde a véspera, e daí a pouco encontravam-se na grande sala.

Tinha sido a tempo, pois através dos ramos entrançados os colonos viram o *Speedy*, rodeado de fumo, navegando velozmente pelo canal. Tiveram de se afastar, pois as descargas eram incessantes e as balas dos quatro canhões batiam às cegas tanto o posto do rio das Mercês, apesar de não se encontrar ocupado, como as Chaminés. As rochas iam sendo despedaçadas e hurras acompanhavam cada detonação.

No entanto, poder-se-ia esperar que Granite-House fosse poupada, graças às precauções tomadas por Cyrus Smith ao camuflar as janelas, quando uma bala, entrando pela abertura da porta, penetrou no corredor.

— Maldição! Estamos descobertos? — exclamou Pencroff.

Talvez os colonos não tivessem sido vistos, mas Bob Harvey achara conveniente disparar um projétil sobre aquela folhagem suspeita que cobria parte da alta muralha. Em breve, os tiros sobre a muralha granítica se intensificaram, e outra bala, atravessando a cortina de folhagem, abriu um enorme buraco no granito. Não podiam opor qualquer defesa a esses projécteis, nem defender-se dos estilhaços de pedra, que voavam em seu redor. Só lhes restava refugiarem-se nos corredores superiores de Granite-House e abandonar a casa a todas as devastações, quando de súbito se ouviu uma deflagração surda, seguida de gritos horrorizados! Cyrus Smith e os companheiros correram para uma das janelas...

O brigue, irresistivelmente soerguido por uma espécie de tromba líquida, acabava de se abrir em dois, e, em menos de dez segundos, era engolido pelo mar com a sua criminosa tripulação!

Capítulo 4

— Foram pelos ares! — exclamou Harbert.

— Sim, saltaram como se Ayrton tivesse pegado fogo à pólvora!
— respondeu Pencroff, correndo para o ascensor, ao mesmo tempo que Nab e o rapaz.

— Mas que se teria passado? — exclamou Gédéon Spilett, ainda espantado com aquele desenlace inesperado.

— Ah! Desta vez saberemos! — respondeu vivamente o engenheiro.

— Que saberemos nós?...

— Mais tarde! Mais tarde! Venha, Spilett. O importante é que esses piratas foram exterminados!

E Cyrus Smith, levando consigo o repórter e Ayrton, foi ao areal ter com Nab, Pencroff e Harbert.

Não se via nada do brigue, nem sequer os seus mastros. Depois de ter sido erguido nos ares pela tromba de água, tombara de lado e afundara-se nessa posição, mas como o canal não tinha mais de vinte pés de profundidade, fatalmente o brigue naufragado apareceria com a maré baixa.

Já alguns destroços flutuavam à superfície do mar: muitas vergas sobressalentes, gaiolas com galinhas ainda vivas, caixas e barris, que, a pouco e pouco, vinham à superfície depois de se terem libertado do porão; mas não se via à deriva nenhuma tábuas da ponte ou da amurada — o que tomava inexplicável o súbito afundamento do *Speedy*.

Entretanto, os dois mastros, que tinham sido partidos alguns pés acima da coberta, depois de terem quebrado os estais e os espeques surgiram à superfície, com as suas velas, umas soltas e outras recolhidas. Não podiam deixar que a maré começasse a levar todas essas riquezas, e Ayrton e Pencroff saltaram para a piroga com a intenção de transportar todos aqueles destroços quer para o litoral da ilha, quer para o do ilhéu.

Porém, no momento em que iam embarcar foram detidos por uma reflexão de Gédéon Spilett.

— E os seis homens que desembarcaram na margem direita do rio das Mercês? — perguntou ele.

Com efeito, era preciso não esquecer os seis homens cujo barco se tinha partido e se encontravam na ponta do Destroço.

Olharam nessa direção. Não se avistava nenhum dos fugitivos. Era provável que, depois de verem o brigue ser engolido pelas águas, os seis homens tivessem fugido para o interior da ilha.

— Mais tarde ocupar-nos-emos deles — disse então Cyrus Smith. — Podem ainda ser perigosos, porque estão armados, mas, enfim, as probabilidades são iguais. Vamos portanto ao que é mais urgente.

Ayrton e Pencroff embarcaram na piroga e remaram vigorosamente para os destroços.

O mar estava então muito calmo e a maré alta, pois há dois dias que era lua nova. Devia passar ainda uma boa hora antes que a quilha do brigue emergisse das águas do canal.

Ayrton e Pencroff tiveram tempo de amarrar as vergas e os pequenos destroços e cordas, cujas extremidades foram levadas para o areal de Granite-House. Ali, reunindo os seus esforços, conseguiram puxar esses destroços. Depois, a piroga apanhou tudo

o que flutuava: gaiolas e galinhas, barris e caixas, que foram imediatamente transportadas para as Chaminés.

Viam-se também alguns cadáveres a flutuar. Entre outros, Ayrton reconheceu o de Bob Harvey, e mostrou-o ao seu companheiro, dizendo com voz comovida:

— Eis o que eu fui, Pencroff!

— Mas o que já não é, bom Ayrton — respondeu o marinheiro.

Era bastante estranho que os corpos que flutuavam fossem em tão pequeno número. Viram apenas uns cinco ou seis, que a vazante começava já a afastar para o mar alto. Muito provavelmente, os piratas, surpreendidos pelo afundamento do barco, não haviam tido tempo para fugir, e como o navio ficara deitado de lado, a maior parte deles ficara preso nos cordames. Ora a maré baixa, que em breve iria arrastar os cadáveres para o largo, pouparia aos colonos o triste trabalho de os enterrar em qualquer canto da ilha.

Durante duas horas, Cyrus Smith e os seus companheiros estiveram apenas ocupados em juntar os destroços na areia, a separá-los e a pôr a seco as velas, que estavam perfeitamente intactas. Falavam pouco, pois o trabalho absorvia-os, mas inúmeros pensamentos lhes atravessavam o espírito! A posse daquele brigue, ou, melhor, a posse de tudo o que ele encerrava, era uma sorte. Com efeito, um navio é como um pequeno mundo, e os recursos da colónia iriam aumentar com o bom número de objetos úteis. Era, em ponto grande, o equivalente à caixa encontrada na ponta do Destroço.

«Além disso», divagava Pencroff, «não seria impossível pôr a flutuar de novo aquele brigue! Se tiver apenas um rombo pode arranjar-se, e um barco de trezentas a quatrocentas toneladas é um

verdadeiro navio comparado ao *Bonadventure*! E com ele poderia ir-se longe! Até aonde se quiser! Será preciso que Cyrus, Ayrton e eu examinemos o assunto! Vale bem a pena!»

Com efeito, se o brigue através de reparação, ficasse ainda bom para navegar, as possibilidades de repatriamento dos colonos da ilha Lincoln aumentariam consideravelmente. Mas para decidir essa importante questão convinha esperar que a maré baixasse completamente, para que o casco do navio pudesse ser observado.

Quando todos os destroços foram colocados a salvo no areal, Cyrus Smith e os seus companheiros resolveram descansar alguns instantes enquanto almoçavam. Literalmente, morriam de fome. O que vale é que a cozinha não era longe e Nab podia ser considerado um mestre cozinheiro desembaraçado. Comeram portanto junto das Chaminés, e, durante a refeição, apenas se falou do inesperado acontecimento que miraculosamente salvara a colónia.

— Miraculosamente é a palavra exata — repetia Pencroff —, pois temos de confessar que os patifes desapareceram mesmo no momento exato. Granite-House começava a tornar-se singularmente inabitável!

— E é capaz de imaginar, Pencroff — perguntou o repórter —, como é que aquilo se teria passado, o que é que pode ter ocasionado aquela explosão do brigue?

— Nada mais simples, senhor Spilett — respondeu Pencroff —: um navio pirata não é propriamente um navio de guerra! Os piratas não são marinheiros! É verdade que o paiol do brigue estava aberto, pois disparavam sem cessar sobre nós, e basta ter havido o mais pequeno descuido para o barco ter ido pelos ares!

— Senhor Cyrus — disse Herbert —, o que me espanta é que essa explosão não produziu mais efeito. A detonação não foi forte e os destroços são poucos. Dá a impressão de que o navio se afundou e não que explodiu.

— Isso admira-te, meu filho? — perguntou o engenheiro.

— Sim, senhor Cyrus.

— Também a mim, Harbert, isso me espanta; mas quando visitarmos o que resta do navio teremos sem dúvida a explicação desse facto.

— Não quer com certeza dizer, senhor Cyrus, que o *Speedy* se afundou simplesmente como um navio que batesse num recife?

— Por que não? — disse Nab. — Não há rochas no canal?

— Bem, Nab — replicou Pencroff. — E porque não abriste os olhos no momento preciso. Um instante antes de o barco se afundar, vi-o ser soerguido por uma enorme vaga e cair, deitado sobre bombordo. Ora, se tivesse chocado contra um recife, ter-se-ia afundado lentamente, como um honesto navio naufragado.

— Mas é que não se tratava precisamente de um navio honesto — retrucou Nab.

— Enfim, havemos de ver bem isso, Pencroff — replicou o engenheiro.

— Veremos, sim — retorquiu Pencroff —; mas seria capaz de apostar a minha cabeça em como não há rochas no canal. Estou a pensar que o senhor acha que há qualquer coisa de milagroso nesse acontecimento!

Cyrus Smith não respondeu.

— Em todo o caso — disse Gédéon Spilett —, choque ou explosão, há de concordar, Pencroff, que aconteceu no momento

exato!

— Sim... sim... — respondeu o marinheiro —, mas não se trata disso. Estou a perguntar ao senhor Smith se viu nisto alguma coisa de sobrenatural.

— Não quero pronunciar-me por enquanto, Pencroff — disse o engenheiro. — É tudo quanto posso dizer-lhe.

Esta resposta não satisfez Pencroff. Ele considerava que se tratava de uma explosão e não era capaz de mudar de ideias. Nunca consentiria em admitir que no canal, formado por um leito de areia fina, como o próprio areal, que ele tantas vezes atravessara durante a maré baixa, houvesse um recife ignorado. De resto, no momento em que o brigue se afundara a maré estava alta e portanto havia mais água do que a necessária para o atravessar. Portanto, não podia ter havido choque e o navio não se afundara por rombo. O navio explodira.

E é preciso reconhecer que o raciocínio do marinheiro não era destituído de fundamento.

Por volta da uma e meia, os colonos embarcaram na piroga e dirigiram-se ao local do naufrágio. Era lamentável que as duas lanchas do brigue não pudessem ter sido salvas; mas uma delas, como se sabe, despedaçara-se na embocadura do rio das Mercês e ficara completamente inutilizável; a outra desaparecera com o afundamento do brigue, e, sem dúvida esmagada por ele, não tinha reaparecido.

Nesse momento o casco do *Speedy* começava a surgir acima das águas. O brigue estava mais do que deitado de lado, pois, tendo quebrado os mastros sob o peso deslocado pela queda, permanecia quase voltado com a quilha para cima. Fora verdadeiramente voltado

pela inexplicável mas terrível ação submarina, que se manifestara ao mesmo tempo pela deslocação de uma enorme tromba de água.

Os colonos deram a volta ao casco e à medida que o mar baixava puderam reconhecer senão a causa da catástrofe, pelo menos o efeito produzido.

Na parte da frente, dos dois lados do casco, sete ou oito pés antes da roda da proa, o costado do brigue estava terrivelmente dilacerado pelo menos num comprimento de vinte pés. Viam-se ali dois enormes rombos, impossíveis de consertar. Não só o forro de cobre e a amurada tinham desaparecido, sem dúvida reduzidos a pó, como o próprio cavername, as cavilhas de ferro e as de madeira tinham desaparecido sem deixar vestígios. Ao longo do casco, os verdugos, despedaçados, já não tinham qualquer préstimo. A falsa quilha havia sido rasgada com uma violência inexplicável e a própria quilha, arrancada da carlinga em vários pontos, encontrava-se rasgada em todo o seu comprimento.

— Com mil diabos! — exclamou Pencroff. — Aqui está um navio que será difícil pôr de novo a flutuar!

— Será até impossível! — acrescentou Ayrton.

— Em todo o caso — disse Gédéon Spilett ao marinheiro —, a explosão, se houve explosão, produziu estranhos efeitos! Rasgou a parte inferior do casco em vez de fazer saltar as pontes e outras estruturas. Mais parecem rombos causados pelo choque com um recife do que pela explosão de um paiol!

— Mas no canal não há recifes — teimou o marinheiro. — Admito tudo o que quiserem menos o choque numa rocha!

— Tentemos entrar no interior do brigue — disse o engenheiro.
— Talvez saibamos então a que atribuir a causa da destruição.

Era o melhor partido a tomar, e convinha de resto inventariar tudo o que havia a bordo, e prepararem-se para o salvar.

O acesso ao interior do brigue era então fácil. A água continuava a baixar, e a parte inferior da ponte, transformada agora em parte superior pela viragem da quilha, era praticável. O lastro, composto por pesado ferro-gusa fundido, tinha-se quebrado em vários sítios. Ouvia-se o mar bater e escoar-se pelos vários rombos do casco.

Cyrus Smith e os seus companheiros, de machado na mão, caminhavam pelo convés semidestruído. Estava cheio de caixas e caixotes de todos os géneros, e como tinham estado na água durante um tempo muito limitado, talvez o seu conteúdo não estivesse danificado.

Trataram então de pôr todo aquele carregamento em lugar seguro. A água não voltaria antes de algumas horas e esse tempo foi utilizado da maneira mais proveitosa. Ayrton e Pencroff tinham montado na abertura do casco uma espécie de guindaste, que servia para içar os barris e as caixas. A piroga recebia-os e transportava-os imediatamente para a praia. Levavam tudo, indistintamente, para mais tarde fazerem uma escolha desses objetos.

Em todo o caso, os colonos verificaram com grande satisfação que o navio tinha uma carga muito variada, um sortido de artigos de todos os géneros, utensílios, produtos manufaturados, ferramentas, como transportam os barcos que fazem a grande cabotagem nos mares da Polinésia. Era provável que encontrassem ali um pouco de tudo, e é preciso concordar que era disso mesmo que os colonos da ilha Lincoln precisavam.

Todavia — e Cyrus Smith observava tudo com um espanto silencioso —, não só o casco do navio ficara extremamente

danificado, como já dissemos, como também o interior do navio, sobretudo a proa, ficara destruído. Tabiques e pontaletes estavam rebentados, como se uma formidável bomba tivesse explodido no interior do navio. Os colonos puderam ir facilmente de um lado para o outro do barco depois de terem tirado as caixas. Não eram coisas pesadas, cuja deslocação teria sido difícil, mas sim volumes pequenos, de fácil transporte.

Os colonos chegaram então à parte da ré do brigue, no sítio em que Ayrton lhes disse que ficava o paiol. Pensando que o paiol não tinha explodido, Cyrus Smith achava que poderiam encontrar-se ainda em bom estado alguns barris de pólvora.

Era, com efeito, o que tinha sucedido. Encontraram, no meio de uma grande quantidade de projecteis, uns vinte barris, cujo interior estava forrado de cobre, e que foram transportados com todo o cuidado. Pencroff convenceu-se com os próprios olhos de que a destruição do *Speedy* não podia ser atribuída a uma explosão. A parte do casco onde se encontrava situado o paiol, era a que havia sido menos atingida.

— É possível! — respondia o obstinado marinheiro —, mas quanto a rochas asseguro-lhes que as não há neste canal!

— Então que se passou? — perguntou Harbert.

— Não sei. O senhor Cyrus também não sabe e ninguém sabe nem saberá jamais seja o que for!

Durante estas pesquisas tinham decorrido várias horas e a enchente começava a fazer-se sentir. Era necessário suspender os trabalhos de recolha de salvados. De resto, não era de recear que a carcaça do brigue fosse arrastada para o mar, pois as suas âncoras estavam profundamente enterradas no fundo arenoso e poderiam

esperar pela próxima vazante para terminar as operações. Quanto ao navio em si mesmo, estava condenado e era preciso apressarem-se a salvar os restos do casco, pois não tardaria a desaparecer nas areias movediças do canal.

Eram cinco horas da tarde. O dia fora exaustivo para os colonos. Comeram com grande apetite, e, apesar da fadiga, não resistiram, depois do jantar, ao desejo de ver as caixas que compunham a carga do *Speedy*.

A maioria delas continha roupa feita, que, como é de calcular, foi bem recebida. Havia ali com que vestir toda a colónia: roupa interior para todos os usos, sapatos para todos os pés.

— Estamos ricos! — disse Pencroff. — Mas que vamos fazer de tudo isto?

E a cada instante se ouviam os hurras do alegre marinheiro, reconhecendo barris de aguardente de cana, frascos com tabaco, armas de fogo e armas brancas, fardos de algodão, instrumentos para o cultivo dos campos, ferramentas de carpinteiro, de marceneiro, de ferreiro, caixas com cereais de todos os géneros, que a breve permanência na água não alterara. Ah! Dois anos antes como aquelas coisas chegariam a propósito! Mas enfim!, mesmo na altura em que os industriais colonos tinham fabricado tanta coisa, aqueles achados teriam certamente bom emprego.

Não faltava lugar nos armazéns de Granite-House, mas nesse dia o tempo faltou-lhes, pois não puderam armazenar tudo. Também não podiam esquecer que se encontravam na ilha seis sobreviventes do navio e que esses homens, provavelmente bandidos de primeira categoria, seriam capazes de tudo. Se bem que as pontes e os pontões estivessem levantados, esses piratas não eram homens para

se sentirem embaraçados por causa de um rio ou de um ribeiro, e, levados pelo desespero, podiam ser temíveis.

Mais tarde, resolveriam que decisão tomariam a respeito deles; mas, entretanto, era preciso vigiar as caixas e embrulhos amontoados perto das Chaminés, e foi o que os colonos fizeram, montando turnos de vigilância durante a noite. No entanto, esta passou-se sem que os piratas tentassem qualquer agressão. Mestre *Jup* e *Top*, de guarda junto de Granite-House, teriam dado logo o alarme.

Os três dias que se seguiram, 19, 20 e 21 de outubro, foram utilizados em salvar tudo o que tivesse algum valor ou utilidade, quer na carga, quer na aparelhagem do navio. Com a maré baixa revistavam o porão, com a maré alta armazenavam os objetos salvos. Uma grande parte do forro de cobre pôde ser arrancado ao casco, que cada vez se atolava mais no fundo. Mas antes que as areias pudessem engolir os objetos pesados, que tinham ido para o fundo, Ayrton e Pencroff, que mergulharam várias vezes até ao fundo do canal, encontraram as correntes e as âncoras do brigue, as gusas que serviam de lastro e até mesmo os quatro canhões, que, transportados com a ajuda de barris vazios, puderam ser levados para terra. O arsenal da colónia não tinha ficado menos favorecido com os despojos do naufrágio do que os armazéns de Granite-House. Pencroff, sempre entusiasmado com os seus projetos, falava já em construir uma bateria que dominasse o canal e a embocadura do rio. Com quatro canhões, ele comprometia-se a impedir qualquer frota, «por mais poderosa que fosse», de se aventurar nas águas da ilha Lincoln!

Quando do brigue apenas restava uma carcaça sem utilidade, surgiu o mau tempo, que acabou por destruí-la. Cyrus Smith tivera a intenção de a fazer explodir para poder recolher os destroços que fossem dar à costa, mas um forte vento do nordeste e um mar violento permitiram-lhe economizar a sua pólvora.

Com efeito, na noite de 23 para 24, o casco do brigue ficou inteiramente desmantelado, e uma parte dos destroços foi dar à costa.

Quanto aos papéis de bordo, é inútil dizer que apesar de ter revistado minuciosamente os armários da ponte de comando Cyrus Smith não encontrou rasto deles. Os piratas tinham evidentemente destruído tudo o que dizia respeito quer ao comandante quer ao armador do *Speedy*, e como o nome do seu porto de matrícula não estava inscrito no quadro do navio, nada podia revelar a sua nacionalidade. No entanto, por certas formas de construção, Ayrton e Pencroff estavam convencidos de que o brigue devia ser inglês.

Oito dias após a catástrofe, ou, melhor, depois do inexplicável mas feliz desenlace a que a colónia devia a sua salvação, já não se via nada do navio, mesmo com a maré baixa. Os seus destroços tinham sido dispersos e Granite-House ficara com quase tudo o que ele contivera.

No entanto, o mistério do seu estranho aniquilamento nunca seria esclarecido se, a 30 de novembro, Nab, passeando no areal, não tivesse encontrado um forte cilindro de ferro, que continha vestígios de explosão. Esse cilindro estava torcido e estilhaçado nas extremidades, como se tivesse sido submetido à ação de uma substância explosiva.

Nab levou o cilindro ao patrão, que se encontrava com os seus companheiros na oficina das Chaminés.

Cyrus Smith examinou atentamente o objeto, e depois, voltando-se para Pencroff, disse:

— Continua a dizer, meu amigo, que o *Speedy* não naufragou devido a um choque?

— Sim, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — Sabe tão bem como eu que no canal não há rochas.

— E se ele tivesse chocado com este cilindro partido? — perguntou o engenheiro.

— O quê? Chocar com esse bocado de tubo? — exclamou Pencroff, incrédulo.

— Meus amigos — replicou Cyrus Smith. — Lembrem-se que, antes de naufragar, o brigue se ergueu numa verdadeira tromba de água?

— Sim, senhor Cyrus — respondeu Harbert.

— Pois bem — respondeu o engenheiro —; querem saber o que provocou essa tromba? Foi isto —disse Cyrus Smith, mostrando o tubo partido.

— Isto? — estranhou Pencroff.

— Sim. Este cilindro é tudo o que resta de um torpedo.

— Um torpedo! — exclamaram os companheiros do engenheiro.

— E quem lá pôs esse torpedo? — perguntou Pencroff, que não queria render-se.

— Tudo o que lhes posso dizer é que não fui eu — replicou o engenheiro. — Mas ele estava lá, e vocês puderam ver a sua terrível eficácia!

Capítulo 5

Desse modo, tudo se explicava pela explosão submarina daquele torpedo. Cyrus Smith, que durante a guerra da União tivera ocasião de observar os efeitos desses terríveis engenhos de destruição, não podia enganar-se. Sob a ação daquele cilindro, carregado com uma substância explosiva, nitroglicerina, picrato ou qualquer outra substância da mesma natureza, a água do canal erguera-se como uma tromba, e o brigue, fulminado e com o fundo rasgado, afundara-se imediatamente, sendo por isso impossível pô-lo de novo a flutuar, tão consideráveis tinham sido os estragos feitos no seu casco. Um torpedo que seria suficiente para destruir um couraçado tão facilmente como se se tratasse de um barco de pesca não podia ter deixado de aniquilar totalmente um pequeno navio como o *Speedy*.

Sim! Tudo se explicava, tudo... exceto a presença desse torpedo nas águas do canal!

— Meus amigos — disse então Cyrus Smith —, não podemos duvidar da presença de um ser misterioso, de um naufrago como nós talvez, abandonado na nossa ilha, e digo-o para pôr Ayrton ao corrente do que aqui se tem passado de há dois anos para cá. Quem será o invisível protetor cuja intervenção, tão afortunada para nós, se manifestou em tantas ocasiões? Não posso imaginar. Que interesse terá em agir assim, a esconder-se após tantos serviços prestados? Não consigo compreender. Mas nem por isso os seus serviços são menos reais, e são daqueles que só um homem dispondo de um poder prodigioso poderia prestar-nos. Ayrton é-lhe

tão devedor como nós, pois se foi esse desconhecido quem me salvou depois da queda do balão, também foi ele quem escreveu o documento explicando a sua situação, que pôs a garrafa no canal e que nos fez encontrá-la. Penso também que a caixa encontrada por nós e fornecida com tudo o que nos fazia falta foi colocada por ele na ponta do Destroço; que a fogueira acesa no alto da ilha e que lhes permitiu orientar-se foi ele quem a acendeu; que o grão de chumbo encontrado no corpo do pecari foi disparado por ele; que o torpedo que destruiu o brigue foi lançado por ele; numa palavra, creio que todos os factos inexplicáveis, de que ao princípio não nos apercebemos, são devidos a esse ser misterioso. Portanto, quem quer que seja, náufrago ou exilado nesta ilha, seremos ingratos se não nos sentirmos cheios de reconhecimento para com ele. Contraímos uma dívida e creio que um dia a pagaremos.

— Tem razão em falar assim, meu caro Cyrus — disse Gédéon Spilett. — Sim, existe um ser, quase todo-poderoso, oculto em qualquer parte da ilha, e cuja influência tem sido singularmente útil para a nossa colónia. Acrescentarei que esse desconhecido dispõe de meios de ação que parecem quase sobrenaturais, se é que nos factos da vida diária o sobrenatural seja aceitável.

«Será que ele nos observa secretamente através do poço de Granite-House e tem assim conhecimento de todos os nossos projetos? Teria sido ele quem nos entregou a garrafa aquando do nosso primeiro passeio no mar? Teria ainda sido ele quem salvou *Top* das garras do dudongo e matou esse animal? Seria ele, finalmente, como tudo leva a crer, quem o salvou a si das ondas, Cyrus, e isso em circunstâncias que impediriam qualquer homem de

agir? Se foi ele, então possui um poder que o torna senhor dos elementos.

As observações do repórter eram justas e todos o percebiam.

— Assim, é, de facto — respondeu Cyrus Smith. — Se a intervenção de um ser humano não sofre dúvidas, concordo que ele tem à sua disposição meios de que a humanidade não dispõe. É também um mistério, mas se descobirmos o homem, o mistério será descoberto também. A questão é portanto esta: devemos respeitar o incógnito desse ser generoso, ou procurar descobri-lo? Qual é a vossa opinião a esse respeito?

— A minha opinião — respondeu Pencroff —, é que, seja ele quem for, é um bom homem e merece a minha estima!

— Seja — replicou Cyrus Smith —; mas isso não responde à minha pergunta, Pencroff.

— Quanto a mim, patrão — disse então Nab —, penso que podemos procurar à vontade esse senhor, mas que só o encontraremos quando ele quiser.

— O que tu dizes não é nenhuma estupidez, Nab — disse Pencroff.

— Eu sou da opinião de Nab — disse Gédéon Spilett —, mas não vejo nisso razão para não tentarmos descobri-lo. Quer encontremos ou não esse ser misterioso, teremos cumprido o nosso dever para com ele.

— E tu, meu filho, dá-nos também a tua opinião — disse o engenheiro, voltando-se para Harbert.

— Eu gostaria de lhe agradecer — respondeu Harbert com vivacidade —, primeiro por o ter salvo a si e depois por nos ter salvo a todos!

— Claro que gostarias, meu rapaz — disse Pencroff—; e todos nós gostaríamos também de o fazer! Não sou curioso, mas daria um dos meus olhos para o ver frente a frente! Imagino-o belo, alto, forte, com uma bela barba, cabelos como raios, e que deve estar sentado sobre as nuvens com uma esfera na mão!

— Então, Pencroff! — exclamou Gédéon Spilett. — Está a fazer-nos a descrição de Deus-Pai!

— É possível, senhor Spilett — retorquiu o marinheiro —, mas é assim que eu o imagino!

— E você, Ayrton? — perguntou Cyrus Smith.

— Senhor Smith — respondeu o interpelado —, também não posso dar-lhes a minha opinião a este respeito. O que fizerem está bem feito. Quando quiserem associar-me às vossas pesquisas estarei pronto para os seguir.

— Agradeço-lhe, Ayrton — respondeu Cyrus Smith —, mas gostava de uma resposta mais direta à pergunta que lhe fiz. É nosso companheiro, já deu provas de grande dedicação para connosco, e, como todos aqui, deve ser consultado quando se trata de tomar qualquer decisão importante. Peço-lhe por isso que fale.

— Senhor Smith — retorquiu então Ayrton — penso que devemos fazer tudo para descobrir esse benfeitor desconhecido. Talvez ele esteja sozinho. Talvez sofra e tenha uma existência que precise de ser reconstruída. Também eu, como já disseram, tenho uma dívida de reconhecimento para com ele. Foi ele, só pode ter sido ele, quem foi à ilha Tabor, viu lá o miserável que encontraram, e lhes deu a saber que havia ali um infeliz para ser salvo!... Foi portanto graças a ele que voltei a ser um homem. Não, nunca o esquecerei!

— Está decidido — disse então Cyrus Smith —: começaremos as nossas pesquisas o mais depressa possível. Não deixaremos por explorar nenhuma parte da ilha. Revistá-la-emos nos seus mais ínfimos recantos e que esse desconhecido nos perdoe tendo em conta a nossa gratidão.

Durante alguns dias os colonos trabalharam ativamente na ceifa e na colheita. Antes de porem em execução o projeto de explorar as zonas ainda desconhecidas da ilha, queriam que todos os trabalhos indispensáveis ficassem terminados. Era também a altura de colherem os diversos legumes provenientes das plantas da ilha Tabor. Tinham portanto de armazenar tudo, e felizmente o espaço não faltava em Granite-House, onde se poderiam guardar todas as riquezas da ilha. Os produtos da colónia eram ali metodicamente guardados, num lugar seguro, tanto ao abrigo dos homens como dos animais. Nenhuma humidade era de recear no meio daquele espesso maciço de granito. Muitas das escavações naturais situadas no corredor superior foram aumentadas ou esvaziadas, quer com picaretas, quer com dinamite, e Granite-House tornou-se assim um verdadeiro armazém de víveres, munições, armas, utensílios e ferramentas; numa palavra, de todo o material da colónia.

Quanto aos canhões provenientes do brigue, eram belas peças de aço fundido, que, a instâncias de Pencroff, foram içadas por meio de guindastes até ao patamar de Granite-House; foram arranjadas entre as janelas uma espécie de seteiras e em breve os reluzentes canos dos canhões brilhavam através das aberturas feitas na parede granítica. Daquela altura as bocas de fogo dominavam verdadeiramente toda a baía da União. Era como uma pequena

Gibraltar, e qualquer navio que aparecesse ao largo do ilhéu ficaria inevitavelmente exposto ao fogo dessa bateria.

— Senhor Cyrus — disse um dia Pencroff (era o dia 8 de novembro) —; agora que está tudo em ordem, precisamos de experimentar o alcance das nossas peças.

— Acha que isso é útil? — perguntou o engenheiro.

— É mais do que útil, é necessário! Sem isso como poderemos conhecer a distância a que poderemos enviar uma dessas lindas balas que guardámos?

— Então, experimentemos, Pencroff — respondeu o engenheiro. — No entanto, creio que devemos fazer a experiência utilizando não pólvora vulgar, cujas provisões quero deixar intactas, mas o piróxilo, que não nos faltará nunca.

— Poderão os canhões suportar a deflagração do piróxilo? — perguntou o repórter, que não estava menos desejoso do que Pencroff de experimentar a artilharia de Granite-House.

— Assim o creio. De resto — acrescentou o engenheiro —, agiremos com prudência.

O engenheiro pensava que os canhões eram de excelente fabrico e ele percebia disso. Construídos com aço forjado e carregando-se pela culatra, deviam suportar uma carga considerável e ter um alcance enorme. Com efeito, do ponto de vista do efeito útil, a trajetória descrita pela bala deve ser o mais tensa possível e essa tensão só se pode conseguir se o projétil tiver grande velocidade inicial.

— Ora — disse Cyrus Smith aos seus companheiros —, a velocidade inicial está em razão com a pólvora utilizada. Toda a questão se reduz, no fabrico das peças, ao emprego de um metal

tão resistente quanto possível, e o aço é de todos os metais aquele que melhor resiste. Creio portanto que os nossos canhões suportarão sem risco a expansão do gás de piróxilo e darão resultados excelentes.

— Teremos a certeza disso após a experiência! — respondeu Pencroff.

Desnecessário será dizer que os quatro canhões se encontravam em perfeito estado de conservação. Depois de terem sido retirados da água, o marinheiro dera-se ao trabalho de os limpar cuidadosamente. Quantas horas passara ele a esfregá-los, a untá-los, a poli-los, a limpar-lhes o mecanismo do obturador, o ferrolho, o parafuso de pressão! E agora essas peças estavam tão brilhantes como se estivessem a bordo de uma fragata da Marinha dos Estados Unidos.

Nesse dia, em presença de todo o pessoal da colônia, incluindo mestre *Jup* e *Top*, os quatro canhões foram sucessivamente experimentados. Carregaram-nos com piróxilo, tendo em conta a sua potência explosiva, que, segundo dizem, quadruplica a da pólvora vulgar; o projétil que deviam lançar era cilindro-cônico.

Pencroff, segurando a corda do rastilho, estava preparado para fazer fogo.

A um sinal dado por Cyrus Smith, o tiro partiu. A bala, dirigida sobre o mar, passou por cima do ilhéu e foi perder-se ao largo, a uma distância que não pôde ser determinada com exatidão.

O segundo canhão foi apontado para as rochas da ponta do Destroço, e o projétil, batendo numa pedra aguçada a mais de três milhas de Granite-House, fê-la voar em estilhaços.

Harbert é que apontara e disparara o canhão, e ficou todo orgulhoso com o seu tiro de ensaio. Só Pencroff ficou mais orgulhoso do que ele. Semelhante tiro disparado pelo seu querido filho!

O terceiro projétil, lançado, dessa vez, sobre as dunas que formavam a parte superior da baía da União, atingiu a areia a uma distância de pelo menos quatro milhas; depois, após ter feito ricochete, perdeu-se no mar numa nuvem de espuma.

Para a quarta peça, Cyrus Smith forçou um pouco a carga de explosivo, a fim de ver o seu alcance máximo. Em seguida, tendo-se cada um afastado para o caso de o canhão rebentar, a estopa foi acesa por meio de uma corda comprida.

Fez-se ouvir uma violenta detonação, mas a peça resistiu, e os colonos, correndo para a janela, puderam ver o projétil passar pelas rochas do cabo Mandíbula, a cerca de cinco milhas de Granite-House, e desaparecer no golfo do Tubarão.

— Pois bem, senhor Cyrus — exclamou Pencroff, cujos hurras podiam rivalizar com as detonações produzidas —, o que é que dizeis da nossa bateria? Podem vir todos os piratas do Pacífico que nenhum deles desembarcará sem nossa licença!

— Se quer que lhe diga, Pencroff — respondeu o engenheiro —, mais vale não experimentarmos.

— A propósito — replicou o marinheiro —: e os seis piratas que vagueiam pela ilha, que faremos deles? Deixá-los-emos impunes pelos nossos campos, as nossas florestas, as nossas planícies? São verdadeiros jaguares, esses piratas, e parece-me que não devemos hesitar em tratá-los como tal? Que pensa disso, Ayrton? — acrescentou Pencroff, dirigindo-se ao companheiro.

Ayrton hesitou em responder, e Cyrus Smith lamentou que Pencroff lhe tivesse feito aquela pergunta um tanto estouvadamente. Desse modo ficou muito comovido quando Ayrton respondeu com voz humilde:

— Eu fui um desses jaguares, senhor Pencroff, e não tenho o direito de falar...

E afastou-se com passos lentos.

Pencroff compreendeu.

— Sou mesmo um animal! — exclamou. — Pobre Ayrton! Ele tem tanto direito de falar como qualquer outro aqui!...

— Sim — disse Gédéon Spilett —, mas a sua atitude reservada honra-o. Convém respeitar o remorso que ele tem a respeito do seu triste passado.

— Compreendo, senhor Spilett — respondeu o marinheiro —; nunca mais farei tal coisa. Preferia engolir a minha própria língua do que causar qualquer mal a Ayrton. Mas voltemos à questão. Parece-me que esses bandidos não têm direito a qualquer piedade e devemos desembaraçar a ilha da presença deles o mais depressa possível.

— É essa a sua opinião, Pencroff? — respondeu o engenheiro.

— É a minha opinião.

— E antes de os perseguirmos sem piedade não será melhor esperarmos que eles se mostrem hostis contra nós?

— Então o que eles fizeram não conta? — perguntou Pencroff, que não aceitava tantos escrúpulos.

— Eles podem voltar a ter outros sentimentos — disse Cyrus Smith. — Podem arrepender-se...

— Arrependem-se, eles! — exclamou o marinheiro, encolhendo os ombros.

— Pense em Ayrton, Pencroff! — disse então Harbert, agarrando na mão do marinheiro. — Ele tornou-se um homem honesto!

Pencroff olhou para os seus companheiros uns após outros. Nunca acreditaria que a sua proposta sugerisse qualquer hesitação. A sua natureza rude não podia admitir que se transigisse com os piratas que tinham desembarcado na ilha, com os cúmplices de Bob Harvey, com os assassinos da tripulação do *Speedy*, e considerava-os animais ferozes que era preciso destruir de imediato.

— Afinal tenho todos contra mim! Querem ser generosos com aqueles patifes! Oxalá não venhamos a arrepender-nos!

— Que perigo corremos nós — disse Harbert — se tivermos cuidado?

— Hum! — disse o repórter, que não falara muito. — São seis e bem armados. Se cada um deles se emboscar num canto e disparar sobre nós, em breve serão senhores da colónia!

— Por que não o fizeram ainda? — perguntou Harbert. — Sem dúvida porque não têm interesse em fazê-lo. De resto, nós também somos seis.

— Bem! Bem! — respondeu Pencroff, que nenhum raciocínio pudera convencer. — Deixemos essa boa gente entregue às suas ocupações e não pensemos mais neles!

— Vamos, Pencroff — disse Nab —, não te faças tão mau como isso! Se um desses infelizes estivesse aqui, ao alcance da tua arma, dispararias para cima dele?

— Dispararia sobre ele como a um cão raivoso — respondeu friamente o marinheiro.

— Pencroff — disse então o engenheiro. — Tem demonstrado muita deferência para com os meus conselhos. Quer, nestas circunstâncias, confiar ainda em mim?

— Farei como lhe agrada, senhor Smith — retorquiu o marinheiro, que não se mostrava nada convencido.

— Pois bem, esperemos, e só atacaremos se formos atacados primeiro.

Desse modo foi decidido a conduta a seguir em relação aos piratas, apesar de Pencroff não augurar nada de bom. Ele não os atacaria, mas tinham de se manter em guarda. Afinal, a ilha era grande e fértil. Se algum sentimento lhes restava no fundo da alma talvez eles pudessem ter emenda. Nas condições em que tinham de viver o seu interesse não seria emendarem-se e refazer uma vida nova? Em todo o caso, os colonos não teriam já a facilidade de andar à vontade na ilha. Até então só tinham de se preocupar com as feras e agora encontravam-se ali seis homens da pior espécie, que os podiam atacar a todo o instante. Era grave, sem dúvida, e para gente menos corajosa seria a segurança perdida.

Não importa! Presentemente, os colonos levavam a melhor a Pencroff. De futuro teriam razão também? Não se sabia.

Capítulo 6

Entretanto, a grande preocupação dos colonos era fazer a exploração completa da ilha, que tinha sido decidida, exploração essa que teria agora dois objetivos: descobrir primeiro o ser misterioso cuja existência era indiscutível, e, ao mesmo tempo, ver o que tinha sucedido aos piratas, em que retiro se tinham refugiado, que vida levavam e o que se podia reconstituir da sua parte.

Cyrus Smith tinha pressa em partir; mas a expedição devia durar vários dias e parecera conveniente carregar o carro com vários objetos de acampamento e com utensílios que facilitariam a organização das paragens. Ora, nesse momento, um dos *onaggas*, ferido na perna, não podia ser atrelado. Precisava de alguns dias de repouso e os colonos acharam que não haveria inconveniente em demorarem mais uns dias a partida da expedição. Assim, ficou resolvido que partiriam no dia 20 de novembro. O mês de novembro dessas latitudes corresponde ao mês de maio nas zonas boreais. Era portanto a estação boa. O sol chegava ao trópico do Capricórnio, e proporcionava os dias mais compridos do ano. A época era portanto propícia para a expedição, que, mesmo não atingindo o seu objetivo principal, poderia ser fecunda em descobertas, sobretudo do ponto de vista de produtos naturais, visto que Cyrus Smith pensava em explorar as densas florestas do Far West, que se estendiam até às proximidades da península Serpentina.

Durante os nove dias que precediam a partida, foi decidido que tratariam dos últimos trabalhos no planalto da Grande Vista.

No entanto, era necessário que Ayrton voltasse ao curral, onde os animais domesticados reclamavam os seus cuidados. Foi decidido que ele passaria ali dois dias e que só regressaria a Granite-House depois de ter abastecido largamente os estábulos.

No momento em que ia partir, Cyrus Smith perguntou-lhe se queria que um deles o acompanhasse, observando-lhe que era menos seguro agora estar ali só do que antigamente.

Ayrton respondeu-lhe que era inútil, que ele poderia fazer o trabalho sozinho e que não receava nada. Se sucedesse alguma coisa no curral ou nos arredores ele preveniria imediatamente Granite-House através do telégrafo.

Ayrton partiu portanto na madrugada do dia 9, levando o carro puxado por um único *onagga* e duas horas depois o telégrafo anunciava que ele tinha encontrado tudo em ordem no curral.

Durante esses dois dias, Cyrus Smith trabalhou num projeto que deveria pôr Granite-House ao abrigo de qualquer surpresa. Tratava-se de ocultar completamente a entrada superior do antigo escoadouro, que já se encontrava semioculto no meio das ervas altas e plantas, no canto sul do lago Grant. Nada seria mais fácil, pois bastaria aumentar de dois a três pés o nível das águas do lago, sob as quais a abertura ficaria então completamente oculta.

Ora, para elevar esse nível, devia fazer-se uma barragem nas duas saídas de água do lago, que alimentavam o *creek* Glicerina e o *creek* da Grande Queda. Os colonos foram obrigados a fazer esse trabalho, e as duas barragens, que, de resto, não excediam sete a oito pés de largura por três de altura, foram rapidamente erguidas por meio de muros de rochas bem cimentadas.

Acabado esse trabalho, seria impossível adivinhar que na extremidade do lago havia uma conduta subterrânea pela qual saía outrora o excedente das águas.

Escusado será dizer que o pequeno desvio que servia para alimentar o reservatório de Granite-House e para manobrar o elevador fora cuidadosamente arranjado de modo a que a água não faltasse em caso algum. Quando o elevador se encontrava em cima, aquele abrigo seguro e confortável tornava-se inexpugnável.

A obra foi realizada rapidamente, e Pencroff, Gédéon Spilett e Harbert tiveram tempo de ir até porto Balão. O marinheiro estava desejoso por saber se a pequena enseada onde se encontrava atracado o *Bonadventure* tinha sido visitada pelos piratas.

— Precisamente — observou ele —, esses cavalheiros desembarcaram na costa meridional, e, se seguiram o litoral, é de temer que tenham descoberto o pequeno porto. Nesse caso, não daria um dólar furado pelo nosso *Bonadventure*.

As apreensões de Pencroff podiam ter fundamento, e uma visita a porto Balão pareceu bastante oportuna.

O marinheiro e os seus companheiros partiram portanto na tarde de 10 de novembro. Iam todos bem armados. Pencroff, metendo ostensivamente uma bala em cada cano da sua espingarda, sacudia a cabeça, o que não pressagiava nada de bom para quem se aproximasse de muito perto, «animal ou homem», dizia ele. Gédéon Spilett e Harbert levaram também as suas espingardas e, por volta das três horas, saíram de Granite-House.

Nab acompanhou-os até ao cotovelo formado pelo rio das Mercês, e, depois de eles terem passado, voltou a erguer a ponte. Ficou combinado que um tiro de espingarda seria o aviso da

chegada deles, e que Nab, ao ouvir esse sinal, iria descer a ponte para lhes dar passagem.

O pequeno grupo dirigiu-se diretamente pela estrada do porto até à costa meridional da ilha. Era apenas uma distância de três milhas e meia, mas o repórter e os companheiros levaram duas horas a percorrê-las, pois revistaram ambos os lados da estrada, tanto a orla da floresta, como do lado que dava acesso ao charco dos Patos-Reais. Não encontraram qualquer rasto dos fugitivos, que, sem dúvida, não conhecendo ainda o número dos colonos e os seus meios de defesa, se haviam refugiado nos locais mais recônditos da ilha.

Uma vez chegados a porto Balão, Pencroff teve a imensa satisfação de ver o *Bonadventure* tranquilamente ancorado na estreita enseada. Por outro lado, porto Balão estava tão bem escondido no meio daquelas altas rochas que não se podia descobrir nem do mar nem da terra, a não ser que se encontrassem no próprio local.

— Vamos — disse Pencroff —, esses piratas ainda não chegaram aqui. As ervas altas convêm mais aos répteis e será certamente nas florestas do Far West que os encontraremos.

— E é muita sorte, pois se eles tivessem encontrado o *Bonadventure* — acrescentou Harbert — teriam aproveitado o barco para fugir e isso impedir-nos-ia de voltar à ilha Tabor.

— Com efeito — respondeu o repórter —, será importante fazer lá chegar um documento que indique onde se encontra Ayrton, para o caso de o barco escocês ir lá procurá-lo.

— Pois bem! O *Bonadventure* e a sua tripulação estão preparados para partir ao primeiro sinal!

— Creio, Pencroff, que será uma coisa a fazer logo que a nossa expedição esteja terminada. É possível que esse desconhecido, se o encontrarmos, saiba muito mais do que nós a respeito da ilha Lincoln e da ilha Tabor. Não esqueçamos que foi ele o autor do documento e que deve saber qualquer coisa acerca do regresso do barco escocês.

— Com mil diabos! — exclamou Pencroff. — Quem poderá ser? Conhece-nos e nós não o conhecemos! Se se trata de um simples naufrago, por que se esconde? Somos boas pessoas e a convivência com boa gente não é desagradável a ninguém. Terá vindo voluntariamente para aqui? Poderá deixar a ilha se isso lhe agradar? Ainda cá estará? Já não se encontrará aqui?...

Conversando assim, Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett tinham embarcado e percorriam a ponte do *Bonadventure*. De repente, ao examinar a abita sobre a qual estava enrolado o cabo da âncora, exclamou:

— Que é isto? Esta é forte!

— Que há, Pencroff? — perguntou o repórter.

— Há que não fui eu que fiz este nó!

E Pencroff mostrava a corda que amarrava o cabo à abita, para a impedir de resvalar.

— Como é que não foi você? — perguntou Gédéon Spilett.

— Não. Iria jurar que não fui eu. Isto é um nó corredio e eu costumo fazer um nó duplo¹⁹.

— Talvez se tenha enganado, Pencroff.

— Não me enganei — afirmou o marinheiro. — Temos o hábito nas mãos e as mãos não se enganam!

— Nesse caso, os piratas vieram a bordo? — perguntou Harbert.

— Não sei nada — respondeu Pencroff —; mas o que é certo é que levantaram a âncora do *Bonadventure*, e que a lançaram de novo para o mar. Repito-lhes que mexeram aqui e que a guarnição²⁰ não se encontra no escovém. Repito-lhes que se serviram da nossa embarcação!

— Mas se os piratas se servissem dela, tê-la-iam pilhado ou fugido nela...

— Fugir para onde? Para a ilha Tabor?... — replicou Pencroff. — Julga que eles se aventurariam num barco de tão fraca tonelagem?

— Seria preciso de resto admitir que eles tinham conhecimento do ilhéu — respondeu o repórter.

— Seja como for — disse o marinheiro —, tão verdade como eu me chamar Bonadventure Pencroff, do Vineyard, o nosso *Bonadventure* navegou sem nós!

O marinheiro era de tal modo afirmativo que nem Gédéon Spilett nem Harbert puderam responder às suas palavras. Era evidente que a embarcação tinha sido deslocada desde que Pencroff a levara para porto Balão. Para o marinheiro, não restavam dúvidas que a âncora fora levantada, e lançada de novo para o fundo. Ora, porque se tinham feito essas duas manobras se o barco não tinha sido utilizado em qualquer expedição?

— Mas como não teríamos nós visto o *Bonadventure* passar ao largo da ilha? — observou o repórter, que formulava todas as objeções possíveis.

— Ora, senhor Spilett — respondeu o marinheiro —, basta partir de noite com uma boa brisa, e, em duas horas, está-se longe da ilha!

— Pois bem — disse Gédéon Spilett —, volto a perguntar com que fim os piratas se serviram do *Bonadventure*, e por que razão, depois de se terem servido dele, o levaram de novo para o porto?

— Bem, senhor Spilett: púnhamos isso no número das coisas inexplicáveis, e não pensemos mais nisso — disse Pencroff. — O mais importante é que o *Bonadventure* está intacto. O pior é se os bandidos cá vêm outra vez, e no-lo levam definitivamente.

— Então, Pencroff, talvez fosse preferível levar o *Bonadventure* para junto de Granite-House — disse Harbert.

— Sim e não — respondeu Pencroff —, ou, melhor, não. A embocadura do rio das Mercês é um sítio mau para um barco, e o mar ali é rijo.

— Mas se o arrastarmos para a areia, mesmo junto das Chaminés?

— Talvez... sim... — respondeu Pencroff. — Em todo o caso, visto que devemos deixar Granite-House durante bastante tempo, creio que, durante a nossa ausência, o *Bonadventure* estará em maior segurança aqui, e que faremos bem em deixá-lo cá até os piratas desaparecerem da ilha.

— É também a minha opinião — disse o repórter. — Pelo menos, em caso de mau tempo, não ficará exposto ao temporal como na embocadura do rio das Mercês.

— Mas se os piratas vierem visitá-lo outra vez? — perguntou Harbert.

— Pois bem, meu rapaz — disse Pencroff —: não o encontrando aqui, eles procurá-lo-iam para os lados de Granite-House, e, durante a nossa ausência, nada os impediria de se apoderarem dele! Penso portanto, como o senhor Spilett, que devemos deixá-lo em porto

Balão. Mas quando voltarmos da nossa expedição, será prudente levar o nosso barco para junto de Granite-House, até ao momento em que não tivermos a recear nenhuma má visita.

— Está combinado. A caminho! — disse o repórter.

Pencroff, Harbert e Gédéon Spilett, quando regressaram a Granite-House, contaram ao engenheiro o que se tinha passado, e este aprovou as disposições tomadas por eles com respeito ao presente e ao futuro. Prometeu mesmo ao marinheiro estudar a zona do canal situada entre o ilhéu e a costa, para ver se não seria possível criar ali um porto artificial por meio de barragens. Desse modo, o *Bonadventure* estaria sempre sob a vigilância dos colonos, ao alcance deles e se preciso fosse fechado à chave.

Nessa mesma noite enviaram um telegrama a Ayrton para lhe pedirem que levasse um casal de cabras que Nab queria aclimatar nos pastos do planalto. Estranhamente porém, Ayrton não acusou a receção do telegrama, tal como era hábito, facto que causou apreensão ao engenheiro. Mas podia dar-se o caso de Ayrton não estar nesse momento no curral, ou mesmo que se encontrasse já a caminho de Granite-House. Com efeito, já há dois dias que ele saíra dali e fora decidido que no dia 10 à noite, ou, o mais tardar, no dia 11 de manhã, estaria de regresso.

Os colonos esperaram portanto que Ayrton aparecesse no planalto da Grande Vista. Nab e Harbert encontravam-se até nas imediações da ponte, para a baixarem logo que o seu companheiro aparecesse.

No entanto, às dez horas da noite Ayrton ainda não tinha aparecido e acharam conveniente enviar novo telegrama, pedindo uma resposta imediata.

Contudo, o telégrafo de Granite-House permaneceu mudo.

Então a inquietação dos colonos começou a ser grande. Que se teria passado? Ayrton não se encontrava no curral, ou, se lá estava, não tinha liberdade de movimentos.

Discutiram o assunto. Uns queriam ir até ao curral. Outros achavam melhor ficar ali.

— Todavia — disse Harbert—, talvez o telégrafo tenha qualquer avaria e não funcione.

— É possível — disse o repórter.

— Esperemos até amanhã — decidiu Cyrus Smith. — É possível, com efeito, que Ayrton não tenha recebido o nosso telegrama, ou que nós não tenhamos recebido a sua resposta.

Resolveram esperar, como se calcula com uma certa ansiedade.

Logo nas primeiras horas do dia 11 de novembro, Cyrus Smith lançou de novo a corrente elétrica através do fio, mas sem receber resposta alguma.

Recomeçou mais de uma vez e sempre com o mesmo resultado.

— A caminho do curral — disse ele.

— E bem armados — acrescentou Pencroff.

Foi decidido que Granite-House não ficaria abandonada e que Nab lá permaneceria. Depois de ter acompanhado os seus companheiros até ao Creek Glicerina, ele devia levantar a ponte levadiça, e, escondido atrás de uma árvore, esperar quer o regresso deles quer o de Ayrton.

Para o caso de os piratas se apresentarem ali e tentarem atravessar a passagem, ele procuraria detê-los com a sua espingarda e em último caso podia refugiar-se em Granite-House, onde, uma vez o elevador puxado para cima, estaria em segurança.

Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert e Pencroff deviam dirigir-se diretamente ao curral, e se não encontrassem Ayrton iriam bater os bosques em todas as direções.

Às seis horas da manhã, o engenheiro e os três companheiros tinham passado o Creek Glicerina e Nab colocava-se atrás de um pequeno muro encoberto por alguns dragoeiros, na margem esquerda do rio.

Os colonos, depois de terem deixado o planalto da Grande Vista, tomaram imediatamente o caminho do curral. Levavam as espingardas debaixo do braço, prontos a fazerem fogo à menor demonstração hostil. As duas carabinas e as duas espingardas tinham sido carregadas com balas.

De cada lado da estrada, o mato era denso e podia facilmente esconder os malfeitores, que, graças às suas armas, seriam verdadeiramente temíveis.

Os colonos caminhavam rapidamente e em silêncio. *Top* precedia-os, quer correndo pela estrada, quer entrando nos bosques, mas sempre calado e não parecendo pressentir nada de insólito. E podiam confiar que o fiel cão não se deixaria surpreender e ladraria ao menor sinal de perigo.

Ao mesmo tempo que a estrada, os colonos seguiam os postes telegráficos que ligavam Granite-House ao curral. Depois de terem caminhado durante perto de duas milhas, não tinham ainda observado qualquer solução de continuidade. Os postes estavam em bom estado, os isoladores intactos e o fio regularmente esticado.

No entanto, a partir desse poste, o engenheiro observou que o fio estava mais frouxo e por fim, ao chegarem ao poste 74, Harbert, que ia à frente, exclamou:

— O fio está partido!

Os seus companheiros apressaram o passo e chegaram rapidamente ao sítio onde o rapaz tinha parado.

Viram então um poste caído. Com o fio partido, era evidente que os telegramas não tinham podido chegar ao curral, nem os do curral poderiam ser recebidos em Granite-House.

— Não foi o vento que derrubou este poste — observou Pencroff.

— Não — replicou Gédéon Spilett. — A terra foi cavada junto do poste e ele foi arrancado pelas mãos de homens.

— Além disso, o fio está quebrado — acrescentou Harbert, mostrando as duas extremidades do fio de ferro, que fora violentamente partido.

— O corte foi recente? — perguntou Cyrus Smith.

— Sim — respondeu Harbert —, e certamente há pouco tempo que se produziu a rutura.

— Ao curral! Ao curral! — exclamou o marinheiro.

Os colonos encontravam-se então a meio caminho de Granite-House e do curral. Restavam-lhe ainda duas milhas e meia a percorrer. Apressaram o passo.

Receavam com efeito que algum acontecimento grave se tivesse produzido no curral. Sem dúvida, Ayrton quisera enviar um telegrama, que não chegara ao seu destino, e não era essa a razão que devia inquietar os seus companheiros, mas a circunstância mais inexplicável de ele ter prometido regressar na véspera à noite e não ter aparecido ainda. Enfim, não fora sem motivo que as comunicações entre Granite-House e o curral tinham sido interrompidas. E quem, senão os piratas, teria interesse em interromper essas comunicações?

Os colonos corriam, com o coração apertado pela emoção. Eram sinceramente dedicados ao seu novo companheiro. Iriam encontrá-lo ferido por aqueles que ele outrora chefiara?

Em breve chegaram ao local onde a estrada corria ao longo de um pequeno rio que, derivando do Creek Vermelho, irrigava os pastos do curral. Tinham então moderado o passo para não estarem sem fôlego no momento em que tivessem de lutar. As espingardas estavam preparadas para disparar. *Top* rosnava de maneira que não pressagiava nada de bom.

Finalmente, a paliçada surgiu através das árvores. Não se viam sinais de estragos. A porta estava fechada como habitualmente. Profundo silêncio reinava no curral. Nem os balidos dos cabritos-monteses, nem a voz de Ayrton se faziam ouvir.

— Entremos! — disse Cyrus Smith.

E o engenheiro avançou, enquanto os companheiros, a uma distância de vinte passos dele, permaneciam preparados para disparar.

Cyrus Smith ergueu o ferrolho da porta e ia empurrar um dos batentes quando *Top* ladrou com violência. Ouviu-se uma detonação de cima da paliçada e respondeu-lhe um grito de dor.

Harbert, atingido por uma bala, jazia por terra!

Capítulo 7

Ao soar o grito de Harbert, Pencroff, deixando cair a arma, correrá para ele.

— Eles mataram-no! — exclamou. — Mataram o meu filho! Mataram-no!

Cyrus Smith e Gédéon Spilett tinham-se precipitado também para Harbert. O repórter tentava ouvir se o coração do pobre rapaz ainda batia.

— Está vivo — disse. — Mas é preciso transportá-lo...

— Para Granite-House? Impossível! — disse o engenheiro.

— Então para o curral — disse Pencroff.

— Um momento — disse Cyrus Smith.

E correu para a esquerda, de maneira a contornar a paliçada. Ali viu-se em presença de um dos piratas, que, apontando para ele, lhe atravessou o chapéu com uma bala. Alguns instantes depois, mesmo antes de ter tempo para disparar um segundo tiro, o homem caía, atingido no coração pelo punhal de Cyrus Smith, mais seguro ainda que a sua espingarda.

Entretanto, Gédéon Spilett e o marinheiro subiam a paliçada, empurravam a porta da casa vazia, e, em breve, o pobre Harbert descansava na cama de Ayrton.

Alguns instantes depois, o engenheiro estava perto dele.

Ao ver Harbert inanimado, a dor de Pencroff foi terrível. Chorava, soluçava, batia com a cabeça na parede. Nem o engenheiro nem o repórter conseguiram acalmá-lo. A emoção também os dominava. Nenhum deles conseguia falar.

No entanto, fizeram tudo o que puderam para salvar o pobre rapaz, que agonizava diante dos seus olhos. Gédéon Spilett, após tantos incidentes que tinham preenchido a sua vida, não deixava de ter algumas noções de medicina corrente. Sabia um pouco de tudo e em muitas circunstâncias tivera de tratar ferimentos produzidos quer por armas brancas, quer por armas de fogo. Ajudado por Cyrus Smith, procedeu então aos cuidados que o estado de Harbert reclamava.

De início, o repórter sentiu-se acabrunhado: a hemorragia era forte e a bala podia ter atingido um osso ou um órgão vital. Os sintomas apresentados eram muito graves.

O peito de Harbert foi posto a descoberto e o sangue foi estancado com a ajuda de lenços. Depois foi lavado com água fria.

A ferida contusa apareceu então: tratava-se de um buraco oval entre a terceira e a quarta costelas. Fora ali que a bala tingira Harbert.

Cyrus Smith e Spilett voltaram então o pobre rapaz, que soltou um fraco gemido, tão fraco que dir-se-ia tratar-se do seu último suspiro.

Uma outra ferida ensanguentava as costas de Harbert, a que a bala fizera ao sair.

— Deus seja louvado! — exclamou o repórter. — A bala não ficou no corpo e não teremos de a extrair.

— Tocou o coração? — perguntou Cyrus Smith.

— O coração não foi atingido; caso contrário, Harbert estaria morto!

— Morto! — exclamou Pencroff, que soltou um rugido.

O marinheiro só ouvira a última palavra pronunciada pelo repórter.

— Não, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —, não! Ele não está morto. O pulso continua a bater! Soltou até um gemido. Mas no próprio interesse do seu filho, acalme-se. Temos necessidade de todo o nosso sangue-frio. Não no-lo faça perder, meu amigo.

Pencroff calou-se, mas grossas lágrimas começaram a rolar-lhe pela cara.

Entretanto, Gédéon Spilett tentava recordar-se de tratamentos e proceder com método. Segundo a sua observação, era certo que a bala, que entrara pelo peito, saíra pelas costas. Mas que estragos teria essa bala feito na sua passagem? Que órgãos essenciais teria atingido? Eis o que um cirurgião de profissão teria dificuldade em apurar de momento, e, com mais razão ainda, o repórter.

No entanto, ele sabia uma coisa: que teria de evitar o estrangulamento inflamatório das partes afetadas, e em seguida combater a inflamação local e a febre que resultaria do ferimento — ferimento mortal, talvez! Ora, que tópicos, que antiflogísticos empregar? Com que meios afastar essa inflamação?

Em todo o caso, o mais importante era tratar as duas feridas sem demora. Não pareceu necessário provocar nova hemorragia, lavando a ferida com água tépida e comprimindo os seus bordos. A primeira perda de sangue fora abundante e Harbert estava demasiadamente enfraquecido.

O repórter julgou dever contentar-se com lavar as duas feridas com água fria.

Harbert foi colocado voltado para o lado esquerdo e mantido nessa posição.

— Não se deve mexer — disse Gédéon Spilett. — Está na posição mais favorável para que as feridas das costas e do peito possam supurar à vontade, e precisa de repouso absoluto.

— O quê! Não podemos transportá-lo para Granite-House? — perguntou o marinheiro.

— Não, Pencroff — respondeu o repórter.

— Maldição! — exclamou o marinheiro, erguendo o punho para o céu.

— Pencroff! — disse Cyrus Smith.

Gédéon Spilett examinava Harbert com toda a atenção. O pobre rapaz estava tão pálido que o repórter se sentiu comovido.

— Cyrus — disse ele —, eu não sou médico. E preciso que me ajude com os seus conselhos, com a sua experiência...

— Mantenha a calma, meu amigo — respondeu o engenheiro, apertando a mão ao repórter... — Observe com sangue-frio... Pense apenas nisto: é preciso salvar Harbert.

Estas palavras devolveram a Cyrus Smith o domínio de si mesmo, que, num instante de desencorajamento, o vivo sentimento de responsabilidade lhe tinha feito perder. Sentou-se junto da cama. Cyrus Smith deixou-se ficar de pé. Pencroff rasgara a sua camisa e maquinalmente fazia-a em fios para aplicar nas feridas.

Gédéon Spilett explicou então a Cyrus Smith que julgava ser necessário, antes de tudo, deter a hemorragia, mas não fechar as duas feridas, nem provocar a sua cicatrização imediata, pois houvera perfuração interna e era preciso não deixar a supuração acumular-se no peito.

Cyrus Smith aprovou-o inteiramente e foi decidido que as duas feridas seriam tratadas sem tentar fechá-las por uma coaptação

imediate. Felizmente, parecia não ser preciso abri-las de novo.

E depois? Teriam os colonos um remédio eficaz para lutar contra a inflamação, que surgiria indubitavelmente?

Sim, tinham um que a natureza prodigaliza generosamente. Tinham a água fria, isto é, o mais poderoso sedativo contra a inflamação das feridas, o agente terapêutico mais eficaz nos casos graves, e que é agora adotado por todos os médicos. A água fria tem, além disso, a vantagem de deixar a ferida num repouso absoluto e de evitar qualquer penso prematuro, vantagem considerável, pois a experiência já demonstrou que o contacto com o ar é funesto durante os primeiros dias.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett raciocinaram assim com o seu simples bom senso e fizeram o que teria feito o melhor cirurgião. Aplicaram compressas de tecido nas duas feridas e foram-nas embebendo constantemente em água fria.

O marinheiro acendeu logo a lareira do quarto, onde não faltavam as coisas necessárias à vida. Açúcar de ácer e plantas medicinais — as mesmas que o jovem Herbert colhera nas margens do lago Grant — permitiram fazer tisanas refrescantes, que Harbert absorveu sem sequer dar por isso. A sua febre era extremamente alta e passou todo o dia e toda a noite sem recuperar os sentidos. A vida de Harbert estava por um fio, e esse fio podia partir-se a qualquer instante.

No dia seguinte, 12 de novembro, Cyrus Smith e os seus companheiros começaram a sentir algumas esperanças. Harbert voltava a si do seu longo desfalecimento. Abriu os olhos e reconheceu Gédéon Spilett, Cyrus Smith e Pencroff. Não sabia o que lhe sucedera. Contaram-lhe e pediram-lhe que se mantivesse num

repouso absoluto, dizendo-lhe que a sua vida não corria perigo e que as feridas cicatrizariam em poucos dias. De resto, Harbert quase não sofria e a água fria, com que as regavam constantemente, impedia a inflamação das feridas. A supuração fazia-se de uma maneira regular e a febre não mostrava tendência para subir. Começava a acalantar a esperança de que os terríveis ferimentos não provocassem qualquer catástrofe. Pencroff sentia o seu coração menos apertado. Ele era como uma irmã de caridade, como uma mãe à cabeceira do filho.

Harbert adormeceu outra vez, mas o seu sono pareceu mais tranquilo.

— Repita-me que tem esperanças, senhor Spilett — dizia Pencroff. — Repita que salvará Harbert!

— Sim, salvá-lo-emos! — exclamou o repórter. — O ferimento é grave e talvez a bala tenha atingido o pulmão, mas a perfuração desse órgão não é mortal.

— Deus o ouça! — repetia Pencroff.

Como se pode calcular, nas vinte e quatro horas que permaneciam no curral, os colonos só pensavam em tratar Harbert. Não se tinham preocupado com o perigo do exterior, nem com as precauções a tomar de futuro.

Mas nesse dia, enquanto Pencroff vigiava Harbert, Cyrus Smith e o repórter falaram do que convinha fazer.

Primeiro percorreram o curral. Não havia rastos de Ayrton. Teria o infeliz sido levado pelos seus antigos cúmplices? Teria sido surpreendido no curral? Lutara e sucumbira na luta? Esta última hipótese era muito provável. Gédéon Spilett, no momento em que subia à paliçada, vira perfeitamente um dos piratas fugir para o

contraforte sul do monte Franklin, para onde *Top* correria, ladrando. Era um dos que vinham na lancha que se esmagara contra os rochedos, na embocadura do rio das Mercês. De resto, aquele que Cyrus Smith matara, e cujo cadáver foi encontrado fora do recinto murado, pertencia de facto ao bando de Bob Harvey.

Quanto ao curral, não sofrera qualquer devastação. As portas estavam fechadas e os animais não se tinham dispersado pela floresta. Também não se via qualquer sinal de luta na habitação, nem na paliçada. Apenas as munições de que Ayrton se abastecera tinham desaparecido com ele.

— O infeliz terá sido surpreendido — disse Cyrus Smith —, e como era homem para se defender deve ter sucumbido.

— Sim. É de temer isso — replicou o repórter. — Depois, os piratas ter-se-ão instalado no curral, onde tinham tudo com abundância, e só fugiram quando nos viram aparecer. É evidente que Ayrton, morto ou vivo, não se encontrava aqui.

— É preciso bater a floresta — disse o engenheiro — e livrar a ilha desses miseráveis. O pressentimento de Pencroff não o enganava quando dizia que se devia perseguir esses piratas como animais selvagens. Se o tivéssemos feito, estaríamos agora ao abrigo de muitos desgostos!

— Sim — respondeu o repórter —; mas agora temos o direito de ser impiedosos!

— Em todo o caso — disse o engenheiro —, somos forçados a esperar algum tempo no curral até podermos transportar Harbert sem perigo para Granite-House.

— Que se passará com Nab? — perguntou o repórter.

— Nab está em segurança — disse o engenheiro.

— E se, inquieto com a nossa ausência, ele se aventurasse a vir ter connosco?

— Não deve vir! — disse vivamente Cyrus Smith. — Seria assassinado no caminho!

— Mas é muito provável que ele procure juntar-se a nós!

— Se o telégrafo funcionasse, podíamos preveni-lo! Mas agora é impossível. Quanto a deixar aqui Pencroff sozinho com Harbert também não é possível!... Irei eu sozinho a Granite-House.

— Não, não, Cyrus — respondeu o repórter. — Não deve expor-se! A sua coragem de nada serviria. É evidente que esses miseráveis vigiam o curral. Estão com certeza emboscados nos arredores e se o senhor partisse, em breve teríamos a lamentar duas desgraças em vez de uma!

— Estou preocupado com Nab — disse o engenheiro. — Há vinte e quatro horas que está sem notícias nossas. há de querer vir! E como estará ainda menos prevenido do que nós, será logo atingido!... — acrescentou Cyrus.

— Não haverá então meio de o prevenir?

Enquanto o engenheiro refletia, o seu olhar pousou em *Top*, que, indo e vindo, parecia dizer: «Não estou eu aqui?»

— *Top*! — exclamou Cyrus Smith.

O animal saltou ao ouvir o dono chamá-lo.

— Sim, *Top* irá — disse o repórter, que compreendera o engenheiro. — *Top* passará onde nós não passaríamos! Ele levará a Granite-House notícias nossas, e trará até aqui notícias de Granite-House!

— Depressa — disse Cyrus Smith. — Depressa!

Gédéon Spilett rasgou imediatamente uma página da sua agenda e escreveu nela estas linhas:

«Harbert ferido. Estamos no curral. Tem cuidado. Não deixes Granite-House. Os piratas apareceram por aí? Resposta por *Top*.»

Este curto bilhete continha tudo o que Nab devia saber, e pedia-lhe ao mesmo tempo notícias sobre o que eles tinham interesse em saber. Foi dobrado e preso à coleira de modo a ficar bem à vista.

— *Top*, meu cão — disse então o engenheiro, acariciando o animal. — Nab, *Top*, Nab. Vai! Vai!

Ao ouvir estas palavras, *Top* saltou. Compreendia, adivinhava o que queriam dele. A estrada do curral era-lhe familiar. Em menos de meia hora podia percorrê-la, e era lícito esperar que aquilo que Cyrus Smith ou o repórter não poderiam fazer sem perigo, *Top*, correndo pelo meio das ervas, ou pela orla do bosque, passaria despercebido.

O engenheiro foi até à porta do curral e empurrou um dos batentes.

— Nab, *Top*, Nab! — repetiu mais uma vez o engenheiro, estendendo a mão em direção a Granite-House.

Top saiu e desapareceu quase logo a seguir.

— Ele chegará lá — disse o repórter.

— Sim, e voltará, o fiel animal!

— Que horas são? — perguntou Gédéon Spilett.

— Dez horas.

— Dentro de uma hora, poderá estar aqui. Estaremos à espera dele.

A porta do curral foi fechada de novo. O engenheiro e o repórter voltaram a entrar em casa. Harbert estava então profundamente

adormecido. Pencroff mantinha as compressas num estado de humidade constante. Vendo que não havia nada de especial a fazer nesse momento, Gédéon Spilett resolveu preparar algum alimento, ao mesmo tempo que vigiava cuidadosamente a parte do recinto que dava para o contraforte, pela qual poderiam ser alvo de agressão.

Os colonos esperaram o regresso de *Top* com certa ansiedade. Um pouco antes das onze horas, Cyrus Smith e o repórter, de carabina na mão, estavam atrás da porta, prontos a abri-la ao primeiro latido do cão. Não duvidavam que se *Top* tivesse chegado sem novidade a Granite-House, Nab o enviaria imediatamente com a resposta.

Estavam ali há uns dez minutos talvez, quando se ouviu uma detonação, logo seguida de repetidos latidos.

O engenheiro abriu a porta e, vendo ainda um resto de fumo a uns cem pés de distância, nos bosques, fez fogo nessa direção.

Quase imediatamente *Top* entrou no curral, cuja porta foi imediatamente fechada.

— *Top! Top!* — exclamou o engenheiro, abraçando a grande e meiga cabeça do cão.

Estava um bilhete preso à coleira, e Cyrus Smith leu estas palavras, traçadas na larga letra de Nab:

«Não há piratas nos arredores de Granite-House. Não sairei daqui. Pobre senhor Harbert.»

Capítulo 8

Era evidente que os piratas continuavam ali, espiando o curral, e decididos a matar os colonos um após outro! Não podiam fazer outra coisa senão tratá-los como animais ferozes. Mas grandes precauções deviam ser tomadas, pois esses miseráveis tinham por si, nesse momento, a vantagem da situação: viam sem ser vistos, podiam surpreendê-los com os seus ataques inopinados e estavam a coberto de surpresas.

Cyrus Smith arranjou portanto maneira de viverem no curral, cujas provisões, de resto, poderiam chegar para bastante tempo. A casa de Ayrton estava abastecida com tudo o que era necessário para viver, e os piratas, assustados pela chegada dos colonos, não tinham tido tempo de a pilhar. Era provável que as coisas se tivessem passado como disse Gédéon Spilett: os seis piratas desembarcados na ilha teriam seguido o seu litoral e, depois de percorrerem a dupla margem da península Serpentina, não querendo aventurar-se nos bosques do Far West, tinham atingido a embocadura do rio da Queda. Uma vez nesse ponto, subindo a margem direita do curso de água, e chegados aos contrafortes do monte Franklin, entre os quais era natural que procurassem um abrigo, não tardaram a descobrir o curral, então desabitado. Ter-se-iam provavelmente instalado ali, esperando o momento de pôr em execução os seus abomináveis projetos. A chegada de Ayrton surpreendera-os, mas tinham conseguido apoderar-se do desgraçado e... o resto adivinhava-se facilmente!

Agora os piratas, reduzidos a cinco, é certo, mas bem armados, rondavam nos bosques, e entrar lá seria exporem-se a ser atacados por eles, sem possibilidades de evitarem esse ataque.

— Esperar! Não há outra solução! — repetia Cyrus Smith. — Quando Harbert estiver curado poderemos fazer uma batida geral à ilha e dominar esses bandidos. Ao mesmo tempo, faremos a nossa grande expedição...

— Para encontrarmos o nosso misterioso protetor — concluiu o repórter. — Ah! Temos de confessar, meu caro Cyrus, que desta vez essa proteção nos faltou, e no momento preciso em que mais falta nos faria!

— Quem sabe? — respondeu o engenheiro.

— Que quer dizer? — perguntou Gédéon Spilett.

— Quem sabe o que o futuro nos reservará, meu caro Spilett, e se a sua poderosa intervenção não virá ainda a exercer-se. Mas não se trata agora disso. A vida de Harbert antes de tudo.

De facto, era a mais dolorosa preocupação dos colonos. Passaram-se alguns dias e o estado do pobre rapaz não tinha piorado. Ora, já era muito o tempo ganho sobre a doença. A água fria, sempre mantida numa temperatura conveniente, impediria a inflamação das feridas. Parecia até ao repórter que essa água, um pouco sulfurosa — o que era explicado pela proximidade do vulcão —, tinha uma ação mais direta do que a água comum sobre a cicatrização das feridas. A supuração era muito menos abundante e, graças aos cuidados incessantes de que era rodeado, Harbert voltava à vida, e a sua febre tendia a baixar. Ele estava, de resto, submetido a uma dieta severa e, por consequência, a sua fraqueza

era e devia ser extrema; contudo, as tisanas não lhe faltavam e o repouso absoluto em que se mantinha era-lhe muito benéfico.

Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff haviam-se tornado extremamente hábeis em tratar as feridas de Harbert. Toda a roupa branca existente fora sacrificada. As feridas, cobertas de compressas e de fios de tecido, não eram nem apertadas de mais nem de menos, de maneira a provocar a cicatrização sem reações inflamatórias. O repórter fazia esses pensos com extremo cuidado, sabendo bem como eram importantes, e repetia para os companheiros aquilo que a maior parte dos médicos reconhecem de boa vontade: é que talvez seja mais raro ver um penso bem feito do que uma operação bem feita.

Ao fim de dez dias, a 22 de novembro, Harbert experimentou algumas melhoras. Começara a tomar um pouco de alimento. As cores voltavam-lhe às faces e os seus olhos sorriam para os enfermeiros. Conversava um pouco, apesar dos esforços de Pencroff, que falava constantemente para o impedir de falar, e contava as histórias mais inverosímeis. Harbert interrogava-o a respeito de Ayrton, admirado de não o ver ali no curral. Mas o marinheiro, não querendo afligir o jovem, contentara-se em responder que Ayrton fora para junto de Nab, para defender Granite-House.

— Então! — exclamava ele —, que me dizem acerca desses piratas! São uns cavalheiros que não têm qualquer direito à nossa consideração! E o senhor Smith, que queria levá-los pelo sentimento! hei de enviar-lhes sentimentos, mas acompanhados de balas de bom calibre!

— E não voltaram a vê-los? — perguntou Harbert.

— Não, meu filho — respondeu o marinheiro —, mas temos de voltar a encontrá-los, e quando estiveres curado, veremos se os cobardes, que atacam pelas costas, ousarão atacar-nos cara a cara!

— Estou ainda muito fraco, meu pobre Pencroff!

— Mas as forças voltarão a pouco e pouco! O que é uma bala no peito? Uma simples brincadeira! Passei por coisas piores e não me sinto nada mal!»

As coisas pareciam enfim correr pelo melhor, e, desde que não surgisse qualquer complicação, a cura de Harbert podia ser considerada garantida. Mas qual seria a situação dos colonos se o seu estado se tivesse agrado, ou se a bala lhe tivesse ficado no corpo, ou se um braço, ou uma perna tivessem de ser amputados!-

— Na realidade — disse mais de uma vez Gédéon Spilett —, nunca pensei nessa eventualidade sem tremer!

— E no entanto — disse Cyrus Smith —, se tivesse sido necessário agir nesse sentido, você não teria hesitado, não é verdade?

— Não, Cyrus. Mas louvado seja Deus por nos ter poupado essa complicação! `

Assim, como em tantas outras conjunturas, os colonos tinham apelado para o simples bom senso, que tantas vezes os servira, e mais uma vez, graças aos seus conhecimentos gerais, haviam conseguido êxito! Mas não chegaria a altura em que toda a sua ciência de nada valeria? Estavam sozinhos naquela ilha. Ora, os homens completam-se em sociedade, são necessários uns aos outros. Cyrus Smith sabia-o bem, e algumas vezes perguntava a si mesmo se se iria dar alguma eventualidade que eles não pudessem dominar!

Parecia-lhe de resto que ele e os seus companheiros, até ali felizes, haviam entrado num período nefasto. Há mais de dois anos e meio que tinham fugido de Richmond, e pode dizer-se que tudo corra à sua vontade. A ilha fornecera-lhes com abundância minerais, vegetais, animais, e se era verdade que a natureza os ajudara constantemente, também era certo que a sua ciência soubera tirar partido desses bens que ela lhe oferecia. O bem-estar material da colónia era por assim dizer completo. Além disso, em certas circunstâncias, algo de inexplicável fora em seu auxílio!... Mas tudo isso não podia durar sempre!

Em resumo, Cyrus Smith pensava que a sorte se voltara contra eles.

Com efeito, o navio dos piratas surgira nas águas da ilha e se esses piratas foram, por assim dizer, miraculosamente destruídos, pelo menos seis deles tinham escapado à catástrofe. Tinham desembarcado na ilha, e aos cinco sobreviventes não fora possível capturar ou abater. Ayrton fora, sem dúvida, morto por esses miseráveis, que possuíam armas de fogo, e a primeira vez que as tinham utilizado Harbert caíra, atingido quase mortalmente. Seriam os primeiros golpes adversos da fortuna? Era o que perguntava a si mesmo Cyrus Smith! Era isso que ele repetia muitas vezes ao repórter, e parecia-lhes também que essa intervenção, tão estranha quanto eficaz, que tanto os ajudara até então, lhes estava agora a faltar. Teria esse ser misterioso, fosse quem fosse, mas cuja existência eles não podiam negar, abandonado a ilha? Sucumbiria por sua vez?

Nenhuma resposta era possível para estas perguntas. Mas que não se imagine que Cyrus Smith e o seu companheiro, por falarem

destas coisas, fossem homens para desesperar! Longe disso. Olhavam a situação de frente, analisavam as suas possibilidades, preparavam-se para todos os acontecimentos, e ficavam firmes perante o futuro, e se a adversidade os atingisse por fim, encontraria neles homens preparados para a combater.

Capítulo 9

A convalescença do jovem doente processava-se sem problemas. Uma única coisa era agora de desejar: que o seu estado permitisse transportá-lo para Granite-House. Por mais bem arranjada e fornecida que estivesse a casa do curral, não podia comparar-se à confortável casa de granito. Além disso, não oferecia a mesma segurança, e os seus habitantes, apesar de toda a vigilância, estavam sempre sob a ameaça de qualquer tiro dos piratas. Em Granite-House, pelo contrário, no meio desse inexpugnável e inacessível maciço, não teriam nada a recear. Esperavam portanto ansiosamente o momento em que Harbert pudesse ser transportado sem perigo, e estavam decididos a fazer esse transporte, apesar de as comunicações através dos bosques do Jacamar serem muito difíceis.

Estavam sem notícias de Nab, o que não os inquietava demasiado: o corajoso negro, bem entrincheirado nas profundezas de Granite-House, não se deixaria surpreender. *Top* não voltara a lá ir, pois o fiel animal podia ser vítima de algum tiro e a colónia ficaria assim privada de um precioso auxiliar.

Os colonos esperavam, mas tinham pressa de se refugiar em Granite-House. O engenheiro não gostava de ver as suas forças divididas, pois isso era fazer o jogo dos piratas. Desde o desaparecimento de Ayrton, eram apenas quatro contra cinco, pois Harbert ainda não contava, e essa era uma das preocupações do corajoso rapaz, que bem percebia a situação em que se encontravam.

A questão de saberem como, nas condições presentes, poderiam agir contra os piratas foi tratada a fundo por Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff, no dia 29 de novembro, num momento em que Harbert, profundamente adormecido, não podia ouvi-los.

— Meus amigos — disse o repórter, depois de se ter falado de Nab e da impossibilidade de entrarem em contacto com ele. — Creio, como o senhor Cyrus, que arriscar-se a percorrer a estrada do curral é levar um tiro pela certa, sem poder responder. Mas não concorda que o que havia agora a fazer de melhor era dar abertamente caça a esses miseráveis?

— Era no que eu pensava — respondeu Pencroff. — Não somos pessoas para temer uma bala, e, por meu lado, se o senhor Cyrus aprovar, estou pronto a correr para a floresta. Que diabo! Um homem vale bem um outro!

— Mas valerá por cinco? — perguntou o engenheiro.

— Juntar-me-ei a Pencroff — respondeu o repórter —, e os dois, bem armados, acompanhados por *Top...*

— Meu caro Spilett, e você, Pencroff, raciocinemos friamente. Se os piratas estivessem escondidos num determinado local da ilha, e nós conhecêssemos esse local, eu achava bem um ataque direto. Mas assim, não será de admitir que sejam eles a disparar o primeiro tiro?

— Ora, senhor Cyrus — exclamou Pencroff —, uma bala nem sempre acerta no seu alvo!

— Aquela que atingiu Harbert não se perdeu, Pencroff — respondeu o engenheiro. — De resto, se vocês os dois abandonassem o curral, ficaria eu sozinho para o defender. Não acha que os piratas poderão vê-los sair daqui e decidam atacar durante a

vossa ausência, pensando que só aqui ficou um rapaz ferido e um homem?

— Tem razão, senhor Cyrus — respondeu Pencroff, que sentia o peito cheio de uma surda cólera. — Eles tudo farão para recuperarem o curral, pois sabem que está bem abastecido. E uma pessoa só não pode aguentar-se contra eles. Ah! Se estivéssemos em Granite-House!

— Se estivéssemos em Granite-House — disse o engenheiro —, a situação seria muito diferente! Ali, não seria de recear deixar Harbert com qualquer de nós, e os outros três poderiam ir bater as florestas da ilha. Mas aqui é diferente: convém que nos reunamos para que possamos sair todos juntos!

Não havia nada a dizer dos raciocínios de Cyrus Smith, e os seus companheiros bem o perceberam.

— Se ao menos Ayrton ainda estivesse conosco — disse Gédéon Spilett. — Pobre homem! O seu regresso à vida honesta foi de curta duração!

— Se ele tiver morrido! — acrescentou Pencroff, num tom bastante estranho.

— Espera então que eles o tenham poupado? — perguntou Gédéon Spilett.

— Sim, Teriam talvez interesse em fazê-lo!

— O quê? Supõe que Ayrton, esquecendo tudo o que fizemos por ele...

— Quem sabe? — respondeu o marinheiro, que hesitou em formular tão terrível suposição.

— Pencroff — disse Cyrus Smith, agarrando no braço do marinheiro —, teve um mau pensamento, e desgostar-me-ia muito

se persistisse nele. Eu garanto a fidelidade de Ayrton.

— Sim... sim!... senhor Cyrus... fiz mal — respondeu Pencroff. Foi com efeito um mau pensamento que eu tive, e nada o justifica! Mas que quer? Já nem sei o que digo. O facto de estar aqui aprisionado no curral transtorna-me, e nunca me senti tão excitado como agora!

— Seja paciente, Pencroff — respondeu o engenheiro. — Dentro de quanto tempo, meu caro Spilett, acha que Harbert possa ser transportado para Granite-House?

— Isso é difícil de dizer, Cyrus — respondeu o repórter —, pois uma imprudência poderia acarretar consequências funestas. Mas, enfim, a sua convalescença faz-se regularmente e se daqui a oito dias ele tiver recuperado as forças, então veremos!

Oito dias! Isso faria com que o regresso a Granite-House se fizesse só nos primeiros dias de dezembro.

Nessa altura, já a primavera tinha dois meses. O tempo estava bom e o calor começava a apertar. As florestas estavam em plena floração e aproximava-se o momento das colheitas. O regresso ao planalto da Grande Vista seria portanto seguido de intensos trabalhos agrícolas, que só seriam interrompidos pela projetada expedição à ilha.

Compreende-se assim como a forçada estada no curral devia aborrecer os colonos. Mas se eram obrigados a curvar-se perante as circunstâncias, não o faziam sem impaciência.

Uma ou duas vezes o repórter foi até à estrada e deu volta à paliçada que contornava o curral. *Top* acompanhava-o. Com a arma pronta a disparar, Gédéon Spilett estava preparado para qualquer eventualidade.

Todavia, não teve maus encontros e não encontrou qualquer rasto suspeito. O cão adverti-lo-ia de qualquer perigo, e como *Top* não ladrava podia concluir-se que, nesse momento pelo menos, nada havia a recear, e que os piratas se encontravam noutro lado da ilha.

No entanto, quando da sua segunda saída, no dia 27 de novembro, Gédéon Spilett, que penetrara nos bosques numa profundidade de um quarto de milha, no sul da montanha, observou que *Top* cheirava qualquer coisa. O cão deixara de ter o seu aspeto indiferente; ia a vinha, procurando entre as ervas do matagal, como se o seu olfato lhe revelasse qualquer coisa suspeita.

O repórter seguiu *Top* e incitou-o com a voz, sempre de olhar atento e a carabina pronta a disparar, aproveitando as árvores para se abrigar. Não era provável que *Top* tivesse dado pela presença de um homem, pois nesse caso tê-lo-ia anunciado com um rosnar surdo e latidos semicontidos de cólera. Como não rosnava, era porque o perigo não estava perto.

Passaram-se assim cerca de cinco minutos. *Top* procurando e o repórter seguindo-o com toda a prudência, quando, de repente, *Top* correu para um arbusto espesso e trouxe de lá um pedaço de tecido.

Era um bocado de tecido roto, sujo, que Gédéon Spilett levou imediatamente para o curral.

Ali, os colonos examinaram-no e verificaram que se tratava de um pedaço do casaco de Ayrton, feito do feltro que apenas se fabricava nas oficinas de Granite-House.

— Como vê, Pencroff — disse o engenheiro —, houve resistência da parte desse infeliz Ayrton! Os piratas arrastaram-no contra sua vontade! Ainda duvida da sua honestidade?

— Não, senhor Cyrus — replicou Pencroff —, e já há muito que me arrependi da minha desconfiança momentânea! Mas há, segundo creio, uma ilação a tirar desse facto.

— Qual? — perguntou o repórter.

— É que Ayrton não foi morto no curral! Arrastaram-no vivo e ele resistiu! Ora, talvez ele ainda viva!

— Talvez, com efeito — respondeu o engenheiro, que ficou pensativo.

Havia uma certa esperança naquelas palavras. Com efeito, chegaram a pensar que, apanhado de surpresa no curral, Ayrton tivesse sido morto ali, caindo atingido por uma bala, como sucedera a Harbert. Mas se os piratas o haviam levado como prisioneiro para qualquer outro lado da ilha, não seria provável que ainda vivesse? Talvez algum dos piratas o reconhecesse como um dos antigos companheiros de Ben Joyce, o chefe dos bandidos evadidos, e procurasse aliciá-lo para o seu lado!...

Este incidente foi portanto favoravelmente interpretado pelos colonos, e deixou de lhes parecer impossível encontrarem Ayrton. Por outro lado, se estivesse prisioneiro, Ayrton tudo faria para escapar das mãos dos seus carcereiros e voltaria a ser um precioso auxiliar para os colonos!

— Em todo o caso — observou Gédéon Spilett —, se por sorte Ayrton conseguir salvar-se, é para Granite-House que ele irá certamente, pois não conhece a tentativa de assassínio de que Harbert foi vítima, e por consequência não pode saber que estamos prisioneiros no curral.

— Ah!, quem me dera que ele estivesse em Granite-House e que nós lá estivéssemos também! — exclamou Pencroff. — Apesar de os

bandidos nada poderem fazer contra a nossa casa, estão sempre em condições de atacar a capoeira, as nossas plantações, o planalto!

Pencroff tinha-se tornado um verdadeiro agricultor, dedicado de todo o coração às suas colheitas. Mas devemos dizer que Harbert era quem mais desejava voltar a Granite-House, pois bem sabia como a presença dos colonos ali era necessária. E era ele que os retinha no curral! Assim uma só ideia ocupava o seu espírito: deixar o curral, sair dali de qualquer maneira! Julgava poder suportar o transporte para Granite-House. Garantia que recuperaria mais depressa as forças no seu quarto de Granite-House, com o ar e a vista do mar!

Muitas vezes ele apressou Gédéon Spilett, mas este, temendo, e com razão, que as feridas de Harbert, mal cicatrizadas, abrissem pelo caminho, não dava ordem para partirem.

Entretanto, deu-se um incidente que levou Cyrus Smith e os dois amigos a cederem aos desejos de Harbert, e Deus sabe como essa decisão era suscetível de lhes causar mágoas e remorsos!

No dia 29 de novembro, às sete horas da manhã, os três colonos conversavam no quarto de Harbert quando ouviram *Top* ladrar furiosamente.

Cyrus Smith, Pencroff e Gédéon Spilett pegaram nas suas espingardas, sempre preparadas para fazer fogo, e saíram de casa.

Top correrá para a paliçada, saltava, ladrava, mas parecia ser de contentamento e não de cólera.

— Vem alguém!

— Sim!

— Não é um inimigo!

— Nab, talvez?

— Ou Ayrton?

Mal estas poucas palavras tinham sido trocadas entre o engenheiro e os companheiros, saltava um corpo por cima da paliçada e caía no solo do curral.

Era *Jup*, mestre *Jup* ele próprio, ao qual o cão fez uma verdadeira receção de amigo!

— *Jup* — exclamou Pencroff.

— Foi Nab quem no-lo enviou! — disse o repórter.

— Então — disse o engenheiro —, deve trazer algum bilhete com ele.

Pencroff precipitou-se para o orangotango. Evidentemente que se Nab tinha qualquer facto importante a dar a conhecer ao patrão, não poderia utilizar um mensageiro mais seguro e mais rápido, que podia passar onde nem os colonos, nem o próprio *Top*, poderiam fazê-lo.

Cyrus Smith não se enganara. Ao pescoço de *Jup* encontrava-se amarrado um pequeno saco e dentro desse saco via-se um bilhete escrito pela mão de Nab.

Que se avalie o desespero de Cyrus Smith e dos seus companheiros quando leram estas palavras:

«Sexta-feira, seis horas da manhã. Planalto invadido pelos piratas! Nab.»

Olharam-se sem pronunciar uma palavra e depois entraram em casa. Que deviam fazer? Os piratas no planalto da Grande Vista era a devastação, a ruína completa!

Harbert, vendo entrar o engenheiro, Pencroff e o repórter, compreendeu que a situação se agravara, e quando reparou em *Jup*, não duvidou mais de que a situação em Granite-House era grave.

— Senhor Cyrus — disse —, quero partir. Posso suportar o caminho! Quero partir!

Gédéon Spilett aproximou-se de Harbert. Em seguida, depois de o ter olhado, disse:

— Partamos!

A questão de saber se Harbert seria transportado no carro ou numa maca foi rapidamente decidida. A maca sacudiria menos o doente, mas precisava de dois transportadores, e isso faria com que faltassem duas espingardas para a defesa, se se desse um ataque pelo caminho.

Não poderiam, utilizando o carro, deixar todos os braços disponíveis? Não seria possível colocar nele os colchões onde descansava Harbert, avançando com tanta precaução que se pudesse evitar qualquer choque? Podia ser.

O carro foi trazido. Pencroff atrelou-lhe o *onagga*. Cyrus Smith e o repórter transportaram Harbert, deitado sobre os colchões, e estenderam-no no fundo do carro, entre os dois bancos.

O tempo estava bom. Raios de sol deslizavam através da folhagem.

— As armas estão prontas? — perguntou Cyrus Smith.

Estavam. O engenheiro e Pencroff, armados cada um da sua espingarda de dois canos, e Gédéon Spilett, com a sua carabina, estavam prontos a partir.

— Sentes-te bem, Harbert? — perguntou o engenheiro.

— Esteja tranquilo, senhor Cyrus, não morrerei no caminho!

Ao falar assim, via-se que a pobre criança apelava para toda a sua energia, e que, por um supremo esforço de vontade, retinha as suas forças, prestes a extinguir-se.

O engenheiro sentiu o coração apertar-se-lhe dolorosamente. Hesitou em dar o sinal da partida. Mas isso seria desesperar Harbert, talvez matá-lo.

— A caminho! — disse Cyrus Smith.

A porta do curral foi aberta. *Top* e *Jup*, que sabiam calar-se quando era preciso, avançaram. O carro saiu e a porta foi fechada. O *onagga*, conduzido por Pencroff, avançava a passos lentos.

É certo que mais valia seguir outro itinerário do que ir diretamente do curral a Granite-House, mas seria muito difícil fazer avançar o carro no meio dos bosques. Foi preciso portanto seguir aquele caminho, apesar de ser conhecido pelos piratas.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett caminhavam um de cada lado do carro, prontos a responder a qualquer ataque. No entanto, não era provável que os piratas já tivessem abandonado o planalto da Grande Vista. O bilhete de Nab fora evidentemente redigido e enviado quando os piratas tinham aparecido. Ora, esse bilhete fora escrito às seis horas da manhã, e o ágil orangotango, habituado a ir frequentemente ao curral, levava apenas três quartos de hora a atravessar as cinco milhas que o separavam de Granite-House. Logo, a estrada devia estar segura nesse momento, e, se tivessem de disparar, só seria provavelmente nas imediações de Granite-House.

No entanto, os colonos caminhavam com todo o cuidado. *Top* e *Jup*, este armado com o seu pau, iam tão depressa à frente como atrás, batendo os bosques dos dois lados do caminho, sem que assinalassem qualquer perigo.

O carro avançava lentamente, sob a direção de Pencroff. Tinham saído do curral às sete e meia, e uma hora depois quatro das cinco

milhas estavam já percorridas, sem que se tivesse dado qualquer incidente.

A estrada estava deserta como toda essa parte dos bosques do Jacamar, que se estendia entre o rio das Mercês e o lago. Tudo parecia estar tão deserto como no dia em que os colonos chegaram à ilha.

Aproximavam-se do planalto. Mais uma milha e veriam o pontão do Creek Glicerina. Cyrus Smith não duvidava que o pontão estivesse no seu lugar, quer porque os piratas tivessem entrado por aí, quer — passando um dos cursos de água que fechavam o recinto — porque eles tivessem tido a precaução de baixar um pontão, para preparar uma provável retirada.

Finalmente, as últimas árvores deixaram ver o horizonte de mar. Mas o carro continuou a sua marcha, pois nenhum dos defensores podia pensar em abandoná-lo.

Nesse momento, Pencroff parou o carro e, com uma voz terrível, gritou:

— Ah! Os miseráveis!

E apontou para uma espessa fumarada que subia por cima do moinho, dos estábulos e das capoeiras.

Um homem agitava-se no meio dessa fumarada.

Era Nab.

Os seus companheiros soltaram um grito.

Ele ouviu-os e correu para eles...

Os piratas tinham abandonado o planalto há cerca de meia hora, depois de o terem devastado!

— E o senhor Harbert? — inquiriu Nab.

Nesse momento, Gédéon Spilett voltou para junto do carro.

Harbert perdera os sentidos!

Capítulo 10

Não se pensou mais nos piratas, nos perigos que ameaçavam Granite-House, nem na devastação do planalto. O estado de Harbert dominava tudo. Teria o transporte sido funesto ao jovem, provocando-lhe alguma lesão interna? O repórter ignorava-o, mas tanto ele como os restantes colonos estavam desesperados.

O carro foi conduzido para junto do cotovelo formado pelo rio. Ali, alguns ramos, dispostos em forma de maca, receberam os colchões sobre os quais se encontrava Harbert desmaiado. Dez minutos depois, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Pencroff estavam junto da muralha, deixando a Nab o cuidado de levar o carro para o planalto da Grande Vista.

O ascensor foi posto em movimento, e em breve Harbert estava estendido na sua cama de Granite-House.

Os cuidados que lhe foram prodigalizados fizeram-no recuperar os sentidos. Sorriu por instantes ao encontrar-se de novo no seu quarto, mas mal pôde pronunciar algumas palavras, pois a sua fraqueza era grande.

Gédéon Spilett observou então os ferimentos do doente. Temia que estivessem abertos, pois não estavam ainda completamente cicatrizados... mas não. Qual a causa daquela prostração? Por que teria Harbert piorado?

O rapaz foi então tomado por uma espécie de sono febril, e o repórter e Pencroff ficaram junto dele.

Entretanto, Cyrus Smith punha Nab ao corrente do que se passara no curral, e Nab contava ao patrão os acontecimentos de

que o planalto acabava de ser teatro.

Só na noite anterior é que os piratas se tinham mostrado no planalto, perto do Creek Glicerina. Nab, que vigiava junto da capoeira, não hesitara em fazer fogo sobre um dos piratas, que se preparava para atravessar o rio; mas como a noite estava muito escura, não soubera se o miserável fora atingido. Em todo o caso, isso não bastara para afastar o bando, e Nab só tivera tempo de subir a Granite-House, onde pelo menos estaria em segurança.

Que fazer então? Como impedir as devastações com que os piratas ameaçavam o planalto? Teria maneira de prevenir o patrão? E de resto, em que situação se encontravam no curral?

Cyrus Smith e os seus companheiros tinham partido a 11 de novembro e estava-se a 29. Havia portanto dezanove dias que Nab só tivera as notícias que *Top* lhe levara, notícias desastrosas: Ayrton desaparecido, Harbert gravemente ferido, o engenheiro, o repórter e o marinheiro por assim dizer prisioneiros no curral!

Que fazer?, perguntara a si próprio o pobre Nab. Por si mesmo, nada havia a temer, pois os piratas não podiam atingir Granite-House. Mas as construções, as plantações, tudo aquilo à mercê dos piratas! Não convinha pôr Cyrus Smith ao corrente do que se passava para ele saber o que deveria fazer?

Nab teve então a ideia de utilizar *Jup* e de lhe confiar um bilhete. Conhecia bem a inteligência do orangotango, que vira muitas vezes ser posto à prova. *Jup* compreenderia se se tratasse de ir ao curral, pois conhecia essa palavra e fora muitas vezes lá com Pencroff, que até o deixava conduzir o carro. O dia ainda não nascera. O ágil macaco passaria despercebido nos bosques, e os piratas, se o vissem, julgariam tratar-se de um habitante natural.

Nab não hesitou. Escreveu um bilhete e prendeu-o ao pescoço de *Jup*, levando em seguida o macaco até à porta de Granite-House e deixando cair uma corda até ao chão. Depois, pronunciou repetidas vezes estas palavras:

— *Jup! Jup!* Curral! Curral!

O animal compreendeu, agarrou na corda e deixou-se deslizar rapidamente até ao areal, desaparecendo na obscuridade, sem despertar a atenção dos piratas.

— Fizeste bem, Nab — respondeu Cyrus Smith —; mas talvez tivesses feito melhor ainda se não nos prevenisses!

E ao falar assim Cyrus Smith pensava em Harbert, cujo transporte parecera ter comprometido gravemente a sua convalescença.

Nab terminou a sua narrativa. Os piratas não tinham aparecido no areal. Não conhecendo o número dos habitantes da ilha, podiam supor que Granite-House era defendida por um grupo importante. Deviam lembrar-se que durante o ataque do brigue tinham sido disparados muitos tiros, tanto das rochas superiores, como das rochas inferiores, e sem dúvida não queriam arriscar-se. Mas o planalto da Grande Vista estava-lhes aberto e não se encontrava ao alcance dos tiros de Granite-House. Entregaram-se portanto ao seu instinto de depredação, devastando, queimando, e só se retirando meia hora antes da chegada dos colonos, que deviam julgar ainda no curral.

Nab precipitara-se do seu refúgio. Subira ao planalto, com o risco de ser recebido por alguma bala, e tentara apagar o incêndio que consumia as construções da capoeira, lutando inutilmente contra o fogo, até ao momento em que o carro surgira na orla do bosque.

Tinham sido estes os graves acontecimentos ocorridos. A presença dos condenados constituía uma ameaça permanente para os colonos da ilha Lincoln, até então felizes, e que podiam esperar ainda maiores infelicidades!

Gédéon Spilett ficou em Granite-House junto de Harbert e de Pencroff, enquanto Cyrus Smith, acompanhado por Nab, resolveu ir observar por si mesmo a extensão do desastre.

Fora uma sorte os piratas não avançarem até Granite-House: as oficinas das chaminés não teriam também escapado à devastação. Mas afinal de contas, esses estragos talvez fossem mais facilmente reparáveis do que as ruínas acumuladas no planalto da Grande Vista!

Cyrus Smith e Nab dirigiram-se para o rio das Mercês e subiram a sua margem esquerda, sem encontrarem qualquer rasto da passagem dos piratas. Do outro lado do rio, na espessura do bosque, também não viram nenhum indício suspeito.

De resto, eis o que se poderia admitir, segundo todas as probabilidades: ou os piratas sabiam do regresso dos colonos a Granite-House, por os terem visto passar na estrada do curral; ou, depois das devastações feitas no planalto, tinham entrado nos bosques do Jacamar, seguindo o curso do rio das Mercês, e ignoravam o seu regresso.

No primeiro caso, deviam ter voltado ao curral, agora sem defensores, e que encerrava recursos preciosos para eles.

No segundo, deviam ter atingido o acampamento, esperando ali ocasião para recomeçarem o ataque.

De momento, contudo, antes de tentarem desembaraçar a ilha dos piratas tinham de pensar na cura de Harbert. Com efeito, Cyrus

Smith precisaria de todas as suas forças e nesse momento ninguém poderia deixar Granite-House.

O engenheiro e Nab chegaram ao planalto. Que desolação! Os campos haviam sido espezinhados. As espigas de trigo, cuja colheita se faria em breve, jaziam por terra. As outras plantações não tinham sofrido menos. A horta fora devastada. Felizmente, Granite-House possuía uma reserva de cereais que permitiria reparar esses estragos.

Quanto ao moinho e às capoeiras, ao estábulo onde se encontrava os *onaggas*, tudo fora destruído pelo fogo. Alguns animais, assustados, vagueavam pelo planalto. As aves, que durante o incêndio se tinham refugiado sobre as águas do lago, voltavam já ao seu local habitual, nas margens. Tudo aquilo precisava de ser feito de novo.

O rosto de Cyrus Smith, mais pálido que o habitual, denotava uma cólera interior que ele só a custo dominava, mas não pronunciou uma única palavra. Olhou uma última vez os campos devastados, o fumo que ainda se elevava das ruínas e depois voltou para Granite-House.

Os dias que se seguiram foram os mais tristes que os colonos já tinham passado na ilha! A debilidade de Harbert aumentava visivelmente. Parecia que uma doença mais grave, consequência de profunda perturbação fisiológica que sofrera, ameaçava declarar-se. Gédéon Spilett pressentia esse agravamento no seu estado, mas não se sentia capaz de o combater!

Com efeito, Harbert permanecia num estado de entorpecimento quase contínuo, começando a manifestar-se nele alguns sintomas de delírio. A única coisa que os colonos tinham à sua disposição eram as

tisanas refrescantes. A febre não era ainda muito alta, mas parecia estar a estabelecer-se por acessos regulares.

Gédéon Spilett reconheceu isso a 6 de dezembro. Os dedos, o nariz e as orelhas do pobre rapaz tornaram-se extremamente pálidos e ele foi tomado de arrepios, de tremuras terríveis. O pulso estava fraco e irregular, a pele seca, a sede intensa. A esse período sucedeu-se um outro de calor; o rosto animou-se, a pele tornou-se vermelha, o pulso acelerou-se; depois, manifestou-se um suor abundante, e em seguida a febre pareceu mostrar tendência para diminuir. O acesso durara cerca de cinco horas.

Gédéon Spilett não deixara Harbert, que se encontrava agora sob o efeito de uma febre intermitente, que era necessário debelar antes que se tornasse grave de mais.

— E para a debelar — disse Gédéon Spilett a Cyrus Smith — precisamos de um febrífugo!

— Um febrífugo!... — respondeu o engenheiro. — Não temos quinquina, nem sulfato de quinino!

— Não — disse Gédéon Spilett —, mas há salgueiros à beira do lago, e a casca do salgueiro pode às vezes substituir a quinquina.

— Então experimentemo-la sem perda de um instante! — disse Cyrus Smith.

A casca do salgueiro tem sido justamente considerada como um sucedâneo da quinquina, assim como o castanheiro-da-índia, a folha de azevinho, a serpentária, etc. Era preciso evidentemente experimentar essa substância, se bem que não valesse a quinquina, e utilizá-la no estado natural, visto que faltavam os meios para extrair dela o alcaloide, isto é, a salicilina.

Cyrus Smith foi cortar ao tronco de uma espécie de salgueiro-negro alguns bocados de casca; levou-os depois para Granite-House e reduziu-os a pó, e esse pó foi administrado a Harbert nessa mesma noite.

A noite passou-se sem incidentes graves. Harbert delirou um pouco, mas a febre não subiu durante toda a noite, nem no dia seguinte.

Pencroff sentiu renascerem-lhe as esperanças. Gédéon Spilett, por seu lado, não dizia nada. Podia ser que a febre fosse intermitente e que voltasse no dia seguinte, e esperava ansiosamente esse dia.

Podiam observar, além do mais, que durante o período em que não tinha febre Harbert ficava como que quebrado, com a cabeça pesada e atordoada. Outro sintoma que assustava terrivelmente o repórter era perceber que o fígado de Harbert estava terrivelmente congestionado, e em breve um delírio mais forte demonstrou que também o cérebro estava a ficar congestionado.

Gédéon Spilett ficou aterrado com essa nova complicação. Chamou o engenheiro de lado.

— É uma febre perniciosa! — disse-lhe.

— Uma febre perniciosa! — exclamou Cyrus Smith. — Está enganado, Spilett. Uma febre perniciosa não se declara assim espontaneamente. É preciso ter um germe!...

— Não estou enganado — respondeu o repórter. — Harbert deve sem dúvida ter apanhado esse germe nos pântanos da ilha, e isso basta. Já teve um primeiro acesso, se aparece um segundo e não conseguirmos impedir o terceiro, está perdido!...

— Mas a casca do salgueiro?...

— É insuficiente — retorquiu Spilett. — E um terceiro acesso de febre perniciosa que não seja tratado com quinina é sempre mortal!

Felizmente, Pencroff nada ouvira desta conversa: teria endoidecido.

Compreende-se portanto as inquietações sentidas pelo repórter e pelo engenheiro durante esse dia 7 de novembro e durante a noite seguinte.

A meio do dia deu-se o segundo acesso. A crise foi terrível! Harbert sentia-se perdido! Estendia os braços para Cyrus Smith, para Spilett, para Pencroff. Não queria morrer!...

Foi uma cena dilacerante. Foi preciso afastar Pencroff.

O acesso durou cinco horas. Era evidente que Harbert não suportaria um terceiro ataque daqueles.

A noite foi terrível. No seu delírio, Harbert dizia coisas que despedaçavam o coração dos seus companheiros! Delirava, lutava contra os piratas, chamava Ayrton! Suplicava ao ser misterioso, ao protetor desaparecido cuja imagem o obcecava... Depois caía numa prostração profunda, que o aniquilava completamente... Por várias vezes Spilett julgou que o pobre rapaz estava morto!

No dia seguinte, 8 de dezembro, a fraqueza de Harbert era ainda maior. As mãos emagrecidas do jovem crispavam-se sobre os lençóis. Tinham-lhe administrado novas doses de casca esmagada, mas o repórter não esperava qualquer resultado animador.

— Se antes de amanhã de manhã não lhe tivermos dado algum febrífugo mais enérgico — disse o repórter —, Harbert morrerá!

A noite chegou — sem dúvida a última noite daquela criança corajosa, boa, inteligente, tão superior à sua idade, e que todos amavam como a um filho! O único remédio que existia contra aquela

febre terrível, o único produto específico que poderia vencê-la, não existia na ilha Lincoln!

Durante essa noite de 8 para 9 de dezembro, Harbert foi atacado por um delírio mais intenso. O fígado estava terrivelmente congestionado, o cérebro atacado e já não conhecia ninguém.

Viveria até ao dia seguinte, até ao terceiro acesso que inevitavelmente o havia de matar? Não era provável.

As suas forças estavam esgotadas, e, no intervalo das crises, ele parecia inanimado.

Por volta das três horas da manhã, Harbert soltou um grito assustador. Parecia contorcer-se numa suprema convulsão. Nab, que se encontrava junto dele, assustado, precipitou-se para o quarto ao lado para chamar os seus companheiros!

Nesse momento, *Top* ladrou de uma maneira estranha...

Todos correram para o quarto e seguraram o rapaz moribundo, que queria atirar-se da cama abaixo, enquanto Gédéon Spilett, que o tomara nos braços, sentia o pulso ficar um pouco mais forte.

Eram cinco horas da manhã. Os raios do sol-nascente começavam a entrar nos quartos de Granite-House. Anunciava-se um belo dia, e esse dia ia ser o último do pobre Harbert...

Um raio de sol deslizou até à mesa colocada junto da cama.

De súbito, Pencroff, soltando um grito, apontou para uma caixa colocada em cima dessa mesa...

Era uma caixinha redonda, em cuja tampa se liam estas palavras: «Sulfato de quinina.»

Capítulo 11

Gédéon Spilett pegou na caixa e abriu-a. Continha cerca de duzentos grãos de um pó branco, de que ele levou à boca algumas partículas. O amargor extremo dessa substância não podia enganá-lo. Era realmente o precioso alcaloide de quinquina, febrífugo por excelência.

Era preciso administrar esse pó a Harbert sem hesitações. A maneira como ele ali fora parar seria discutida depois.

— Café — pediu Gédéon Spilett.

Alguns instantes depois, trazia Nab uma chávena dessa infusão, tépida. O repórter deitou nela cerca de dezoito grãos de quina²¹ e conseguiram fazer com que Harbert engolisse a mistura.

Ainda ia a tempo, pois o terceiro acesso ainda não se manifestara.

E, seja-nos permitido acrescentar, não devia voltar.

De resto, devemos dizê-lo, todos tinham recomeçado a ter esperanças. A influência misteriosa exercera-se de novo, e num momento supremo, quando já desesperavam dela!...

Ao fim de algumas horas, Harbert descansava mais tranquilamente. Os colonos puderam então falar do incidente. A intervenção do desconhecido era, mais do que nunca, indubitável. Mas como pudera ele entrar durante a noite em Granite-House? Era absolutamente inexplicável, e, na verdade, o modo como o «génio da ilha» procedia era tão estranho como a sua própria existência.

Durante esse dia, de três em três horas aproximadamente, o sulfato de quinina foi administrado a Harbert.

No dia seguinte, o pobre rapaz começou a sentir algumas melhoras. Claro que não estava curado, e as febres intermitentes estão sujeitas a perigosos e frequentes retrocessos, mas os cuidados não lhe faltaram. E o remédio estava ali e, não muito longe, certamente, aquele que o trouxera. Uma intensa esperança voltou ao coração de todos.

Essas esperanças não foram desiludidas. Dez dias depois, a 20 de dezembro, Harbert entrava em convalescença. Estava ainda fraco e havia-lhe sido imposta uma dieta severa, mas não voltara a ter qualquer acesso. E depois, o dócil rapaz submetia-se de tão boa vontade a tudo o que lhe mandavam fazer! Tinha um desejo tão grande de se curar!

Pencroff parecia um homem a quem tivessem retirado do fundo de um abismo. Tinha transportes de alegria que atingiam o delírio. Depois de o terceiro acesso ter passado, ele apertara o repórter nos braços, quase o sufocando. Desde então passou a chamar-lhe sempre «doutor» Spilett.

Contudo, faltava descobrir o verdadeiro doutor.

— Havemos de o descobrir! — repetia o marinheiro.

E na verdade, esse homem, fosse quem fosse, devia esperar receber um apertado abraço do digno marinheiro!

O mês de dezembro terminou, e com ele esse ano de 1867, no qual os colonos da ilha Lincoln tinham sido tão duramente postos à prova. Entraram no ano de 1868 com um tempo magnífico, um calor soberbo, uma temperatura tropical, que a brisa do mar felizmente refrescava. Harbert renascia, e, da sua cama, colocada perto de uma

das janelas de Granite-House, aspirava o ar salubre, carregado de emanações salinas, que lhe devolvia a saúde. Começava a comer e sabe Deus que belos pratinhos, leves e saborosos que lhe preparava Nab!

— Era de causar inveja e de ter querido estar moribundo! — dizia Pencroff.

Durante todo aquele período, os piratas não se tinham mostrado uma única vez nos arredores de Granite-House. De Ayrton não tiveram notícias, e se o engenheiro e Harbert conservavam ainda certas esperanças de o voltar a ver, os seus companheiros já não tinham dúvidas de que o infeliz sucumbira. Todavia essas incertezas não podiam durar, e, logo que o jovem Harbert estivesse completamente curado, a expedição, cujos resultados seriam tão importantes, seria iniciada. Mas era talvez preciso esperar um mês ainda, pois faziam falta todas as forças da colónia para enfrentar os piratas.

Harbert estava cada vez melhor. O congestionamento do fígado desaparecera e as feridas podiam considerar-se definitivamente cicatrizadas.

Durante esse mês de janeiro, foram feitos no planalto da Grande Vista importantes trabalhos; mas destinados unicamente a salvar aquilo que poderia ser salvo das colheitas devastadas, tanto em trigo como em legumes. Os grãos e as plantas foram recolhidos, de modo a poderem fornecer nova colheita para a estação seguinte. Quanto a reconstruir os edifícios da capoeira, do moinho, das cavalariças, Cyrus Smith decidiu esperar. Enquanto ele e os seus companheiros perseguiam os piratas, estes podiam fazer nova visita ao planalto, e

não queria que eles estragassem outra vez o trabalho feito. Quando esses salteadores tivessem deixado a ilha, então se veria.

O jovem convalescente começara a levantar-se na segunda quinzena do mês de janeiro, primeiro uma hora por dia, depois duas ou três. Recuperava as forças a bom ritmo, pois a sua constituição era muito vigorosa. Harbert tinha então dezoito anos. Era alto e prometia vir a ser um homem de nobre e bela presença. A partir desse momento, a sua convalescença, embora exigindo ainda alguns cuidados — e o «doutor» Spilett mostrava-se bastante severo —, começou a avançar normalmente.

Perto do fim do mês, já Harbert percorria o planalto da Grande Vista e os areais. Alguns banhos de mar tomados em companhia de Nab e de Pencroff ajudaram o processo de cura. Cyrus Smith julgou poder marcar o dia da partida para a expedição, que foi fixado para 15 de fevereiro próximo. As noites, muito claras nessa época do ano, seriam propícias às pesquisas que eles queriam fazer por toda a ilha.

Os preparativos exigidos para essa exploração foram portanto começados, e deviam ser importantes, pois os colonos tinham jurado não regressar a Grani te-house sem que o seu duplo objetivo fosse atingido: por um lado, destruir os piratas e encontrar Ayrton, se ele ainda vivesse; por outro, descobrir aquele que tão eficazmente os protegia nas mais críticas situações.

Da ilha Lincoln, os colonos conheciam a fundo toda a costa oriental, desde o cabo Garra até aos cabos Mandíbulas, os vastos pântanos dos Patos-Reais, os arredores do lago Grant, os bosques do Jacamar, incluindo a estrada do curral, e as margens do rio das Mercês e do Creek Vermelho, e por fim os contrafortes do monte Franklin, entre os quais fora instalado o curral.

Haviam explorado, mas apenas superficialmente, o vasto litoral da baía Washington, desde o cabo Garra até ao promontório do Réptil, a orla florestal e pantanosa da costa ocidental e as incontáveis dunas que terminavam nas goelas entreabertas do golfo do Tubarão.

Porém, não conheciam de modo nenhum as zonas arborizadas que cobriam a península Serpentina, toda a margem direita do rio das Mercês, a margem esquerda do rio da Queda, e o matagal emaranhado que formava os contrafortes onde se apoiavam três quartos da base do monte Franklin, a oeste, a norte e a leste, onde sem dúvida existiriam muitos retiros profundos. Por vários motivos, milhares de acres da ilha escapavam ainda à sua investigação.

Foi portanto decidido que a expedição se faria através do Far West, de maneira a englobar toda a parte situada na margem direita do rio das Mercês.

Talvez fosse melhor dirigirem-se primeiro ao curral, onde se receava que os piratas se tivessem refugiado de novo, quer para o pilharem, quer para lá se instalarem. Mas, ou a devastação do curral era agora um facto, e era demasiado tarde para a impedir, ou se os piratas se tivessem entrincheirado ali poderiam sempre ir atacá-los ao seu retiro.

Depois de discutirem o caso, o primeiro plano foi mantido, e os colonos resolveram atingir o promontório do Réptil através do bosque. Iriam desbravando caminho com a ajuda dos machados, e abririam assim o primeiro traçado de uma nova via, que poria em comunicação Granite-House e a extremidade da península, numa extensão de dezasseis a dezassete milhas.

O carro estava em perfeito estado de conservação. Os *onaggas*, bem repousados, poderiam puxá-lo sem se cansarem. Víveres, objetos para o acampamento, cozinha portátil, objetos diversos — tudo foi carregado no carro, assim como as armas e as munições, escolhidas cuidadosamente no arsenal agora tão completo de Granite-House. Mas era preciso não esquecer que talvez os piratas percorressem os bosques, e que no meio dessas espessas florestas um tiro poderia ser rapidamente disparado e atingir o seu alvo. Daí a necessidade de o pequeno grupo se manter unido e de não se dividir sob qualquer pretexto.

Foi também decidido que ninguém ficaria em Granite-House. Até *Top* e *Jup* deviam tomar parte na expedição. A moradia inacessível devia guardar-se sozinha.

O dia 14 de fevereiro, véspera da partida, era um domingo. Foi inteiramente consagrado ao repouso e santificado pelas ações de graças que os Colonos dirigiram ao Criador. Harbert, completamente curado, mas ainda um pouco fraco, iria no carro.

No dia seguinte, ao nascer do dia, Cyrus Smith tomou as medidas necessárias para pôr Granite-House ao abrigo de qualquer invasão. As escadas que outrora serviam para o acesso foram levadas para as Chaminés e profundamente enterradas na areia, de maneira a poderem servir no regresso, depois o tambor do ascensor foi desmontado, e nada ficou do aparelho. Pencroff foi o último a sair de Granite-House para terminar esse trabalho, e desceu por meio de uma corda, que foi retirada logo que ele chegou ao solo, deixando assim de haver qualquer comunicação entre o patamar superior e o areal.

O tempo estava magnífico.

— Vai estar um dia muito quente! — disse o repórter.

— Não tem importância, «doutor» Spilett — respondeu Pencroff.

— Vamos caminhar debaixo das árvores e nem sentimos o sol.

— A caminho! — disse o engenheiro.

O carro esperava na margem, diante das Chaminés. O repórter quis que Harbert tomasse lugar nele, pelo menos durante as primeiras horas da viagem, e o jovem teve de se submeter às ordens do seu «médico».

Nab colocou-se à frente dos *onaggas*. Cyrus Smith, o repórter e o marinheiro iam um pouco adiante. *Top* corria com ar alegre e Harbert ofereceu lugar a *Jup* no carro, que este aceitou sem cerimónias. O momento da partida chegara, e o pequeno grupo iniciou a marcha.

O carro contornou a embocadura do rio e depois, após ter subido durante uma milha a margem esquerda do rio das Mercês, atravessou a ponte, na extremidade da qual se iniciava a estrada de porto Balão. Ali, os colonos, deixando a estrada à sua esquerda, passaram a ficar a coberto dos imensos bosques da região do Far West.

Durante as duas primeiras milhas, as árvores, muito espaçadas, permitiam ao carro circular livremente; de tempos a tempos, era preciso cortar algumas lianas e abrir caminho através do mato espesso, mas nenhum obstáculo sério deteve a marcha dos colonos.

A espessa ramagem das árvores mantinha uma sombra fresca no solo. *Deodars*, *douglas*, casuarinas, *baksias*, árvores de goma, dragueiros e outras árvores, já conhecidas dos colonos, sucediam-se para além dos limites do olhar. Havia ali enorme quantidade de pássaros que habitualmente se encontravam na ilha: tetrazes,

jacamares, faisões, loris e toda a barulhenta família das catatuas, papagaios e periquitos fazia ouvir o seu tagarelar incessante. Cangurus, agutis e cabiais corriam por entre as ervas altas, fazendo lembrar aos colonos a sua primeira expedição depois da chegada à ilha.

— No entanto — observou Cyrus Smith —, observo que estes animais, quadrúpedes e aves, se mostram mais receosos do que outrora. Estes bosques devem ter sido recentemente percorridos pelos piratas, cujos rastros devemos ir encontrar.

E, com efeito, em muitos sítios foram encontrar sinais da passagem mais ou menos recente de um grupo de homens: ramos quebrados, talvez com a intenção de assinalar o caminho; cinzas de uma lareira apagada e pegadas, que algumas partes do terreno tinham conservado. Mas não encontraram nada que pudesse provar a presença de um acampamento definitivo.

Cyrus Smith dissera aos companheiros que se abstivessem de caçar: as detonações das armas de fogo poderiam alertar os piratas, que talvez rondassem na floresta. De resto, para caçar teriam de se afastar do carro, e era absolutamente desaconselhável separarem-se.

Na segunda parte do dia, a cerca de seis milhas de Granite-House, a progressão tornou-se bastante difícil. Para poderem passar em certos sítios, tiveram de abater árvores e abrir caminho. Antes de prosseguirem, Cyrus Smith teve o cuidado de enviar como batedores *Top* e *Jup*, os quais cumpriram conscienciosamente o seu mandato, e quando o cão e o macaco voltaram sem terem dado qualquer sinal de alarme, concluíram que não havia nada a temer, nem da parte dos piratas, nem da parte das feras duas espécies de

indivíduos do gênero animal que os seus instintos ferozes punham ao mesmo nível.

Na noite desse primeiro dia, os colonos acamparam, a nove milhas aproximadamente de Granite-House, à beira de um pequeno lago do rio das Mercês, cuja existência eles ignoravam, e que, por certo, estava ligado ao sistema hidrográfico a que o solo devia a sua espantosa fertilidade.

Comeram bem, pois o apetite era muito, e fizeram-se os preparativos necessários para que a noite se passasse sem problemas. Se o engenheiro receasse apenas os animais ferozes, jaguares ou outros quaisquer, teria simplesmente acendido fogueiras em redor do seu acampamento, o que bastaria para o defender; mas os piratas, por seu lado, seriam mais atraídos do que afastados pelas chamas, e mais valia, nesse caso, rodearem-se de profundas trevas.

A vigilância foi, de resto, severamente organizada. Os colonos deviam ficar de vigia dois a dois, e, de duas em duas horas, estava combinado que seriam rendidos pelos seus camaradas. Ora, como, apesar das suas reclamações, Harbert foi dispensado de fazer guarda, Pencroff e Spilett por um lado, Cyrus Smith e Nab por outro, passaram a noite de guarda nas imediações do acampamento.

De resto, houve apenas algumas horas de escuridão. A obscuridade era mais devida à espessura dos ramos que ao desaparecimento do sol. O silêncio era apenas perturbado pelos urros roucos dos jaguares e pelos gritos dos macacos, que pareciam irritar especialmente mestre *Jup*.

A noite passou-se sem incidente, e, no dia seguinte, 16 de fevereiro, a marcha, mais lenta do que difícil, recomeçou através da floresta.

Nesse dia só puderam percorrer seis milhas, pois a cada instante era necessário abrir caminho com o machado. Verdadeiros *setlers*, os colonos poupavam as grandes árvores, que lhes teriam causado grandes fadigas, e sacrificavam as mais pequenas; mas daí resultava que a estrada tomava uma direção pouco retilínea e aumentava de extensão com numerosos desvios.

Durante esse dia, Harbert descobriu novas plantas e arbustos, cuja presença não fora ainda detetada na ilha, como os fetos arborescentes, com folhas pendentes, que pareciam abrir-se como as águas de um repuxo, e as alfarrobeiras, cujas folhas os *onaggas* comeram avidamente, e que forneceram uma polpa açucarada, com um gosto excelente. Os colonos também ali encontraram magníficos *hauris*, dispostos por grupos, e cujos troncos cilíndricos, coroados por um cone de verdura, se elevavam a uma altura de duzentos pés. Eram bem as árvores reais da Nova Zelândia, tão célebres como os cedros do Líbano.

Quanto à fauna, não encontraram outros exemplares além dos que já tinham identificado. No entanto, viram, mas sem se aproximarem deles, um casal dessas grandes aves que se encontram especialmente na Austrália, uma espécie de casuares, às quais se dá o nome de emas, com uns cinco pés de altura, de plumagem castanha, que pertencem à ordem das aves pernaltas. *Top* correu atrás delas com toda a velocidade das suas quatro patas, mas os casuares distanciaram-se rapidamente, tão prodigiosa é a sua rapidez.

Quanto aos rastos deixados pelos piratas na floresta, descobriram ainda alguns. Perto de uma fogueira que parecia ter sido apagada há pouco tempo, detetaram os colonos sinais de

pegadas, que observaram com a maior atenção. Examinando-as uma após outra com extrema atenção, no seu comprimento e largura, facilmente concluíram que se tratavam de pegadas deixadas por cinco homens. Os cinco piratas tinham evidentemente acampado ali; contudo — e aí residia a razão principal de tão cuidado exame —, não conseguiram encontrar sinais de um sexto homem, que, nesse caso, seriam de Ayrton.

— Ayrton não se encontrava com eles! — concluiu Harbert.

— Não — respondeu Pencroff. — E se não estava com eles é porque esses miseráveis já o mataram! Esses miseráveis hão de ter um covil onde nós possamos ir caçá-los como se fossem tigres!

— Não — respondeu Harbert —; é mais provável que eles andem ao acaso por aí até se tornarem donos da ilha.

— Senhores da ilha! — exclamou o marinheiro. — Senhores da ilha!... — repetiu ele, e a sua voz estava estrangulada como se um punho de ferro lhe apertasse a garganta. Depois, num tom mais calmo: — Sabe, senhor Cyrus, qual é a bala que eu meti na minha espingarda?

— Não, Pencroff!

— É a que atravessou o peito de Harbert, e prometo-lhe que não falharei o alvo!

Contudo, essas justas represálias não podiam devolver a vida a Ayrton, e do exame das pegadas deixadas no solo tiveram infelizmente de concluir que não havia esperanças de o encontrar vivo!

Nessa noite o acampamento foi instalado a catorze milhas de Granite-House, e Cyrus Smith calculou que não devia encontrar-se a mais de cinco milhas do promontório do Réptil.

Com efeito, no dia seguinte, atingiu-se a extremidade da península, depois de atravessada a floresta em toda a sua extensão; mas nenhum indício permitira encontrar o refúgio onde os piratas se haviam acoitado, nem o outro, não menos secreto, que abrigava o misterioso desconhecido.

Capítulo 12

O dia seguinte, 18 de fevereiro, foi dedicado à exploração de toda essa parte arborizada que formava o litoral desde o promontório do Réptil até ao rio da Queda. Os colonos puderam revistar a fundo essa floresta, cuja largura variava de três a quatro milhas, pois estava incluída entre as duas margens da península Serpentina. As árvores, pelo seu alto porte e ramagem espessa, equivaliam-se à poderosa vegetação do solo, mais luxuriante ali do que em qualquer outra zona da ilha. Dir-se-ia uma fração dessas florestas virgens da América ou da África Central transportada para aquela zona média — o que levava a admitir que esses soberbos vegetais encontravam no solo, húmido na sua parte superior, mas quente no interior pelos fogos vulcânicos, um calor que não podia pertencer a um clima temperado. As árvores que dominavam ali eram precisamente os enormes *kauris* e eucaliptos, de dimensões gigantescas.

O objetivo dos colonos não era porém admirar esses belos vegetais. Eles sabiam que sob esse aspeto aquela zona da ilha Lincoln mereceria tomar lugar entre o grupo das Canárias, cujo primeiro nome foi o de ilhas Afortunadas. Infelizmente, agora a sua ilha não lhes pertencia inteiramente; outros se tinham apropriado dela; celerados que tudo devastavam e que era preciso eliminar até ao último.

Na costa ocidental também não se encontrou qualquer rasto, não obstante a extrema minúcia das pesquisas: nem pegadas, nem

ramos quebrados, nem cinzas arrefecidas, nem acampamentos abandonados.

— Isto não me espanta — disse Cyrus Smith aos companheiros. — Os piratas chegaram à ilha nos arredores da ponta do Destroço, e entraram imediatamente nas florestas do Far West, depois de terem atravessado o charco dos Patos-Reais. Portanto, seguiram mais ou menos o caminho que nós tomámos ao sair de Granite-House. É o que explica os rastos que nós encontramos nos bosques. Mas, uma vez chegados ao litoral, compreenderam que ali não encontrariam um retiro conveniente, e foi então que, subindo para norte, encontraram o curral...

— Onde talvez tenham voltado — sugeriu Pencroff.

— Não penso assim — respondeu o engenheiro —, pois devem calcular que as nossas pesquisas incidirão sobre esse lado. Para eles, o curral é apenas um local de abastecimento, e não um acampamento definitivo.

— Sou da opinião de Cyrus — disse o repórter —; segundo o meu ponto de vista, os piratas devem ter encontrado um refúgio nos contrafortes do monte Franklin.

— Então, senhor Cyrus, vamos para o curral! — exclamou Pencroff. — Temos de acabar com eles e até aqui perdemos o nosso tempo!

— Não, meu amigo — respondeu o engenheiro. — Esquece que tínhamos interesse em saber se as florestas do Far West teriam alguma casa nas suas brenhas. A nossa exploração tem um duplo objetivo, Pencroff. Se, por um lado, devemos castigar o crime, por outro temos um ato de reconhecimento a cumprir!

— Bem dito, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — Contudo, a minha opinião é que só encontraremos esse senhor se ele o desejar!

E, verdadeiramente, Pencroff apenas exprimia a opinião de todos. Era provável que o retiro do desconhecido fosse tão misterioso como ele próprio!

Nessa noite, o carro parou na embocadura do rio da Queda. O acampamento foi organizado como de costume e foram tomadas as precauções habituais. Harbert, outra vez o rapaz forte e vigoroso que era antes da sua doença, aproveitava largamente aquela existência ao ar livre, entre as brisas do oceano e a atmosfera vivificante das florestas. O seu lugar já não era no carro, como convalescente, mas sim à frente da caravana.

No dia seguinte, 19 de fevereiro, os colonos, abandonando o litoral, sobre o qual se amontoavam tão pitorescamente os basaltos de todas as formas, subiram o curso do rio pela margem esquerda. A estrada já fora aberta durante as expedições anteriores, feitas desde o curral até ao lado oeste. Os colonos encontravam-se a uma distância de seis milhas do monte Franklin.

O projeto do engenheiro era este: observar minuciosamente todo o vale cujo talvegue formava o leito do rio, e alcançar sem ser visto os arredores do curral; se estivesse ocupado, desocupá-lo-ia à força; se tal não se verificasse, emboscar-se ali e fazer do curral o centro das operações que teriam por objetivo a exploração do monte Franklin. Este plano foi aprovado pelos companheiros, sem reservas, pois estavam ansiosos por tomar posse da sua ilha, exterminando os piratas.

Assim, embrenharam-se pelo estreito vale que dividia dois dos maiores contrafortes do monte Franklin. As árvores, comprimidas dos dois lados do rio, iam rareando nas zonas superiores do vulcão. Era um solo muito acidentado, próprio para emboscadas, e no qual tinham de caminhar com extrema precaução. *Top* e *Jup* precediam-nos, e, batendo tanto o lado esquerdo como o direito do matagal, rivalizavam em inteligência e astúcia. Todavia, nada indicava que as margens do rio tivessem sido ultimamente frequentadas, pois indício algum denunciava quer a presença, quer a proximidade dos piratas.

Por volta das cinco horas da tarde, o carro parou a cerca de seiscentos passos da paliçada do recinto. Uma cortina semicircular de grandes árvores ocultava-o.

Tratava-se portanto de observar o curral, a fim de se saber se estava ocupado. Avançar a descoberto para lá, em plena claridade, era sujeitarem-se a ser atingidos por uma bala, como sucedera a Harbert. Mais valia portanto esperar pela noite.

Entretanto, Gédéon Spilett queria reconhecer sem demora as imediações do curral, e Pencroff, sem paciência para esperar mais, ofereceu-se para o acompanhar.

— Não, meus amigos — respondeu o engenheiro. — Esperem pela noite. Não deixarei que se exponham à luz do dia.

— Mas, senhor Cyrus... — replicou o marinheiro, pouco disposto a obedecer.

— Peço-lhe, Pencroff — disse o engenheiro.

— Seja! — replicou Pencroff, que deu outro curso à sua cólera gratificando os piratas com os mais rudes epítetos do repertório marítimo.

Os colonos permaneceram portanto em redor do carro, e observaram com cuidado a orla da floresta.

Três horas se passaram assim. O vento tinha caído e um silêncio absoluto reinava entre as grandes árvores. Um pequeno ramo partido, um ruído de passos sobre as folhas secas, o deslizar de um corpo entre as ervas altas, seriam ouvidos sem dificuldade. Estava tudo tranquilo. Além disso, *Top* não dava sinais da menor inquietação.

Às oito horas, a noite pareceu suficientemente escura para que o reconhecimento pudesse ser feito em boas condições. Gédéon Spilett declarou-se pronto a atuar, em companhia de Pencroff. Cyrus Smith consentiu. *Top* e *Jup* deviam ficar com o engenheiro, Harbert e Nab, pois um simples latido ou um grito podiam denunciá-lo.

— Não se arrisquem demasiado — recomendou Cyrus Smith ao marinheiro e ao repórter. — Não é necessário apoderarmo-nos do curral, basta que saibamos se está ocupado ou não.

— Assim faremos — respondeu Pencroff.

E partiram.

Debaixo das árvores, graças à espessura da ramagem, uma certa obscuridade tornava os objetos invisíveis para além de um raio de trinta ou quarenta pés. O repórter e Pencroff paravam logo que qualquer ruído lhes parecia suspeito e só avançavam com as mais extremas precauções.

Caminhavam afastados um do outro, a fim de oferecerem menor alvo para qualquer tiro: na verdade, esperavam, a todo o momento, ouvir uma detonação.

Cinco minutos depois, tinham Pencroff e Gédéon Spilett chegado à orla do bosque diante da qual se erguia o recinto rodeado da

paliçada.

Fizeram alto. Algumas vagas claridades iluminavam ainda a planície sem árvores. A trinta passos via-se a porta do curral, que parecia estar fechada. Àqueles trinta passos que tinham de atravessar entre a orla do bosque e o recinto constituíam a zona perigosa, para utilizar uma expressão da gíria da balística. Com efeito, uma ou várias balas, disparadas do alto da paliçada, deteriam quem quer que se aventurasse nessa zona.

O repórter e o marinheiro não eram homens para recuar, mas sabiam que uma imprudência sua, da qual eles seriam as primeiras vítimas, recairia em seguida sobre os companheiros. Se os matassem, que sucederia a Cyrus Smith, a Nab e a Harbert?

Porém, Pencroff, extremamente excitado por se saber tão perto do curral, onde pensava que os piratas se haviam refugiado, ia lançar-se para a frente quando o repórter o reteve com uma mão vigorosa.

— Dentro de instantes estará completamente escuro — murmurou Gédéon Spilett ao ouvido de Pencroff —, e então será o momento de agir.

O marinheiro, apertando convulsivamente a coronha da espingarda, esperou, resmungando.

Em breve, as últimas claridades do crepúsculo apagavam-se por completo. A sombra, que parecia sair da espessura da floresta, invadia a clareira. O monte Franklin erguia-se como um enorme biombo diante do horizonte do sol-poente, e a obscuridade total apareceu rapidamente, como sucede nas regiões de baixa latitude. Era chegada a altura.

O repórter e Pencroff, desde que se encontravam na orla do bosque, não tinham perdido de vista o recinto da paliçada. O curral parecia estar completamente abandonado. O cimo da paliçada formava uma linha um pouco menos escura que a sombra circundante, e nada alterava a tranquilidade total. No entanto, se os piratas ali estavam, podiam ter um dos seus de guarda, a fim de prevenir qualquer surpresa.

Gédéon Spilett apertou a mão ao companheiro, e ambos avançaram para o curral, rastejando, com as espingardas prontas a disparar.

Chegaram à porta da paliçada sem que a sombra tivesse sido sulcada por um único raio de luz.

Pencroff tentou empurrar a porta, que, como ele e o repórter pensavam, estava fechada. No entanto, o marinheiro verificou que os ferrolhos exteriores não haviam sido colocados.

Podia portanto concluir-se que os piratas ocupavam o curral, e que provavelmente tinham prendido a porta de maneira a ninguém poder abri-la.

Pencroff e Gédéon Spilett ficaram de ouvido à escuta.

Não se ouvia nenhum ruído no interior do recinto. Os cabritos-monteses e as cabras, adormecidos nos seus estábulos, não perturbavam em absoluto a calma da noite.

Não ouvindo nada, o repórter e o marinheiro perguntavam a si próprios se deviam escalar a paliçada e entrar no curral, o que contrariava as instruções de Cyrus Smith.

É verdade que a operação podia ter êxito, mas também podia falhar. Ora, se os piratas de nada suspeitavam, se não tinham conhecimento da expedição contra eles, se havia probabilidades de

os surpreender, deviam eles comprometer essa possibilidade atrevendo-se a subir a paliçada?

O repórter achava que não. Parecia-lhe mais razoável esperar que os colonos estivessem todos reunidos, para tentarem então entrar no curral. O que era certo é que podiam chegar à paliçada sem ser vistos, e que o recinto não devia estar guardado. Decidida esta questão, só lhes restava voltar ao carro, onde se encontravam os companheiros.

Pencroff partilhava também desta maneira de pensar, pois não fez nenhuma objeção quando o repórter retrocedeu para o bosque.

Alguns minutos depois, o engenheiro era posto ao corrente da situação.

— Bem — disse ele, depois de ter refletido —, creio que os piratas não estão no curral.

— Sabê-lo-emos depois de termos subido a paliçada! — replicou Pencroff.

— Vamos então para o curral, meus amigos — disse Cyrus Smith.

— Deixamos o carro no bosque? — perguntou Nab.

— Não — respondeu o engenheiro. — É o nosso furgão de munições e de víveres, e, caso seja necessário, servir-nos-á de trincheira.

— Então, para a frente! — exclamou Gédéon Spilett.

O carro saiu do bosque e começou a rolar sem ruído para junto da paliçada. O silêncio era tão completo como quando Pencroff e o repórter, rastejando, se tinham afastado em direção ao bosque. A erva, espessa, abafava completamente o ruído dos passos.

Os colonos estavam prontos para fazer fogo. *Jup*, por ordem de Pencroff, ia atrás. Nab levava *Top* preso por uma trela, para que não

se lançasse para diante.

A clareira estava deserta. O pequeno grupo dirigiu-se sem hesitar para o recinto. Num curto espaço de tempo, a zona perigosa foi atravessada. Nem um tiro fora disparado. Quando atingiu a paliçada, o carro parou. Nab ficou à frente dos *onaggas* para os segurar. O engenheiro, o repórter, Harbert e Pencroff dirigiram-se então para a porta, a fim de se certificar se se encontrava aferrolhada por dentro.

Um dos batentes estava aberto!

— Não corresponde ao que me relataram! — estranhou Cyrus Smith, voltando-se para Pencroff e Spilett.

Ambos estavam espantados.

— Pela minha saúde! — exclamou Pencroff. — Esta porta encontrava-se fechada há pouco!

Então, os colonos hesitaram. Estavam então os piratas no curral no momento em que eles faziam o reconhecimento? Não podiam restar dúvidas a esse respeito, pois a porta encontrava-se fechada nessa altura e agora aparecia aberta! E agora, ainda lá estariam ou já teriam saído?

Todas estas perguntas acudiram repentinamente ao espírito dos colonos, mas como responder-lhes?

Nesse momento, Harbert, que avançara alguns passos no interior do recinto, recuou precipitadamente e agarrou na mão de Cyrus Smith.

— Que sucedeu? — perguntou o engenheiro.

— Uma luz!

— Dentro de casa?

— Sim!

Os cinco avançaram para a casa e, com efeito, viram luz através dos vidros da janela.

Cyrus Smith tomou rapidamente uma resolução:

— É uma oportunidade única — disse aos seus companheiros — de encontrarmos os piratas fechados em casa, sem esperarem nada! São nossos! Para a frente!

Os colonos deslizaram então silenciosamente para o recinto, prontos a disparar ao menor sinal. O carro mantivera-se lá fora à guarda de *Top* e de *Jup*, que tinham ficado amarrados a ele por prudência.

Cyrus Smith, Pencroff, Gédéon Spilett, por um lado, Harbert e Nab, por outro, caminharam ao longo da paliçada, observando aquela parte do curral que estava completamente escura e silenciosa.

Em poucos instantes chegavam todos diante da casa, perto da porta que estava fechada.

Cyrus Smith fez aos seus companheiros sinal para não se mexerem e aproximou-se do vidro, fracamente iluminado pela luz interior.

O seu olhar observou a única divisão da casa.

Sobre a mesa, via-se uma candeia acesa. Perto da mesa ficava a cama onde dantes dormia Ayrton.

Sobre essa cama repousava o corpo de um homem.

De repente, Cyrus Smith recuou e, com voz abafada, exclamou:

— Ayrton!

Imediatamente, a porta foi aberta com violência e os colonos precipitaram-se para o quarto.

Ayrton parecia dormir. O rosto mostrava que ele sofrera longa e cruelmente. Nos punhos e nos tornozelos viam-se grandes feridas.

Cyrus Smith inclinou-se sobre ele.

— Ayrton! — exclamou o engenheiro, agarrando o braço daquele que acabava de descobrir em circunstâncias tão inesperadas.

Ao ouvir essa voz, Ayrton abriu os olhos e olhando para Cyrus Smith e para os outros colonos, murmurou:

— Vocês! Vocês aqui!

— Ayrton! Ayrton! — repetiu Cyrus Smith.

— Onde estou eu?

— Na casa do curral.

— Só?

— Sim!

— Mas eles estão a chegar! — exclamou Ayrton. — Defendem-se! Defendam-se!

E Ayrton deixou-se cair, esgotado.

— Spilett — disse então o engenheiro —, podemos ser atacados de um momento para o outro. Mande entrar o carro para o curral. Depois barriquem a porta e voltem todos para aqui.

Pencroff, Nab e o repórter apressaram-se a cumprir as ordens do engenheiro. Não havia um momento a perder. Talvez até o carro já estivesse nas mãos dos piratas!

Num instante Pencroff e os companheiros atravessaram o curral e chegaram à porta da paliçada, por detrás da qual se ouvia *Top* rosnar surdamente.

O engenheiro, deixando Ayrton por momentos, saiu de casa, preparado para disparar. Harbert estava a seu lado. Ambos vigiavam o alto do contraforte que dominava o curral. Se os piratas

estivessem ali emboscados, poderiam atingir os colonos, um após outro.

Nesse momento, a lua surgiu do lado leste, acima do cortinado escuro da floresta, e um lençol de luz branca estendeu-se ao interior do recinto. Todo o curral ficou então iluminado com os seus grupos de árvores, o pequeno curso de água que o irrigava e o seu grande tapete de relva. Do lado da montanha, a casa e uma parte da paliçada destacavam-se, iluminadas pela luz branca. Na parte oposta, na direção da porta, o recinto permanecia na sombra.

Pouco depois apareceu uma massa escura. Era o carro que entrava no círculo de luz, e Cyrus Smith ouviu o ruído da porta fechada pelos seus companheiros, que em seguida aferrolhavam solidamente os batentes exteriores.

Contudo, nesse momento, *Top*, partindo violentamente a trela que o prendia, começou a ladrar furiosamente e correu para o fundo do curral, à direita da casa.

— Atenção, meus amigos: preparam-se para disparar!... — gritou Cyrus Smith.

Os colonos haviam já empunhado as armas e esperavam o momento de fazer fogo. *Top* continuava a ladrar e *Jup*, correndo para o cão, soltava assobios agudos.

Os colonos seguiram-no e chegaram à beira do pequeno rio, sobre o qual se debruçavam grandes árvores.

E ali, em plena luz, que viram eles?

Cinco corpos estendidos na margem!

Eram os corpos dos piratas que, quatro meses antes, tinham desembarcado na ilha Lincoln!

Capítulo 13

Que teria sucedido? Quem tinha abatido os piratas? Ayrton? Não, visto que um instante antes ele receava o seu regresso!

Porém, Ayrton encontrava-se então sob o domínio de um profundo entorpecimento, do qual não foi possível tirá-lo. Após as poucas palavras que pronunciara, um completo torpor apoderara-se dele, e voltara a cair sobre a cama, sem um movimento.

Os colonos achavam-se tomados por mil pensamentos confusos e, sob a influência de uma violenta excitação, esperaram durante toda a noite sem deixar a casa de Ayrton, e sem voltar ao local onde se encontravam os corpos dos piratas. A propósito das circunstâncias em que tinham encontrado a morte, era provável que Ayrton nada pudesse dizer, pois ele nem sequer sabia que se encontrava na casa do curral.

Todavia, estaria pelo menos apto a contar os factos que haviam precedido aquela terrível execução.

No dia seguinte, Ayrton saiu do torpor em que estivera mergulhado e os seus companheiros testemunharam-lhe cordialmente toda a alegria que sentiam por voltar a vê-lo quase de boa saúde, após cento e quatro dias de separação.

Ayrton contou então em poucas palavras o que se havia passado, ou pelo menos aquilo que ele sabia.

No dia seguinte ao da sua chegada ao curral, a 10 de novembro, ao cair da noite, fora surpreendido pelos piratas, que tinham trepado pela paliçada. Estes tinham-no amordaçado e amarrado,

transportando-o depois para uma caverna, junto do monte Franklin, onde o bando de piratas se havia refugiado.

Tinham resolvido matá-lo, quando, no dia seguinte, um deles o reconheceu e o chamou pelo nome que usava na Austrália. Aqueles miseráveis queriam assassinar Ayrton, mas respeitaram Ben Joyce!

A partir desse momento, porém, Ayrton teve de suportar os maus tratos dos seus antigos cúmplices: queriam que ele se lhes juntasse e que os ajudasse a entrar em Granite-House, para depois de terem assassinado os colonos, se tornarem os senhores da ilha.

Ayrton resistiu. O antigo condenado, agora arrependido e perdoado, preferia morrer a trair os seus companheiros.

Amarrado, amordaçado, guardado à vista, Ayrton vivera nessa caverna durante quatro meses.

Os piratas tinham descoberto o curral pouco depois da sua chegada à ilha, e, desde então, viviam das reservas que ali se encontravam, mas nunca lá tinham habitado. A 11 de novembro, dois desses bandidos, inopinadamente surpreendidos pela chegada dos colonos, fizeram fogo sobre Harbert, e um deles regressara à caverna gabando-se de ter morto um dos habitantes da ilha. Mas voltara sozinho. O seu companheiro, como se sabe, morrera apunhalado por Cyrus Smith.

Podemos imaginar qual não seria a inquietação e o desespero de Ayrton ao saber da morte de Harbert. Os colonos eram agora apenas quatro, e estavam, por assim dizer, à mercê dos piratas!

Depois destes acontecimentos e durante todo o tempo que os colonos, retidos pela doença de Harbert, permaneceram no curral, os piratas não deixaram a sua caverna, e mesmo depois de terem

devastado o planalto da Grande Vista não acharam prudente abandoná-la.

Os maus tratamentos infligidos a Ayrton redobraram então. As mãos e os pés tinham ainda os sinais sangrentos das cordas que os amarravam dia e noite. A todo o instante esperava a morte, à qual parecia não poder escapar.

As coisas passaram-se assim até à terceira semana de fevereiro. Os piratas esperavam sempre uma ocasião favorável, raramente deixavam o seu retiro e só faziam algumas excursões de caça, quer no interior da ilha, quer na costa meridional. Ayrton não voltara a ter notícias dos amigos, nem esperava voltar a tê-las!

Por fim, enfraquecido pelos maus tratos, o infeliz caíra numa prostração profunda, que não lhe permitia ver nem ouvir. A partir desse momento, pelo menos há uns dois dias, não podia sequer dizer o que se tinha passado.

— Mas, senhor Smith — acrescentou ele — não percebo como é que, estando eu prisioneiro na caverna, me vieram encontrar no curral?

— E como é que se explica que os piratas estejam ali estendidos, mortos? — retrucou o engenheiro.

— Mortos! — exclamou Ayrton, que, apesar da sua fraqueza, se soergueu um pouco.

Os companheiros ajudaram-no. Ayrton quis levantar-se e, amparando-o, todos se dirigiram para junto do pequeno rio.

Era já dia claro.

Ali, na margem do rio, na posição em que os surpreendera a morte, que devia ter sido fulminante, jaziam os cinco cadáveres dos piratas!

Ayrton estava aterrado. Cyrus Smith e os seus companheiros olhavam-no sem pronunciarem uma só palavra.

A um sinal do engenheiro, Nab e Pencroff observaram os corpos, já inteiriçados pela rigidez da morte.

Não se lhes via qualquer sinal aparente de ferimento. Porém, Pencroff, examinando-os com mais atenção, viu na testa de um, no peito de outro, nas costas de um terceiro, no ombro de outro ainda, um pontinho vermelho, quase impercetível, cuja origem era impossível explicar.

— Foi aí que eles foram atingidos! — disse Cyrus Smith.

— Mas com que arma? — exclamou o repórter.

— Uma arma fulminante, cujo segredo não conhecemos.

— E quem os fulminou? — perguntou Pencroff.

— O justiceiro da ilha — respondeu Cyrus Smith. — Aquele que transportou Ayrton para aqui, aquele que tem feito por nós tudo o que nós não podemos fazer, e que, em seguida, nos foge.

— Procuremo-lo então! — disse Pencroff.

— Sim, procuremo-lo — disse Cyrus Smith —, mas o ser misterioso que opera tais prodígios só deixará que o encontremos se assim o desejar!

Aquela proteção invisível, que reduzia a nada a sua própria ação, irritava e comovia ao mesmo tempo o engenheiro. A sua inferioridade relativa, que reconhecia, era daquelas que podia ferir uma alma orgulhosa. Uma generosidade que tudo faz para fugir a qualquer sinal de reconhecimento mostra um certo desdém pelos protegidos, e isso, aos olhos de Cyrus Smith, prejudicava até certo ponto o mérito do benefício feito.

— Procuremos — repetiu —, e Deus permita que nos seja um dia permitido provar a esse altivo protetor que não está a tratar com ingratos! Que não daria eu para podermos retribuir, nem que fosse à custa da nossa própria vida, tantos favores!

Desde esse dia, procurar o protetor desconhecido foi a única preocupação dos habitantes da ilha. Tudo os impelia a descobrir a chave desse enigma, que só podia ser o de um homem dotado de um poder verdadeiramente inexplicável e de certo modo sobre-humano.

Depois de alguns instantes, os colonos entraram na casa do curral, onde os seus cuidados devolveram prontamente a Ayrton a energia moral e física.

Nab e Pencroff transportaram os cadáveres dos piratas para a floresta, a alguma distância do curral, onde os enterraram profundamente.

Depois, Ayrton foi posto ao corrente dos factos que se passaram durante o seu sequestro. Soube então o que sucedera com Harbert e as provações que os colonos tinham passado. Quanto a Ayrton, não esperavam voltar a vê-lo, e receavam que os piratas o tivessem assassinado.

— E agora — disse Cyrus Smith ao terminar a sua narrativa —, falta-nos cumprir um dever. Metade da nossa tarefa está terminada. Mas, não devemos esquecê-lo, se já não temos de recear os piratas não é a nós que ficamos a devê-lo.

— Pois bem — respondeu Gédéon Spilett —, procuremos por todo esse labirinto dos contrafortes do monte Franklin! Não deixemos nem um buraco por explorar! Se alguma vez um repórter

se encontrou perante um mistério tão comovente, esse repórter sou eu, meus amigos!

— E nós só voltaremos a Granite-House quando tivermos encontrado o nosso benfeitor! — disse Harbert.

— Sim! — disse o engenheiro. — Faremos tudo o que for humanamente possível fazer... mas repito que só o encontraremos se ele o desejar.

— Ficamos no curral? — perguntou Pencroff.

— Ficamos, sim — disse Cyrus Smith. — As provisões são abundantes e estamos aqui no centro do nosso círculo de investigações. De resto, se for necessário, o carro vai rapidamente a Granite-House.

— Bem — disse o marinheiro. — Quero fazer apenas uma observação.

— Qual?

— A estação boa está adiantada e não podemos esquecer que temos ainda uma travessia a fazer.

— Uma travessia? — disse Gédéon Spilett.

— Sim, a da ilha Tabor — respondeu Pencroff. — É necessário lá ir e deixar uma informação que indique a situação da nossa ilha, onde se encontra atualmente Ayrton, para o caso de o barco escocês vir recolhê-lo. Quem sabe se não será já tarde de mais!

— Mas, Pencroff — perguntou Ayrton —, como tenciona fazer essa travessia?

— No *Bonadventure!*

— Mas o *Bonadventure* já não existe! — exclamou Ayrton.

— O meu *Bonadventure* não existe? — gritou Pencroff, dando um salto.

— Não — respondeu Ayrton. — Os piratas descobriram-no num pequeno porto, há uns oito dias, levaram-no para o mar e...

— E? — interrogou Pencroff, cujo coração pulava.

— E como não tinham Bob Harvey para fazer a manobra, foram encalhar nos recifes e o barco ficou completamente inutilizado!

— Ah! Os miseráveis! Os bandidos! Os infames! — clamou Pencroff.

— Pencroff — disse Harbert, dando a mão ao marinheiro. — Nós faremos outro *Bonadventure* maior! Todas as ferragens, toda a aparelhagem do brigue estão à nossa disposição!

— Mas sabes bem que precisamos de cinco a seis meses para construir uma embarcação de trinta a quarenta toneladas!

— Levaremos o tempo que for necessário e renunciaremos por este ano a fazer a travessia da ilha Tabor.

— Que quer, Pencroff? — É preciso resignar-se — disse o engenheiro —, e espero que este atraso não nos seja prejudicial.

— Ah! O meu *Bonadventure*! O meu pobre *Bonadventure*! — exclamou Pencroff, verdadeiramente consternado com a perda da sua embarcação, de que se sentia tão orgulhoso!

A destruição do *Bonadventure* era com efeito um facto lamentável para os colonos, e ficou combinado que essa perda devia ser reparada o mais depressa possível. Resolvido isto, passaram a ocupar-se apenas da exploração das mais secretas partes da ilha.

As pesquisas foram iniciadas nesse mesmo dia, 19 de fevereiro, e duraram ainda uma semana. A base da montanha, entre os seus contrafortes e as suas numerosas ramificações, formava um labirinto de vales e gargantas disposto muito caprichosamente. Era evidentemente ali, no fundo desses estreitos desfiladeiros, talvez

mesmo no interior do maciço do monte Franklin, que convinha prosseguir as pesquisas. Nenhuma parte da ilha seria mais própria para esconder uma casa cujo habitantes quisesse passar despercebido. Mas era tal o emaranhado dos contrafortes que Cyrus Smith tinha de proceder à sua exploração com um método muito severo.

Os colonos visitaram primeiro todo o vale que se abria ao sul do vulcão e que recolhia as primeiras águas do rio da Queda. Foi ali que Ayrton lhes mostrou a caverna onde se tinham refugiado os piratas e na qual ele havia sido sequestrado até ser levado para o curral. Essa caverna estava exatamente no mesmo estado em que Ayrton a deixara. Encontraram ali uma certa quantidade de munições e de víveres, que os piratas tinham levado com a intenção de dispor de uma reserva.

Todo o vale que ia dar à gruta, sombreado com belas árvores, entre as quais dominavam as coníferas, foi explorado com um cuidado extremo, e depois de o contraforte sudoeste ter sido contornado, os colonos entraram numa garganta mais estreita, onde se amontoavam grandes blocos de basalto.

Ali as árvores eram mais raras e a pedra substituía a erva. As cabras selvagens e os cabritos-monteses corriam por entre as rochas. Ali começava também a parte árida da ilha. Podia já reconhecer-se que desses numerosos vales que se ramificavam na base do monte Franklin, apenas três eram arborizados e ricos em pastos, como o do curral, que confinava pelo lado oeste com o vale do rio da Queda, e a leste com o vale do Creek Vermelho. Esses dois riachos, que mais abaixo se tornavam rios pela absorção de alguns afluentes, eram formados com as águas da montanha e

proporcionavam assim a fertilidade da sua zona meridional. Quanto ao rio das Mercês, era mais diretamente alimentado pela abundância de nascentes, perdidas sob o bosque do Jacamar, e eram também nascentes dessa natureza que, espraiando-se por mil linhas de água, fertilizavam o solo da península Serpentina.

Ora, desses três vales onde a água não faltava, algum poderia servir de retiro a um solitário que aí tivesse encontrado todas as coisas necessárias à vida. Mas os colonos já os tinham explorado e em parte alguma detetaram vestígios humanos.

Seria portanto no fundo dessas gargantas áridas, no meio dos rochedos, nas agrestes ravinas do norte, entre os sulcos de lava, que se encontraria o retiro do desconhecido?

O setor norte do monte Franklin, na sua base, compunha-se unicamente de dois vales largos, pouco profundos, sem qualquer aparência de verdura, salpicados de rochas graníticas, acidentados por grandes tumores minerais, salpicados por obsidianas e por labradorites. Esse setor exigia longas e difíceis explorações. Ali se encontravam mil cavidades, pouco confortáveis sem dúvida e de difícil acesso. Os colonos chegaram mesmo a visitar túneis sombrios que datavam da época plutónica, ainda escurecidos pela passagem do fogo, e que mergulhavam no maciço do monte. Percorreram esses sombrios corredores, iluminando-os com as suas tochas de resina inflamada, sondaram as mínimas profundezas. Mas por toda a parte o silêncio, a obscuridade. Parecia que nunca um ser humano tinha passeado por esses antigos corredores, e que nenhum daqueles blocos fora deslocado por mão humana. Permaneciam como o vulcão os projetara por cima das águas, na época em que a ilha estava submersa.

Entretanto, e apesar de aqueles corredores estarem absolutamente desertos, e de a obscuridade ser completa, Cyrus Smith teve de reconhecer que o silêncio que ali reinava não era total.

Ao chegarem ao fundo de uma dessas sombrias cavidades, que se prolongavam por uma extensão de várias centenas de pés pelo interior da montanha, ficou surpreendido ao ouvir ruídos surdos, cuja sonoridade era aumentada pelos rochedos.

Gédéon Spilett, que o acompanhava, ouviu igualmente murmúrios distantes, que indicavam um ressurgimento dos fogos subterrâneos. Por várias vezes ambos se aperceberam, e estavam os dois de acordo sobre esse ponto, que uma reação química se estava a produzir nas entranhas do solo.

— O vulcão não está então totalmente extinto? — notou o repórter.

— É possível que, desde a nossa exploração da cratera — respondeu Cyrus Smith —, alguma atividade se tenha produzido nas camadas inferiores. Qualquer vulcão, apesar de aparentemente extinto, pode reativar-se.

— Mas se se estivesse a preparar uma erupção do monte Franklin, poderia ser perigoso para a ilha Lincoln?

— Não o creio — respondeu o engenheiro. — A cratera, isto é, a válvula de segurança, existe, e o excedente dos vapores e das lavas sairá, como outrora, pelo seu exutório habitual.

— A menos que essas lavas não abram nova passagem em direção às zonas férteis da ilha!

— Por que razão, meu caro Spilett — contrapôs Cyrus Smith —, não seguiriam elas o caminho que lhes está naturalmente traçado?

— Os vulcões são caprichosos! — respondeu o repórter.

— Note — disse o engenheiro — que a inclinação do maciço do monte Franklin favorece o deslizamento das matérias para os vales que exploramos neste momento. Seria preciso que um tremor de terra alterasse o centro de gravidade da montanha para que a direção desse derramamento se modificasse.

— Mas um tremor de terra é sempre de recear nessas condições — observou Gédéon Spilett.

— Sem dúvida — respondeu o engenheiro —; sobretudo, quando as forças subterrâneas começam a despertar e as entranhas do Globo se arriscam a ser obstruídas, após um longo repouso. Assim, meu caro Spilett, uma erupção seria grave para nós, e seria melhor que esse vulcão não tivesse a veleidade de despertar. Mas nós nada podemos fazer quanto a isso, não é verdade? Em todo o caso, suceda o que suceder, não creio que o nosso domínio da Grande Vista possa ser seriamente ameaçado. Entre ele e a montanha, o solo encontra-se bastante desnivelado, e se as lavas tomassem o caminho do lago seriam lançadas sobre as dunas e as zonas vizinhas do golfo do Tubarão.

— Por outro lado, ainda não vimos no alto do monte fumarada alguma, que indique uma erupção próxima — disse Gédéon Spilett.

— Não — disse Cyrus Smith —, nem o mais ligeiro vapor sai da cratera, cujo cume eu observei ainda ontem. Mas é possível que o tempo tenha acumulado rochas, cinzas e lavas endurecidas na zona inferior da chaminé, e que essa abertura de que eu falava há pouco esteja momentaneamente carregada de mais. Mas ao primeiro esforço sério, qualquer obstáculo desaparecerá, e você pode estar certo, meu caro Spilett, que nem a ilha, que é a caldeira, nem o

vulcão, que é a chaminé, rebentarão sobre a pressão do gás. No entanto, como já disse, melhor seria não haver erupção.

— E no entanto não nos enganamos — disse o repórter —: ouvem-se ruídos surdos nas entranhas do vulcão!

— Com efeito — respondeu o engenheiro, que voltou a escutar com extrema atenção —, não há engano possível... Dá-se ali uma reação de cuja importância nós não podemos avaliar o alcance nem os resultados definitivos.

Cyrus Smith e Gédéon Spilett, depois de terem saído da galeria subterrânea encontraram os companheiros, aos quais relataram o que haviam verificado.

— Bem! — exclamou Pencroff —, o vulcão está a querer fazer das suas! Que experimente! Terá quem o ensine!

— Quem? — perguntou Nab.

— O nosso «génio», Nab! O nosso «génio», que lhe porá uma rolha na cratera se ele se atrever a abri-la!

Por aqui se pode ver a confiança que o marinheiro depositava no deus especial da sua ilha, e na verdade o poder que se manifestara até então por tantos atos inexplicáveis parecia não ter limites; e tanto assim era que pôde escapar às exaustivas investigações dos colonos, pois apesar dos esforços, do zelo e da tenacidade que puseram na exploração o oculto refúgio não foi descoberto.

De 19 a 25 de fevereiro, a área de pesquisas abrangeu toda a região setentrional da ilha Lincoln, cujos mais recônditos locais foram observados. Os colonos chegaram a sondar cada parede rochosa, como a polícia costuma fazer nas paredes de casas suspeitas. O engenheiro chegou mesmo a fazer um levantamento muito exato da montanha e foi até ao ponto de levar as suas

pesquisas até às últimas infraestruturas que a mantinham. A montanha foi explorada até à altura do cone truncado que terminava o primeiro andar rochoso, depois até à parte superior desse enorme chapéu, ao fundo do qual se abria a cratera.

Fizeram mais ainda: visitaram o vulcão ainda apagado, mas no fundo do qual os ruídos se ouviam distintamente. No entanto, nem o mais ligeiro vapor, fumo, ou aquecimento da muralha rochosa indicava uma erupção próxima. Mas nem ali, nem em qualquer outro lado do monte Franklin, os colonos encontraram rastos daquele que procuravam.

As investigações foram então dirigidas para a região das dunas. Visitaram com cuidado as altas muralhas lávicas do golfo do Tubarão, da base ao cume, se bem que fosse extremamente difícil atingir o próprio nível do golfo. Ninguém! Nada!

Finalmente, estas duas palavras resumiram tantas fadigas e trabalhos inutilmente feitos, tanta obstinação que não produzia qualquer resultado, que havia como que uma espécie de cólera na desilusão de Cyrus Smith e dos companheiros.

Era preciso portanto pensar em voltar, pois as pesquisas não podiam durar indefinidamente. Os colonos tinham agora o direito de pensar que o ser misterioso que ali vivia não residia na superfície da ilha, e as mais loucas hipóteses passaram pelos seus cérebros excitados. Pencroff e Nab, especialmente, já não se contentavam com aquilo que achavam estranho e deixavam-se levar para o mundo do sobrenatural.

A 25 de fevereiro, os colonos voltavam a entrar em Granite-House, e, por meio de uma corda dupla que uma flecha levou ao patamar da porta, restabeleceram a ligação entre a casa e o solo.

Um mês mais tarde, no vigésimo quinto dia de março, comemoravam o terceiro aniversário da sua chegada à ilha Lincoln!

Capítulo 14

Tinham decorrido três anos desde a fuga de Richmond, e quantas vezes, ao longo desse tempo, eles falaram da pátria, sempre presente no seu pensamento!

Não duvidavam de que a guerra civil tinha terminado, e parecia-lhes impossível que a justa causa do Norte não tivesse vencido. Mas quais tinham sido os incidentes dessa terrível guerra? Quanto sangue teria custado? Quantos amigos seus não teriam sucumbido na luta? Era disto que eles falavam muitas vezes, sem anteverem ainda o dia em que lhes seria dado tornarem a ver o seu país. Voltar lá, mesmo que fosse apenas por alguns dias, renovar o elo social com o mundo habitado, estabelecer uma comunicação entre a pátria e a ilha, e depois passarem os melhores anos da sua existência nessa colônia que eles tinham fundado e que queriam ligada à metrópole, seria um sonho irrealizável?

Esse sonho, porém, só por dois processos podia ser realizado: ou um navio surgia nas águas da ilha, ou os colonos construía um barco capaz de os transportar até à terra mais próxima.

— A não ser — dizia Pencroff — que o nosso génio nos forneça os meios de nos repatriarmos!

E na verdade, se fossem dizer a Pencroff e a Nab que um navio de trezentas toneladas os esperava no golfo do Tubarão ou em porto Balão, eles nem sequer teriam feito um gesto de surpresa: eram recetivos a tudo!

Contudo, Cyrus Smith, menos confiante, fê-los regressar à terra; falou-se da construção de um barco, tarefa verdadeiramente

urgente, visto que se tratava de levar o mais rapidamente possível à ilha Tabor um documento a indicar a nova residência de Ayrton.

Não existindo já o *Bonadventure*, seriam necessários pelo menos seis meses para construir novo barco. Ora, o inverno estava a chegar e a viagem só se poderia efetuar na primavera.

— Teremos tempo suficiente para os preparativos — disse o engenheiro, que falava desse assunto com Pencroff. — Penso portanto, meu amigo, que, dada a necessidade de fazer nova embarcação, será preferível dar-lhe dimensões mais consideráveis. A chegada do barco escocês à ilha Tabor é muito problemática. Pode até suceder que já lá tenha ido, e que, não encontrando Ayrton, haja regressado. Não seria bom construirmos um barco capaz de nos transportar quer aos arquipélagos polinésios quer à Nova Zelândia? Que pensam disto?

— Penso, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro —, que o senhor é tão capaz de construir um barco grande como um pequeno. Nem a madeira nem as ferramentas nos faltam. Trata-se apenas de uma questão de tempo.

— E quanto tempo será necessário para a construção de um navio de duzentas e cinquenta a trezentas toneladas? — perguntou o engenheiro.

— Sete ou oito meses, pelo menos — respondeu Pencroff. — Mas não devemos esquecer que o inverno chega e que é muito difícil trabalhar a madeira com os grandes frios. Contemos portanto com algumas semanas de desemprego involuntário, e, se o nosso navio estiver pronto em novembro próximo, podemos considerar-nos muito felizes.

— Pois bem — respondeu Cyrus Smith —, seria precisamente a época favorável para emprendermos uma travessia de certa importância, quer à ilha Tabor, quer mesmo para uma terra mais afastada.

— Sem dúvida, senhor Cyrus — respondeu o marinheiro. — Faça então os seus planos. Os operários estão prontos e eu creio que Ayrton será capaz de nos dar uma boa ajuda.

Os colonos, consultados, aprovaram o projeto do engenheiro, e era de facto o melhor que tinham a fazer. É verdade que a construção de um navio de duzentas a trezentas toneladas era uma tarefa muito pesada, mas os colonos tinham em si próprios uma confiança que era justificada pelos êxitos obtidos até então.

Cyrus Smith começou então a fazer os planos do navio e a determinar as suas proporções. Durante esse tempo, os seus companheiros dedicaram-se a abater e a transportar as árvores que deviam servir para a construção do cavername. Foi a floresta do Far West que deu as melhores árvores: carvalhos e olmos. Aproveitaram a abertura já feita na altura da última expedição para construir uma estrada praticável, que tomou o nome de estrada do Far West, e as árvores foram transportadas para as Chaminés, onde foi instalado o estaleiro. Quanto à referida estrada, era caprichosamente traçada, e foi um pouco a escolha das madeiras que determinou o seu traçado, mas facilitou, além disso, o acesso à península Serpentina.

Era importante que essas madeiras fossem prontamente cortadas, pois não podiam utilizá-las ainda verdes e tinham de esperar que secassem. Os carpinteiros trabalharam portanto com ardor durante todo o mês de abril, que apenas foi perturbado por alguns golpes de vento do equinócio, aliás, bastante violentos.

Mestre *Jup* ajudava-os habilmente, quer a subir ao topo das árvores para lá prender as cordas quer transportando aos seus fortes ombros os troncos cortados.

Toda essa madeira foi empilhada sob um vasto alpendre de tábuas, construído junto das Chaminés, e aguardaram a altura de as poderem utilizar.

O mês de abril foi bastante bonito, como sucede muitas vezes ao mês de outubro na zona boreal. Ao mesmo tempo, os trabalhos da terra foram ativamente realizados e em breve todos os rastros de devastação tinham desaparecido do planalto da Grande Vista. O moinho foi reconstruído e novos edifícios se ergueram no local das capoeiras. Parecera necessário fazer a reconstrução em maiores proporções, pois os animais que os iriam ocupar aumentava numa proporção considerável. Os estábulos continham agora cinco *onaggas*, dos quais quatro eram vigorosos, bem domesticados, deixando-se atrelar ou montar, além de uma cria, acabada de nascer. O material da colónia fora acrescido com uma charrua e os *onaggas* eram utilizados nos trabalhos do campo, como verdadeiros bois de Yorkshire ou de Kentucky. Cada um dos colonos se ocupava de uma tarefa, e os braços tinham sempre trabalho. Todos esses trabalhadores gozavam de uma bela saúde e o seu bom humor animava os serões de Granite-House, quando eles faziam mil projetos para o futuro!

Escusado será dizer que Ayrton partilhava em absoluto a existência comum, e que não voltara a falar em viver no curral. No entanto, continuava a ser um pouco triste, pouco comunicativo, e participava mais nos trabalhos do que nas alegrias dos colonos. Mas

era um bom trabalhador em todas as ocasiões, hábil, engenhoso, inteligente. Era estimado por todos e não podia ignorá-lo.

Entretanto, o curral não foi abandonado. De dois em dois dias, um dos colonos, conduzindo o carro ou montando um dos *onaggas*, ia cuidar do rebanho de cabritos-monteses e de cabras e trazia o leite ordenhado para a cozinha de Nab. Essas ocasiões eram também aproveitadas para a caça. Desse modo, Harbert e Gédéon Spilett — precedidos por *Top* — percorriam, mais do que qualquer outro dos seus companheiros, a estrada do curral, e, com as excelentes armas de que dispunham, não faltavam em casa os cabiais, os agutis, os cangurus, os javalis e os porcos selvagens, assim como não faltava a caça miúda, como as galinholas, os jacamares, os tetrazes, os patos e as narcejas. Os produtos da tapada e da ostreira, algumas tartarugas que foram apanhadas, uma nova pesca desses excelentes salmões que tinha ido abrigar-se nas águas do rio das Mercês, os legumes do planalto da Grande Vista e os frutos naturais da floresta eram tantos que Nab, o mestre-cozinheiro, mal tinha mãos a medir para os armazenar.

Desnecessário será dizer que o fio telegráfico entre o curral e Granite-House fora restabelecido, e que funcionava sempre que qualquer dos colonos que tivesse ido ao curral e achasse necessário lá passar a noite. De resto, a ilha era agora segura e nenhuma agressão era de recear — pelo menos da parte dos homens.

No entanto, o que já sucedera podia repetir-se: era sempre de recear o aparecimento de piratas, e mesmo de prisioneiros evadidos. Não era de excluir a hipótese de que companheiros, cúmplices de Bob Harvey, ainda detidos em Norfolk, tivessem conhecimento dos seus projetos e fossem tentados a imitá-lo. Os colonos revezavam-se

portanto na observação das costas da ilha e todos os dias o óculo de longo alcance se passeava pelo largo horizonte que fechava a baía da União e a baía Washington. Quando iam ao curral, examinavam também atentamente a zona ocidental do mar, e, subindo ao contraforte, o olhar deles podia percorrer um largo setor do horizonte ocidental.

Nada de suspeito aparecia, mas mesmo assim era preciso estar sempre em guarda.

Por tal motivo, o engenheiro, uma noite, pôs os seus amigos ao corrente do projeto que concebera de fortificar o curral. Parecia-lhe prudente aumentar a paliçada e rodeá-la de uma espécie de fortificação, na qual, em caso de necessidade, os colonos se poderiam abrigar contra os inimigos. Devendo Granite-House ser considerada inexpugnável pela sua posição, seria o curral, com o gado e as provisões que encerrava, um alvo em potência para qualquer atacante, e se os colonos fossem obrigados a defender-se ali, seria bom que o pudessem fazer com vantagem.

Era um projeto para ser bem pensado, e cuja execução, de resto, devia ser forçosamente realizada só na primavera próxima.

Cerca do dia 15 de maio, a quilha da nova embarcação já se encontrava estendida no estaleiro, e em breve a roda da proa e o cadaste, colocados em cada uma das suas extremidades, erguiam-se quase perpendicularmente. Essa quilha, de boa madeira de carvalho, media cento e dez pés de comprimento, o que permitia dar à viga mestra uma largura de vinte e cinco pés. Mas isso foi tudo o que os carpinteiros puderam fazer antes da chegada dos frios e do mau tempo. Durante a semana seguinte, os carpinteiros puderam ainda colocar as primeiras cavernas da ré, mas isso foi tudo o que o mau

tempo lhes permitiu fazer, pois em seguida tiveram de interromper os trabalhos.

Durante os últimos dias do mês, esteve o tempo extremamente mau. O vento soprava de leste e por vezes com a violência de um furacão. O engenheiro sentiu-se um tanto inquieto com respeito aos telheiros do estaleiro de construção — que de resto não poderiam ter sido instalados em qualquer outro lugar perto de Granite-House —, pois o ilhéu apenas cobria em parte o litoral contra os furores do vento do largo, e, durante as grandes tempestades, as vagas batiam-diretamente na muralha de granito.

Felizmente, eram inquietações sem fundamento. O vento atingiu sobretudo a parte sueste, e, nessas condições, a praia de Granite-House encontrava-se abrigada pela saliência da ponta do Destroço.

Pencroff e Ayrton, os dois mais zelosos construtores do novo barco, prosseguiram os seus trabalhos enquanto lhes foi possível. Não eram homens que se embaraçassem com o vento que os fustigava nem com a chuva que os encharcava até aos ossos, e uma martelada ficava tão bem dada com bom tempo como com mau tempo. Mas quando um frio mais intenso se sucedeu a esse período húmido, a madeira, cujas fibras adquiriram a dureza do ferro, tornou-se extremamente difícil de trabalhar, e, por volta do dia 10 de Junho, foi preciso abandonar definitivamente a construção do barco.

Cyrus Smith e os seus companheiros não tinham deixado de observar como a temperatura era baixa nos Invernos da ilha Lincoln. O frio era comparável ao do estado de Nova Inglaterra, situado pouco mais ou menos à mesma distância do equador. Se no hemisfério boreal, ou pelo menos na zona ocupada pela Nova Bretanha e pelo Norte dos Estados Unidos, esse fenómeno se explica

pela configuração plana dos territórios que confinam com o pólo, e nos quais nenhuma intumescência do solo põe qualquer obstáculo aos ventos hiperbóreos, ali, no que se referia à ilha Lincoln, essa explicação não servia.

— Observámos mesmo — dizia um dia Cyrus Smith aos companheiros — que, a latitudes iguais, as ilhas e as regiões do litoral são menos postas à prova pelo frio que as regiões mediterrânicas. Ouvi muitas vezes afirmar que os Invernos da Lombardia, por exemplo, são mais rigorosos do que os da Escócia, e isso deve-se ao facto de o mar restituir durante o inverno os calores que recebeu durante o verão. As ilhas estão portanto nas melhores condições para beneficiar dessa restituição.

— Mas então, senhor Cyrus — perguntou Harbert —, por que razão a ilha Lincoln parece escapar a essa lei comum?

— Isso é difícil de explicar — respondeu o engenheiro. — No entanto, seria capaz de afirma! que essa singularidade se deve à situação da ilha no hemisfério austral, que, como sabes, meu filho, é mais frio que o hemisfério boreal.

— Com efeito — disse Harbert —, os gelos flutuantes encontram-se em latitudes mais baixas no sul que no norte do Pacífico.

— Isso é verdade — respondeu Pencroff—; quando eu andava na pesca da baleia, cheguei a ver icebergues do outro lado do cabo Horn.

— Poder-se-ia então explicar assim o frio rigoroso que atinge a ilha Lincoln, pela presença de gelos e de bancos de gelo a uma distância relativamente próxima.

— A sua opinião é com efeito muito admissível, meu caro Spilett — respondeu Cyrus Smith —: é evidentemente à proximidade dos

bancos de gelo que nós devemos os nossos Invernos tão frios. No entanto, quero fazer-lhes notar também que uma causa física toma o hemisfério austral mais frio do que o hemisfério boreal. Com efeito, visto que o sol se aproxima mais desse hemisfério durante o verão, está necessariamente mais afastado dele durante o inverno. Isso explica portanto que haja excesso de temperatura nos dois sentidos, e, se achamos os Invernos muito frios na ilha Lincoln, não devemos esquecer que os Verões são muito quentes.

— Mas então por que razão — insistiu Pencroff, franzindo o sobrolho — o nosso hemisfério, como o senhor diz, está tão mal dividido? Isso não é justo!

— Amigo Pencroff — respondeu o engenheiro, rindo. — Justo ou não, é a situação real e temos de a aceitar. Vou explicar-lhe donde provém essa particularidade. A Terra ocupa um dos centros da elipse, e, por consequência, em determinada época do seu percurso, ela está no seu apogeu, isto é, mais afastada do sol, e noutra altura está no seu perigeu, ou seja, à menor distância. Ora, sucede que é precisamente durante o inverno das regiões austrais que a Terra se encontra mais afastada do sol, e, assim, nas condições requeridas para essas regiões sentirem maiores frios. Para isso nada há a fazer, e os homens, Pencroff, por mais sábios que possam ser, não poderão nunca alterar seja o que for na ordem cosmográfica estabelecida pelo próprio Deus.

— E no entanto — acrescentou Pencroff, que mostrava uma certa dificuldade em resignar-se —, muito sabem os homens! Que grande livro, senhor Cyrus, se faria com tudo o que se sabe!

— E um livro ainda maior seria feito com tudo aquilo que se não sabe! — sentenciou o engenheiro.

Enfim, por uma razão ou por outra, o mês de junho brindou-os com os seus frios habituais, e os colonos outro remédio não tiveram que ficar em Granite-House.

Tal sequestro parecia duro a todos e talvez mais especialmente a Gédéon Spilett.

— Olha — disse ele um dia a Nab —: seria capaz de te dar todas as heranças que eu possa vir a receber um dia se tu fosses bastante bom rapaz para me ires buscar, onde quer que fosse, um jornal qualquer! Decididamente, o que me impede de ser o mais feliz dos mortais é não saber todas as manhãs o que se passa longe daqui!

Nab começou a rir:

— A mim, o que me preocupa — disse ele — é o trabalho diário!

A verdade é que, tanto no interior, como no exterior, o trabalho não faltava.

A colónia da ilha Lincoln encontrava-se então no seu mais alto grau de prosperidade, fruto dos três anos de trabalhos constantes dos seus habitantes. O incidente do brigue constituíra uma nova fonte de recursos. Sem falar da aparelhagem completa do navio, que serviria para a embarcação que se encontrava em construção no estaleiro, das ferramentas e utensílios de todas as formas, das armas e munições, vestuário e instrumentos diversos enchiam as arrecadações de Granite-House. Não tinha sequer sido necessário recorrer ao fabrico dos grossos tecidos de feltro. Se haviam passado frio durante o primeiro inverno, os colonos tinham agora à sua disposição a roupa necessária para não temerem o rigor da invernia. A roupa branca era também abundante e eles tratavam-na, de resto, com um cuidado extremo. Do cloreto de sódio, que não é mais do que o sal marinho, Cyrus Smith extraíra facilmente a soda e o cloro.

A soda, que foi fácil transformar em carbonato de soda, e o cloro, de que ele fez os cloretos de cal e outros, tiveram várias utilizações domésticas, entre as quais, precisamente, a lavagem da roupa. Todavia, não faziam mais do que quatro barreias da roupa, como era costume fazer-se nas famílias dos tempos antigos, e seja permitido dizer que Gédéon Spilett e Pencroff, enquanto esperavam que o carteiro lhes levasse o jornal, se mostraram lavadeiros exímios.

Assim se passaram os meses de inverno: junho, julho e agosto. Foram meses de frio rigoroso e a média das observações do termómetro não deu mais de oito graus Fahrenheit (13,33° C abaixo de zero). A temperatura foi portanto inferior à do inverno precedente. Mas também que belo fogo ardia constantemente nas chaminés de Granite-House, cujo fumo deixava grandes manchas negras nas paredes de granito! Não se poupava o combustível, que se encontrava em abundância na ilha. Além disso, o excedente da madeira destinada à construção do navio permitia economizar a hulha, que exigia um transporte mais difícil.

Homens e animais encontravam-se todos bem. Diga-se porém que mestre *Jup* se mostrava um pouco friorento. Era talvez o seu único defeito, e apressaram-se a confeccionar-lhe um bom roupão, bem acolchoado. Mas que excelente criado, zeloso, hábil, infatigável, discreto, calado, não era ele? Podia ser proposto como modelo a todos os seus confrades de dois pés do antigo e novo mundo!

— Afinal — dizia Pencroff —, quando se tem quatro mãos ao seu serviço, deve fazer-se tudo bem feito!

E, de facto, o inteligente quadrúmano fazia tudo bem feito!

Durante os sete meses que decorreram desde as últimas pesquisas feitas em redor da montanha durante o mês de setembro,

que trouxe de novo os dias bonitos, não mais se falou do génio da ilha. A sua ação não se manifestou em nenhuma circunstância. É verdade que teria sido inútil, pois não se verificou nenhum incidente que pudesse ter dado motivo a que os colonos passassem por qualquer dura provação.

Cyrus Smith chegou até a notar que, se por acaso as comunicações entre o ser misterioso e Granite-House se tinham estabelecido através do maciço de granito, e se o instinto de *Top* e de *Jup* as tinha, por assim dizer, pressentido, durante este período nada disso se observara. O rosar do cão e a inquietação do orangotango tinham desaparecido completamente. Os dois amigos — pois eram de facto amigos — já não rondavam à volta da abertura do poço interior, não ladravam, nem gemiam do modo estranho que desde o princípio despertara a atenção do engenheiro. Mas poder-se-ia dizer por isso que o enigma estava resolvido e que nada mais haveria a dizer sobre o caso? Poderia porventura afirmar-se que não se daria qualquer conjuntura que trouxesse de novo à cena a misteriosa personagem? Quem sabe o que o futuro lhes reservaria?

Por fim, o inverno acabou; mas um facto cujas consequências poderiam ser graves deu-se precisamente nos primeiros dias que assinalaram o regresso da primavera.

A 7 de setembro, observando o cume do monte Franklin, Cyrus Smith viu uma coluna de fumo que se elevava por cima da cratera, e cujos primeiros vapores se projetavam no ar.

Capítulo 15

Os colonos, avisados pelo engenheiro, suspenderam os seus trabalhos e ficaram a olhar em silêncio para o cume do monte Franklin.

O vulcão estava portanto desperto e os vapores tinham perfurado a camada mineral amontoada no fundo da cratera. Mas iriam os fogos subterrâneos provocar alguma erupção violenta? Era uma eventualidade que não se poderia evitar.

Entretanto, mesmo admitindo a hipótese de uma erupção, era provável que a ilha Lincoln, no seu conjunto, não sofresse com isso. Os derramamentos de matéria vulcânica nem sempre são desastrosos. A ilha já fora submetida a essa prova, como testemunhavam os sulcos de lava que corriam ao longo das encostas setentrionais da montanha. Além disso, a forma da cratera, o estreitamento da sua extremidade superior deviam fazer com que as matérias projetadas fossem para o lado oposto ao das zonas férteis da ilha.

Todavia, o passado não garantia em absoluto o futuro. Muitas vezes, no alto dos vulcões, fecham-se antigas crateras e abrem-se outras. O facto deu-se nos dois mundos, no Etna, no Popocatepetl, em Orizaba, e, antes de uma erupção, pode recluir-se tudo. Bastava, em suma, um tremor de terra — fenómeno acompanhado por vezes de derramamentos vulcânicos — para que a disposição interna da montanha pudesse ser modificada e se abrissem novas vias à lava incandescente.

Cyrus Smith explicou estas coisas aos companheiros, e, sem exagerar a situação, deu-lhes a conhecer o que pensava.

Eram eventualidades perante as quais nada podiam fazer. Granite-House, a não ser que um tremor de terra violento abalasse o solo, não parecia estar ameaçada. Mas o curral teria tudo a rezear, se alguma nova cratera se abrisse nas encostas sul do monte Franklin.

Desde esse dia os vapores não cessaram de aparecer no cimo da montanha, e puderam até ver que eles aumentavam de altura e espessura, sem que qualquer chama se juntasse às suas espessas volutas. O fenómeno concentrava-se ainda na parte inferior da chaminé central.

Entretanto, com o bom tempo, os trabalhos tinham recomeçado. Apressavam o mais possível a construção do navio e, por meio das águas da cascata do areal, Cyrus Smith conseguiu instalar uma serração hidráulica para mais depressa cortar os troncos das árvores, transformando-os em pranchas e toros. O mecanismo desse aparelho era tão simples como os que funcionam nas rústicas serrações da Noruega. Um primeiro movimento horizontal a imprimir à peça de madeira, um segundo movimento vertical a dar à serra, era o que se pretendia obter, e o engenheiro conseguiu-o por meio de uma roda, de dois cilindros e de roldanas, convenientemente colocados.

Cerca do fim do mês de setembro, a carcaça do navio, que devia vir a ser uma escuna erguia-se no estaleiro. O cavername estava quase completamente terminado, e tendo todas as cavernas sido presas por um arco provisório, já podiam ser apreciadas as formas da embarcação. Essa escuna, delgada à proa e bastante larga na ré,

seria evidentemente apropriada para uma longa travessia, caso se tornasse necessária; mas a colocação do forro interior, das escoas e da ponte devia exigir ainda um considerável lapso de tempo. Felizmente, as ferragens do *Speedy* haviam sido salvas após a explosão que o vitimara. Das bordagens e das curvas mutiladas, Pencroff e Ayrton tinham arrancado as cavilhas e uma grande quantidade de pregos de cobre. Era tempo economizado para os ferreiros, mas os carpinteiros tinham muito que fazer.

Os trabalhos de construção tiveram de ser interrompidos durante uma semana por causa da colheita e da arrecadação dos diversos géneros de culturas que abundavam no planalto da Grande Vista. Terminada essa tarefa, todos os instantes foram então consagrados ao acabamento do barco.

Quando chegava a noite, os trabalhadores estavam verdadeiramente extenuados. Para não perderem tempo, tinham modificado as horas das refeições: jantavam ao meio-dia e só ceavam quando a luz do dia lhes faltava. Subiam então a Granite-House e apressavam-se a deitar-se.

Algumas vezes, no entanto, quando a conversa incidia sobre algum assunto importante, retardavam a hora de dormir. Os colonos falavam do futuro, conversando sobretudo sobre as mudanças que traria à sua situação a viagem na escuna às terras mais próximas. Mas no meio desses projetos dominava sempre um pensamento de regresso à ilha Lincoln. Nunca abandonariam a colónia, fundada com tantas canseiras e lutas, e à qual a ligação com a América daria um novo desenvolvimento.

Pencroff e Nab, sobretudo, esperavam acabar ali os seus dias.

— Harbert — perguntava o marinheiro —, nunca deixarás a ilha Lincoln?

— Nunca, Pencroff; sobretudo, se tu resolveres aqui ficar!

— Estou resolvido, meu rapaz — respondia Pencroff. — Esperar-te-ei aqui! hás de trazer-me a tua mulher e os teus filhos e farei dos pequenos famosos valentões!

— Está combinado, Pencroff — dizia Harbert, rindo e corando ao mesmo tempo.

— E vós, senhor Gyrus — perguntava Pencroff, levado pelo entusiasmo. — O senhor será sempre o governador da ilha! Ah! Quantos habitantes poderá ela alimentar? Uns dez mil, pelo menos!

Conversavam assim e deixavam Pencroff falar, e, de afirmação em afirmação, o repórter acabava sempre por fundar um jornal, o *New-Lincoln Herald!*

Assim é o coração do homem! A necessidade de fazer obra duradoura, que lhe sobreviva, é o sinal da sua superioridade sobre tudo o que existe. Foi a base do seu domínio, o que o justificou no Mundo.

E *Top* e *Jup*? Não teriam também o seu sonho para o futuro?

Ayrton, silencioso, pensava que gostaria de voltar a ver Lord Glenarvan e mostrar-se reabilitado aos olhos de todos.

Uma noite, a 15 de outubro, a conversa, lançada através destas hipóteses, tinha-se prolongado mais do que de costume. Eram nove horas da noite. Já grandes bocejos, mal dissimulados, chamavam pela hora do repouso, e Pencroff dirigia-se para o seu quarto, quando a campainha elétrica do telégrafo, colocada na sala, se fez ouvir.

Estavam todos ali. Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Ayrton, Pencroff e Nab. Portanto, nenhum dos colonos podia estar no curral.

Cyrus Smith ergueu-se. Os seus companheiros entreolhavam-se, julgando ter sonhado!

— Que quer isto dizer? — exclamou Nab. — É o Diabo que toca?
Ninguém respondeu.

— Lá fora há prenúncios de tempestade — disse Harbert. — A influência da eletricidade não fará...

O jovem não acabou a frase. O engenheiro, para quem todos olhavam, abanou negativamente a cabeça.

— Esperemos — disse então Gédéon Spilett. — Se for um sinal, seja quem for que o fez voltará a repeti-lo.

— Mas quem quer que seja? — perguntou Nab.

— Mas — respondeu Pencroff —, aquele que...

A frase do marinheiro foi interrompida por um novo toque da campainha do telégrafo.

Cyrus Smith dirigiu-se ao aparelho e, lançando a corrente através do fio, enviou esta pergunta para o curral:

— Que deseja?

Alguns instantes mais tarde, o ponteiro, movendo-se no mostrador alfabético, dava esta resposta aos habitantes de Granite-House: «Venham depressa ao curral!»

— Finalmente! — exclamou Cyrus Smith.

Sim! Finalmente, o mistério ia desvendar-se! Perante o imenso interesse que ia conduzi-los ao curral, todo o cansaço dos colonos tinha desaparecido, toda a necessidade de repouso deixara de fazer-se sentir. Sem terem pronunciado uma só palavra, em poucos

instantes tinham eles deixado Grani te-house e descido no areal. Só *Top* e *Jup* haviam ficado. Não eram precisos.

A noite estava escura. A lua, em fase de novilúnio, desaparecera ao mesmo tempo que o sol. Como Harbert observara, grossas nuvens de tempestade formavam uma abóbada baixa e pesada, que impedia que se visse a cintilação das estrelas. Alguns relâmpagos de calor, reflexos de uma tempestade distante, iluminavam o horizonte.

Era possível que, algumas horas mais tarde, o raio faiscasse sobre a ilha. Estava uma noite ameaçadora.

No entanto, a obscuridade, por mais profunda que fosse, não podia deter aqueles homens habituados a caminhar pela estrada do curral. Subiram a margem esquerda do rio das Mercês, atingiram o planalto, passaram a ponte do Creek Glicerina e avançaram através da floresta.

Caminhavam com bom passo, tomados de viva emoção. Para eles, não restavam dúvidas: iam finalmente tomar conhecimento do enigma, saber o nome do misterioso ser que tão profundamente entrara nas suas vidas, que tão generoso se mostrara, tão poderoso pela sua ação! Não tinha sido preciso, com efeito, que o desconhecido entrasse na existência deles, que a conhecesse a fundo, nos mínimos pormenores, que tivesse ouvido o que se dizia em Granite-House, para ter podido intervir daquela maneira?

Cada um dos colonos, embrenhado nas suas reflexões, apressava o passo. Sob a abóbada formada pelas copas das árvores, a obscuridade era tal que a berma da estrada não se via. Não se ouvia o mínimo ruído na floresta. Quadrúpedes e pássaros, influenciados pela atmosfera pesada, estavam imobilizados e silenciosos. Nenhum

sopro agitava as folhas. Apenas os passos dos colonos se ouviam, na sombra, sobre o solo escurecido.

O silêncio, durante esse primeiro quarto de hora de marcha, foi apenas interrompido por esta observação de Pencroff:

— Devíamos ter trazido uma tocha.

E por esta resposta do engenheiro:

— Encontraremos uma no curral.

Cyrus Smith e os companheiros tinham deixado Granite-House às nove horas e doze minutos. Às nove horas e quarenta e sete minutos, haviam percorrido uma distância de três milhas das cinco que separavam a embocadura do rio das Mercês do curral.

Nesse momento, grandes relâmpagos esbranquiçados iluminavam e desenhavam a negro os recortes das folhas. Esses clarões intensos deslumbravam e cegavam. Era evidente que a tempestade não tardaria a desencadear-se. Os relâmpagos tomavam-se a pouco e pouco mais frequentes e luminosos. Um trovão longínquo rolava pelas profundezas dos céus. A atmosfera estava sufocante.

Os colonos caminhavam como se fossem impelidos para a frente por uma força irresistível.

Às nove horas e um quarto um vivo clarão fez-lhes ver a paliçada que rodeava o curral e mal tinham passado a porta quando se ouviu um tremendo trovão.

O curral foi atravessado num instante e chegaram diante da casa.

O engenheiro bateu à porta.

Não houve resposta.

Cyrus Smith abriu a porta e os colonos entraram na casa, que estava completamente às escuras.

Nab fez lume e pouco depois uma lanterna acesa iluminava todos os recantos do aposento...

Não se encontrava ali ninguém. As coisas permaneciam no estado em que as tinha deixado.

— Teremos sido vítimas de uma ilusão? — murmurou Cyrus Smith. Não, não era possível! O telegrama dissera realmente: «Venham depressa ao curral!»

Aproximaram-se da mesa que estava especialmente destinada ao serviço do telégrafo. Estava tudo no seu lugar, tanto a pilha como a caixa que a continha, assim como o aparelho transmissor e recetor.

— Quem veio aqui pela última vez? — perguntou o engenheiro.

— Eu, senhor Smith — respondeu Ayrton.

— E foi?...

— Há quatro dias.

— Ah!, uma mensagem! — exclamou Harbert, que mostrou um papel colocado sobre a mesa.

Nesse papel, estavam escritas, em inglês, as seguintes palavras: «Sigam o novo fio.»

— A caminho! — exclamou Cyrus Smith, que compreendeu que a mensagem não partira do curral mas sim do retiro misterioso, que um fio suplementar, junto ao antigo, ligava diretamente a Granite-House.

Nab pegou na lanterna acesa e todos deixaram o curral.

A tempestade desencadeava-se então com extrema violência. O intervalo que separava o relâmpago do trovão era cada vez mais curto. O meteoro ia em breve dominar o monte Franklin e toda a ilha. A luz intermitente dos relâmpagos, via-se o cume do vulcão coroadado por vapores.

Não havia em toda a zona do curral que separava a casa da paliçada qualquer comunicação telegráfica. Mas depois de ter saído a porta, o engenheiro, indo direito ao primeiro poste, viu à luz de um relâmpago que um novo fio caía do isolador para o chão.

— Ei-lo! — exclamou.

Esse fio arrastava-se pelo solo, mas a todo o comprimento estava rodeado por uma substância isoladora, como sucede com um cabo submarino, o que assegurava a livre transmissão da corrente. Pela sua direção, parecia seguir através dos bosques e dos contrafortes meridionais da montanha, e, conseqüentemente, na direção oeste.

— Sigamo-lo! — disse Cyrus Smith.

E quer à luz da lanterna, quer iluminados pelos relâmpagos, os colonos lançaram-se no caminho traçado pelo fio.

O ribombar do trovão era então contínuo, e a sua violência era tal que os colonos não podiam trocar qualquer palavra entre si, pois não se ouviria. De resto, não se tratava de falar, mas de ir para a frente.

Cyrus Smith e os seus subiram primeiro o contraforte existente entre o vale do curral e o do rio da Queda, que atravessaram na sua parte mais estreita. O fio, ora estendido sobre os ramos baixos das árvores, ora deitado por terra, guiava-os com segurança.

O engenheiro supusera que esse fio chegaria talvez ao fundo do vale e que seria ali o retiro do desconhecido.

Contudo, tal suposição não se confirmou. Foi necessário subir o contraforte de sudoeste e voltar a descer para o planalto árido que terminava a muralha de basaltos, tão estranhamente amontoados. De tempos a tempos, um dos colonos baixava-se, tateava o fio e se necessário retificava a direção que tomavam. Mas já ninguém tinha

dúvidas de que esse fio se dirigia diretamente para o mar. Sem dúvida seria ali, nas profundezas das rochas ígneas, que ficava a moradia em vão procurada até então.

O céu estava em fogo. Um relâmpago não esperava por outro. Muitos atingiam o cume do vulcão e precipitavam-se na cratera, no meio da espessa fumarada. Dir-se-ia, por vezes, que o monte lançava chamas.

Às dez horas menos alguns minutos, tinham os colonos chegado à alta orla que dominava o oceano, para oeste. O vento soprava. A ressaca rugia quinhentos pés mais abaixo.

Cyrus Smith estimou que ele e os companheiros haviam já percorrido a distância de milha e meia desde o curral.

Nessa altura, o fio passava pelo meio das rochas, seguindo a encosta bastante inclinada de uma ravina estreita e caprichosamente delineada.

Os colonos seguiram esse fio, mesmo com o risco de provocarem algum desmoronamento de rochas mal equilibradas e de se precipitarem no mar. A descida era extremamente perigosa, mas eles nem se davam conta do perigo; não eram já senhores de si mesmos: uma força irresistível atraía-os a esse ponto misterioso, como o imã atrai o ferro.

Desse modo desceram quase inconscientemente a ravina, que, mesmo à luz do dia, seria impraticável. As pedras rolavam e resplandeciam como bólides inflamados, quando atravessam as zonas de luz. Cyrus Smith ia à frente. Ayrton fechava a marcha. Aqui, seguiam a passo; ali, deslizavam sobre a rocha polida; depois erguiam-se e continuavam o caminho. Por fim, o fio, fazendo um ângulo brusco, tocou nas rochas do litoral, verdadeiro viveiro de

recifes que as grandes marés deviam fustigar. Os colonos tinham atingido o limite inferior da muralha de basalto.

Ali havia uma estreita elevação que corria horizontal e paralelamente ao mar. O fio seguia-a e os colonos dirigiram-se para lá. Mas ainda não tinham dado cem passos e já a elevação, inclinando-se numa encosta moderada, chegava ao próprio nível das ondas.

O engenheiro agarrou o fio e viu que ele mergulhava no mar.

Os seus companheiros, parados junto dele, estavam estupefactos.

Um grito de desapontamento, quase de desespero, saiu dos lábios de todos! Seria preciso então mergulhar e procurar uma caverna submarina? No estado de excitação moral e física em que se encontravam, não teriam hesitado em fazê-lo.

Contudo, uma reflexão do engenheiro deteve-os.

Cyrus Smith conduziu os companheiros até junto de uma anfractuosidade das rochas e disse-lhes:

— Esperemos. A maré está cheia. Quando baixar, o caminho ficará aberto.

— Mas que pode fazê-lo crer... — começou a dizer Pencroff.

— Ele não nos teria chamado se não tivéssemos meios de chegar junto dele!

Cyrus Smith falara com tal convicção que ninguém fez objeções. A sua observação era, de resto, lógica. Deviam admitir a existência de uma abertura, praticável com a maré baixa e encoberta pelas ondas nesse momento.

Vendo-se forçados a esperar algumas horas, os colonos encostaram-se em silêncio a uma espécie de grande pórtico

profundo, cavado na rocha. A chuva começava então a cair e foi em torrentes que se condensaram bruscamente as nuvens, rasgadas pelo raio. Os ecos ampliavam o ribombar do trovão e davam-lhe uma sonoridade grandiosa.

A emoção dos colonos era extrema. Mil pensamentos estranhos, sobrenaturais, atravessavam os seus cérebros, e eles evocavam alguma grande e sobre-humana aparição, que era o que lhes ocorria para corresponder à ideia do misterioso génio da ilha.

A meia-noite, Cyrus Smith, erguendo a lanterna, desceu quase até ao nível da praia a fim de observar a disposição das rochas. Já há duas horas que a maré baixava.

O engenheiro não se enganara. O arco de uma vasta escavação começava já a desenhar-se acima das águas. O fio, seguindo pelo lado direito, mergulhava nessa goela gigantesca.

Cyrus Smith voltou para junto dos companheiros e disse simplesmente:

— Dentro de uma hora, a abertura será praticável!

— Portanto, existe?...— perguntou Pencroff.

— Duvidava disso? — retorquiu Cyrus Smith.

— Mas essa caverna deve estar cheia de água até a uma certa altura — observou Harbert.

— Ou essa caverna fica completamente a seco — respondeu Cyrus Smith — e nós podemos percorrê-la a pé, ou não fica a seco e algum meio de transporte há de ser posto à nossa disposição.

Passou-se uma hora. Todos desceram, debaixo de chuva, até ao nível do mar. Em três horas a maré baixara quinze pés. A parte de cima do arco da escavação ficava pelo menos uns oito pés acima do

nível das águas. Era como o arco de uma ponte, sob o qual passavam as águas espumosas.

Inclinando-se, o engenheiro viu um objeto que flutuava à superfície do mar. Puxou-o para si.

Era uma canoa, presa por uma corda a uma saliência da parede rochosa. A canoa era feita de tela especial e tinha dois remos no fundo, debaixo dos bancos.

— Embarquemos — disse Cyrus Smith.

Momentos depois, os colonos estavam na canoa. Nab e Ayrton pegaram nos remos, e Pencroff à frente, com a lanterna erguida, iluminava o caminho.

A abóbada, muito baixa, por onde a canoa passou primeiro, erguia-se bruscamente; mas a escuridão era demasiadamente profunda e a luz da lanterna demasiado fraca para conseguirem ver a extensão dessa caverna, a sua largura, altura e profundidade. No meio daquela caverna de basalto reinava um silêncio impressionante. Nenhum ruído do exterior ali penetrava e os raios dos relâmpagos não podiam atravessar as suas paredes espessas.

Existem em certas partes do Globo destas cavernas imensas, uma espécie de criptas naturais que datam da época geológica. Umas são invadidas pelas águas do mar; outras contêm verdadeiros lagos nas suas entranhas. Assim é a gruta de Fingal, na ilha de Staffa, uma das Hébridas; assim são as grutas de Morgat, na baía de Douarnenez, na Bretanha; as grutas de Bonifácio, na Córsega; as do Lyse-Fjord, na Noruega; assim é a imensa caverna de Mammoth, no Kentucky, com a altura de quinhentos pés e o comprimento de mais de vinte milhas! Em vários pontos da Terra a natureza cavou essas criptas e conservou-as para a admiração do homem.

Quanto à caverna que os colonos então exploravam, estender-se-ia até ao centro da ilha? Há um quarto de hora que a canoa avançava, fazendo desvios que o engenheiro indicava a Pencroff com voz breve, quando num certo momento ordenou:

— Mais para a direita!

A embarcação, modificando a sua direção, deslocou-se imediatamente para o lado direito, junto da muralha rochosa. O engenheiro queria, com razão, ver se o fio continuava a correr ao longo dessa parede.

O fio lá estava, preso às saliências da rocha.

— Para a frente! — disse Cyrus Smith,

E os dois remos, mergulhando nas águas escuras, levaram a embarcação para diante.

A canoa prosseguiu o seu caminho ainda durante um quarto de hora, e, desde a entrada da caverna, devia ter transposto uma distância de meia milha quando a voz de Cyrus Smith se fez ouvir de novo.

— Parem! — disse ele.

A embarcação parou e os colonos viram uma luz viva que iluminava a enorme cripta, tão profundamente cavada nas entranhas da ilha.

Foi então possível examinar essa caverna, de cuja existência ninguém podia suspeitar.

A uma altura de cem pés via-se uma abóbada arredondada, apoiada em pilares de basalto que pareciam ter saído todos do mesmo molde. Bases irregulares e nervuras caprichosas faziam parte dessas colunas que a natureza tinha erguido aos milhares nas primeiras épocas da formação do Globo. Os pilares de basalto eram

por vezes formados por vários bocados, ligados uns aos outros, que mediam de quarenta a cinquenta pés de altura, e a água, tranquila, apesar da agitação do exterior, banhava-lhes a base. A irradiação luminosa, assinalada pelo engenheiro, iluminava a caverna e penetrava por assim dizer nas paredes, como se elas fossem diáfnas, e transformava em pedras preciosas as suas mais leves saliências.

Devido a um fenómeno de refração, a água reproduzia essas diversas cintilações à sua superfície, de tal modo que o barco parecia flutuar entre duas zonas cintilantes.

Não havia qualquer engano sobre a natureza da irradiação projetada pelo centro luminoso, cujos raios, nítidos e retílineos, se quebravam em todos os ângulos, em todas as nervuras da cripta. Essa luz era elétrica. A sua cor branca traía-lhe a origem. Era o sol daquela caverna e enchia-a inteiramente.

A um sinal de Cyrus Smith, os remos mergulharam na água fazendo jorrar uma verdadeira chuva de rubis, e a canoa dirigiu-se para o centro luminoso, do qual se encontrava a pouco mais de cem metros.

Nesse local, a largura da toalha de água media cerca de trezentos e cinquenta pés, e podia ver-se, para além do centro de luz, uma enorme parede de basalto, que fechava toda a saída desse lado. A caverna tinha portanto alargado consideravelmente e o mar formava ali um pequeno lago. Mas a abóbada, as paredes laterais, a muralha, todos os prismas, todos os cilindros, todos os cones eram banhados pelo fluido elétrico, de tal maneira que o brilho que tinham parecia ser-lhes inerente, e quase se poderia dizer que essas pedras, lapidadas como diamantes de grande preço, irradiavam luz!

No centro do lago, um longo objeto fusiforme flutuava à superfície das águas, silencioso, imóvel. O brilho que dele saía irradiava dos dois lados, como se fossem duas goelas de forno aquecidas ao rubro. Esse aparelho, semelhante a um imenso cetáceo, tinha um comprimento de duzentos e cinquenta pés e erguia-se uns dez a doze pés acima do nível do mar.

A canoa aproximou-se lentamente. A frente, Cyrus Smith tinha-se levantado. Olhava, tomado de uma violenta agitação. Depois, de repente, agarrando no braço do repórter:

— Mas é ele! Não pode ser senão ele! — exclamou. — Ele!...

Depois deixou-se cair sobre o banco, murmurando um nome que só Gédéon Spilett ouviu.

Sem dúvida que o repórter conhecia esse nome, pois a revelação provocou nele um efeito prodigioso, e respondeu com voz surda:

— Ele! Um homem fora da lei!

— Ele! — disse Cyrus Smith.

Por ordem do engenheiro, o barco aproximou-se daquele estranho aparelho flutuante. Encostou ao seu lado esquerdo, do qual irradiava um feixe luminoso que saía através de um espesso vidro.

Cyrus Smith e os seus companheiros subiram para a plataforma. Viram então uma grande abertura e todos entraram por ela.

Desceram uma escada e chegaram a um corredor iluminado eletricamente. Na extremidade desse corredor, via-se uma porta, que Cyrus Smith abriu.

Uma sala ricamente ornamentada, que os colonos atravessaram rapidamente, ia dar a uma biblioteca, de cujo teto jorrava uma torrente de luz.

Ao fundo da biblioteca, uma grande porta, também fechada, foi aberta pelo engenheiro.

Um vasto salão, espécie de museu onde se encontravam amontoados todos os tesouros da natureza mineral, obras de arte e maravilhas da indústria, surgiu aos olhos dos colonos, que se julgaram feericamente transportados para o mundo dos sonhos.

Estendido sobre um rico divã, viram um homem, que não pareceu dar pela sua presença.

Então, Cyrus Smith ergueu a voz e, com extrema surpresa dos seus companheiros, pronunciou estas palavras:

— Capitão Nemo, mandou-nos chamar? Aqui estamos.

Capítulo 16

Ao ouvir estas palavras, o homem deitado ergueu-se e o seu rosto surgiu em plena luz: cabeça magnífica, testa alta, olhar orgulhoso, barba branca, cabeleira abundante e penteada para trás.

Esse homem apoiava-se às costas do divã em que estivera deitado. O seu olhar era calmo. Via-se que uma doença lenta o minara a pouco e pouco, mas a sua voz ainda era forte quando ele disse em inglês e num tom que refletia certo espanto:

— Não tenho nome, senhor.

— Eu conheço-o! — respondeu Cyrus Smith.

O capitão Nemo olhou para o engenheiro com um olhar ardente, como se quisesse fulminá-lo.

Depois, deixando-se cair de novo sobre o divã, murmurou:

— Afinal que importa. Vou morrer!

Cyrus Smith aproximou-se do capitão Nemo e Gédéon Spilett agarrou-lhe a mão, que achou escaldante. Harbert, Pencroff, Ayrton e Nab tinham ficado respeitosamente de pé a um canto do magnífico salão, cujo ar estava saturado de emanações elétricas.

Entretanto, o capitão Nemo retirara a mão da de Gédéon Spilett, e com um gesto pediu ao engenheiro e ao repórter que se sentassem.

Todos o olhavam com verdadeira emoção. Era então aquele a quem eles chamavam «o génio da ilha», o ser poderoso cuja intervenção, em tantas circunstâncias, fora tão eficaz, o benfeitor a quem estavam tão reconhecidos! Diante dos olhos deles encontrava-

se apenas um homem, que Nab e Pencroff quase tinham considerado um deus, e esse homem estava prestes a morrer!

Mas como é que Cyrus Smith conhecia o capitão Nemo? Por que razão este se emocionara tanto ao ouvir pronunciar esse nome, que devia ser ignorado por todos?...

O capitão continuava recostado no divã, e, apoiado sobre o braço, fitava o engenheiro, que se sentara junto dele.

— Sabe o meu nome, senhor? — perguntou.

— Sei — respondeu Cyrus Smith. — Como sei o nome deste admirável aparelho submarino.

— O *Nautilus*? — perguntou com um leve sorriso o capitão.

— O *Nautilus*.

— Mas sabe quem eu sou?

— Sei.

— No entanto, há trinta anos que não tenho qualquer comunicação com o mundo habitado; há trinta anos que vivo nas profundezas do mar, o único meio onde encontrei independência! Quem pode ter traído o meu segredo?

— Um homem que nunca esteve comprometido consigo, capitão Nemo, e que, por consequência, não pode ser acusado de traição.

— Esse francês que o acaso atirou para o meu barco há dezasseis anos?

— Esse mesmo.

— Esse homem e os seus dois companheiros não morreram no *maelstrom*, quando o *Nautilus* foi também apanhado?

— Não, não morreram, e apareceu, com o título de *Vinte Mil Léguas Submarinas*, uma obra que contém a sua história.

— A minha história de alguns meses apenas, senhor! — respondeu vivamente o capitão.

— É certo. Mas alguns meses dessa extraordinária vida bastaram para o tornar conhecido...

— Como um grande culpado, sem dúvida! —olveu o capitão Nemo, soltando um suspiro ativo. — Sim, um revoltado, talvez banido pela humanidade!

O engenheiro não respondeu.

— Então, senhor?

— Eu não devo julgar o capitão Nemo — respondeu Cyrus Smith. — Pelo menos no que diz respeito à sua vida passada. Ignoro, como toda a gente, qual seria o móbil dessa estranha existência, e não posso julgar os efeitos sem conhecer as causas; mas o que sei é que uma mão benfazeja se estendeu constantemente sobre nós desde a nossa chegada à ilha Lincoln; sei que todos nós devemos a vida a um ser bom, generoso, poderoso, e que esse ser poderoso, generoso e bom é o senhor, capitão Nemo!

— Sou eu — respondeu simplesmente o capitão.

O engenheiro e o repórter tinham-se levantado. Os seus companheiros aproximaram-se e o reconhecimento que transbordava dos seus corações ia traduzir-se por gestos, por palavras...

O capitão Nemo deteve-os com um gesto e, com uma voz mais comovida do que ele sem dúvida desejaria ter, murmurou:

— Quando me tiverem ouvido²².

E o capitão, em poucas frases concisas e apressadas, deu-lhes a conhecer toda a sua vida.

A narrativa foi breve, e no entanto teve de recorrer a toda a sua energia para conseguir levá-la ao fim. Era evidente que lutava contra uma extrema fraqueza. Várias vezes Cyrus Smith lhe pediu que repousasse um pouco, mas ele abanava a cabeça como um homem a quem o dia seguinte já não pertencia, e quando o repórter lhe ofereceu os seus cuidados respondeu:

— São inúteis; as minhas horas estão contadas.

O capitão Nemo era indiano, o príncipe Dakkar, filho de um rajá de um território então independente, do Bundelkund, e sobrinho do herói da Índia, Tippto-Saíb. Seu pai enviara-o para a Europa aos dez anos, com o intuito de lhe dar uma educação completa e na secreta intenção de ele poder um dia lutar, em pé de igualdade, com aqueles que considerava os opressores do seu país.

Dos dez aos trinta anos, o príncipe Dakkar, superiormente dotado, grande de coração e de espírito, instruiu-se em todas as coisas, nas ciências, nas letras e nas artes, e levou longe os seus estudos.

O príncipe Dakkar viajou por toda a Europa. O seu nascimento e a sua fortuna fazia com que o procurassem, mas as seduções do mundo não o atraíam. Jovem e belo, ele continuava sério, sombrio, tendo uma sede insaciável de saber e no fundo do coração um ressentimento implacável.

O príncipe Dakkar odiava. Odiava o único país onde nunca quisera ir, a única nação cujas propostas ele sempre recusara: odiava a Inglaterra, e tanto mais quanto sob muitos aspetos a admirava.

É que esse indiano reunia em si todos os ódios ferozes do oprimido contra o opressor. O invasor não tinha podido encontrar

perdão no invadido. Filho de um desses soberanos cujo domínio o Reino Unido só conseguira assegurar nominalmente, esse príncipe da família de Tippto-Saíb, educado no sentido da reivindicação e da vingança, sentindo um profundo amor pelo seu país, manietado pelas correntes inglesas, não quis nunca pôr o pé nessa terra maldita, à qual a Índia devia a sua servidão.

O príncipe Dakkar tornou-se um artista a quem as maravilhas da arte impressionavam nobremente, um sábio para o qual nada das altas ciências era estranho, um homem de Estado que se formou no meio das cortes europeias. Aos olhos daqueles que o observavam de uma forma incompleta, ele passava talvez por um desses cosmopolitas curiosos de saber, mas desdenhando agir, por um desses viajantes opulentos, espíritos orgulhosos e platônicos, que percorrem incessantemente o Mundo e não pertencem a nenhum país.

Porém, ele não era nada disso. Esse artista, esse sábio, esse homem que permanecera indiano pelo coração, indiano pelo desejo de vingança, indiano pela esperança de poder um dia reivindicar os direitos do seu país, acalentava a ideia de expulsar o estrangeiro e devolver-lhe a independência.

O príncipe Dakkar regressara ao Bundelkund no ano de 1849. Casou com uma nobre indiana cujo coração sangrava como o seu com as infelicidades da sua pátria. Tiveram dois filhos, que adoravam. Mas a felicidade doméstica não podia fazer-lhes esquecer a servidão da Índia. Esperava uma ocasião e essa ocasião surgiu.

O jugo inglês fazia-se sentir talvez demasiadamente sobre as populações indianas. O príncipe Dakkar tornou-se a voz dos descontentes. Fez passar para o espírito deles todo o ódio que sentia

contra o estrangeiro. Percorreu não só as regiões ainda independentes da península indiana, mas também as regiões diretamente submetidas à administração inglesa. Recordou os grandes dias de Tippto-Saíb, que caíra heroicamente em Seringapatam em defesa da sua pátria.

Em 1857 eclodiu a grande revolta dos sipaios. O príncipe Dakkar foi a alma dessa revolta. Foi ele quem organizou a imensa sublevação. Pôs o seu talento e as suas riquezas ao serviço dessa causa. Arriscou a vida, bateu-se à frente de todos, como o mais humilde desses heróis que se levantaram para libertar o seu país; foi ferido dez vezes em vinte recontros e escapou vivo como por milagre quando os últimos heróis da independência caíram sob as balas inglesas.

Nunca o poderio britânico na Índia corra tal perigo, e se, como tinham esperado, os sipaios encontrassem auxílio no exterior, talvez a Ásia tivesse então ficado liberta da influência e do domínio ingleses.

O nome do príncipe Dakkar tornou-se então ilustre. O herói que o usava não se escondeu e lutou abertamente. A sua cabeça foi posta a prêmio, e como não houve traidor que o entregasse seu pai, sua mãe, sua mulher e filhos pagaram pelo príncipe, antes mesmo de ele ter podido conhecer os perigos que eles corriam...

O direito, ainda dessa vez, caíra perante a força. Mas a civilização nunca recua: parece que vai buscar todos os direitos à necessidade. Os sipaios foram vencidos e o país dos antigos rajás voltou a cair sob o domínio da Inglaterra.

O príncipe Dakkar, que não pudera morrer, regressou às montanhas do Bundelkund. Ali, sozinho e cheio de um desprezo

imenso por todo o que tivesse o nome do homem, sentindo ódio e horror pelo mundo civilizado, querendo fugir para sempre, juntou os destroços da sua fortuna, reuniu uns vinte dos seus mais fiéis companheiros e um dia desapareceram todos.

Onde poderia o príncipe Dakkar ir buscar essa independência que a terra habitada lhe recusava? Sob as águas, na profundidade dos mares, onde ninguém poderia segui-lo.

O sábio substituiu então o homem de guerra. Uma ilha deserta do Pacífico serviu-lhe para estabelecer o seu estaleiro, e sob a sua direção foi construído um barco submarino. A eletricidade, por meio que um dia serão conhecidos, forneceu-lhe uma incomensurável força mecânica, e que ele ia buscar a fontes inesgotáveis, foi utilizada para todas as necessidades do seu aparelho flutuador, como força motriz, iluminante e calorífera. O mar, com os seus tesouros infinitos, as suas miríades de peixes, os seus limos e sargaços, os seus enormes mamíferos, e não apenas tudo o que a natureza lá tem mas também tudo o que o homem lá perdeu, bastou amplamente para as necessidades do príncipe e da sua tripulação — e isso foi a realização do seu mais vivo desejo, visto que não queria ter mais nenhuma comunicação com a terra. Batizou o seu barco submarino com o nome de *Nautilus*, a si próprio o de capitão Nemo e desapareceu nos abismos oceânicos.

Durante muitos anos, o capitão visitou todos os oceanos do Globo. Pária do universo habitado, recolheu dos mundos desconhecidos tesouros admiráveis. Os milhões perdidos na baía de Vigo, em 1702, por galeões espanhóis, forneceram-lhe uma mina inesgotável de riquezas de que ele sempre dispôs anonimamente em favor dos povos que se batiam pela independência do seu país²³.

Enfim, havia muito tempo que não tinha qualquer comunicação com os seus semelhantes, quando, durante a noite de 6 de novembro de 1866, recolheu três homens a bordo. Era um professor francês, um seu criado e um pescador canadiano. Esses três homens tinham sido projetados ao mar num choque entre o *Nautilus* e a fragata dos Estados Unidos *Abraham Lincoln*, que o perseguia.

O capitão Nemo soube pelo professor francês que o *Nautilus* — umas vezes tomado como se de um gigantesco mamífero da família dos cetáceos se tratasse, outras vezes considerado como um submarino tripulado por piratas — estava a ser perseguido por todos os mares. O capitão Nemo podia ter entregue ao oceano esses três homens que o acaso levava para a sua misteriosa existência. Não o fez porém, e conservou-os durante sete meses no seu barco, onde eles puderam admirar todas as maravilhas de uma viagem realizada por vinte mil léguas submarinas.

Um dia, a 22 de junho de 1867, esses três homens, que não sabiam nada do passado do capitão Nemo conseguiram fugir, depois de se terem apoderado de um bote do *Nautilus*. Mas como nesse momento o navio se encontrava nas costas da Noruega, arrastado pelos turbilhões do *maelstrom*, o capitão julgou que os fugitivos, caídos nesses terríveis redemoinhos, haviam encontrado a morte no fundo do abismo. Ignorava que o francês e os dois companheiros tinham sido miraculosamente atirados para a costa, que os pescadores das ilhas Loffoden os haviam recolhido, e que o professor, após o seu regresso a França, publicara a obra na qual eram contados os sete meses da aventurosa navegação do *Nautilus*, que assim entrava no domínio público.

Durante muito tempo ainda, o capitão Nemo continuou a viver assim, percorrendo os mares. Mas, a pouco e pouco, os seus companheiros morreram e foram repousar no seu cemitério de coral, no fundo do Pacífico. O vazio fez-se no *Nautilus* e o capitão Nemo ficou sendo o único de todos os que se tinham refugiado com ele nas profundezas do oceano.

O capitão Nemo tinha então sessenta anos. Quando ficou só, conseguiu levar o seu *Nautilus* para um dos portos submarinos que lhe serviam por vezes de abrigo e repouso.

Um desses portos ficava sob a ilha Lincoln, e era ela que dava nesse momento asilo ao *Nautilus*.

Há seis anos que o capitão se encontrava ali. O *Nautilus* já não navegava. O capitão Nemo esperava a morte, o momento de ir reunir-se aos seus companheiros, quando o acaso fez com que ele assistisse à queda do balão que levava os prisioneiros dos sulistas. Vestindo o seu escafandro, passeava ele debaixo de água, a algumas centenas de metros da margem, quando o engenheiro foi precipitado no mar. Um gesto de bondade arrastou o capitão Nemo... e salvou Cyrus Smith.

De início quis fugir desses cinco naufragos, mas como o seu porto de abrigo estava fechado, devido a uma elevação do granito produzido pelo efeito da ação vulcânica, não podia transpor a entrada da cripta. Onde havia ainda água suficiente para que uma embarcação ligeira pudesse passar a barra, já não havia a necessária para o *Nautilus*, que deslocava uma massa de água bastante considerável.

O capitão Nemo ficou. Depois começou a observar esses homens lançados, sem recursos, para uma ilha deserta, mas não quis ser

visto. A pouco e pouco, quando os viu honestos, enérgicos, ligados uns aos outros por uma amizade fraternal, interessou-se pelos seus esforços. Mesmo contra vontade, penetrou nos segredos da sua existência. Com o escafandro, era-lhe fácil chegar ao fundo do poço interior de Granite-House, e, subindo pelas saliências rochosas até à sua abertura superior, ouvia os colonos contarem o passado, estudar o presente e o futuro. Conheceu por eles o imenso esforço da América contra a própria América, para abolir a escravatura. Sim, esses homens eram dignos de reconciliar o capitão Nemo com essa humanidade que eles tão honestamente representavam na ilha!

O capitão Nemo salvara Cyrus Smith. Fora ele também quem levara o cão às Chaminés, que o salvara no lago, que fizera encalhar na ponta do Destroço aquela caixa contendo tantos objetos úteis para os colonos, que enviara a canoa para a embocadura do rio das Mercês, que lhes lançara a corda do alto de Granite-House aquando do ataque dos macacos, que deu a conhecer a presença de Ayrton na ilha Tabor, por meio do documento encerrado na garrafa, que fizera saltar o brigue pelo choque de um torpedo colocado no fundo do canal, que salvara Harbert de morte certa levando-lhe o sulfato de quinino, e fora ele também quem atingira os piratas com as balas elétricas, cujo segredo só ele conhecia e que utilizava nas caçadas submarinas. Assim se explicavam tantos incidentes que deviam parecer sobrenaturais e que atestavam todos a generosidade e poder do capitão.

Entretanto, esse grande misantropo ainda sentia sede de fazer o bem. Tinha ainda úteis avisos a fazer aos seus protegidos, e, por outro lado, sentindo-se morrer, o seu coração pulsava com essa perspectiva. Enviara então o telegrama que já conhecemos a Granite-

House, por meio de um fio através do qual ele ligou o curral ao *Nautilus*, e que era munido de um aparelho alfabético... Talvez não o tivesse feito se soubesse que Cyrus Smith conhecia suficientemente a sua história para lhe dar o nome de Nemo.

O capitão terminou a narrativa da sua vida. Cyrus Smith tomou então a palavra: lembrou todos os incidentes no decorrer dos quais ele, capitão, tinha exercido sobre a colônia uma influência tão decisiva, e, em seu nome e no dos seus companheiros, agradeceu ao ser generoso a quem tanto deviam.

Contudo, o capitão Nemo não pensava em reclamar o preço dos serviços que prestara. Um último pensamento agitava o seu espírito, e, antes de apertar a mão que o engenheiro lhe apresentava, disse:

— Agora, que conhece a minha vida, julgue-a!

Falando assim, o capitão aludia evidentemente a um grave incidente que os três estrangeiros que se encontravam a bordo do seu barco tinham testemunhado — incidente que o professor francês tinha necessariamente contado na sua obra e cuja repercussão devia ser terrível.

Com efeito, alguns dias antes da fuga do professor e dos seus dois companheiros, o *Nautilus*, perseguido por uma fragata no norte do Atlântico, lançara-se sobre essa fragata e, sem piedade, afundara-a.

Cyrus Smith compreendeu a alusão e não respondeu.

— Era uma fragata inglesa, senhor — exclamou o capitão Nemo, que voltara por instantes a ser o príncipe Dakkar. — Uma fragata inglesa, percebem! Atacava-me! Estava encurralado numa baía estreita e pouco profunda. Precisava de passar e passei! — Depois, com voz calma: — Estava do lado da justiça e do direito —

acrescentou. — Fiz por todo o lado o bem que pude, e também o mal que fui obrigado a fazer. Nem toda a justiça está no perdão!

Alguns instantes de silêncio se seguiram a esta resposta, e o capitão Nemo pronunciou de novo esta frase:

— Que pensam de mim, senhores?

Cyrus Smith estendeu a mão ao capitão e respondeu com voz grave:

— Capitão, o seu erro foi pensar que se podia ressuscitar o passado, e lutou contra o progresso necessário. Foi um desses erros que uns admiram e outros censuram, dos quais só Deus é juiz e que a razão humana deve absolver. Pode combater-se aquele que se engana numa intenção que julga boa, mas não se deixa de o admirar. O seu erro é daqueles que não excluem a admiração e o seu nome nada tem a temer do julgamento da História. Ela gosta das loucuras heroicas, condenando no entanto os resultados dessas loucuras.

O peito do capitão Nemo soergueu-se e ele estendeu a mão para o Céu.

— Tive razão ou errei? — murmurou.

Cyrus Smith continuou:

— Todas as grandes ações sobem para Deus, pois dele vêm! Capitão Nemo, os homens honestos que aqui estão, e que o senhor tantas vezes ajudou, hão de chorá-lo sempre!

Harbert aproximou-se do capitão. Ajoelhou, pegou-lhe na mão e beijou-a.

Uma lágrima deslizou dos olhos do moribundo.

— Meu filho — disse ele —: abençoado sejas!...

Capítulo 17

O dia já nascera. Nenhum raio luminoso penetrava naquela cripta profunda. A maré, alta nesse momento, obstruía a abertura. Mas a luz artificial, que saía em longos feixes do casco do *Nautilus* não enfraquecera, e o lençol de água continuava a resplandecer em redor do aparelho flutuante.

Uma extrema fadiga se apoderara do capitão Nemo, que se deixara cair de novo sobre o divã. Não podiam pensar em transportá-lo para Granite-House, pois ele manifestara a sua vontade de ficar entre as maravilhas do *Nautilus*, que milhões não poderiam pagar, esperando ali a morte, que não tardaria a chegar.

Durante uma prostração bastante demorada, que o manteve quase sem sentidos, Cyrus Smith e Gédéon Spilett observaram com atenção o estado do doente. Era visível que a vida do capitão se extinguia a pouco e pouco. A força faltava àquele corpo outrora tão robusto, agora frágil invólucro de uma alma que ia fugir-lhe. Toda a vida dele se concentrava no coração e no cérebro.

O engenheiro e o repórter consultaram-se em voz baixa. Haveria algo que pudesse salvar o moribundo? Poderiam eles, senão salvar, pelo menos prolongar a sua vida durante alguns dias? No entanto, ele próprio dissera que não havia qualquer remédio e esperava tranquilamente a morte, que não receava.

— Nada podemos fazer — disse Gédéon Spilett.

— Mas de que doença está ele a morrer? — perguntou Pencroff.

— De inanição — respondeu o repórter.

— No entanto — disse o marinheiro —, se nós o transportássemos para o sol, para o ar livre, talvez ele se reanimasse.

— Não, Pencroff — replicou o engenheiro. — Não podemos tentar nada! De resto, o capitão Nemo não consentiria em deixar o seu barco. Há trinta anos que ele vive no *Nautilus* e é no *Nautilus* que ele quer morrer.

O capitão Nemo ouviu certamente a resposta de Cyrus Smith, pois soergueu-se um pouco e com voz fraca, mas sempre inteligível, disse:

— Tem razão, senhor. Quero e devo morrer aqui. Mas tenho um pedido a fazer-lhes.

Cyrus Smith e os companheiros tinham-se aproximado do divã e colocaram as almofadas de modo a que o moribundo ficasse mais bem encostado.

Puderam então ver o seu olhar percorrer todas as maravilhas que continha aquele salão, iluminado pelos raios elétricos filtrados pelos arabescos de um teto luminoso. Ele olhou, um após outro, todos os quadros das paredes, as tapeçarias esplêndidas, as obras-primas dos mestres italianos, flamengos, franceses e espanhóis, as estatuetas de bronze e de mármore que se erguiam nos seus pedestais, o magnífico órgão encostado ao fundo, e depois as vitrinas dispostas em redor de um tanque central, onde viam os mais admiráveis produtos do mar, plantas marinhas, colares de pérolas de valor incalculável, zoófitos, e por fim os seus olhos fixaram-se na divisa inscrita no frontão desse museu, a divisa do *Nautilus*:

Mobilis in mobili

Parecia que queria acariciar pela última vez com o olhar essas obras-primas da arte e da natureza, às quais limitara o seu horizonte durante uma permanência de tantos anos no fundo dos mares!

Cyrus Smith respeitava o silêncio do capitão Nemo. Esperava que o moribundo falasse.

Depois de alguns instantes, durante os quais viu sem dúvida passar diante dos seus olhos toda a sua vida, o capitão Nemo voltou-se para os colonos e disse-lhes:

— Acham que têm para comigo alguma dívida de gratidão?...

— Capitão, nós daríamos as nossas vidas para prolongar a sua!

— Bem — retorquiu o capitão. — Bem! Prometam-me executar as minhas últimas vontades e eu ficarei pago de tudo o que fiz por vocês.

— Prometemos! — respondeu Cyrus Smith. E com essa resposta comprometia-se a si e aos companheiros.

— Senhores — continuou o capitão —, amanhã estarei morto.

Com um gesto, deteve Harbert, que quis protestar.

— Amanhã estarei morto e não quero ter outro túmulo que não seja o *Nautilus*. E o meu jazigo! Todos os meus amigos repousam no fundo do mar e eu quero lá descansar também.

Um silêncio profundo acolheu estas palavras do capitão Nemo.

— Ouçam-me bem, senhores. O *Nautilus* está prisioneiro desta gruta, cuja entrada se elevou. Mas se não pode sair desta prisão, pode pelo menos mergulhar no abismo e conservar lá os meus restos mortais.

Os colonos ouviam religiosamente as palavras do moribundo.

— Amanhã, depois da minha morte, senhor Smith — disse o capitão —, o senhor e os seus companheiros deixarão o *Nautilus*, pois todas as riquezas que ele contém devem desaparecer comigo. Ficar-lhes-á apenas uma recordação do príncipe Dakkar, cuja história agora conhecem. Esse cofre... aí... guarda diamantes que valem milhões, recordações de uma época em que eu, pai e esposo, julguei acreditar na felicidade. Tem também uma coleção de pérolas que eu e os meus amigos apanhámos no fundo dos mares. Com esse tesouro vocês poderão um dia fazer boas obras. Entre as mãos de homens como o senhor e os seus companheiros, o dinheiro não será um perigo. Estarei portanto, do Além, associado às vossas obras, e não o receio!

Após alguns minutos de repouso, necessário devido à sua extrema fraqueza, o capitão Nemo voltou a falar nestes termos:

— Amanhã pegam neste cofre, deixem este salão e fecham a porta. Depois sobem à plataforma do *Nautilus* e fecham a abertura por onde entraram, prendendo-a bem por meio das suas cavilhas.

— Assim faremos, capitão — respondeu Cyrus Smith.

— Bem. Depois embarcam na canoa que os trouxe. Mas, antes de abandonarem o *Nautilus*, dirijam-se à ré e abram as torneiras que se encontram na linha de flutuação. A água entrará nos reservatórios e o *Nautilus* mergulhará a pouco e pouco para ir descansar no fundo do abismo.

E a um gesto de Cyrus Smith, o capitão acrescentou:

— Não receie nada! Apenas enterrará um morto!

Nem o engenheiro nem qualquer dos seus companheiros julgaram dever fazer qualquer observação ao capitão Nemo. Eram as

últimas vontades que ele lhes transmitia e tinham apenas de se conformar com elas.

— Tenho a vossa promessa, senhores? — perguntou o capitão Nemo.

— Tem, capitão — respondeu o engenheiro.

O capitão fez um gesto de agradecimento e pediu aos colonos que o deixassem sozinho durante algumas horas. Gédéon Spilett insistiu em ficar junto dele para o caso de se dar alguma crise, mas o moribundo respondeu:

— Viverei até amanhã, senhores!

Então todos atravessaram o salão, a biblioteca, a casa de jantar e chegaram a proa, à casa das máquinas, onde se encontravam os geradores elétricos, que forneciam, ao mesmo tempo que o calor e a luz, ao *Nautilus* a sua força mecânica.

O *Nautilus* era uma obra-prima que continha imensas obras-primas, e o engenheiro ficou maravilhado com ele.

Os colonos subiram depois à plataforma do submarino, que ficava uns sete ou oito pés acima da água. Ali, sentaram-se junto de um espesso vidro em forma de lente, que tapava uma espécie de grande olho donde saía um feixe luminoso. Por detrás desse olho luminoso havia uma cabina onde se encontravam as rodas do leme e onde ficava o timoneiro quando dirigia o *Nautilus* através das camadas líquidas, que os raios elétricos deviam iluminar a uma distância considerável.

Cyrus Smith e os companheiros ficaram silenciosos durante um bocado, pois sentiam-se muito impressionados com o que acabavam de ver e ouvir, e o coração apertava-se-lhes quando pensavam que

aquele que tantas vezes os socorrera, que esse protetor que só há algumas horas conheciam, estava prestes a morrer!

Qualquer que fosse o julgamento da posteridade a respeito dos atos daquela existência, por assim dizer extra-humana, o príncipe Dakkar ficaria sempre como uma dessas fisionomias estranhas cuja recordação não podia apagar-se.

— Eis um homem! — disse Pencroff. — É incrível que ele vivesse assim no fundo dos oceanos! E penso que talvez não tenha encontrado mais paz aqui do que noutros sítios!

— O *Nautilus* — observou então Ayrton — poderia talvez transportar-nos para qualquer terra habitada!

— Com mil diabos! — exclamou Pencroff! — Não seria eu que me aventuraria a dirigir um barco como o *Nautilus*! Navegar sobre as ondas sim, mas debaixo delas, isso é que não!

— Creio — disse o repórter — que a manobra de um barco submarino como o *Nautilus* deve ser muito fácil, e depressa nos habituaríamos. E então não mais recearíamos tempestades nem abalroamentos. Alguns pés abaixo da sua superfície, as águas do oceano são tão calmas como as de um lago.

— É possível — ripostou o marinheiro —; mas eu prefiro um bom vendaval a bordo de um navio bem aparelhado. Os barcos são feitos para andarem sobre a água e não por baixo dela.

— Meus amigos — respondeu o engenheiro —, é inútil, pelo menos a propósito do *Nautilus*, discutir essa questão dos submarinos. O *Nautilus* não é nosso e não temos o direito de dispor dele. De resto, em caso nenhum poderia servir-nos. Além de não poder sair desta caverna, cuja saída está fechada por uma elevação das rochas basálticas, o capitão Nemo quer que o barco se afunde

com ele depois da sua morte. A sua vontade é formal e nós cumpri-la-emos.

Depois de uma conversa que se prolongou ainda durante algum tempo, Cyrus Smith e os seus companheiros desceram de novo ao interior do barco onde tomaram algum alimento; depois, dirigiram-se outra vez para o salão.

O capitão Nemo saíra da prostração em que estivera mergulhado, e os seus olhos brilhavam. Um sorriso parecia desabrochar-lhe nos lábios.

Os colonos aproximaram-se dele.

— Senhores — disse-lhes o capitão. — Sois homens corajosos, honestos e bons. Todos se dedicaram sem reservas à obra comum. Muitas vezes os observei. Apreciei-os e aprecio-os!... A sua mão, senhor Smith.

Cyrus Smith estendeu a mão ao capitão, que a apertou afetuosamente.

— Isto é bom! — murmurou. Depois continuou: — Mas já basta de falar de mim! Quero falar-lhes de vós mesmos e da ilha Lincoln, na qual encontraram refúgio... Pensam abandoná-la?

— Para voltar de novo, capitão — respondeu vivamente Pencroff.

— Para voltar?... Com efeito, Pencroff — respondeu o capitão, sorrindo —, sei como gosta desta ilha. Ela modificou-se bastante com o seu trabalho e por isso lhe pertence!

— O nosso projeto, capitão — disse então Cyrus Smith —, é dá-la aos Estados Unidos e proporcionar à nossa marinha um porto nesta zona do Pacífico.

— Pensam no vosso país — respondeu o capitão. — Trabalham para a sua prosperidade, para a sua glória! Têm razão! A pátria!... É

a ela que devem regressar! É lá que se deve morrer!... E eu, eu morro tão longe de tudo quanto ameí!

— Tem alguma última vontade a transmitir-nos? — perguntou o engenheiro. — Alguma recordação a dar aos amigos que possa ter deixado nas montanhas da Índia?

— Não, senhor Smith. Já não tenho amigos! Sou o último da minha raça... e há muito que morri para todos aqueles que conheci... Mas voltemos aos senhores. A solidão, o isolamento são coisas tristes, acima das forças humanas... Eu morro por ter julgado que podia viver só! Devem portanto tentar tudo para deixar a ilha Lincoln e voltarem a ver o solo onde nasceram. Sei que esses miseráveis destruíram a embarcação que tinha construído...

— Estamos a construir um novo navio — disse Gédéon Spilett —, um navio suficientemente grande para nos transportar a uma terra próxima. Mas se conseguirmos partir, mais cedo ou mais tarde voltaremos à ilha Lincoln. Muitas recordações nos ligam a ela para que a possamos esquecer!

— Foi aqui que conhecemos o capitão Nemo! — disse Cyrus Smith.

— Só aqui o poderemos recordar por completo! — acrescentou Harbert.

— E aqui é que eu descansarei no eterno sono, se... — respondeu o capitão. Hesitou, e, em vez de acabar a frase, limitou-se a dizer: — Senhor Smith, gostaria de lhe falar... a sós!»

Os companheiros do engenheiro, respeitando esse desejo do moribundo, retiraram-se.

Cyrus Smith ficou durante alguns momentos com o capitão Nemo, e depois chamou os amigos, mas nada lhes revelou do que o

moribundo quisera confiar-lhe.

Gédéon Spilett observou então o enfermo com uma atenção extrema. Era evidente que o capitão se mantinha apenas graças à sua energia moral e que em breve não poderia reagir contra o enfraquecimento físico.

O dia terminou sem que se manifestasse qualquer alteração. Os colonos não deixaram o *Nautilus* nem um instante. A noite havia chegado, apesar de naquela cripta ser impossível dar por isso.

O capitão Nemo não sofria, mas enfraquecia a olhos vistos. O seu nobre rosto, pálido pela aproximação da morte, estava calmo. Dos seus lábios saíram palavras quase impercetíveis, relativas a diversos incidentes da sua estranha existência. Sentia-se que a vida se retirava a pouco e pouco do seu corpo, cujas extremidades estavam já frias.

Uma ou duas vezes ainda ele dirigiu a palavra aos colonos, que se encontravam junto dele, e sorriu-lhes com esse sorriso que permanece mesmo depois da morte.

Por fim, cerca da meia-noite, o capitão Nemo fez um esforço supremo e conseguiu cruzar os braços no peito, como se quisesse morrer nessa posição.

Por volta da uma hora da manhã, toda a vida se refugiara unicamente no olhar. Uma última luz brilhou naquelas pupilas, donde tantos olhares chamejantes haviam jorrado. Depois, murmurando as palavras «Deus e Pátria!», expirou suavemente.

Então, Cyrus Smith, inclinando-se, fechou os olhos daquele que fora o príncipe Dakkar e que já não era sequer o capitão Nemo.

Harbert e Pencroff choravam. Ayrton limpava uma lágrima furtiva. Nab estava de joelhos junto do repórter, transformado em

estátua.

Cyrus Smith, erguendo a mão acima da cabeça do morto, disse:

— Que Deus tenha a sua alma! — Depois, voltando-se para os amigos, acrescentou: — Rezemos por aquele que perdemos!

Algumas horas depois, cumpriam os colonos as promessas feitas ao capitão, realizando as últimas vontades do morto.

Cyrus Smith e os seus companheiros deixaram o *Nautilus* levando consigo apenas o presente que o seu benfeitor lhes legara: esse cofre que encerrava fortunas.

O maravilhoso salão, sempre inundado de luz, fora cuidadosamente fechado. A porta que dava para a plataforma ficara também hermeticamente fechada, de modo que nem uma gota de água poderia entrar nos aposentos do *Nautilus*.

Depois, os colonos desceram para a canoa, que se encontrava presa ao costado do submarino.

A canoa foi conduzida para a ré do submarino. Ali, na linha de flutuação, viam-se duas grandes torneiras, que se encontravam em comunicação com os reservatórios destinados à imersão do aparelho.

Essas torneiras foram abertas, os reservatórios encheram-se e o *Nautilus*, mergulhando lentamente, desapareceu sob o lençol líquido.

Contudo, os colonos puderam segui-lo ainda através das camadas mais profundas. A sua luz poderosa iluminava as águas transparentes, enquanto a cripta se tornava obscura. Depois, esse vasto derramamento de emanções elétricas desapareceu por fim, e

em breve o *Nautilus*, transformado em túmulo do capitão Nemo, repousava no fundo dos mares.

Capítulo 18

Ao nascer do dia, os colonos tinham voltado silenciosamente para a entrada da caverna, à qual deram o nome de «cripta Dakkar», em recordação do capitão Nemo. A maré estava vazia e eles puderam facilmente passar sob a arcada, onde as ondas batiam.

Deixaram a canoa ali, colocada de maneira a ficar ao abrigo das ondas. Por medida de precaução, Nab, Pencroff e Ayrton levaram-na para o pequeno areal que se encontrava num dos lados da cripta, num local onde não corria qualquer perigo.

A tempestade cessara com a noite. O último ribombar do trovão desaparecia no oeste. Já não chovia, mas o céu estava ainda carregado de nuvens. Em suma, esse mês de outubro, início da primavera austral, não se anunciava da maneira mais satisfatória, e o vento manifestava tendência para saltar de um ponto para outro do horizonte, o que não permitia contar com um tempo estável.

Cyrus Smith e os companheiros, deixando a cripta Dakkar, tomaram o caminho do curral. Durante o percurso, Nab e Harbert tiveram o cuidado de soltar o fio colocado pelo capitão Nemo entre o curral e a cripta, e que poderiam utilizar mais tarde.

Enquanto caminhavam, os colonos falavam pouco. Os diversos incidentes dessa noite de 15 para 16 de outubro tinham-nos impressionado vivamente. Esse desconhecido cuja influência os protegia tão eficazmente, esse homem que eles julgavam um génio, o capitão Nemo, já não existia. Cada um deles sentia-se mais isolado do que antes. Haviam-se habituado a contar com aquela intervenção poderosa, que agora lhes faltava, e até mesmo Gédéon Spilett e

Cyrus Smith não escapavam a essa impressão. Assim, mantinham-se em profundo silêncio ao caminhar pela estrada do curral.

Por volta das nove horas da manhã, chegaram a Granite-House.

Fora decidido que a construção do navio prosseguiria o mais rapidamente possível e Cyrus Smith devotou-lhe, mais do que nunca, o seu tempo e os seus cuidados. Não sabiam o que o futuro lhes reservava. Ora, era uma garantia para os colonos terem à sua disposição um navio sólido, que pudesse resistir ao mar, mesmo com mau tempo, e suficientemente grande para tentar, se necessário, uma travessia de certa duração. Se, uma vez terminado o barco, os colonos não se decidissem a deixar a ilha e a atingir quer um arquipélago polinésio do Pacífico, quer as costas da Nova Zelândia, deviam pelo menos dirigir-se o mais depressa possível à ilha Tabor, para lá deixarem a informação relativa a Ayrton. Era uma indispensável precaução a tomar, para o caso de o barco escocês voltar a aparecer naquelas paragens, e nada podiam negligenciar a esse respeito.

Os trabalhos foram portanto recomeçados. Cyrus Smith, Pencroff e Ayrton, ajudados por Nab, por Gédéon Spilett e por Harbert, sempre que não havia qualquer outro trabalho premente a fazer, trabalhavam sem descanso. Era necessário que a nova embarcação estivesse pronta dentro de cinco meses, isto é, no começo de março, se queriam ir à ilha Tabor antes que os ventos do equinócio tomassem essa travessia impraticável. Assim, os carpinteiros não perdiam um momento. De resto, não tinham de se preocupar com a aparelhagem do navio, pois haviam recuperado a do *Speedy*. Tornava-se portanto, antes de tudo, necessário acabar o casco do navio.

O fim do ano de 1868 passaram-no entregues a esses importantes trabalhos, com exclusão quase de todos os outros. Ao fim de dois meses e meio, as cavernas tinham sido colocadas e o forro interior do navio estava ajustado. Podia já ver-se que os planos feitos por Cyrus Smith eram excelentes e que o navio se comportaria bem no mar. Pencroff dedicava a este trabalho uma atividade absorvente e não se eximia a resmungar quando alguém abandonava o machado de carpinteiro e o trocava pela espingarda de caçador. Era preciso, no entanto, manter as reservas de Granite-House, tendo em vista o inverno próximo. Mas a verdade é que o bom marinheiro não ficava contente quando os operários faltavam ao trabalho no estaleiro.

Nessas ocasiões, enquanto resmungava, ele fazia — por cólera — o trabalho de seis homens.

Toda a estação de verão foi má. Durante alguns dias os calores foram acabrunhantes, e a atmosfera, saturada de eletricidade, só se descarregava por meio de violentas tempestades, que perturbavam profundamente as camadas de ar. Era raro que o distante ribombar do trovão não se fizesse ouvir. Era como um murmúrio surdo, mas permanente, como sucede nas regiões equatoriais do Globo.

O dia 1 de janeiro de 1869 foi assinalado por uma tempestade extremamente violenta, e muitos raios caíram na ilha. Grandes árvores foram atingidas pelo fluido e quebradas, entre as quais um desses enormes lódãos-bastardos que davam sombra à capoeira, na extremidade sul do lago. Teria esse meteoro alguma relação com os fenómenos que ocorriam no interior da Terra? Que espécie de ligação se estabelecia entre as perturbações do ar e as perturbações das zonas internas do Globo? Cyrus Smith foi levado a acreditar em

tal hipótese, pois o desenvolvimento dessas tempestades foi assinalado por um recrudescimento dos sintomas vulcânicos.

Foi a 3 de janeiro que Harbert, tendo subido de madrugada ao planalto da Grande Vista para selar um dos *onaggas*, viu um enorme penacho de fumo, que se erguia no cume do vulcão.

O jovem preveniu imediatamente os companheiros, que foram logo observar o alto do monte Franklin.

— Bem! — disse Pencroff —, desta vez não são só vapores! — Parece-me que o gigante não se contenta em respirar; agora fuma!

A imagem empregada pelo marinheiro traduzia bem a modificação que se operara na cratera do vulcão. Já há três meses que emitia vapores mais ou menos densos, mas que não eram ainda provenientes de uma ebulição das matérias minerais. Dessa vez, aos vapores misturava-se uma fumarada espessa, que se elevava sob a forma de uma coluna acinzentada, com mais de trezentos pés na base, e que alastrava como um imenso cogumelo até uma altura de setecentos a oitocentos pés acima do cume do monte.

— O fogo está na chaminé — disse Gédéon Spilett.

— E nós não podemos apagá-lo! — respondeu Harbert.

— Deviam limpar-se as chaminés dos vulcões — observou Nab, que parecia falar o mais seriamente possível.

Cyrus Smith observava com extrema atenção a espessa fumarada expelida pelo monte Franklin, e tentava ouvir algum ruído distante. Depois, voltando para junto dos companheiros, dos quais se afastara um pouco, disse:

— Com efeito, meus amigos, deu-se uma importante modificação; não podemos desconhecer isso. As matérias vulcânicas

não estão só em estado de ebulição, elas ardem, e estamos certamente ameaçados por uma erupção próxima!

— Pois bem, veremos essa erupção — disse Pencroff —, e aplaudiremos se tiver êxito. Não creio que isso nos tenha de preocupar!

— Não, Pencroff — respondeu Cyrus Smith —; pois a antiga saída das lavas continua aberta, e, graças à sua disposição, a cratera lançou-as até agora para norte. No entanto...

— No entanto, como não há vantagem alguma a tirar de uma erupção — disse Spilett —, o melhor seria ela não se dar.

— Quem sabe? Talvez haja nessa cratera qualquer matéria preciosa e útil que nós possamos utilizar com proveito! — disse Pencroff.

Cyrus Smith abanou a cabeça como uma pessoa que não esperava nada de bom daquele fenómeno. Não via de maneira tão despreocupada como Pencroff as consequências que uma erupção poderia ter. Se as lavas, devido à orientação da cratera, não ameaçavam diretamente as zonas arborizadas e cultivadas da ilha, podiam surgir outras complicações. Com efeito, não é raro que as erupções sejam acompanhadas por tremores de terra, e uma ilha como a ilha Lincoln — formada por matérias tão diversas, basaltos por um lado, granitos por outro, lavas ao norte, solo móvel ao centro, matérias que, por consequência, não podiam estar solidamente ligadas entre si — corria o risco de se desagregar. Portanto, se o derramamento de substâncias vulcânicas não constituía um perigo muito sério, qualquer movimento na estrutura terrestre que sacudisse a ilha poderia ter consequências extremamente graves.

— Parece-me — disse Ayrton, que se deitara de modo a encostar o ouvido ao solo —, parece-me ouvir um rolar surdo, como o de um carro carregado de barras de ferro.

Os colonos escutaram com grande atenção e puderam comprovar que Ayrton não se enganava. A esse ruído surdo juntavam-se, por vezes, verdadeiros rugidos subterrâneos, que formavam uma espécie de «rinforzando» e se extinguíam a pouco e pouco, como se uma brisa violenta passasse no interior do Globo. Mas nenhuma detonação propriamente dita se fazia sentir ainda. Podia-se portanto concluir que os vapores e os fumos encontravam a passagem livre através da chaminé central, e que, sendo essa abertura bastante larga, não se produziria nenhuma deslocação e não seria portanto de temer qualquer explosão.

— Então! — disse Pencroff. — Não vamos voltar para o trabalho? Que o monte Franklin fumegue, gema, vomite fogo e chamas tanto quanto queira, mas não me parece que seja uma razão para não se trabalhar! Vamos, Ayrton, Nab, Harbert, senhor Cyrus, senhor Spilett, é preciso que hoje todos se ponham a trabalhar. Vamos ajustar o forro interior e todos os braços são poucos. Antes de dois meses quero que o nosso *Bonadventure* (pois vamos manter o mesmo nome, não é verdade?) esteja a flutuar nas águas de porto Balão! Não temos portanto nem uma hora a perder!

Todos os colonos, cujos braços eram reclamados por Pencroff, desceram ao estaleiro de construção e procederam à colocação do forro interior, ligando solidamente entre si as cavernas da carcaça. Era um trabalho violento e difícil, no qual todos deviam tomar parte.

Trabalharam portanto sem parar durante todo esse dia de 3 de janeiro, sem se preocuparem com o vulcão, que de resto não

podiam ver do areal de Granite-House. Mas, por uma ou duas vezes, grandes sombras que velavam o sol, que descrevia o seu arco diurno num céu extremamente puro, indicavam que uma espessa nuvem de fumo passava entre o seu disco e a ilha. O vento, soprando do largo, levava todos esses vapores para oeste. Cyrus Smith e Gédéon Spilett observaram perfeitamente esses escurecimentos passageiros e por várias vezes falaram dos progressos que fazia o fenómeno vulcânico, mas o trabalho não foi interrompido. Era, de resto, do maior interesse, em todos os pontos de vista, que o barco ficasse pronto no mais breve espaço de tempo. Em presença de quaisquer eventualidades, a segurança dos colonos não poderia estar mais garantida do que por meio do barco. Quem sabe se esse navio não viria a ser um dia o seu único refúgio?

À noite, depois da ceia, Cyrus Smith, Gédéon Spilett e Harbert subiram ao planalto da Grande Vista. Já era noite e a obscuridade devia permitir reconhecer, se aos vapores e ao fumo acumulados na boca da cratera, se misturavam quer as chamas, quer as matérias incandescentes, projetadas pelo vulcão.

— A cratera está a deitar lume! — exclamou Harbert, que, mais rápido do que os companheiros, fora o primeiro a chegar ao planalto.

O monte Franklin, a uma distância aproximada de seis milhas, parecia então uma tocha gigantesca, no cimo da qual se contorciam algumas chamas fuliginosas. Tanto fumo, tantas escórias e cinzas se misturavam ali que o seu brilho, muito atenuado, não se destacava muito vivamente nas trevas da noite. Mas uma espécie de claridade fulva espalhava-se sobre a ilha e recortava confusamente a massa arborizada dos primeiros planos.

Turbilhões imensos obscureciam o céu, vendo-se através deles cintilar algumas estrelas.

— Os progressos são rápidos! — disse o engenheiro.

— Não é de admirar — respondeu o repórter —: o despertar do vulcão já vem de há um certo tempo. Lembra-se, Cyrus, de que os primeiros vapores surgiram na época em que nós explorámos os contrafortes da montanha para tentarmos descobrir o retiro do capitão Nemo? Era, se não me engano, por volta de 15 de outubro.

— Sim — disse Harbert —, e já se passaram dois meses e meio.

— Os fogos subterrâneos estiveram portanto incubados desde essa altura — notou Spilett. — Não é de admirar portanto que agora se manifestem com tanta violência!

— Não sentem umas certas vibrações no solo? — perguntou Cyrus Smith.

— Com efeito — respondeu Gédéon Spilett. — Mas daí até um tremor de terra...

— Não digo que estejamos ameaçados por um tremor de terra — disse Cyrus Smith —, e Deus nos livre dele! Não. Estas vibrações são devidas à efervescência do fulcro central do fogo. A crosta terrestre não é mais do que a parede de uma caldeira, e sabem bem que as paredes de uma caldeira, sob a pressão do gás, vibram como uma placa sonora. É com efeito o que se está a passar neste momento.

— Oh!, que magníficos feixes de luz! — exclamou Harbert.

Nesse momento, jorrava da cratera uma espécie de fogo de artifício com um brilho tão intenso que os vapores não conseguiam ofuscar. Milhares de fragmentos luminosos e de pontos vivos projetavam-se em todas as direcções. Alguns, ultrapassando a abóbada de fumo, furavam-na com um rápido jato, deixando atrás

de si uma verdadeira poeira incandescente. Esses jorros de fogo foram acompanhados de detonações sucessivas, semelhantes ao estampido de uma bateria de metralhadoras.

Cyrus Smith, o repórter e o jovem Harbert, depois de passarem uma hora no planalto da Grande Vista, voltaram a descer ao areal e foram para Granite-House. O engenheiro estava pensativo, mesmo preocupado, e o repórter perguntou-lhe se pressentia qualquer perigo próximo, do qual a erupção fosse a causa direta ou indireta.

— Sim e não — respondeu Cyrus Smith.

— No entanto — continuou o repórter —, o pior mal que nos podia suceder não seria um tremor de terra que sacudisse a ilha? Ora, não creio que isso venha a suceder, pois os vapores e as lavas encontraram uma passagem livre para sair da cratera.

— Sim — respondeu Cyrus Smith —, eu não receio um tremor de terra, no sentido que vulgarmente se dá às convulsões do solo provocadas pela expansão dos vapores subterrâneos. Mas outras causas podem provocar grandes desastres.

— Quais, meu caro Cyrus?

— Não sei bem... tenho de ver... que observar a montanha... Dentro de alguns dias terei uma opinião a esse respeito.

Gédéon Spilett não insistiu, e dentro de pouco tempo, apesar das detonações do vulcão, que aumentavam de intensidade e que os ecos da ilha repercutiam, os habitantes de Granite-House dormiam profundamente.

Passaram-se três dias, os dias 4, 5 e 6 de janeiro. Continuaram a trabalhar na construção do barco, e, sem qualquer outra explicação, o engenheiro apressava o trabalho o mais que podia. O monte Franklin encontrava-se então coroado por uma nuvem sombria, de

aspecto sinistro, e, ao mesmo tempo que as chamas, vomitava rochas incandescentes, algumas das quais voltavam a cair na própria cratera. Isso fazia dizer a Pencroff, que só queria ver o fenómeno do vulcão pelo seu lado divertido:

— Olha, o gigante faz malabarismos!

E, com efeito, as matérias vomitadas pelo vulcão voltavam a cair no abismo, e não parecia que as lavas, lançadas pela pressão inferior, se elevassem ainda até ao orifício da cratera. Pelo menos, a garganta de nordeste, que era em parte visível, não lançava qualquer torrente sobre a vertente setentrional do monte.

Entretanto, por mais urgentes que se apresentassem os trabalhos de construção do navio, outros cuidados reclamavam a presença dos colonos nos diversos locais da ilha. Antes de tudo, era preciso ir ao curral, onde o rebanho de cabras e de cabritos-monteses estava encerrado, e renovar as provisões de forragens para esses animais. Ficou portanto combinado que Ayrton lá iria no dia seguinte, 7 de janeiro, e como ele seria suficiente para essa tarefa, que estava habituado a fazer, Pencroff e os outros manifestaram uma certa surpresa, quando ouviram o engenheiro dizer a Ayrton:

— Visto que vai amanhã ao curral, acompanhá-lo-ei.

— Oh!, senhor Cyrus! — exclamou o marinheiro —; os nossos dias de trabalho estão contados, e se o senhor se vai embora ficamos com quatro braços a menos!

— Voltaremos no dia seguinte — respondeu Cyrus Smith. — Tenho necessidade de ir ao curral... Desejo reconhecer em que estado está a erupção.

— A erupção! A erupção! — respondeu Pencroff num tom pouco satisfeito. — Será uma coisa muito importante, mas que pouco me

inquieta!

Apesar das palavras do marinheiro, a exploração projetada pelo engenheiro continuou marcada para o dia seguinte. Harbert gostaria muito de acompanhar Cyrus Smith, mas não quis contrariar Pencroff ausentando-se.

No dia seguinte, logo ao romper do dia, Cyrus Smith e Ayrton tomavam o caminho do curral, transportados no carro puxado pelos dois *onaggas*.

Por cima das árvores da floresta passavam grandes nuvens, às quais a cratera do monte Franklin fornecia incessantemente matérias fuliginosas. Essas nuvens que rolavam pesadamente na atmosfera eram evidentemente compostas por substâncias heterogêneas. Não era apenas ao fumo do vulcão que deviam a sua densidade: as escórias no estado de poeira, como a pozolana pulverizada, e cinzas acinzentadas tão finas como a mais fina fécula, mantinham-se em suspensão no meio das suas espessas volutas. Essas cinzas são tão ténues que se têm visto no ar por vezes durante meses inteiros. Após a erupção de 1783 na Islândia, a atmosfera ficou, durante mais de um ano, assim carregada de poeiras vulcânicas, que os raios do sol mal atravessavam.

Mais frequentemente porém, essas matérias pulverizadas caem, e era o que sucedia nessa ocasião. Cyrus Smith e Ayrton mal tinham chegado ao curral quando uma espécie de neve escura, semelhante a uma pólvora leve de caça, começou a cair, modificando imediatamente o aspeto do solo. Árvores, pastos, tudo desapareceu sob essa camada, que depressa media algumas polegadas de espessura. Mas, felizmente, o vento soprava de nordeste e a maior parte dessa nuvem foi dissolver-se sobre o mar.

— Que coisa estranha, senhor Smith — disse Ayrton.

— Que coisa grave — respondeu o engenheiro. — Esta pozolana, esta pedra-pomes pulverizada, numa palavra, toda esta poeira mineral, demonstram como é profunda a perturbação nas camadas inferiores do vulcão.

— E não se pode fazer nada?

— Nada, a não ser apercebermo-nos do progresso do fenómeno. Ocupe-se com o curral. Entretanto, eu irei até às nascentes do Creek Vermelho e examinarei o estado do monte na encosta setentrional. Depois...

— Depois... senhor Smith?

— Depois faremos uma visita à cripta Dakkar... Quero ver... Enfim, voltarei aqui a buscá-lo dentro de duas horas.

Ayrton entrou então no pátio do curral e, enquanto esperava o regresso do engenheiro, ocupou-se dos cabritos-monteses e das cabras, que pareciam sentir um certo mal-estar perante esses primeiros sintomas de erupção.

Entretanto, Cyrus Smith, que subira ao cimo dos contrafortes do lado leste, contornou o Creek Vermelho e chegou ao local em que ele e os companheiros tinham descoberto uma nascente sulfurosa, aquando da primeira exploração.

As coisas tinham mudado muito! Em vez de uma única coluna de fumo, Cyrus Smith contou treze, que jorravam da terra como se fossem violentamente impelidas por algum êmbolo. Era evidente que a crosta terrestre sofria nesse ponto uma pressão terrível. A atmosfera estava saturada de gás sulfuroso, de hidrogénio, de ácido carbónico, misturados com vapores de água. Cyrus Smith sentia estremecer essas pedras vulcânicas de que a planície estava repleta,

e que eram cinzas pulverulentas, das quais o tempo fizera blocos duros, mas não viu nenhum rasto de novas lavas.

Na observação que fez à encosta setentrional do monte Franklin, o engenheiro pôde certificar-se do seguinte: turbilhões de fumo e de nuvens saíam da cratera; uma chuva de escórias caía no solo; contudo nenhum derramamento de lavas se produzia na garganta da cratera, o que provava que o nível das matérias vulcânicas não tinha ainda atingido o orifício superior da chaminé central.

«E eu gostaria mais que isso sucedesse!», pensou Cyrus Smith. «Pelo menos, teria a certeza de que as lavas retomavam o seu caminho habitual. Quem sabe se elas não quererão sair agora por outro sítio? Mas não é esse o perigo! O capitão Nemo pressentiu-o bem! Não, o perigo não é esse!»

Cyrus Smith avançou até à enorme calçada cujo prolongamento enquadrava o estreito golfo do Tubarão. Pôde portanto examinar bem desse lado os sulcos deixados ali pelas lavas antigas. Não tinha dúvidas de que a última erupção não se dera numa época muito recuada.

Então retrocedeu, prestando atenção aos ruídos subterrâneos, que se propagavam como um trovão contínuo, e acima do qual se destacavam as detonações. Às nove horas da manhã estava de regresso ao curral.

Ayrton esperava-o.

— Os animais estão abastecidos, senhor Smith — disse Ayrton.

— Está bem, Ayrton.

— Parecem inquietos, senhor Smith.

— Sim, o instinto fala neles, e o instinto não se engana.

— Quando quiser...

— Pegue numa lanterna e num isqueiro de pederneira, Ayrton — respondeu o engenheiro — e partamos.

Ayrton fez o que lhe era ordenado. Os *onaggas*, desatrelados, andavam à vontade pelo curral. A porta foi fechada exteriormente e, Cyrus Smith, precedendo Ayrton, seguiu pelo estreito caminho que conduzia à costa, em direção a oeste.

Caminhavam sobre um solo amaciado pelas matérias pulverulentas caídas das nuvens. Não se via qualquer quadrúpede nos bosques. Até os próprios pássaros haviam fugido. Por vezes, a brisa erguia a camada de cinzas, e os dois colonos, apanhados num turbilhão opaco, não se viam. Tinham então o cuidado de cobrir os olhos e a boca com um lenço, pois corriam o risco de ficarem cegos e sufocados.

Nessas condições, Cyrus Smith e Ayrton não podiam caminhar depressa. Além disso, o ar estava pesado, como se o seu oxigénio fosse parcialmente queimado e se tivesse tornado impróprio para a respiração. De cem em cem passos, tinham de parar e retomar fôlego. Eram portanto mais de dez horas quando o engenheiro e o companheiro atingiram o alto desse enorme amontoado de rochas basálticas e porfíricas que formava a costa noroeste da ilha.

Ayrton e Cyrus Smith começaram a descer essa encosta abrupta, seguindo mais ou menos o detestável caminho que nessa noite de tempestade os conduziu à cripta Dakkar. Em pleno dia, essa descida foi menos perigosa, e, de resto, a camada de cinzas, cobrindo as rochas polidas, permitia pôr mais solidamente os pés sobre as suas superfícies inclinadas.

A elevação que prolongava a margem, a uma altura de cerca de quarenta pés, foi atingida. Cyrus Smith lembrava-se de que essa

elevação descia, numa encosta suave, até ao nível do mar. Apesar de a maré estar baixa nesse momento, não se via nenhum areal, e as ondas, enegrecidas pela poeira vulcânica, iam bater diretamente nos basaltos do litoral.

Cyrus Smith e Ayrton encontraram sem dificuldade a abertura da cripta Dakkar, e detiveram-se na última rocha, que formava o patamar inferior da elevação.

— A canoa deve estar aqui — disse o engenheiro.

— Está, senhor Smith — respondeu Ayrton, atraindo para si a leve embarcação, abrigada sob a arcada.

— Embarquemos, Ayrton.

Os dois colonos embarcaram na canoa. Uma ligeira ondulação do mar fazia-a mergulhar um pouco mais profundamente nas águas da cripta, e ali, Ayrton, com o isqueiro de pederneira, acendeu a lanterna. Depois pegou nos dois remos e após a lanterna ter sido colocada à proa, de modo a projetar a sua luz para diante, Cyrus Smith pegou no leme e começou a dirigir a pequena embarcação no meio das trevas.

O *Nautilus* já ali não estava para iluminar com as suas luzes a enorme caverna. Talvez a irradiação elétrica, ainda alimentada pela sua poderosa fonte, continuasse a irradiar no fundo das águas, mas nenhum brilho saía do abismo onde repousava o capitão Nemo.

A luz da lanterna, apesar de insuficiente, permitiu no entanto ao engenheiro avançar, seguindo a muralha do lado direito da cripta. Um silêncio sepulcral reinava sob essa abóbada, mas em breve o engenheiro ouviu os ruídos surdos que vinham das entranhas da montanha.

— É o vulcão — disse ele.

Em breve, com esse ruído, as combinações químicas traíram também a sua presença por um cheiro forte, e o engenheiro e Ayrton sentiram na garganta os vapores sulfurosos.

— Eis o que o capitão Nemo receava! — murmurou Cyrus Smith, que empalideceu ligeiramente. — No entanto, é preciso ir até ao fim.

— Vamos! — respondeu Ayrton, que se inclinou sobre os remos e impeliu a canoa para o fundo da cripta.

Vinte e cinco minutos depois de ter passado por essa abertura, a canoa chegava à parede terminal e detinha-se.

Cyrus Smith, subindo então ao seu banco, passeou a lanterna pelas diversas partes da muralha que separava a cripta da chaminé central do vulcão. Qual seria a espessura dessa parede? Não se podia dizer se tinha cem ou apenas dez pés de espessura. Mas os ruídos subterrâneos eram demasiado perceptíveis para que ela fosse muito espessa.

O engenheiro, depois de ter explorado a muralha seguindo uma linha horizontal, prendeu a lanterna na extremidade de um remo e passeou-o a uma maior altura sobre a parede de basalto.

Ali, por fendas pouco visíveis, saía uma fumarada acre, que empestava a caverna. Algumas das fendas, mais visíveis, chegavam até a uma distância de dois ou três pés apenas das águas da cripta.

Cyrus Smith ficou primeiro pensativo. Depois, murmurou ainda estas palavras: «Sim, o capitão tinha razão! Aqui é que está o perigo, e um perigo terrível!»

Ayrton nada disse, mas, a um sinal de Cyrus Smith, voltou a pegar nos remos, e, meia hora depois, o engenheiro e ele saíam da cripta Dakkar.

Capítulo 19

No dia seguinte, 8 de janeiro, de manhã, após um dia e uma noite passados no curral, estando tudo em ordem, Cyrus Smith e Ayrton voltaram a Granite-House.

Imediatamente, o engenheiro reuniu os companheiros e disse-lhes que a ilha Lincoln corria um perigo imenso, que nenhuma força humana poderia conjurar.

— Meus amigos — disse ele, e a sua voz denotava uma emoção profunda —, a ilha Lincoln não é daquelas que devem durar tanto como o próprio Globo. Está condenada a uma destruição mais ou menos próxima, cuja causa está nela mesma, e à qual ninguém poderá subtraí-la!

Os colonos olharam-se e olharam o engenheiro. Não podiam compreendê-lo.

— Explique-se, Cyrus! — disse Gédéon Spilett.

— Vou explicar — disse Cyrus Smith —, ou, melhor, vou apenas transmitir-lhes as explicações que, durante os poucos minutos que estivemos sós, o capitão Nemo me deu.

— O capitão Nemo! — exclamaram os colonos.

— Sim, e foi o último serviço que ele quis prestar-nos antes de morrer!

— O último serviço! — exclamou Pencroff! — O último serviço. verã, que, mesmo depois de morto, ele ainda nos prestará outros!

— Mas que lhe disse o capitão Nemo? — perguntou o repórter.

— Bem, meus amigos, fiquem sabendo que a ilha Lincoln não se encontra nas mesmas condições das outras ilhas do Pacífico, e uma

disposição especial, que o capitão Nemo me deu a conhecer, deve levar, mais cedo ou mais tarde, à deslocação da sua estrutura submarina.

— Uma deslocação! A ilha Lincoln! Mas que ideia! — exclamou Pencroff, que apesar de todo o respeito que tinha por Cyrus Smith não pôde deixar de encolher os ombros.

— Ouça, Pencroff — disse o engenheiro. — Eis o que o capitão Nemo tinha observado, e de que eu próprio me certifiquei ontem, durante a exploração que fiz à cripta Dakkar: essa cripta prolonga-se debaixo da ilha até ao vulcão, e só está separada da chaminé central pela parede que lhe serve de Fundo. Ora essa parede está cheia de fendas e Fraturas que já deixam passar o gás sulfuroso desenvolvido no interior do vulcão.

— E então? — perguntou Pencroff, cuja testa se enrugou violentamente.

— Pois bem, reconheci que essas fraturas aumentavam sob a pressão interior, que a muralha de basalto se fendia a pouco e pouco, e que num tempo mais ou menos curto poderá dar passagem às águas do mar que enchem a caverna.

— Bem! — replicou Pencroff, que tentou brincar mais uma vez. — Nessa altura o mar apaga o vulcão e tudo acaba!

— Sim, acaba tudo! — respondeu Cyrus Smith. — No dia em que o mar passar através da parede rochosa e penetrar na chaminé central até às entranhas da ilha, onde fervem matérias eruptivas, nesse dia, Pencroff, a ilha Lincoln explodirá como a Sicília explodiria se o Mediterrâneo se precipitasse no Etna!

Os colonos não responderam nada a essa frase tão afirmativa do engenheiro. Tinham compreendido o perigo que os ameaçava!

Deve dizer-se, de resto, que Cyrus Smith de modo nenhum exagerava. Muitas pessoas tiveram já a ideia de que se podia apagar os vulcões, que, na maioria, se encontram nas margens dos lagos, ou à beira do mar. Mas não sabem que se expunham assim a fazer saltar uma parte do Globo, como uma caldeira cujo vapor aumentasse subitamente de volume. A água, precipitando-se num meio fechado cuja temperatura pode ser avaliada em milhares de graus, evaporar-se-ia com uma energia tão súbita que nenhum invólucro poderia resistir.

Era portanto certo que a ilha, ameaçada de uma terrível deslocação, duraria apenas tanto como a parede da cripta Dakkar. Não se tratava sequer de uma questão de meses, nem de semanas, mas de uma questão de dias, talvez de horas!

O primeiro sentimento dos colonos foi de profundo desgosto! Não pensaram no perigo que os ameaçava diretamente, mas na destruição do solo que lhes dera asilo, dessa ilha que eles tinham fecundado, dessa ilha que amavam e que queriam tornar tão florescente um dia! Tantas fadigas inúteis, tantos trabalhos perdidos!

Pencroff não pôde conter uma grande lágrima, que deslizou pelas suas faces, e que ele não procurou esconder.

A conversa continuou ainda durante algum tempo. As possibilidades que lhes restavam foram discutidas; mas, em conclusão, viram que não tinham um minuto a perder, que a construção e o arranjo do navio deviam ser impulsionados com a maior brevidade, e que era necessário que ele estivesse à disposição dos colonos antes da inevitável catástrofe.

Os trabalhos foram recomeçados com febril ardor. Por volta do dia 23 de janeiro, o navio estava já meio guarnecido, Até então

nenhuma modificação se dera no cume do vulcão. Continuava a lançar vapores, fumo misturado com chamas e pedras incandescentes. Mas durante a noite de 23 para 24, sob o efeito das lavas, que chegaram ao nível do primeiro andar do vulcão, este ficou sem o cone. Ouviu-se um ruído terrível. Os colonos julgaram que a ilha se desconjuntava. Precipitaram-se para fora de Granite-House.

Eram cerca de duas horas da manhã.

O céu estava em fogo. O cone superior — um maciço com a altura de mil pés, pesando milhares de milhões de libras — fora precipitado sobre a ilha, cujo solo tremeu. Felizmente, esse cone inclinava-se para o lado norte e caiu sobre a planície de areia salpicada de pedras vulcânicas que se estendia entre o vulcão e o mar. A cratera, então largamente aberta, projetava para o céu uma claridade tão intensa que, pelo simples efeito da reverberação, a atmosfera parecia estar incandescente. Ao mesmo tempo, uma torrente de lavas caía em longas cascatas, como a água que saísse de uma bacia demasiado cheia, e mil serpentes de fogo alastravam pelos taludes do vulcão.

— O curral! O curral! — exclamou Ayrton.

Era, com efeito, para o curral que corriam as lavas da nova cratera, e, por consequência, eram as zonas férteis da ilha, as nascentes do Creek Vermelho, os bosques do Jacamar, que estavam ameaçados de uma destruição imediata.

Ao grito de Ayrton, os colonos tinham corrido para o estábulo dos *onaggas*. O carro fora atrelado! Todos tinham um só pensamento! Correr ao curral e pôr em liberdade os animais que ele encerrava.

Antes das três horas da manhã, tinham chegado ao curral. Uivos terríveis mostravam bem o terror de que os animais se encontravam

possuídos. Já uma torrente de matérias incandescentes, de minerais liquefeitos, caía do contraforte sobre a planície e rugia do lado da paliçada. A porta foi subitamente aberta por Ayrton e os animais, assustados, fugiram em todas as direções.

Uma hora depois, a lava fervente enchia o curral, volatilizando a água do pequeno rio que o atravessava e incendiava a casa, que ardia como colmo, devorando até ao último poste a paliçada. Do curral já nada restava!

Os colonos tinham querido lutar contra essa invasão. Tinham tentado, louca e inutilmente, pois o homem está desarmado perante estes grandes cataclismos.

Nascera enfim o dia, 24 de janeiro. Cyrus Smith e os seus companheiros, antes de voltarem a Granite-House, quiseram observar a direção definitiva que ia tomar essa inundação de lavas. A inclinação geral do solo descia do monte Franklin para a costa leste, e era de temer que, apesar dos espessos bosques do Jacamar, a torrente chegasse até ao planalto da Grande Vista.

— O lago proteger-nos-á — disse Gédéon Spilett.

— Assim o espero! — respondeu Cyrus Smith.

Os colonos teriam querido avançar até à planície sobre a qual se abatera o cone superior do monte Franklin, mas as lavas impediam-lhes a passagem. Seguiam, por um lado, o vale do Creek Vermelho, e, por outro, o vale do rio da Queda, pulverizando esses dois cursos de água à sua passagem. Não havia qualquer possibilidade de atravessar essa torrente; era preciso, pelo contrário, recuar diante dela. O vulcão, sem a sua coroa, estava irreconhecível. Uma espécie de mesa plana terminava-o e substituía a antiga cratera. Duas aberturas, cavadas nas suas margens sul e leste, lançavam

incessantemente lavas que formavam assim duras correntes distintas. Acima da nova cratera, uma nuvem de fumo e de cinzas confundia-se com os vapores do céu, que se amontoavam por cima da ilha. Grandes trovões ribombavam e confundiam-se com os rugidos da montanha. Das aberturas saíam rochas ígneas que, projetadas a mais de mil pés, rebentavam e dispersavam-se como metralha. O céu respondia com relâmpagos à erupção vulcânica.

Por volta das sete horas da manhã, a posição tornara-se insustentável para os colonos, refugiados na orla do bosque do Jacamar. Não só os projecteis começavam a chover em seu redor, como as lavas, transbordando do leito do Creek Vermelho, ameaçavam cortar a estrada do curral. As primeiras filas de árvores incendiaram-se, e a sua seiva, subitamente transformada em vapor, fê-las rebentar como caixas de fogo de artifício, enquanto outras, menos húmidas, ficavam intactas no meio da ardente inundação.

Os colonos tinham retomado a estrada do curral. Caminhavam lentamente, por assim dizer às arreguas. Mas, devido à inclinação do solo, a torrente corria rapidamente para leste, e logo que as camadas inferiores das lavas endureciam outras toalhas de lavas ferventes as cobriam imediatamente.

Entretanto, a principal torrente do vale do Creek Vermelho, tornava-se cada vez mais ameaçadora. Toda essa parte da floresta estava a arder e enormes volutas de fumo rolavam sobre as árvores, cujos troncos crepitavam já no meio da lava.

Os colonos detiveram-se perto do lago, a meia milha da embocadura do Creek Vermelho. Uma questão de vida ou de morte ia decidir-se para eles.

Cyrus Smith, habituado a avaliar situações graves, e sabendo que se dirigia a homens capazes de ouvirem a verdade, fosse ela qual fosse, disse então:

— Ou o lago detém esta torrente, e uma parte da ilha é salva da devastação completa, ou a torrente invade as florestas do Far West e nem uma árvore, nem uma planta ficará à superfície do solo. Teremos apenas uma perspectiva sobre estas rochas nuas: a morte, que a explosão da ilha não fará tardar!

— Então — exclamou Pencroff, cruzando os braços e batendo com o pé —, é inútil continuar a trabalhar, não é verdade?

— Pencroff — respondeu Cyrus Smith —, é preciso cumprirmos o nosso dever até ao fim!

Nesse momento, a torrente de lava, depois de ter aberto caminho através dessas belas árvores, que devorava, chegou ao limite do lago. Ali havia uma certa elevação do solo que se fosse mais considerável poderia talvez contê-la.

— Ao trabalho! — exclamou Cyrus Smith.

A ideia do engenheiro foi imediatamente compreendida. Era preciso, por assim dizer, canalizar essa torrente e obrigá-la a ir desaguar no lago.

Os colonos correram ao estaleiro. Trouxeram de lá pás, picaretas, machados, e por meio de aterros e de árvores abatidas conseguiram, em poucas horas, erguer um dique com a altura de três pés por algumas centenas de passos de comprimento. Parecia-lhes, quando acabaram, que tinham trabalhado apenas alguns minutos!

Foi na altura própria. As matérias liquefeitas atingiram quase imediatamente a parte inferior da elevação. O riacho encheu como

um rio em plena cheia, transbordando e ameaçando ultrapassar o único obstáculo que podia impedi-lo de invadir todo o Far West... Mas o dique conseguiu contê-lo, e, após um minuto de hesitação que foi terrível, precipitou-se no lago Grant de uma altura de vinte pés.

Os colonos, ofegantes, sem fazerem um gesto, sem pronunciarem uma só palavra, ficaram a observar essa luta dos dois elementos.

Que espetáculo, essa luta entre a água e o fogo! Que pena poderia descrever essa cena, de um horror maravilhoso, e que pincel poderia pintá-la! A água silvava evaporando-se ao contacto com as lavas ferventes. Os vapores, projetados no ar, erguiam-se em turbilhão até uma altura incomensurável, como se as aberturas de uma imensa caldeira tivessem sido subitamente abertas. Mas, por mais considerável que fosse a massa de água contida no lago, devia acabar por ser absorvida, pois não se renovava, ao passo que a torrente de lava se alimentava numa fonte inesgotável, e novas vagas de matéria incandescente rolavam sem cessar para dentro do lago.

As primeiras lavas que caíram no lago solidificaram-se imediatamente e acumularam-se de maneira a emergir. A sua superfície, flutuavam outros blocos de lava solidificada, que corriam para o centro. O lago estava prestes a ficar cheio e não podia transbordar porque o excedente das águas transformava-se em vapor. Silvos e crepitações atroavam os ares com um ruído ensurdecedor e os vapores, levados pelo vento, caíam em chuva sobre o mar. O entulho aumentava e onde dantes se viam as águas tranquilas, amontoavam-se agora os blocos de lavas solidificadas,

como se um levantamento do solo tivesse feito surgir milhares de recifes. Imagine-se as águas agitadas durante um furacão, depois subitamente solidificadas por um frio de vinte graus negativos, e ter-se-á o aspeto do lago, três horas depois de a torrente de lavas lá ter entrado.

Por essa vez a água devia ser vencida pelo fogo.

Entretanto, foi uma sorte para os colonos o derramamento das lavas se ter efetuado em direção ao lago Grant. Tinham na sua frente alguns dias de tréguas. O planalto da Grande Vista, Granite-House e o estaleiro de construção estavam momentaneamente salvos. Ora, era preciso utilizar esses dias em acabar a colocação do forro interior do navio e em calafetá-lo cuidadosamente. Depois, lançá-lo-iam ao mar, fazendo os acabamentos a bordo. Com o receio da explosão, que ameaçava destruir a ilha, não havia já qualquer segurança em permanecer em terra. O próprio retiro de Granite-House, tão seguro até então, podia a cada momento aluir!

Durante os seis dias que se seguiram, de 25 a 30 de janeiro, os colonos trabalharam no navio como o teriam feito vinte homens. Mal descansavam e a claridade das chamas que jorravam da cratera permitia-lhes trabalhar de noite. O derramamento vulcânico prosseguia sempre, mas talvez com menos abundância. Foi uma felicidade, pois o lago Grant estava quase completamente cheio, e se novas vagas de lava tivessem deslizado sobre a superfície das antigas, elas ter-se-iam então espalhado pelo planalto da Grande Vista, e daí pelo areal.

No entanto, se esse lado a ilha estava em parte protegida, não sucedia o mesmo com a sua zona ocidental.

Com efeito, a segunda torrente de lavas, que seguira para o vale do rio da Queda, vale largo cujos terrenos se estendiam dos dois lados do *creek*, não encontrara qualquer obstáculo. O líquido incandescente espalhou-se portanto através da floresta do Far West. Nessa época do ano, em que as árvores estavam secas devido ao calor tórrido, imediatamente a floresta pegou fogo, de modo que o incêndio se propagou ao mesmo tempo pela base dos troncos e pelas altas ramagens, cujos entrelaçados ainda mais ajudava o processo da progressão. Parecia mesmo que a corrente de chamas se desencadeava mais rapidamente no cimo das árvores que a corrente de lavas a seus pés.

Sucedeu então que os animais, enlouquecidos de pavor — tanto as feras como os outros —, se foram refugiar do lado do rio das Mercês e no charco dos Patos-Reais, para além da estrada de porto Balão. Mas os colonos estavam demasiado ocupados com a sua tarefa para prestarem atenção mesmo aos mais temíveis desses animais. Tinham, de resto, abandonado Granite-House, não tendo sequer procurado abrigo nas Chaminés. Acampavam numa tenda, na embocadura do rio das Mercês.

Todos os dias Cyrus Smith e Gédéon Spilett subiam ao planalto da Grande Vista. Algumas vezes Harbert acompanhava-os, mas Pencroff nunca, pois não queria ver a ilha sob o seu novo aspeto, tão profundamente devastada!

Era, com efeito, um espetáculo desolador. Toda a parte arborizada da ilha estava agora desnudada. Apenas um grupo de árvores verdes se erguia na extremidade da península Serpentina. Aqui e ali viam-se alguns arbustos despídos de folhas e carcomidos. O local das florestas destruídas era mais árido do que o charco dos

Patos Reais. A invasão das lavas fora completa. Onde se via outrora essa admirável massa de verdura, o solo era agora apenas um triste amontoado de pedras vulcânicas. Os vales do rio da Queda e do rio das Mercês não lançavam nem uma gota de água para o mar, e os colonos não poderiam matar a sede se o lago Grant tivesse ficado inteiramente seco. Mas, felizmente, a sua extremidade sul fora poupada e formava uma espécie de lago, contendo tudo o que restava da água potável na ilha. Em direção do noroeste, desenhavam-se os contrafortes do vulcão, que pareciam uma garra gigantesca aplicada ao solo. Que espetáculo doloroso, que aspeto terrível, e que desgosto para os colonos, que, de um domínio fértil, coberto de florestas, irrigado por cursos de água, enriquecido por colheitas, se transformara de súbito num rochedo desolado, onde, sem as suas reservas, nem sequer encontrariam com que sobreviver!

— Isto dilacera o coração! — exclamou um dia Gédéon Spilett.

— Sim, Spilett — respondeu o engenheiro. — Que o Céu nos dê tempo para acabarmos o barco, agora a nossa única esperança de salvação!

— Não acha, Cyrus, que o vulcão possa acalmar-se? Ainda vomita lavas, mas com menos abundância, se não me engano!

— Pouco importa! — respondeu Cyrus Smith. — O fogo continua a arder nas entranhas da montanha e o mar pode precipitar-se para lá de um momento para o outro. Estamos na situação de passageiros de um navio devorado por um incêndio que não podem apagar, e que sabem que mais cedo ou mais tarde atingirá o paiol da pólvora! Venha, Spilett, venha. Não podemos perder um minuto sequer!

Durante oito dias ainda, isto é, até ao dia 7 de fevereiro, as lavas continuaram a derramar-se, mas a erupção manteve-se dentro dos limites já indicados. Cyrus Smith receava sobretudo que a matéria liquefeita se espalhasse pelo areal, e nesse caso o estaleiro de construção não seria poupado. Entretanto, nessa altura, os colonos começaram a sentir no solo vibrações que os inquietaram ao mais alto grau.

Estava-se a 20 de fevereiro. Era ainda necessário um mês para que o navio estivesse pronto a fazer-se ao mar. Aguentaria a ilha até lá? A intenção de Pencroff e de Cyrus Smith era proceder ao lançamento do navio logo que o casco estivesse perfeitamente estanque. A ponte, as guarnições e os acabamentos interiores seriam concluídos depois, mas o importante era que os colonos tivessem um refúgio garantido fora da ilha. Talvez conviesse mesmo conduzir o navio para porto Balão, isto é, tão longe quanto possível do centro eruptivo, pois, na embocadura do rio das Mercês, entre o ilhéu e a muralha de granito, corria o risco de ser esmagado, em caso de sismo. Todos os esforços dos trabalhadores tendiam portanto para o acabamento do casco.

Chegaram assim ao dia 3 de março, e contavam que a operação de lançamento se faria dentro de uns dez dias.

A esperança voltou ao coração dos colonos, tão postos à prova durante esse quarto ano da sua estada na ilha Lincoln! O próprio Pencroff parecia sair um pouco desse abatimento taciturno em que o mergulhara a ruína e a devastação do seu domínio. Já apenas pensava no seu navio, no qual se concentravam todas as suas esperanças.

— Acabá-lo-emos — dizia ele ao engenheiro. — Acabá-lo-emos, senhor Cyrus, e mesmo a tempo, pois a estação vai adiantada e em breve estaremos em pleno equinócio. Pois bem! Se for preciso, iremos para a ilha Tabor para lá passarmos o inverno. Mas ir para a ilha Tabor depois de deixar a ilha Lincoln? Que grande infelicidade! Nunca pensei passar por tal coisa!

— Apressemos-nos! — respondia invariavelmente o engenheiro.

E todos trabalhavam sem perder um instante.

— O patrão — dizia Nab alguns dias mais tarde —; se o capitão Nemo não tivesse morrido, acha que isto se teria dado?

— Sim, Nab — respondeu Cyrus Smith.

— Pois eu não acredito nisso! — disse Pencroff ao ouvido de Nab.

— Nem eu! — respondeu com toda a seriedade Nab.

Durante a primeira semana de março o monte Franklin tornou-se ameaçador. Milhares de fios de vidro, feitos de lavas fluidas, caíam como uma chuva sobre o solo. A cratera encheu-se de novo de lavas, que se espalharam por todos os lados do vulcão. A torrente desceu mais uma vez sobre o solo e acabou por destruir os magros esqueletos das árvores que restavam. Essa torrente seguiu, dessa vez, a margem sudoeste do lago Grant, chegou para além do Creek Glicerina e invadiu o planalto da Grande Vista. Esse último golpe dado na obra dos colonos foi terrível. Do moinho, das capoeiras, dos estábulos, nada mais restava. As aves, assustadas, desapareceram em todas as direções. *Top* e *Jup* davam sinais do maior receio. O seu instinto avisava-os de que estava próxima uma catástrofe. Bom número dos animais da ilha tinha perecido durante a primeira erupção. Os sobreviventes não encontraram outro refúgio do que o charco dos Patos — a não ser alguns que encontraram abrigo no

planalto da Grande Vista. Mas este último retiro também lhes foi vedado, e o rio de lavas, transbordando da muralha granítica, começou a lançar sobre o areal as suas cataratas de fogo. O sublime horror deste espetáculo escapa a qualquer descrição. Durante a noite dir-se-ia um Niágara em fundição, com os seus vapores incandescentes em cima e as suas massas ferventes em baixo!

Os colonos viram-se forçados a fugir para o seu último entrincheiramento, e, apesar de as juntas superiores do navio não se encontrarem ainda calafetadas, resolveram lançá-lo ao mar!

Pencroff e Ayrton procederam portanto aos preparativos do lançamento, que devia ter lugar no dia seguinte, na manhã do dia 9 de março.

Porém, durante essa noite de 8 para 9, uma enorme coluna de vapores, saindo da cratera, subiu, no meio de detonações terríveis, a mais de três mil pés de altura. A parede da cripta Dakkar cederá à pressão do gás, e o mar, precipitando-se pela chaminé central no abismo ignívomo, pulverizou-se de súbito. Mas a cratera não pôde dar uma saída suficiente para esses vapores. Uma explosão, que teria sido ouvida a cem milhas de distância, sacudiu as camadas de ar. Pedacos de montanhas caíram no Pacífico, e, em poucos minutos, o oceano cobria o local onde se situava a ilha Lincoln.

Capítulo 20

Um rochedo isolado, com o comprimento de trinta pés e a largura de quinze, emergindo das águas apenas uns dez pés, foi o único ponto sólido que não foi invadido pelas ondas do Pacífico.

Era tudo o que restava do maciço de Granite-House!

A muralha fora atirada, depois voltada, e algumas das rochas da sala grande tinham-se amontoado de modo a formar esse ponto elevado. Tudo desaparecera no abismo em redor dele: o cone inferior do monte Franklin, rasgado pela explosão, os maxilares de lava do golfo do Tubarão, o planalto da Grande Vista, o ilhéu da Salvação, os granitos de porto Balão, os basaltos da cripta Dakkar, a longa península Serpentina, tão afastada do centro eruptivo! Da ilha Lincoln via-se apenas aquele estreito rochedo que servia então de refúgio aos seis colonos e ao seu cão *Top*.

Os animais também tinham perecido na catástrofe, tanto as aves como os outros representantes da fauna da ilha, todos esmagados ou afogados, e o próprio *Jup* tinha, infelizmente, encontrado a morte em qualquer fenda do solo!

Se Cyrus Smith, Gédéon Spilett, Harbert, Pencroff, Ayrton e Nab sobreviveram foi porque, reunidos então sob a sua tenda, haviam sido projetados ao mar, no momento em que os destroços da ilha choviam por todos os lados.

Quando voltaram à superfície, viram apenas, a uns cem metros de distância, aquele amontoado de rochedos, para a qual nadaram, e sobre o qual se estenderam.

Era sobre esse rochedo nu que viviam há nove dias!

Algumas provisões retiradas dos armazéns de Grani te-house antes da catástrofe, um pouco de água doce que as chuvas tinham lançado para a concavidade de uma rocha, era tudo o que aqueles infelizes possuíam. A sua última esperança, o seu navio, desaparecera com o resto. Não tinham qualquer meio de deixar aquele recife. Não possuíam lume, nem possibilidade de o acender. Estavam destinados a perecer!

Nesse dia, 18 de março, restavam-lhes conservas apenas para dois dias, apesar de terem consumido apenas o estritamente necessário. Toda a sua ciência, toda a sua inteligência, nada podiam naquela situação. Estavam unicamente nas mãos de Deus.

Cyrus Smith mantinha-se calmo. Gédéon Spilett mais nervoso, e Pencroff, tomado de uma cólera surda, iam e vinham sobre o rochedo. Harbert não deixava o engenheiro, como para lhe pedir um socorro que ele não podia dar-lhe. Nab e Ayrton mostravam-se resignados com a sua sorte.

— Ah! Miséria! Miséria! — exclamava muitas vezes Pencroff. — Se nós tivéssemos nem que fosse uma casca de noz para nos conduzir à ilha Tabor! Mas nada, nada!

— O capitão Nemo fez bem em morrer! — disse uma vez Nab.

Durante os cinco dias que se seguiram, Cyrus Smith e os seus infelizes companheiros viveram com a mais extrema parcimónia, comendo apenas o necessário para não sucumbirem à fome. O enfraquecimento a que tinham chegado era extremo. Harbert e Nab começaram a dar sinais de delírio.

Poderiam, nessa situação, conservar ao menos uma sombra de esperança? Não! Qual seria a sua única possibilidade de salvação? Que um navio passasse à vista do recife! Mas eles bem sabiam, por

experiência, que os navios nunca passavam nessa zona do Pacífico! Podiam eles contar que, por uma coincidência verdadeiramente providencial, o barco escocês viesse precisamente nessa altura procurar Ayrton à ilha Tabor? Era improvável, e, de resto, admitindo que ele lá fosse, como os colonos não tinham conseguido levar a informação indicando as alterações havidas na situação de Ayrton, o comandante do barco, depois de o ter procurado em vão no ilhéu, voltaria a embarcar e partiria para latitudes mais baixas.

Não! Eles não podiam conservar esperança alguma de serem salvos, e uma morte horrível, a morte pela fome e pela sede, esperava-os nessa rocha!

Estavam já estendidos sobre o rochedo, inanimados, sem terem consciência do que se passava em redor deles. Só Ayrton, com um supremo esforço, erguia ainda a cabeça e lançava um olhar desesperado para o mar deserto!...

Porém, na manhã do dia 24 de março, os braços de Ayrton estenderam-se para um ponto do espaço. Ergueu-se, primeiro de joelhos, depois de pé. A sua mão tremeu, fez um sinal...

Estava um navio à vista do rochedo! Esse navio não corria o mar à aventura. O recife era para ele um objetivo para o qual se dirigia em linha reta, a todo o vapor, e os infelizes poderiam tê-lo visto já há muitas horas se tivessem forças para observar o horizonte!

— O *Duncan*! — murmurou Ayrton, e caiu sem sentidos.

Quando Cyrus Smith e os seus companheiros recuperaram os sentidos, graças aos cuidados que lhes foram dispensados,

encontraram-se no camarote de um *steamer*, sem poderem compreender como tinham escapado à morte.

Uma palavra de Ayrton bastou para lhes dizer tudo.

— O *Duncan*! — murmurou ele.

— O *Duncan*! — repetiu Cyrus Smith. E erguendo os braços ao céu, exclamou: —Ah! Deus Todo-Poderoso! Quiseste então que fôssemos salvos!

Era com efeito o *Duncan*, o barco de Lord Glenarvan, então comandado por Robert, o filho do capitão Grant, que fora enviado à ilha Tabor para procurar Ayrton e o repatriar após doze anos de expiação!...

Os colonos estavam salvos, e iam já a caminho do regresso!

— Capitão Robert — perguntou Cyrus Smith —, como lhe ocorreu a ideia, depois de deixar a ilha Tabor, onde não encontrou Ayrton, de fazer rota a cem milhas dali, para nordeste?

— Senhor Smith, rumei para o rochedo a fim de recolher não só Ayrton mas também a si e aos seus companheiros!

— Os meus companheiros e eu?

— Sem dúvida! A ilha Lincoln!

— A ilha Lincoln! — exclamaram simultaneamente Gédéon Spilett, Harbert, Nab e Pencroff, no último grau do espanto.

— Como é que conhecia a ilha Lincoln? — perguntou Cyrus Smith —, visto que essa ilha nem sequer vem nos mapas?

— Conhecia-a pela informação que deixaram na ilha Tabor — respondeu Robert Grant.

— Uma informação? — exclamou Gédéon Spilett.

— Sem dúvida. Ei-la! — disse Robert Grant, apresentando um documento que indicava a longitude e a latitude da ilha Lincoln,

«residência atual de Ayrton e de cinco colonos americanos».

— O capitão Nemo!... — disse Cyrus Smith, depois de ter lido a informação e reconhecido que era feita com a mesma letra de quem escrevera o documento encontrado no curral!

— Ah! — disse Pencroff —, foi então ele quem levou o nosso *Bonadventure*, e que se aventurou sozinho até à ilha Tabor!...

— Para lá levar essa informação! — respondeu Harbert.

— Eu bem tinha razão quando dizia que, mesmo depois da sua morte, ele nos havia de prestar um último serviço!

— Meus amigos! — disse Cyrus Smith, com uma voz profundamente comovida —; que o Deus de todas as misericórdias receba a alma do capitão Nemo, nosso salvador!

Os colonos tinham-se descoberto ao ouvir esta última frase do engenheiro, e murmuravam o nome do capitão.

Nesse momento, Ayrton, aproximando-se do engenheiro, perguntou-lhe simplesmente:

— Onde devo colocar este cofre?

Era o cofre que Ayrton salvara, arriscando a vida, no momento em que a ilha desaparecia, e que entregava agora fielmente ao engenheiro.

— Ayrton! Ayrton! — exclamou Cyrus Smith com uma emoção profunda. Depois, dirigindo-se a Robert Grant: — Senhor, onde deixaram um culpado, encontram agora um homem que a expiação tornou honesto, e ao qual eu sinto orgulho em apertar a mão!

Robert Grant foi então posto ao corrente dessa estranha história do capitão Nemo e dos colonos da ilha Lincoln. Depois, feito o levantamento desse recife, que daí em diante iria figurar nos mapas do Pacífico, deu ordem para virar de bordo.

Quinze dias depois, os colonos desembarcavam na América e encontravam a sua pátria pacificada, depois dessa guerra terrível que dera enfim o triunfo à justiça e ao direito.

Das riquezas contidas no cofre legado pelo capitão Nemo aos colonos da ilha Lincoln a maior parte foi utilizada na aquisição de uma vasta propriedade no estado de Iova. Uma única pérola, a mais bela, foi tirada desse tesouro e oferecida a Lady Glenarvan, em nome dos náufragos repatriados pelo *Duncan*.

Ali, nessa propriedade, os colonos chamaram para o trabalho, isto é, para a fortuna e a felicidade, todos aqueles a quem tinham contado oferecer a hospitalidade da ilha Lincoln. Fundaram uma vasta colónia à qual deram o nome da ilha desaparecida nas profundezas do Pacífico. Havia lá um rio a que foi dado o nome de rio das Mercês, uma montanha que ficou com o nome de Franklin, um pequeno lago que foi batizado de lago Grant, florestas que se tornaram as florestas do Far West. Era como uma ilha em terra firme.

Ali, sob a inteligente direção do engenheiro e dos seus companheiros, tudo prosperou. Nem um dos antigos colonos da ilha Lincoln lá faltava, pois eles tinham jurado viver sempre juntos. Nab sempre onde estava o patrão, Ayrton pronto a sacrificar-se em todas as ocasiões, Pencroff mais agricultor do que fora marinheiro, Harbert, cujos estudos se concluíram sob a direção de Cyrus Smith, e o próprio Gédéon Spilett, que fundou o *New Lincoln Herald*, que foi o jornal mais bem informado do mundo inteiro.

Ali, Cyrus Smith e os seus companheiros receberam várias vezes a visita de Lord e Lady Glenarvan, do capitão John Mangles e sua esposa, irmã de Robert Grant, do próprio Robert Grant, do major

Mac Nabbs, e de todos aqueles que tinham estado ligados à dupla história do capitão Grant e do capitão Nemo.

Ali, enfim, todos foram felizes, unidos no presente como no passado; mas nunca deviam esquecer aquela ilha onde chegaram pobres e nus, essa ilha que, durante quatro anos, bastara às suas necessidades, e da qual apenas restava um pedaço de granito batido pelas ondas do Pacífico, túmulo daquele que fora o capitão Nemo!

Notas

1 Ou seja, quarenta e seis metros por segundo ou cento e sessenta quilómetros por hora (cerca de quarenta e duas léguas de quatro quilómetros).

2 Cerca de mil e setecentos metros cúbicos.

3 A 5 de abril, Richmond caía nas mãos de Grant, a revolta dos separatistas estava dominada, Lee retirava-se para o Oeste e a causa da unidade americana triunfava.

4 Célebre autor de um tratado de pesca à linha.

5 Pássaros marinhos que se sentem bem no meio das tempestades.

6 Medida de comprimento americana que vale 0,9144 m.

7 Cerca de quarenta e cinco léguas de quatro quilómetros.

8 Nome que os Americanos dão aos cursos de água pouco importantes.

9 Aproximadamente duzentos hectares.

10 Com efeito, nessa época do ano e nessa latitude, o sol nascia às 5.48 horas da manhã e punha-se às 6.12 horas da tarde.

11 Trata-se do pé inglês, que mede trinta centímetros.

12 Palácio de granito. A palavra *house* aplica-se igualmente aos palácios e às casas. Diz-se Buckingham-house ou Mansion-house, em Londres.

13 Trocadilho intraduzível com a palavra *lapin*, que significa aprendiz (pop.) e coelho.
(N. do T.)

14 Um galão vale cerca de quatro litros e meio.

15 Um grão pesa cinquenta e nove miligramas.

16 O acre vale 0,4046 hectares.

17 Cerca de cento e seis quilómetros por hora.

18 Veloz.

19 Nó familiar ao marinheiro que tem a vantagem de estar sempre apertado.

20 A guarnição é um pedaço de tecido velho em que se envolve o cabo da âncora, para que não se deteriore na parte que dá para o escovém.

21 Dez gramas.

22 A história do capitão Nemo está publicada com o título de *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

23 Trata-se da sublevação dos Candiotas, que o capitão Nemo ajudou, com efeito, nessas condições.